

DISSERTAÇÃO

Álbum de família:

INTERSEÇÕES ENTRE A OBRA “UM DEFEITO DE COR”, A CIDADE DE SALVADOR E A MULHER NEGRA DIASPÓRICA



FLORA EGÉCIA

Álbum de família:

interseções entre a obra “Um Defeito de Cor”,
a cidade de Salvador e a mulher negra diáspórica



Universidade de Brasília

Álbum de família:

interseções entre a obra “Um Defeito de Cor”,
a cidade de Salvador e a mulher negra diáspórica

FLORA EGÉCIA OLIVEIRA MORAIS

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Design pela Universidade
de Brasília, como parte dos requisitos para
a obtenção do título de Mestra, na área de
concentração Design, Tecnologia e Sociedade.

Orientadora
Professora Doutora Célia
Kinuko Matsunaga Higawa

Brasília, 2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

OM828?

Oliveira Morais, Flora Egécia
Álbum de família: interseções entre a obra "Um Defeito de
Cor", a cidade de Salvador e a mulher negra diaspórica /
Flora Egécia Oliveira Morais; orientador Célia Kinuko
Matsunaga Higawa. -- Brasília, 2023.
674 p.

Dissertação(Mestrado em Design) -- Universidade de
Brasília, 2023.

1. Salvador. 2. cidade. 3. território. 4. corpo. 5.
mulheres negras. I. Kinuko Matsunaga Higawa, Célia , orient.
II. Título.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Celia Kinuko Matsunaga Higawa –
Presidente/Orientadora (UnB)

Doutora Andressa Marques da Silva (Ministério da Cultura)

Professora Doutora Daniela Favaro Garrossini – Interna (UnB)

Professora Doutora Fatima Aparecida dos Santos – Interna (UnB)

À memória.
À minha vó, Mouranisia Paz.

Agradecimentos

Agradeço a Tat'etu Kabilia, Mam'etu Ndandalunda e Tat'etu Nkosi, por acompanharem, guiarem e protegerem minha caminhada. **Nzambi Ua Kuatesa.**

Aos meus amados pais, Dione e Ronaldo, que conseguiram priorizar nossa educação, ensinando a importância da leitura, da pesquisa e sempre me incentivando. Graças a eles minha educação anti-racista se iniciou dentro de casa, a partir do olhar de pessoas que me amavam.

Aos meus preciosos irmãos e irmã, Diego, Doca, André e Débora, que me apoiaram em absolutamente todas as minhas escolhas até aqui. À minha mãe e irmã, especialmente, por sempre me envolverem em suas práticas políticas, acadêmicas e profissionais, me inspirando e ensinando muito acerca do tema que trouxe nessa dissertação. À minha sobrinha Preta Paz, que me motiva a pensar um mundo melhor para ela.

À minha família de Santo e minha casa de candomblé angola, Nzo Kia Angurusemavulu, por me acolherem e me ensinarem diariamente.

À minha querida orientadora Célia Matsunaga, pela paciência e por ter me ensinado a pesquisar com paixão. Ao Rodrigo, do PPG Design, sempre atento e solícito.

Ao Arthur, que generosamente me emprestou o livro *Um Defeito de Cor*, sem a ideia de como aquele contato influenciaria os rumos da minha vida.

À Arla e Jad, duas pessoas importantíssimas que me apresentaram uma Salvador acolhedora mostrando que, apesar de todos suas contradições, o quanto ela é mágica.

Agradeço também a todas e todos que me acolheram em seus lares, se tornando fundamentais para realização dessa pesquisa. A família Ventura, que tenho a sorte de ter em minha vida. A Juninho e Pat, pelo amor e acolhimento, não somente durante esses dois anos, mas desde antes e daqui para sempre.

À Ju, amiga há muito, com quem pude e posso dividir momentos importantes.

À Julinha e Lipe, grandes amigos que me apoiaram de todas as formas que puderam. À Camila e Vera, sempre tão serenas e generosas.

À Bianca, por quase duas décadas de parceria, amizade e confiança. Tenho muita satisfação e felicidade em realizar tantos sonhos ao seu lado e contar com seu apoio sempre, tornando possível realizações como o mestrado.

À Isadora, por nosso encontro tão bonito que rende trocas e cuidados que são muito importantes para o lidar com a vida e com projetos que acreditamos juntas.

À Samanta, pela nossa relação antiga, sólida e próspera, por sempre estar ao meu lado com muita generosidade.

Ao Rodrigo, por seu olhar amoroso e cuidadoso, por todo apoio, carinho, presença, incentivo e pelas noites viradas.

Aos amigos e familiares que também me apoiaram na pesquisa e no pensar, Marina, Mari Nardi, Vick, Olga, Deise, Amanda, Naira, Liz, tia Cris, Mari Moura, Aninha, Gisele, Idália, Curvelo e Mila.

Ao IPAC, Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, pela recepção e oportunidade de acessar documentos essenciais para essa pesquisa.

As famílias entrevistadas, por abrirem suas memórias para mim e por me receberem em suas casas e vidas com tanto desprendimento.

À **Salvador**, que me afetou como nenhum outro lugar e somou um novo significado em minha vida.

“A Terra é o meu quilombo.
Meu espaço é meu quilombo. Onde eu
estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou.”

Beatriz Nascimento

Resumo

Esta pesquisa traça uma relação entre a corporeidade das mulheres negras diáspóricas no território da cidade de Salvador (BA) e a obra literária *Um Defeito de Cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves. A obra tem o título inspirado na lei escravagista que permitia que pessoas negras e miscigenadas solicitassem que “a deficiência de cor fosse ignorada” se demonstrassem talento ou competência excepcional e foi escolhida como fio narrativo do estudo por ser uma metaficação historiográfica que apresenta a perspectiva de uma mulher negra ao narrar a história de Kehinde, ou Luísa Mahin. Durante o século XIX, Kehinde, de origem africana, ex-escravizada, mãe do advogado abolicionista brasileiro Luís Gama, é retratada no território e no espaço urbano, a partir da narração de experiências religiosas, sociais, políticas, afetivas, e de importantes revoltas abolicionistas □ como a Revolta dos Malês e a Sabinada. A pesquisa empregou a metodologia *Álbum de Família* (SILVA, 2006), a partir de visitas a 12 residências de famílias negras em Salvador, com o total de 28 pessoas entrevistadas e 491 imagens e objetos analisados. Os resultados principais da análise da pesquisa revelam que há áreas de convergência na análise comparativa entre a corporeidade, a relação com o território e o senso de pertencimento de mulheres negras, assim como há desafios e obstáculos enfrentados para que elas vivenciem a cidade em sua plenitude. Essa convergência é observada tanto nas experiências das mulheres negras em Salvador no século XIX, conforme relatado em *Um Defeito de Cor*, quanto nas narrativas obtidas por meio das entrevistas que realizamos na segunda década do século XXI. Além disso, na pesquisa de campo com os álbuns de família, identificamos uma mudança associada ao aumento do acesso ao território e a uma maior sensação de pertencimento à cidade por parte das mulheres negras. No entanto, evidencia-se que a vivência da corporeidade das mulheres diáspóricas guarda mais semelhanças com aquela do século XIX do que com a da situação atual, em que se apresenta a necessidade de garantir às mulheres negras o pleno acesso aos direitos humanos e ao direito à cidade.

Palavras-chave:

Salvador, cidade, território, corpo, mulheres negras

Abstract

This research establishes a connection between the corporeality of diasporic black women in the city of Salvador, Bahia, and the literary work “Um Defeito de Cor” (2006) by Ana Maria Gonçalves. The book title, inspired by the slavery law that allowed black and mixed-race people to request that “the deficiency of color be overlooked” if they demonstrated exceptional talent or competence, was chosen as the narrative thread of the study because it is a historiographic metafiction that presents a black woman’s perspective by narrating the story of Kehinde, or Luísa Mahin. During the 19th century, Kehinde, of African origin and a former slave, mother of the Brazilian abolitionist lawyer Luís Gama, is depicted in the territory and urban space, narrating religious, social, political, affective experiences, and significant abolitionist riots, such as the Revolt of the Malês and the Sabinada. The research used the Family Album methodology (SILVA, 2006), based on visits to 12 households of black families in Salvador, with a total of 28 people interviewed and 491 images and objects analyzed. The main results of the research analysis reveal areas of convergence in the comparative analysis between corporeality, the relationship with the territory, and the sense of belonging of black women, as well as the challenges and obstacles faced in experiencing the city fully. This convergence is observed both in the experiences of black women in Salvador in the 19th century, as reported in “Um Defeito de Cor”, and in the narratives obtained through interviews conducted in the second decade of the 21st century. Furthermore, in the field research with family albums, a change was identified associated with increased access to the territory and a greater sense of belonging to the city by black women. However, it is evident that the experience of the corporeality of diasporic women has more similarities with that of the 19th century than with the current situation, highlighting the need to ensure that black women have full access to human rights and to the city.

Keywords:

Salvador, city, territory, body, black women

Lista de Figuras

Figura 0 – Mapa de divisão de Bairros de Salvador, Bahia.	57
Figura 1 – Percentual de Habitantes de Cor Branca. Salvador, 2010	59
Figura 2 – Percentual de Domicílios com Renda Domiciliar per capita Superior a Dez Salários-Mínimos – Salvador, 2010	60
Figura 3 – Áreas de Destino de Viagens, Salvador, 2012	61
Figura 4 – Mulher negra com criança nas costas.	68
Figura 5 – Mulher negra com criança nas costas.	69
Figura 6 – Série de retratos de homens negros.	70
Figura 7 – Série de retratos de homens negros representando atividades laborais.	71
Figura 8 – Painel de fotografias da Baixa dos Sapateiros, Salvador (BA).	79
Figura 9 – Baixa dos Sapateiros em 1920, Salvador (BA)	80
Figura 10 – Painel de fotografias da Ladeira do Ferrão, Pelourinho, Salvador (BA)	81
Figura 11 – Ladeira da Saúde, Baixa dos Sapateiros, Salvador (BA).	82
Figura 12 – Terreiro de Jesus, Pelourinho, Salvador (BA).	82
Figura 13 – Pelourinho, em 1859. Salvador (BA).	83
Figura 14 – Terreiro de Jesus, em 1862. Pelourinho, Salvador (BA).	84
Figura 15 – Painel de fotografias da identidade visual de estabelecimento	85
Figura 16 – Painel com registros de campanha promocional, criada pela Prefeitura de Salvador, exposta no Centro Histórico	85
Figura 17 – Visão panorâmica da Cidade Baixa, Salvador (BA)	87
Figura 18 – Planta da Cidade Baixa, Salvador (BA)	87
Figura 19 – Orla da Praia da Ribeira, Salvador (BA)	88
Figura 20 – Comércio do bairro de Nazaré, Salvador (BA).	90
Figura 21 – Produto à venda em loja de festas, Nazaré, Salvador (BA).	91
Figura 22 – Painel de registros de placas de venda.	92
Figura 23 – Painel com imagens da área residencial do bairro da Barra, Salvador (BA).	93
Figura 24 – Calçada do bairro da Barra, Salvador (BA).	94
Figura 25– Piso tátil em calçada. Barra, Salvador (BA).	95
Figura 26 – Registro com edifício com estilo arquitetônico predominante a partir do século XX.	102
Figura 27 – Registro com edifício com estilo arquitetônico predominante em bairros residenciais populares	103
Figura 28 – Registro com edifício com estilo arquitetônico predominante até o século XIX.	104
Figura 29 – Fotos somente com crianças em cena.	105
Figura 30 – Fotos somente com mulheres em cena.	106

Figura 31 – Fotos mistas com presença preponderante de mulheres e crianças e com a presença também de homens ao lado de mulheres e crianças	106
Figura 32 – Tipos de ritos de passagem: Formatura e eventos nas escolas.	108
Figura 33 – Tipos de ritos de passagem: Aniversários e natal.	109
Figura 34 – Tipos de ritos de passagem: Iniciação ou prática religiosa.	110
Figura 35 – Tipos de ritos de passagem: Casamento.	111
Figura 36 – Tipos de ritos de passagem: Gravidez.	112
Figura 37 – Tipos de ritos de passagem: Nascimento e recém-nascido	112
Figura 38 – Motivo da Foto: Lazer Turismo	113
Figura 39 – Motivo da Foto: Cotidiano em casa.	114
Figura 40 – Motivo da foto: Trabalho Estudo.	115
Figura 41 – Motivo da foto: Ritos de Passagem	116
Figura 42 – Motivo da Foto: Religiosidade.	117
Figura 43 – Motivo da foto: Movimento Negro.	118
Figura 44 – Álbuns de casamento produzidos especialmente para o casamento, com foto dos noivos na capa	121
Figura 45 – Álbuns de fotografia de tamanho maior e encadernados.	121
Figura 46 – Folhas soltas de antigos álbuns de fotografia desencadernados pelo tempo.	122
Figura 47 – Álbuns de fotografia com capa de papel de baixa gramatura, com folhas plásticas.	122
Figura 48 – Fotos emolduradas.	123
Figura 49 – Fotos guardadas em envelopes de papel.	124
Figura 50 – Fotografia digital.	125
Figura 51 - Foto do álbum da Família L, na qual a entrevistada L1 destaca o compartilhamento de moradia em um mesmo território, fato comum em famílias negras brasileiras, também presente em <i>Um Defeito de Cor</i>	130
Figuras 52 e 53: Retratos escolares de irmão da entrevistada L1, o qual veio a ser assassinado em situação de violência urbana	133
Figura 54 – Taxa de homicídios por 100 mil de homens jovens, por UF – Brasil (2021).	134
Figura 55 – Taxa de homicídios de negros por UF - Brasil (2021). Mortes a cada 100 mil habitantes.	135
Figura 56 – Proporção de vítimas de homicídios por raça/cor, por UF – Brasil (2021).	136
Figura 57 – Foto da família L. Apenas um dos irmãos do gênero masculino da Entrevistada L1 permanece vivo.	137
Figura 58 – Retrato da família C, em Salvador	139

Figura 59 – Verso de foto que a Entrevistada K1 recebeu de seu padrinho em forma de presente.	140
Figura 60 – Adereço religioso Sagrado Coração de Jesus dentre as fotos da Família C	144
Figura 61 – Filha e mãe, Entrevistadas E1 e E2 na residência de E2 durante a visita de campo metodologia álbuns de família	145
Figura 62 – Entrevistada A2 e seu filho em casa de candomblé	147
Figura 63 – Entrevistada H1 à época criança em frente à sua casa no bairro Federação, Salvador (BA).	155
Figura 64 – Maquete da casa em que a Entrevistada I1 viveu grande parte de sua vida. Maquete feita pela entrevistada, em ateliê de seu curso de Arquitetura.	156
Figura 65 – Entrevistada I1 segura foto dela própria na idade escolar.	158
Figura 66 – Entrevistada H1 em uma rua com colegas do curso de formação no Centro Integrado Anísio Teixeira, Salvador (BA)	160
Figura 67 – Entrevistada H1 em uma sala de aula com colegas do curso de formação no Centro Integrado Anísio Teixeira, Salvador (BA).	161
Figura 68 – Tia das entrevistadas D1 e D2, na escola em que dava lecionava, na Cidade Nova	163
Figura 69 – Foto do álbum da Família L, na qual a entrevistada L1 destaca os espaços de shopping como ‘a lógica da periferia’ diante da ausência de espaços de lazer e cultura nos bairros periféricos	168
Figura 70 – Entrevistada L1 e irmã em passeio na praia.	169
Figura 71 – Foto do álbum da Família L, na qual a entrevistada L1 associa a foto do cantor Michael Jackson com a relação com o Centro Histórico de Salvador.	171
Figura 72 – Foto digital do álbum da Família L, na qual a Entrevistada L1 apresenta imagem da mãe dela em momento de lazer em praia de Salvador (BA)	173
Figura 73 – Familiar da Entrevistada C1 em frente à casa da família em Brotas.	175
Figura 74 – Foto do álbum da Família C na qual está registrada a rua de moradia da família	178
Figura 75 – Registro de festa da Família F, dentre as crianças da foto, a Entrevistada F1 destaca que uma se envolveu com a criminalidade e foi assassinada	179
Figura 76 – As primas Entrevistadas D1 e D2 em foto durante a infância.	182
Figura 77 – Foto de criança da Família J em passeio em área urbana de Salvador (BA)	184
Figura 78 – Entrevistada C1 e familiar em ponto turístico da Barra, Salvador (BA).	186
Figura 79 – Entrevistada B1, na idade de criança, passeio na praia em Salvador (BA)	187
Figura 80 – Familiares da Família B em trajes de carnaval.	188

Figura 81 – As primas Entrevistada D1, 49a, mulher cis, negra, e Entrevistada D2, 52a, mulher cis, negra, durante festejos de carnaval na infância	189
Figura 82 – Duas mulheres da Família D participando do tradicional Bloco Afoxé Filhos de Gandhi.	190
Figura 83 – Entrevistada D2 em festa de Iemanjá.	191
Figura 84 – Bisavó da Família J.	192
Figura 85 – Bisavó da Família D.	193
Figura 86 – Trisavó da Família D.	194
Figura 87 – Registro geracional da Família I: a Entrevistada I1, na foto ela ainda criança, apresenta, ao fundo, território no qual morou o avô e o pai dela.	196
Figura 88 – Entrevistada H1 em encontro do Movimento Negro Unificado (MNU).	202
Figura 89 – Entrevistada H1 acompanhada de amigos de infância na porta de sua casa.	203
Figura 90 – Entrevistada H1 na porta do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.	204

Listas de quadros e tabelas

Quadro 1 – Identificação das famílias e dos familiares 99

Quadro 2 – Identificação das pessoas entrevistadas, por código 101

Tabela 1 – Arquitetura dos ambientes urbanos externos 102

Tabela 2 – Presença de mulheres, crianças e homens nas fotografias 105

Tabela 3 – Distribuição da faixa etária das pessoas participantes das entrevistas por identidade de gênero 107

Tabela 4 – Ritos de Passagem 108

Tabela 5 – Motivo principal da foto 113

Sumário



INTRODUÇÃO 29**1 UM DEFEITO DE COR 35**1.1 A Obra **37**1.2 Luíza Mahin **40**1.3 Literatura e mulheres negras **43****2 CIDADE, TERRITÓRIO E CIDADANIA 45**2.1 O corpo da mulher negra na cidade **46**2.2 A cidade e a literatura **49****3 SALVADOR, BAHIA 53****4 MEMÓRIA 63**4.1 A construção do imaginário fotográfico da população negra **66****5 PERCURSO DA PESQUISA 75**5.1 Revisão bibliográfica e visitas de campo **78**5.2 Metodologia Álbum de Família **96**5.3 Apresentação das famílias entrevistadas **98**5.3.1 Aspecto arquitetônicos dos ambientes externos registrados pelas famílias **102**5.3.2 Gênero e gerações nas fotografias **105**5.3.3 As fotos de família: ritos de passagem, motivo principal das fotos e relação com a cidade **108****6 CHEGADA A BAHIA 127**6.1 Daonde eu vim **130**6.2 Terreiro é Território **141**6.3 Preta e letrada **151****7 ENCRUZILHADAS 165**7.1 São Salvador **167**7.2 Mãe-negra **192****8 CAMINHOS 199****CONSIDERAÇÕES FINAIS 207****REFERÊNCIAS 215****APÊNDICE 223****ANEXOS 595**



INTRODUÇÃO

Sou uma mulher negra e brasileira. A primeira vez que li *Um Defeito de Cor* (GONÇALVES, 2006) foi marcada por alguns períodos, espaçados, de intensa leitura. Mesmo considerando o texto bem escrito e fluído, esses intervalos foram necessários para que eu absorvesse os capítulos lidos e pudesse pesquisar acerca do que me chamou atenção, sendo um dos principais fatores a descrição rica, detalhada e afetiva acerca do espaço urbano. Quando a história passa a ter como território Salvador, fiquei especialmente interessada na dinâmica da cidade, nas cenas que aconteciam em diversas ruas e construções que eu já havia passado, em algumas visitas anteriores a Salvador. Naquela época idealizei uma viagem com finalidade específica de visitar as ruas em que Kehinde, protagonista do livro, havia andado, trabalhado e lutado pela liberdade de seus pares. A viagem não aconteceu no período que planejei, mas meu caminho seguiu atravessado pela obra.

Desde a infância, por influência de meus pais, me interessei por cultura afro-brasileira e africana e mantive uma constante curiosidade acerca de nossas origens. Há pouco mais de três anos, realizei um teste genético a fim de compreender melhor minha ancestralidade, apagada pelo processo violento e exploratório sofrido por meus antepassados, especialmente relacionada ao continente africano. Quando recebi o resultado, via e-mail, apontava que 26,38% de minha herança genética era de Benin. Antigo Reino de Daomé, Benin é um país do oeste africano e também o lugar em que a narrativa de *Um Defeito de Cor* se inicia. Nesta época já havia lido o livro e associei imediatamente à vida de Kehinde, uma personagem negra e africana com a qual já sentia ter intimidade. A partir daí, passamos a ter mais um lugar em comum. Nunca duvidei que nossas histórias se encontravam e, após o resultado do teste genético, esse lugar passou a ter nome: origem, espacialidade e território. Ao ingressar no mestrado, na linha de pesquisa “Design, Espaço e Mediações” desenvolvi a pesquisa aqui apresentada.

Minha busca e encantamento com Salvador é também, e principalmente, atravessada pelas sensações de pertencimento, memória, cultura e acolhimento.

Seguindo o modelo de redação de problema de pesquisa proposto por Booth et al. (2008), apresentamos da seguinte forma o problema de pesquisa: esta dissertação contempla um estudo da obra *Um Defeito de Cor*, dos efeitos sociais e urbanísticos da cidade de Salvador do século XIX ao XXI, e uma análise de álbuns de pessoas membros de famílias soteropolitanas. Essa investigação analisa as representações de Salvador presentes em *Um Defeito de Cor*, metaficação historiográfica (HUTCHEON, 1991) que se passa no século XIX. Buscou-se compreender como as cidadãs e cidadãos, especialmente as mulheres negras diáspóricas, constroem e vivenciam o imaginário da cidade. Compreende-se como mulher, nesta pesquisa, mulheres cis, trans, não binárias e travestis.

Como objetivo geral, a pesquisa realizou um estudo a partir de fotografias e objetos presentes em álbuns de família de cidadãs e cidadãos negros de Salvador. Como objetivos específicos, buscamos compreender a experiência das mulheres negras na cidade de Salvador a partir da metodologia de Álbum de família, de modo a contribuir para a preservação da memória da população negra nas cidades brasileiras, e para a construção de medidas a favor do direito à cidade para esse grupo social.

A estratégia metodológica inclui estudos de fotografias de álbuns de **12 famílias negras residentes na cidade de Salvador, entrevista com 28 participantes e coleta de 491 fotografias**. Assim, a principal metodologia de pesquisa adotada a de Álbum de Família, proposta por Armando Silva (2008), com auxílio de elementos da metodologia de Imaginários Urbanos, desenvolvida pelo mesmo autor (SILVA, 2001). O desenvolvimento da pesquisa é composto por entrevistas, registros fotográficos e coleta de relatos de memórias expostas em álbuns de família, com ênfase em imagens feitas pelas cidadãs, cidadãos e seus familiares experien-ciando a cidade.

Em *Um Defeito de Cor*, Ana Maria Gonçalves (2006), retrata, em forma de metaficção, um recorte período colonial no Brasil e do processo de construção sócio-cultural-demográfica do país. O livro narra, além da experiência da escravização, modelos de organização política da popula-ção negra escravizada, assim como de lutas que o mesmo grupo liderou. A protagonista, que apresenta a história a partir de seu ponto de vista, é Kehinde, mulher africana, ex-escravizada e mãe de dois filhos.

A criação dessa obra foi motivada pela revolta dos Malês e também pela biografia do advo-gado abolicionista Luiz Gama¹, partindo da suposição de que ele seja filho de Luiza Mahin, figura histórica na qual a autora se baseou para desenvolver a personagem Kehinde, também africana, que na condição de escravizada comprou sua liberdade e participou de revoltas abo-licionistas na Bahia, como a revolta dos Malês (1835) e a Sabinada (1837) (SILVA, 2012).

¹ Luís Gonzaga Pinto da Gama (Salvador, 21 de junho de 1830 – São Paulo, 24 de agosto de 1882) foi um advogado, abolicionista, orador, jornalista e escritor brasileiro e o Patrono da Abolição da Escravidão do Brasil. (GOMES, LAURIANO, SCHWARCZ, 2021).

Em *Um Defeito de Cor*, a protagonista não somente é identificada como Kehinde — o nome que recebeu em África —, mas também como Luísa Andrade da Silva — nome adotado, compulsoriamente, por Kehinde ao chegar no Brasil (GONÇALVES, 2006).

A presente investigação observa o território como uma possibilidade de pertencimento. O desenho urbano das cidades latino-americanas e caribenhas expõe suas histórias coloniais e escravistas e a forma como essas cidades foram construídas ao longo dos séculos XIX e XIX negligenciou a heterogeneidade de suas populações, tratando-as com homogêneas e resultando em espaços urbanos que invisibilizam as mulheres, enfaticamente as negras e pobres. Por isso, a democratização da cidade depende da compreensão e análise dos mecanismos de dominação social (DOS SANTOS GARCIA, 2023).

A presente pesquisa é uma investigação centrada nas imagens e artefatos e nas histórias das famílias entrevistadas a partir da metodologia de Álbum de Família (SILVA, 2012). Nossa pesquisa busca contribuir com a preservação da memória coletiva dessas mulheres e famílias negras e, desse modo, somar no processo de construção da memória coletiva.

O Brasil é o país com território mais extenso da América do Sul e foi o último a abolir a escravidão. Salvador foi estabelecida como a primeira capital do Brasil e durante cerca de quatro séculos recebeu o tráfico de mulheres, homens e crianças africanas escravizadas durante o período do tráfico negreiro.

A color photograph of a person sitting on a dark wooden bench in a park. The person is wearing a light-colored long-sleeved shirt and dark pants. They are looking down at a small object in their hands, likely a smartphone. The background is filled with trees and foliage, creating a dappled light effect on the person and the bench.

2



UM DEFEITO DE COR

1.1 A Obra

Um Defeito de Cor é um romance metaficcional historiográfico (HUTCHEON, 1991) lançado em 2006, de autoria de Ana Maria Gonçalves. Logo no início do livro tomamos conhecimento da origem de Kehinde, territorial e familiar, e de qual momento de sua vida ela estaria narrando sua própria história. Como protagonista, ela é apresentada como uma mulher africana, negra, na terceira idade, cega, prestes a morrer e que retorna ao Brasil em busca de um filho perdido (GONÇALVES, 2006).

O texto é estruturado em formato de carta e informa a pessoa leitora sobre o tempo, o destino, o território, as relações de amor e dor, conquistas e derrotas. O resgate da memória condensa quase 80 anos de vida da protagonista em escritos que podem passar à pessoa que está lendo uma sensação de imersão e de presente. A cada passo que a memória de Kehinde dá, novas memórias se sobrepõem, conectando o passado, o sagrado, o presente e o desejo de futuro. A idade da protagonista pouco aparece no decorrer do livro, mas os marcos geracionais são bem representados a partir de experiências de vida e do próprio corpo, que se relacionam com faixas etárias específicas.

De acordo com Duarte (2009), Luísa Mahin é reconhecida por parte da população negra brasileira como uma líder e heroína da Revolta dos Malês, importante movimento abolicionista brasileiro que contribuiu e ainda contribui para as lutas por direitos humanos dessa população. A escrita do livro, com protagonismo de uma mulher negra e africana, Luísa Mahin, realizada também por uma mulher negra, Ana Maria Gonçalves, contrapõe a tradicional narrativa do herói presente na literatura brasileira (DUARTE, 2009). Segundo Duarte (2009), a frequente autoria e protagonismo de homens em obras literárias constitui uma considerável hegemonia masculina, em que predominam narrativas que exprimem uma imagem gloriosa aos que seriam os heróis da pátria. Como reconhecimento da trajetória de Luísa Mahin, o Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria a incluiu como heroína pelo Estado brasileiro em 2019, conforme a lei nº 13.816 de 24 de abril de 2019 (GOMES, LAURIANO, SCHWARCZ, 2021).

O romance brasileiro ostenta, via de regra, uma considerável hegemonia masculina, tanto na autoria, quanto no protagonismo ou no universo representado. A tônica tem sido o predomínio de narrativas exemplares de homens de relevo, sempre que se trata de representar o passado e de construir uma imagem gloriosa de nação a partir dos feitos dos heróis fundadores. Vinculado à descrença pós-moderna que interpreta. (DUARTE, 2009, p. 6)

Em *Um Defeito de Cor* a narração tem início na infância da protagonista, que viveu até os oito anos de idade em Savalú, cidade africana, localizada em Benin. Após uma tragédia familiar em que a mãe e um dos irmãos de Luísa Mahin são assassinados, Luisa Mahin, sua avó e sua irmã gêmea seguem até a cidade de Uidá, onde são sequestradas e enviadas ao Brasil em um navio negreiro. Ao desembarcar no Brasil, sendo a única sobrevivente de sua família, Luísa é comprada por uma família escravagista e começa a viver como escravizada em uma fazenda na Ilha de Itaparica, cidade localizada a cerca de 16km de Salvador. Ainda em Itaparica começou a ser alfabetizada, por acompanhar as aulas da filha das pessoas que a escravizaram e pela proximidade que desenvolveu com o professor. Sua mudança para Salvador é decorrente de uma necessidade dessa família, e a partir desse momento Kehinde/Luísa Mahin pôde começar a trabalhar, até o momento em que consegue comprar sua liberdade. Durante sua vida Kehinde/Luísa Mahin chega a morar em outras cidades no Brasil e no continente africano, mas é durante o período em Salvador que ela aprende a cozinhar, a trabalhar com comércio, e a falar inglês, e assim inicia sua articulação política com os muçurumins (pessoas negras muçulmanas, do Islã, trazidas para o Brasil no processo de escravização). No livro, a experiência de Kehinde na cidade é descrita com riqueza de detalhes, desde características arquitetônicas a impressões sensoriais e físicas, percebidas ao transitar pelo ambiente urbano (GONÇALVES, 2006).

Na obra *Um Defeito de Cor*, encontramos uma visão do como era a vivência da cidade de Salvador no século XIX para uma mulher preta, africana, ora escravizada, ora liberta. O perfil de Kehinde é uma costura que parte de uma pesquisa acerca de diversas mulheres negras que viveram em condição similar a ela no século XIX e extensa investigação historiográfica, realizadas pela autora Ana Maria Gonçalves (RODA VIVA, 2023).

A obra acontece em diversas cidades brasileiras e no continente africano como cenário (Savalu, Uidá, Ilha de Itaparica, Salvador, São Luís, Recôncavo Baiano, Santos, São Paulo, Campinas, Rio de Janeiro, Uidá, Lagos), com grande parte da obra na cidade de Salvador, Bahia.

Nela, conseguimos perceber as relações afetivas, religiosas, comerciais, até mesmo por meio do relato de rebeliões, para compreender a relação da protagonista, Kehinde, com a cidade de Salvador. Na narrativa de Kehinde, podemos ver as experiências pessoais dela, mas também as experiências de outras mulheres negras que fazem parte do livro e também por meio do profundo estudo historiográfico realizado pela autora Ana Maria Gonçalves.

Os escritos de Kehinde representam a esperança de manter viva sua memória, o que se configura no texto de Ana Maria, na medida em que esta recompõe a história da protagonista e preserva a memória do seu povo marginalizado. A narrativa da personagem não é fruto de uma identidade individual, ao contrário, é construída coletivamente e perpassa universos distintos: a ancestralidade da África; os horrores da escravidão no Brasil; o retorno à África e, finalmente, o regresso ao Brasil em busca do filho perdido. (ROCHA, 2011, p.6)

Para esta dissertação, utilizaremos como fio narrativo os capítulos de *Um Defeito de Cor* que se passam em Benim e na cidade de Salvador, Bahia, Brasil.

Nas próximas sessões, sempre que nos referirmos a Kehinde, nome da personagem que é mãe de Luíz Gama em *Um Defeito de Cor*, entenda-se que estamos nos referindo à Luíza Mahin, nome de batismo da mãe de Luíz Gama na África, Luísa Andrade da Silva, nome com o qual a mãe de Luíz Gama ficou conhecida no Brasil, e Luísa Gama, nome pelo qual também é conhecida a mãe de Luís Gama (GOMES, LAURIANO, SCHWARCZ, 2021).

Os deslocamentos de Kehinde, associados a sua curiosidade, são essenciais para a ampliação de seu aprendizado e para o alargamento da narrativa, em termos temáticos e de trama. É a constante deambulação que propicia experiências enriquecedoras e contatos diferentes. A escala social das pessoas com que se relaciona é bastante variada, embora obviamente seja com os negros a maior frequentaçāo. A propósito, os originários da África ou descendentes nascidos no Brasil são sempre referidos como “pretos”. E mais, o corriqueiro é a identificação por região e tribo de origem, o que comporta também indicação de língua e de crença, por vezes nome pagão e nome branco. A população negra não é uma massa indistinta, homogeneizada pela condição inferior. São indivíduos percebidos em suas idiossincrasias, constituindo grupos culturais diferenciados. Alguns contatos são temporários, outros definitivos, como presença física ou ponto de referência constante. A atenção ao próximo é um dos meios para abrir o leque do cenário humano. Cada novo conhecido conta sua história pregressa, participando da função narrativa, embora Kehinde nunca dê diretamente a voz a ninguém, nem mesmo em situação de diálogo (WEINHARDT, 2009).

1.2 Luíza Mahin

O que se sabe sobre a vida de Luíza Mahin é resultado de uma coleção de relatos orais e uma carta – primeiro documento em que consta seu nome – redigida em 1880 por Luiz Gama, destinada ao seu amigo Lúcio de Mendonça. Nela é possível saber mais detalhes de sua construção familiar, seu território de origem e características, físicas e emocionais, de quem ele nomeia sua mãe, a africana Luíza Mahin (GRANATO, 2021). Mahin é descrita como uma mulher bonita, preta de pele retinta, que se recusou ao batismo cristão e que nas palavras de seu filho – era geniosa, insofrida e vingativa (DA SILVA, 2017).

Além do que se refere a pesquisas documentais históricas, podemos considerar que, no processo de construção identitária brasileira, a fabulação acerca de seus heróis e heroínas, principalmente, dá corpo aos pilares fundadores da história do país:

Luiza Mahin é uma personagem presente em segmentos da memória brasileira, lembrada como símbolo de luta feminina e referência na resistência ao escravismo. A análise de representações e a percepção de distintas (re)construções discursivas acerca desta personagem em narrativas literárias e/ou historiográficas é o ponto de partida para compreender os mecanismos que permitiram a sua idealização e o que tais representações revelam sobre o contexto no qual foram (re)elaboradas. (GONÇALVES, 2009, p.1)

Luiz Gama foi um importante advogado abolicionista que nasceu em 1930. Tinha 5 anos de vida quando se iniciou uma das maiores insurreições africanas já vividas no Brasil e na Bahia, a Revolta dos Malês. A participação de sua mãe em movimentações políticas, não somente em Salvador, foi descrita na carta redigida por ele, dois anos antes de seu falecimento (SILVA, 2017):

Dava-se ao comércio — era quitandeira, muito laboriosa, e mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito. Era dotada de atividade. Em 1837, depois da Revolução do Dr. Sabino, na Bahia, veio ela ao Rio de Janeiro, e nunca mais voltou. (GAMA apud SILVA, 2017, p.132)

Em sua fase adulta, começou sua busca por Luíza Mahin em 1847, busca esta que durou anos e que resultou apenas na descoberta de algumas informações passadas por pessoas negras da Costa da Mina sobre ela ter sido presa em 1838 e “desaparecido” em seguida (SILVA, 2017).

A carta somada a outros fragmentos históricos sugere que Luíza Mahin teve papel fundamental nas revoltas (GRANATO, 2021). A organização social entre pessoas negras, principalmente africanas, para a efetivação das insurreições tinha ligação direta com a formação de associações e irmãndades. Esses espaços também influenciam o acesso dessas pessoas, escravizadas ou forras, à alfabetização. Nesse período, educar pessoas nessas situações era proibido, portanto quem o fizesse estava contrariando a lei. Esse acesso à escrita e à leitura aconteciam principalmente por dois meios: alguns padres e senhores de escravizados que ensinavam e negras e negros já alfabetizados que se propunham a transmitir esse conhecimento (SILVA, 2017). Em *Um Defeito de Cor*, Kehinde era uma mulher alfabetizada em português e que também tinha conhecimentos sobre a língua inglesa, em decorrência do período em que morou na condição de escravizada com uma família de ingleses (GONÇALVES, 2006).

Entre eles, os da casa, só se conversava em inglês, língua que acabei aprendendo razoavelmente bem, o que facilitou muito a minha vida alguns anos mais tarde. Naquele dia, Miss Margareth olhou para mim mantendo uma certa distância, como se tivesse nojo, e depois mandou chamar a Domingas, encarregada de me arrumar. A Domingas era uma das escravas de confiança, assim como o José da Costa, e no primeiro momento ela não gostou muito de mim, como aconteceu com as outras pretas da casa, que eram bastante esnobes. Fui aceita somente quando me tornei uma delas, e não apenas no jeito de me vestir, mas também tive que aprender inglês e a me comportar de maneira diferente, guardando uma certa distância, pois não gostavam de muita intimidade. Algumas tinham trabalhado somente para ingleses. (GONÇALVES, 2006, p. 250)

Um segundo documento histórico em que podemos acessar memórias de Luíza Mahin é o poema *Minha Mãe*, também de Luiz Gama. Nele é dito:

Era mui bela e formosa,
 Era a mais linda pretinha,
 Da adusta Líbia rainha,
 E no Brasil pobre escrava!
 Oh, que saudades que eu tenho
 Dos seus mimosos carinhos,
 Quando c'os tenros filhinhos –
 Ela sorrindo brincava.
 Éramos dois — seus cuidados,
 Sonhos de sua alma bela;
 Ela a palmeira singela,
 Na fulva areia nascida.
 Nos roliços braços de ébano.
 De amor o fruto apertava,
 E à nossa boca juntava
 Um beijo seu, que era a vida.

[...]

Os olhos negros, altivos,
 Dois astros eram luzentes;
 Eram estrelas cadentes
 Por corpo humano sustidas.
 Foram espelhos brilhantes
 Da nossa vida primeira,
 Foram a luz derradeira
 Das nossas crenças perdidas
 Tinha o coração de santa,
 Era seu peito de Arcanjo,
 Mais pura n'alma que um Anjo,
 Aos pés de seu Criador.
 Se Figura cruz penitente,
 A Deus orava contrita,
 Tinha uma prece infinita
 Como o dobrar do sineiro,
 As lágrimas que brotavam,
 Eram pérolas sentidas,
 Dos lindos olhos vertidas
 Na terra do cativeiro. (GAMA, 1861)

Nessa carta, acessamos memórias de Luíz Gama que nos apresenta ao papel de Luíza na maternidade. São notórias a saudade e o trato carinhoso que Luíza tinha com seus filhos, incluindo o irmão de Gama, com quem compartilhou a atenção e cuidados da mãe. Faz-se presente também a indignação do autor acerca da condição que foi posta à mãe africana, de escravizada em território brasileiro.

Escrever e ler sobre Luíza Mahin cultiva e mantém vivo o imaginário de uma mulher negra revolucionária, preenchendo algumas das inúmeras lacunas acerca da ancestralidade e história da população negra brasileira.

1.3 Literatura e mulheres negras

Na construção literária brasileira, e, portanto, na formação de parte da memória latino-americana, as produções realizadas por mulheres e principalmente mulheres negras é historicamente marginalizada em detrimento da supervalorização de produções realizadas por homens brancos (DALCASTAGNÈ, 2017).

A história da literatura brasileira parte majoritariamente de um olhar masculino, cisgênero, branco e colonial. Essas obras habitualmente são construídas em volta de um protagonista também identificado como homem e as pessoas reconhecidas como mulheres, apesar da diversidade que o gênero apresenta socialmente, costumam ser apresentadas e separadas entre as “do lar” e as “fora do lar” (ALVES, 2011). Dalcastagnè (2017) afirma que a literatura brasileira contemporânea ainda é um espaço de disputa, portanto, apesar do número de pessoas com perfis mais plurais publicando ter aumentado gradativamente a cada ano, esse cenário permanece excessivamente homogêneo. A exemplo, entre 2006 e 2011, entre as 30 pessoas premiadas nos principais concursos literários brasileiros (Jabuti, São Paulo de Literatura, Portugal Telecom, Machado de Assis e Passo Fundo Zaffari & Bourbon) apenas uma contemplada era mulher. A autora também destaca que 72,7% dos romances publicados entre 1990 e 2004 foram assinados por homens, sendo 93,9% identificados como brancos. A inserção no mercado de autoras e autores que rompem com essa norma causa desconforto, contribuindo com a marginalização das produções pertencentes a esses grupos. Nesse contexto, as duas primeiras décadas do século XXI, no Brasil, assistimos um incremento e maior visibilidade de literatas e intelectuais negras, como Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, Cristiane Sobral, Bernadine Evaristo e Djamila Ribeiro.

Assim a negação da questão racial, o silenciamento, a interdição de negros em espaço de poder, bem como sua exclusão moral, afetiva, econômica e política, no universo social faz parte desse pacto intergrupal entre brancos para a manutenção desse lugar de privilégio, no qual a racialidade não nomeada, não explicitada como tal, é responsável por definir valores, identidades e o espaço reservado a cada um na sociedade (SILVA, 2021, p.20)

Historicamente as representações narrativas de pessoas negras no Brasil são escritas, habitualmente, por meio de um olhar etnocêntrico. Como consequência, a vivência desses e dessas personagens se limita, por muitas vezes, a temas como escravização e precarização social ou a uma representação da cultura afro-brasileira por um viés negativo e inferiorizado (SANTIAGO, 2012). A literatura criada por mulheres negras causa uma ruptura nessa norma.

A escrita realizada por mulheres implementa novas perspectivas, abordagens e estruturas narrativas. A classe social, a identidade étnico-racial e a sociabilidade das autoras acrescentam um aspecto singular às produções (FITZ, 1997). A maranhense Maria Firmina dos Reis, autora do romance *Úrsula* publicado em 1859, é considerada a primeira escritora negra do Brasil e sua publicação de estreia o primeiro romance abolicionista. Apesar de viver e produzir durante o século XIX, quando a escravização de pessoas negras era permitida sob perspectiva legal, Firmina atuou como professora, jornalista e romancista (PALMEIRA, 2010).

Por fim, apresentamos o pensamento de Conceição Evaristo (2020), que traz a noção de Escrevivências, como sendo um fenômeno diaspórico e universal. O termo tem como representação central a imagem da Mãe Preta, uma mulher negra que experimentou sua condição de escravizada dentro da casa grande. Seu corpo escravizado era usado inclusive para manutenção e garantia da vida da prole da família que a escraviza. Essa dinâmica envolve também o ensino das primeiras palavras aos bebês. Era exigido também um estado de obediência que incluía contar, e, portanto, criar histórias para adormecer os futuros senhores e senhoras da casa grande. Escrevivência, portanto, define a realização da escrita por mulheres negras que se propõe a apagar e desfazer uma representação do passado em que essas mulheres escravizadas tinham seus corpos e vozes subjugados e controlados. A autora afirma que apesar desse olhar e desse tratamento sobre esses corpos, a escrita dessas mulheres não foi igualmente colonizada: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonhos injustos” (EVARISTO, 2020, p. 30).

2 Cidade, território e cidadania

Qual seria a cidade ideal? E o que torna uma cidade desigual? Para Joice Berth (2023), a arquitetura, responsável pelas casas, prédios, hospitais, escolas, aparelhos que são tanto da esfera pública quanto da privada, tem sua construção histórica marcada pela violência que se exprime naquilo que propõe e na forma que afeta a população. Falta ao urbanismo, que planeja e distribui os espaços, e desenvolve políticas urbanas, uma análise mais minuciosa ao desempenhar seu papel no contexto da violência que buscamos combater.

Na estrutura urbanística tradicional, a desigualdade socioespacial se apresenta como “um produto da reprodução ampliada do capital que se perpetua como condição de permanência da desigualdade social” (RODRIGUES, 2007, p.74). A autora também afirma que esse desenho espacial segregador afeta diretamente o direito à cidade, somando às camadas de exclusão de cada grupo minoritário. A partir desse entendimento de que a desigualdade socioespacial é um projeto em contínua manutenção, é possível observar que as mulheres negras, com ênfase para as que são trans ou travestis e para as que são pobres, interseccionam camadas que limitam ainda mais o seu direito à cidade:

Como pode uma nação que foi construída sob as bases dos racismo, como sistema de suspensão colônia, com amplo arcabouço empírico e científico de discriminação racial, não ter impresso em seu território as marcas dessa construção histórica? (BERTH, 2023, p. 110)

2.1 O corpo da mulher negra na cidade

A intervenção colonial é um marco histórico que ainda repercute na definição da experiência do corpo da mulher no espaço urbano no Brasil. No progredir dos anos, as mulheres avançam na conquista da cidade e sua territorialidade, contudo o pertencimento da mulher ao espaço urbano ainda está defasado em comparação ao do corpo do homem:

Andamos pela cidade baixa, pelos trapiches e armazéns, pelas áreas onde se encontravam pessoas que realizavam o mesmo tipo de trabalho, como na Baixa dos Sapateiros. Havia também as ruas dos tapeceiros, dos barbeiros e alfaiates, dos trançadores de palha, dos marceneiros, e, andando por elas percebi que havia muito mais alternativas para os homens do que para as mulheres. (GONÇALVES, 2006, p. 241-242)

Em nosso estudo, buscamos um diálogo entre a literatura produzida por mulheres negras, a partir da obra *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves, como um caminho para compreender a corporeidade dessas mulheres negras em Salvador. Assim, trazemos a contribuição dos autores Ifanger, Mineiro e Mastrodi (2021) que situam a histórica periferização das mulheres negras no Brasil:

Dado que a compreensão das cidades é um mecanismo importante para elucidar os fenômenos que nela ocorrem, impede identificar a relação das mulheres negras com o espaço urbano e com a violência que nele se manifesta. Sobre este ponto, considera-se que as mulheres negras, ao longo do tempo no Brasil, são submetidas a espaços periféricos nas formas de senzala, quilombos urbanos, cortiços, e, na atualidade, em favelas e conjuntos habitacionais (ROLNIK, 1989). (IFANGER, MINEIRO e MASTRODI, 2021, p. 220-221)

Juliana Torres (2021) traz uma importante contribuição para nosso estudo ao propor uma leitura interseccional do espaço urbano como forma de perceber a apropriação e a objetificação dos corpos das mulheres negras. A autora conclui:

Não pretendemos esgotar os questionamentos levantados neste trabalho e sim expor como os processos e trajetórias das mulheres negras aconteceram e acontecem até os dias de hoje. O corpo da mulher negra como objeto é uma das mais significativas formas de demonstrar a opressão e dominação que essas mulheres sofrem e se submetem, mas também resistem e sobrevivem, buscando caminhos e trilhando novas trajetórias e vivências espaciais. (TORRES, 2021, p. 88)

Autoras como Silva e Peres (2008) trazem uma importante contribuição para nossa pesquisa, pois, segundo as autoras, o apagamento e o silenciamento de histórias e memórias compõem o lugar social estipulado para as mulheres negras na contemporaneidade. Dessa perspectiva de silenciamento, as mulheres negras são nomeadas como incapazes de se estabelecerem em atividades intelectuais reconhecidas. E, assim, as trajetórias e memórias das mulheres negras teriam menor valor do que dos homens e da população branca. Tal processo de desvalorização se instalou desde idos do século XVI, a partir da escravização de pessoas negras e indígenas no Brasil.

Essa percepção parte de uma estrutura social em que, a partir do fato de serem mulheres e negras, são vistas como incapazes de desenvolver certas atividades de reconhecimento intelectual e afetivo. Portanto, as trajetórias e memórias de seus corpos não têm o mesmo valor que os homens e a população branca. O processo de desvalorização da memória desse recorte populacional teve início no século 16, quando se iniciou o processo de escravização de milhões de corpos negros e indígenas no país.

Ao lermos *Um Defeito de Cor* podemos perceber que a vivência de Kehinde nas ruas da cidade de Salvador torna-se mais densa a partir do momento em que ela passa a ser ‘escrava de ganho’ – termo que designava as mulheres negras escravizadas que tinham o direito de trabalhar desde que parte do ganho de seu próprio trabalho fosse repassado para os senhores de escravo. Era por meio dessa atividade que escravas e escravos de ganho agremiavam recursos para comprarem a liberdade própria ou de outros escravizados. É desse momento histórico também que pessoas negras libertas ou escravizadas formaram associações e organizaram-se politicamente. Segundo Soares (1996), tais associações eram formadas por pessoas muçulmanas.

A obra *Um Defeito de Cor* busca reconstruir a memória de Luísa Mahin/Kehinde e dos corpos de outras mulheres negras que teriam vivido nesse mesmo período, bem como a experiência de habitar a Bahia no período colonial.

2.2 A cidade e a literatura

Autoras como Luciana Nascimento (2018) nos ajudam a perceber a literatura como espaço apresentação da cidade e as relações que as pessoas estabelecem no cenário das cidades:

Nesse sentido, percebemos que os discursos dos literatos, por mais distintos que sejam, variaram entre a louvação à cidade como vitrine da modernidade e a constatação da perda de elos entre os indivíduos e o mal-estar diante de um espaço que passa a não ser mais familiar. Desse modo, é possível observar que a literatura instaura um discurso na e sobre a cidade, expressando os choques e as experiências dos indivíduos e suas relações no interior desse espaço. A literatura cria, pois, outra cidade, ou seja, a cidade escrita que é apreendida num momento ímpar, seja pelo flâneur, pelo dândi ou pelo voyeur, cujas situações demarcam pontos de vista acerca da legibilidade da cidade. (NASCIMENTO, 2018, p. 27)

Pinheiro e Silva (2004) sugerem que a literatura e a cidade ganharam forma quase simultaneamente, sendo também a cidade e o que deriva dela um dos principais temas presentes em obras literárias. A escrita contribui para a memória da cidade e deixa sua marca na identidade da mesma, assim como a arquitetura, os corpos, os sons e outros elementos. As autoras também afirmam que a literatura desempenha um papel fundamental na compreensão e na atribuição de significado à identidade de uma cidade. Ela possibilita expressar a experiência vivida em um determinado espaço por meio das palavras e da linguagem. Por outro lado, as cidades se constituem por meio de uma linguagem complexa que transita entre duas redes: a física, percorrida e vista pelas cidadãs e cidadões, e a simbólica, que estabelece uma ordem e exige a interpretação dos sinais presentes na cidade. De acordo com Coelho (2004) é possível, por meio da literatura, ser e estar na cidade em diferentes graus, diante da imensa subjetividade presente, representando inúmeras formas do sujeito experientiar o espaço.

Na construção literária a imaginação e a realidade se mesclam, compondo assim o processo de criação das autoras e autores. Portanto as cidades imaginadas² ou imaginárias presentes em livros não partem somente da imaginação de quem está escrevendo e sim desse complexo universo influenciado também por espaços reais e referências geográficas (PINHEIRO E SILVA, 2004).

As cidades estão e sempre estarão presentes nas indagações, nas angústias e descobertas dos escritores, como fonte da tessitura, da trama da experiência humana, como cenário da vida cotidiana. Somos parte dela, da urbe, somos urbanos. Seja a cidade natal, seja a cidade em que o homem constrói sua vida pessoal e, consequentemente, sua obra literária, seja a cidade ideal, imaginada, desenhada pela imaginação humana. (PINHEIRO E SILVA; 2004, p. 23)

Segundo Lynch (1998), o design de uma cidade é uma arte temporal, mas que não possui a linearidade e possibilidade de controle que diversas artes possuem. A interação entre pessoas diferentes e eventos distintos em uma cidade a torna impermanente. Opondo-se à linearidade, ela é tomada por sequências que são interrompidas, invertidas, abandonadas ou anuladas constantemente. O autor também afirma que a percepção da cidade por seus frequentadores não é sólida, mas fragmentada, desintegrada e incorporada a outras referências:

É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa. (CALVINO, 1990, p. 44)

Na descrição das cidades imaginadas presente na literatura, o olhar da pessoa que cria o texto é fator determinante sobre como essa cidade será entendida, mesmo que sob influência de elementos reais e concretos. Em contraponto às cidades imaginadas, as cidades imaginárias são reconhecidas e definidas por meio de um processo metodológico que leva em conta o coletivo e não o indivíduo, sendo espaços resultantes de ações e eventos que sofreram (SANTOS, 1996).

2 Importante distinguir que Pinheiro e Silva (2004) utilizam os termos ‘cidade imaginada’ e ‘cidade imaginária’ como sinônimos. No entanto, nos estudos sobre imaginários o termo ‘cidade imaginária’ é um conceito que se relaciona à experiência e percepção coletiva e não individual ou que resulta de uma produção ficcional urbanos (SILVA, 2006; CANCLINI, 2010).

Em *Um Defeito de Cor* buscamos reconhecer uma cidade imaginada, a partir das descrições da paisagem urbana, da arquitetura e das experiências, fictionais ou não, na cidade. Ao analisarmos a obra nós exploramos a leitura intersubjetiva da cidade de Salvador. A partir de metodologias propostas por Armando Silva (2006, 2008) buscamos identificar o imaginário da cidade de suas cidadãs e cidadãos.

Quando falamos em cidades imaginárias, enquanto fruto da criação literária, a concepção da obra manifesta o ponto de vista das autoras e autores de uma perspectiva literária particular sobre como seria aquela cidade. Por outro lado, o termo cidades imaginadas está inserido na perspectiva dos imaginários urbanos e, ao contrário das cidades imaginadas da criação literária, os imaginários urbanos são fruto de fatos que ocorrem no espaço urbano. Dessa forma, o processo metodológico para identificar as cidades imaginárias considera o coletivo e não o indivíduo (SANTOS, 1996). Canclini (2010) também afirma que é necessário investigar o urbanismo a partir das cidadãs e cidadãos, ou seja, do ponto de vista coletivo (CANCLINI, 2010).



A vertical photograph of a city skyline under a cloudy sky. A large bridge structure is visible in the foreground on the left. The right side of the image is heavily shadowed, creating a vertical split.

3

SALVADOR, BAHIA

A cidade de Salvador, capital do estado da Bahia, foi instituída como primeira capital do Brasil, no século XVI, e atualmente, na segunda década do século XXI, concentra a maior quantidade de pessoas negras do país³. Na formação populacional de Salvador, cerca de 81,1% das moradoras e moradores se autodeclararam negras e negros (pretos e pardos), segundo o levantamento de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – IBGE, 2012-2019. A pesquisa também aponta que as mulheres negras constituem 44% dos habitantes da cidade, sendo cerca de 59% mulheres de cor preta e 41% de cor parda. A partir de 1570, Salvador abrigou um dos principais portos que recebiam pessoas negras provindas do tráfico negreiro (NISHIDA, 1993).

Salvador foi inaugurada no século XVI, em 1549, com um projeto urbanístico de cidade-fortaleza, com o objetivo de proteger o litoral do Brasil. Os habitantes pertencentes à elite que lá residiam compreendiam o espaço privado como prioridade e ali centralizavam sua vida social, não havendo grande preocupação em organizar a espaço urbano coletivo. As ruas foram ocupadas pelos grupos socialmente excluídos, como pessoas em situação de rua, pessoas em múltiplas situações de vulnerabilidade social, escravizadas e escravizados de ganho (como eram nomeadas as pessoas escravizadas que podiam trabalhar, desde que passassem regularmente um valor previamente acordado pelos senhores de escravos) ou pessoas escravizadas libertas (FERREIRA FILHO, 1998).

Sua configuração socioespacial foi diretamente influenciada pelas atividades portuárias, recebendo durante séculos matéria-prima, produtos e pessoas escravizadas provindas da Costa da Mina, região do Golfo da Guiné (PINHEIRO E SILVA, 2004). Milton Santos (1959) afirma que a cidade foi construída próxima ao mar a partir da necessidade de facilitar a conexão entre Brasil e Portugal. Mesmo após deixar de ser a capital nacional, Salvador seguiu sendo, por décadas, a principal cidade brasileira e o mais importante porto (BRANDÃO, 2004).

Durante o século XIX, grande parte da população de Salvador era composta por pessoas de origem africana. Em 1935, cerca de 42% da população total era formada por indivíduos escravizados, dos quais 64% nascidos no continente africano (REIS, 1987). Embora o tráfico de pessoas negras tenha sido oficialmente proibido pelo decreto de 7 de novembro de 1831, ele ainda ocorreu de forma clandestina por muitas décadas. Estima-se que entre o século XVI e XIX, 9,5 milhões de pessoas africanas foram sequestradas, escravizadas e trazidas para o ocidente (IANNI, 1998). Destas, aproximadamente 5 milhões foram trazidas para o Brasil (ELTIS, 2010).

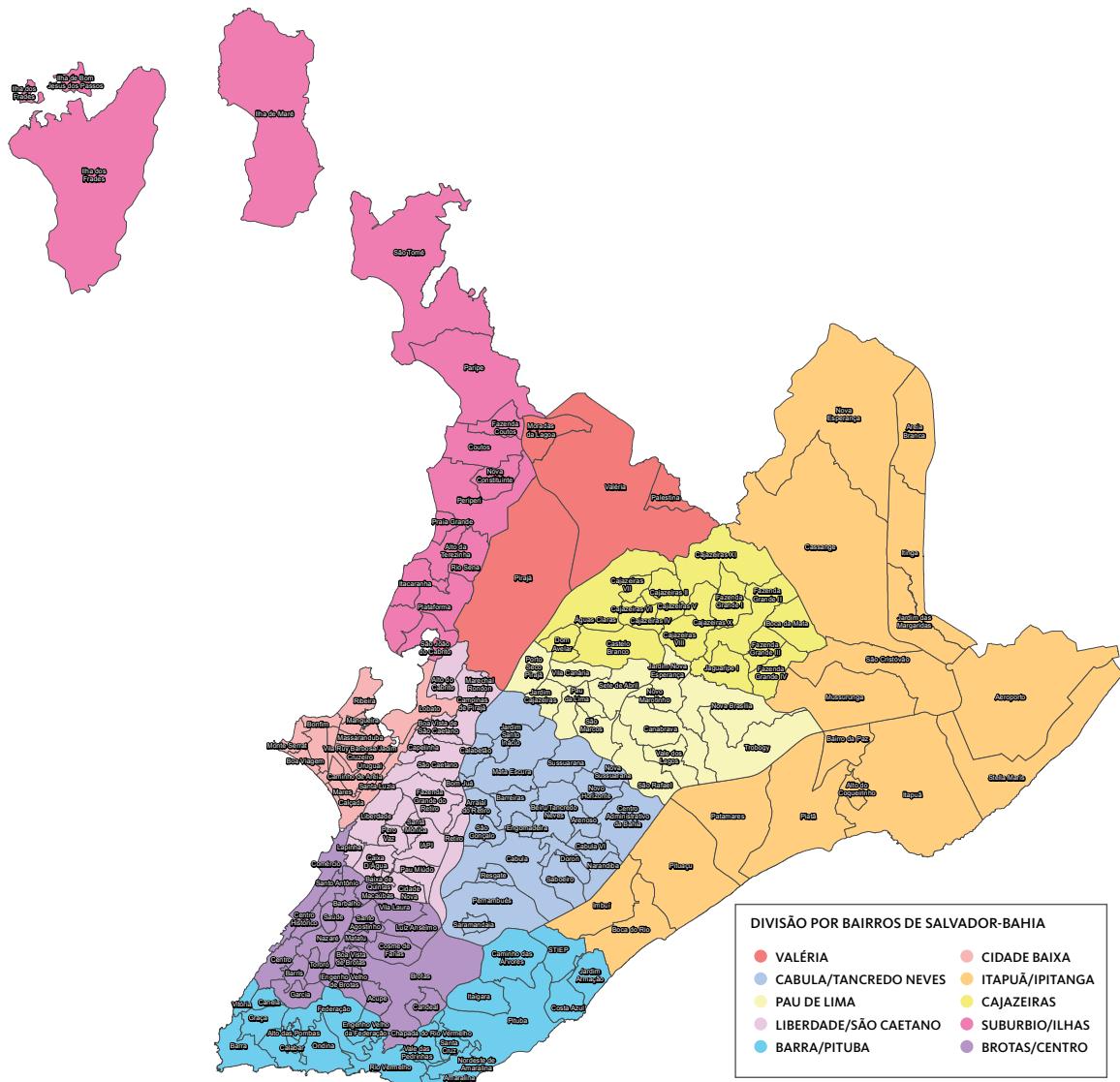
3 Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/salvador.html>>. Acesso em 10 jul. 2022.

Segundo Reis (1987), entre 1811 e 1860, a população escravizada em Salvador era composta por 56% de homens e 44% de mulheres.

Salvador foi constituída baseada na formação típica de uma cidade, como um ambiente que contempla espaço para atividades políticas, religiosas e de mercado. Formação que, sistematicamente, desempenha um papel de manutenção do capitalismo moderno (GARCIA, 2009). A autora também mostra como as relações sociais se desenvolvem nesse cenário, com uma divisão social e técnica do trabalho vivida de maneira cada vez mais hierarquizada, principalmente em relação às variáveis de gênero e raça, em que essa relação se apresenta com mais injustiça. Em Salvador, em que mais de $\frac{1}{4}$ de sua população é negra, se expressa com mais intensidade a desigualdade no que diz respeito a direitos humanos, direito à cidade e direitos trabalhistas. Para uma população que até 135 anos atrás não possuía, institucionalmente, direitos sobre seus próprios corpos, o processo de conquista desses direitos se apresenta de forma incompleta e marcada por dados que geralmente relacionam a raça negra à desigualdade e desvantagem em todas as instâncias sociais.

A seguir, na Figura 0, o mapa do plano de divisão de bairros de Salvador. O mapa foi elaborado para a presente pesquisa e foi fundamental para compreensão dos dados analisados e apresentados nesse capítulo.

Figura 0 – Mapa de divisão de Bairros de Salvador, Bahia.

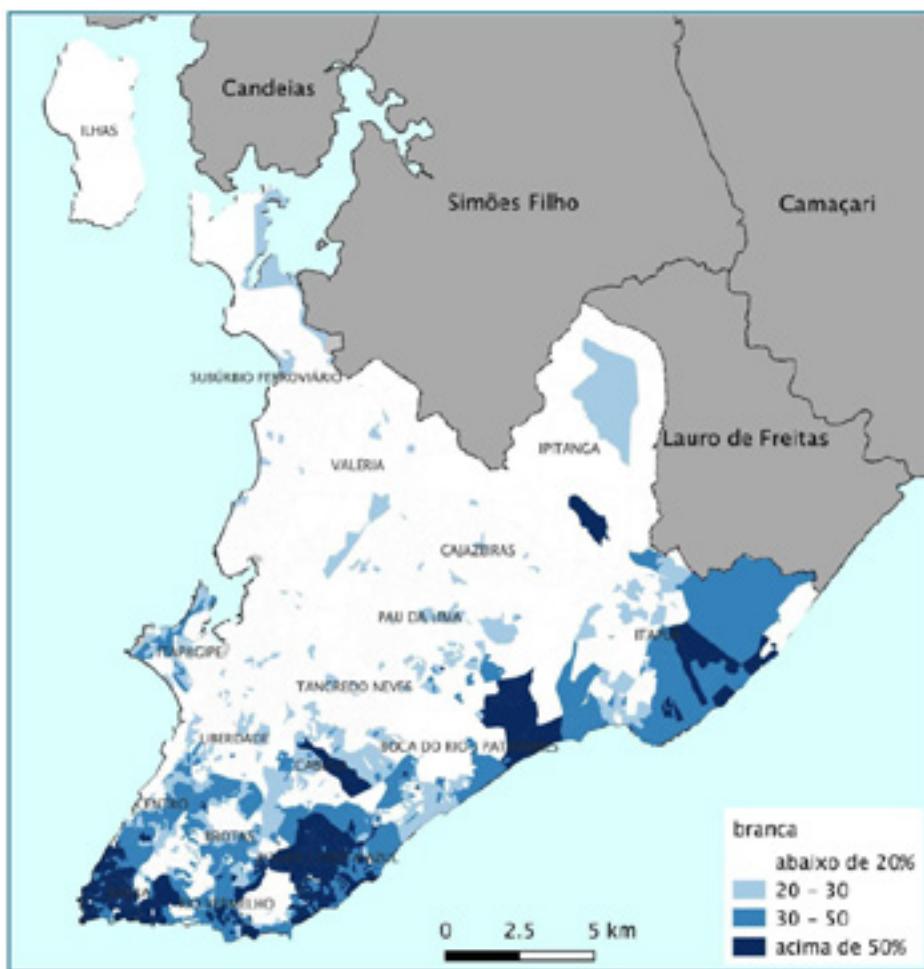


Fonte: Mariana Nardi, 2023.

A publicação “Salvador Hoje e suas Tendências”, elaborada em 2015 pela prefeitura de Salvador, apresenta dados (com base em diversos censos, Ministério do Trabalho, PNAD, POF, todas as pesquisas do IBGE, RAIS) que explicitam o impacto do perfil da cidade no período colonial ainda nos dias atuais.

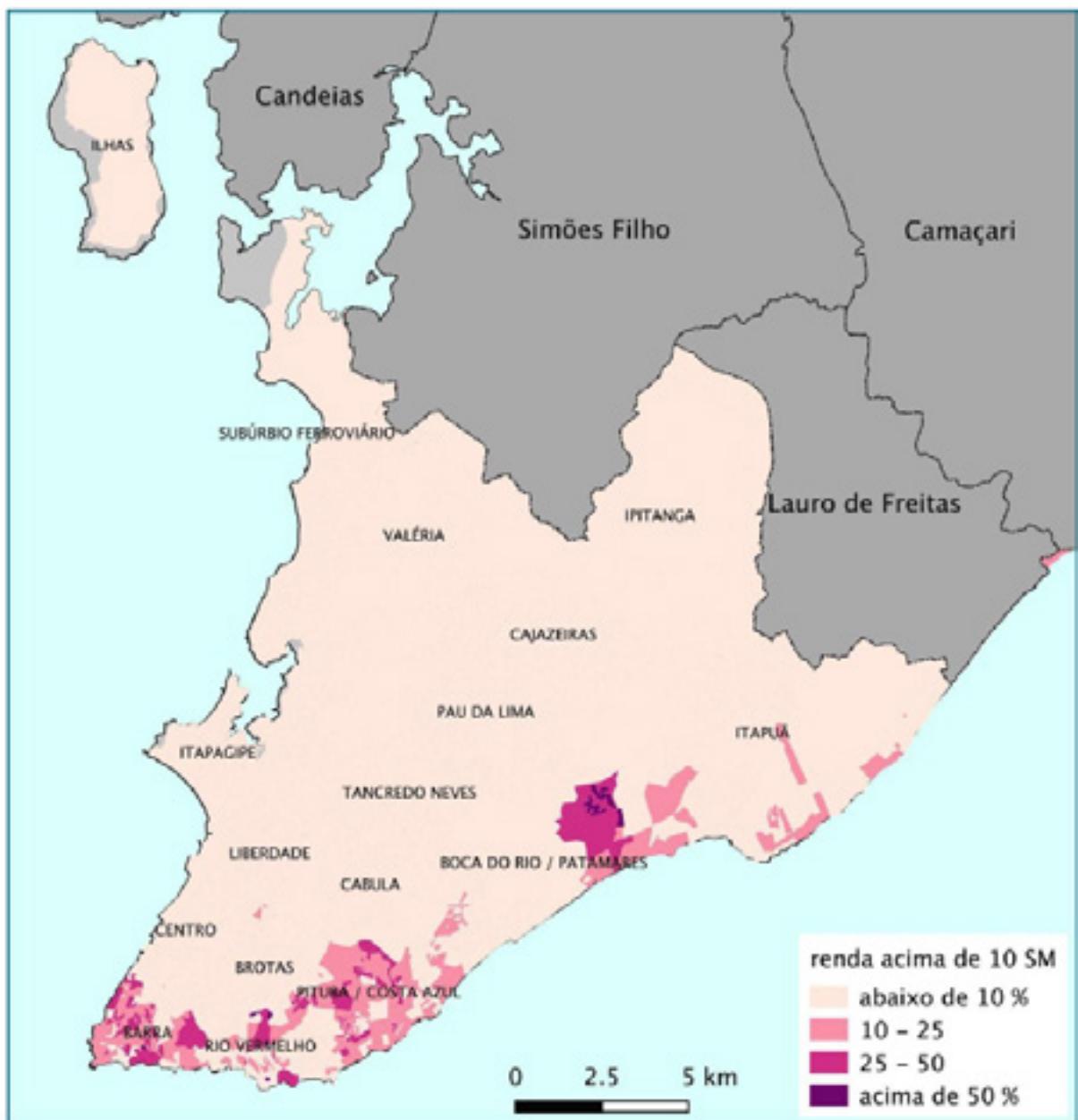
Observando os dados apresentados nas Figuras 1 e 2, é possível associar a presença da população branca às mesmas regiões habitadas por pessoas com maior poder aquisitivo. O racismo está intrinsecamente ligado à dominação social, não somente em Salvador como em todo território brasileiro. A relação entre capitalismo e o racismo, também compreendido por meio da escravização, perpassa os processos de produtividade ligados inicialmente à manufatura e posteriormente à grande indústria. O trabalho escravo e a organização social dos engenhos foram instituídos para promover uma produção compulsória e, com a expansão europeia em relação aos modos de trabalho, o uso do trabalho não-escravizado aumentou paralelamente. A abolição da escravização no Brasil se deu, entre diversos motivos, à pressão da população europeia residente ou negociadora no país que desejava acompanhar os avanços mercadológicos do continente europeu (IANNI, 1998). As Figuras 1 e 2 também podem se relacionar com a Figura 3, que demonstra que as áreas mais privilegiadas pelo turismo também convergem com as regiões dominadas pela ocupação de pessoas brancas com maior poder aquisitivo. Compreendendo o turismo como uma atividade que gera renda, o impacto sobre a população já privilegiada é ampliada pela configuração da cidade.

Figura 1 – Percentual de Habitantes de Cor Branca. Salvador, 2010



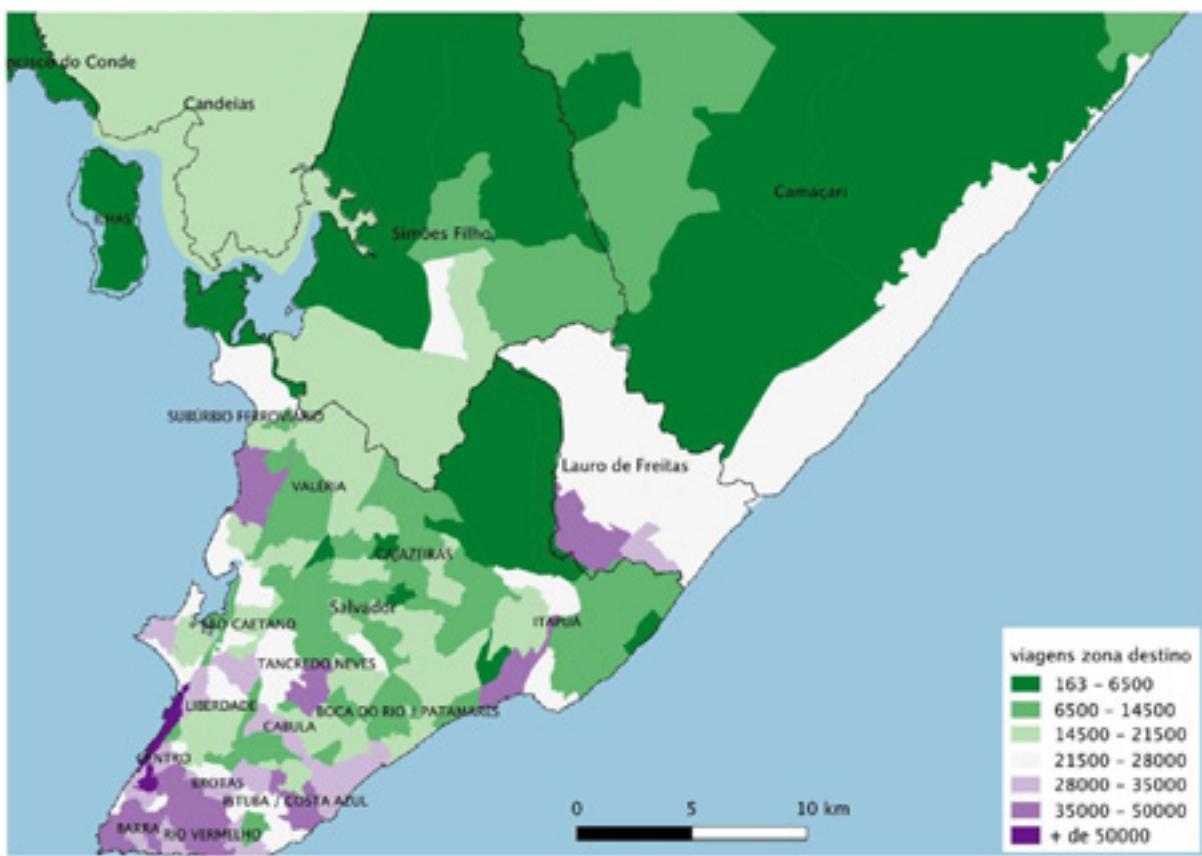
Fonte: IBGE, 2010; elaboração Corso; Carvalho, 2015

Figura 2 – Percentual de Domicílios com Renda Domiciliar per capita Superior a Dez Salários-Mínimos – Salvador, 2010



Fonte: IBGE, 2010; elaboração Pereira; Carvalho, 2015

Figura 3 – Áreas de Destino de Viagens, Salvador, 2012



Fonte: Pesquisa OD, SEINFRA, 2012; elaboração Pereira; Carvalho, 2015

É, portanto, no contexto da anatomia da sociedade, em seus aspectos marcadamente estruturais, que a cidade surge como um substrato da vida social, acumulando e concentrando parcela significativa da população (GARCIA, 2009, p. 87).

4



MEMÓRIA



O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território deve ser entendido como território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade (SANTOS, 2002, p.13). Segundo De Lemos (2018), os territórios são influenciados pelos impactos da rotina diária, abrangendo elementos culturais, políticos, condições de gênero, turismo e trabalho. A interação entre a sociedade e o território, portanto, é concretizada pelas pessoas que o habitam — seja de maneira permanente ou temporária. Isso estabelece um processo contínuo de ressignificação e construção de espaços de vida. Os espaços onde a vida cotidiana se desenrola adquirem significado também a partir da formação da memória pessoal de cada indivíduo.

4.1 A construção do imaginário fotográfico da população negra

Um ponto de partida para compreender a formação da imagem da população negra na construção do Brasil são os anúncios de pessoas negras escravizadas em jornais do período colonial. A partir dos anúncios era possível notar mudanças na vida e no corpo de africanas e africanos após a chegada no país. Como exemplo, Freire (2015) aborda de que formas a mudança de hábitos alimentícios afetou a saúde e aparência bucal desse grupo. É descrito que no continente africano era mais comum adultos com os dentes higienizados e com saúde, e que a partir da introdução de novos doces que passaram a consumir em solo brasileiro a dentição foi prejudicada pelo excesso de açúcar, adicionando essa característica às demais relacionadas às pessoas africanas. O autor afirma que dentro das características físicas também eram descritas marcas nos corpos, decorrentes da violência sofrida na condição de escravizadas, como marcas feitas com ferrão em brasa — com finalidade de identificar a quem pertencia —, sinais de tortura, partes do corpo mutiladas e marcas de correntes e outras deformações decorrentes de maus tratos e subnutrição. Não somente a aparência física era descrita nesses anúncios, como também as habilidades de cada um, conhecimentos que por sua vez aumentariam seu valor de venda.

Ermakoff (2004) se propôs a analisar como as pessoas negras eram vistas e como eram os ambientes em que viviam, no século XIX. Observar, através de fotografias, a vivência dessas pessoas marginalizadas foi um desafio.

O que segue reflete minha tentativa de montar um panorama de época, cuja leitura, a despeito da pouca documentação e da dispersão do material fotográfico disponível, contribua para a interpretação de como os negros viveram nos cerca de cinquenta anos posteriores à chegada da fotografia no Brasil. (ERMAKOFF, 2004, p.10)

No entendimento do autor, o Brasil atual sofre forte influência dos acontecimentos ocorridos no século XIX, por incluírem mudanças decisivas acerca dos aspectos simbólicos e subjetivos do país. Nesse mesmo século, fatos como a transferência da corte portuguesa para o Brasil, a independência política do país, a Proclamação da República, a abolição da escravidão e a Guerra do Paraguai marcaram e influenciaram fortemente as bases do que a nação representa hoje.

Na pesquisa imagética de Ermakoff (2004), que incluiu a coleta de 304 imagens produzidas no século XIX, estão presentes retratos em estúdio — fotografias em que a pessoa retratada oferece uma pose, orientada ou não, para quem a fotografa — e imagens em ambientes não controlados e em situações cotidianas. As pessoas escravizadas demonstravam embaraço e desconforto ao serem fotografadas posando em cenários e estúdios artificiais; em paralelo, apresentavam mais desenvoltura quando retratadas em situações cotidianas e em ambientes mais familiares (SCHWARCZ, 1993). A seguir, nas Figuras 4 e 5, estão retratadas mulheres carregando crianças unidas ao corpo por um tecido.

A autora Bergman de Paula Pereira (2011) relaciona o papel dessas mulheres no período escravagista e as funções que foram determinadas a elas após a abolição da escravidão. O trabalho doméstico e o cuidado com as crianças das sinhás estão presentes na memória histórica desse grupo, condicionada pela estrutura patriarcal e hierárquica imposta em ambos períodos e presente até hoje. A função de amamentar e cuidar dos filhos e filhas das senhoras de escravos, como eram reconhecidas as donas de pessoas escravizadas, não lhes associava a um papel de importância e reforçava os padrões de inferioridade e superioridade entre elas e as mulheres brancas. Todas as atribuições relacionadas a essas mulheres partiam da manutenção de controle por parte dos senhores e senhoras que tinham seus corpos, seu tempo e dignidade sob propriedade.

Figura 4 – Mulher negra com criança nas costas.



Fonte: Fotografia de Alberto Henschel, século XIX.

Figura 5 – Mulher negra com criança nas costas.



Fonte: Fotografia de Augusto Stahl, século XIX

Já os retratos de homens negros apresentam outros padrões, como observado na Figura 6, com a exposição de seus torsos nus. A partir da análise das imagens coletadas por Gerge Erma-koff, também encontramos fotografias em estúdio em que esses homens são representados de acordo com suas atividades laborais, definidas tanto pela vestimenta — recurso utilizado para distinção de funções dentro do espaço de engenho ou casa dos senhores e senhoras —, quanto pelos objetos utilizados, conforme demonstrado na Figura 7.

Figura 6 – Série de retratos de homens negros.



Fonte: Fotografias de Augusto Stahl, século XIX

Figura 7 – Série de retratos de homens negros representando atividades laborais.



Fonte: Fotografias de Christiano Júnior, século XIX

No Brasil Colônia, documentos, arquivos e registros que diziam respeito às origens sociais e culturais da população negra foram exterminados, com a finalidade de desestruturar a memória daqueles indivíduos, dificultando a articulação entre esses pares e desumanizando seus corpos. Outra forma comum de desestabilização da construção da memória dessa população se deu a partir da separação de integrantes da família, prática frequente que visava romper laços hereditários e de afeto, além de organização políticas e populares (ANJOS, 2009).

O processo de pulverização de distintas matrizes africanas pelo território colonial tinha, também, como estratégia, dificultar a organização, extinguir a língua de origem e impossibilitar a continuidade das culturas, ou seja, foram criados dispositivos reais para que as populações oriundas da África perdessem suas referências identitárias e, por conseguinte, houvesse uma diluição da identidade étnicas africanas no Brasil. (ANJOS, 2009, p. 74)

Segundo Andrade e Tiné (2020), a fotografia representa no imaginário social uma autorização e confirmação para extratos sociais mais elevados. No século XIX, para pessoas negras, a construção da memória fotográfica eventualmente foi atribuída à ascensão social, principalmente para negros e negras libertas, mas também serviu para enfatizar a segregação social e racial, considerando que os marcadores da burguesia também estavam presentes nos símbolos presentes nas fotografias.

A construção do Imaginário visual do negro no pós abolição efetivou a linguagem de poder, herança da escravidão, permitiu a circulação e confirmação da imagem de negros e negras como submissos, vinculados ao trabalho, em uma sociedade que não se enxergava como fiadora de sua própria história, que perdia o rumo desta caminhada, ao alongar ao máximo a exploração do trabalho escravo, por exemplo. A iconografia aqui pesquisada vai além das poses captadas em estúdio, dos olhares observados nas cenas cotidianas, ensejam a busca por melhores condições, resistência e permanência nos locais de oportunidade de viver e sobreviver. (ANDRADE e TINÉ, 2020, p.14)

Por fim, cabe registrar o papel fundamental da imprensa negra do século XIX na formação do repertório visual e cultural, a partir de personagens, da população negra brasileira, como o fez o jornalista negro Francisco de Paula Brito, criador do jornal *O Homem de Cor* (SILVA, 2021).

A memória visual de negros e negras no Brasil reafirma e materializa o que ela sofreu no período escravocrata e contribui para a contestação do imaginário de uma nação que está em constante negação com o seu passado, e a dívida relacionada ao passado, presente e futuro de sua população afrodescendente.

5



PERCURSO DA PESQUISA

Para delineamento da nossa pesquisa, desenvolvida na linha Design, Espaço e Mediações do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade de Brasília, escolhemos estudar a vivência dos cidadãos e cidadãs em relação ao espaço urbano. Como recorte, optamos por analisar a corporeidade das cidadãs mulheres e negras da cidade de Salvador. A escolha da cidade de Salvador foi norteada pelos seguintes aspectos: representatividade da cidade em relação à população negra, por nela residir a maior parte das pessoas negras no país — mais de 80%, segundo o levantamento de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE, 2012-2019); por ser uma cidade centenária e primeira capital brasileira; pela nossa expectativa de relacionar os temas de cidade e literatura, encontrando em *Um Defeito de Cor* essa oportunidade, por ser um livro que narra a experiência de ser uma mulher negra na cidade de Salvador durante o século XIX. Consideramos importante trazer para a pesquisa a comparação da vivência dessas cidadãs na diáspora negra e no século XIX, a fim de poder avaliar em que aspectos houve mudanças e quais convergências ainda se mantêm.

Inicialmente trabalhamos com enfoque na metodologia de Imaginários Urbanos (2001), de Armando Silva, e posteriormente optamos por dar continuidade à pesquisa com a metodologia Álbum de Família (2008), do mesmo autor.

5.1 Revisão bibliográfica e visitas de campo

Na primeira etapa da pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica, cujos principais temas foram: cidades imaginadas, imaginários urbanos, mulheres negras, literatura historiográfica e Salvador. Em um segundo momento, a obra de Ana Maria Gonçalves, *Um Defeito de Cor*, foi analisada, com ênfase nas experiências da protagonista na cidade de Salvador. Para essa etapa, participam demais autoras e autores que também se dedicaram a pesquisar a obra. Os principais autores e autoras foram apresentados no decorrer dos capítulos 1, 2 e 3.

Após essa etapa, foi definida a data da primeira visita de campo à cidade de Salvador, entre 31 de outubro a 08 de novembro de 2022, assim como a construção de um roteiro. Ao definir o roteiro da primeira etapa da visita de campo, foram considerados os seguintes aspectos: locais citados no livro *Um Defeito de Cor*; variedade no perfil socioeconômico das áreas visitadas; e variedade na localização territorial. A primeira pesquisa de campo contemplou a captura de registros urbanos, por meio de fotografias, vídeos, áudios, mídias impressas e digitais, grafismos e depoimentos. Em seguida, fizemos a organização dos dados coletados e a escrita do relato da primeira pesquisa de campo, na qual pudemos também compilar dados de visitas a museus e centros de memória, visitas às regiões e bairros e a organização e catalogação dos registros urbanos.

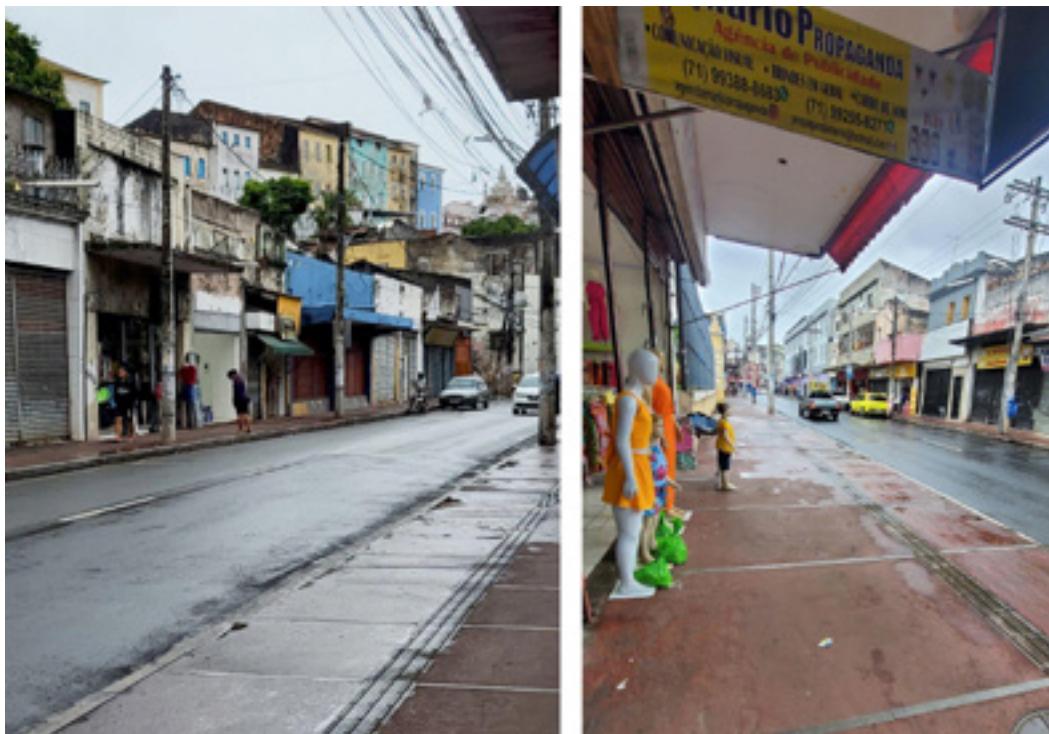
A seguir, apresentaremos os principais resultados da primeira pesquisa de campo — realizada em Salvador (BA), entre 31 de outubro e 8 de novembro de 2022. Nas capturas realizadas, estão presentes peças de design, placas, esculturas, letreiros, sinalização urbana, edifícios, casas, pontos comerciais, veículos, moradores e turistas, grafismos urbanos, grafismos corporais, paisagismo, ruas, avenidas e outros elementos urbanos.

Iniciei minha visita pelo centro de Salvador, que se divide em Cidade Alta, construída sobre vales e colinas, e a Cidade Baixa, uma faixa localizada em uma planície que se encontra com o mar. Na Cidade Alta, na região do Centro Histórico, está localizada a Baixa dos Sapateiros. Uma das principais regiões da cidade, ela foi marcada pela intensa movimentação e crescimento do comércio popular, sobretudo no final do século XIX. Nesse período, havia predominância de comerciantes que trabalhavam com calçados, tapeçaria e áreas afins. As ruas da Baixa dos Sapateiros também eram ocupadas por vendedores autônomos ou escravos de ganho.

Na Baixa dos Sapateiros (Figura 8), durante a visita de campo no ano de 2022, nos deparamos com um comércio formado apenas por lojas em que, para cada estabelecimento aberto, havia

cerca de quatro ou cinco fechados. As estruturas dos prédios, que ainda contêm alguns traços da arquitetura colonial, apresentam bastante deterioração e apresentam receber pouca ou nenhuma manutenção. Apesar da localização privilegiada — na divisa entre Nazaré, Saúde, Pelourinho e Santo Antônio —, a movimentação nas lojas, em um dia útil e em horário comercial, era baixa, assim como o movimento de pedestres, como se vê na Figura 8. Na Figura 9, é possível observar a mesma região, durante o século XIX. Ao pesquisar sobre a razão de tantas lojas estarem fechadas, elegemos um dos prováveis motivos: a pandemia do vírus Covid-19, iniciada em 2020 no Brasil. Em 2021, a Associação dos Lojistas da Baixa dos Sapateiros e Barroquinha (Albasa) apontou que cerca de 40% das lojas, em funcionamento até o início da pandemia, precisaram fechar suas portas⁴.

Figura 8 – Painel de fotografias da Baixa dos Sapateiros, Salvador (BA).



Fonte: Registro feito na primeira pesquisa de campo, realizada de 2022, em Salvador, Bahia, por Flora Egécia.

⁴ Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/baixa-dos-sapateiros-40-das-lojas-fecharam-por-causa-da-pandemia/>>. Acesso em 10 de novembro de 2022.

Figura 9 – Baixa dos Sapateiros em 1920, Salvador (BA)



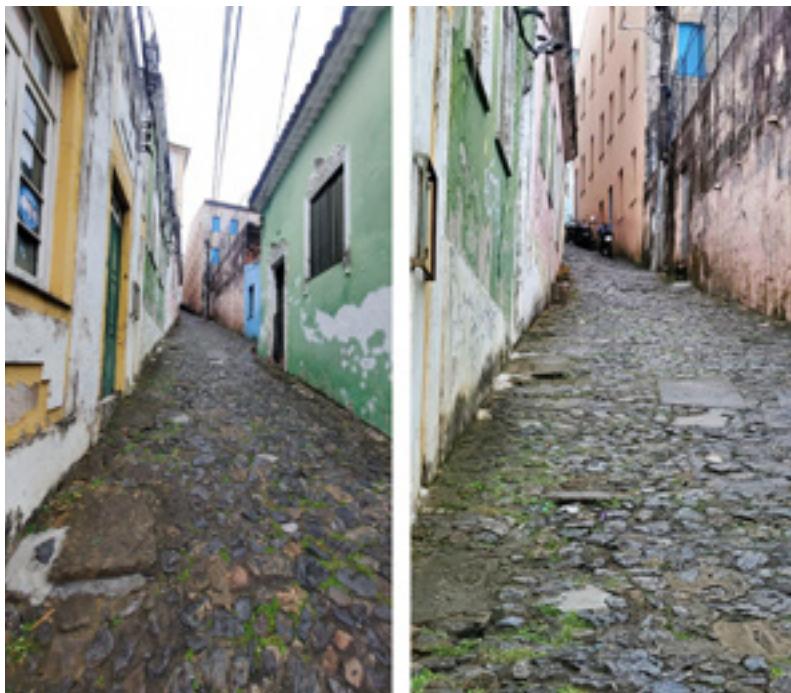
Fonte: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

A Cidade Alta é descrita em *Um Defeito de Cor* como a área mais segura e organizada, frequentada principalmente pelas classes média e alta naquele período. A região foi considerada ideal por Kehinde, em *Um Defeito de Cor*, para trabalhar como escrava de ganho e, desse modo, comprar sua liberdade (GONÇALVES, 2006).

Nos arredores da Baixa dos Sapateiros (Figuras 8 e 9), durante a primeira pesquisa de campo, observei uma quantidade maior de caminhos com características antigas, como ruas e ladeiras com a superfície formada por pedras. Essa estética está presente principalmente no Pelourinho (Figura 10), região turística com alta circulação de pessoas, que conta com um comércio movimentado, museus e centros de memória, além da realização regular de eventos culturais e presença de turistas. Apresentamos na Figura 11 uma rua da mesma região e, na Figura 12, a praça Terreiro de Jesus. Na Figura 13, vemos também o Terreiro de Jesus, no século XIX.

No Pelourinho, os imóveis construídos no período colonial (Figura 14) têm parte significativa de suas estruturas externas preservadas, mesmo que nem sempre o espaço receba a manutenção devida. Nesse ponto da cidade, reconheço o que poderia ser uma paleta cromática de Salvador. Composta por uma variedade de tons e cores, em sua maioria quentes, as fachadas e sinalizações urbanas formam um mosaico orgânico e familiar a quem já acessou alguma referência gráfica relacionada à cultura da cidade.

Figura 10 – Painel de fotografias da Ladeira do Ferrão, Pelourinho, Salvador (BA)



Fonte: Registro feito na primeira pesquisa de campo, realizada entre 31 de outubro a 8 de novembro de 2022, em Salvador, Bahia. Flora Egécia, 2022.

Figura 11 – Ladeira da Saúde, Baixa dos Sapateiros, Salvador (BA).



Fonte: Registro feito na primeira pesquisa de campo, realizada entre 31 de outubro a 8 de novembro de 2022, em Salvador (BA). Flora Egécia, 2022.

Figura 12 – Terreiro de Jesus, Pelourinho, Salvador (BA).



Fonte: Registro feito na primeira pesquisa de campo, realizada entre 31 de outubro a 8 de novembro de 2022, em Salvador, Bahia. Flora Egécia, 2022.

Figura 13 – Pelourinho, em 1859. Salvador (BA).



Fonte: Benjamin Robert Mulock

Figura 14 – Terreiro de Jesus, em 1862. Pelourinho, Salvador (BA).



Fonte: Camillo Vedani / Acervo Instituto Moreira Salles

Na pesquisa de campo, percebemos uma quantidade relevante de estabelecimentos comerciais nomeados com referências culturais, religiosas e históricas (Figura 15). Isso não apenas se manifesta nos estabelecimentos privados, como também é reforçado pela comunicação do município (Figura16).

Figura 15 – Painel de fotografias da identidade visual de estabelecimento



Fonte: Flora Egécia, 2022.

Figura 16 – Painel com registros de campanha promocional, criada pela Prefeitura de Salvador, exposta no Centro Histórico



Fonte: Registro feito na primeira pesquisa de campo, realizada entre 31 de outubro a 8 de novembro de 2022. Flora Egécia, 2022.

Ainda na primeira pesquisa de campo, ao transitar pela Cidade Baixa (Figura 17), me deparo com ruas que foram de grande importância para as conquistas, cenários como a Ladeira da Praça e a Praça Terreiro de Jesus, em que mulheres e homens negros se organizaram, lutaram e perderam suas vidas. Kehinde, em *Um Defeito de Cor*, se recorda dessa região como um espaço em que encontrou caminhos para exercer a espiritualidade e criar vínculos com seus pares. Ao caminhar sobre as ladeiras, foram recordadas as impressões descritas na obra: a sensação de ardência nas pernas e do silêncio que acompanhavam Kehinde nessas caminhadas, devido ao cansaço que tirava o fôlego. Assim foram percorridas as ruas e avenidas, silenciosamente, com atenção aos sinais do corpo e na companhia do imaginário criado sobre os importantes eventos que eu sabia que haviam se passado ali, como a Revolta dos Malês.

Milton Santos (1959) menciona que durante o século XIX o aprimoramento da infraestrutura portuária e de transporte impulsionou o crescimento da Cidade Baixa (Figura 17), que abrigava, até então, parte abastada da população. A Figura 18 apresenta a planta da Cidade Baixa, desenhada em 1971. Já no final desse mesmo século, após o início do uso de bonde a burro para o transporte, a população com alta renda se retira do centro, tanto da cidade baixa, quanto da cidade alta. Após essa migração, a deterioração do centro de Salvador foi acelerada e suas moradas passaram a abrigar pessoas com menor poder aquisitivo. Nesse período, as construções mais altas eram edifícios de quatro a cinco andares e, dentre elas, havia extensos terrenos desertos e desocupados. A partir de 1940, após o início da “evolução urbana” de Salvador, esses espaços vazios foram ocupados por edifícios com mais de seis andares, e diversas construções antigas foram demolidas.

Figura 17 – Visão panorâmica da Cidade Baixa, Salvador (BA)



Fonte: Registro feito na primeira pesquisa de campo, em 2022. Flora Egécia, 2022.

Figura 18 – Planta da Cidade Baixa, Salvador (BA)



Fonte: Elaborada pelo engenheiro civil inglês Hugh Wilson, em 1871, com escritório na Rua Nova do Comercio, 46.

Na região marítima da Cidade Baixa, foi observada a presença de embarcações médias e pequenas, geralmente ancoradas próximas à praia. O uso recreativo da praia também ocorre, independente da proximidade entre a orla e as embarcações, como pode ser visto na Figura 19.

Figura 19 – Orla da Praia da Ribeira, Salvador (BA)



Fonte: Registro feito na primeira pesquisa de campo, realizada entre 31 de outubro a 8 de novembro de 2022. Flora Egécia, 2022.

Revisitando o centro em diferentes dias e horários, na primeira visita de campo em 2022, foi notado que, em contraste com o que descreveu Milton Santos (1959) sobre o funcionamento da cidade no século XX, a maioria das ruas de comércio — que não cruzavam diretamente os pontos turísticos — fechavam antes do anoitecer. Por volta das 17 horas, antes do encerramento do horário comercial, já se vê a maior parte das lojas fechadas, resultando em diversas ruas desertas de pedestres, mas com intenso fluxo de carros e ônibus.

Durante o dia, esse centro, verdadeiro nó de comunicações, anima -se com a passagem de milhares de veículos de todos os tipos e idades, angustiosa e incessante circulação que dá, talvez, uma ideia exagerada do dinamismo próprio da cidade. A circulação dos baianos, também considerável, aumenta nos últimos momentos da tarde. Retoma uma certa animação durante a entrada e saída dos cinemas. Aliás, esse centro jamais fica inteiramente deserto, mesmo nas horas mortas. Se as casas novas não são habitadas, as antigas abrigam uma população pobre. (SANTOS, 1959, p.103)

Uma característica se manteve: a entrada de um importante cinema — Cine Metha Glauber Rocha, localizado na Praça Castro Alves — era movimentada durante o dia e a noite, porém as ruas que o cercam se mantinham desertas e silenciosas ao anoitecer, independente da movimentação no centro cultural.

Acessando registros do centro, durante o século XIX, nos deparamos com uma descrição semelhante à relatada, no que diz respeito ao movimento das ruas, como esta trazida pelo geógrafo Milton Santos:

Esta concentrava todo o comércio “bem sortido e de gosto moderno”, “localizado perto do cais” e “cujas lojas se fecham durante a noite, tornando-a quase deserta”, conforme está dito em uma descrição de 1880. (SANTOS, 1959, p. 108-109)

Ao nos distanciar da zona do Centro Histórico, mas ainda na Cidade Alta, encontramos a região da Lapa, Nazaré e Piedade, bairros importantes para o funcionamento atual de Salvador, representando um grande centro comercial. Na região, há dois shopping centers, diversas lojas abertas, algumas com grandes fachadas e outras acessadas somente por uma pequena porta, vendedores autônomos vendendo ao ar livre e uma pequena feira.

Nos pontos comerciais, durante a primeira pesquisa de campo, em 2022, foi constatado que é comum a venda de vestuário, alimentos, dispositivos eletrônicos, artigos de armário e papelaria, material para eventos e artigos religiosos. Nas mesas improvisadas, que dividem o espaço das calçadas e do asfalto com pedestres e carros, é comum a venda de alimentos naturais, roupas e acessórios para eletrônicos. Já no espaço que se caracteriza mais como feira, encontramos, além de acessórios para eletrônicos, artigos de decoração, utilitários domésticos e produtos naturais, como ervas, raizadas e temperos, conforme mostra a Figura 20. Nos arredores desse comércio aberto estão: edifícios antigos, alguns com a arquitetura preservada e outros sucateados; prédios com arquitetura moderna; construções abandonadas; igrejas históricas e outros centros religiosos, como terreiros, centro espírita e igrejas evangélicas; poucas plantas e árvores, resultando em um cenário de paisagismo escasso. A região também tem prédios residenciais, e é comum suas ruas ficarem significativamente vazias após o anoitecer e encerramento do comércio.

Figura 20 – Comércio do bairro de Nazaré, Salvador (BA).



Fonte: Registro feito na primeira pesquisa de campo, realizada entre 31 de outubro a 8 de novembro de 2022. Flora Egécia, 2022.

Em relação aos produtos dessas lojas, com representações figurativas humanas, eram notáveis as concepções que contemplavam também a identidade de pessoas negras, como pode ser observado na Figura 21. Também foi possível identificar uma padronização na estética das placas que sinalizam as vendas dos ambulantes de rua (Figura 22).

Nessa região da cidade, o som ambiente era intenso e provinha de automóveis, pessoas conversando, gritos de comerciantes, manuseio de produtos e objetos e áudio de aparelhos televisivos. Quanto ao odor, além da fumaça dos carros, havia em diversos pontos saídas de esgoto em vazamento ou poças de água suja, que por muitas vezes exalavam um cheiro forte.

Figura 21 – Produto à venda em loja de festas, Nazaré, Salvador (BA).



Fonte: Registro feito na primeira pesquisa de campo, realizada entre 31 de outubro a 8 de novembro de 2022. Flora Egécia, 2022.

Figura 22 – Painel de registros de placas de venda.



Fonte: Registro feito na primeira pesquisa de campo, realizada entre 31 de outubro a 8 de novembro de 2022. Flora Egécia, 2022.

Na etapa da visita de campo em 2022, momento no qual se percorreu áreas localizadas próximas à região sul de Salvador, em bairros como a Barra, Graça e o Rio Vermelho, registro no caderno de campo uma arquitetura predominantemente moderna. Esses bairros nobres são repletos de condomínios e edifícios altos, postos de gasolina, shoppings e lojas voltadas para um público de classe média e alta. Alguns condomínios de prédios, visivelmente voltados para a classe alta, se intitulam como “Mansões”. Os percursos são muitas vezes íngremes e com calçadas estreitas. Ruas menores cruzam as avenidas principais, e muitas delas homenageiam figuras públicas do período colonial brasileiro, como a Princesa Isabel e a Princesa Leopoldina. É possível depreender que essa experiência, a qual inclui a convivência com recortes da história brasileira, influencie na construção cultural dos cidadãos e das cidadãs de Salvador. A orla da Barra e do Rio Vermelho são reconhecidas como pontos turísticos. Na orla da Barra, é possível encontrar outras atrações além do mar, como um farol, museus e elementos geográficos, por exemplo, a “Pedra do Quilombo”. Bairros como a Barra possuem diversas possibilidades de hospedagem para turistas, além de estabelecimentos comerciais que se propõem a oferecer alimentos ou produtos tradicionais da cidade.

Em meio a grandes edifícios e construções modernas, conservadas ou não, ainda resistem algumas casas antigas e prédios de três a seis andares e muitas delas contam com um terraço (Figura 23).

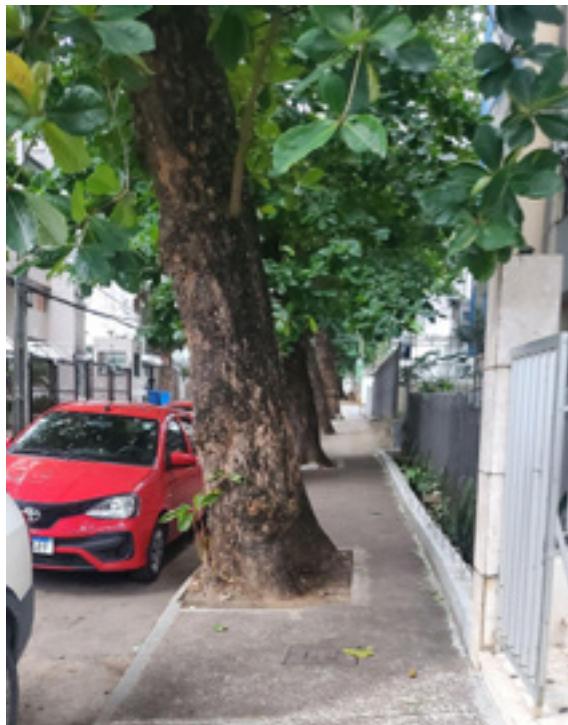
Figura 23 – Painel com imagens da área residencial do bairro da Barra, Salvador (BA).



Fonte: Registro feito na primeira pesquisa de campo, realizada entre 31 de outubro a 8 de novembro de 2022. Flora Egécia, 2022.

Outra característica que me chamou atenção na visita de campo foi o paisagismo dessas áreas, em que se concentram mais árvores e plantas em relação ao centro e às periferias de Salvador. A vegetação está presente tanto dentro dos condomínios, quanto nas calçadas e praças. As árvores dispostas nas estreitas calçadas disputam espaço com os pedestres, uma vez que ocupam grande parte da largura da área pavimentada (Figura 24).

Figura 24 – Calçada do bairro da Barra, Salvador (BA).



Fonte: Flora Egécia, 2022.

Nessas regiões, também notei que grande parte dos caminhos contam com o piso tátil, textura de alto relevo aplicada ao chão, utilizada para auxiliar pessoas com deficiência visual (Figura 25). No centro e na região norte da cidade, não observei presença tão relevante de pisos táteis ou outros elementos voltados à acessibilidade. Apesar da presença desse recurso de acessibilidade, as calçadas nem sempre são regulares.

Figura 25– Piso tátil em calçada. Barra, Salvador (BA).



Fonte: Flora Egécia, 2022.

Nesta mesma visita, identifiquei uma paisagem sonora mais silenciosa em relação aos centros, mais preenchida pelo som dos automóveis, e menos sons de interações entre pessoas. As ruas são limpas, mas observei que havia poucas lixeiras públicas instaladas nas calçadas. Em diálogo com cidadãos e cidadãs, iniciamos a construção de uma percepção de como essas pessoas entendem a cidade física e a cidade subjetiva, entendendo a cidade física como o que é visível e palpável, e a cidade subjetiva como uma construção que ocorre mediante mecanismos psicológicos interativos entre seus cidadãos (SILVA, 2006). Dos depoimentos colhidos, gostaríamos de destacar a oralidade, muito presente nos relatos, que proporciona o entendimento histórico e geográfico dos moradores acerca da cidade. De acordo com os relatos presentes nesses diálogos, é habitual que os mais velhos transmitam para seus descendentes experiências cotidianas que atravessam locais e acontecimentos históricos. Nesse momento da pesquisa, compreendemos que, a devido à comunicação oral que transmite o passado a fim de garantir a memória e ao fato de a cidade ser turística e centenária, os cidadãos e cidadãs de Salvador têm relativamente naturalidade em comunicar o passado.

Por fim, ainda na primeira pesquisa de campo em 2022, foi realizado um levantamento de museus e centros históricos da cidade, que poderiam contribuir com a presente pesquisa. Foram catalogados os seguintes espaços em funcionamento: Arquivo Público do Estado da Bahia, Centro de Memória da Bahia, Centro de Documentação e Memória (IPAC), Arquivo Histórico Municipal de Salvador, Museu Postal, Biblioteca Juracy Magalhães, Biblioteca Central da Bahia, Centro de Estudos Baianos, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e Mosteiro de São Bento da Bahia.

Com tais resultados, cumprimos a defesa da qualificação, momento até o qual estávamos propondo aplicar um questionário sobre vivências e imaginários urbanos a partir de Silva (2001). Revisamos o projeto após a qualificação e focamos na metodologia de Álbum de Família (2008), também de Armando Silva, e prosseguimos a pesquisa com nova etapa de revisão bibliográfica. Após a compreensão das referências sobre essa metodologia, prosseguimos com estudos sobre literatura, cidades, mulheres negras e a obra de Ana Maria Gonçalves. No segundo semestre de 2023, foram realizadas visitas às famílias selecionadas para aplicação da metodologia, por meio de entrevistas. A partir de entrevistas semiestruturadas, buscamos compreender a relação das pessoas com a memória e com a cidade de Salvador.

5.2 Metodologia Álbum de Família

A segunda etapa da pesquisa de campo, realizada no segundo semestre de 2023, foi dividida em duas etapas. Na primeira, realizada em agosto de 2023, buscamos e selecionamos as famílias que seriam entrevistadas, por meio de mensagem de texto enviada pelo aplicativo *WhatsApp* e compartilhada em grupos de conversa de moradores e moradoras de Salvador, a partir de indicações feitas por uma rede de contato diversa e já estabelecida de residentes de Salvador. Na quarta e última visita de campo, a qual aconteceu em setembro de 2023, entrevistamos 28 pessoas de 12 famílias negras de Salvador, a partir da metodologia de Álbum de Família (SILVA, 2006). No total, coletamos 429 fotografias e objetos, por meio de registro ou reprodução fotográfica. Investigamos, como mostraremos a seguir, uma compreensão acerca do imaginário das famílias entrevistadas, com o recorte escolhido pela pesquisa.

A principal técnica da metodologia utilizada é a “Página de Transcrição de Dados”, em que o pesquisador visual, responsável pela pesquisa, avalia os materiais disponíveis nos álbuns de família e destaca os seguintes fatores: localização, referente a origem regional da família; composição familiar e quantas gerações estão presentes nos álbuns; iconografia, que inclui análise iconográfica e de pontos de vista; metaforismo e análise de correlatos visuais (verbais, gestuais e visuais), tornando possível interpretar as fotografias; organização do relato visual, acerca da cronologia das fotos; e trabalho aberto, com a transcrição das entrevistas.

Para Silva (2008), o álbum tem função de registrar as memórias, apresentando visualmente a história de uma família, de uma casa, de espaços urbanos e da sociedade. O presente processo metodológico analisará essas representações contidas nas fotografias, refletindo registros em formatos físicos e virtuais. A partir das análises citadas, nos propomos a perceber e interpretar a cidade por um viés cultural, constituindo um diálogo entre o espaço urbano e as cidadãs e os cidadãos.

Para criar o roteiro semiestruturado das entrevistas, recorremos às diretrizes presentes na metodologia de Imaginários Urbanos (2001), também proposta por Silva (2001), que faz uso de elementos subjetivos, sensoriais, sonoros, visuais e midiáticos para compreender o imaginário dos centros urbanos e de suas cidadãs e cidadãos.

5.3 Apresentação das famílias entrevistadas

Foram entrevistadas 28 pessoas, pertencentes a 12 famílias negras da cidade de Salvador, Bahia. A composição por faixa etária, identidade de gênero e número de registros de fotos e objetos feitos em cada visita encontram-se no Quadro 1. Dos registros realizados, 422 são relacionados a fotografias e 7 a objetos, totalizando 429 registros de coleta.

Quadro 1 – Identificação das famílias e dos familiares

Código identificador da família	Código identificador do familiar	Idade	Identidade étnico-racial	Identidade de gênero	Quantidade de fotos e objetos registrados
A	1	33	Negra	Mulher Cis	51
	2	64	Negra	Mulher Cis	
B	1	31	Negra	Mulher Cis	
	2	68	Negra	Mulher Cis	39
	3	35	Negra	Mulher Cis	
C	1	35	Negra	Mulher Cis	44
	2	59	Negra	Mulher Cis	
D	1	49	Negra	Mulher Cis	47
	2	52	Negra	Mulher Cis	
E	1	54	Negra	Mulher Cis	5
	2	88	Negra	Mulher Cis	
F	1	62	Negra	Mulher Cis	
	2	65	Negra	Homem Cis	
	3	29	Negra	Homem Cis	
	4	23	Negra	Mulher Cis	
	5	27	Negra	Homem Cis	28
	6	37	Negra	Mulher Cis	
	7	26	Branca	Mulher Cis	
	8	63	Negra	Mulher Cis	
	9	51	Negra	Homem Cis	
G	1	26	Negra	Travesti	7
H	1	83	Negra	Mulher Cis	65
I	1	32	Negra	Mulher Cis	46
	2	64	Negra	Mulher Cis	
J	1	39	Negra	Mulher Cis	29
	2	69	Negra	Mulher Cis	
K	1	28	Negra	Mulher Cis	23
L	1	44	Negra	Mulher Cis	45

Fonte: elaboração da autora a partir de informações fornecidas pelas famílias entrevistadas.

No decorrer dos próximos capítulos, as pessoas entrevistadas serão citadas por meio de códigos, de acordo com a sua classificação da família e do familiar, idade, identidade de gênero e identidade étnico-racial. No Quadro 2, é possível consultar como as pessoas entrevistadas serão identificadas no corpo da pesquisa.

Quadro 2 – Identificação das pessoas entrevistadas, por código

Código identificador da família	Código identificador do familiar	Identificação de cada pessoa entrevistada, no corpo da pesquisa
A	1	A1, 33a, mulher cis, negra
	2	A2, 64a, mulher cis, negra
B	1	B1, 31a, mulher cis, negra
	2	B2, 68a, mulher cis, negra
	3	B3, 35a, mulher cis, negra
C	1	C1, 35a, mulher cis, negra
	2	C2, 59a, mulher cis, negra
D	1	D1, 49a, mulher cis, negra
	2	D2, 52a, mulher cis, negra
E	1	E1, 54a, mulher cis, negra
	2	E2, 88a, mulher cis, negra
F	1	F1, 62a, mulher cis, negra
	2	F2, 65a, homem cis, negro
	3	F3, 29a, homem cis, negro
	4	F4, 23a, mulher cis, negra
	5	F5, 27a, homem cis, negro
	6	F6, 37a, mulher cis, negra
	7	F7, 26a, mulher cis, branca
	8	F8, 63a, mulher cis, negra
	9	F9, 51a, homem cis, negro
G	1	G1, 26a, travesti, negra
H	1	H1, 83a, mulher cis, negra
I	1	I1, 32a, mulher cis, negra
	2	I2, 64a, mulher cis, negra
J	1	J1, 39a, mulher cis, negra
	2	J2, 69a, mulher cis, negra
K	1	K1, 28a, mulher cis, negra
L	1	L1, 44a, mulher cis, negra

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações coletadas no Quadro 1

5.3.1 Aspecto arquitetônicos dos ambientes externos registrados pelas famílias

Tabela 1 – Arquitetura dos ambientes urbanos externos

Estilo arquitetônico	Até o século XIX	A partir do século XX e bairros populares
Quantidade de fotografias	17	25

Fonte: Elaborada pela autora a partir das informações coletadas com as famílias entrevistadas.

Dentre as fotos coletadas, a arquitetura raramente é o ponto principal do cenário, e, sim, cenas de primeiro plano nas quais os elementos centrais são os eventos, paisagens ou pessoas em situação de reunião, circulação e convívio. Ainda assim, encontramos fotos com prédios e edificações diversas, sejam aquelas típicas da arquitetura do século XX em diante e de bairros populares contemporâneos, em maior quantidade, sejam aquelas com estilo arquitetônico predominante até o século XIX, em quantidade menor, conforme Tabela 1 e Figuras 26-28.

Figura 26 – Registro com edifício com estilo arquitetônico predominante a partir do século XX.



Fonte: Fotografia coletada com Família C

Figura 27 – Registro com edifício com estilo arquitetônico predominante em bairros residenciais populares



Fonte: Fotografia coletada com a Família G

Figura 28 – Registro com edifício com estilo arquitetônico predominante até o século XIX.



Fonte: Fotografia coletada com a Família B

5.3.2 Gênero e gerações nas fotografias

Tabela 2 – Presença de mulheres, crianças e homens nas fotografias

Composição da fotografia	Fotos mistas com presença preponderante de mulheres e crianças e com a presença também de homens ao lado de mulheres e crianças	Fotos somente com crianças em cena	Fotos somente com mulheres em cena	Fotos somente com homens em cena
Quantidade de fotografias	185	67	65	14

Fonte: Elaborada pela autora a partir das informações coletadas com as famílias entrevistadas

Figura 29 – Fotos somente com crianças em cena.



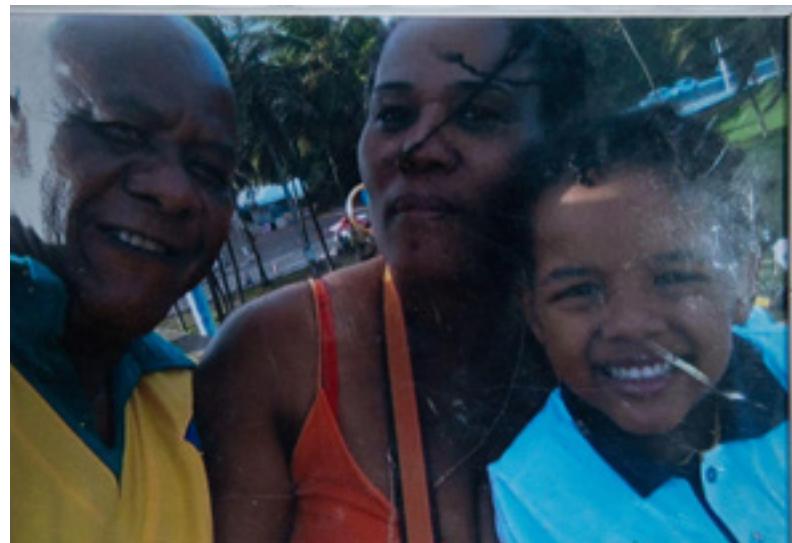
Fonte: Foto coletada com a Família J.

Figura 30 – Fotos somente com mulheres em cena.



Fonte: Foto coletada com a Família B

Figura 31 – Fotos mistas com presença preponderante de mulheres e crianças e com a presença também de homens ao lado de mulheres e crianças



Fonte: Foto coletada com a Família C

Tabela 3 – Distribuição da faixa etária das pessoas participantes das entrevistas por identidade de gênero

	20 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 59 anos	60 a 69 anos	70 anos ou mais
Mulher Cis	3	7	2	3	6	2
Travesti	1	--	--	--	--	--
Homem Cis	2	--	--	1	1	--

Fonte: Elaborada pela autora a partir das informações coletadas com as famílias entrevistadas

Das 28 pessoas presentes nas entrevistas durante a visita de campo de análise dos álbuns de família, temos o seguinte perfil etário distribuído por identidade de gênero, como apresentado na Tabela 5: 22 mulheres cis presentes nas entrevistas, com faixa etária predominante entre 30 e 39 anos (7 das entrevistadas), mas também 11 mulheres cis acima de 50 anos, sendo 2 com mais de 70 anos, na faixa dos 80 anos. Tivemos 4 homens cis presentes nas entrevistas, 2 na faixa de 20 a 29 anos e 2 acima de 50 anos. E uma travesti presente nas entrevistas, na faixa de 20 a 29 anos.

Quanto à identidade étnico-racial, das 28 pessoas entrevistadas, somente uma se autodeclarou branca, uma jovem na faixa de 26 anos, e todas as demais pessoas entrevistadas se autodeclararam negras.

Consideramos relevante observar que, dentre as três famílias com maior número de fotos coletadas (Família H, com 78 fotos, Família A com 68 fotos e Família D, com 60 fotos) também foi coincidente serem as famílias entrevistadas com participantes com as maiores faixas etárias dentre as entrevistadas (Família H — uma entrevistada com 83 anos, Família A — uma entrevistada com 64 anos e Família D — uma entrevistada com 52 e uma com 49 anos).

5.3.3 As fotos de família: ritos de passagem, motivo principal das fotos e relação com a cidade

Tabela 4 – Ritos de Passagem

Formatura e eventos de escola	Aniversário e Natal	Iniciação ou prática Religiosa	Casamento	Gravidez	Nascimento e recém nascido
47	24	20	14	07	04

Fonte: Elaborada pela autora a partir das informações coletadas com as famílias entrevistadas

Figura 32 – Tipos de ritos de passagem: Formatura e eventos nas escolas.



Fonte: Fotos emolduradas e coletadas com a Família D. Registro da foto: Flora Egécia, 2023.

Figura 33 – Tipos de ritos de passagem: Aniversários e natal.



Fonte: Foto coletada com a Família I

Figura 34 – Tipos de ritos de passagem: Iniciação ou prática religiosa.



Fonte: Foto registrada e coletada com a Família D. Registro da foto: Flora Egécia, 2023.

Figura 35 – Tipos de ritos de passagem: Casamento.



Fonte: Foto coletada com a Família E

Figura 36 – Tipos de ritos de passagem: Gravidez.



Fonte: Foto coletada com a Família C

Figura 37 – Tipos de ritos de passagem: Nascimento e recém-nascido



Fonte: Foto coletada com a Família A

Tabela 5 – Motivo principal da foto

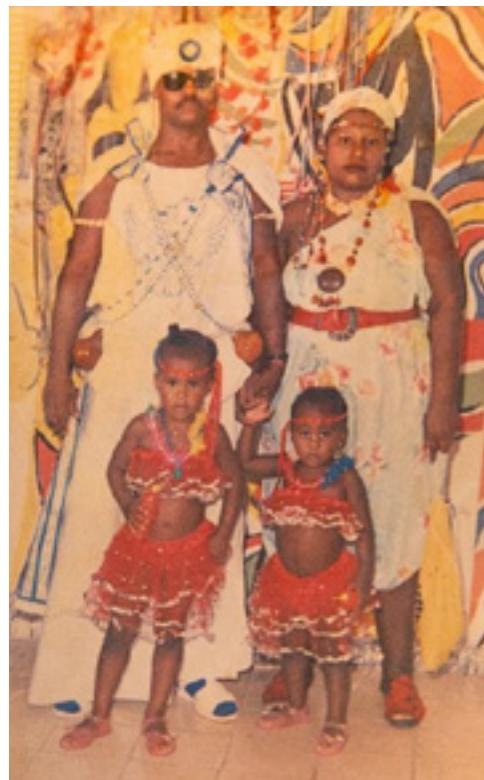
Lazer**/ turismo	Cotidiano em casa	Trabalho/ estudo	Ritos de pas- sagem*	Religiosidade	Foto 3 X4 ou retrato	Movimento Negro	Animais domésticos
129	90	55	50	41	18	10	03

Fonte: Elaborada pela autora a partir das informações coletadas com as famílias entrevistadas

*Ritos de passagem: nascimento, casamento, aniversários

**Lazer: passeios, eventos culturais (carnaval e afins)

Figura 38 – Motivo da Foto: Lazer Turismo



Fonte: Foto coletada com a Família B

Figura 39 – Motivo da Foto: Cotidiano em casa.



Fonte: Foto coletada com a Família F

Figura 40 – Motivo da foto: Trabalho Estudo.



Fonte: Foto coletada com a Família L

Figura 41 – Motivo da foto: Ritos de Passagem



Fonte: Foto coletada com a Família K

Figura 42 – Motivo da Foto: Religiosidade.



Fonte: Foto coletada com a Família K

Figura 43 – Motivo da foto: Movimento Negro.



Fonte: Foto coletada com a Família H

Quadro 3 – Síntese das categorias das fotos coletadas com as 12 famílias.

Tipo	Síntese
Arquitetura das áreas externas mais frequente	Dentre as duas opções de Arquitetura de áreas externas (até o século XIX e depois o século XX), identificamos 25 fotos (aproximadamente 6% das fotos coletadas) com cenários arquitetônicos típicos da arquitetura do século XX ou de bairros residenciais populares.
Presença de mulheres e homens nas fotos	Quanto à presença de mulheres e homens nas fotos, verificamos que 185 fotos (aproximadamente 44% das dos registros coletados) são de fotos com presença mista de mulheres, crianças e homens, sendo majoritariamente de mulheres e de crianças na mesma cena, algumas com homens na mesma cena ao lado de mulheres e crianças. Importante destacar a presença das mulheres no cotidiano e história familiar.
Ritos de Passagem	Quanto aos ritos de passagem (gravidez, iniciação religiosa, aniversários e natal, casamentos, formatura eventos escolas e nascimentos recém-nascidos), aquele mais frequente foi o de Formatura/eventos na escola com 47 fotos (aproximadamente 11% das fotos coletadas). Interessante notar o papel da educação como rito de passagem (cenas de formatura, desfiles escolares, reuniões com colegas e professores).
Motivo principal da foto	Quanto ao motivo principal para a foto (cotidiano, casa, rito de passagem, movimento negro, religiosidade, lazer turismo, trabalho-estudo e animais domésticos), o mais frequente foi Lazer Turismo, com 129 fotos (30,5% das fotos coletadas). Essas fotos estão bastante relacionadas a momentos festivos, como blocos de carnaval, a situações como a partilha de refeições, passeios e situações na praia.

Fonte: Elaboração da autora

Quantos aos objetos armazenados com as fotos, localizamos:

- * 01 Peça de pequenas moedas de cobre amarradas por um fio;
- * 01 peça de cerâmica;
- * 01 cartão postal com dedicatória;
- * 01 recorte de jornal;
- * 01 carteira estudantil do DCE (Diretório Central dos Estudantes);
- * 01 certidão de nascimento;
- * 01 pingente religioso;
- * 01 receituário.

Tipos de armazenamento das fotos:

- * Álbuns de casamento produzidos especialmente para o casamento, como foto dos noivos na capa (Figura 44);
- * Álbuns de fotografia de tamanho maior e encadernados (Figura 45);
- * folhas soltas de antigos álbuns de fotografia desencadernados pelo tempo (Figura 46);
- * Álbuns de fotografia com capa de papel de baixa gramatura, com folhas plásticas (Figura 47);
- * Fotos emolduradas (Figura 48);
- * Fotos guardadas em envelopes de papel (Figura 49);
- * Fotografia digital (Figura 50)

Figura 44 – Álbuns de casamento produzidos especialmente para o casamento, com foto dos noivos na capa



Fonte: Foto registrada com a Família J. Registro da fotografia: Flora Egécia, 2023

Figura 45 – Álbuns de fotografia de tamanho maior e encadernados.



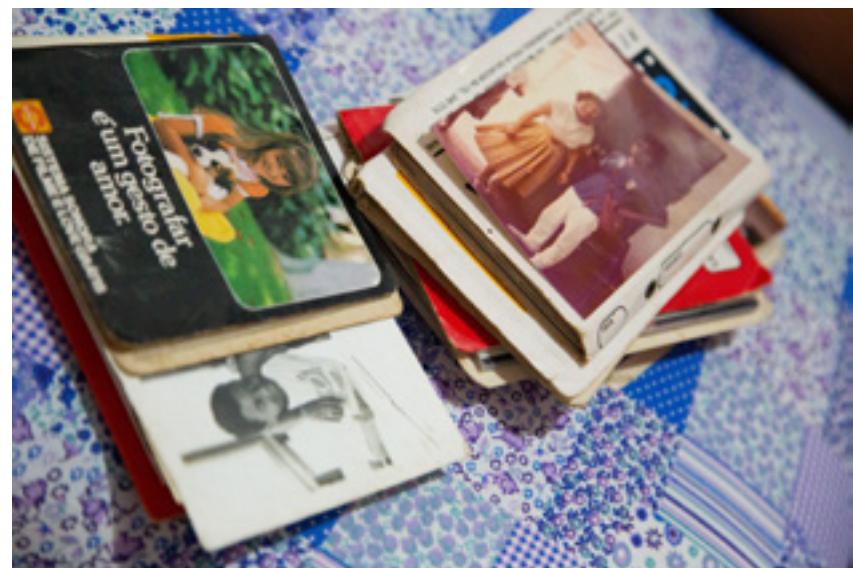
Fonte: Foto registrada com a Família B. Registro da fotografia: Flora Egécia, 2023.

Figura 46 – Folhas soltas de antigos álbuns de fotografia desencadernados pelo tempo.



Fonte: Foto registrada Com a família C. Registro da fotografia: Flora Egécia, 2023.

Figura 47 – Álbuns de fotografia com capa de papel de baixa gramatura, com folhas plásticas.



Fonte: Foto registrada Com a família F. Registro da fotografia: Flora Egécia, 2023.

Figura 48 – Fotos emolduradas.



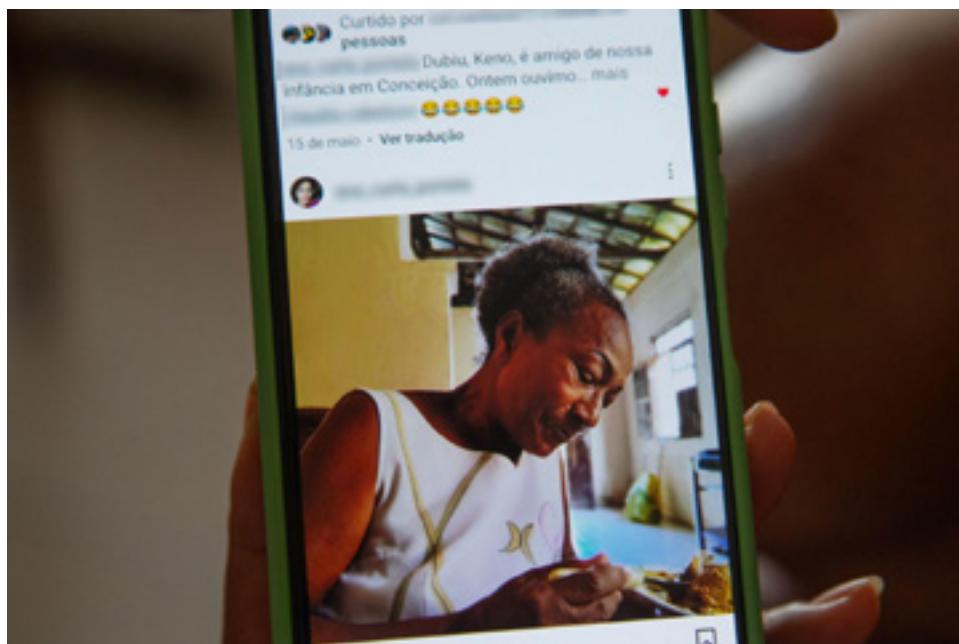
Fonte: Foto registrada Com a família C. Registro da fotografia: Flora Egécia, 2023.

Figura 49 – Fotos guardadas em envelopes de papel.



Fonte: Foto registrada Com a família D. Registro da fotografia: Flora Egécia, 2023.

Figura 50 – Fotografia digital.



Fonte: Foto registrada Com a Família L. Registro da fotografia: Flora Egécia, 2023.



6

CHEGADA A BAHIA



A partir desse capítulo traçaremos relações entre as narrativas presentes em *Um Defeito de Cor* e as entrevistas realizadas pela pesquisa; e entre fatores históricos vividos pela personagem Kehinde em *Um Defeito de Cor* e as famílias negras entrevistadas na presente pesquisa. Será considerado, para a pesquisa, o período entre o nascimento da personagem Kehinde, no continente africano, e a estabilização de sua participação na Revolta dos Malês, desde o relato em *Um Defeito de Cor*.

Para essa pesquisa, observamos um recorte do livro que engloba a saída da personagem do continente africano, sua chegada ao Brasil e sua vivência social, política, amorosa e familiar em Salvador.

6.1 Daonde eu vim

O primeiro aspecto que vemos relacionando a experiência das famílias negras moradoras de Salvador entrevistadas durante a pesquisa de campo e aquelas em situações apresentadas em *Um Defeito de Cor* é a presença de diversos familiares no mesmo território e moradias compartilhadas, como Kehinde, que vivia com a avó e os irmãos.

Tal dinâmica também foi encontrada no nosso trabalho de campo, conforme o trecho a seguir da Entrevistada L1, ilustrado pela Figura 51:

Aqui dá pra ver que é um barraco de madeira, e ali é ao lado da Igreja dos alagados. **Moraram a vida inteira ali, continuam tendo casa lá, sobrinhos e irmãos moram no mesmo lugar** (Entrevistada L1, 44a, mulher cis, negra) [Grifo nosso]

Figura 51 - Foto do álbum da Família L, na qual a entrevistada L1 destaca o compartilhamento de moradia em um mesmo território, fato comum em famílias negras brasileiras, também presente em *Um Defeito de Cor*



Fonte: Arquivo da Família L, captada pela autora da dissertação durante visita de campo na metodologia álbuns de família, Salvador, 2023

A jornada itinerante de Kehinde, em *Um Defeito de Cor*, se inicia no continente africano, com seu nascimento em Savalu, Daomé. A história do livro começa a ser contada no período em que vivia com sua mãe (Dúróorílke), sua avó (Dúrójaiyé), sua irmã gêmea (Taiwo) e seu irmão mais velho (Kokumo). Seu nome, Kehinde, lhe foi dado por ela ser uma Ibéji⁵ e ter sido a última a nascer.

Eu nasci em Savalu, reino de Daomé, África, no ano de um mil oitocentos e dez. Portanto, tinha seis anos, quase sete, quando esta história começou. O que aconteceu antes disso não tem importância, pois a vida corria paralela ao destino. O meu nome é Kehinde porque sou uma ibéji e nasci por último. (GONÇALVES, 2006, p. 19)

A família de Kehinde vivia próxima a uma árvore Iroco, que tem significado sagrado para algumas religiões de matriz africana. Diante da árvore, ocorreu um episódio de violência que mudaria radicalmente as vidas de seus membros. Certo dia, abrigadas pela sombra do Iroco, Kehinde, Taiwo e sua avó observam a aproximação de cinco guerreiros de um reinado inimigo que inicialmente se interessaram em levar suas galinhas e um tapete feito pela avó. Quando iam embora, levando consigo os pertences da família, reconheceram símbolos de Dan — que representava seus inimigos. Em retaliação praticaram atos de violência extrema contra sua mãe e seu irmão mais velho, levando ao falecimento de ambos:

O Kokumo chutava o ar, querendo se soltar para nos defender, pois tinha sangue guerreiro, e foi o primeiro a ser morto. Um dos guerreiros, que até então tinha ficado apenas olhando e sorrindo, chegou bem perto do Kokumo e enfiou a lança na barriga dele. Eu me lembro do sangue que saiu da boca do meu irmão e espirrou na roupa do guerreiro, e continuou a escorrer mesmo depois que o jogaram no chão, com a cara virada para baixo. O sangue imediatamente formou um rincinho, daqueles turvos e de água espessa, como os que recebem muita água de chuva na cabeceira. (GONÇALVES, 2006, p. 23)

A violência habita não somente a memória, mas também o presente de grande parte da população negra de Salvador, ainda na contemporaneidade da segunda década do século XXI. Observa-se o tema de separação de famílias negras motivadas pela violência tanto nos relatos da entrevistada L quanto no livro *Um Defeito de Cor*, quando Kehinde também perde o seu irmão.

5 Como são chamadas as pessoas que nascem gêmeas entre os povos iorubás (GONÇALVES, 2006, p.19).

Apenas um dos três irmãos da entrevistada L1 ainda permanece vivo. O peso da perda violenta dos irmãos fez sua família se mover do território onde havia passado a vida inteira, e as dificuldades impostas à sua mãe na conciliação do trabalho doméstico, a maternidade e o seu trabalho regular fizeram com que a Entrevistada L1 (44a, mulher cis, negra) fosse morar compulsoriamente com a sua avó.

Seguem dois relatos da Entrevistada L1:

Mas a gente morou a vida inteira na Fazenda Grande. Eu saí da Fazenda Grande adulta. Na verdade, a gente decide sair da Fazenda Grande depois que perdi dois dos meus irmãos, então acaba ficando traumática a permanência. Tem um tempo nesse período em que minha mãe trabalhava em supermercado, ela teve logo outra filha, **então era muito difícil pra ela, cuidar de duas crianças sozinha. Nessa fase eu vou pro interior, morar com a minha avó.** (Entrevistada L1, 44a, mulher cis, negra) [Grifo nosso]



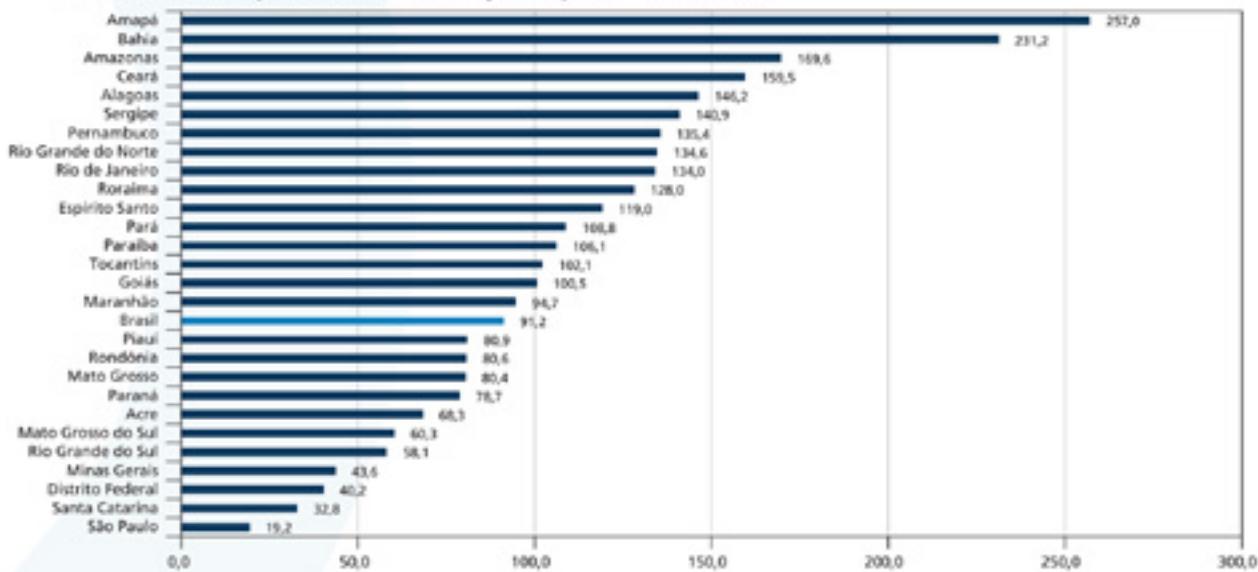
Figuras 52 e 53: Retratos escolares de irmão da entrevistada L1, o qual veio a ser assassinado em situação de violência urbana

Fonte: Arquivo da Família L, captada pela autora da dissertação durante visita de campo na metodologia álbuns de família, Salvador, 2023.

Para trazermos esse resultado da visita de campo, é importante documentarmos a série histórica do Atlas da Violência (2023), que tem registrado os dados alarmantes do quantitativo de crianças e adolescentes negros brasileiros vítimas da violência urbana. No ranking de taxa de homicídios por 100 mil homens jovens, a Bahia ocupa a segunda maior taxa do país. Na Figura 54, é possível constatar o contraste em relação às taxas do restante do país, que também são preocupantes e ilustram parcialmente o risco que um jovem negro morador da cidade corre.

Figura 54 – Taxa de homicídios por 100 mil de homens jovens, por UF – Brasil (2021).

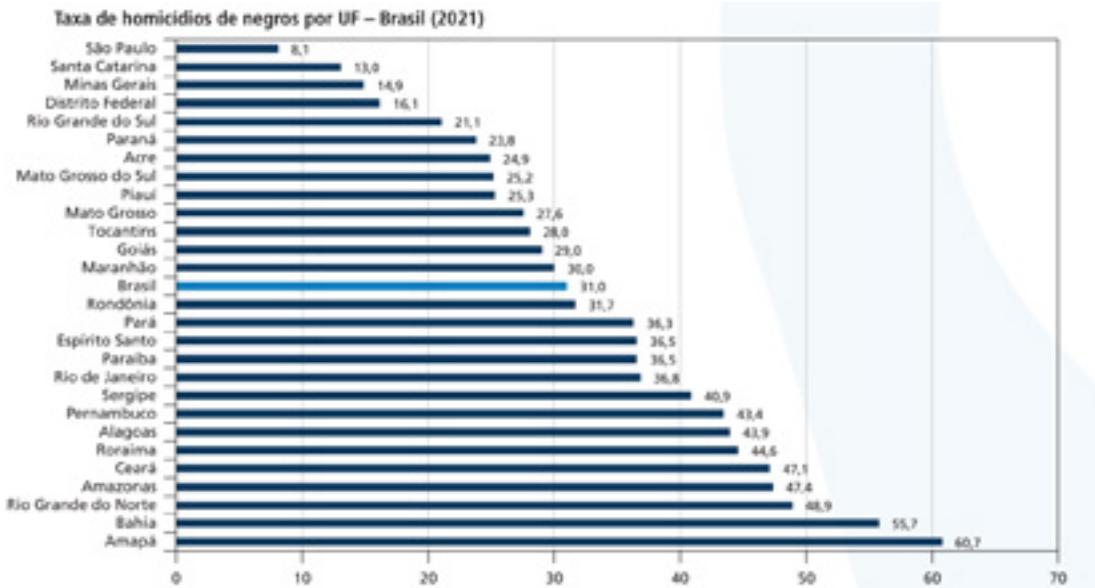
Taxa de homicídios por 100 mil de homens jovens, por UF – Brasil (2021)



Fonte: GEAD/Copis/DPE/IBGE e SIM/CGIAE/ SVSA/MS.

O dado representado na Figura 54 não considera recorte racial, mas é possível relacioná-lo com o dado evidente na Figura 55, em que a Bahia também é o segundo estado com maior taxa de homicídio de pessoas negras (IPEA, 2023).

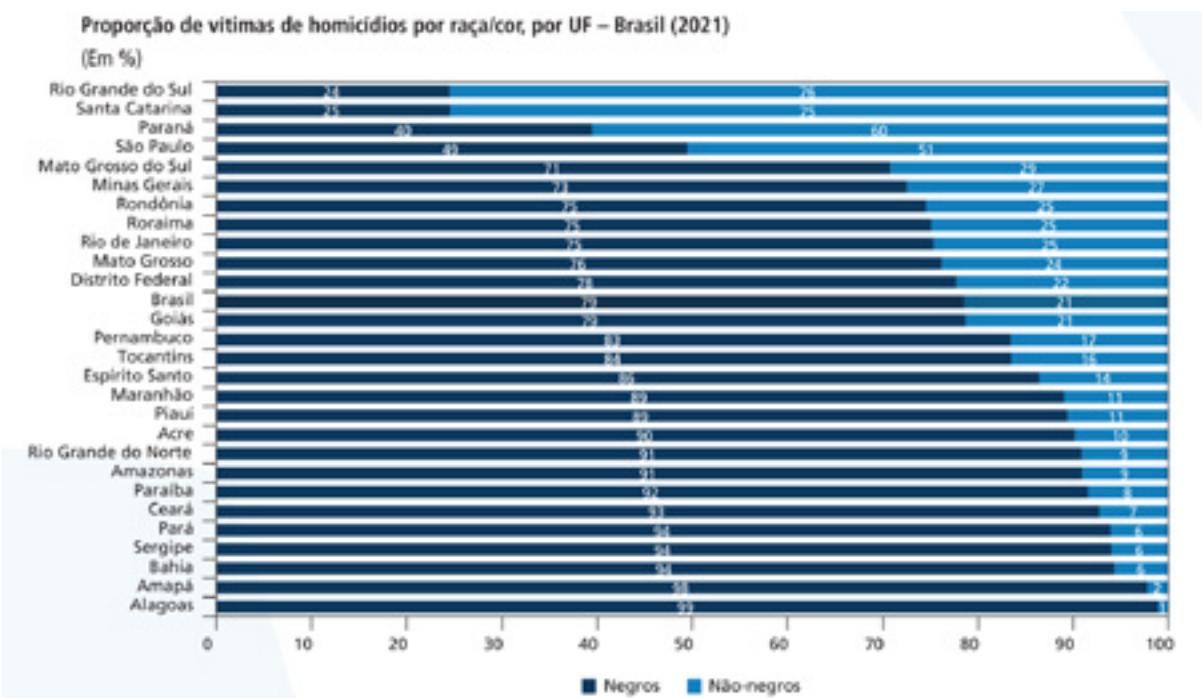
Figura 55 – Taxa de homicídios de negros por UF - Brasil (2021). Mortes a cada 100 mil habitantes.



Fonte: GEAD/Copis/DPE/IBGE e SIM/CGIAE/ SVSA/MS.

Já a Figura 56 explicita a disparidade entre a proporção de vítimas de homicídio negras e não negras. No estado da Bahia, a proporção é de 94% de pessoas negras para cada 6% de pessoas não negras. No Brasil, entre 2019 e 2021, o risco relativo de pessoas negras serem vítimas letais em relação a pessoas não negras aumentou de 2,6 para 2,9 vezes. Na Bahia, esse risco é 4,1 vezes maior (IPEA, 2023).

Figura 56 – Proporção de vítimas de homicídios por raça/cor, por UF – Brasil (2021).



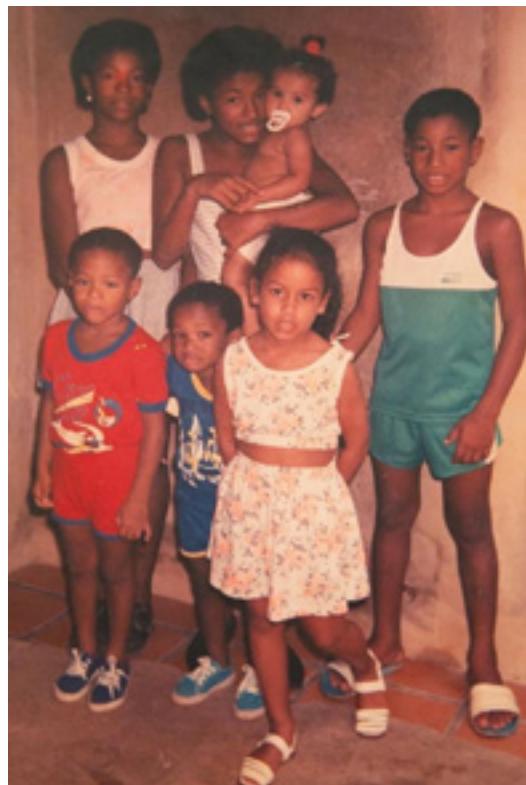
Fonte: SIM/CGIAE/SVSA/MS.

Ao prosseguirmos a entrevista, perguntamos se a violência sofrida pelo irmão da Entrevistada L1 (Figura 57) estaria relacionada ao território, ao que ela responde afirmativamente.

Entrevistadora: Esses falecimentos tinham ligação com o território que vocês viviam?

Entrevistada: Exatamente, ele foi assassinado. Aqui são os três, esse aqui também faleceu, e o que tá vivo agora é esse, o (...). (Entrevistada L1, 44a, mulhereis, negra)

Figura 57 – Foto da família L. Apenas um dos irmãos do gênero masculino da Entrevistada L1 permanece vivo.



Fonte: Arquivo da Família L, captada pela autora da dissertação durante visita de campo na metodologia álbuns de família, Salvador, 2023.

Para Cavalcante (2019), o cenário de violência contra corpos negros está diretamente relacionado ao passado, entendendo que esses corpos simbolizam o “ser histórico”. Em relação ao cenário de mortes de jovens⁶ negros em Salvador, o autor enfatiza que esse grupo ocupava, em 2016, apenas 12,8% das vagas nas universidades. Os índices educacionais se relacionam diretamente com a prática de violência contra esses corpos, entre diversos motivos, por estarem diretamente ligados a oportunidades de trabalho.

6 Pessoas na faixa de 15 a 24 anos.

O Brasil é um país cuja construção histórico-política propôs um imaginário em que habita uma falsa ideia de democracia racial, com equidade de direitos e convivência pacífica entre as distintas raças que constituem sua população. Nesse aspecto, o imaginário da democratização de relações interraciais se encontra em contradição diante da solidão afetiva das mulheres negras, condição que pode ser reconhecida a partir dos marcadores de raça e gênero, que as excluem de vivências socioculturais afetivas. Nas últimas décadas, diversas pesquisas se aprofundaram na situação de mulheres negras, no Brasil e na Bahia (PACHECO et al., 2008).

Com o objetivo de compreender o acesso à fotografia como uma forma de construção e manutenção de memória, buscamos explorar, com as famílias entrevistadas, retratos que propunham registrar toda (ou quase toda) a família, além de investigar a acessibilidade desse recurso para cada uma. Entre as características presentes em álbuns de família, encontramos anotações com dados correlatos ao evento, como local, data, comentários afetivos e demais informações (ver Figura 58).

Figura 58 – Retrato da família C, em Salvador



Fonte: Arquivo da Família C, captada pela autora da dissertação durante visita de campo na metodologia
álbums de família, Salvador, 2023.

A profunda conexão com a própria ancestralidade, uma das marcas absolutas do livro *Um Defeito de Cor*, remete a muitas temáticas, entre as quais as diferentes formas pelas quais a população negra pode construir suas próprias memórias. Nesse contexto, torna-se muito relevante apontar como as temáticas do acesso à fotografia enquanto forma de construir memórias e da fotografia (Figura 59) enquanto um presente estão salientadas nos relatos colhidos, como podemos observar nos seguintes relatos da Entrevistada K1:

Mas pela minha compreensão. Mas eu sei que é isso. Tipo, primo, tia. Tinha mais condições. **Aí quando vinha com a máquina e com o filme, tirava a foto da gente. E dava as fotos pra gente.** (Entrevistada K1, 28a, mulher cis, negra)
[Grifo nosso]

Figura 59 – Verso de foto que a Entrevistada K1 recebeu de seu padrinho em forma de presente.



Fonte: Arquivo da Família K, captada pela autora da dissertação durante visita de campo na metodologia álbuns de família, Salvador, 2023

O relato da entrevistada A2 também mostra a fotografia enquanto um presente e uma forma de construir memórias:

Entrevistadora 1: Certo, de quem vocês ganharam essa foto?

Entrevistada 2: De Gisele, que é uma amiga, assim que, eu sou amiga do marido dela e aí ela é uma pessoa muito afetuosa sabe, é uma pessoa que chega e quer presentear. Apesar que eu não posso falar isso não. Ela é uma pessoa controladora assim, eu acho que ela tem ciúmes da amizade que eu tenho com o namorado dela, que é uma amizade desde o escolar, que é bem de antes, então ela fica assim tipo, mas ela é bem legal, a gente se dá bem. É porque ela é controladora, ela é guia turística, então tudo tem que ser naquele guia, naquele jeito, no cronograma. (A2, 64a, mulher cis, negra)

6.2 Terreiro é Território

Em *Um Defeito de Cor*, Kehinde, a irmã e a avó seguem na direção de Uidá, após o assassinato de seu irmão e sua mãe. Para o trajeto, elas levaram comida, vestimentas e as estátuas de Xangô, Nanã e dos Ibéjis — orixás que protegiam espiritualmente sua família. A mãe de Kehinde, ao engravidar, foi abençoada por conceber Ibéjis: Kehinde e sua irmã Taiwo. Kehinde afirma que Ibéjis atraem riqueza e boa sorte para as famílias que os recebem, fato que influenciava diretamente a atividade remunerada de sua mãe, que dançava no mercado de Savalu, com suas filhas amarradas no corpo, e recebia dinheiro por isso. Kehinde carrega com carinho, durante o restante de sua vida, as memórias de estar colada ao corpo de sua mãe, trocando olhares com sua irmã entre um movimento e outro.

Ao chegarem em Uidá, por um descuido somado à curiosidade, Kehinde e Tawio foram seqüestradas, principalmente por serem Ibéjis e “darem sorte”, e colocadas em um navio negreiro que viria para o Brasil. Sua avó, ao perceber que foram capturadas, se ofereceu para entrar no navio e se juntar a suas netas. Durante o percurso, vivido dentro do tumbeiro do navio, diversas pessoas raptadas foram mortas, incluindo a avó e a irmã de Kehinde, diante de um cenário de falta de higiene, alimentação inadequada e violência.

Kehinde seguiu sozinha sua jornada no Brasil, confiante sobre não estar só, mas, sim, acompanhada por seus orixás. Recusou-se a ser batizada ao pisar em solo brasileiro e seguiu desenvolvendo sua espiritualidade após o desembarque na Bahia. Ao se mudar para Salvador, conheceu Nega Florinda, que a ajudou a carregar novamente consigo uma estátua dos Ibéjis, já que a de sua família lhe foi retirada no navio.

Vemos também concretude de práticas de religiosidade e a presença de diversas religiões, incluindo as de matriz africana, nas famílias negras entrevistadas em Salvador durante a nossa visita de campo para os álbuns de família. É, por exemplo, o que nos relata a Entrevistada L1, praticante de religião de matriz africana, ao passo que destaca a presença de cuidados provindos da cultura afro-brasileira no cotidiano das famílias:

A maior parte da família é evangélica, mas tem muita coisa do catolicismo negro de Conceição, com banhos de folha, o que faz parte das minhas memórias de infância, uma lógica de cuidado de um candomblé doméstico. Não é uma casa específica, mas as famílias sabiam o que precisava ser feito para cuidar, quais banhos cê precisava tomar, quais folhas, quais rezas. Minha avó era a rezadeira da rua, então acaba que tivemos essa presença. (Entrevistada L1, 44a, mulher cis, negra)

Religiosidade que, como demonstram as famílias entrevistadas, possui bastante sincretismo:

É, dia de segunda-feira ela vai ali na sessão. Toma passe do caboclo, leva a filha, toma banho. Que você passar para ela. Vai para o terreiro, trata a galinha, não sei o quê. Terça-feira, simplesmente ela está lá no centro da cidade. Uma igreja protestante ouvindo a pastora fazer revelação. E volta cheia de ideia. E a gente não diz nada. A gente cresceu assim. Minha mãe e minha igreja e a gente. A senhora não vai, não me poupe. Mas vá, se você gostar. Eu fiquei um tempo aí, fui para o Universal, queria me batizar (Entrevistada K1, 28a, mulher cis, negra)

O sincretismo, segundo a Entrevistada K1, tem duas principais vertentes:

Acho que hoje a gente tem a mesma quantidade assim. Eu vejo tudo muito dividido. Tem candomblé para um lado, tem quem tá com a igreja batista, adventista, universal. São igrejas e candomblé. **Os evangélicos e candomblé [são as duas principais religiões no bairro].** (Entrevistada K1, 28a, mulher cis, negra). [Grifo nosso]

Vertentes religiosas que, segundo a Entrevistada I1, disputam espaço de adesão de fiéis:

Elá fazia, fez estudo com minha irmã, fez estudo comigo. Eu lembro que eu ia muito também na igreja católica fazer catequese. Depois a evangélica tomou conta, né? Puf, foi isso. Você está ouvindo até agora, até batuque evangélico. Então, evangélica tomou conta, sei lá, uns 10 anos atrás, talvez, 15 anos atrás lá, pelo menos. (I1, 32a, mulher cis, negra).

Ainda no tema religiosidade, durante a pesquisa de campo, outra entrevistada, a Entrevistada C1, quando perguntada sobre o cotidiano e práticas religiosas (Figura 60), respondeu:

Na verdade, eu fiz a primeira comunhão, né? Aí eu fui primeiro pra igreja católica. **Porém, agora eu tanto frequento a igreja católica, quanto eu frequento também o candomblé. E as minhas outras irmãs também.** Só Deise que não gosta, não tem nenhuma religião definida. Se for pra falar, fala que é católica. Mas não frequenta. E mainha também foi criada no Espiritismo, porém também não frequenta. (Entrevistada C1, 35a, mulher cis, negra). **[Grifo nosso]**

Figura 60 – Adereço religioso Sagrado Coração de Jesus dentre as fotos da Família C



Fonte: Foto registrada Com a Família C durante visita de campo. Flora Egécia, 2023.

Religiosidade também pode ser socialização, como relatam a dupla de filha e mãe (Figura 61), as Entrevistadas E1 (54a mulher cis, negra) e E2 (88a, mulher cis, negra):

Entrevistadora: Hoje em dia você costuma sair ou fica muito mais em casa?

E 2: Ah, eu costumo mais ficar em casa. Antigamente eu saía, mas eu ia para a igreja.

E1: A senhora ainda vai pra Igreja, é o único lugar que a senhora vai.

E 2: É, vou mais pra igreja e quando é dia da Santa Ceia, ela me leva.

E 1: Santa Ceia dia especial da igreja. Ah, sim. Tipo, um domingo, todo mês.

(Entrevistada E1, 54a, mulher cis, negra e Entrevistada E2 , 88a, mulher cis, negra)

Figura 61 – Filha e mãe, Entrevistadas E1 e E2 na residência de E2 durante a visita de campo metodologia álbuns de família



Fonte: Foto registrada Com a Família E durante visita de campo. Flora Egécia, 2023.

O relato da Entrevistada A1 mostra a importância de ter afeto e cuidado para mostrar a espiritualidade de forma saudável:

Entrevistadora 1: E vocês chegaram a frequentar alguma religião assim?

Entrevistada 1: Sim, esse tratamento mesmo que a gente fazia era um tratamento espiritual, era com espiritismo, entendeu? Eu levava ela para tomar passe, fazer tratamento é, com fluídos.

Entrevistadora 1: Sim

Entrevistada 1: A gente assistia muita palestra, é claro que eu ia mais do que ela entendeu, porque você sabe, pra convencer jovem, não é todos que gostam. Mas eu não queria levar obrigada

Entrevistadora 1: Não funciona né? (A1, 33a, mulher cis, negra)

A religiosidade atravessa não somente a experiência individual das mulheres entrevistadas, como também a sua forma de conduzir a vida coletiva e familiarmente. A entrevistada A2 ressalta a importância do registro a seguir (Figura 62), ao relacionar a introdução de um de seus filhos no candomblé.

Figura 62 – Entrevistada A2 e seu filho em casa de candomblé



Fonte: Foto registrada com a Família A durante visita de campo.

Entrevistada 1: Jorge a primeira vez que ele foi no candomblé, com Natália no terreiro, quem batizou ele foi Oxum

Entrevistada 2: Na verdade que a casa é de Xangô, a casa branca, e Jorge é de Xangô, então achei que teve... E então tem uma pessoa que tem um projeto de capoeira lá que é amigo em comum entre eu e o pai, e ele pediu para colocar a criança como...

(A1, 33a, mulher cis, negra e A2, 64a, mulher cis, negra)

O Terreiro é um espaço intrinsecamente ligado ao território. Nesse local de concepção pluralista, além do acolhimento e dos cuidados, podemos enfatizar a importância da convivência entre as pessoas que pertencem à casa religiosa e das ações (como assentamento de santo/orixá) que dependem do espaço estabelecido como “casa” para a realização de cultos e obrigações religiosas. Culturas tradicionais africanas já relacionavam espaço a forças cosmológicas (SODRÉ, 2019).

A relação da religiosidade e a dinâmica da cidade é enfatizada pela entrevistada G1 (G1, 26a, travesti, negra), ao expressar que:

Para mim, Salvador, eu amo Salvador mas... quando eu digo que eu amo Salvador é porque eu amo as pessoas que fazem Salvador ser o que ela. Não amo o que a cidade significa né, mas para mim Salvador é uma cidade viva, sensual. Salvador é uma cidade extremamente sensual e quente, quente também nesse sentido erótico da palavra. Salvador é uma cidade erótica. Também é uma cidade extremamente religiosa. E aí em todos os sentidos da palavra as pessoas de Salvador elas se relacionam muito profundamente com as religiões que elas que cultuam seja o catolicismo, seja as igrejas evangélicas ou o Candomblé. Sinto que Salvador é uma cidade criativa, de muita criatividade. Só de estar lá você já sente a necessidade de criar, a necessidade de cantar, de dançar. Acho que é um lugar que impulsiona a gente a se sentir assim. Sinto que Salvador também é uma cidade revoltosa e consciente do seu lugar mas que infelizmente não conhece sua força. Então é meio que um paradoxo porque a história pregressa é uma história muito poderosa né, e até a história presente também, o curso só que por conta da dinâmica da vida das pessoas as pessoas acabam que se ausentando ou não enxergando o quanto poderosa o quanto fortes elas são se elas se relacionassem mais coletivamente né, ao mesmo tempo que eu considero Salvador também uma cidade muito coletiva e comunitária.

A entrevistada também correlaciona a sua aproximação com múltiplas religiões à vivência em territórios pelos quais residiu:

Entrevistadora: O que mais você lembra dessa época?

Entrevistada: Aos domingos tinha o Paredão que fechava a rua inteira e vários carros paravam e abriam os fundos. Geralmente começava no fim da tarde. E para sair de lá se, eu não me engano, só tinham duas linhas de ônibus: Estação Mussurunga e a outra Estação Pirajá que são duas grandes estações de ônibus de Salvador. É um bairro Preto. Então só tinha gente preta lá...Isso era visível...e eu lembro que a umas duas casas da casa que a gente morava uma senhora que ela era de Candomblé. Eu nunca tive informações mais aprofundadas.

dadas além de lembrar que ela era de Candomblé. Sempre que tinha de São Cosmo Damião, ela dava caruru e aí todas crianças da rua iam para lá, ela botava comida na bacia e enfim fazia toda a tradição, dava os doces e a gente comia então é uma memória bem forte que eu tenho de lá também.

Entrevistadora: Nessa época era tranquilo para as crianças irem ao terreiro? Os pais iam? Achavam tranquilo a ida das crianças nesse espaço?

Entrevistada: Sim, era tranquilo. A rua toda se envolvia e não existia o que a gente conhece como “intolerância religiosa”, um certo preconceito...não lembro de ter igrejas próximo, nem católica, nem protestante. Então de figura religiosa só tinha essa senhora que era macumbeira que era de Candomblé. E aí quando ela fazia coisas a rua, as crianças e as famílias, todo mundo sempre a respeitava e também participava do que ela realizava na casa dela.

Entrevistadora: Você acredita que essa diferença entre o cenário de hoje com o cenário mais antigo sobre essa receptividade do Candomblé com essa senhora ela tem a ver mais com uma distância histórica?

Entrevistada: Ah sim, com certeza, o protestantismo não tinha tomado de conta a cidade de Salvador. Como era um bairro recente, essas igrejas e esses grupos religiosos eles ainda não tinham chegado lá então as pessoas, pelo menos da minha memória de Infância né, pareciam que se agarrawam ao que elas tinham mais próximo da realidade delas e muito provavelmente já que elas tinham muita tranquilidade com essa senhora elas frequentavam outros lugares também né, ou na família delas já tinham essa tradição familiar de frequentar espaços de Candomblé né.

Entrevistadora: A sua família tem alguma tradição nesse sentido?

Entrevistada: Tem, é por parte da minha mãe, só que minha mãe nunca cultuou porque...Porque a história da minha mãe é bem complicada. Minha mãe tem a mãe dela biológica que é a relação que a gente tem com o candomblé. E aí, a mãe biológica dela deu ela para uma mulher que ela não conhecia que era... que é a minha vó, que é a minha vó Maria que já faleceu que ela morava em Irará. Minha Avó Maria também era do Candomblé e é a minha vó de consideração junto com meu avô Milton Preto. Então tanto na família biológica da minha avó quanto na família da minha avó de consideração ambas eram de Candomblé. E aí a minha mãe tinha essa relação só que na adolescência dela ela acabou indo pro catolicismo, né, fez comunhão, todas essas coisas e acabou se afastando um pouco... mas não era algo que ela tinha problemas. Ela frequentava, participava, comentava sobre, mas não era algo que estava

no cotidiano da vida dela assim. Então, de uma certa forma, a gente tinha uma relação sim. [...] a gente foi morar numa vila onde todas as pessoas que moravam nessa vila elas eram evangélicas da Assembleia de Deus. Acabamos fazendo amizade com essas famílias, com essas pessoas e a gente ficou lá por quase 10, 12 anos e foram com elas que a gente criou um vínculo então meio que a minha relação e a da minha família que a gente tinha com o candomblé ficou de lado e a gente começou a estar mais próximo dessas pessoas evangélicas. Não íamos pra igreja deles nem nada mas enfim por conta da convivência a gente acaba sabendo sobre cantores, a gente via eles saindo de domingo para ir pra igreja... Então essas coisas acabam influenciando a nossa visão, o modo como a gente olha as pessoas. Eu me recordo que tocava candomblé do lado da minha casa e eu me tremia horrores assim, de ficar bastante eufórica , de não saber o que estava sentindo... isso (enquanto eu era uma) criança né, e aí que eu meio que sentia medo e admiração ao mesmo tempo, não sabia identificar o que era que eu estava sentindo, mas sei que mexia comigo. E aí quando eu ... (som inaudível)... pro Velho de Brotas, aí foi que eu voltei a frequentar candomblé então hoje eu frequento e eu sou Abian.

A partir dos relatos coletados nas entrevistadas, é possível constatar que a experiência urbana na cidade de Salvador é marcada, por diversas vezes, pela religiosidade, que é determinada não somente pela escolha das cidadãs e cidadãos como também pela configuração urbana de cada bairro. Segundo Sodré (2019), a territorialidade proporciona um conjunto de “virtualidades infinitas de coexistência”. A construção territorial é orgânica e inclui para a comunidade negra, dentro do aspecto da coexistência, formas sociais que se relacionam com o que esse mesmo grupo viveu no período escravocrata, obedecendo uma estrutura de dominação entre as pessoas negras (escravizadas) e brancas (senhor ou senhora).

6.3 Preta e letrada

Em *Um Defeito de Cor*, Kehinde oportunamente aprendeu a ler e escrever, ao acompanhar as aulas de Maria Clara, filha do senhor e senhora de engenho, com idade similar à dela. Por ser uma criança, uma das funções de Kehinde era fazer companhia para a sinhazinha (como eram chamadas as filhas de senhoras e senhores). A mãe de Maria Clara convidou um homem preto malê, Fatumbi, para alfabetizar sua filha, e Kehinde rapidamente se conectou com o professor e usufruiu da melhor forma que pôde das aulas.

Fiquei feliz por poder assistir às aulas na qualidade de acompanhante da sinhazinha, e tratei de aproveitar muito bem a oportunidade. Ela nunca estava muito interessada, e o Fatumbi tinha que chamar a atenção dela diversas vezes, como se ele fosse branco e ela fosse preta, motivo que me fez brigar com ele, pois eu achava que ninguém podia falar daquele jeito com a nossa sinhazinha. Mas depois entendi que ele tinha razão, que se ela não quisesse aprender por bem, que fosse por mal. Acho que foi por isso que comecei a admirá-lo, o primeiro preto que vi tratando branco como um igual. (GONÇALVES, 6006, p. 92)

Já adulta, Kehinde também aprende a falar inglês, devido ao período em que foi escravizada por uma família de ingleses. A partir dessa experiência, também dominou a culinária inglesa.

Assim como na narrativa da história de Kehinde, em *Um Defeito de Cor*, a educação também tinha um papel fundamental no cotidiano das famílias negras, como relata a Entrevistada D1(49a, mulher cis, negra):

A **minha tia era professora**, as mães dos alunos diziam que ela era bem dedicada, tipo mãe mesmo, porque os meninos vinham com a bênção. As mães eram assim até hoje, graças a Deus. Tem vários relatos de pessoas que ficam assim “eu só comecei a estudar quando ela estava na escola”. Teve um que falou assim, “eu estou numa fábrica de gelo hoje, e só estou **graças à sua tia, porque ela me ensinou matemática e eu não gostava de estudar, eu só ia para a escola por causa dela, porque ela era rígida**”. E tem gente que realmente gosta de professores rígidos, que não maltratam, lógico, mas a forma de convencer que é necessário estudar. [Grifos nossos]

Filho (1998-1999) aborda as hierarquias sociais que foram se estabelecendo nas ruas, no processo de construção espacial-urbanística de Salvador no século XIX, período em que escravas e escravos de ganho tinham espaço para conquistar um recurso, que eventualmente lhes servia para comprar a liberdade. As escravas de ganho dominavam o alimento como forma de fazer comércio, e muitas delas já desenvolviam essa habilidade em seus países de origem, quando africanas.

Na compreensão dos códigos reguladores desta paisagem urbana, as mulheres pobres demonstraram-se extremamente habilidosas. Ágeis, versáteis, econômicas, políticas, as libertas foram, no contexto da cidade, exemplares significativos dos que souberam driblar os obstáculos e desafios das ruas. Em muitas atividades elas acabaram delineando em grande parte o perfil do pequeno comércio urbano, produziram alternativas ocupacionais nos mais variados tipos de serviços domésticos e colocaram no mundo pretinhos e mulatinhos livres, novos personagens da complicada trama do escravismo urbano (FILHO, 1998-1999, p.240)

Carneiro (2020) relaciona o papel social da mulher negra no âmbito familiar e profissional. Espera-se que esses corpos ocupem lugares e funções pré-determinadas e, desde o período colonial, esses lugares e funções apresentam muita semelhança na atualidade:

Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como anti musas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência”. (CARNEIRO, 2020, p. 2)

Ainda na temática “Educação e Trabalho”, encontramos uma convergência entre as vivências da personagem Kehinde, em *Um Defeito de Cor*, e as vivências das famílias negras entrevistadas. Embora Kehinde tenha vivido situações de trabalho informal, foi por meio delas que comprou sua alforria. Apesar de sua educação ter sido informal, ela foi uma forma de inserção social da personagem. Da mesma forma, a dimensão “Educação e Trabalho” mostram-se fortes nos registros de memória dos álbuns de família e relatos orais das famílias. É o caso, por exemplo, da Entrevistada I1 (32a, mulher cis, negra), ao recordar e apresentar foto sua ainda criança em frente à sua casa no bairro Federação, em Salvador (Figura 63) e, em seguida, a Entrevistada I1 apresenta a maquete (Figura 64) que fez do território no qual mora também no bairro Federação:

Foi no terceiro ano da faculdade [de Arquitetura], uma disciplina de ateliê que foi uma das poucas disciplinas que abordavam o território onde eu moro. E aí quando a professora descobriu que eu morava no bairro popular ela ficou louca e tal aí vamos trabalhar na sua casa, esse espaço. Então foi uma atividade de atelier mesmo faculdade, e aí eu me apeguei. **Porque para mim também foi um divisor de águas porque foi o único momento da faculdade que eu entendi que o espaço onde eu morava também era um espaço de arquitetura.** Na graduação, eu sentia que não, que esse espaço era inviável, que não, isso aqui a gente nem trabalha, joga bomba ou demole, porque não tem como trabalhar. E aí, começou a me encorajar também, né? Porque também foi um processo também de me orgulhar do espaço em que eu nasci, não ter vergonha, não ficar acanhada, não falar onde eu morava. Tanto que meu trabalho final de graduação de curso foi na minha rua. Eu meio que prestei consultoria e assistência técnica para os meus vizinhos para questões que eles queriam sobre a moradia deles. Uma queria ter uma área de serviço, coisas tão mínimas, tão simples, a gente quer só um mínimo para ser feliz. Então, eu fui em três casas de três vizinhas, todas elas mulheres, chefes de família, solteiras. Enfim, aí uma foi a escala, a outra ela queria ampliar um outro pavimento, mas não sabia onde colocar a escada. Aí foi um trabalho que eu fiz para as minhas vizinhas nesse espaço que a faculdade sempre negou para mim, eu nunca tinha aprendido a lidar com espaço auto-construído e popular, para as pessoas que têm pouca grana, e que têm dificuldade de pagar, né? Então foi um atelier muito de crítica, de muita inquietação que eu trouxe, e queria ampliar esse trabalho, não sei, talvez pro mestrado, talvez em trabalho de escritório. (Entrevistada I1, 32a, mulher cis, negra) **[Grifo nosso]**

Figura 63 – Entrevistada H1 à época criança em frente à sua casa no bairro Federação, Salvador (BA).



Fonte: Arquivo da Família I, captada pela autora da dissertação durante visita de campo na metodologia álbuns de família, Salvador, 2023.

Figura 64 – Maquete da casa em que a Entrevistada I1 viveu grande parte de sua vida. Maquete feita pela entrevistada, em ateliê de seu curso de Arquitetura.



Fonte: Foto registrada com a Família I durante visita de campo. Flora Egécia, 2023.

A educação afrocentrada retorna nas entrevistas e faz uma ponte, como nos conta a Entrevistada K1, quando faz referência às ganhadeiras, mulheres escravizadas que, no século XIX, tinham permissão para trabalhar nas ruas e para ficar com uma parte do lucro de seu trabalho, podendo eventualmente juntar recurso suficiente para comprar sua liberdade:

Entrevistada: A gente faz um rolê, né? Folclore na escola, ganhadeira. Você vai de ganhadeira? Como assim, né? Você vai.

Entrevistadora: Vai de ganhadeira, sim.

Entrevistada: É, ganhadeira, para falar da nossa cultura, de não sei o quê. Aí explico o que é ganhadeira, não sei o quê. Às vezes nem que eu concordo muito com essas peças cheias de folclore, né? Eu tenho uma lenthinha do que é o folclore, do que é o que a galera fica criando em cima disso. Mas enfim. Entrevistada K1, 28 anos, mulher cis, negra). [Grifo nosso]

O depoimento da Entrevistada I1 ilustra bem o valor da educação para as famílias negras entrevistadas, sendo que em parte significativa das casas de família que visitamos para realização das entrevistas e observação dos álbuns de fotografia encontramos fotos de formatura de escola emolduradas (Figura 65) ou nos álbuns de família. Assim, a Entrevistada I1 nos traz o seguinte depoimento sobre o valor da educação:

É interessante assim porque nenhum deles tiveram formação acadêmica, nem meu pai, nem minha mãe, mas eles sempre prezaram por isso. Eu posso dizer que eu tive, mesmo assim, não sendo uma família com condições, eu tive acesso a brinquedo, eu tive acesso a escola, então assim, eu me sinto também privilegiada de ter estudado, né? Não trabalhei durante o estudo. Ele sempre trabalhou muito, desde os 14 anos ele trabalhou. Minha irmã muito mais, porque minha irmã é bem cabeçuda, bem nerdzinha. Ela também foi uma referência pra mim de determinação, de estudo. (Entrevistada I1, 32a, mulher cis, negra) [Grifo nosso]

Figura 65 – Entrevistada I1 segura foto dela própria na idade escolar.



Fonte: Foto registrada Com a Família C durante visita de campo. Flora Egécia, 2023.

Para a manutenção da educação de crianças negras, o papel das mulheres negras é fundamental, pois com frequência criam sozinhas seus filhos e filhas, além de representarem a maior parte das chefes de família sem cônjuge, percepção reforçada a seguir:

São as mulheres negras a maior parte das chefes de família sem cônjuge. Segundo Santos (1997), em Salvador e na RM (Região Metropolitana) 82,3% das chefes de família são negras (pardas+ pretas), enquanto as brancas são apenas 17%. Entre os fatores que contribuíram para o fenômeno da chefia feminina, entre estes, é a convergência entre o gênero e raça no contexto baiano. (PACHECO et al., 2008, p.90)

Diante desse cenário, as mulheres negras se organizam entre si e constituem uma rede de apoio, que amplia as possibilidades de cuidado, crescimento e sobrevivência social. A Entrevistada G1 (26a, travesti, negra) retrata essa experiência:

Entrevistadora: Você citou que as mães que dormiam na fila como você enxerga esse cenário sócio afetivo dessas mulheres que moravam no seu bairro nesse período? Eram mães que não tinham outra pessoa acompanhando?

Entrevistada: Muito próximas, muito próximas, porque geralmente a gente chamava elas de tia né, por conta da relação que elas construíam umas com as outras e como geralmente a maioria delas eram do Lar né, ficavam em casa com a gente então elas meio que tinha mais tempo de poder confraternizar, celebrar, dialogar entre si do que os homens né. Geralmente os homens chegavam já à noite enfim naquele desenho clássico de família assim né. E aí chegava noite e as nossas mães tinham mais relação...mas essas mães que dormiam no geralmente na fila da escola a minha mãe não tinha muita relação porque na verdade eram Mães de várias ruas e de vários lugares diferentes, mas pelo que eu me recordo elas se comunicavam entre si para fazer essas coisas de burlar o sistema, conseguir vaga, conseguir farda e tentando resolver a vida da maneira que elas conseguiam. Então para mim eu nunca vi relações de competição entre elas Assim entre as mulheres pelo menos das quais eu tinha relação. Nunca havia relação de competição era muito de de solidariedade mesmo de uma ajudando a outra de uma dando suporte quando faltava comida. Eu sempre vi que minha mãe dava, o que a minha mãe ia buscar quando o gás acabava minha mãe ia cozinar na casa de uma delas, enfim essas múltiplos cuidados eu sempre vi que eram muito presentes na vida delas e nas nossas vidas.

Durante sua formação educacional, muitos são os enfrentamentos dessas mulheres negras que buscam doloridas formas de se preservarem nesses espaços, como aponta o relato da Entrevistada H1, em que ela destaca uma cirurgia plástica que fez para diminuir o nariz em um contexto de mulheres majoritariamente brancas:

E eu fazia coisas normais que a ditadura considerava subversiva. **Aí, olha aqui, eu tinha nariz bem grande, eu fiz uma cirurgia horrível em 1972 e eu fiquei com nariz diferente.** Aqui sou eu, minhas colegas, sou (inaudível) do Mateus da Branca. Só tinha três negras. Tinha a formatura de bacharelado. Aí no bacharelado eu vestia beca, fiz tudo porque eu não fiz na graduação. Eu recebi a colação de grau, eu e o diretor sozinha numa sala. E um agente da DOPS assistindo, aquele cretino. (H1, 83a, mulher cis, negra) **[Grifo nosso]**



**Figura 66 – Entrevistada H1 em uma rua
com colegas do curso de formação no Centro
Integrado Anísio Teixeira, Salvador (BA)**

Fonte: Arquivo da Família H, captada pela autora
da dissertação durante visita de campo na
metodologia álbuns de família, Salvador, 2023

Figura 67 – Entrevistada H1 em uma sala de aula com colegas do curso de formação no Centro Integrado Anísio Teixeira, Salvador (BA).



Fonte: Arquivo da Família H, captada pela autora da dissertação durante visita de campo na metodologia álbuns de família, Salvador, 2023

A Entrevistada G1 também apresenta relato que relaciona o desconforto no ambiente acadêmico com a presença de pessoas brancas:

Entrevistadora: Entendi e a qual sua relação com a universidade a partir do momento que você ingressou, desde as suas relações interpessoais até as suas relações com o espaço?

Entrevistada: Como foi minha relação.... Foi péssima, mas foi de.... conflito, indignação, ódio, despertamento. Eu não me sentia pertencendo àquele espaço porque a escola de teatro era na época né muito branca então só tinham alunos brancos e as cotas...

Entrevistadora: Isso foi em que ano?

Entrevistada: Desculpa, isso foi em 2015, Julho de 2015. E aí as cotas na elas ainda estavam Engatinhando né, que a UFBA se eu não me engano ela implementou entre 2012 e 2013 as cotas raciais e aí ainda tinham muitos poucos estudantes negros ingressando na universidade ainda não era como a gente tem hoje e aí a escola de teatro era muito branca e aí foi nos primeiros meses assim.... foi uma relação bem difícil porque como eu já tinha uma relação com o movimento negro né de conscientização quando eu entrei na faculdade eu falei assim “ Isso aqui tá tudo errado” e lá dentro eu me juntei com outros estudantes negros e a gente acabou criando mobilizações lá dentro também dentro da escola de teatro para poder, discutir e debater pautas raciais lá dentro né, enfim as questões clássicas de não ter autores negros de escola de teatro, não pautar artistas negros, não construir peças de teatro, não ter diretores, artistas, técnicos elencos que representassem a população de Salvador. Então fatos que eu coletivamente com outros colegas outros estudantes da época a gente construiu lá dentro então não foi um.... eu nunca tive o prazer de estar dentro de uma universidade que geralmente os brancos ou os jovens de hoje...o jovem de hoje também não que eu acho que eles nem tem esse prazer. Acho que a gente nunca teve esse prazer de estar dentro da Universidade mas isso que os brancos contam né, a universidade é muito linda o semestre e tal, nunca senti isso. Sempre foi um lugar de muito enfrentamento e de dar aquele respiro assim antes de sair de casa para chegar lá na escola de teatro. E com o espaço físico...não sei como é... deixa eu, deixa eu, deixa eu ver aqui eu vou...eu não sei, não consigo formular nada a respeito dos espaços físicos não. (G1, 26a, travesti, negra)

Para a personagem Kehinde, o acesso à educação foi transformador, mesmo quando adquirido de modo informal. Para as famílias negras de Salvador, a exemplo da Entrevistada a seguir, a educação é revestida de grande importância:

A minha tia era professora, as mães dos alunos diziam que ela era bem dedicada, tipo mãe mesmo, porque os meninos vinham com a bênção. As mães eram assim até hoje, graças a Deus. Tem vários relatos de pessoas que ficam assim “eu só comecei a estudar quando ela estava na escola”. Teve um que falou assim, “eu estou numa fábrica de gelo hoje, e só estou graças à sua tia, porque ela me ensinou matemática e eu não gostava de estudar, eu só ia para a escola por causa dela, porque ela era rígida”. E tem gente que realmente gosta de professores rígidos, que não maltratam, lógico, mas a forma de convencer que é necessário estudar. (D1, 49a, mulher cis, negra) **[Grifo nosso]**



Figura 68 – Tia das entrevistadas D1 e D2, na escola em que dava lecionava, na Cidade Nova

Fonte: Arquivo da Família D, captada pela autora
da dissertação durante visita de campo na
metodologia álbuns de família, Salvador, 2023

7





ENCRUZILHADAS

Neste capítulo, apontaremos possíveis diálogos entre os relatos das famílias na vivência em Salvador e as representações presentes e vivenciadas em *Um Defeito de Cor*. Buscamos traçar um paralelo entre a ficção historiográfica, que foi escrita por Ana Maria Gonçalves com base em relatos e registros de uma diversidade de mulheres negras do século XIX, e nossos encontros e registros com as mulheres negras participantes da pesquisa.

7.1 São Salvador

Em *Um Defeito de Cor*, os deslocamentos de Kehinde nas ruas de São Salvador (primeiro nome da cidade de Salvador) demonstram destreza com o território, que não é seu de origem, e a construção de relações sociais que são mediadas pelo sistema de dominação imposto na época e pelos desejos, existente, da protagonista.

Mesmo se deslocando entre territórios e até mesmo países e continentes diferentes Kehinde consegue carregar consigo a sua identidade, reconhecendo e explorando os locais com sua curiosidade permite que a pessoa que está lendo possa acessar um imaginário rico de detalhes e sensações. Ao observar a vivência de Kehinde na Salvador do século XIX, enquanto mulher negra, e os relatos das mulheres negras entrevistadas compreendemos também que a identidade e o tratamento do urbanismo sobre os corpos de seus cidadãos e cidadãs também se estende à variável do tempo.

A vida nas periferias urbanas brasileiras geralmente é desprovida de aparelhos de cultura e lazer. Vemos tal situação também no depoimento da Entrevistada L1, quando apresenta a Figura 69, na qual estão três crianças – dois irmãos da entrevistada e um vizinho — em um dos passeios mais recorrentes para as crianças da família, segundo a Entrevistada L1, ir ao Shopping Piedade (localizado no bairro Piedade): “São meus dois irmãos e meu vizinho. Olha onde eles estão, no Shopping da Piedade, a vizinha trouxe (...).”



Figura 69 – Foto do álbum da Família L, na qual a entrevistada L1 destaca os espaços de shopping como ‘a lógica da periferia’ diante da ausência de espaços de lazer e cultura nos bairros periféricos

Fonte: Arquivo da Família L, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023

Prossegue a Entrevistada L1 sobre os passeios na infância, citando a Figura 70:

A gente ia à praia, mas era todo um empreendimento, **muito complexo, né?** **Levar um monte de filho à praia.** Tem uma foto minha e de minha irmã, as duas de maiozinho azul. Aqui é no Ensino Médio, na escola em São Caetano, Luís Pinto de Carvalho. Aqui é a formatura do Ensino Médio. Foi na escola, e depois a gente foi nessa farrinha no Shopping, que é a lógica de periferia (Entrevistada L1, 44 anos, mulher cis, negra) [grifo nosso]

Figura 70 – Entrevistada L1 e irmã em passeio na praia.



Fonte: Arquivo da Família L, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023

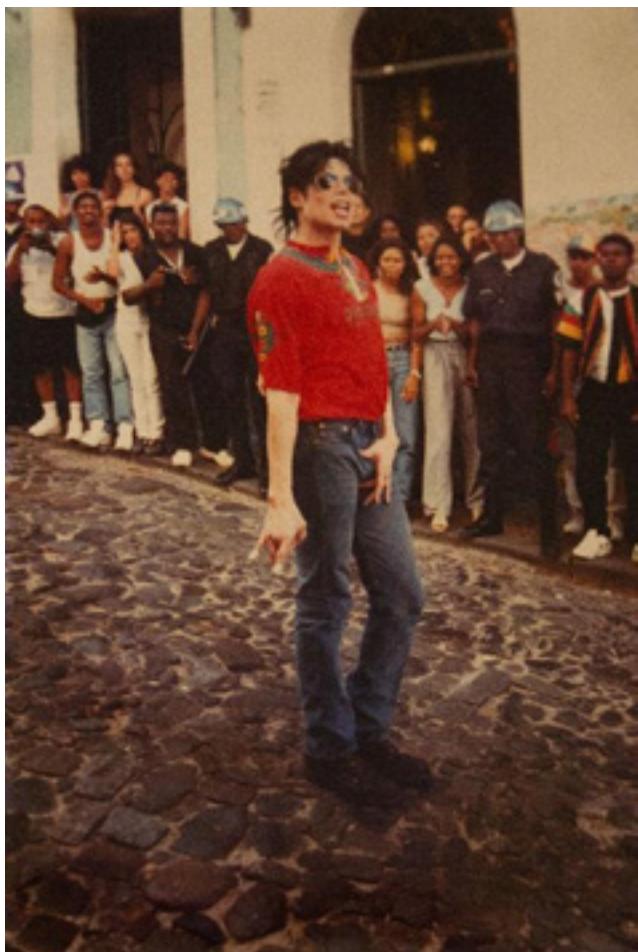
As famílias negras periferizadas, diante das situações de violência cotidianas, precisam ‘aprender’ um código, como relata a Entrevistada L1 quando questionada se viveu um tempo tranquilo durante a infância na periferia de Salvador:

Eu não vivi o tempo de não ser tranquilo isso. Porque existia todo um código, inclusive com os meninos envolvidos com a criminalidade na época, que não representava nenhum risco para o morador. Nunca fui assaltada na Fazenda Grande. A primeira vez que eu fui assaltada, na vida, foi no centro da cidade [Salvador]. (Entrevistada L1, 44 anos, mulher cis, negra)

E essa relação centro-periferia manifesta-se em outros momentos de lazer, como foi na ocasião em que o cantor internacional Michael Jackson esteve em Salvador. A Entrevistada L1 ganhou uma foto da visita, feita por outra pessoa — Figura 71 — e que agora faz parte do álbum da família L. Recorda a Entrevistada L1 sobre a relação com o Centro Histórico de Salvador, que, embora ficasse a aproximadamente 9km de sua residência à época, só se torna acessível para a Entrevistada L1 após o ingresso na Universidade:

Eu lembro a **primeira vez que eu vim no Pelourinho** e achei a coisa mais espetacular do mundo, talvez eu tivesse uns dezesseis anos, dezessete. Na periferia, a periferia é o seu mundo. Aquele bairro é sua rede de sociabilidade, a gente marca na sorveteria do bairro, a gente vai ao bar do bairro. A gente marca as coisas por ali, que é mais seguro, que é mais barato. Na verdade, a cidade se abre para mim com a universidade. (Entrevistada L1, 44 anos, mulher cis, negra) **[grifo nosso]**

Figura 71 – Foto do álbum da Família L, na qual a entrevistada L1 associa a foto do cantor Michael Jackson com a relação com o Centro Histórico de Salvador.



Fonte: Arquivo da Família L, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

Em *Um Defeito de Cor*, Kehinde descreve as subidas e descidas das ladeiras, as caminhadas longas para trabalhar no comércio de rua. Dificuldades de mobilidade urbana que também encontramos no relato das famílias entrevistadas na pesquisa de campo em Salvador. A Entrevistada L1 recorda as dificuldades de locomoção que convivia à época da Universidade:

[Eu me movimentava] de ônibus. Ave maria, um ônibus superlotado. **Só tinha aquele, porque quando você mora na periferia você tem que ficar ligado no horário.** Às vezes, se você tivesse uma graninha a mais, podia pegar outro ônibus, que ia pra outro lugar, e de lá pegar outro valor. Mas neste horário, tinha que ser aquele ônibus, era impraticável, tinha que pegar no horário certo, se não, não conseguia chegar na escola a tempo. Rapaz, nessa época, qualquer deslocamento era uma hora, uma hora e meia. Quando eu fiz concurso pra fora foi pensando em me ver livre dessa tortura, dessa relação com a cidade, dos engarrafamentos e viver num lugar onde eu não precisasse ficar pegando tanto ônibus. (Entrevistada L1, 44 anos, mulher cis, negra) [grifo nosso]

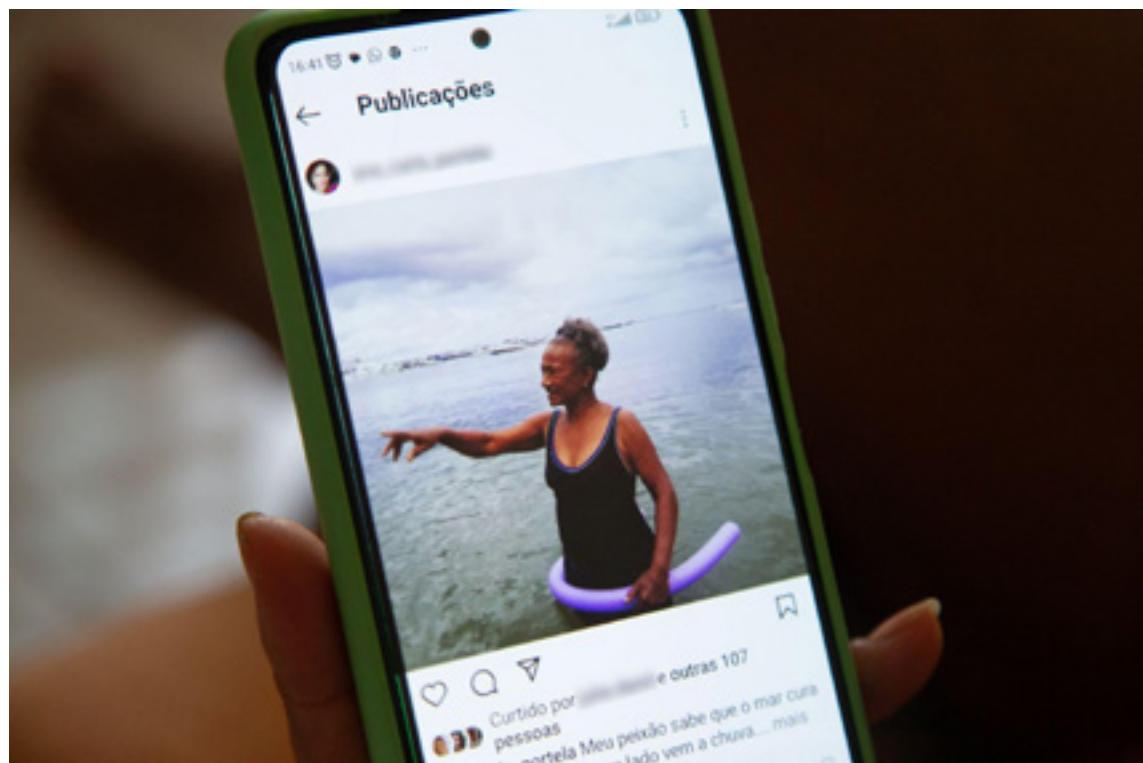
Mobilidade, renda e acesso a bens culturais estão interrelacionados, como também traz o depoimento da Entrevistada L1, associando as melhores condições socioeconômicas à ampliação de situações de lazer e cultura (Figura 72) para a Família L1:

Depois, você começa a ter grana pra se deslocar, né? E aí a cidade ganha uma outra dimensão, e hoje eu posso vivenciar opções culturais e minha relação com a cidade é aproveitar o máximo que ela pode oferecer. E mesmo com todo o grau de violência que a gente tem, como Salvador é uma cidade muito desigual e apartada, é diferente essa lógica de violência, não tá afetando todo mundo do mesmo jeito. Esse toque de recolher, que a periferia sempre vive, seja por razões diferentes, mas a gente também vivia um toque de recolher, por ausência absoluta de oportunidades. Os meninos que tão lá hoje talvez tenham alguma coisinha que a gente não tinha naquela época, mas eles tão vivenciando outros ciclos de toque de recolher, é sempre isso, confinando a gente naqueles espaços. (Entrevistada L1, 44 anos, mulher cis, negra) [grifo nosso]

A temática da mobilidade eclodiu em várias outras entrevistas, como da Entrevistada K1, 28 anos, mulher cis, negra: “Minha mãe me dava o transporte de ir e vir e um lanche. Se de lá eu pegasse outro caminho, eu tinha que ir andando. Se eu gastei o dinheiro do transporte, eu ia voltar andando de casa”. Consequentemente, as dificuldades de mobilidade afetam de modo particular algumas gerações, como crianças e idosos, como prossegue relatando a Entrevistada K1 quanto ao fato de idosos terem que mudar de bairro por questões de mobilidade urbana:

E no Nordeste [de Amaralina], por causa desse medo, mesmo lá em Salvador. Eu fui no Nordeste de Amaralina, fui comprando frutas e verduras, não sei o quê, vi uma comunidade em paz. Eu vi pessoas fazendo sua feira de domingo, aquilo ali é cultural do Nordeste. Um monte de lona no chão, com muitas frutas, de uma rua inteirinha, assim como a minha. As pessoas comprando e vivendo todo mundo bem, com vários projetos dentro da comunidade. Tem os bar, não sei o quê. Todo lugar tem. Mas a Amaralina tem. E engraçado, no Nordeste, um amigo chegou a me dizer assim “Ah, meus pais moravam lá. Meus pais moravam lá. No Nordeste. Mas o Uber não ia buscar”. (Entrevistada K1, 28 anos, mulher cis, negra) [grifo nosso]

Figura 72 – Foto digital do álbum da Família L, na qual a Entrevistada L1 apresenta imagem da mãe dela em momento de lazer em praia de Salvador (BA)



Fonte: Arquivo da Família L, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

Nos percursos de Kehinde, em *Um Defeito de Cor*, a personagem conquista vários feitos ao ingressar e se relacionar com membras e membros de associações, formadas predominantemente por pessoas negras africanas, que se organizavam para comprar a alforria de seus participantes, além de outros suportes importantes como oferta de esconderijo, alimentação e demais cuidados que as pessoas negras, escravizadas ou libertas, eram privadas.

Nos depoimentos, colhemos outras entrevistas que falaram do valor da vida em comunidade como um modo de apoio mútuo entre vizinhos (Figura 73). Quando perguntada sobre o relacionamento e convívio com a vizinhança, a Entrevistada C1 respondeu:

Hoje mesmo eu fiz almoço pras duas aqui da frente. É boa a relação. Tá com esposo no hospital, então tá só ela e a filha, né? Aí ela não tava com vontade de comer nada, aí hoje eu fiz o almoço e levei pra ela. **E ela faz a mesma coisa, se eu precisar ela faz também.** É, quando meu marido mesmo estava doente, a vizinha estava aqui, todo dia mandava suco natural pra ele. Todo dia ela fazia sopa. Porque aqui todo mundo pegou esse vírus, aí ela fazia sopa, tudo e trazia pra gente. Não tem nenhum problema, não tem nenhum problema, não tem nenhum problema. (Entrevistada C1, 35 anos, mulher cis, negra) [grifo nosso]

Figura 73 – Familiar da Entrevistada C1 em frente à casa da família em Brotas.



Fonte: Arquivo da Família C, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

E, apesar de Brotas ser um bairro com altos índices de violência, é em Brotas que a Entrevistada C1 sente maior pertencimento quando questionada sobre em que local se sente mais segura:

Em Brotas, apesar de ser um lugar que tem assalto com frequência, mas eu estou dentro do meu bairro. Se aconteceu alguma situação, eu sei que pode correr. E fora não, entendeu? Agora tirando Brotas, eu também gosto muito do Rio Vermelho. Me sentia bem segura lá, há uns 5, 6 anos, quando andava lá de madrugada, saía dos bares, das boates. Depois veio Cecília, e a pandemia. E o pai não é presente na criação. Eu engravidei, ele é um amigo meu, ele optou por não ser presente, paga pensão e tudo. Não sei se por causa da pandemia, por ter passado tanto tempo presa, ela tem dois anos, às vezes levo ela ao shopping e ela extravasa demais. Eu não aguento não, eu pego meu carro e venho de ré. Eu vou evitar ficar levando Cecília no shopping porque eu não gostei da... Não gosto da... Ela... né mainha? Oi? No shopping, Cecília parece que é outra pessoa, né? (...) Eu me sinto segura dentro da minha casa. Depois, aqui no Bairro de Brotas. (Entrevistada C1, 35 anos, mulher cis, negra) [grifo nosso]

Um primeiro tipo de violência que ouvimos no relato das mulheres entrevistadas quanto à sua corporeidade na cidade foi a de o corpo das mulheres negras ser tratado como posse de outrem. E esse aspecto tem um diálogo histórico com a personagem Kehinde de *Um Defeito de Cor*, pois fora ‘vendida’ como escrava. Voltando à pesquisa de campo, destacamos o depoimento das Entrevistadas B1 e B3, da Família B:

Entrevistada 2: E minha ex-sogra... E aí chegamos lá, depois eu teuento essa parte. Mas aí chegamos lá, de repente chegou uma mulher branca, assim, com a parede de turista, com a câmera e tal, e aí tipo, “Oi! É que eu tô fazendo um trabalho da escola do meu filho... Posso te fotografar?”, e olhando assim pra gente como se fosse algo exótico, entendeu? E isso, falando pra minha ex-sogra, pra Dona Lia. E aí Dona Lia ficou super desconfortável, visivelmente desconfortável. E ela falou “Não, Gisele”, meio que tipo, como código. Aí eu falei “Oi, querida, tudo bem? O que tá acontecendo? Não, a gente não tem interesse de foto... Não, não, obrigada, a gente não tem interesse não. A gente não quer nossa imagem sendo exposta”. Aí ela “Ah tá, tudo bem”. Mas assim, aparentemente, ela era uma fotógrafa pelo equipamento, pelas lentes, mesmo se fosse uma fotógrafa amadora. Mas, “Eu estou fazendo trabalho da escola do meu filho”? Por que você não fala “Eu sou fotógrafa e gostaria de fotografar”, sabe? Aí a gente tem que ter muito cuidado com isso. Aconteceu também na Boa Morte, ai minha amiga... Aconteceu uma situação horrível que foi: ela parou lá em Cachoeira, né? Parou na frente de uma casa e falou “Amiga, tira uma foto aqui pra mim?”, e eu fui tirar. Quando eu fui tirar, apareceram três fotógrafos correndo, correndo assim, tipo...

Entrevistada 2: Sabe, porque ela tava pousando e tal, e aí, e aquilo ali...

Entrevistadora 1: E é uma pessoa se sentindo dona do seu corpo, né, da sua imagem...

(...)

Entrevistada 2: **Nossa, e isso é muito sem noção. É violência, sabe? O que a gente passa.** E eu fico muito chateada de ter que passar esse tipo de coisa em espaço público, porque o nosso corpo o tempo todo é negado nesse espaço, né? E aí a gente tem que ficar... é desgastante. E são espaços que são nossos, assim, aí em Salvador. Eu gosto muito de beber, então eu saio às vezes e vou pra bar e passo diversas situações em bares. Na rua mesmo, essa vida de ser uma mulher preta, em Salvador, na rua, é trancos e barrancos. (Entrevistada B1, 31a, mulher cis, negra e Entrevistada B3, 35a, mulher cis, negra) [grifo nosso]

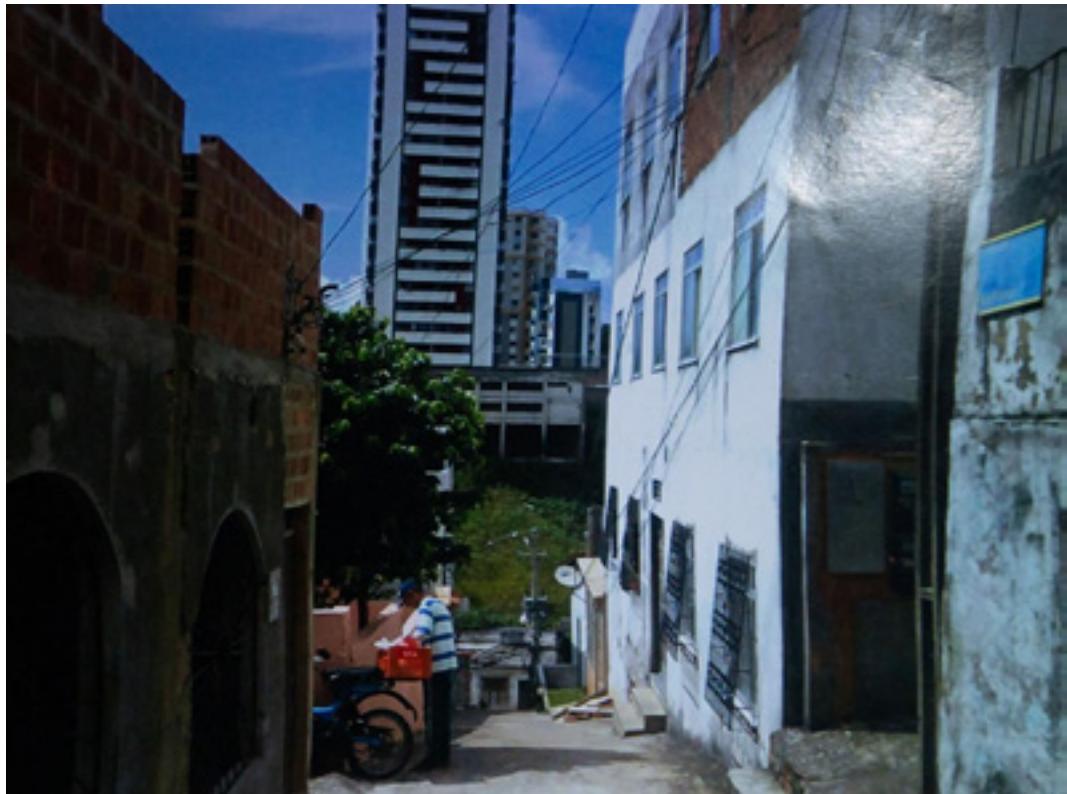
As situações de violência vivenciadas pelas famílias negras em situação de periferização histórica são registradas em diversos mapas de violência urbana. Tais situações também são registradas em *Um Defeito de Cor* e são presentes no relato das famílias negras entrevistadas no nosso processo de coleta dos álbuns de família. Nesse sentido, a Entrevistada K2, 28 anos, mulher cis, negra, relata:

Olha aqui essa foto, com meus vizinhos. Isso aqui foi na minha casa lá em Itapoã. Essa daqui foi um dos meus primeiros traumas lá na rua, porque ela foi assassinada junto com o namorado. Foi o primeiro crime, assim, brutal com essa lógica de crime, que disseram que ele fazia X9 pra polícia, aí exterminaram ele e ela tava junto. A família dela toda, esses meninos todos aqui mudaram pra São Paulo. Só ficou ela aqui, ficou na casa da mãe, naquela casa que eu mostrei em Fazenda Grande. **Os irmãos todos foram pra São Paulo e a tia também, a partir do trauma do assassinato** da menina. (Entrevistada K2, 28 anos, mulher cis, negra) [grifo nosso]

Entre o território e o pertencimento interpõe-se a fragilidade da questão da segurança nos bairros das famílias negras entrevistadas, como vemos no depoimento da Entrevistada C1 (35a, mulher cis, negra) quando perguntada até que horas fica aberto o comércio na região em que moram (vide Figura 74):

Até seis horas, no máximo. Farmácia vai até dez [horas], o mercado fecha às oito. Mas as lojas até cinco, seis horas. **Aí fechou muito cedo, fica o risco de assalto.** É uma rua bem calma, entendeu? Não tem muito movimento. As pessoas mais antigas têm carro, não tem muito pedestre. (Entrevistada C1, 35a, mulher cis, negra) [grifo nosso]

Figura 74 – Foto do álbum da Família C na qual está registrada a rua de moradia da família



Fonte: Arquivo da Família C, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

A violência urbana surge registrada no depoimento das famílias entrevistadas em amplo contexto de desamparo, quando perguntamos se temiam a violência urbana ou da violência policial, a Entrevistada C1 respondeu “Eu tenho medo dos dois, para lhe falar a verdade. Eu falava assim, não namorem nem com bandido, nem com policial [risos].”

O receio em relação à violência urbana está presente nos relatos de todas as famílias entrevistadas e nos dados de pesquisas realizadas sobre o tema, conforme já foi apresentado pela Figura 55 em que é possível observar o estado da Bahia como um dos que mais sofre morte por homicídio do país.

E o folhear dos álbuns das famílias negras visitadas guardam fotos de familiares ou de vizinhos e amigos que foram vítimas fatais da violência urbana, como na situação descrita pela Entrevistada F1 (62a, mulher cis, negra), ao apontar a foto (Figura 75) relembra: **É, a criançada da rua toda vinha. Eu fazia bolo, viu? Esse aqui caiu na criminalidade e foi assassinado**” (grifo nosso).

Figura 75 – Registro de festa da Família F, dentre as crianças da foto, a Entrevistada F1 destaca que uma se envolveu com a criminalidade e foi assassinada



Fonte: Arquivo da Família F, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

A perspectiva de insegurança emerge em outros depoimentos das entrevistadas, como da Entrevistada J1, quando perguntada em que local se sentia segura:

[Em] Salvador? Lugar nenhum, né? Só dentro de casa. Dentro de casa, dentro de shopping. Não me sinto segura em lugar nenhum aqui, sinceramente, do jeito que estão as coisas. Provavelmente nos bairros mais ricos, né, acontece menos coisas, tipo Pituba. Talvez um pouquinho menos. (Entrevistada J1, 39 anos, mulher cis, negra) [grifo nosso]

A mesma entrevistada que relata a casa como o único local em que se sente segura, a Entrevistada J1, declara:

Eu acho que é o melhor. Gente... Deixa eu pensar aqui. Como eu vou de carro, não sei. Se fosse de ônibus, talvez. Ah, pronto, o centro da cidade. Tem muitos assaltos. Eu não vejo nada de tiroteio, não, essas coisas. Onde eu frequento eu nunca peguei tiroteio, graças a Deus. **Mas no centro da cidade tem muito assalto. Eu não me sinto muito segura lá também.** Eu não vou nem com celular. Eu guardo em casa. Eu venho de carro, aí eu dou carona a alguns colegas e uma colega me ensinou uma vez um caminho pra eu poder não pegar engarrafamento. Eu prefiro pegar engarrafamento. Você vai passando por lugares que... você entra num beco, sai num beco? (Entrevistada J1, 39 anos, mulher cis, negra) **[grifo nosso]**

E a violência urbana, como evidenciado nas entrevistas com as famílias negras a partir da metodologia de Álbum de Família, é um fator redutor do território e da sensação de pertencimento para as mulheres negras de Salvador:

Entrevistada 1: Normalmente eu **procuro evitar passar em lugar que eu não conheço**. Alguns bairros são mais complicados do que onde eu que moro. Então eu tenho medo de bairros desconhecidos

Entrevistada 2: É, **bairro que a gente não conhece ninguém, é que a gente não sabe andar.**

Entrevistada 1: **É porque o olhar de outras pessoas, às vezes a gente identifica de outra forma. Muitas vezes pessoas têm intenções que não são inocentes. Então a gente procura evitar. Só em extrema necessidade.** Mas geralmente eu vou em bairro comercial, a Praça da Sé. Eu trabalho, eu ando muito de metrô, vou de ônibus direto, se não tem um ônibus que é direto, geralmente eu pego um Uber. Mas agora tem a facilidade do metrô, pode ir pra um aeroporto, pode ir pra vários lugares em tempo. (Entrevistadas D1 – 49 anos, mulher cis, negra – e D2 – 52a, mulher cis, negra) **[grifo nosso]**

Os processos de transformação urbana, revelam os relatos das famílias negras entrevistadas (Figura 76), mantendo, ainda, um propósito de tentar manter algum convívio de apoio entre as vizinhanças:

Entrevistada 2: O nome era Cidade Palha, em 70 não, antes de 70. Aqui era assim, a gente brincava muito, era bem silencioso. **A rua não era asfaltada, o asfalto só ia até mais ou menos a porta da minha casa.** Depois da porta da minha casa, lá para baixo, era paralelepípedo e a parte reta lá era toda barro, e a outra ladeira que tem lá no final da parte reta da rua era mato. Então era bem difícil descer por ali, mas tinha moradores. Moravam menos pessoas, eram só os moradores mais antigos. **Na rua não passava carro, só tinha carro dos moradores.** Eram poucos moradores aqui que tinham carro, era minha mãe, seu Eurico, lá embaixo e Seu José, aqui na frente.

Entrevistada 1: **Era um bairro também familiar, né? Porque todo mundo acolhe uns aos outros, né? E até hoje as pessoas que são mais antigas, que era daquela época, são as pessoas aqui da frente. A gente tem assim um cuidado um com os outros, a gente procura saber, acolher.** E a gente brincou muito na rua. Eu não tinha medo de fazer nada, as portas dormiam aberta, não tinha violência. Tanto é que a geração do meu filho já pegou essa outra situação, eles não vivem na rua, devido à violência, a gente sente muita diferença e sente muita falta, desse aconchego dos vizinhos, né? Entrevistada D1, 49 anos, mulher cis, negra e Entrevistada D2 52a, mulher cis, negra) **[grifos nossos]**

Figura 76 – As primas Entrevistadas D1 e D2 em foto durante a infância.



Fonte: Arquivo da Família D, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

A vida cotidiana da infância nas famílias negras entrevistadas também sofre consequências diretas da violência urbana, como relata a Entrevistada J1:

Não deixo [meus netos] brincarem na rua, mas eu já deixei minhas meninas brincarem muito aqui. Pegava o velotrol, botava as perninhas pra cima e êêêêê. Não, não. **De uns dez anos pra cá, nunca mais eu vi um menino jogar bola aqui.** É, a arraia, tinha muita arraia. O menino ficava no meio da rua, empinando a arraia. Os carros vieram, os carros pegaram, né? (Entrevistada J1, 39 anos, mulher cis, negra) **[grifo nosso]**

Prosegue a Entrevistada J1 ao recordar épocas anteriores, quando havia um cenário (Figura 77) mais tranquilo para as crianças nas áreas urbanas:

Ah, sim. Aqui era super tranquilo. Aqui... Não é que aqui aconteça muita coisa, não. Mas hoje em dia ninguém mais fica até tarde. **Antigamente a gente ficava aqui brincando, jogando dominó, os meninos jogavam, brincavam no skate.** Oxi, eu ficava aqui até uma, duas da manhã. Sem problema. Mas hoje em dia eu não tenho essa coragem toda. Ou de deixar as crianças também, né? De jeito nenhum. Antigamente a gente ficava aqui brincando, era cheio de adolescente aqui, aí a gente conversava, brincava, jogava, assistia televisão, tinha novela e voltava. Era muito legal. (Entrevistada J1, 39 anos, mulher cis, negra) **[grifo nosso]**

Figura 77 – Foto de criança da Família J em passeio em área urbana de Salvador (BA)



Fonte: Arquivo da Família J, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

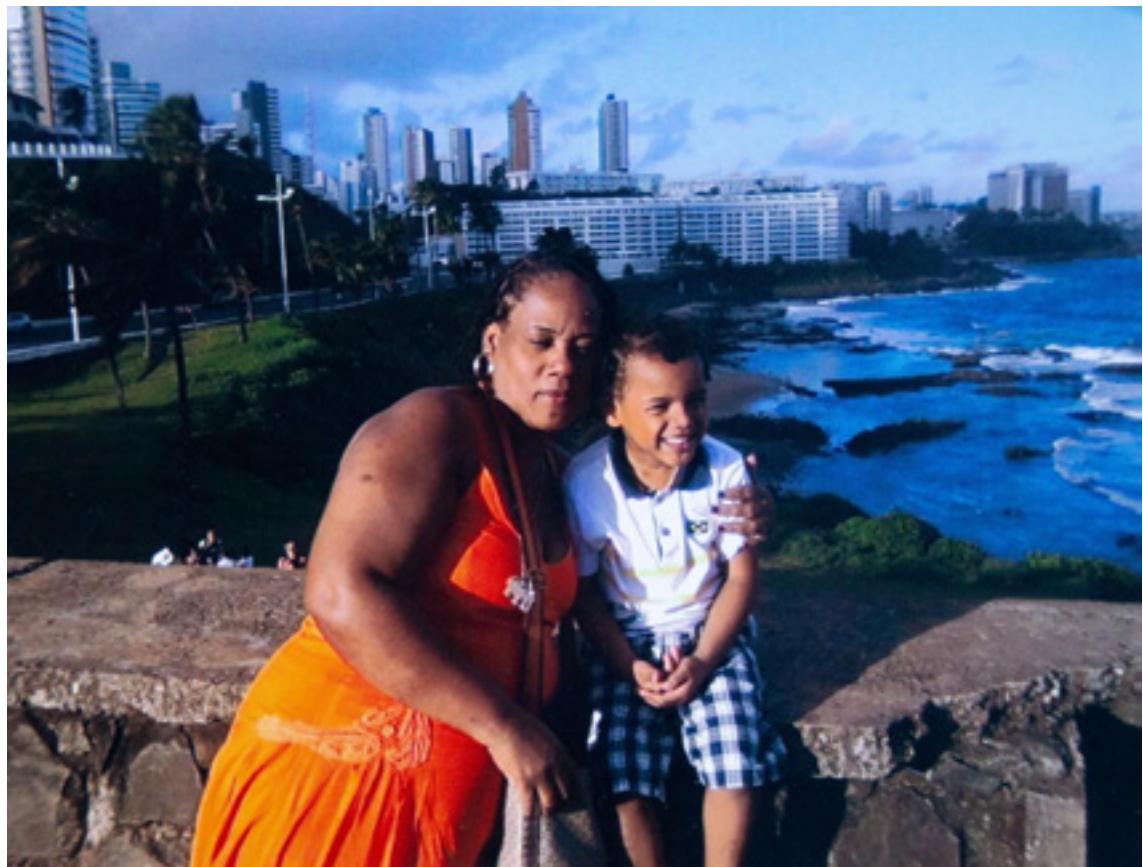
A Entrevistada I1 traz um depoimento que também aciona as vivências da personagem Kehinde, nas várias passagens em *Um Defeito de Cor* em que anda a pé pela cidade de Salvador. A Entrevistada I1 traz uma leitura que associa o poder trafegar a pé na cidade como um sinalizador de ambiente urbano seguro para o cidadão:

Rapaz, eu não suporto aqueles lugares que tem... Muro de um lado, muro do outro, não tem comércio, não tem nada, não tem gente na rua. Pra mim, isso é o seu pior lugar. Não específico bairro. Mas lugares em que você tem assim, muro, muro, muro, muro, altíssimo. É claustrofóbico. Eu gosto de lugar assim, com a dinâmica de gente, de vida rolando, acontecendo... Comércio, feira, gente passando pra mim isso dá uma sensação de segurança. Eu me sinto mais a vontade de sair ali, vou ali comprar um negócio, vou voltar. Eu já morei em Pituaçu. E Pituaçu era isso, eu não podia ir ali pra rua porque tava tudo fechado, tudo escuro, cheia de muro. Não tinha gente na rua, **então lugar que não tem gente circulando na rua já é perigoso entendeu?** Lugar que só se anda de carro, né? Lugares que não dá pra você andar a pé, pra mim, não é um lugar seguro (Entrevistada. I1, 32 anos, mulher cis, negra) [grifo nosso]

Quando perguntadas sobre território e pertencimento em setores da cidade que não os bairros de moradia, por exemplo, no ponto turístico da área de praias na Barra (Figura 78), a Entrevistada C1 pondera:

Assim, sinto que é meu, porém, não me sinto tão confortável. Parece que tem coisas mais proporcionadas aos turistas, por exemplo, quando eu entro num bar. É um espaço, até valor, tudo, só mais pra chamar mesmo turista. É o espaço do turista. É meu, mas é o espaço do turista. Eu me sinto uma turista na barra. Quer dizer, nem utilizei a palavra certa. **Eu me sinto uma estranha no meio da minha casa. Entendeu? Como se eu não pertencesse ali.** Na Ribeira, não, eu me sinto mais em casa realmente, mas na Barra realmente é um ambiente mais para turista, entendeu? Uma parte do Rio Vermelho também é assim, uns pontos mais pra turista, tipo assim, a Praça lá no Vidinha, mas os bares não. Tem alguma parte também em Itapoã, a praia e a Barraca de Cira [são mais turísticos]. (Entrevistada C1, 35 anos, mulher cis, negra) [grifo nosso]

Figura 78 – Entrevistada C1 e familiar em ponto turístico da Barra, Salvador (BA).



Fonte: Arquivo da Família C, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

Ainda partindo da perspectiva do pertencimento, a Entrevistada B1 mostra e comenta uma foto em que está na praia, destacando o processo de expulsão do povo negro de seus meios de sobrevivência e o contínuo retomar da população negra em construir sua sobrevivência econômica, historicidade que dialoga com as iniciativas econômicas de Kehinde em *Um Defeito de Cor*. Relata as Entrevistada B1 e B2 ao apresentar a Figura 79:

Entrevistada 1: Aqui ó, também é praia. Deve ter sido no mesmo dia... Não, não é no mesmo dia, que foi na Barra. Aqui é Adriana, não é?

Entrevistada 2: E aqui tem um registro interessante de falar que é. sobre as barracas de praia de Salvador. Antigamente tinha essa configuração de oca, né? Com palha e tal. Você vê aqui ó, essa cobertura aqui.

Entrevistadora: Ah, é verdade.

Entrevistada 2: E aí depois a gente teve, né... Desapropriou, tirou todos os baraqueiros e reformulou tudo. Teve um processo difícil de expulsar mesmo essas pessoas, né, os baraqueiros da praia e tal. E aí hoje em dia são estruturas de vidro, com restaurantes que se apropriaram do espaço e tal, mas a galera local que vivia ali e tal, foi expulsa.

Figura 79 – Entrevistada B1, na idade de criança, passeio na praia em Salvador (BA)



Fonte: Arquivo da Família B, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

Os festejos de carnaval aparecem em relatos de várias famílias entrevistadas durante a visita de campo, relatos instados pelas fotos de recordação de carnaval, como a foto do carnaval (Figura 80) dos pais da Família B.

Figura 80 – Familiares da Família B em trajes de carnaval.



Fonte: Arquivo da Família B, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

Em várias das famílias negras entrevistadas, as festas populares, em especial o carnaval, é uma presença nos álbuns de família inclusive com a participação de crianças nos bailes infantis, como na Figura 81 da Família D e na Figura 82 com a participação de duas mulheres da Família D:

Meu pai saía em bloco e a gente ia ver. **No Ilê Ayê**, eu, minha mãe e minha irmã. Nós saímos no bloco normal, de trio. Saía também no [Filhos de] **Gandhi**. Eu até conheci meu esposo num bloco. Essas fotos todas existem, acho que ela deve ter. (Entrevistada D1, 49 anos, mulher cis, negra) **[grifo nosso]**

Figura 81 – As primas Entrevistada D1, 49a, mulher cis, negra, e Entrevistada D2, 52a, mulher cis, negra, durante festejos de carnaval na infância



Fonte: Arquivo da Família D, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

Figura 82 – Duas mulheres da Família D participando do tradicional Bloco Afoxé Filhos de Gandhi.



Fonte: Arquivo da Família D, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

E nos álbuns das famílias negras entrevistadas nos apresentaram também fotos de festas populares com fundamentos religiosos, como no álbum da Família D em festa religiosa popular, a Festa de Iemanjá, que acontece todos os anos no dia 2 de fevereiro (vide Figura 83).

Figura 83 – Entrevistada D2 em festa de Iemanjá.



Fonte: Arquivo da Família D, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

7.2 Mãe-negra

A ancestralidade, uma presença temática intensa em *Um Defeito de Cor*, manifesta-se também como registro e memória nos álbuns das famílias negras entrevistadas em nossas visitas de campo em Salvador, conforme documentado na foto da bisavó da família J (vide Figura 84) e da Família D (Figura 85), que também tem um raro registro de sua trisavó (vide Figura 86).

Figura 84 – Bisavó da Família J.



Fonte: Arquivo da Família J, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

Figura 85 – Bisavó da Família D.



Fonte: Arquivo da Família D, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

Figura 86 – Trisavó da Família D.



Fonte: Arquivo da Família D, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

Assim como em *Um Defeito de Cor*, em que o território guarda lembranças dos antepassados, as famílias entrevistadas em nossa pesquisa relatam, em várias ocasiões, uma relação direta entre território e ancestralidade por habitarem, ou terem habitado por longo período, o mesmo território que habitavam seus antepassados, avós e bisavós. Este é o caso da Entrevistada I1 que, ao descrever a Figura 87, que a retrata quando criança, aciona o local no qual morava seu avô:

Aqui é só para você entender um pouco aqui é a Perina, a Vasco da Gama, pronto, aí entra aqui a Muriçoca, o Centro Social que eu te falei é aqui, esse espaço mais aberto que tinha atividades de ginástica. Aqui tá até ainda escrito casa, mas minha casa era aqui assim, realmente a rua que eu tô te falando é essa aqui. Então é super adensado, como você pode ver. Aí aqui é a escada, desce aqui, e vem pra cá. A casa de meu pai é subindo, aí aqui é a casa do meu pai, tá vendo?

A casa da minha avó, meu pai. E aqui é só mais um pouquinho, só mais um pouquinho, aí chega na principal que é onde tem a TV, onde tem as TVs, Derby... TV Ratul e aqui é o final de linha onde tem aquelas fotos lá de índio e não sei o que, aqui em cima a faculdade de arquitetura aqui, aqui é o Parque Sombra, a Record, que eu te falei que era uma referência que é uma ladeira aqui, tudo é uma ladeira, subiu a ladeira é UFBA, tá vendo? Eu chegava aqui, então bem pertinho, como você pode ver, bem perto mesmo. (Entrevistada I1, 32 anos, mulher cis, negra) [grifo nosso]

Figura 87 – Registro geracional da Família I: a Entrevistada I1, na foto ela ainda criança, apresenta, ao fundo, território no qual morou o avô e o pai dela.



Fonte: Arquivo da Família I, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

A maternidade negra é uma temática transversal em *Um Defeito de Cor*. E nas entrevistas com as famílias negras, especialmente no que diz respeito à sobrecarga das mulheres negras, o tema também eclode. O relato da Entrevistada K1 (28 anos, mulher cis, negra), registra a rotina de trabalho que pouco dava margem para a presença da mãe nos cuidados com os filhos, nem mesmo um tempo de lazer disponível para usufruir com os filhos:

Mas aqui em Itapuã que a gente está, tipo, da minha casa talvez seja 10 minutos da praia. A gente só ia quando essa minha irmã mais velha levava. Ela teve muita essa coisa assim da adolescência dela, da juventude dela. Teve que ser muito bom para a gente. Ofertar algumas coisas. O que eu levava para praia a minha mãe estava sempre trabalhando. **Eu não sabia a hora que minha mãe chegava. Eu não sabia no fácil de que hora ela saía. Eu digo a minha mãe eu cheguei um tempo que eu chamava minha irmã de mãe.** Achar que minha mãe era minha irmã. (Entrevistada K1, 28 anos, mulher cis, negra) [grifo nosso]

Após o retorno de Kehinde ao continente africano, a busca pelas raízes e pelo filho desaparecido se tornam centrais em *Um Defeito de Cor*. Esse diálogo com a ancestralidade africana também surge nos depoimentos coletados nas entrevistas, como o da Entrevistada K1:

Meu irmão separou da mãe dele e a gente criou ele. Aí eu peguei ele no processo de separação. Eu entendi que a mãe dele ficou mal de saúde mental. E meu irmão queria fazer o papel de homem da vida. Cuidou da vida dele. Eu falei, não, vamos segurar onda com o Lucas. E aí a gente colocou ele em uma creche. Esse meu irmão mais novo. Colocamos ele em uma creche. E aí eu sei que a escola chamou a gente para ir na creche. O psicopedagogo. A creche era top. **A creche afrocentrada.** A gente começou a botar ideias que a gente queria. Para filho nele. Para criação de filho. Vamos botar o Lucas em uma **creche afrocentrada. Que fale sobre a África o ano todo.** Não sei o que. Eu estudava história. (Entrevistada K1, 28 anos, mulher cis, negra) **[grifo nosso]**

CAMINHOS

8



Em *Um Defeito de Cor*, Kehinde/Luisa Mahin é um mito fundador para o propósito das pessoas negras brasileira em sua autonomia e consciência histórica, como apontam diversos estudos, como o de Gonçalves (2010). É, portanto, um mito fundador que inspira os fundamentos da população negra em torno do movimento social.

No livro, Kehinde descreve uma das formas de organização para o movimento que resultou na Revolta dos Malês:

O Fatumbi contou que alguns muçurumins frequentavam essas confrarias procurando pessoas que quisessem fazer parte da rebelião, e perguntei a ele sobre os mulatos, os que tinham ajudado nas rebeliões dos militares e dos federalistas. Ele disse que era o povo que mais desprezava, pois renegava os pretos, e que, se dependesse só dele, Fatumbi, os mulatos seriam os mais castigados depois da rebelião vitoriosa, servindo de escravos para os pretos. Quando perguntei o que mais imaginava, ele não quis contar, muito menos o que estava sendo planejado direito, que ele disse não saber, mas que logo tudo seria esclarecido. Fiquei pensando sobre os mulatos e sobre o ódio sentido pelo Fatumbi, por eles se misturarem aos brancos na tentativa de serem confundidos com eles. (GONÇALVES, 2006)

O Movimento Negro propriamente dito também está presente nos álbuns de família e depoimentos das famílias negras entrevistadas, como no caso da Entrevistada H1 (83a, mulher cis, negra):

Aqui já é a **militância**. Nós aqui na militância (...) **Segundo Encontro Negro do Norte e o Nordeste**, em [19]83, no Maranhão. Aqui já veio a militância. Aqui o pessoal na casa de Minas, grandes sacerdotes na casa de Minas. Aqui eu (inaudível), eu tenho uma ligação muito grande com esse terreno, por causa de uma estela, e eu comecei a frequentar o... no tempo do Obabi, que era um projeto do Osso de Gi. E eu participava, assistia, conseguia pessoas para fazer cursos lá. Ontem mesmo estive lá. [**grifo nosso**]

Figura 88 – Entrevistada H1 em encontro do Movimento Negro Unificado (MNU).



Fonte: Arquivo da Família H, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

As redes de sociabilidade entre amigos de longa data, como amigos de infância também surgem nas memórias dos álbuns de família das famílias negras entrevistadas, como nas fotos da Entrevistada H1 (83a, mulher cis, negra): “aqui sou eu, meus amigos de infância, 20 anos.”

Figura 89 – Entrevistada H1 acompanhada de amigos de infância na porta de sua casa.



Fonte: Arquivo da Família H, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023.

O relato da Entrevistada H1 salienta a importância da participação de mulheres negras nos movimentos diante toda a vulnerabilidade vivenciada por pessoas negras e dos confrontamentos cotidianos. Observa-se que há ameaças à própria segurança por conta do ativismo político, portanto há necessidade da criação de redes de suporte para preservação da vida de seus membros. Outra situação notada é o enfrentamento da solidão por estarem longe de outras pessoas que são ou que se reconhecem como iguais a elas.

Entrevistadora: E nesse período que você estava na UFBA. A quantidade de pessoas negras lá era...?

Entrevistada: **Pouquíssimas.**

Entrevistadora: Muito pouco, né?

Entrevistada: Quando eu fiz o mestrado tinha outras negras que não se identificavam, o pardo tem dificuldade, você sabe. Essa é uma pessoa histórica. Você sabe que o **grupo Reaja, que é um grupo que trabalha na penitenciária de Salvador**. E esse é Hamilton Borges. Que criou o Reaja. Ele levou um tempo cercado porque a polícia queria matar ele de qualquer jeito pelas denúncias dele. E aqui está entrando para um congresso, alguma coisa que houve aqui na prefeitura. **Pra ele entrar teve que ser cercado pra não ser morto pelos policiais.** (Entrevistada H1, 83a, mulher cis, negra) [grifo nosso]

Figura 90 – Entrevistada H1 na porta do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.



Fonte: Arquivo da Família H, captada pela autora da dissertação durante visita de campo, Salvador, 2023

“Reaja ou será morta, reaja ou será morto”: um dos movimentos negros populares contemporâneos mais importantes do país também está presente no relato da Entrevistada G1. Sua participação ativa no movimento ajudou na sua entrada na universidade e na sua formação como cidadã.

E além disso dos meus 14 aos 15 eu comecei a minha vida política né, a me entender indivíduo assim na sociedade e aí no final do meu ensino médio, entre o meu segundo e terceiro ano do ensino médio, eu comecei a entrar no movimento secundarista e aí peguei aquela época que a nossa geração ainda tinha energia para ir pra rua, aí a gente né, 2013, quando teve ação dos 20 centavos, fez várias manifestações para poder conseguir dinheiro pra nossa escola. Então foi um momento que eu já tava assim me entendendo no mundo né. E aí quando eu fui pro Engenho Velho de Brotas uma das coisas que me prendeu ao bairro também é que no bairro tinha que era uma das sedes da “Reaja ou será Morta, reaja ou será morto” que é uma das organizações negras mais importantes do país. E aí eu fui para lá por conta da organização também, então foram esses dois motivos: universidade e essa organização tava lá e aí que acabaram fortalecendo essa minha relação com o bairro do Engenho Velho de Brotas

Entrevistadora: Antes de você se mudar para lá, você já tinha uma relação com a organização como você participava?

Entrevistada: Eu estava começando a construir, eu comecei a conhecer eles em 2015 quando aconteceu a Chacina do Cabula e aí começou uma grande mobilização tanto da organização quanto do movimento negro em Salvador e aí eu comecei a participar dos espaços né **comecei a conhecer as formações enfim todas as mobilizações que o MNU fazia na época. E aí por conta disso eu comecei a me tornar íntima e bastante participativa desses espaços e aí conheci as pessoas e quando eu passei na universidade eu já tinha uma relação com todo mundo e uni essas duas questões né.** No centro da cidade para tá mais próximo da faculdade e de também estar no bairro para poder construir essa relação com a organização lá. (G1, 26a, travesti, negra) **[grifo nosso]**

O movimento negro, organizado ou não, se faz relevante na construção de novos caminhos e aponta diretrizes para as pessoas negras em vulnerabilidade e/ou interessadas em promover mudanças políticas, sociais e culturais. Ao analisarmos a experiência de Kehinde e das mulheres entrevistadas observamos que a organização em pares e a vida em comunidade vêm, desde o período colonial brasileiro, permitindo, perante diversos obstáculos, que os direitos à cidade sejam ampliados para a população negra.



A color photograph showing a group of children playing soccer on a dirt field. In the foreground, a child wearing a dark t-shirt and light-colored shorts is looking down at the ground. To the left, another child in a white t-shirt and red shorts is walking away from the camera. In the background, more children are visible, some holding soccer balls. The scene is outdoors with trees and buildings in the distance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seguir, apresentaremos uma síntese das permanências e convergências, para análise e comparação de experiências que se assemelham entre as vivências da personagem Kehinde em Um Defeito de Cor e as famílias entrevistadas em Salvador, a partir das memórias evocadas em torno dos álbuns de família (nas fotos e nas entrevistas):

- * A presença da ancestralidade;
- * a maternidade negra e suas particularidades em termos de sobre-carga da mulher negra e, ao mesmo tempo, da afetividade dessa maternidade;
- * o convívio familiar compartilhando territórios (casas, lotes, comunidades);
- * núcleos familiares impactados por perda precoce de crianças ou jovens por força de violências externas;
- * a memória do continente africano como um território comum ancestral, incluindo também dimensões de religiosidade;
- * as chefias familiares por mulheres;
- * o convívio urbano, lazer, cultura contingenciados pela periferização das famílias e por fatores econômicos e apartheid urbanos;
- * a permanência de restrições ao livre fluxo das mulheres negras em ambientes urbanos que sejam seguros e protetivos dos direitos de ir e vir das mulheres negras diáspóricas;
- * a permanência do subemprego para as mulheres negras nos espaços urbanos, como na memória das ‘ganhadeiras’ citada por uma das entrevistadas;
- * a manutenção dos espaços urbanos de segregação, bairros de população de menor renda com piores condições de acesso aos bens e serviços públicos, segurança, educação e saúde.

Na análise e comparação das experiências que **divergem** entre a personagem Kehinde e as mulheres negras entrevistadas, observamos:

- * O ingresso da mulher negra no mercado de trabalho por meio de formação escolar e formação profissional (em *Um Defeito de Cor*, o trabalho foi um meio de ascensão social para Kehinde, mas ela não obteve uma profissão);
- * a educação formal como um espaço de ascensão social (em *Um Defeito de Cor*, a educação da personagem Kehinde foi informal);
- * a presença das políticas de cotas, aumentando a presença das famílias negras no nível superior.

Observamos a preponderância da solidão da mulher negra tanto da personagem Kehinde em *Um Defeito de Cor*, quanto das mulheres negras das famílias entrevistadas, seja nos álbuns de família, nos quais a maior parte das fotos são de mulheres e de crianças e não de homens, seja nos relatos das mulheres entrevistadas nos quais ouvimos histórias de mulheres que lideraram as famílias sem a presença de um parceiro partilhando o cuidado com os filhos e a família. Associamos o abandono de mulheres negras em *Um Defeito de Cor* e na pesquisa de campo com estudos como o de Pacheco et al. (2008) que conclui que “tal modelo familiar, de mulheres negras e pobres, chefiando seus grupos domésticos, sozinhas, sem parceiros fixos, na Bahia, é visto como um enigma ainda a ser decifrado. (PACHECO, 2008, p. 296). Ainda que esse modelo familiar não esteja decifrado, como afirmam Pacheco et al. (2008), nosso estudo também o traz como um resultado visível por meio da metodologia do Álbum de Família (SILVA, 2006). Ou seja, o exame dos álbuns de família e as entrevistas com as famílias negras permite-nos confirmar, embora não explicar, a presença do fenômeno das famílias negras e pobres chefiadas por mulheres.

Rememorando nosso percurso de pesquisa em direção às conclusões, retomamos que a estratégia metodológica incluiu o estudo de álbuns de 12 famílias negras residentes na cidade de Salvador, Bahia. Entrevistamos com 28 participantes e análise de 429 fotografias tendo como objetivos específicos contribuir com a construção e manutenção da memória da população negra brasileira e baiana por meio dos estudos relacionados ao imaginário urbano.

Como já exposto, a principal metodologia de pesquisa adotada foi a de Álbum de Família, proposta por Armando Silva (2008), com auxílio de elementos da metodologia de Imaginários Urbanos, desenvolvida pelo mesmo autor (SILVA, 2006).

O desenvolvimento da pesquisa foi composto por entrevistas, registros fotográficos e coleta de relatos de memórias expostas em álbuns de família, com ênfase em imagens das cidadãs e cidadãos experienciando a cidade.

Esse conjunto de metodologias permitiu uma aproximação progressiva do objeto de pesquisa, assim como estabelecer relações entre as vivências da personagem Kehinde em *Um Defeito de Cor* e as mulheres negras das famílias entrevistadas.

Os resultados principais da pesquisa revelam que, por um lado, há áreas de convergência, na análise comparativa, entre a corporeidade, a relação com o território e o senso de pertencimento das mulheres negras, assim como desafios e obstáculos enfrentados para vivenciar a cidade em sua plenitude. Essa convergência é observada tanto nas experiências das mulheres negras em Salvador no século XIX, como relatado em *Um Defeito de Cor*, quanto nas narrativas obtidas nas entrevistas por nós realizadas na segunda década do século XXI.

Por outro lado, identificamos, na pesquisa de campo com os álbuns de família, uma mudança associada ao aumento do acesso ao território e a uma maior sensação de pertencimento à cidade por parte das mulheres negras. Apesar de se observarem algumas mudanças positivas, fica evidente que a vivência da corporeidade das mulheres diáspóricas ainda guarda mais semelhanças com aquela analisada no século XIX do que com a situação ainda necessária de garantir às mulheres negras o pleno acesso aos direitos humanos e ao direito à cidade na contemporaneidade.

A cidade de Salvador nos apresentou um território em crise, desigual e com uma alta restrição de direitos para corpos de mulheres negras. A partir da reafirmação desse contexto, propomos **diretrizes iniciais para possíveis construções que ampliem o direito à cidade** para esse grupo social, para que a cidade também seja pensada por e para mulheres negras:

- * Garantia de ocupação de mulheres negras em espaços de poder institucional (Executivo, Legislativo, Administrações regionais, etc.);
- * implementação de projetos de preservação da memória da comunidade negra e incentivo dos já existentes;
- * políticas de reparação, que partam do Estado, relativas ao apagamento da memória da população negra, com ênfase nos séculos que antecederam o XX.
- * ampliação dos programas de apoio à permanência de estudantes negros e negras na universidade;
- * ampliação de políticas públicas promotoras de igualdade de gênero e raça;
- * ampliação de políticas relacionadas a preservação da vida de jovens negros, negras e negres;
- * construção de um projeto de segurança pública pensada para proteger as mulheres negras;
- * adaptações urbanísticas e arquitetônicas pensadas na maternidade: deslocamento, espaços de descanso e cuidado, privacidade e segurança.

Por fim, enfatizo que enquanto mulher negra, criada na periferia, atualmente moradora de uma cidade embranquecida e pertencente à uma família negra que sempre se esforçou para resgatar nossas memórias, fui movida a realizar essa pesquisa por todas, todos e todes que vieram antes de mim e aos que virão. Experenciar Salvador, em meio a todos seus problemas e virtudes, evidenciou tanto a importância de estar entre os pares e imergir em nossa cultura, quanto a urgência de preservar e ampliar o tempo e qualidade de vida das pessoas negras brasileiras. Salvador, por sua composição majoritariamente negra e por seu tempo de existência e construção história, permite que tenhamos um parâmetro amplo que pode ser aplicado em outras regiões do país, mesmo com proporções distintas em relação aos fatores sócio-econômicos, raciais ou de gênero. A construção do país deriva dessa cidade, assim como os desdobramentos e consequências sociais. Ao escolhermos pesquisar mulheres negras, também atingimos demais grupos sociais da pertencentes à população negra, pois a partir desse ponto de vista observamos e acolhemos as necessidades de homens, pessoas não-binárias, jovens e crianças negras, considerando que essas mulheres podem ser mães, irmãs, filhas, companheiras e cuidadoras dessas pessoas. **A tecnologia social das mulheres negras, presente em diversas falas citadas nessa pesquisa, inclui cuidado, sobrevivência e inventividade. Esse potencial deve ser explorado em todas as camadas de construção política e social do Brasil.**

Esperamos que a nossa pesquisa contribua com debates acerca do direito à cidade, dos direitos humanos, políticas públicas e pelo bem viver de mulheres negras e do universo que as cerca.

Referências

ALVES, M. (2011). **A Literatura Negra Feminina no Brasil – Pensando a Existência.** Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/As (ABPN), 1(3), 181–190. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/280>

ANDRADE, Cibele Barbosa da Silva; TINÉ, Gustavo Henrique Ribeiro. A construção do imaginário social sobre o negro (1850-1914). Anais XIII Encontro Estadual de História. História e Mídias Narrativas em Disputa. ANPUH-PE, 2020.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Quilombos:** Geografia Africana - Cartografia Étnica Territórios Tradicionais. Brasília: Mapas Editora e Consultoria, 2009. 189 p.

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023. 288 p.

BOOTH, C. Wayne; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. **A arte da Pesquisa.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 152 p.

CANCLINI, Nestor García. **Imaginários Urbanos.** Buenos Aires: Edueba, 2010. 247 p.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: **Racismos contemporâneos.** Rio de Janeiro: Takano. 2003. Cap. 7. p. 49-58.

CAVALCANTE, Andaraí Ramos. **Corpos enforcados, destroçados e desaparecidos: violência contra jovens negros em Salvador.** 349 f. 2019. Salvador: Tese (Doutorado em Políticas Sociais e Cidadania) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Cidadania, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2019.

DALCASTAGNE, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado.** Rio de Janeiro: Editora Horizonte, 2017. 207 p.

DA SILVA ANDRADE, Cibele Barbosa; TINÉ, Gustavo Henrique Ribeiro. **A Construção do Imaginário Visual Sobre o Negro (1850-1914).** In: XIII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA. Anais. Online. 2016.

DA SILVA, Fabiana Carneiro. **Luíza Mahin e Luiz Gama: escravidão e (auto)ficção numa correspondência interceptada.** Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, n. 28, p. 123-143, 2017.

DA SILVA, Jacira Reis; PERES, Lucia Maria Vaz. **O imaginário das mulheres negras silenciadas: um universo de símbolos e sentidos.** Educação Unisinos, v. 12, n. 1, p. 28-34, 2008.

DE LEMOS, Amalia Inés Geraiges. **Cidades, território e memória na América Latina.** PatryTer, v. 1, n. 2, p. 13-28, 2018.

DE PAULA PEREIRA, Bergman. **De escravas a empregadas domésticas: a dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós-abolição.** Anais do Encontro da ANPUH, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Na cartografia do romance afro-brasileiro, Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves.** Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/anamariacritica03.pdf>. Acesso em: 18 de abr. 2022.

DOS SANTOS GARCIA, Antonia. **Cidade, relações de gênero e raça: Salvador, o direito à cidade e os movimentos sociais.** Laje, v. 2, n. 1, p. 228-259, 2023.

ELTIS, David, e RICHARDSON, David. **Atlas of the Transatlantic Slave Trade.** New Haven & Londres: Yale University Press, 2010. 307 p.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.) **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-48.

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX.** Global Editora e Distribuidora Ltda, 2010. 274 p.

FITZ, Earl E. **Ambiguidade e Gênero: estabelecendo a diferença entre a ficção escrita por mulheres no Brasil e na América Espanhola.** In: SHARPE, Peggy (org.). **Entre Resistir e Identificarse: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina.** Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997, p. 42-51.

FILHO, Alberto Heráclito Ferreira. Desafricanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador (1890-1937). **Afro-Ásia**, 21-22, pp. 238-236, 1998-1999.

GARCIA, Antônia dos Santos. **Desigualdades raciais e segregação urbana em capitais antigas: Salvador, cidade D’Oxum e Rio de Janeiro, cidade de Ogum.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009, 544p.

GRANATO, Fernando. **Bahia de todos os negros: as rebeliões escravas do século XIX.** História Real, 2021. 224 p.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um Defeito de Cor. Edição padrão.** Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2006. 92 p.

GONÇALVES, Ana Maria. Um Defeito de Cor. [Entrevista concedida a] Robson Alkmim. **Soul Art**, 20 de nov. 2012. Disponível em: <<http://soulart.org/artes/um-defeito-de-cor/>>. Acesso em: 12 de jan. 2020.

GONÇALVES, Ana Maria. Entrevista ao Programa Roda Viva. Publicado em 17 de julho de 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7cP28ek_6dg. Acesso em: 20 out. 2023

GONÇALVES, Aline Najara da Silva. **Luiza Mahin entre a ficção e a história.** 2010. 98 f. Salvador: Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Programa de Pós Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.

GONZÁLEZ, L; RIOS, F. **Por um Feminismo Afro-latino Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos.** 1. ed. Org. Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 376 p.

GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Enciclopédia Negra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 720 p.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo:** histórica, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991. 330 p.

IANNI, Octavio. **Escravidão e racismo**. São Paulo: Hucitec, 1998. 190 p.

IFANGER, Fernanda Carolina de A; MINEIRO, Paola Fernanda Silva; MASTRODI, Josué. Espaço Urbano, Violência e Mulheres Negras (Parte II). **RBSD Revista Brasileira de Sociologia do Direito**. v.8, n. 3, pp.214-236, set-dez, 2021.

LEITE, Marcelo Eduardo. Fotografia e sociedade no Brasil imperial: a heterogeneidade humana e social fixada pela fotografia (1840-1889). **Cadernos de Campo**, n. 7, p.91-108, 2001.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da Violência**. Brasília, 2023.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. 4^a ed. São Paulo: Selo Negro, 2011. 752 p.

NISHIDA, Mieko. As alforrias e o papel da etnia na escravidão urbana: Salvador, Brasil, 1808-1888. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 227-265, 1993.

OLIVEIRA, Aparecida Gomes. A construção da identidade de Kehinde e Rami: Umas análise da obra de Ana M Gonçalves e P. Chiziane. Anais do I Congresso Internacional e III Nacional Africanidades e Brasilidades, n. 3, 2016.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia**. 2008. 317 f. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, Campinas.

PALMEIRA, Francineide Santos. Escritoras negras e representações de insurgência. **Fazendo Gênero**, v. 9, p. 1-13, ago. 2010.

PINHEIRO, Dálio José Ferraz; SILVA, Maria Auxiliadora da., orgs. **Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura**. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p.

PIRES, Juliana Torres. **Espaço e interseccionalidade: apropriação e objetificação dos corpos das mulheres negras**. 2021. 91 f. Rio de Janeiro: Dissertação. (Mestrado em Geografia e Meio Ambiente) – Programa de Pós-Graduação em Geografia e Meio Ambiente, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

PLASTINO, Carlos Alberto. A cidadania como pertencimento: uma reflexão a partir da psicanálise. **Trabalho, Educação e Saúde**. v.4, n.2, pp. 385-394, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR. Salvador e suas tendências. 507 p., 2015.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês (1835)**. 2a ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 665 p.

ROCHA, Fátima Paraguassu. O discurso da memória e a identidade feminina na literatura afro-brasileira. **Entrelinhas**, v5, n.1, p. 54-61, jan.-jun. 2011.

RODA VIVA. **Ana Maria Gonçalves 17/07/2023**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7cP28ek_6dg. Acesso em: 20 out. 2023

RODRIGUES, Arlete Moysés. Desigualdades socioespaciais—a luta pelo direito à cidade. **Revista cidades**, v. 4, n. 6, p. 73-88, 2007.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2012. 260 p.

SANTOS, Martha Maria R. Rocha dos. Padrões de organização familiar em Salvador e na RMS: as famílias chefiadas por mulheres. **Análise & Dados** Salvador, v.7, n.2, p.110-128 set, 1997.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996. 308 p.

SANTOS, Milton. **O centro da Cidade do Salvador**: estudo da geografia urbana. 2ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Salvador: Edufba, 2008. 208 p.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: Santos, Milton e Vários autores. Território, **Territórios: Ensaios sobre o ordenamento territorial** (pp 13-21). Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. p.13-21.

SILVA, Ana Maria Vieira. Um defeito de cor: escritas da memória, marcas da história. **Anais do SILIAFRO**, v. 1, n. 1, p. 31-46. EDUFU: 2012.

SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. 1ª ed. Perspectiva: São Paulo, Bogotá, 2002. 280 p.

SILVA, Jacira Reis; PERES, Lúcia Maria Vaz. O imaginário das mulheres negras silenciadas: um universo de símbolos e sentidos. **Revista Educação Unisinos**. v.12, n. 1, pp. 28-34, jan.-abr. 2008. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/5293>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SILVA, Débora Jean Lopes. **Mulheres na Literatura: Escritas de autoria Feminina Negra**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de História em Rede Nacional) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de História em Rede Nacional, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2021.

SILVA, Fabiana Carneiro da. Luíza Mahin e Luiz Gama: escravidão e (auto)ficção numa correspondência interceptada. Vereda. **Revista da Associação Internacional dos Lusianistas**. N.28, pp. 123-144, 2017

SOARES, Cecília Moreira. As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX. **Afro-Ásia**, n. 17, p. 57-71. Centro de Estudos Afro-Orientais, Bahia, Salvador: EUFBA. 1996

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade:** a forma social negro-brasileira. Mauad Editora Ltda, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro:** jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 401 p.

PIRES, Juliana Torres. **Espaço e interseccionalidade:** apropriação e objetificação dos corpos das mulheres negras. 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia e Meio Ambiente) – Programa de Pós-Graduação em Geografia e Meio-Ambiente, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

WEINHARDT, Marilene. Um defeito de cor e muitas virtudes narrativas. **Revista Letras**, Curitiba, n. 77, p. 107-123, jan./abr. 2009.

Apêndice

Entrevista Família A

Entrevistadora 1: Da onde você veio? Onde você nasceu e cresceu?

Entrevistada 1: Aonde eu nasci?

Entrevistadora 1: É.

Entrevistada 1: Aqui em Salvador mesmo

Entrevistadora 1: Mas aonde? Em que região?

Entrevistada 1: Eu nasci em Brotas

Entrevistadora 1: E ai você cresceu lá ou só nasceu e foi para outro lugar

Entrevistada 1: É, não

Entrevistadora 1: Você passou toda infância lá?

Entrevistada 1: Passei sim, toda em brotas, nascida e criada, um pedaço da juventude e depois que eu fui para o Rio Vermelho a morar ali né

Entrevistadora 1: E por aqui ficou, até hoje?

Entrevistada 1: Não não, não fiquei até hoje aqui não porque, depois que fiquei uma mulher praticamente falando, eu fui morar onde? No Rio Vermelho e (entrevistada 1) nasceu, eu fui pro Rio, me separei do pai dela, e fui pro Rio, morei com outra pessoa

Entrevistadora: Rio de Janeiro?

Entrevistada: Rio de Janeiro, morei em Santa Tereza, inclusive ela foi também

Entrevistadora: Ah, ia perguntar isso

Entrevistada 1: Não, ela foi também, moramos mais ou menos uns três anos, não foi muito tempo não, foi pouco tempo, e ai eu vim me embora, voltei para salvador. A pessoa que

eu morava lá também veio, veio morar aqui também, queria voltar, mas ai eu não quis mais e voltei com pai dela, fiquei com ele uns tempo, mas assim, a gente até tentou morar junto mas não deu certo, e aí eu fiquei morando sozinha.

Entrevistadora 1: Mas esse momento que você voltou para cá, você foi para que bairro?

Entrevistada 1: Pra que bairro? Quando eu voltei eu fui pra Paralela, condomínio amazonas, fiquei lá uns tempo. e...

Entrevistadora 1: E ai ficou só vocês duas nesse tempo?

Entrevistada 1: Sim, só nós duas. E ai (entrevistada 2) foi crescendo né, ficando maior, moça, adolescente.

Entrevistadora 1: Umhum

Entrevistada 1:Foi existindo uma porção de problemas, principalmente, eu achei que ela tinha problemas psicológicos, tratei com psicólogo, com tratamento espiritual, fiz o que pude, corri atrás para ver se, se melhorava algumas coisas que eu não achava que era normal de uma criança entendeu? Aí você vai perguntar “o que normal?” Toda criança fala assim, o que é que você acha de anormal? Coisas assim tipo, agressividade, as vezes eu achava que as vezes ela era agressiva, sem motivo, e eu achava que ela tinha também rancor, eu achava que ela era meio rancorosa. E ai eu enchia de atenção, me dediquei, comecei a trabalhar só meio turno, justamente para isso né, pra poder dar mais atenção, e, a vida da gente as vezes é cortada né, parada para gente educar filho, é a pura verdade

Entrevistadora 1: Sim

Entrevistada 1: A do homem não

Entrevistadora 1: É, sim, eu imagino né, por que eu não tenho, é, não, mas é totalmente diferente e homem para mulher

Entrevistada 1: eu tive que para várias vezes por causa, por causa de (entrevistada 2). Não que ela fosse uma criança, assim, é, chata, nem nada disso não. Era só isso aí mesmo, essa parte, mas ela foi conciliando com esses tratamentos, ela foi melhorando, eu adorei,

porque melhorou muito, hoje todo mundo se surpreende como é que eu consegui, como é que eu consegui, que ela é uma menina maravilhosa, com uma cabeça boa, de fato é verdade, tem mesmo

Entrevistadora 1: Você deu atenção né?

Entrevistada 1: É eu ia, eu não dormia se eu não deitasse na cama dela primeiro, depois que ela dormisse. A gente conversava muito, eu orientava ela, mesmo dormindo eu falava as coisas que deveriam, que eu gostaria...

Entrevistadora 1: Sim

Entrevistada 1: Que ela fizesse para se melhorar, e melhorar a vida da gente, porque era só eu mais, eu e ela

Entrevistadora 1: É, Você e ela, né

Entrevistada 1: Então a gente tinha que ter paz, ter equilíbrio dentro de casa, ela não podia se irritar por qualquer coisa, porque ela se irritava facilmente por qualquer bobagem. Se não fosse a personalidade forte, se não fosse como quisesse, a casa caía, por isso que eu dizia que ela era rancorosa. E aí fazia coisas assim como, se ela “ah quero mudar o quarto de lugar”, se não conseguisse era um chororô, se jogava no chão e aí queria espancar parede tudo, levava mais de meia hora assim. Uma vez ela, ela tentou, foi num, devia ter seus dez, doze anos, tentou tirar o guarda-roupa de dentro do quarto, mas o guarda-roupa não saiu e aí ficou preso na parede. Fez um buraco enorme na parede do quarto dela para a sala, tá bom. E aí ninguém passava, porque, empatou o caminho do corredor. Quando eu olhava aquilo eu disse “ah meu Deus, eu não acredito, não tô passando por isso, eu não acredito”, aí que eu vi que tinha certas influências, entendeu? Tinha, ai eu dizia “ah meu Cristo, como é que eu vou resolver isso?”. Como eu ia resolver sem ela sentir que eu estava ajudando, que eu estava percebendo alguma coisa entendeu?

Entrevistadora 1: Sim

Entrevistada 1: Mas consegui.

Entrevistadora 1: Estou arrumando

Entrevistada 1: Ham?

Entrevistadora 1: Só estava arrumando o celular

Entrevistada 1: É, pois é, aí pronto, depois de um certo tempo, ela foi tomando mais consciência das coisas, e aí a psicóloga quando conversava com ela pedia que o pai também fosse, mas ele nunca foi. E eu não ia em todo porque ele se recusava.

Entrevistadora 1: Sim, por conta dele né, não dava

Entrevistada 1: Nunca foi em nenhuma, aquilo me deixava tão triste, ficava com coração cortado, porque ia ajuda muito

Entrevistadora 1: Não dá pra depender né?

Entrevistada 1: É, isso ia ajudar muito mas ele não percebia, não acreditava em nada disso, não acreditava, então eu tive que fazer tudo sozinha. As vezes ia para lugar longe, ia para lugar longe fazer tratamento, só eu e ela. Até fora aqui de Salvador.

Entrevistada 2: Dias Dávila

Entrevistada 1: É, Dias Dávila, levei em Adenauer

Entrevistada 2: Fora de Salvador não, Pituaçu

Entrevistada 1: Mas a gente morava na Graça, ali, naquela época, a gente estava na casa da minha mãe, não era não? E em Adenauer a gente tava onde? Morando onde?

Entrevistada 2: Em casa, no Saboeiro, Paralela

Entrevistada 1: Paralela... Ah, Dias Dávila a gente saía de lá de casa era, aí que era longe também

Entrevistadora 1: Isso foi depois da volta do Rio né? Isso ai

Entrevistada 1: Isso, foi, na volta. Ela já adolescente, já era moça

Entrevistada 2: Ela só se foi problemática na adolescência né?

Entrevistada 1: Foi, só

Entrevistada 2: Não sei, ela é que sabe

Entrevistada 1: Só ... É. Que teve uma época memo que ela pintou o quarto todo de preto, até o teto

Entrevistadora 1: Gótica

Entrevistada 2: Não, porque tudo tem que ser branco?

Entrevistada 1: [risos]

Entrevistada 2: Por que a casa tem que ser branca vish, qual é. Não era gótica, não era rockeira, não tinha nada disso

Entrevistada 1: “Minha mãe vou pintar só uma parede ou alguma coisa assim”, e ai eu tava na casa da minha mãe, tô crente que é só isso, “vou levar um colega”, e o colega dela que fez a pintura. Que eu cheguei que vi o quarto todo preto, é um exagero também, todo? Ela não disse que ia pintar o teto também.

Entrevistadora 1 e Entrevistada 2: Risos

Entrevistada 1: Imagina o susto que você não toma? E não tinha mais nada, só a cama, o guarda-roupa, e o quarto todo preto. Não tinha mais nada para dar uma cor, pra dar uma alegria

Entrevistadora 1:Era minimalista né? Cê tinha um conceito minimalista em você

Entrevistada 2: Era, era simples.

Entrevistada 1: Depois foi horrível para tirar essa cor preta viu. Até tirar, até convencer pra tirar deu trabalho.

Entrevistadora 1: É, até tirar também né, por que cobrir uma parede preta né

Entrevistada 1: Aí eu me lembro que ela tem até hoje do tratamento que ela fez com uma psicóloga, que a psicóloga deu um livrinho, cê tem esse livro até hoje né (entrevistada 2)?

Entrevistada 2: Você que comprou

Entrevistada 1: Eu comprei o livrinho que tinha um joguinho de baralho, mas não era baralho, era como se fosse né? Tinha as cartas

Entrevistadora 1: Sim

Entrevistada 1: E aí tinha o lado positivo, que ela tinha que melhorar

Entrevistada 2: Era o livrinho das emoções e aí ele tratava de cada emoção. Tratava as emoções, era um baralho assim

Entrevistada 1: É sentimentos né, era assim as emoções. E aí tinha o lado de (entrevistada 2), o que uma fazia de bom e a outra fazia de ruim, e o caminho que ela tem que seguir

Entrevistadora 1: Ah legal

Entrevistada 1: Então esse, esse joguinho ajudou muito, ajudou

Entrevistada 2: Um divisor de águas né

Entrevistada 1: [risos]

Entrevistada 1: Eu sei que ela tomou tanto carinho que até hoje ela tem essas cartinhas guardadas

Entrevistada 2: Tudo eu guardo na verdade

Entrevistada 1: [risos]

Entrevistada 2: Sou a pessoa que guarda, e aí hoje eu deixo para os meninos e os meninos não se importa, acho que não tem noção ainda

Entrevistada 1: Não, por que não precisa

Entrevistada 2: É não precisa

Entrevistada 1: Não precisa, não tem entendimento ainda

Entrevistada 2: É, não tem idade ainda

Entrevistada 1: Não tem idade não, ela quando começou usar isso, fazer esse tratamento, tinha uns dez anos, oito por aí

Entrevistada 2: Dez anos

Entrevistada 1: Era, tinha essa idade, então assim, e com os colegas, o relacionamento dela com os colegas sempre foi assim muito bom, facilidade de fazer amigas, muita amizade onde morava, lá no condomínio e tudo, era não era? As meninas gostava, onde saía falavam para levar ela, (entrevistada 2) tinha que ir, e aí

Entrevistada 2: O condomínio que a gente morava era muito acolhedor, então as famílias se conheciam, então acabava, e a gente mesmo

Entrevistada 1: Era amizade, tinha muita amizade

Entrevistada 2: É, era tipo uma cohab, então era todo mundo unido um com o outro. Era muito “ah venha tomar café aqui”, “venha pra qui”

Entrevistadora 1: O celular apagou, vou conferir aqui...

Entrevistada 2: Tinha muito esse acolhimento, e ai tinha muita amizade por conta disso. Minha mãe era muito amiga das mães das minhas amigas, então tinha essa questão.

Entrevistada 1: É, até hoje a gente tem amizade

Entrevistadora 1: Ah que legal

Entrevistada 1: Com as pessoas que moravam lá

Entrevistada 2: Amizade real mesmo

Entrevistada 1: As amigas são as mesmas, ainda se comunicam, é isso aí né, mas eu sou feliz por conseguir né, sozinha, lutando sozinha, sempre com fé em Deus, sempre acreditei, sempre fui firme, e tinha os pés no chão e a cabeça no alto, sempre procurei me direcionar

Entrevistadora 1: E vocês chegaram a frequentar alguma religião assim?

Entrevistada 1: Sim, esse tratamento mesmo que a gente fazia era um tratamento espiritual, era com espiritismo, entendeu? Eu levava ela para tomar passe, fazer tratamento é, com fluídios

Entrevistadora 1: Sim

Entrevistada 1: A gente assistia muita palestra, é claro que eu ia mais do que ela entendeu, porque você sabe, pra convencer jovem, não é todos que gostam. Mas eu não queria levar obrigada

Entrevistadora 1: Não funciona né?

Entrevistada 1: Não funciona, não funciona, não levava obrigada. E eu levei em dona Noélia também lá na casa da fraternidade, numa casa que tem uma senhora

Entrevistada 2: Sempre espiritismo

Entrevistada 1: Sempre espiritismo, sempre. Nessa casa da fraternidade me ajudou muito essa dona Noélia foi uma pessoa, a médium da casa, muito boa, muito boa para mim, me ajudou muito com ela. E a gente foi crescendo, se melhorando, a cada tratamento que fazia. Esse em Dias Dávila também foi tratamento espiritual

Entrevistada 1: Esse que eu também fiz em Dias Dávila que eu falei

Entrevistadora 1: Ah sim, sim

Entrevistada 1: Foi tratamento espiritual também, foi. Teve outros também, em

Adenauer

Entrevistadora 1: Ali foi tratamento né? Taca-lhe tratamento

Entrevistada 2: Precisa tratar

Entrevistadora 1: Era...

Entrevistada 1: Foi, foi coisa

Entrevistadora 1: Era espírita, era psicólogo

Todos: [risos]

Entrevistada 1: Um tipo de pessoa assim, um tipo de criança assim, ótima, uma beleza, mas se você não fizesse o que ela queria. Ah minha filha, era um chororô, era... Uma vez ela foi no aniversário de um amigo, e ai morava no primeiro andar, segundo andar. Luíza e Jorge, e ai eu tava lá conversando com Luíza tudo, tô vendo ela e minha sobrinha né, que estava passando uns tempos comigo, minha afilhada. E passaram assim pela porta, a porta tava aberta e entraram, tá. Daí sobrou torta do aniversário de Jorge, sobrou torta, e ai eles pediram para fazer brincadeira de torta na cara, mas como eu conheço minha figura, ela era a mais nova até em série colegial que as outras crianças, eu achava que ela não devia participar, mas ela era atirada, se achava, aí foi participar, foi participar. Aí quando ela errava, que os menino fazia pergunta muito difícil, que não era da série dela, ela não sabia coitada responder né, eu morria de pena, mas ela queria dar uma de sabidona. Aí ta, os menino tome-lhe torta, tomou tanta torta, tomou tanta torta, quando ela não aguentou mais, ela chegou na porta do elevador, deitou, Marcel, botou o pé naquele aço do elevador, bateu com toda força o pé, “Eu lhe mato Marcel, eu lhe mato, eu lhe mato”, a cara toda branca, e diga quem ia subindo no elevador? Diga quem ia subindo?

Entrevistadora 1: Quem ia?

Entrevistada 1: O pai, o pai quando viu ela no chão parou no 2, a gente morava no nono, o pai viu a voz, conheceu e ai parou, no segundo que viu, “moça o que é isso?”, ela no chão deitada, cê não tem vergonha disso não menina?

Entrevistada 2: Não tenho vergonha não, pois essa é sua versão, existe outra versão

da história

Entrevistada 1: Ah existe outra? Depois cê conta então

Entrevistada 2: Você sabe não aguento mais você contar essa versão

Entrevistada 1: Como é a outra versão?

Entrevistada 2: Isso eu vou me abster, por que gente, eu não aguento mais isso

Entrevistada 1: [risos]

Entrevistada 1: Aí ele subiu com ela, ela se trancou no banheiro de serviço

Entrevistadora 1: E ela com a cara cheia de bolo

Entrevistada 1: Cheia de bolo, branca, toda branca. E ai ele não queria ir embora, porque ele não morava comigo não, ia visitar assim de vez em quando, e ai quando chegou... e subiu com ela, que ela se trancou no banheiro de serviço, para essa menina sair, ele esperando, esperando, que ele queria conversar né, ele queria conversar com ela mas não conseguia

Entrevistada 2: Na verdade ele sempre me batia, não era conversa, era bater

Entrevistadora 1: Aí por isso você se trancou?

Entrevistada 2: É, sempre que ele chegava, se estivesse com os pés descalços ele me batia. Na verdade não tinha amor à ofertar, e aí o amor erra porrada.

Entrevistadora 1: A educação

Entrevistada 2: A educação

Entrevistada 1: Não, ele conversava, é, conversava, mas do jeito dele

Entrevistada 2: Várias versões para uma mesma história

Entrevistada 1: Entendeu, agora era do jeito dele entendeu, queria que tudo fosse do

jeito dele e não entendia que não era assim

Entrevistadora 1: Sim

Entrevistada 1: Não era, ele não tinha caminhos, não procurava ter caminhos

Entrevistada 2: Nem afeto, e não tinha também um estreitamento da relação

Entrevistada 1: Se ele procurasse caminhos ele achava, porque eu procurei e achei.

Entrevistada 2: Você tinha uma relação, a gente tinha uma relação. Quando você não tem uma relação e quer impor algo, que já chega...

Entrevistadora 1: É diferente né, quando você tem...

Entrevistada 2: É diferente...

Entrevistadora 1: ...aí você vai ouvir

Entrevistada 2: E logo aqui, terrível. Por que tem que cativar.

Entrevistadora 1: Não, com certeza.

Entrevistada 1: Aí a gente foi vivendo, viu amiga, foi vivendo. Eu não me relacionava, assim, com outras pessoas, não tive muitos amores, nem muitos namorados, porque eu tinha ainda uma relação com ele assim entendeu

Entrevistadora 1: Sim

Entrevistada 1: Eu tinha, e não queria, mas ele tinha lá as amizades dele coloridas e tudo, fazia o que queria, e eu, por respeito a minha casa e tudo, eu tinha uma filha, e aí eu não levava assim ninguém pra casa. Tinha todo esse cuidado para eu não perder, sabe, a minha moral

Entrevistadora 1: A construção...

Entrevistada 1: A relação, eu não queria perder isso, aí eu me mantinha assim

Entrevistadora 1: Mas tinha medo de algum, é, abusar de sua filha?

Entrevistada 1: Também, ah, ah, você não sabe como eu tinha medo disso, disso eu tinha muito e muito medo.

Entrevistadora 1: É, ter filho é muito né, pôr isso em jogo, não tem como

Entrevistada 2: E tanto faz menino ou menina

Entrevistadora 1: É, se tiver criança, não faz diferença

Entrevistada 1: Eu não confiava muito não, tinha muito medo, muito medo. Não tinha essa liberdade.

Entrevistadora 1: Então vocês passaram um bom tempo meio Graça, quer dizer, vocês estavam lá na Graça antes...

Entrevistada 1: Quando, você tá falando que época? Quando eu nasci...

Entrevistadora 1: Vamos começar do começo, Brotas você

Entrevistada 1: Ah sim

Entrevistadora 1: Aí foi pro...

Entrevistada 1: No primeiro, primeiro eu estava em Amaralina. Eu só fui nascer em Brotas, depois mais ou menos com uns dez, dez anos a gente foi

Entrevistadora 1: Para Amaralina

Entrevistada 1: Foi, fui para Amaralina, fiquei esse tempo todo em Amaralina

Entrevistadora 1: Até ir para o Rio de Janeiro?

Entrevistada 1: Depois de Amaralina eu vim para Nelson Galo do Rio Vermelho, ainda com minha família, solteira, cê tá entendendo?

Entrevistadora 1: Ah sim

Entrevistada 1: Ainda estava solteira

Entrevistada 2: Voltou para Brotas na casa da irmã

Entrevistada 1: Aí fui para o Rio Vermelho, aí depois que eu saí do Rio Vermelho eu fui, eu ainda fui em São Paulo, fui morar em São Paulo.

Entrevistada 2: Cê não morou um tempo com Rosina?

Entrevistada 1: Eu passei uns tempos com Rosina, mas eu tinha 13 anos, eu morei quatro anos com minha irmã. Ela lembrou, foi, minha irmã mais velha, eu morei na casa dela uns tempos por que, ah aquele negócio de você ajudar

Entrevistadora 1: No Rio Vermelho também?

Entrevistada 1: Não, Brotas

Entrevistadora 1: Ah você falou, que voltou para Brotas

Entrevistada 1: Voltei para Brotas foi, aí fiquei ajudando Rosina enquanto minha mãe morava aqui, em Amaralina. Depois eu saí da casa da minha irmã Rosina mais velha e voltei pra casa da minha mãe em Amaralina.

Entrevistadora 1: Entendi

Entrevistada 1: Aí fiquei em Amaralina

Entrevistadora 1: Aí você casou, foi pro Rio...

Entrevistada 1: Aí depois voltei pra Brotas, fui pra Graça

Entrevistadora 1: Ah entendi

Entrevistada 1: Fui pra Graça, morei uns tempos lá, aí depois que ela nasceu, eu engravidhei ali. Trabalhei ali também na Graça, onde o pai dela, o pai da minha filha também

trabalhou, eu conheci ele lá, no mesmo trabalho. E aí ela nasceu no Rio Vermelho, no mesmo apartamento que eu morava antes. Que esse apartamento, o prédio meu irmão tinha construído.

Entrevistadora 1: Ah sim

Entrevistada 1: E aí meu outro irmão mais novo tirou um apartamento, e aí ele alugou para mim.

Entrevistadora 1: Entendi

Entrevistada 1: E pro pai dela, nós ficamos morando ali. Mas aí eu até não tô me lembrando, que eu também morei no Apituba, no Parque da Cidade. Foi, foi umas das minha primeira morada quando eu engravidei

Entrevistadora 1: Daí depois que vocês foram para esse apartamento? Do seu irmão

Entrevistada 1: Sim

Entrevistadora 1: Depois?

Entrevistada 1: Foi, depois, onde ela nasceu lá, foi, no Rio Vermelho, mas quando eu conheci ele, que eu engravidei, eu fui morar no Apituba no Parque da Cidade

Entrevistadora 1: Entendi

Entrevistada 1: E aí ela nasceu no Rio Vermelho, porque aí a gente pegou este apartamento e ficamos lá. Ela nasceu lá, no Rio Vermelho.

Entrevistada 2: Nasceu na maternidade

Entrevistada 1: Não, mas eu tô dizendo onde eu morava, porque que o que tá interessando aqui é a minha moradia, é onde é que eu tava.

Entrevistadora 1: Isso. Vamos começar a ver as fotos? Que a gente vai assuntando de acordo com as fotos

Entrevistada 2: Tem fotos nossas juntas?

Entrevistada 1: E (entrevistada 2) não vai falar nada não é?

Entrevistada 2: Vou falar do que?

Entrevistadora 1: Não é porque você abarcou ela, eu peguei um pedaço dela, um pedaço do seu

Entrevistada 2: Mas ela não falou que, ainda tem, morou em mais lugares

Entrevistadora 1: Morou em mais lugares?

Entrevistada 2: Morou na Salmoura, na Sapré

Entrevistada 1: Ah, morei no Canela, teve uma época que, ela falou para você que, onde eu morei, que me chamou para morar lá, ela morava com as colegas

Entrevistada 2: Morou em um quarto com a amiga

Entrevistada 1: É, eu morei lá com ele uns tempos

Entrevistadora 1: Sim

Entrevistada 1: E, eu não tive problema, porque as meninas assim eram só jovens, só eu velha coroa, só tinha eu [risos]. As meninas gostavam de mim, me dava bem com elas

Entrevistadora 1: Ah que bom

Entrevistada 1: Não tenho o que falar, foi ótimo, adorei. Gostei muito

Entrevistadora 1: Nossa que bom

Entrevistada 1: Depois eu fui pra Saúde e pronto, da Saúde

Entrevistada 2: Saúde, saboeiro

Entrevistada 1: Voltamos para a Paralela, condomínio Amazona

Entrevistada 2: E depois?

Entrevistada 1: Depois que a gente saiu do condomínio Amazona, eu fiquei lá, aí você já tava com sua vida, você engravidou e ai veio morar por aqui

Entrevistada 2: Aí foi, daí depois você voltou para Amaralina, tá vendo? Voltou para Amaralina

Entrevistada 1: Agora? Depois desse, é

Entrevistadora 1: Voltou para Amaralina?

Entrevistada 1: Voltei, pro lugar de origem onde eu praticamente passei minha juventude, foi aqui, nesse pedaço, Rio Vermelho e Amaralina

Entrevistadora 1: E aí você foi pra Lauro né, que época

Entrevistada 2: Sim, ela tá dizendo que eu nasci no Rio Vermelho, e do Rio Vermelho fui pra onde?

Entrevistada 1: Ah, do Rio Vermelho eu fui pro Rio

Entrevistada 2: Foi pro Rio né. Do Rio aí a gente... Você ainda morou em São Paulo, não botou essa parte

Entrevistada 1: É, essa parte eu não botei, mas eu morei em São Paulo antes, ela não era nem nascida

Entrevistada 2: Eu era nascida, você foi duas vezes morar em São Paulo

Entrevistada 1: Uma vez eu fui a trabalho, depois que você nasceu eu fui a trabalho, mas antes eu fui a trabalho também, só que fui solteira, eu não tinha filho

Entrevistadora 1: Entendi

Entrevistada 1: Ái fui trabalhar, é, com minha irmã, ela tinha, ela era empresária, essa que eu te falei

Entrevistadora 1: Sei

Entrevistada 1: Morei com ela, trabalhei com o marido dela, na empresa que eles tinham, passei lá dois anos e meio, três anos, depois vim embora, depois tentei montar um restaurante com uma amiga minha depois de uns tempos, mas daí ela já tinha nascido, quando eu morava no condomínio Amazona

Entrevistadora 1: São Paulo foi antes ou depois do Rio?

Entrevistada 1: São Paulo foi antes

Entrevistadora 1: Foi antes porque você foi solteira né?

Entrevistada 1: Eu fui solteira, (entrevistada 2) não era nascida, entendeu?

Entrevistadora 1: Entendi

Entrevistada 1: Ai quando foi eu voltei que eu comecei a trabalhar na Juroboboreci(?) que eu conheci o pai dela, aí começou as história, toda de gravidez, e por ai vai

Entrevistadora 1: E você nasceu no Rio Vermelho...

Entrevistada 2: Depois fui pro Rio né

Entrevistada 1: Quem nasceu no Rio Vermelho foi essa boneca, (entrevistada 2)

Entrevistadora 1: Isso

Entrevistada 2: Fui pro Rio

Entrevistadora 1: Ai na volta você já foi morar com

Entrevistada 1: Ai quando voltamos do Rio, eu fui para casa de mãe por uns tempos até

procurar apartamento. Só que aí eu comprei esse apartamento na Paralela

Entrevistadora 1: Da Paralela né

Entrevistada 1: É, por que aí eu fiquei na casa da minha mãe quando eu voltei e comprei esse apartamento no Rio Araguaia

Entrevistada 2: Aí da Paralela a gente voltou para casa de minha vó na Graça

Entrevistada 1: É, teve uma época que mesmo...

Entrevistada 2: Aí eu briguei com minha avó

Entrevistadora 1: E foi pra Lauro?

Entrevistada 2: Fui pra Lauro, Pitanga, aí de Pitanga eu volto pro Saboeiro, na Paralela

Entrevistadora 1: Que ai foi quando...

Entrevistada 2: Quando a gente se juntou de novo e depois do Saboeiro eu fui para... eu fui para casa de

Entrevistada 1: Você foi para casa de Riso

Entrevistada 2: Pra casa de Riso, mas ele morava ali é o que?

Entrevistada 1: Carmo?

Entrevistada 2: Não, aí ele se mudou depois

Entrevistadora 1: Riso é o amigo?

Entrevistada 2: É meu amigo

Entrevistada 1: É o amigo dela

Entrevistada 2: Alí é, pera aí, eu não sei o nome daquilo ali, não é Lapa não, é, pode botar Lapa

Entrevistada 1: Não é Barris não?

Entrevistada 2: Não.... é Barris ali?

Entrevistada 1: É, acho que era né

Entrevistada 2: Pera aí, Cindiquímica

Entrevistadora 1: Vê aí, por favor

Entrevistada 2: Cindiquímica...Tororó!

Entrevistada 1: Tororó. É porque foi muita andança viu

Entrevistada 2: Foi, do Tororó eles se mudaram, daí eu mudei com eles pro Carmo, do Tororó fui pro Carmo, do Carmo eu fui pra Brotas, Brotas...

Entrevistadora 1: Brotas foi coma sua...

Entrevistada 2: Brotas eu fui com minha prima, Brotas. Daí de Brotas eu vim para Amaralina, sozinha sem mãe, e aí depois eu tive filho e aí ela veio e a gente começou morar junto, e aí a gente tá aqui em Amaralina

Entrevistada 1: Eu vim ajudar, aluguei meu apartamento e aí vim pra aqui, por que aí tava assim cansativo estar indo e vindo, indo e vindo, indo e vindo, e aí como o Ivan já estava indo embora, essas coisas todas...

Entrevistada 2: Não, você já veio desde que Jorge nasceu você veio, Ivan não tinha ido embora ainda

Entrevistada 1: Ah foi, foi, não tinha ido embora ainda, foi, foi mesmo, é que é tanta história

Entrevistada 2: Inclusive a percursora do término foi ela, por que você sabe, sogra

quando mora [risos], mentira, não foi ela não, tô brincando

Entrevistada 1: Que nada, ele gostava tanto de mim e eu também dele

Entrevistada 2: Não tem nada não

Entrevistada 1: Ele era ótimo comigo, não tenho o que me queixar

Entrevistada 2: Mentira, eles se davam bem, mas é isso

Entrevistada 1: Ora só, ele ia fazer, não quando ele ia...

Entrevistada 2: Eles se amavam inclusive, pelo contrário, quem era a intrusa era eu

Entrevistada 1: [risos] Não, por que quando eu ia fazer as coisas de comer eu fazia pra todo mundo, então eu ensinava ele que as coisas eram assim, que ele não podia entrar na cozinha para tomar café sozinho, “fulano eu vou tomar café, cê quer pão torrado? Cê quer isso? Você quer vitamina? Vou fazer pra mim, você quer?”

Entrevistada 2: Viver em coletivo né

Entrevistada 1: Vivia assim... pois é, eu acho que eu somei muito para ele, eu tentei ensinar isso a ele

Entrevistada 2: Mas ele não aprendeu não

Entrevistada 1: Aprendeu, aprendeu que até perguntava “quer sogrinha?”

Entrevistada 2: Ah, aprendeu enquanto convivia com você

Entrevistada 1: Por que pra mim ele fazia e perguntava “quer?”

Entrevistada 2: Não, fazia para mim também

Entrevistada 1: Fazia

Entrevistada 2: Por que ela cozinhava também pra todo mundo, então né, família tem

isso né, um faz pelo outro

Entrevistadora 1: Sim

Entrevistada 2: Mas, agora ele, é por que ele é ator

Entrevistadora 1: Ele é ator?

Entrevistada 2: É, ele é camaleão, vai mudando a identidade conforme o ambiente, se ele tá com a família ele vai fazer, se ele está com estranhos, ah tenho que me moldar a essa

Entrevistadora 1: Entendi

Entrevistada 1: Ela conhece ele mais do que eu

Entrevistada 2: Não, eu percebi que ele era ator né

Entrevistada 1: Eu sei que esse lado aí eu consegui viu, por que não era possível uma pessoa ir para cozinha tomar café e não convidar o outro, eu acho isso, extremamente uma falta de educação, eu não gosto, mas eu gosto é, divide, faz, vai torrar pão, torra

Entrevistada 2: Mas é isso, você vem de uma família de doze, irmãos, são doze irmãos, ele é filho único, ele não tem

Entrevistadora 1: É, mas isso é pensamento de filho único

Entrevistada 2: É, é gente, cada um com seu

Entrevistada 1: Mas eu ensinei ela também

Entrevistadora 1: Mas também vocês moraram na casa com oito pessoas né, teve outros ambientes que vocês...

Entrevistada 1: É, a gente andou

Entrevistadora 1: ...conviveram coletivamente

Entrevistada 2: E teve uma prima que morou com a gente

Entrevistada 1: Ah, esqueci desta parte. Como ela era muito sozinha tive que arranjar cachorro, tive que arranjar [risos]

Entrevistada 2: A minha tia estava passando por necessidades e tinha quatro filhos. E ai migrou, os filhos foram para um lado, cada filho foi pra um canto. Fala das dificuldades financeiras que a gente passa, que todo mundo passa, que é normal, até consequente, a gente retornou pra casa de minha vó por dificuldade financeira mesmo, não tinha condições de a gente ficar, só nós duas, não tinha como se manter

Entrevistadora 1: Não, é muito...

Entrevistada 1: Sim, aí devido a essa situação dela que eu te falei, que ela era uma criança assim, eu achava que não tinha irmão assim, entendeu? Precisava assim

Entrevistadora 1: Socializar

Entrevistada 1: Socializar, precisava conviver com outra pessoa quase da mesma idade dela no mesmo ambiente. Porque, para poder aprender também a dividir, entendeu, tudo. Se eu pedisse uma caneta à ela, para ela dar ela não dava não, se eu precisasse anotar um telefone e pedisse a ela, ela não me emprestava, “não, aqui é o meu estojo, isso aqui é meu, meu”, e eu fui tirando esse negócio

Entrevistada 2: É de filho único isso, de filho único

Entrevistada 1: Fui tirando. Aí fui tirando esse negócio de “meu, meu, meu, meu, meu”, e aí veio Catarina, minha sobrinha e afilhada, sobrinha, por que minha irmã também não estava bem financeiramente, ai ela ficou comigo, ela também estudava perto

Entrevistadora 1: Ficou com você?

Entrevistada 1: É, estudava perto, aí ficou uns tempo comigo, porque apesar de que, essas duas aprontaram, aprontaram.

Entrevistada 2: Quem aprontava era ela, porque eu era mais nova, e eu só entrava, e eu só entrava na onda.

Entrevistada 1: [risos] E ainda tinha um cachorro que me destruiu a casa toda

Entrevistada 2: Não, o cachorro foi depois de Catarina

Entrevistada 1: Foi depois de Catarina o cachorro?

Entrevistada 2: Foi, Catarina já não tava com o cachorro não

Entrevistadora 1: É que Catarina saiu dai deu falta de alguém... foi substituída pelo cachorro

Todos: [risos]

Entrevistadora 1: Será que ela sabe? Que foi substituída pelo cachorro?

Todos: [risos]

Entrevistadora 1: Pobre Catarina

Entrevistada 1: Catarina era ótima, engraçada, engraçada demais, era ótimo ela morar aqui, ela é muito engraçada, vai ser bom pra (entrevistada 2). Mas essas duas brigavam minha filha. Brigavam, ciumenta, (entrevistada 2) o ciúme dela aumentou

Entrevistada 2: Catarina era birracenta

Entrevistada 1: Birracenta

Entrevistada 2: E eu uma criança, tadinha, sofrendo todos os dias

Todos: [risos]

Entrevistada 2: Que tem a versão do racismo também né? Tem muito essas coisas.

Entrevistadora 1: Não, claro.

Entrevistada 2: Minha prima era branca e ai quando minha prima foi...

Entrevistadora 1: E a criança sabe né?

Entrevistada 1: Deixa ela falar

Entrevistada 2: As pessoas falavam que ela era filha da minha mãe e eu não era filha, então tinha essa questão

Entrevistadora 1: Nossa, isso...

Entrevistada 2: Tinha muitas questões, então tem essa questão também de Catarina com a questão dessa, da psicologia que você achava que precisava de tratamento. Acho que pode ter tido alguma coisa, agora que eu pensei nisso aqui

Entrevistadora 1: Catarina deu uma estragada ai

Entrevistada 2: Acho que Catarina deu uma estragada no negócio

Todos: [risos]

Entrevistada 2: Foi bom Catarina ter ido, foi bom

Entrevistadora 1: Ainda bem que substituíram por um cachorro

Todos: [risos]

Entrevistada 2: Foi bem melhor

Todos: [risos]

Entrevistada 1: Ah meu Deus, com tinha vindo de uma família grande, eu entendia que uma priminha dentro de casa para brincar tudo, ia ser ótimo, pra conversar assunto delas, da mesma idade, dormir junta no mesmo quarto, vai ser ótimo

Entrevistada 1: Ela dizia que, na minha vista ela não pirraçava, ela não pirraçava na minha vista não, mas ela me falou que ela pirraçava

Entrevistadora 1: Mas entre vocês...

Entrevistada 2: Pirraçava, normal gente, normal, esses dois se pirraçam o tempo todo

Entrevistada 1: Aí as meninas diziam “ah a cara da minha tia, até o dentinho pequenininho tem”, toda minha tia, até o jeito dela falar, o jeito dela se expressar, “ah minha tia, é todo igual da senhora”, até então eu não tô sabendo que (entrevistada 2) tá morrendo de ciúme. Minha filha tinha tanto ciúmes, não.

Entrevistada 2: Filha única né, minha mãe...

Entrevistadora 1: Não, filha única daí já é outro...

Entrevistada 2: A mãe é Deus, é Deus, é outra coisa

Entrevistada 1: Mas eu não ficava dengando Catarina, eu dengava ela, não dengava Catarina

Entrevistada 2: Dengava as duas, não sei, enfim. E tem essa questão também, que minha família é branca, mas não é branca, não são brancos, mas minha mãe se relacionou, meu pai era negro, então eu era a pessoa mais negra da família. Eu e tinha algumas outras pessoas, a pele dela é escura assim perto das irmãs, então tem essas questões também. Esses racismos assim nas estruturas familiares.

Entrevistadora 1: Minha família foi igual também, a família da minha mãe é negra, mas aí todo mundo casou com branco, menos minha mãe. Aí meus primos eram mais embranquecidos né, tinham cabelo mais, menos crespo, a pele mais, enfim, era mais misturados assim. E aí eu e os meus irmãos eram os mais negros dos primos assim.

Entrevistada 2: Então tem diferenciações, tem o cabelo...

Entrevistadora 1: O povo se desesperava com meu cabelo, dizia minha bisavó “vamos salvar o cabelo dessa criança” [risos]

Entrevistada 2: Ah não, gente, era tanto racismo, eu sofria tanto racismo, principalmente, sempre tive embates com minha avó. Minha vó sempre, porque minha avó é uma pessoa machista, racista declarada

Entrevistada 1: Tudo terminado em “ista”.

Entrevistadora 1: Tudo os “istas”.

Entrevistada 2: Mas é uma pessoa maravilhosa, morro de amores, ela colocava, quando era pequena, pregador no meu nariz

Entrevistadora 1: Nossa

Entrevistada 2: Para afinar, e quando ela não colocava, ela esquentava o dedo e apertava o nariz

Entrevistadora 1: Para ver se...

Entrevistada 2: Pra afinar. E tinha outra questão também de domar o cabelo, de pentear o cabelo de uma forma muito bruta de puxar, e me colocava entre as pernas e puxava. Era uma coisa assim, muito assumida. Então tinha essas questões.

Entrevistada 1: É porque o racismo as vezes é enraizado, a pessoa nem sente que tá sendo, inconscientemente minha mãe falava certas coisas que ofendia, até porque

Entrevistada 2: Não, até hoje ela fala

Entrevistada 1: Até hoje ela fala, mas

Entrevistada 2: “Vai cortar o cabelo desses menino não?” Ela me diz até hoje, ela tem 94 anos, mas até hoje ela. Pelo menos eu acho que é interessante que ela declara, que ela não está escondendo nada sabe, não é velado, aqui é real, tamo aí, tá tudo bem, aceita que dói menos, mas que é bem real. E até assim o tratamento, tipo, é sempre que a gente quer ir na casa de minha avó, tem uma questão de “ah”, tudo bem que os meninos são, mas tem a questão de “ah não, hoje não” sabe?

Entrevistadora 1: Sei

Entrevistada 2: Essas entrelinhas assim que fica assim. E aí quando outras crianças “ah, pode vim” Mas também é isso, a gente tem mais um contato, mais afeto, do que as outras

pessoas, então quando, talvez a gente seja mais invasivo, talvez esteja presente demais

Entrevistadora 1: Porque tem mais intimidade

Entrevistada 2: Porque tem mais intimidade. E ai quem não tem, quem não tem não

Entrevistadora 1: Quem não é tão próximo

Entrevistada 2: Não, é próximo, mas é um desprezo, existe um desprezo também, pois existe essa questão do econômico né. Depois que a família... Quando todo mundo era pobre todo mundo era feliz e unido, depois que começou a ascender socialmente aí... “ah vocês são tão pobres”

Entrevistadora 1: O pessoal esquece rápido né?

Entrevistada 2: Esquece rápido... é incrível. Fico “oh gente, fulana não vinha aqui”...

Entrevistadora 1: É uma amnésia inexplicável

Entrevistada 2: É eu não entendo, não entendo, sinceramente. E as vezes o dinheiro nem é assim, é da outra família que você se juntou e agora você se acha um novo rico

Entrevistadora 1: Isso, sim

Entrevistada 2: Gente é tão ridículo isso, é tão ridículo

Entrevistadora 1: É raro, mas acontece sempre

Entrevistada 2: Acontece sempre, e ai tem essas questões. Mas ai, quem tem menos condições sociais está ali querendo mais ficar no quente, no afeto... tem isso, é uma luta. Minha mãe não gosta que eu fale disso não, mas eu falo

Entrevistada 1: Eu? Quem sou eu pra dizer que não quer, que não gosta se a coisa está aí as claras né? Tá as claras, tá todo mundo vendo, não vou ficar falando o que tá todo mundo vendo.

Entrevistadora 1: Vamos começar a ver as fotos?

Entrevistada 2: Ah, vamos ver as fotos

Entrevistadora 1: Vamos começar pela que você falou que vocês ganharam?

Entrevistada 2: Ah, aquela, vou pegar

Entrevistadora 1: E ai a gente vai para o celular

Entrevistada 2: Gente que horror.

Entrevistadora 1: Certo, de quem vocês ganharam essa foto?

Entrevistada 2: De Gisele, que é uma amiga, assim que, eu sou amiga do marido dela e aí ela é uma pessoa muito afetuosa sabe, é uma pessoa que chega e quer presentear. Apesar que, eu não posso falar isso não. Ela é uma pessoa controladora assim, eu acho que ela tem ciúmes da amizade que eu tenho com o namorado dela, que é uma amizade desde do escolar, que é bem de antes, então ela fica assim tipo, mas ela é bem legal, a gente se dá bem. É por que ela é controladora, ela é guia turística, então tudo tem que ser naquele guia, naquele jeito, no cronograma.

Entrevistadora 1: E deve ter um signo de terra

Entrevistada 2: [risos] Eu não sei qual é o signo dela, ele é escorpião, mas ela eu não sei. Vou perguntar para saber [risos]. Ela é ótima, gosto dela

Entrevistadora 1: E essa foto foi tirada onde?

Entrevistada 2: Essa foto foi tirada no...

Entrevistada 1: No estúdio de Luiz

Entrevistada 2: No aniversário de minha avó de 80 anos, cê é doida, 80 anos.

Entrevistada 1: 80 não

Entrevistada 2: Não sei, foi um aniversário aí, 5 de março

Entrevistada 1: Menina, essa foto... Essa parede realmente

Entrevistada 2: Essa qualidade

Entrevistada 1: Essa qualidade

Entrevistadora 1: Foi tirada por um fotógrafo profissional

Entrevistada 1: Amigo nosso

Entrevistada 2: Não, amigo da família. Tava lá também festejando, não tava trabalhando
não

Entrevistada 1: Ah sim

Entrevistada 2: Tava lá e tirou uma foto, acho que foi do celular, foi do celular? Foi do
celular

Entrevistadora 1: Nossa mas ficou muito boa

Entrevistada 2: Fotógrafo né? [risos] Ele sabe tirar foto

Entrevistada 1: É, ele faz como hobby

Entrevistada 2: Não, na verdade ele é fotógrafo, mas no dia ele tava festejando, ele não
tava trabalhando

Entrevistadora 1: Mas foi uma foto que ele pediu pra vocês posarem ou vocês estavam...

Entrevistada 1: Não

Entrevistada 2: Não, a gente já tava assim

Entrevistada 1: Já tava assim

Entrevistadora 1: Ele só chegou e tirou?

Entrevistada 2: Ele só chegou e tirou

Entrevistada 1: Foi, ficou até boa não foi (entrevistada 2)?

Entrevistada 2: Muito boa, olha os menino, tá todo mundo feliz nessa foto

Entrevistadora 1: Foi na casa de sua vó?

Entrevistada 2: Não foi num restaurante

Entrevistadora 1: Ah foi em um restaurante

Entrevistada 2: Na Pedra da Sereia aqui em... 85 né? Não sei quantos anos era não

Entrevistada 1: Não foi 80 anos não?

Entrevistada 2: Não, não foi 80 não. Oxi, Jorge era pequeno ainda, quanto Jorge, pera ai.

Entrevistada 1: Jorge tem 5, 6 anos

Entrevistada 2: Jorge tem 6, Jorge tinha um ano e pouquinho, Zuri tinha meses, 3,4, 5 meses. Eu não sei quantos anos era, mas tem 3... gente, mas 85

Entrevistada 1: Eu sou ruim de lembrança

Entrevistada 2: Eu não lembro muito bem, mas pela idade das crianças né

Entrevistada 1: Jorge aí tá com quantos anos?

Entrevistada 2: Se Jorge tem 6, ai devia ter 1 e pouco

Entrevistada 1: Então, mãe tá com 90 e quanto agora? 94?

Entrevistada 2: É, foi no de 90

Entrevistadora 1: Sua mãe tem 94?

Entrevistada 2: Foi no 90 anos de minha avó

Entrevistada 1: 90 anos

Entrevistada 2: 90 anos

Entrevistadora 1: Nossa senhora

Entrevistada 2: Isso mesmo

Entrevistada 1: E lúcida viu?

Entrevistada 2: Não porque o poder, o exercer poder ainda sobre tudo, sobre todos

Entrevistadora 1: Ainda está em voga né?

Entrevistada 2: Ainda está

Entrevistadora 1: Nossa com 94

Entrevistada 2: Com 94. Ela é uma ditadora [risos] a verdade é essa

Entrevistadora 1: Uma ditadora de 94 anos [risos]

Entrevistada 2: Uma ditadora de 94 anos

Entrevistada 1: O negócio é que até hoje ela toma conta da cozinha, conta da casa toda, entendeu? Destampa panela, quer cozinhar

Entrevistada 2: É porque a casa é dela

Entrevistada 1: Não tem idade, a casa é dela, na cozinha arriscando a vida

Entrevistadora 1: Nossa mas, quanto mais aumenta. Nossa uau o que é isso? Isso é muito bom, olha. Mas quanto mais aumenta a idade mais corajosa a pessoa fica, mais rebelde

Entrevistada 1: Mais rebelde, tá assim, mais rebelde

Entrevistada 2: O dia inteiro

Entrevistada 1: "Sai da cozinha mulher", a mulher não sai da cozinha, dá uma chance.

Entrevistada 2: Temos o mesmo nome, ela se chama (entrevistada 2), na verdade minha mãe fez uma homenagem né

Entrevistadora 1: Ah, ela também é (entrevistada 2)

Entrevistada 1: E eu tenho tatuada na minha costa o nome (entrevistada 2), que botei (entrevistada 2) em homenagem a minha mãe

Entrevistadora 1: Você não pode reclamar da rebeldia dela não, você já pôs o nome, já deixou a bicha arretada

Entrevistada 1: Não, não, não, não. Parideira também, puxou minha mãe. Ela acha lindo esse negócio de parir, mãe ave maria, adora esse negócio de parir, esse negócio de criança de, dá peito, de mamar, mãe acha tudo isso lindo

Entrevistada 2: Realmente é divino mas

Entrevistadora 1: Tudo bonitinho. [risos] Ela até mudou a cara.

Todos: [risos]

Entrevistada 1: Essa sou que tô filmando

Entrevistadora 1: Aham

Entrevistada 1: Mas ela é muito engraçada, ela é engraçada demais. Se você conhecer a figura... e ela é detalhista, gosta de ficar olhando jardim, as coisas. Aí eu me encanto, tudo que ela faz eu fico filmando, eu filmo, fico só curtindo. Aqui é umas planta lá em baixo ó. [risos] Aí eu levei pra tomar sol domingo, eu trato e durante a semana fico matando a saudade. Que eu só vou agora sábado.

Entrevistadora 1: Ah sim

Entrevistada 1: Eu só vou de sábado e fico sábado e domingo. Aí ela tá com esse carrinho agora e está se achando, aí ela vai de taxi [risos]. Ela anda esse pedaço todo, vai e vem, vai e vem. Deixa eu, olha ela aqui, toda se achando, toda durinha

Entrevistadora 1: Não, e toda durinha, com batom e com óculos

Entrevistada 1: Toda durinha é, usa óculos

Entrevistada 2: Vaidosíssima

Entrevistada 1: É, vaidosa. Aí aqui na frente, daqui a pouco quer ir pro fundo. “o (entrevistada 1), tira foto ai dessa flor linda” ela me...

Entrevistadora 1: Falando pra você tirar as fotos?

Entrevistada 1: “Tire tire”, eu adoro essa. Olha aqui no andar dela, onde ela mora [risos]. Se viu como é que eu sou boba, eu disse “pera aí mãe, olhando lá para cima, mãe tá fazendo o que aí?”, “descobrindo aqui onde é o meu” [risos]

Entrevistadora 1: Muito bom

Entrevistada 1: Oh meu Deus do céu, ela com essa daí, meu Deus do céu, não foi fácil. (entrevistada 2) tinha um diário quando era pequena, né (entrevistada 2)? Ó como ela tá linda aqui. Esse diário a gente esqueceu de falar né (entrevistada 2)?

Entrevistada 2: Não, é, esse diário, eu sempre tive esse costume de diário. Por que eu comecei com isso? Alguém me deu um diário? E aí é, eu acho que era um desabafo, quando eu tava muito eu escrevia no diário “seus malditos, cê's vão me pagar agora” [risos]

Entrevistadora 1: E aí sua vó mexeu?

Entrevistada 2: Ah, não

Entrevistada 1: Nem sei quem foi

Entrevistada 2: Todo mundo lia

Entrevistada 1: Eu nunca li, eu nunca fiz isso, eu sempre respeitei ela. Mas aí quando a gente foi pra casa da minha mãe passar esses tempos, eu não sei quem foi, não foi Rita não? Não né?

Entrevistada 2: Na verdade não tinha privacidade. Todo mundo mexia nas coisas pra achar drogas, vibradores, não sei o que eles procuravam [risos], e ai eu tinha esse diário, pelo menos encontraram alguma coisa, um diário. Acho que tinha isso, “essa adolescente deve estar usando alguma coisa”. E ai tinha esse diário que eu escutava

Entrevistada 1: Todo mundo

Entrevistada 2: Ah...

Entrevistada 1: Me xingou toda, teve uma folha que ela me xingou toda [risos]. Eu tomei o maior susto quando eu vi ela falando, me xingando no diário, disse “meu Deus”

Entrevistada 2: Não podia te xingar, era melhor escrever do que falar

Entrevistadora 1: Melhor escrever do que falar mesmo, processo terapêutico

Entrevistada 1: Agora me diga, como é que eu soube que ela me xingou no diário? Eu também não sei como é que eu soube, só sei que ela

Entrevistada 2: Eu sei que elas, é ela sempre leu meu diário, antes de morar com minha vó eu já tinha diário, você lia meu diário, todo mundo lia

Entrevistada 1: Ela insiste em dizer isso minha gente, mas eu respeito as pessoas, eu não lia não, te juro. Eu achava que era aquilo uma invasão, depois eu não sei nem se eu estava com peito e coragem de ver o que é que tinha ali, podia ver até o que eu não queria. Então eu digo, eu não vou abrir. Depois abriram lá em casa e ai me disseram até “ela te xingou”, ai tomei um susto, disse “sou tão legal com ela, ela me xingou?” [risos]

Entrevistada 2: “sou mãe dela” [risos]

Entrevistadora 1: Poxa cara

Entrevistada 1: Pois é, “eu sou mãe dela e ela me xingou”?

Entrevistada 2: Mainha sempre foi muito maravilhosa

Entrevistada 1: Pois é

Entrevistada 2: Enfim, coisas da adolescência, rebeldes

Entrevistadora 1: Mas ai, quais mais fotos vocês têm?

Entrevistada 2: Licença aqui. Enfim, tem muitas outras fotos aqui, mas não sei se ela sabe, olhar no Google fotos.

Entrevistadora 1: Não, mas vai mostrando. O que mais me interessa assim é...

Entrevistada 2: Fotos na cidade

Entrevistadora 1: Fotos na cidade, mesmo que não seja na sua rua...

Entrevistada 2: Aqui é no museu, não é muito interessante né, por que é dentro

Entrevistadora 1: É dentro do museu?

Entrevistada 2: Dentro do museu

Entrevistadora 1: Não, mas é interessante sim

Entrevistada 2: A gente foi ver uma exposição de Moraes Moreira, e a gente fez essa foto, profissional, que tá bonita

Entrevistada 1: Ou você já foi ver a exposição de Moraes Moreira?

Entrevistadora 1: Não, eu fiquei sabendo que ia ter

Entrevistada 1: Não perca não porque é um espetáculo

Entrevistadora 1: Diz que tá maravilhosa

Entrevistada 2: Mas vai pro Rio, ah não sei se vai

Entrevistadora 1: É eu vou... deixa eu tirar outra aqui

Entrevistada 2: Quer que eu aumente a luminosidade da tela?

Entrevistadora 1: Não não

Entrevistada 2: Tá, deixa eu ver outras aqui, ah tem uma aqui no... ah tem uma aqui, mas depois...

Entrevistadora 1: Pera ai, deixa só eu anotar aqui que eu vou...

Entrevistada 2: É no MAB, aqui foi no... é mas foi no...

Entrevistada 1: Tem que estar todos?

Entrevistada 2: Tem que estar os quatro?

Entrevistadora 1: Não não, tem que estar os quatro não, pode ser só você, só ela .

Entrevistada 2: Eu não sou muito de registro assim não

Entrevistada 1: Ela não gosta, quem fica tirando foto sou eu

Entrevistada 2: Não.

Entrevistada 1: Tô dando uma olhadinha aqui, deixa eu ver, fotos

Entrevistada 2: Eu gosto de tirar, eu sou fotógrafa, eu sou modelo também, mas eu, é que as vezes gosto mais de tirar foto do que me retratar assim. É isso, quando era mais jovem me sentia mais bonita, não sei, cortei o cabelo, agora perdi o encanto, é isso

Entrevistadora 1: Mas porque você cortou o cabelo? Posso tirar uma foto tua? Segura por favor

Entrevistada 2: Cortei o cabelo por que era mais prático, porque eu tinha que cuidar

dos meus filhos e tinha um momento que os meninos ficavam puxando meu cabelo, e isso começou a me estressar. Puxava assim, puxava...

Entrevistadora 1: Apenas puxava?

Entrevistada 2: Apenas puxavam

Entrevistadora 1: Coisa de criança

Entrevistada 2: De verdade, e ai eu cortei zero, baixei todo

Entrevistada 1: Foi, tava bem baixinho

Entrevistada 2: Total, cabelo zero, foi do tipo “cê vai puxar o que agora?”

Entrevistadora 1: Você tinha cabelo grande né? Por que nessa foto aqui dá pra ver

Entrevistada 2: É, eu fui cortando, quando eles começaram assim eu comecei por um lado

Entrevistada 1: Tinha black

Entrevistada 2: Não, eu tinha grandão, blackão. Tinha um blackão maravilhoso, onde eu chegava: “nossa, quanto volume garota”.

Entrevistadora 1: Rapidão, onde é aquela última?

Entrevistada 2: Teatro SESC/SENAC

Entrevistadora 1: Naqueles que são no shopping?

Entrevistada 2: É, foi na feira literária do pelourinho...

Entrevistada 2: E foi nesse mesmo que... Jorge licença, licença

[falam com a criança]

Entrevistada 2: Fica no Pelourinho, se não me engano rua João.. João de alguma coisa

Entrevistada 1: E essa é de Jorge?

Entrevistadora 1: Essa também é do...

Entrevistada 2: Foi no Pelourinho, foi no mesmo dia

Entrevistada 1: Essa também foi lá

Entrevistada 2: Ah, deixa eu mostrar essa foto magnífica que eu tirei

Entrevistada 1: Tem um bocado deles aí no Pelourinho

Entrevistada 2: Essa é a ditadora, o ditador e o soldado [risos]

Entrevistada 1: Ah é, aqui minha mãe, meu pai

Entrevistadora 1: Ah que lindo

Entrevistada 1: Meu pai

Entrevistada 2: Ditadora, soldado e... [fala com a criança]

Entrevistada 1: Engraçado se não vê minha mãe assim, a família do meu pai que é mais clara, meu pai tem os olhos azuis. E minha mãe que tem a família assim sabe? Meu pai nem era assim, minha mãe que é

Entrevistadora 1: Ah sim.

Entrevistada 1: Eu fico brincando com Jorge, com as fotos de Jorge, tiro de Jorge de tudo quanto é jeito, boto colar, tiro colar, Jorge se enche de coisa

Entrevistada 2: Cê percebe que o grande amor dela é Jorge?

Entrevistadora 1: Quase não percebi

Entrevistada 2: Ah tá, você não sabe que quando ela estava, que eu tava na barriga dela, durante a gestação, ela achava que era um homem, ou ela idealizava que era um menino?

Entrevistada 1: Não, não idealizava, simplesmente eu sonhei, eu via sempre um menino assim na cabeceira da minha cama, mas por isso não fiquei achando que ia ser um menino, nunca tive isso, o que viesse estava bom, entendeu? Não sei por que ela tá falando isso

Entrevistada 2: Não, pra dizer agora que quando eu era pequena eu tinha uma personalidade masculina muito forte, eu não queria me aceitar enquanto menina. Então eu me trajava como menino, gostava de brincar com meninos, então sempre querendo ser menino sabe?

Entrevistadora 1: Sei

Entrevistada 2: Só pra falar, por que agora veio isso na cabeça

Entrevistada 1: Só vestia short

Entrevistada 2: E ai eu acho que ela quando teve esse neto foi a grande realização da vida

Entrevistadora 1: Veio um menino

Entrevistada 2: Veio um menino

Entrevistada 1: [risos]

Entrevistada 2: Entendeu? Aí eu consegui um pouco mais de paz, depois que o menino nasceu, ela falou ...

Entrevistadora 1: Sonho realizado

Entrevistada 2: Sonho realizado, e não vou mais perturbá-la, agora tenho meu menino

Entrevistada 1: [risos]

Entrevistada 2: E aí eu acho que teve isso

Entrevistada 1: Eu acho que não, não tenho preferência de sexo

Entrevistadora 1: Sobre as primeiras fotos, vamos falar sobre as primeiras fotos. A lá do museu do Moraes Moreira

Entrevistada 2: Não, museu de arte da Bahia

Entrevistadora 1: Não era da exposição do Moraes Moreira?

Entrevistada 2: É, a gente foi ver a exposição do Moraes Moreira, mas viu as outras também

Entrevistadora 1: Vocês costumam ir lá? No museu?

Entrevistada 2: Sim, sim, inclusive tem, na verdade do lado tem minha avó, então quando a gente tá com minha avó a gente dá uma saidinha.

Entrevistadora 1: Ah entendi, é perto da casa da sua avó

Entrevistada 2: É, do lado

Entrevistadora 1: E vocês se locomovem como pela cidade?

Entrevistada 2: Com ônibus ou Uber, depende, e aí a gente olha no aplicativo, tem um aplicativo que se chama mobi que aí você vê a hora que o ônibus vai passar. E aí o Uber a gente fica naquela rotação Uber e 99, qual tá mais barato, ou se tá perto, Mobi. Mas se tiver com os meninos a gente pensa né, o custo-benefício.

Entrevistada 1: Se não tiver com pressa dá pra ir de...

Entrevistada 2: É essa questão de...

Entrevistadora 1: E aqui é tudo perto né?

Entrevistada 2: É, aqui é tudo perto. Mas as vezes tá dinâmico, daí tem que ficar com 99. E ensinaram, ensinaram nós na internet que quando sua bateria tá baixa, dá menor a tarifa.

Entrevistadora 1: Que bom

Entrevistada 2: Ou seja, se tem que sair sempre com a bateria arriando [risos]

Entrevistadora 1: Com a bateria 1% pra chamar o Uber quando frio [risos]. Só me lembra o bairro que sua vó mora mesmo é na Graça?

Entrevistada 2: Vitória, não, é na Vitória, ela mudou.

Entrevistada 1: É você aqui com eles?

Entrevistada 2: É foi

Entrevistada 1: Aqui foi na UFBA

Entrevistada 2: É um projeto que tem, crianças na UFBA aos sábados, acho que é o último sábado do mês. Ai é no projeto criança na UFBA.

Entrevistadora 1: Eu vou querer fotografar isso aí

Entrevistada 1: Tem muita foto bonita, aqui foi um vídeo

[vídeo sendo produzido ao fundo]

Entrevistada 1: Tem ele pulando corda, várias brincadeiras, brincadeira de saco...

Entrevistadora 1: Nossa, muito bom

Entrevistada 1: Vou te mostrar ele numa brincadeira

Entrevistada 2: Não passa os vídeos não

Entrevistada 1: Não vou passar os vídeos todo não

Entrevistadora 1: É mais foto, mas pode mostrar o vídeo aí...

Entrevistada 1: Olha como é a brincadeira de saco

Entrevistada 2: Eu disse que a realização dela [risos]

Entrevistada 1: E ele é cara dela quando era menina

Entrevistadora 1: Cê tem um fã clube é Jorge?

Entrevistada 1: É isso aí

Entrevistadora 1: A fã é sua avó

Entrevistada 2: É a fã número um

Entrevistadora 1: A fã número um, a presidente

Entrevistada 2: A presidente do clube [risos]

Entrevistadora 1: Associada e tudo. E antes... nos últimos anos, cês andavam de como?

Entrevistada 2: Ônibus

Entrevistadora 1: Só ônibus?

Entrevistada 2: Não, meu pai as vezes dava carona

Entrevistada 1: Quando a gente ia pra onde?

Entrevistadora 1: Não, antes de ter Uber, aplicativos...

Entrevistada 1: O que que tinha?

Entrevistadora 1: Como vocês se deslocavam na cidade

Entrevistada 1: Antes de ter Uber? Antes de ter Uber a gente pegava mesmo taxi, carona

Entrevistada 2: Taxi onde? Eu andava de ônibus. Eu lembro muito bem, sempre tenho essa memória de que...

Entrevistada 1: O pai pegava

Entrevistada 2: Não era sempre não

Entrevistada 1: Não, mas as vezes ele me pegava, marcava, saia do trabalho, me buscava. Quando ela era pequena...

Entrevistada 2: Mas aí eu não me lembro

Entrevistada 1: Por exemplo ele trabalhava perto de onde minha mãe mora, e aí ele me levava sempre. Sempre me levava.

Entrevistada 2: Mas você pedia carona ou ele?

Entrevistada 1: Me ligava. Ele me ligava pra me levar em casa. Porque geralmente eu morava do lado da Paralela então, as vezes eu fazia coisa pelo lado de cá. Aí como ele saia seis horas, sete horas do trabalho, esse horário passava na casa de minha mãe, me pegava e me levava, eu já ficava lá em casa

Entrevistada 2: Ela tinha Uber particular

Entrevistada 1: Ele me levava sempre e se eu quisesse me buscava também. Não, ele não era ruim assim pra, pra me pegar, pra me levar, pra dar caronas, não.

Entrevistadora 1: Mas o que vocês acham de se locomover sem ter um carro em Salvador? Seria melhor ter um carro?

Entrevistada 2: É melhor ter um carro se você tem condições de arcar com o carro, com o custo, gasolina, acho que é melhor com carro

Entrevistadora 1: É que tem cidade que é tão caótica que...

Entrevistada 2: É. Não, é que com criança

Entrevistadora 1: Com criança é difícil

Entrevistada 2: Seria muito bom carro, até pra passear é melhor. Pra pegar a linha verde, ir pro raio que o parta(?). A gente faz muito esse rolê, aliás

Entrevistada 1: Lugar muito longe não

Entrevistada 2: A última vez que a gente em baçaí(?) que é no litoral, Zuri tava na barriga. Então viajar também não...

Entrevistadora 1: Acaba que...

Entrevistada 1: Ela aqui com eles na... Essa aqui foi na biblioteca ou foi no shopping da barra não foi?

Entrevistada 2: Não sei

Entrevistada 1: Foi no shopping Barra na livraria... Na livraria do shopping Barra, foi isso mesmo

Entrevistada 2: Deixa eu ver... Deixa eu ver, minha mãe não sabe de nada

Entrevistada 1: Eu sei, eu sei que você foi com esse menino e a filha dele está aqui, tem outra ai também

Entrevistada 2: Tem um

Entrevistadora 1: No shopping barra isso aí?

Entrevistada 2: É, ah foi na Escarris(?)

Entrevistadora 1: É uma livraria?

Entrevistada 2: É uma livraria no shopping

Entrevistada 1: É uma livraria no shopping Barra. É por que Jorge esta com a mesma roupa aí

Entrevistada 2: A gente foi ver a exposição do universo, do universo não, sei lá

Entrevistada 1: Dos planetas, aí teve isso aí

Entrevistada 2: Era o universo, é. A gente gosta de ir para exposição, essas coisas assim

Entrevistada 1: Cultural né, entendeu? Hoje é programa cultural

Entrevistadora 1: Mas voltando a questão do transporte, não ter carro acaba dificultando muito o entretenimento mesmo né?

Entrevistada 1: Dificultando muito

Entrevistada 2: Ah sim, meu pai morreu

Entrevistadora 1: Ah seu pai morreu

Entrevistada 2: Morreu

Entrevistada 1: Ah esquecemos de falar, o motorista morreu.

Entrevistada 2: [risos]

Entrevistada 1: Aí o que é que aconteceu.

Entrevistada 2: Morreu na pandemia em 2019, daí deixou três carros, e aí tá nesse processo aí. Eu não dirijo, minha mãe tem carteira e...

Entrevistada 1: Mas eu não estou mais dirigindo.

Entrevistada 2: E ai tem essa impossibilidade também, se você não tem uma carteira de habilitação como é que você dirige? É, então tem essa questão

Entrevistadora 1: E você não tem tempo de tirar né?

Entrevistada 2: Não, não é que não tenho tempo de tirar, já fiz cinco vezes a...

Entrevistada 1: E não consegue

Entrevistada 2: É, e não passo, tenho dificuldade

Entrevistada 1: Quer dizer, carro tem, mas não tem carteira

Entrevistada 2: Na verdade também não tenho incentivo de, financeiro, tudo na vida

Entrevistadora 1: Não, e é caro tirar carteira hoje em dia

Entrevistada 2: É caro

Entrevistada 1: Mas já se pagou várias vezes, eu mesmo já paguei várias vezes para fazer o teste

Entrevistada 2: Não meu amor, mas é isso, cê precisa de um treinamento, por que eu aprendi a dirigir na autoescola, eu aprendi ali

Entrevistadora 1: Foi só aquilo ali?

Entrevistada 2: Foi só aquilo ali. Eu não tive uma pessoa que ah, sentou do meu lado e ó

Entrevistadora 1: Tem um povo que pega pai, mãe.

Entrevistada 1: A exposição foi essa que eles foram no shopping Barra, tava tão bonita isso aqui

Entrevistada 2: E ainda tá em processo isso aí, negócio do laudo tá ai, viu mãe. Pega seu dinheiro e investe em mim...

Entrevistada 1: Essa tá boa essa aí? Nem sei qual é essa que você está tirando, mas tá boa né?

Entrevistadora 1: Tá

Entrevistada 2: Os pais que não querem investir nos filhos [risos]

Entrevistada 1: Tem uma que ele tá com, olha para isso que coisa linda

Entrevistadora 1: Nossa.

Entrevistada 1: É muito bonita essa exposição

Entrevistada 2: É cata vento.

Entrevistada 1: A gente ficou de astronauta, de astronauta

Entrevistadora 1: Nossa, muito bom

Entrevistada 1: Ele adorou, não foi Jorginho? [fala com a criança]

Entrevistada 2: Ah sim, eu queria mostrar o aniversário aqui ó, com as professoras, com a vó, tem uma foto aí comigo também no aniversário de Jorge.

Entrevistadora 1: Ah, deixa eu tirar

Entrevistada 2: Com os amigos da escola. Se gostou filho do seu aniversário na escola?

Entrevistada 1: Que planeta é esse Jorge, você lembra?

Entrevistada 2: Ele não gostou porque não ganhou presente, só cartinhas, “o que é que eu vou fazer com papel?”

Entrevistada 1: Amiga, pergunta ai que planeta é esse, que planeta é esse Jorge?

Entrevistadora 1: Que planeta é esse Jorge?

Criança: Mate

Entrevistada 1: Mate mesmo viu, Mate [risos], é Mate Leão é? Olha aqui essa Jorge, veja aí como tá linda aí.

Criança: Linda

Entrevistada 1: Linda né Jorge. Ela tira cada foto dele linda. Olha que linda essa menina, olha aqui esse charme esse menino

Entrevistadora 1: Ah não, mas é lindo

Entrevistada 1: É lindo, mas é nosso, deixa eu dar um pedacinho dele

Entrevistadora 1: Mas é lindo demais, você e seu irmão

Entrevistada 2: Cê ganhou outra fã

Entrevistada 1: Ele é muito fofo. Ele é muito fofo, ele é carinhoso minha filha

Entrevistadora 1: E onde ele estuda mesmo? Eles estudam no mesmo lugar?

Entrevistada 2: No mesmo lugar, no mesmo colégio, centro municipal de educação infantil de Amaralina

Entrevistada 1: Olha a nave, olha Jorginho aí dentro da nave, Jorginho e Zuninho

Entrevistada 2: Cê quer ver fotos antigas também?

Entrevistadora 1: Também, também

Entrevistada 2: Tá, então vou descer

Entrevistadora 1: E essa escola é pertinho então?

Entrevistada 2: É aqui, cinco minutos de casa

Entrevistadora 1: Ah sim. Nossa que ótimo. É muito difícil conseguir uma escola perto?

Entrevistada 1: É

Entrevistada 2: Não acho que foi difícil

Entrevistada 1: Não, mas morar aqui

Entrevistada 2: Posso mostrar uma foto sua barreada? Assim, de costas

Entrevistada 1: Deixa eu ver aí, por que ela é assim

Entrevistada 2: Olha que foto linda

Entrevistada 1: Cê vai botar foto minha de biquini? Não quero, não quero Eu não gosto de me expor

Entrevistada 2: Ah gostosa

Entrevistada 1: Não gosto que mostre foto minha assim

Entrevistada 2: Tá, só vou mostrar, não precisa fotografar

Entrevistada 1: Não fotografa não, não gosto de foto de biquini, se respeite

Entrevistada 2: Jorge era pequeno, tava grávida de Zuri, essa foto é linda

Entrevistadora 1: Que foto linda, muito linda, eu amei essa foto

Entrevistada 2: Deixa eu ver... Eu tô aqui barreadíssima agora

Entrevistadora 1: Tem alguma outra na praia?

Entrevistada 2: Ah

Entrevistada 1: Praia é o que mais tem

Entrevistada 2: Deixa eu ver, só não sei se vou achar

Entrevistada 1: Ruim é achar né (entrevistada 2)? Olha que coisa mais fofa

Entrevistadora 1: Ah não meu Deus

Entrevistada 1: Esse menino é a coisa mais linda da vovó

Entrevistadora 1: Essa é em qual praia?

Entrevistada 1: É aqui em Amaralina, Amaralina não é não

Entrevistada 2: Aí é no buracão com pai

Entrevistadora 1: Ah no buracão

Entrevistada 2: Foi nesse dia que deu biscoito recheado a uma criança de um, de um Negresco

Entrevistada 1: Quando é de falar de bater uma foto minha bonita assim ela não fala, ela só quer botar eu nua

Entrevistadora 1: Que linda essa foto

Entrevistada 2: Aí não é a família, é você

Entrevistada 1: Ah não

Entrevistadora 1: Mas pode ser também. É, não, pode ser também uma pessoa da família

Entrevistada 1: Me botar nua, você se assunte. De biquini. Aí é relacionamento, por que vou botar uma foto assim minha?

Entrevistada 2: Vou botar essa aqui [risos]

Entrevistada 1: Quer que bote relacionamento? [risos]

Entrevistada 2: Olha como eles são iguais

Entrevistadora 1: [risos]

Entrevistada 1: Vira aí, vira aí, vira aí

Todos: [risos]

Entrevistada 1: Por que ela não manda botar uma assim? Ela não manda [risos]

Entrevistada 2: Ah aqui, no farol da Barra, olha como essa vó é...

Entrevistada 1: Sou eu aí é? [risos] É mentira [risos] Toma vergonha (entrevistada 2). O meu Deus do céu, essa (entrevistada 2) viu, não é fácil

Entrevistada 2: Momento de descontração

Entrevistadora 1: Ah esse, esse eu posso usar? Tá com a perna para baixo

Entrevistada 2: Esse você pode usar tudo, até eu nua, de peito pra fora

Entrevistada 1: Essa calça tá muito lascada menina,

Entrevistada 2: Pode tirar, você veste calça lascada

Entrevistada 1: Mas aí não é elegante. Mulher elegante não tem unha grande, não usa cílios postiços e nem calça rasgada

Entrevistadora 1: [risos]

Entrevistada 2: Com cílios postiços

Entrevistadora 1: Isso aí é lá no Farol?

Entrevistada 2: É

Entrevistada 1: Ah veja daquela da casa de Vici(?) lá em cacibiri(?), tem tanta foto linda, vai lá no Instagram no, é Instagram? Não, no Telecom, como é? O azulzinho, como é o azulzinho?

Entrevistadora 1: Não sei

Entrevistada 1: (entrevistada 2) que sabe, Telegram né? Tele qualquer coisa ai

Entrevistadora 1: Vocês parecem visitar, assim andar bastante pela cidade né?

Entrevistada 2: A gente anda, aqui é na Igreja do Rosário dos Pretos

Entrevistada 1: A gente anda para um bocado de lugar

Entrevistada 2: A gente anda

Entrevistadora 1: E em lugares que são turísticos também né?

Entrevistada 2: Ah sim

Entrevistada 1: Adoramos

Entrevistadora 1: Apesar de morarem aqui né

Entrevistada 2: É que Salvador também é, tipo, ou você vai pra shopping

Entrevistada 1: Ou vai pra praia

Entrevistada 2: O rolê de shopping a gente não faz muito não, até porque shopping você tem que ter o dinheiro né? Pera aí gente

Entrevistadora 1: Tem gente que só vai pra passear né, mas são mais difícil

Entrevistada 2: Eu acho horrível passear em shopping. Gente, passear em shopping...

Entrevistada 1: Tinha umas fotos com Zuri tão lindas, na praia

Entrevistada 2: Olha ele com o pai, você quer ele com o pai também?

Entrevistada 1: Ah é bom

Entrevistadora 1: Mas o pai deixa será?

Entrevistada 1: Ah, teria que dar permissão

Entrevistada 2: Pela questão da imagem né

Entrevistadora 1: Não, assim, eu posso tirar, aí se, você vê se

Entrevistada 2: Eu não gosto nem de...

Entrevistada 1: Eu pergunto. Cê quer que eu pergunte?

Entrevistadora 1: Mas o que você estava falando sobre as opções, ou vai no shopping, ou vai na praia, ou vai nos centros turísticos. Você acha que...

Entrevistada 2: É, Salvador é isso. Ou restaurantes

Entrevistadora 1: O bom é que tem muito lugar, centros turísticos, essa parte turística é imensa né. Então, vocês foram na nossa senhora dos pretos né?

Entrevistada 1: Sim

Entrevistadora 1: Muito movimento assim de, identificação, de identidade, levaram os meninos na nossa senhora dos pretos

Entrevistada 2: Não, na verdade a gente já frequentava a igreja

Entrevistadora 1: Então vocês frequentam?

Entrevistada 2: Não, não frequenta, é que a gente morava na Saúde, então pegava uma missa lá de vez em quando, que minha mãe ela fala que ela é espírita, mas ela é eclética, ela já foi pra hinduísmo, budismo, sabe, catolicismo...

Entrevistadora 1: Ah sim

Entrevistada 1: Tudo terminado em ismo

Entrevistada 2: ...umbandismo

Entrevistadora 1: Uma pessoas espiritualizada

Entrevistada 1: Se me chamar para ir também no candomblé eu também vou

Entrevistada 2: Não, cê já foi, cê já esteve

Entrevistada 1: Já fui com ela

Entrevistada 2: Minha vó também já trabalhou em casa de...

Entrevistada 1: Umbanda

Entrevistada 2: Ah era umbanda?

Entrevistada 1: Umbanda

Entrevistadora 1: A vó...

Entrevistada 2: A mãe dela

Entrevistada 1: Minha mãe. E eu comecei também na umbanda, depois que comecei a estudar o espiritismo e ai fui pro espiritismo

Entrevistadora 1: Ah sim

Entrevistada 1: Fui ficando, e ai tô até hoje mais...

Entrevistada 2: Cê tá onde?

Entrevistada 1: Cê mandou um bocado de foto pra mim não foi? Eu perdi

Entrevistada 2: Hoje você tá mais onde? Só pra Flora saber. Qual sua religião hoje?

Entrevistada 1: Agora no momento?

Entrevistada 2: É

Entrevistada 1: Olha, pra dizer [risos] eu não abandono nada, mas tem hora que eu me puxo mais para um lado, depois eu vou...

Entrevistadora 1: Vai navegando

Entrevistada 1: Eu vou navegando, as coisas vão acontecendo comigo e eu vou amando. Ontem mesmo eu achei essa coisa, achei lindo e comprei, eu disse “meu Deus que coisa linda”, eu estou apaixonada por esse terço e aí fui pesquisar aqui e é São Bento. E aí euuento estas

histórias engraçadas que me fazem estar aqui agora com esse terço. Aí depois tem histórias engraçadas com o catolicismo, mas está aqui agora com Nossa Senhora das Graças. Eu estou aqui no pescoço com Nossa Senhora das Graças. Aí cê fala “essa mulher é mística mesmo”, ela está aqui atrás. Mas ela tá aqui, Nossa Senhora das graças. Aí aconteceu algumas coisas assim que ela apareceu e depois eu fui ler algumas coisas a respeito e achei que ela veio para o mundo atrás, elas vem para mim. Diz que quando o discípulo tá pronto o guru aparece. Então eu vou aceitando de braços abertos, eu faço um terço de manhã, eu adoro São José, por agora eu estou com São José, com Nossa Senhora das Graças, com São Bento

Entrevistada 2: Agora ela tá católica, essa é a versão católica [risos].

Entrevistadora 1: E você?

Entrevistada 2: Eu sou candoblecista, mas não sou feita.

Entrevistada 1: Eu fui batizada na umbanda

Entrevistadora 1: Quem é esse?

Entrevistada 2: É Jorge, Zuri estava na barriga

Entrevistada 1: Quem é essa menina aí?

Entrevistada 2: É você, eu

Entrevistada 1: Ah essa foto sim está bonitinha

Entrevistada 2: Ela até que tá bonitinha

Entrevistada 1: Mas é eu

Entrevistada 2: baçaí, baçaí é bom né?

Entrevistadora 1: Baçaí é onde? Eu não sei

Entrevistada 2: É litoral norte, história do coco

Entrevistada 1: Baçaí é...

Entrevistada 2: tirou uma foto, foi o caso lendário da casa branca em 2018, Jorge garoto propaganda

Entrevistada 1: Olhe, você vai mostra a ela esse?

Entrevistada 2: Apareceu aqui e eu mostrei, e tem o pai, tem o

Entrevistada 1: Tem aquela com flor no cabelo? Deixa eu ver. Ah, essa do cabelo, com a flor no cabelo...

Entrevistada 2: Na verdade eles tem uma associação, chamam associação Jorge não sei o que

Entrevistadora 1: Ah sim

Entrevistada 1: Jorge a primeira vez que ele foi no candomblé, com (entrevistada 2) no terreiro, quem batizou ele foi Oxum

Entrevistada 2: Na verdade que a casa é de Xangô, a casa branca, e Jorge é de Xangô, então achei que teve... E então tem uma pessoa que tem um projeto de capoeira lá que é amigo em comum entre eu e o pai, e ele pediu para colocar a criança como...

Entrevistadora 1: Entendi

Entrevistada 2: Eu, assim, eu não quis, não falei que não queria, mas... Mas aí rolou

Entrevistadora 1: Tem foto em praia aqui em Salvador?

Entrevistada 1: Tem

Entrevistada 2: Jorge bebê ou você quer todo mundo junto?

Entrevistadora 1: Não, pode ser um, pode ser separado

Entrevistada 2: Ah olha aqui a gente junto, oh que lindo a gente... os macumbeiro

Entrevistadora 1: Isso é lá na sua casa?

Entrevistada 2: É, quando eu tava na minha casa. Não, aí é na casa que eu tava que era lá em Aitinga(?)

Entrevistadora 1: Era onde?

Entrevistada 2: Era na Aitinga, é Parque São Paulo, Largo de Freitas perto do aeroporto, Ilê Axé Ogum Adê e Auê. Que é uma casa que descende da Casa Branca.

Entrevistadora 1: A Casa Branca é aqui em Salvador mesmo né?

Entrevistada 2: É, ali no Vasco da Gama, é a primeira casa de candomblé do Brasil

Entrevistadora 1: Eu nunca fui lá, eu vou um dia, se você quiser

Entrevistada 2: Aí, quando você voltar em setembro

Entrevistadora 1: Cê tem foto lá?

Entrevistada 2: Se tem foto na Casa Branca? Não tem não. Ah tem, de Zuri tem

Entrevistada 1: É, tem

Entrevistada 2: Tem, não é festa, mas é uma... [fala com a criança]

Entrevistadora 1: Cê tá procurando a da Casa Branca?

Entrevistada 2: Hmhm.

Entrevistada 1: E aqui é onde? Foi no...

Entrevistada 2: Foi lá no parque .

Entrevistada 1: Jorge, Zuri e (entrevistada 2), tá muito pequeno né? Ficou muito longe

Entrevistada 2: [fala com a criança]

Entrevistada 1: É, tinha um show, eles foram num show

Entrevistada 2: Parque do...

Entrevistada 1: Eu achei Jorginho aqui, bonitinho, ele tava brincando. O espaço lá é lindo, é pra isso, olhe como é bonito

Entrevistadora 1: Olha que lindo

Entrevistada 1: [Fala com a criança] O espaço lá é bonito, tem uma área...

Entrevistadora 1: Deixa eu tirar uma foto

Entrevistada 1: Tem uma área boa, olhe Jorge ai sozinho.

Entrevistadora 1: E por aqui é tranquilo? Não conheço essa região, é tranquilo de segurança assim?

Entrevistada 2: Aqui é assim, Nordeste e Amaralina...

Entrevistada 1: Bem, aqui não é Nordeste, aqui é Amaralina, Nordeste é lá em cima

Entrevistada 2: Estamos no nordeste de Amaralina, essa rua aqui é Aurelino Silva, nordeste de Amaralina, mas é englobado como Amaralina, aqui já é nordeste de Amaralina. Agora estamos perto da Amaralina, que é orla, mas aqui é um complexo de periferia; Aqui, Chapada, Santa Cruz, então a gente tá perto, a gente tá numa região periférica e não tão periférica assim. É com edifícios, não é com conglomerado de casas

Entrevistadora 1: Não, entendo, a construção urbana é diferente

Entrevistada 2: A construção urbana é diferente, mas é a mesma região

Entrevistadora 1: Mas durante o dia é mais tranquilo? Assim, vocês saem, vocês descem pra parada e pagam o uber ou vocês ficam aqui?

Entrevistada 2: Eu circulo em qualquer horário, não tem isso não, aqui não é tão perigoso assim, aqui não. Mas lá também não é tão perigoso assim, tem lugares específicos

né, que são perigosas, tipo a principal do nordeste não é perigosa, no vale não é perigoso, tem lugares específicos tipo Boqueirão, tipo Nova República

Entrevistada 1: Cê tem vontade de morar em Salvador?

Entrevistada 2: Tem lugares específicos, tipo onde o tráfico é mais intenso, que aí tem essa questão de disputa entre facções, entre policiais

Entrevistada 1: Aqui foi uma exposição que eles foram, tem várias fotos dessa exposição que eles estavam assinando o nome na parede, essa foi na Casa Cultural da Caixa né? Na Carlos Gomes. Caixa Cultural da Carlos Gomes. Tinha uma exposição do filho de Tatal(?) cê conhece? Aquele cantor, lembra?

Entrevistadora 1: Sei

Entrevistada 1: As pinturas dele são lindas, aí a gente foi ver, é Oliver o nome dele né?

Entrevistadora 1: Tem foto ou só vídeo?

Entrevistada 1: Tem foto

Entrevistada 2: Olha essa foto linda, Jorge mudanças

Entrevistadora 1: Ah, muito bom

Entrevistada 2: Ele trouxe todas as mudanças

Entrevistada 1: Tem Jorge aqui

Entrevistada 2: Tem um estigma do bairro periférico...

Entrevistada 1: Vai rodando aqui, tem Zuri

Entrevistadora 1: Vou rodar, pera aí

Entrevistada 2: Mas acho que não é essa violência, eu acho que essa violência vem mais do confronto entre Estado...

Entrevistadora 1: Do que dentro, entre as pessoas

Entrevistada 2: Do que entre os moradores

Entrevistada 1: Não existe muros, só existe nós

Entrevistadora 1: Essa é da mudança pra cá?

Entrevistada 2: Da mudança? Que mudança?

Entrevistadora 1: Ah só tá posando com o homem? Cês lembram onde é essa foto?

Entrevistada 2: Foi lá na Vitória

Entrevistada 1: Ah, Jorge mudança, quem tirou essa foto aqui fui eu, eu achei bonito

Entrevistadora 1: Deixa eu ver o que você ia me mostrar

Entrevistada 1: Vai rodando aí que aí é Jorge na exposição de Oliver. Tem Zuri aí também

Entrevistadora 1: Esse é na Caixa Cultural também né?

Entrevistada 1: É, na Cultural, na Carlos Gomes

Entrevistadora 1: Mas vocês sentem que, nesse sentido, vocês deixam de fazer algo ou?

Entrevistada 2: Eu não deixo de fazer nada, ela deixa, minha mãe tem medo de tudo

Entrevistada 1: Mas como assim deixar de fazer algo? Não entendi essa pergunta

Entrevistada 2: Cê saí a noite?

Entrevistada 1: Ah, tipo assim

Entrevistadora 1: Pensando na cidade, esse local

Entrevistada 1: Ah sim, aí eu penso realmente. Eu tenho medo de sair de noite, eu gosto

de voltar cedo

Entrevistadora 1: Mas você pensa por que assim?

Entrevistada 1: Por causa da violência

Entrevistadora 1: Você já passou por algo nessa região? Já passou em outra região?

Entrevistada 1: Não, por aqui, eu procuro evitar

Entrevistada 2: Cê já foi assaltada?

Entrevistada 1: Não, mas já vi casos de assalto dentro de ônibus, eu não fui assaltada, mas eu

Entrevistada 2: A realidade é essa. Aqui é do zoológico

Entrevistada 1: Eu pedi a Deus que me botasse invisível e eu acho que eu consegui, todo mundo foi assaltado e eu não fui. Essa foi lá também na Caixa.

Entrevistadora 1: Ah que lindo

Entrevistada 2: Tem mas é vídeo, minha mãe empurrando o carrinho

Entrevistada 1: Essa foi na caixa, eles dois lá. Essa também tá bonitinha né, ela tentando carregar ele

Entrevistadora 1: Ah, linda demais

Entrevistada 1: Ela não gosta que eu tire foto não, mas eu

Entrevistada 2: Eu gosto, mas mãe tem problemas comigo viu flora, fica tranquila, não é nada pessoal, é só...

Entrevistada 1: Olhe o exibido, olhe o exibido, como ele faz as poses

Entrevistadora 1: Posudo, todo posudo

Entrevistada 2: Aqui é Jorge na Casa Branca, mas tem uma foto minha e de Zuri.

Entrevistadora 1: E qual parte da Casa Branca é mesmo?

Entrevistada 2: Federação, é Vasco da Gama, Federação mas é tido como... Ah, aqui é um ano de Jorge mas é no restaurante, não sei se tem interesse.

Entrevistadora 1: Acho que dentro os restaurantes não estão. Eh... Em relação ao seu terreiro...

Entrevistada 2: Não, eu não estou, mas em nenhum casa.

Entrevistadora 1: Você não está lá agora. Mas quando você estava lá, era tranquilo a questão do deslocamento mesmo, em relação ao horário, não sei se...

Entrevistada 2: Não, não era tranquilo, não.

Entrevistadora 1: Tinha que chegar tarde, cedo. Como era me conta?

Entrevistada 2: Tipo, para Itinga era um rolê... Não, primeiro, era porque o terreiro se dividia em Itinga e Carmo, e aí no Carmo era tranquilo, né, porque é bem próximo. Carmo era no Pelourinho, era próximo, mas Praitinga é um rolê, é lago de Freitas. Ou fretavam o carro, todo mundo junto, ou ia de ônibus.

Entrevistadora 1: Isso é o primeiro.

Entrevistada 2: É. Era um... Não foi um dos motivos, mas... A pandemia eu acho que sei lá, afastou e aí eu fiquei nessa de... É um pertencimento também, né? Porque tem muito isso. Sei lá, não me senti pertencente a aquela família. E aí pedi pra me desvincular. Isso aí, e depois não entrei mais em nenhuma casa, mas ainda me digo candomblecista porque tem uma afinidade, igual de cultura, né?

Entrevistadora 1: É.

Entrevistada 2: Mas, assim, processo de iniciação, porque o candomblé tem muito isso, né? É uma religião de iniciação. Se você não se iniciou, como é isso. Mas é isso, a gente tem... Olha essa foto do João Jesus, né? Mas aqui é uma foto agora.

Entrevistadora 1: Nossa, belíssima.

Entrevistada 2: É linda essa foto, né? Mas a outra que aparece a barriga é mais bonita. Aqui, olha. Aí era na casa que a gente morava, inclusive, Zuri nasceu em casa, nasceu nessa casa.

Entrevistada 1: Conte a história, minha filha, que esse menino nasceu em casa.

Entrevistada 2: Se você quiser, pode tirar dessa foto, dessa daqui.

Entrevistadora 1: Acho que seria melhor aquela do telhado, mas está muito...

Entrevistada 2: Nua, né?

Entrevistadora 1: Será que esse contra-luz aqui, se pegar...

Entrevistada 2: Pode ser, não tem problema ficar nua não, Flora, minha mãe que tem. Não, eu não enxergo o corpo com o pecado.

Entrevistadora 1: Eu vou pedir essa aqui também, que aí eu posso editar um pouco.

Entrevistada 2: O corpo pra mim ele não é pecado.

Entrevistadora 1: Isso é em Paulo das Casas?

Entrevistada 2: Na rua Ademário, não. Ali era Rubens Pinheiro. Rubens Pinheiro era qual? É porque eu morei numa rua que tinha dois... Rubens Pinheiro. Ademário Pinheiro, número 19. Que foi a casa que a Zuri nasceu.

Entrevistadora 1: Aldemário né?

Entrevistada 2: Aldemário. Ah, essas fotos são lindas. A gente aqui...

Entrevistada 1: Ele nasceu em casa. Foi um Deus acuda.

Entrevistada 2: Pra ela. Você já percebeu que minha mãe é dramática e também gosta de um drama, né?

Entrevistada 1: Não é não, porque só estava eu e ela dentro de casa.

Entrevistada 2: Não, estava eu, você, Jorge e um amigo meu Alex.

Entrevistada 1: A porta bateu. Ela foi no carro da polícia. Ninguém quis prestar socorro

Entrevistada 2: Eu não quis prestar socorro. A gente tinha uma blusa padronizada, Zuri estava na barriga.

Entrevistadora 1: Ai, que linda.

Entrevistada 2: (entrevistada 1), ó. E tem uma reticência.

Entrevistadora 1: Sim.

Entrevistada 2: Porque a gente não sabe o que virá. Ó, ó, ó. Isso foi quando eu cheguei aqui. Minha mãe... A gente é de minha mãe. Eu tenho a pena de minha mãe.

Entrevistadora 1: E essa...Esse aqui é no... Onde? Essa última que você mostrou.

Entrevistada 2: Essa é no Cristo da Barra. Porto turístico, né?

Entrevistadora 1: Não, pela grama eu achei que era na barra. Aí eu...

Entrevistada 2: Ela está percebendo...

Entrevistadora 1: Essa grama aí...

Entrevistada 2: Esta parada tão verde.

Entrevistada 1: Tão verdinha, né?

Entrevistadora 1: E quando vocês frequentam esses espaços turísticos...Como vocês se sentam? Por que vocês não ter estranhamento nisso, né?

Entrevistada 2: Naturalmente.

Entrevistada 1: Eu me sinto...

Entrevistada 2: Dona da porra toda. Mentira. Assim, não é um estranhamento, não. Tipo, é como se fosse o quintal de casa. Uma área já comum. Tipo, ah, já conheço isso aqui.

Entrevistadora 1: Mas é confortável, não?

Entrevistada 2: É confortável e chato. Eu gosto de ir pra lugares que eu não conheço.

Entrevistadora 1: Você sente que você já conheceu muita coisa assim, desses lugares. Vamos supor que eu conhecesse. Se eu falasse assim, ah, vou dar uma super turistada em Salvador o mês inteiro. Você já foi na maioria desses lugares?

Entrevistada 2: Já. Eu gosto de viajar, Flora. Eu gostava de viajar, né? E aí, eu acho que os filhos me deram uma parada aí. Não os filhos, é o financeiro, né? E aí, tipo, conhecer lugares, estar em lugares que eu já conheço, não me sinto muito atraída, não. Eu gosto de desbravar, descobrir coisas novas.

Entrevistadora 1: Mas você fica meio entediada, né?

Entrevistada 2: É, eu fico entediada. Mas aí eu penso, ah não, estou fazendo com que os meus filhos conheçam... A cidade deles.

Entrevistadora 1: É uma revisita cidade.

Entrevistada 2: É uma revisita cidade com eles.

Entrevistadora 1: Mas nesse intuito deles terem...

Entrevistada 2: Não tenho muito entusiasmo. Então vou dar um tédio, na verdade. A realidade é essa. Assim, é sempre a mesma coisa, as mesmas pessoas, nos mesmos lugares. É, cansa.

Entrevistadora 1: Imagina esses espaços.

Entrevistada 2: [fala com a criança] Aqui é foto de fotógrafo também. Olha essa foto. Mas aqui é o lugar fechado. Aqui é o lugar fechado.

Entrevistadora 1: Não, muito lindo. Nossa, linda.

Entrevistada 1: Vira aí, (entrevistada 2). Deixa eu ver. É de gravidez seu?

Entrevistada 2: É, de Zuri.

Entrevistada 1: Ah, então eu já vi. Não quero ver não.

Entrevistada 2: Não, eu estou procurando a foto na casa branca que está em uma árvore.

Entrevistada 1: Porque essa não faz aquela...

Entrevistada 2: Que é o quê? Aqui é grávida de Zuri na escola de teatro. Dentro da escola de teatro e aqui fora da escola de teatro.

Entrevistadora 1: Deixa eu tirar da escola de teatro.

Entrevistada 2: Você quer dentro ou fora?

Entrevistadora 1: Fora.

Entrevistada 2: Você quer assim, no verde?

Entrevistadora 1: Pode ser aqui. A que tiver mais ampla assim.

Entrevistada 1: Está fofoíssimo, né?

Entrevistadora 1: Muito.

Entrevistada 1: Você quer essa ou outra?

Entrevistadora 1: Espera aí. Deixa eu tirar essa aqui. Mas tem algum motivo para ser na escola de teatro?

Entrevistada 2: Não, é porque o fotógrafo trabalhava lá e aí foi lá. É um amigo aquele, é o Luiz.

Entrevistadora 1: Ah, esse é o fotógrafo?

Entrevistada 2: É, ele é técnico de som, técnico de luz.

Entrevistada 1: Ah, que fez suas fotos.

Entrevistada 2: Aqui você quer tirar uma foto dele e tira...

Entrevistada 1: Nessa parte você mostrou uma foto dele aí?

Entrevistada 2: Foi, encontrei ele no ônibus. Você quer qual, essa ou essa? Essa?

Entrevistadora 1: Acho que pode ser essa.

Entrevistada 2: Ah, Luiz, ele é maravilhoso.

Entrevistadora 1: Você estava grávida de Zuri, né?

Entrevistada 2: Zuri. Dois mil e... 9 de setembro de 2018, foi no domingo.

Entrevistadora 1: Deixa eu ver qual você ia me mostrar àquela hora.

Entrevistada 1: Você ainda quer de Zuri?

Entrevistadora 1: Quero.

Entrevistada 1: Você gostou?

Entrevistadora 1: Gostei, claro.

Entrevistada 2: Zuri estava aqui na barriga. Olha a gente na parada gay. Com o meu amigo Ki. Aqui, ó. Com o meu amigo, que foi pra maternidade comigo. E ele fala, depois daquele dia, foi... aqui. Na parada gay, em Campo Grande. Nesse dia...

Entrevistadora 1: Que foi na maternidade, na ocasião de Jorge?

Entrevistada 2: De Zuri. de Jorge, quem foi foi o pai, ainda estavamos juntos. E aí ele foi... na de Zuri.

Entrevistada 1: Essa está bonita. Essa está boa, né?

Entrevistada 2: Ele é gay, Alex.

Entrevistadora 1: Muito bom.

Entrevistada 2: Ele é gay.

Entrevistadora 1: Espera, deixa eu anotar aqui só as fotos que são. E essa parada gay aqui aconteceu onde?

Entrevistada 2: No Campo Grande, praça 2 de Julho. Eu e minha gata.

Entrevistada 1: Você ainda tem? Deixa eu ver a foto da gata.

Entrevistada 2: A minha gata.

Entrevistada 1: Está pensando que é seu gatinho.

Entrevistada 2: Aqui é a biblioteca onde eu trabalhava. Eu estava grávida de... Ah, foi Zuri. Foi Zuri.

Entrevistada 1: Ah, ela tinha uma foto bonita, nas duas juntas, não era Nat? Eu tava de black, você é de black, eu de black. Você com o cabelo para cima.

Entrevistada 2: Você é de peruca.

Entrevistada 1: Eu de peruca

Entrevistadora 1: Ah, eu vou começar a te dar uma sugestão. Quando você mostrar foto, como você está vendo Google Fotos, se você puder marcar uma estrelinha, porque depois eu vou te pedir essas fotos. Desculpa eu não ter te falado isso antes

Entrevistada 2: Eu não vou nem saber quais foram as fotos.

Entrevistadora 1: Vai porque eu vou te mandar.

Entrevistada 2: Você vai fazer eu pesquisar tudo Flora. Então vamos começar. Que pesquisadora é essa?

Entrevistadora 1: Exato.

[risos]

Entrevistada 2: Aliás, melhor. Já lhe mando.

Entrevistadora 1: Desculpa.

Entrevistada 2: Você também vai querer as dela?

Entrevistadora 1: Não. Não, não pedi desculpa. Eu chutei ela...

Entrevistada 2: Todas as fotos que eu mostrar, ela vai mandar para você e você vai mandar para ela. Eu já faço isso agora.

Entrevistadora 1: Tá bom

Entrevistada 2: Claro, hoje em dia a tecnologia está ajudando.

Entrevistadora 1: A tecnologia está aí para isso.

Entrevistada 2: É e a gente fica nessa de não se comunicar, porque eu sou horrível. Eu gosto da tecnologia, mas é um problema.

Entrevistadora 1: Mas essa invenção que fizeram no WhatsApp é terrível.

Entrevistada 2: É, não, Instagram, WhatsApp, ter que alimentar tudo. Ah que saco, gente.

Entrevistadora 1: E onde era essa biblioteca que você trabalhava?

Entrevistada 2: A biblioteca Juraci Magalhães Júnior.

Entrevistadora 1: Ah, eu estou...Eu estou querendo...

Entrevistada 2: É mas está fechada, cê queria ir?

Entrevistadora 1: Não, mentira?

Entrevistada 2: Eu não sei se já reabriu. Inclusive, eu encontrei até a diretora aqui.

Entrevistadora 1: Eu fiz aqui uma na pesquisa da internet. Estava aberta a dita hora.

Entrevistada 2: É? Mas liga. Liga antes de ir, 3116-5369.

Entrevistadora 1: Mas eu vou só em setembro. Mas lá encontra coisa histórica nessa biblioteca?

Entrevistada 2: Do bairro? Do bairro do Rio Vermelho. Não, peraí. Qual a biblioteca que você está falando?

Entrevistadora 1: A que você trabalhou

Entrevistada 2: Juraci Magalhães Júnior. Encontraa história do bairro do Rio Vermelho.

Entrevistadora 1: Ah, específica aqui.

Entrevistada 2: Especifica. Mas tem algumas coisas de Teixeira. Dá pra encontrar alguma coisa da cidade de Salvador. Tem alguns livros. Tem foto de Zuri quando nasceu. Não precisa, né? Cara de criança com o joelho.

Entrevistadora 1: E você ia como para esse emprego?

Entrevistada 2: De bicicleta.

Entrevistadora 1: De bike? Você estava grávida?

Entrevistada 1: Não.

Entrevistadora 1: Essa foto aqui não tava não?

Entrevistada 1: Zuri estava bebê.

Entrevistada 2: Aqui não. Pera ai

Entrevistada 1: Não ia trabalhar de bicicleta.

Entrevistada 2: Não, mas aí eu não ia, não, eu estava grávida. Eu não ia de bicicleta.

Entrevistadora 1: Mas você pode ir de bicicleta e estar grávida, só estou perguntando.

Entrevistada 2: Antes de estar eu ia de... Então... Agora fiquei em dúvida. Ah, peraí. É porque eu fiquei quatro anos lá.

Entrevistadora 1: Deu para ir de todo jeito.

Entrevistada 2: Deu para ir andando. Eu fui de bicicleta. Deu para ir de ônibus. Mas quando eu estava grávida eu ia de ônibus ou andando.

Entrevistadora 1: E andar de bicicleta aqui, como é? Era um trajeto de quanto tempos?

Entrevistada 2: Eu ando de bicicleta. Minha bicicleta é rapidinha. Dez minutos, cinco. Para o trabalho.

Entrevistadora 1: E era de boa?

Entrevistada 2: Ciclovia, tem uma parte do trajeto que não tem ciclovia. E a gente entra ali, pega a rua do meio. E já sai lá. É bem de boa. Aqui tem muitas cicloviás. Salvador é ótimo para andar de bicicleta. Eu andava de bicicleta. Eu sempre andei de bicicleta. Desde 2010. Na verdade, por um ex-namorado que já andava de bicicleta. E aí a gente rodava a cidade de bicicleta. E aí não tinha nem muita ciclovia. Era na rua mesmo. E a galera respeitava. Eu andava sem capacete. Depois eu comecei a andar de capacete, bonitinha.

Entrevistada 1: Aí no Museu de Arte da Bahia. Mas ela já deu foto, né?

Entrevistadora 1: Mas deixa eu tirar só para ter mais uma.

Entrevistada 1: Mas você quer qual?

Entrevistadora 1: Essa aí, com os meninos aí.

Entrevistada 1: Tem essa também.

Entrevistadora 1: A outra, volta

Entrevistada 1: Tem essa.

Entrevistadora 1: A outra

Entrevistada 1: Cê quer essa?

Entrevistadora 1: Mas você pode mandar para a (entrevistada 2)?

Entrevistada 2: Já manda para mim. Olha essa. 92, anos atrás.

Entrevistadora 1: É porque perto, né?

Entrevistada 2: Perto. Aí rolavam ciúmes. É porque eu não queria tirar. Porque perde o território quando o outro nasce. Eu estou gostando agora que eu vou desbancar Zuri. Porque ele se acha. Ele se acha. Ele dorme comigo. Eu estou cansada. Eu fiquei feliz por causa dele. Falei, agora sim.

Entrevistadora 1: Aí a próxima criança é quem vai se achar. Por isso que vai tendo mais. Porque aí você vai querer desbancar o próximo.

Entrevistada 2: [risos] Não.

Entrevistadora 1: Só ver se está gravando.

Entrevistada 2: A minha avó com Zuri.

Entrevistadora 1: Ah não, que gracinha. Olha a sorrisinha dela.

Entrevistada 2: Ela é apaixonada. Como ela é machista, ela gosta muito dos homens. Quando nasce homem. Nossa, que tudo homem. Porra. Uma loucura isso.

Entrevistada 1: [fala com a criança]

Entrevistada 2: Ela xinga muito.

Entrevistada 1: Ela quem?

Entrevistada 2: Você.

Entrevistada 1: O Deus.

Entrevistada 2: Eu adoro quando ela fala Deus nesse momento.

Entrevistada 1: O único nome que eu dou é merda.

Entrevistada 2: Tanta coisa que sai daí.

Entrevistada 1: E você tem fotos mais antigas assim? Mesmo que... Nem de estar Tirada com celular. Ou com câmera digital.

Entrevistada 1: Ela pegou as fotos tudo.

Entrevistada 2: Cê quer uma foto da minha criança? Ah não, realmente. Eu fiz uma pega. Não joguei fora. Eu morava numa casa. E aí, sei lá. Teve um problema com a água. A água retornou do esgoto. Tipo uma louca. Ficou perto da água. As fotos estavam perto e molhou.

Entrevistada 1: Perdeu tanta foto bonita dela pequena. Cadê aquela sua?

Entrevistada 2: Olha a gente andando de Uber. Você quer tirar foto? Tem uns registros de que a gente anda de Uber.

Entrevistadora 1: Sim

Entrevistada 1: Quer ter na cara pequena? Como é a cara de Jorge?

Entrevistada 2: Mas também tem foto de ônibus.

Entrevistadora 1: Quero também.

Entrevistada 2: Eu passei até por um. Está aí o Jorge.

Entrevistada 1: Cadê aquela sua foto que você te tomou de mim? Que você é a cara de Jorge? Você está tão parecida, minha mãe me deu. Jorge disse que era ele.

Entrevistada 2: É a foto que eu estou com o meu.

Entrevistadora 1: Você criança né?

Entrevistada 2: Tem foto com o parque da cidade com o Alex. Aqui. Aqui da cidade. Ah, eu já mandei a outra. Qual foi que eu não te mandei? Acho que é a última.

Entrevistadora 1: Acho que é a última. Eu posso mostrar aqui.

Entrevistada 1: As minhas fotos sumiram tudo.

Entrevistada 2: Se eu soubesse que tinha essa parte, você sabia que eu desistia? De ter que mandar as fotos?

Entrevistadora 1: Ainda bem que eu não falei.

Entrevistada 2: [risos] Isso é que é o trabalho. Eu tenho que escrever, Flora. Eu tenho que qualificar. O povo já disse que vai ter desligamento. Ou você qualifica, ou vocês vão ser desligados. Você não está entendendo. Eu vou voltar. Depois eu procuro.

Entrevistada 1: Aqueles três oh. Ela nem olha os filhos. Fica no celular e os menino tudo jogado. Eu que fico olhando. Ela nem viu. Ela não viu tirando as fotos. Eu pego ela no flagra.

Entrevistadora 1: Você é boa registradora né.

Entrevistada 2: Mesmo que não dê importância. Porque eu não fui pra ficar pousando. O celular dela que não tem uma boa megapixels.

Entrevistadora 1: E foto sua mais antiga, tem?

Entrevistada 2: Tem. Pode pegar.

Entrevistada 1: Foto antiga... Aqui nesse celular?

Entrevistadora 1: É, em algum lugar

Entrevistada 2: Pode ser. Tem sim. Pega o álbum de fotos, tem fotos. Cadê?

Entrevistada 1: Tá lá no quarto, dentro daquela caixa.

Entrevistadora 1: Pega lá por favor.

Entrevistada 2: Pega pelo amor de Deus. Eu na feira, no nordeste de Amaralina. Essa merece.

Entrevistadora 1: Ah boa, boa. Essa é linda.

Entrevistada 2: Belíssima

Entrevistadora 1: Nossa, essa é lindíssima.

Entrevistada 2: É linda, é fruta e menina. Farmácia e... Deixa eu te mandar logo.

Entrevistadora 1: Eu vou fazer, para minha vinda...

Entrevistada 2: Nossa 25, bastante foto. A gente gosta de você mostrar.

Entrevistadora 1. Graças a Deus. Isso é na Feira?

Entrevistada 2: Na feira do nordeste de Amaralina [fala com a criança] Esse cara não tá nem mais aqui. Ele era broderzão, ele era Evangelico. Esse senhor aqui, ainda bem que ele está de costas daí não tem esse negócio de direitos autorais. Ele aqui é que é o vendedor. A gente era muito amigo.

Entrevistadora 1: Tem mais alguma na feira?

Entrevistada 2: Tem essa mas parece que... é a mesma foto, parece que tá tratada e tal.

Entrevistadora 1: Ah sim, nossa essa é linda na feira

Entrevistada 2: Vou até marcar aqui.

Entrevistada 1: Essa daqui, ela quer a minha fotos. Meu primeiro guru. Guru machi de Vilã Sananda. Quando eu morava no Rio, eu frequentava o centro de meditação, sida e yoga. Eu gostava tanto.

Entrevistadora 1: Tinha guru e tudo.

Entrevistada 1: (entrevistada 2) ia, e minha filha pintava o sete....

Entrevistadora 1: Você é realmente uma pessoa espiritualizada. Minha mãe é parecida com você. Várias coisas.

Entrevistada 1: [risos] Vai em tudo.

Entrevistadora 1: Fiz um monte de coisa. Fui em todo lugar.

Entrevistada 1: Ela tem que idade?

Entrevistada 2: Sua própria psicóloga, terapeuta.

Entrevistadora 1: Ela está com 58 anos. Eu sou psicóloga holística. Só holística. O curso é, o código dos lá dos psicólogos eu tinha nenhum, mas os holísticos...

Entrevistada 1: Isso foi no Senai quando eu trabalhei lá. Eu era instrutora de pintura.

Entrevistadora 1: Que linda.

Entrevistada 1: Eu fazia pintura lá e... Era instrutora de pintura em tecido, estamparia. Meu Deus, é coisa em mulher. O que é isso que a (entrevistada 2) está colocando aí?

Entrevistada 2: Jorge na praia.

Entrevistadora 1: Qual praia mesmo?

Entrevistada 2: Ipitanga.

Entrevistada 1: Aqui é eu grávida de (entrevistada 2). Prenha. Aqui no dia do aniversário do meu irmão Raimundo.

Entrevistada 2: Essa não vai ter como tirar.

Entrevistada 1: Eu estava prenha. No dia de parí aqui. Foi aniversário do meu irmão Raimundo. Todo mundo saiu, “bora festejar” eu disse “não vou não”. Eu já pronta, desisti, desisti de ir. Eu disse “não vou não, acho que eu vou parir”. Não deu outra. Meu irmão é 21 e ela nasceu em 22.

Entrevistadora 1: Deixa eu tirar foto dessa.

Entrevistada 1: Eu tinha tanta foto bonita de (entrevistada 2) pequena comigo.

Entrevistadora 1: Tem foto aí sua tipo na rua, na praia, sabe na cidade, assim, ao ar livre?

Entrevistada 1: Aqui não dá nem pra ver direito. Essa é antiga. Essa aqui é antiga. (entrevistada 2) na Praia do Forte quando era bebê.

Entrevistadora 1: Não, a que você tiver aí. Não precisa ser a mais antiga não. Essa aqui... Oxente... Caiu tudo aqui.

Entrevistada 1: Aqui é antiga, na praia do Forte com (entrevistada 2).

Entrevistadora 1: Ah na praia do Forte. Rápidão. Esse seu emprego dessa foto aqui era onde?

Entrevistada 1: Isso aí era no Senai Dendeseiro. Eu era instrutora cursos de Pintura e estamparia em tecido. A menina fez eu tirar foto do baú. Aí é (entrevistada 2) quando era garota, vê se não é a cara de Jorge?

Entrevistada 2: Não dá pra ver, essa aqui está escura, no mesmo lugar. Olha essa foto da gente também. Está linda, no farol da Barra. Eu, ela, aqui é minha mãe.

Entrevistadora 1: Nossa, que linda.

Entrevistada 2: Foi de Alex essa foto. Olha o pôr do sol como estava belíssimo.

Entrevistadora 1: Nossa, ficou linda mesmo.

Entrevistada 2: Muito linda essa foto. Estava pedindo uber aqui.

Entrevistada 1: Ela disse que a gente não andava de uber. Mas a gente andava.

Entrevistada 2: O povo gosta de ter um serviço né? De ter um motorista.

Entrevistada 1: Ela disse que quer me ver na praia.

Entrevistada 2: Eu quero que vocês vejam. Eu quero que você seja nossa motorista.

Entrevistadora 1: Essa aqui é em qual praia? Essa aqui é em qual praia mesmo?

Entrevistada 2: Praia do Forte.

Entrevistada 1: Praia do Forte, e lá era pequena.

Entrevistada 1: É dentro do projeto Tamar?

Entrevistada 1: É. Olha a cara de (entrevistada 2) aqui. Olha para aqui, Nathália.

Entrevistada 2: Eu amo essa foto. Eu amo essa foto.

Entrevistada 1: Deixa ela aqui separada.

Entrevistada 2: Olha a minha mãe com o Zuri na Niundina.

Entrevistada 1: Aí atrás é uma mandequinha. Lá era a escola de artes.

Entrevistada 2: Minha mãe com Zuri, Zuri sendo um soninho maravilhoso.

Entrevistadora 1: Só um... Com o nome daquilo? Um sonho, né? Que parece um caldinho.

Entrevistada 2: Na casa a gente não tinha o mesmo dele catando acerola.

Entrevistadora 1: Nossa.

Entrevistada 2: Eu amo essa foto.

Entrevistadora 1: Os seus filhos saíram bonitos.

Entrevistada 2: O pai é bonito.

Entrevistadora 1: Essa aqui é onde?

Entrevistada 2: É...

Entrevistada 1: Você foi também.

Entrevistada 2: Como é?

Entrevistada 1: Chapada Diamantina.

Entrevistada 2: Não, mas como é o nome do lugar?

Entrevistada 1: Ferro Velho? Cachoeira de Ferro Velho?

Entrevistada 2: Não, é Ferro Doido. Não sei se é não Ferro Doido. Mas o nome.

Entrevistada 1: Não é Chapada Diamantina?

Entrevistada 2: É na Chapada, mas tem um nome específico.

Entrevistada 1: Ah, agora eu não me lembro.

Entrevistada 2: Pera Flora que vai vim.

Entrevistadora 1: Tá, não, tranquilo. Deixa eu ver aqui

Entrevistada 1: Esse daqui foi em São Paulo.

Entrevistadora 1: Eu vou ver só de Salvador mesmo.

Entrevistada 2: Aqui é na rua da frente de casa.

Entrevistada 1: Aqui foi na Praia da Barra.

Entrevistada 2: Aqui nesse prédio do lado. Tem uma foto aqui.

Entrevistadora 1: Na Barra isso aqui?

Entrevistada 1: Essa foi na Barra.

Entrevistada 2: Olhas fotos que meus amigos tiraram, a gente com o cara que pega entulho aqui. Você quer?

Entrevistadora 1: Eu quero essa e aquela primeira.

Entrevistada 2: Qual, a que eu tô de costas?

Entrevistadora 1: Isso.

Entrevistada 1: Está muito fofa, viu? Praia do Forte. Essa eu gosto.

Entrevistada 2: Qualquer coisa depois eu pergunto tipo “ah é onde?”.

Entrevistada 1: Se precisar de uma pequena de (entrevistada 2), aqui ela bebê.

Entrevistadora 1: Ah que linda

Entrevistada 1: Aqui eu no yoga, (entrevistada 2). Essa menina, é como é o nome dela? Ana Magalhães, (entrevistada 2) tirando onda com Ana Magalhães. E Ana Magalhães adorava ela. “Porque essa menina de...” Ana Magalhães dizia: “você veste cada vestidinho lindo, onde é que sua mãe compra?”, “Na Bahia, na feira.” Na feira? Eu nunca comprei vestido em feira. Se eu comprasse, eu dizia. Mas, da onde ela tirou essa ideia? Na feira...

Entrevistada 2: Aí sim, aí minha família de parte de pai é negra. Aí, ó, a família de parte de pai.

Entrevistadora 1: Ah, sim.

Entrevistada 2: Minha família é parte de mãe, não.

Entrevistadora 1: Entendi.

Entrevistada 1: Aqui foi quando eu morei no Rio.

Entrevistada 2: Ah, deixa, você quer ver meu pai?

Entrevistadora 1: Quero, com certeza. Ele não tá nessa foto aí não?

Entrevistada 2: Não, não. Ele não fala com as pessoas, ele é problemático. Vovô Nélio, né, Jorge? Você ama vovô Nélio, Jorge? A menina tenho foto aqui daquele apartamento que a gente foi olhar, minha mãe. Aí que não ficou lá na moança.

Entrevistada 1: Peraí, aqui é Amaralina?

Entrevistada 2: É. Gente, o que é que eu quero isso? Depois “Ah não tem espaço”.

Entrevistadora 1: Não tem espaço e não entende o porquê.

Entrevistada 2: É, não. É tanta foto de... Nada a ver.

Entrevistada 1: Essa é a cara de Jorge.

Entrevistada 2: Na barbearia. Quer foto na barbearia? Nada a ver.

Entrevistadora 1: Acho que não [risos]. Nossa é mesmo a cara dele. E essa foto é onde?

Entrevistada 1: Viu que ela tinha cara de menino?

Entrevistadora 1: Tinha

Entrevistada 1 Um prado forte. Ela tinha cara de menino. Ela tinha cara de menino.

Entrevistada 1: Ela tinha cara de menino. O jeito de menino...Aqui... [fala com a criança]

Entrevistada 1: Praia do forte.

Entrevistadora 1: Ah, que lindo.

Entrevistada 1: Conhecendo o pescador desde cedo.

Entrevistada 2: Ai, meu Deus. [fala com a criança] Olha as fotos da gente no campo grande. Ah, mas não tem. Está com o Gabriel. Deixa eu ver aqui. Aqui foi no campo grande. Esse negócio que tem de luz que bota do Natal. E todo mundo sai pra ver a luz. Eu odeio. Mas eu sempre levo os meninos porque eles gostam. Tem do ano passado, inclusive. A gente sempre vai ver a luz. O Gabriel...

Entrevistada 1: A Catarina era essa, era não, é.

Entrevistadora 1: A que morou com vocês.

Entrevistada 1: A que morou com a gente. Não era possível que achei Catarina. Aqui foi na mesma época que viajou todo mundo. Eu, ela e a Catarina, nós três.

Entrevistada 2: Como é o nome do lugar?

Entrevistada 1: Morro do Chapéu.

Entrevistadora 1: Ah, eu estou doida pra ir lá.

Entrevistada 2: E a gente viajava. Que vida boa.

Entrevistada 1: Aí foi eu, ela e a Catarina, foi uma aventura.

Entrevistada 1: Essa foto tá toda manchada.

Entrevistadora 1: Eu viajo pra Salvador, porque eu inventei de fazer uma mestrado aqui.

Entrevistada 1: A Catarina ia. A bicha era magra, viu? Começa aqui a foto dela.

Entrevistada 2: Mas nem em Goiás e Mato Grosso você dá esse rolê, não?

Entrevistadora 1: Não, na vida normal eu tenho família em Goiânia e em Mato Grosso, por acaso. Mas desde que a pandemia começou eu não consigo mais viajar, porque eu não tenho mais dinheiro.

Entrevistada 2: O que é isso Flora, cadê a bolsa?

Entrevistadora 1: A minha filha, aquela bolsa não.

Entrevistada 2: Não dá pra nada. Eu faço um milagre aqui, viu? Eu tenho feito um milagre com essa bolsa.

Entrevistadora 1: Mas aí tá conseguindo viajar?

Entrevistada 2: Ah, viajar não.

Entrevistada 1: Aqui é no mil, eu e a (entrevistada 2), quando a gente viajou para Santa Teresa. Tudo isso é Santa Teresa.

Entrevistada 2: Mas você é um corpo, né? Ah, pera aí, você paga aluguel?

Entrevistadora 1: Não, eu moro sozinha. Pago aluguel, pago as coisas.

Entrevistada 2: Ah, então. E é isso. O dinheiro é só para as contas.

Entrevistadora 1: Isso, exatamente.

Entrevistada 2: E Brasília, o custo de Brasília é alto.

Entrevistadora 1: É caríssimo morar lá, nossa, gente. Nossa senhora, você nem sabe.

Entrevistada 2: Eu fui a um tempo e o cream cracker já era 10 reais. Eu achei um absurdo. Era 10 reais, o pacote de cream cracker. Gente, sem contar que é horrível.

Entrevistada 1: Não, aqui foi uma visita que eu fiz. Aí a gente...

Entrevistada 2: Ah, aqui ó.

Entrevistada 1: Botei uns cocar em mim, a coisa do índio.

Entrevistada 2: O quê? Tem uma foto aqui na praia.

Entrevistada 1: Não tem muita coisa de (entrevistada 2).

Entrevistada 2: Na praia não, no calçadão.

Entrevistada 1: A (entrevistada 2) tirou uma foto minha muito bonitinha.

Entrevistada 2: Mãe piriguete, calma. Você quer mãe piriguete ou mãe?

Entrevistadora 1: Que bonita, se você quiser.

Entrevistada 1: Aqui é fogo, eu que fiz essa festa.

Entrevistadora 1: Parece que são gêmeos, né?

Entrevistada 2: É. Na verdade, eu usava esse carrinho. Quem é esse gatão aqui, Jorge?

Criança: Meu pai.

Entrevistada 2: Meu pai.

Entrevistadora 1: Deixa eu ver a cara desse homem é uma foto bem séria, bem específica. Mas dá pra ver que é bonito.

Entrevistada 2: Olha, ele com a minha avó. Minha avó tabacuda. Minha avó tem um malacão.

A mulher tem peito, tem xereca.

Entrevistada 1: Quem é? Você tá vendo? É minha?

Entrevistada 2: Minha mãe e minha avó. Você também, fique tranquila. É cheio de tudo. Mulheres de peito farto. Que situação. Essa...

Entrevistada 1: Aqui é Catarina.

Entrevistada 2: Nossa, tem coisa estranha.

Entrevistada 1: O cartão dela da escola.

Entrevistada 2: Ela é apaixonada por Catarina. Na verdade, a mãe é apaixonada pelas pessoas. Ela é muito amorosa. Olha a bisavó de Zuri.

Entrevistada 1: Aqui é eu e Catarina empurrando o carro. Você lembra que o carro entrou na lama?

Entrevistadora 1: Esse era onde?

Entrevistada 1: Aqui é o Morro de Chapéu.

Entrevistadora 1: Ah, sim.

Entrevistada 1: A gente foi na Cachoeira.

Entrevistada 2: Olha Jorge todo enfarofado, em Vera Cruz? Vera Cruz não.

Entrevistada 1: Aqui é (entrevistada 2). pequena na maternidade.

Entrevistada 2: Jorge perfeito.

Entrevistada 2: Isso tá com pai, né? Porque a mãe jamais deixaria o menino estar assim coberto de areia e comendo areia. Mas eu acho essas vivencias importantes. [fala com a criança]

Entrevistada 2: É Gabriel aqui.

Entrevistada 1: Não é Gabriel, é Romero.

Entrevistada 2 :Aqui que eu tô abraçada?

Entrevistada 1: Sim

Entrevistada 2: É Gabriel.

Entrevistadora 1: E onde que o (entrevistada 2) nasceu?

Entrevistada 1: Aqui eu tava prenda na porta de lá de minha mãe.

Entrevistada 2: [fala com a criança]

Entrevistada 1: Aqui é meu outro guru Era ele primeiro, depois ele morreu e ficou com o mar.

Entrevistadora 1: Aí você foi pra aquela lá, né?

Entrevistada 1: É. Isso é quando eu morava no Rio. Eu ia pra Barra da Tijuca, terça e quarta.

Entrevistadora 1: Pra ir lá nos gurus?

Entrevistada 1: Pra ir lá nos gurus.

Entrevistada 2: Aqui é no calçadão, na verdade. Eu tô mostrando foto de rua, porque eu acho que você quer rua.

Entrevistadora 1: Sim. Deixa só anotar isso aqui.

Entrevistada 2: Aqui no dia que deu biscoito ao menino, aqui é a prova do crime. Comprovou a fraude.

Entrevistada 1: Deixa aí que você pode ter repercussão boa.

Entrevistada 2: Claro, pra na hora que a gente for pra justiça.

Entrevistadora 1: Essa casa aqui de sua mãe, era... a sua mãe só morou em uma casa? A vida toda, nesses últimos anos todos que a gente conversou?

Entrevistada 1: Não.

Entrevistadora 1: Essa aqui era onde?

Entrevistada 1: Essa daí é na rua Esperanto na Graça.

Entrevistada 2: Aqui ali era na graça?

Entrevistada 1: Aí ela tava na porta. Tava na porta chegando assim. Aí na porta de frente, tinha um prédio. Entendeu que era um prédio. Ela morava em prédio. Olha, (entrevistada 2), pra aqui. Aqui foi daquela porta que você molhou. Assim que ela molhou, ela tava tão...

Entrevistadora 1: E esse hospital é qual mesmo?

Entrevistada 1: O Hospital Português. É o Nacional Hospital Português.

Entrevistada 2: E os meninos também. Quer dizer, as crianças.

Entrevistada 1: Eu morei em Brotas com a mãe, morei na graça e no Rio Vermelho com a mãe. E Amaralina. Esses quatro endereços. Na vitória eu já não morei.

Entrevistadora 1: Isso aqui é onde?

Entrevistada 1: Isso aí é na casa da minha mãe.

Entrevistadora 1: Na casa da sua mãe também.

Entrevistada 1: Na varanda.

Entrevistadora 1: Na mesma casa da graça?

Entrevistada 1: Tá molhada assim porque (entrevistada 2) falou pra você. Não foi que ela falou...

Entrevistadora 1: Falou, falou.

Entrevistada 1: Essa é a amiga de (entrevistada 2), do condomínio, Giovana.

Entrevistada 2: Ah, passou até com as fotos, gente. Ah não, aqueles são fotos do WhatsApp, eu acho.

Entrevistada 1: Aqui os tios de (entrevistada 2). Onde ela ficou, morou. Foi pra casa desse aqui, sem camisa. Lá em Pitanga.

Entrevistadora 1: Ah, sim.

Entrevistada 1: Chama-se Bulu, que acolhia todo mundo, recebia a gente todo domingo com grandes almoços. Os domingos era lá. Era um espetáculo.

Entrevistadora 1: Lá em Lauro, né?

Entrevistada 1: Ali é Lauro de Freitas, né?

Entrevistada 2: Ah, eu não aguento mais fazer foto de menino, que chatice. Ah não, não vem com a história de Moisés não.

Entrevistada 1: Foi essa daqui que te acolheu. Milena?

Entrevistada 2: Ah, eu com uma grande amiga, irmã, da vida, da vida.

Entrevistada 1: Nós três. Eu, (entrevistada 2) e Catarina. Catarina faz parte da nossa família.

Entrevistadora 1: Da história né?

Entrevistada 1. Faz parte da história, Catarina.

Entrevistadora 1: Isso aqui é qual praia?

Entrevistada 1: Isso aí é praia de Pitanga. Aí é Pitanga. Olha ela aqui como era bonitinha. Dizem que parecia comigo. Mas eu não achava muito, não. A mãe dela é essa. Mas quando ela dá risada, os dentes dela é igual o meu. Pequeno. Agora não, que ela mudou. Botou os dentes maiores, que ela agora tá global. Aí tá botando o peito, tirando barriga. Fazendo é coisa. [Risos] Tirando barriga, botando o dente global. Dente alvo.

Entrevistadora 1: Puxando o rosto.

Entrevistada 1: O rosto não mexeu.

Entrevistada 2: A galera em Brasília tem muito isso, né? De harmonização.

Entrevistadora 1: O povo que eu ando não, mas eu acho que tem.

Entrevistada 2: Essa é minha amiga que morava lá.

Entrevistadora 1: Ela morava, né?

Entrevistada 2: Morava, Fabrícia.

Entrevistadora 1: Essa aqui que morava em Brasília.

Entrevistadora 1: E aí você passou...Você ficou lá?

Entrevistada 2: Brasília? Eu fui fazer concurso. Fazer concurso, mas não morei. Eu só fui, bati e voltei. Não sei se...Quantos concursos eu fiz em Brasília? Não sei, acho que foi um só. Mas eu fui em Brasília duas vezes. Um ano foi pra fazer... Ah, aqui é a família de minha mãe. Nesse dia seu aniversário de minha avó. Que era nessa foto. Que eu vou lhe dizer agora.

Entrevistadora 1: Que foi lá no restaurante.

Entrevistada 2: Foi, nessa pedra da sereia. Ah, mas é muita gente, né?

Entrevistadora 1: É, muita gente.

Entrevistada 1: Olha que coisa mais linda, ela pegou a foto, rasgou toda. Ela estava vestida de bailarina, tava linda.

Entrevistadora 1: Adoro.

Entrevistada 2: Eu não sei.

Entrevistada 1: Ela arriscou, rasgou.

Entrevistadora 1: E você tem mais o que aí? E nessa caixinha aí que você tem? Tem mais... Além de fotos, tem outras coisas?

Entrevistada 2: Tipo... Cartas?

Entrevistadora 1: É tipo esse negócio aí, ó. Na ponta aí, ok.

Entrevistada 2: Esse metal aí, ó.. Tem essa foto aqui, aqui. Ah, você quer que eu te mande essa foto também?

Entrevistadora Não, acho que essa emoldurada.

Entrevistada 2: Ah, melhor.

Entrevistada 1: Isso é aquele que a gente bota um dedo e toca.

Entrevistadora 1: Deixa eu fotografar.

Entrevistada 1: Tinha castanholas aqui dentro, tinha tudo

Entrevistadora 1: E essa castanholas, qual a história?

Entrevistada 1: A castanholas, uma amiga me deu. E aí, minha irmã gostou. Levou. E não me deu mais. Não tá mais aqui não. Não tem mais nada assim de... Blá, blá, blá. Aqui dentro. Só tem mesmo essa castanholas que eu deixo aqui dentro.

Entrevistadora 1: Só a castanholas, né?

Entrevistada 1: É. E às vezes eu boto essa coisa aqui dentro que eu gosto.

Entrevistadora 1: Deixa eu ver.

Entrevistada 1: Ela tá buscando tudo, (entrevistada 2). Eu ganhei de presente com meu sobrinho nessa mandala. Você vê aí como eu sou uma mística, viu? Atual você vê um pedaço de uma coisa. Aqui foi um paquera meu que me chamou pra Espanha. E eu não...Terminei não indo.Tava quase tudo certo.

Entrevistada 2: Perdeu a chance.

Entrevistada 1: Olha a (entrevistada 2).

Entrevistada 2: Ah, ele era bem legal, gostava dele.

Entrevistada 1: Eu conheci ele por causa de (entrevistada 2). Começou a jogar bola com ele no shopping barra.

Entrevistada 2: Eu sou uma pessoa muito cativante, Flora. Pode não parecer.

Entrevistadora 1: Não parece.

Entrevistada 1: Acho que não tem mais foto aqui não, viu? De interessante não tem mais não.

Entrevistadora 1: Deixa eu...

Entrevistada 1: Essa daqui é minha irmã. Eu sei que as coisas...

Entrevistadora 1: Ah eu tenho você no Instagram? Acho que a gente não se segue

Entrevistada 2: Mas eu tenho aquela sua amiga...

Entrevistadora 1: A Ju?

Entrevistada 2: A que é grafiteira né?

Entrevistadora 1: Aham.

Entrevistada 1: Essa é minha irmã Nita. Ela tem um problema de saúde com depressão. Cadê? E aí quem teve conta dela há muito tempo fui eu.

Entrevistada 2: Ah, ainda tem esse detalhe. Eu sempre dividi minha mãe. Dividi minha mãe. Assim, de não ter atenção de minha mãe, porque ela estava na demanda da irmã.

Entrevistada 1: Mas você foi comigo. Eu fui para casa... Até de escola a Vera te levava porque eu tinha que tomar conta de Nita.

Entrevistada 2: Menina, mas ela... Eu lembro que depois ela ficou lá em casa um tempo.

Entrevistada 1: Foi, ela ficou lá em casa.

Entrevistada 2: Mas assim, de dividir a atenção. E não... Eu ficava... Desencantei.

Entrevistada 1: Será que era isso?

Entrevistada 2: Tinha isso. E também ela tinha problemas. E aí tipo implicava comigo.
Era.

Entrevistadora 1: Ah, assim por causa do temperamento seu, né?

Entrevistada 2: É, desse temperamento depressivo.

Entrevistada 1: E aí eu tive...

Entrevistada 2: E eu também era daquele jeito.

Entrevistada 1: Eu fui para Ipitanga. Passei uns tempos até ela melhorar, porque a coisa foi muito séria. Entendeu? E aí ela tem que fazer tratamento sério. Isso, vou tomar medicamento, tudo. E aí eu fiquei lá na casa desse irmão, o meu de Ipitanga, com ela. Porque ficavam umas pernas de praia, né? Para o tratamento com o mar. Entendeu? Caminhadas cedo, cinco da manhã acordada, vendo o dia nascendo. Aquela coisa toda. Que isso ajudou muito ela a melhorar. E aí, na manhã, quando eu fui, eu levei ela. E aí...

Entrevistada 2: O gatão dela.

Entrevistada 1: Cadê ele aí? Quem é?

Entrevistada 2: Ai, gostoso.

Entrevistada 1: Oh, meu Deus, que saudade. Tão bonzinho. Nego Bom Eu chamava ele nego Bom. Preto velho, rei do Congo, enxerido.

Entrevistada 2: Você quer?

Entrevistadora 1: Não, porque ele tá muito interno.

Entrevistada 1: Aí sim, né? E aí, Vera, minha cunhada, é Bulu, ajudou também. Porque levava eles para a escola, eles têm dois filhos, aí era perto a escola de (entrevistada 2) e a escola do filho aí levava, enquanto isso tomava conta de Rita.

Entrevistada 2: Aonde que eu estudava?

Entrevistada 1: Você estudava no Imbuí. Entrevistada

Entrevistada 2: Me levava?

Entrevistadora 1: Você ia como para a escola? Ela é esquecida, ela era pequena ainda. Quando Rita teve esse problema, você era pequena.

Entrevistada 2: Eu morava na Paralela. Eu ia andando para a escola.

Entrevistada 1: Menina, você estudava na casa de Bulu. Se esqueceu que Rita tava doente, a gente foi pra casa de Bulu e passou uns tempos lá? Viu que ela era pequena ainda?

Entrevistada 2: Sim, mas eu lembro que por 9 anos ela ia para a escola sozinha andando.

Entrevistada 1: Então ela estudava no Imbuí e os meninos em patamares. Os menino em patamares. E aí até a Rita ficar boa, a gente passou assim uns meses lá. Foi uns bons meses. E fazia tratamento em Adenauer e com outros psicólogos, entendeu? E tomando medicamento e tudo, ela foi melhorando e pronto. Tratamento com cristais e tudo. Eu não sei como eu dava conta da coisa, eu sei que...

Entrevistadora 1: Você sabe que deu, né?

Entrevistada 1: Botei cristal pra todo mundo usar. Eu tinha muitos cristais, trabalhava com cristal. Trabalhava com pedras e tudo. E aí eu levava ela, fazia lá o que me dava na cabeça. O que dava certo.

Entrevistadora 1: O ritual.

Entrevistada 1: O ritual era. E dava tudo certo. E ela saía melhor do mar, saía melhor das águas. Ressuscitava.

Entrevistadora 1: E ela melhorou?

Entrevistada 1: Graças a Deus melhorou.

Entrevistada 2: Melhorou. Melhorou do pro estado que estava e depois continuou... É porque uma pessoa que mora com minha avó minha avó é uma pessoa adoecedora.

Entrevistada 1: É. Mãe é.

Entrevistada 2: Essa parte se puder cortar é bom.

Entrevistadora 1: Não, não vou puxar mais. [risos]

Entrevistada 1: Não, é porque mãe é mãe. Mãe não é brincadeira não. Sabe ela é tenente.

Entrevistadora 1: Não, o peso do relato aí que eu ouvi...

Entrevistada 1: É tenente. E não é a favor de mulher. Eu me assustava porque achava que não existia isso.

Entrevistada 2: É porque tem essa questão da família tóxica. E as vezes a pessoa não consegue se desvincular. Minha tia é o tipo de pessoa que não consegue se desvincular da mãe. Não consegue. Nunca saiu de casa.

Entrevistadora 1: Não conseguiu autonomia.

Entrevistada 2: Não conseguiu autonomia. Chega um momento da vida que você tem que mandar a pessoa se foder. Se você não manda você que se fode. Não, não é isso. É porque a saúde mental dela ficou extremamente abalada, Flora. É isso que eu estou falando. E minha mãe sabe o que eu estou falando também. Ela sabe. Ela sabe tudo.

Entrevistada 1: Tudo foi familiar. Ela ficou assim também familiar. Trabalho, muito estresse. Ela tem duas formaturas. Ela fez um curso de...

Entrevistada 2: Não foi trabalho, foi família. Foi mãe. Foi irmãos.

Entrevistada 1: Irmãos.

Entrevistada 2: Mas muito mais mãe, porque...

Entrevistada 1: Ela sofreu um assalto. Teve tiroteio no assalto. Entendeu? Saiu no jornal.

Entrevistada 2: Olha esse nadador gostosíssimo. Olha que deusa. Muito deusa essa criança. Essa criança. Olha toda trabalhada no branco. Olha como a mãe. Olha isso que é uma mãe.

Entrevistada 1: Isso aí ela... Ia viajar por Rio.

Entrevistada 2: Logo vi que não era qualquer traje.

Entrevistada 1: Estava viajando. Ai tirou esse sapato e calçou um tênis. [risos] Ela detestava roupa de menina.

Entrevistada 2: Aí já tem quantas? 71? Vou falar que porra é essa?

Entrevistadora 1: Não, não. É outro cálculo que eu estou fazendo aqui.

Entrevistada 2: Está levando todas as fotos do álbum? Ai meu Deus. Começou a travar o celular agora.

Entrevistadora 1: Gente daqui a pouco eu já vou porque está ficando...

Entrevistada 2: Eu só quero...

Entrevistadora 1: Essa dos oclinhos, essa da praia.

Entrevistada 2: Tô te mandando.

Entrevistadora 1: Não, mas é... Qual o nome?

Entrevistada 2: É Jorge. É na Amaralina.

Entrevistadora 1: E essa aqui é onde?

Entrevistada 2: É na casa de minha avó, na graça.

Entrevistadora 1: Eu chamo sua mãe de Rosalina, por causa da Rosalina.

Entrevistada 1: O que tem escrito aí atrás? Leia aí para mim, faz favor. Ah, imagina que isso queria ver. Pode ler, pode ler. Foi Regina, minha irmã.

Entrevistadora 1: "Você é a menina mais bonitinha da minha vida. Acho você pura como uma flor que embelezará meu jardim quando aqui..."

Entrevistada 2: Chegar.

Entrevistadora 1: Chegar. Sem o beijo, sem meu abraço.

Entrevistada 1: É a dinda dela. Regina.

Entrevistadora 1: Desculpa, isso aqui é Amaralina?

Entrevistada 1: Não, é a Graça na casa de minha, de vovô. Aqui também.

Entrevistada 2: Olha que coisa mais linda.

Entrevistada 1: É, bela, pequena. Aqui minha mãe, aqui a minha outra irmã. Foi na casa desse menino que ela ficou. Aqui minha mãe, aí meu irmão, vai passando aí. Esse daqui foi onde ela foi, olha, para casa dele. Esse menino que você vê aí moreno é filho dele.

Entrevistada 2: Moreno não, bem que você pode ver que o menino é preto.

Entrevistada 1: Não, negro. Desculpe. Você ainda teve aí uma fase da minha vida também...

Entrevistadora 1: Você tinha dificuldade?

Entrevistada 1: Que o quê, amor?

Entrevistadora 1: Não, pode terminar. Tinha uma fase da sua vida.

Entrevistada 1: Que eu...Também fiquei com meu irmão. Então, praticamente quem ficou com ele foi eu. Tomando conta, internando, fazendo tudo. Porque...Todo mundo caiu

fora. Todo mundo só ia fazer uma visita de vez em quando. Ele dormia.

Entrevistadora 1: Você ajudou muita gente na sua família, né? Você é muito cuidadora, né? Tem tanta história aqui que eu já ouvi, tem muita gente.

Entrevistada 1: Muita, muita gente.

Entrevistada 2: Mas na hora que ela precisa não tem ninguém, né? Só para deixar isso bem claro.

Entrevistada 1: Eu me lembro de uma vez, antes dessa, de todas... Eu fiquei com meu pai uma época também. Em Amaralina aqui. Eu fiquei um ano sem estudar. Meu pai teve problema de saúde seríssimo também. Ele só ficava dentro de casa, não saía. E não foi muito legal. Aí eu fiquei com ele, pronto. Isso foi antes que eu dei pra cá de minha irmã, Rosinha. Aí eu fiquei com ele. Aí tá. Depois de um ano, mais ou menos, ele morreu. Foi coração. Mas esse irmão... Ele morreu com 56 anos. Já tem um bom tempo. Eu tinha o que 16, 17. E aí... Depois... Mais dor foi esse irmão meu. Porque aí eu fui acompanhando mesmo, né? O Hospital do Câncer, a acordar de madrugada.

Entrevistadora 1: Outras pessoas ali no sofrimento.

Entrevistada 1: É isso aí mesmo que você falou. Aquelas dores todas. Coisas que você... Olha eu dizer, meu Deus. Quem entra aqui nunca mais é a mesma pessoa. Não é. A pessoa melhora de qualquer maneira. Não tem como não melhorar. Porque é tanta coisa triste. E aí esse outro irmão meu, que ela foi pra casa dele. Ele também me ajudou. Então só ficou eu e ele. Mas ele vinha de Ipitanga. Que ele morava lá. E esse irmão meu, a gente... Ele saiu da casa dele e veio pra Graça. Ele também tinha se separado da mulher. E eu tava lá também na casa de minha mãe. E aí eu pra preservar a saúde de minha mãe, de tia Maria, que já é uma idosa também, que mora com a gente. Eu preferia abraçar essa casa e tomar conta dele. Porque eu disse, se não entrar aqui, se o tia entrar aqui, eu acho que morre. E essa irmã minha, que já tinha depressão, se visse aquilo, eu acho que não ia lutar. Aí eu abracei essa causa aí, minha filha. Mas pra mim também foi puxado.

Entrevistadora 1: Não, sem dúvida. Ninguém tá preparado pra passar por isso.

Entrevistada 1: Foi. Aí depois que ele desencarnou.

Entrevistada 2: Por isso que o...

Entrevistada 1: Ele deixou alguma coisa, carro, dinheiro no banco... Então eu achei que o meu sobrinho não foi muito legal. Porque...

Entrevistada 2: Não, eu fui presente.

Entrevistada 1: Até uma que era advogada e tudo, com meu outro irmão. Já foi pedindo o número da conta. Onde é que tá as coisas dele? Veio se querendo se apossar de tudo.

Entrevistada 2: Não, é por causa do filho dele. Conte a história direta com a Rodrigo também, que tentou...

Entrevistada 1: Rodrigo mora no Rio. Não gaste muito coisa não.

Entrevistada 2: Temos duas horas de entrevista. Já tem material suficiente.

Entrevistadora 1: Então isso que eu ia falar, eu vou liberar vocês.

Entrevistada 2: Eu só quero te mostrar a foto da casa branca. Eu tô aqui procurando essa foto.

Entrevistadora 1: Eu só tenho uma pergunta só mais. Que é pra você. Que é... Você falou que saia pra escola com 9 anos, né?

Entrevistada 2: Sim.

Entrevistadora 1: E era o trajeto da onde pra onde?

Entrevistada 2: Era o trajeto da Paralela para o Ibuí. Coisa de... Não sei quantos minutos. 15, 20 minutos.

Entrevistadora 1: E como era fazer esse trajeto a pé nessa idade? Trajeto a pé nessa idade.

Entrevistada 2: Ah, era... Não era... Tão seguro não. Inclusive porque tinha uma parte de Matagal. Assim, tinha um Matagal. Pra passar.

Entrevistadora 1: Aham.

Entrevistada 2: E aí, às vezes, era estranho. Essa parte do Matagal.

Entrevistada 1: Ali dentro do condomínio?

Entrevistada 2: É, era depois do condomínio ali que tinha aquela parte de mato.

Entrevistada 1: Antes de você chegar na passarela pra atravessar pro outro lado?

Entrevistada 2: É, antes da passarela.

Entrevistada 1: Até hoje tem aquela passagem, né?

Entrevistada 2: Mas não tem mais mato, eu acho.

Entrevistada 1: Não tem mais mato não. Fizeram caminho, não foi isso?

Entrevistada 2: Fizeram caminho. E aí essa parte. Porque aí depois tinha a passarela e as travessias de rua. Aí era de boa. Mas essa parte do mato não era legal não

Entrevistadora 1: Era uma tensão diária, né?

Entrevistada 2: Era uma tensão diária.

Entrevistadora 1: Mas você nunca passou num risco eminente, alguém te seguir?

Entrevistada 2: Não, não.

Entrevistadora 1: Assalto?

Entrevistada 2: Não.

Entrevistada 1: Nat você lembra desse cartão que você passou pra? Que bonitinho.

Entrevistadora 1: Se você quiser, você pode me mandar pelo whatsapp, depois só essa.

Entrevistada 2: Ah, é 29 de junho. Calma, Flora. Poxa, você vai ver...

Entrevistadora 1: Não, eu estou calma, só estou preocupada...

Entrevistada 2: Essa é maravilhosa, eu tenho essa foto no Instagram também. A gente lá no Pelourinho também, nas estátuas de zumbi.

Entrevistada 1: Aí não dá pra descalir.

Entrevistadora 1: Eu já tenho uma tomada que eu vou tirar dessa aqui.

Entrevistada 2: Isso

[corte na gravação]

Entrevistada 2: Eu sei de assim, “ah gostosa”, não sei o quê. De homens mais velhos.

Entrevistada 1: Você está onde lá, Flora? Ali?

Entrevistadora 1: Sim.

Entrevistada 2: Não, mas já quando era no Cabula, já não era de 9 anos, já tinha 13 anos.

Entrevistadora 1: Mas então conta esse... Outro trajeto, então.

Entrevistada 2: Outro trejeto.

Entrevistadora 1: Que era de onde pra onde?

Entrevistada 2: Era do Saboeiro para o Cabula.

Entrevistadora 1: Era mais longo?

Entrevistada 2: Era mais longo.

Entrevistadora 1: Assim, também não sofreu nenhuma violência direta, mas sofreu

esses assédios.

Entrevistada 2: É assédio, é verbal.

Entrevistada 1: Cê conhecia a pessoa (entrevistada 2)?

Entrevistadora 1: Não, é gente aleatória.

Entrevistada 2: É alguém que fala. Você nunca viu na sua vida.

Entrevistadora 1: (entrevistada 1), eu queria fotografar, sabe o que? A sua caixinha, fechada.

Entrevistada 2: É essa foto que eu estava te falando. Pronto.

Entrevistadora 1: Ah, aquela na Casa Branca.

Entrevistada 2: É no baobá que tem na Casa Branca.

Entrevistadora 1: Ah, lá tem um baobá. Me manda, eu vou anotar aqui direto.

Entrevistada 1: Tem essa chave aqui.

Entrevistada 2: É no estacionamento, na parte de baixo.

Entrevistadora 1: Esse é você...

Entrevistada 2: Eu e Zuri.

Entrevistada 1: Tá meio velhinha. Tem outra caixinha lá dentro também, que eu guardo alguma coisa. Vai lá, Jorge, embaixo da minha coisa. Que ela gosta de coisa velha, traz lá.

Entrevistada 2: Coisa velha

Entrevistada 1: Antiga, essa caixa é antiga. As fotos tava cá.

Entrevistada 2: Tô com sono também, Eu durmo cedo, Flora. Cê não viu não que Zuri te abandonou? Tipo, “cansei de você, tchau”.

Entrevistadora 1: Eu vi [risos]

Entrevistada 2: Minha mãe tem uma foto...

[corte na gravação]

Entrevistadora 1: É no álbum de fotos é isso mesmo.

Entrevistada 1: É, mas está faltando um bocado de foto.

Entrevistadora 1: O povo mexe, né? Aí tira da ordem

Entrevistada 1:Tiram. Eu não sei nem onde é que estão. Eu não vi nenhuma aqui. Minhas fotos da Siri yoga.Eu vestida de Indiana, tão bonitinha. Minhas fotos de Com sari. Com sari, com tudo. Essa daqui é a mãe daquele menino que eu te mostrei no jornal. Essa daqui é a mãe dela. Aqui foi São João. Ah, sim, por isso que é essa moça. É por isso que eu pintei o dente. Mãe, faça isso. É a sua mãe, pelo amor de Deus. É o São João.

Entrevistadora 1: Toda feliz com o dente pintado.

Entrevistada 1: Eu adorei, menino. Arrasou, acabou com a foto. Uma foto dessa pra você tirar o dente assim. Vou até deixar do lado de fora que eu vou botar no meu zap. Minhas colegas se acabarem de rir.

Entrevistadora 1: Ah, muito bom.

Entrevistada 1: Vão tudo se acabar de dar risada.

Entrevistadora 1: E essas que sobraram?

Entrevistada 1: Qual?

Entrevistada 1: Essas fotos que acabou que você ainda tem? Você foi guardando? Do que foi sumindo, você foi guardando as caixinhas?

Entrevistada 1: É, menina. A (entrevistada 2) foi na minha casa. Fez uma sacola de foto, levou pra casa dela.

Entrevistadora 1: Que foi lá da água?

Entrevistada 1: Foi essa aí que perdi.

Entrevistadora 1: Ai, sobrou isso aí.

Entrevistada 1: Olha aqui, pequenininha também. Aqui sou eu, aqui é minha sobrinha. (entrevistada 2), não sei onde tá as fotos da Siri yoga, de eu vestida de Sari. Daqui eu tô vestida de sari verde. Cadê meu sari?

Entrevistada 1: Isso aqui eu guardo com muito carinho. Porque foi um presente. Da Siri yoga para o novo milênio, olha só.

Entrevistada 2: Mas tá muito ruim de banana. É porque a gente comprou um bolo de banana aqui, que é muito bom.

Entrevistada 1: Leia.

Entrevistada 1: É aquele... Aquele que eu lhe mostrei.

Entrevistadora 1: Tá bom. Entregue-se ao Silêncio do Intensivo um presente de babá para nós.

Entrevistada 1: De baba. Baba é pai.

Entrevistadora 1: Ah, era de Sida Yoga.

Entrevistada 1: [fala com a criança]Aí eu recebi esse convite, eu adorei. Não consigo jogar fora.

Entrevistadora 1: Deixa eu tirar foto desse convite.

Entrevistada 1: Mas ele já morreu. Só quem tá é aquela outra que eu te mostrei. Não, mas como lembrancinha mesmo. É como lembrancinha que eu guardo com carinho.

[corte na gravação]

Entrevistadora 1: Isso aqui é Seicho-noi-e?

Entrevistada 1: Engraçado, isso aí é o protetor de porta. Eu também guardo aqui. Um dia desses eu vou botar aqui na porta. Mas não botei. [risos]

Entrevistadora 1: Não tá protegendo. [risos]... É porque eu guardo com carinho. É porque eu fui muito feliz na Siri Yoga. Era ótimo. Muito bom. A primeira vez que eu cheguei lá. Eu já fui fazendo um ritual.

Entrevistadora 1: Você já vai de cabeça. [risos]

Entrevistada 1: A pessoa que eu vi morar no Rio. Ele era de Siri Yoga. Quando eu cheguei lá. Você vai levar. Você vai lá na frente. Vai reverenciar o Guru. Aí me vestiram toda minha filha. Aí eu disse “Eu não sei fazer não. Eu não sei fazer não.” Me vestiram toda de indiana. Me botaram o sari. Todo lindo. Me passaram aquele pôzinho na testa.

Entrevistadora 1: A gente já tava reverenciando o Deus lá.

Entrevistada 1: Aí me deram. A bandejinha com fogo. Com o açafrão. Com a coisinha vermelha. Com a chama de fogo. Aí eu fui lá de cima fazer a minha lua. Na frente do guru minha filha. E gente e mais gente, um salão enorme. Muita gente. Quando tocou. Aqueles instrumentos parecendo de candomblé. Atabaque e tudo. Aquele outro que faz...

Entrevistadora 1: Aí você pronto.

Entrevistada 1: Rapaz, eu me tremi tudo. Mas eu me tremi por dentro. Que delícia, que coisa maravilhosa. Eu tô amando, amando. Amendo uma leveza. Mas toda trema. Tremendo mais feliz. Fez tudo certinho como ela mandou. Foi e voltei. O tapete era tão coisa. Que cobria meu calcanhar todo. O tapete quando eu pisava.

Entrevistadora 1: De tão fofo?

Entrevistada 1: De fofo, de tão gostoso. Tudo era de madeira.

Entrevistadora 1: Aí quem não fica num lugar desse. Se eu pisar num tapete fofo desse hoje. Eu ficaria.

Entrevistada 2: Você tá ficando onde aqui Flora?

Entrevistadora 1: Eu tô lá na liberdade. No casa de um amigo.

Entrevistada 2: É um chãozinho, mas não é tão... Você veio de lá? Você veio de lá?

Entrevistadora 1: Não. Fui meio que pingando hoje. Nenhum lugar.

Entrevistada 2: A liberdade é um bairro muito grande.

Entrevistadora 1: Só eu andei ali onde meu amigo mora.

Entrevistada 2: Não assim de...

Entrevistadora 1: Não.

Entrevistada 2: Mas foi no... tem muitas casas de show.

Entrevistadora 1: Eu não fui nada lá assim. Eu andei lá. Eu andei ali em volta daquele largo... Larga da calçada. Que é tipo o centro comercial. Que tem uma feira no meio. Aí fui andando lá pra...

Entrevistada 2: O parque do queimadinho é perto de lá.

Entrevistadora 1: Fui andando pra praia de Boa Viagem.

Entrevistada 2: Foi andando? Desceu...

Entrevistadora 1: Não. Eu fui pela orla praticamente. Eu saí da casa do meu amigo. Fui pro largo da calçada. Da larga da calçada. Eu não sei que seria descer o pano inclinado.

Entrevistada 2: É tipo um plano... Desce tipo um negócio assim...

Entrevistadora 1: Não, não desci. Eu peguei a orla. A orla não foi pela orla. Mas eu peguei a rua paralela a orla. Eu fui andando, andando, andando.

Entrevistada 2: Foi só?

Entrevistadora 1: Fui sozinha.

Entrevistada 2: Mas você liga o GPS?

Entrevistadora 1: Não, eu... Não era tão difícil. Aí eu peguei o GPS só umas duas vezes. Pra ver se eu tinha passado ou não da praia. Porque ele falou que fica nesse lugar. E eu andava no que eu chegava. No lugar que ele mandava. Aí umas duas vezes eu olhei. Mas o caminho era simples. Eu adorei a praia, muito boa, nossa, excelente.

Entrevistada 2: Inclusive a gente tá pensando em morar na Ribeira. Ano que vem. Que os meninos vão estudar por lá.

Entrevistada 1: Junto com Boboreci e Flores. Foi ali que eu conheci o pai dele.

Entrevistada 2: Talvez, né? Os meninos estudem por lá. Então já...

Entrevistada 1: Daí que começou o grande romance.

Entrevistada 2: Já é o momento de você seguir.

Entrevistadora 1: Ah, entendi.

Entrevistada 2: Porque talvez os meninos estudem lá, né?

Entrevistadora 1: Posso fotografar?

Entrevistada 2: Eu já tenho 10 anos morando aqui.

Entrevistadora 1: É?

Entrevistada 2: 8, morando na Amaralina

Entrevistadora 1: Mas qual a questão?

Entrevistada 1: É que...O pai dela... Esqueci de dizer isso... O pai dela... Engravidou a mim e a mulher dele. Eles dois têm quase a mesma idade. Isso é uma coisa importante, né? É brincadeira? Menina... Aí ele disse assim... Quando ela nasceu... Ele disse que chegou em

casa... Porque ele morava com ela ainda. Me dizia que ele tava separado, mas era mentira. Aí ele disse... Quando ele chegou em casa, a mulher dele disse...A sua filha nasceu.A mulher disse isso a ele. E era verdade. Tinha nascido mesmo. Ela sentiu. E quando ele chegou na minha casa também, eu disse... Seu filho nasceu, foi nasceu.

Entrevistada 2: Porque ele é uma pessoa semblante de alegria, né

Entrevistada 1: A pessoa se fica...

Entrevistadora 1: Ah, sim. Ela sentiu a energia dele. Achei que ela tinha sentido essa energia do além. Pegou e deixou na maternidade. E avisou pra ele que o filho tinha nascido. Foi isso que eu tinha entendido.

Entrevistada 1: Era a energia dele porque... Assim. Mesmo que não queira, um filho quando nasce, né? É uma alegria, né?

Entrevistadora 1: Sim.

Entrevistada 1: Ele tem pouca diferença. Quase um ano, meses, né?

Entrevistada 2: Seis meses de diferença.

Entrevistada 1: Seis meses. Ela é dezembro, ele é julho, né? Quatorze, quatro de julho. Não é quatorze, não é quatro. Igual a ele.

Entrevistada 2: Ele é quatro, ele é quatorze.

Entrevistada 1: Ah, menina, até que eu gravei.

Entrevistadora 1: E vocês convivem?

Entrevistada 2: Convivem de boa.

Entrevistada 1: Moram aqui perto.

Entrevistada 2: Não, mas não convive assim. Se encontram, se dão bem, têm educação. [fala com a criança]

Entrevistada 1: Áí um dia ela foi no hospital. Quando o Jorge nasceu. (entrevistada 2), já reparou que não deixa eu falar. Igual minha irmã Rita.

Entrevistadora 1: "Ela está igual minha irmã Rita" [risos].

Entrevistada 1: Ela diz que Rita não deixa ninguém falar. Mas ela também não deixou falar. Ela disse... Ela até me esquecia. Ela não deixou falar e eu esqueço.

Entrevistadora 1: A gente está falando do irmão dela.

Entrevistada 2: Você ia falar de Márcia.

Entrevistada 1: Sim, aí ela estava parida no hospital. Nasceu Jorge. Mãe estava até lá, eu também. Ela nem falou com a mãe direito. Mãe é uma senhora de idade, nem para dar um boa noite.

Entrevistadora 1: Márcia é a mãe dos dois irmãos.

Entrevistada 2: A mãe dos dois irmãos, Renato e Rita.

Entrevistada 1: Áí na hora de ir embora, ela chegou pra mim e disse, você tem uma filha maravilhosa. Eu amo sua filha. Áí eu disse, eu eduquei muito bem. Sou apaixonada por ela. E ele disse isso. Bem assim, eu amo sua filha. Sou apaixonada por ela. Eu disse, eu eduquei muito bem. Ela é muito educada. Ela é muito boa. Agora, na hora da divisão das coisas do apartamento, ela está travando para não dar. Olha que amor. Está vendo?

Entrevistada 2: Existem muitas histórias dentro de uma história. Ela sabe de todas as histórias. Ela não conta... Eu adoro a minha mãe. Ela não conta a versão completa. Ela conta uma parte de...

Entrevistada 1: Diga aí filha então. Qual é a completa?

Entrevistada 2: Você sabe qual é a história completa. Não. Eu não vou falar dessa história agora.

Entrevistada 1: Eu nem sei se tem mais coisa, tem mais coisa?

Entrevistada 2: Oh mãe “Eu nem sei se tem mais coisa”? Ela é tão ingênuas. Tão bobinha.

Entrevistada 1: Eu sei que eu tenho a irmã dela. Ela não te falou, mas está indiferente. Por causa desse assunto aí. Desses bens aí que estão aí.

Entrevistada 2: Que bens?

Entrevistada 1: Apartamento, tudo.

Entrevistada 2: Tem dívidas.

Entrevistada 1: Apartamento...

Entrevistada 2: A família a gente conhece na hora das coisas. Assim como a nossa família a gente também conhece no momento...

Entrevistada 1: Da situação difícil.

Entrevistada 2: Não, da situação difícil na hora do...

Entrevistada 1: Da doença.

Entrevistada 2: Da doença, do nascimento também.

Entrevistadora 1: De precisar.

Entrevistada 2: De precisar, de poder contar. Enfim, não. Meus irmãos são assim. Minha irmã tinha dificuldade de relacionamento com meu pai. Então ela não quis se envolver nisso. E meu outro irmão tem questões de saúde mental também. E aí quem ficou resolvendo foi a mãe deles.

Entrevistadora 1: Entendi.

Entrevista Família B

Entrevistadora 1: Certo, eu vou deixar aqui gravando, e aí, assim, qualquer coisa que a gente converse e vocês falem “ai, isso aí eu não queria que você usasse”, é só vocês falarem que vai tá gravado e eu vou lembrar depois.

Entrevistada 1: Tá bom.

Entrevistadora 1: Bom, eu posso puxar aqui os áudios?

Entrevistada 1: Sim, pode.

Entrevistadora 1: A te explicou mais ou menos?

Entrevistada 1: Alguma coisa, mas eu não entendi nada.

Entrevistadora 1: [Risos]

Entrevistada 1: É isso. [Risos] Eu só sei que é entrevista e que você vai fazer algumas perguntas e a gente vai respondendo. É isso?

Entrevistadora 1: Isso. Aí, o recorte que eu faço na pesquisa é de no fim das contas entender como que a cidade faz com que as mulheres negras se sintam. Então a relação

a deslocamento, em relação a segurança, em relação a se sentir pertencente, a se sentir confortável. Eu aí vou fazendo algumas perguntas livres, abertas, mas a partir das fotos. Então eu vou pegar algumas fotos que vocês, sei lá, podem estar dentro de casa pra entender que território é aquele que vocês estão e outras fotos de vocês na cidade também pra entender o que vocês escolham/escolheram no passado também frequentar e tal.

Entrevistada 1: Mas você.. sabe que o negro sempre foi discriminado.

Entrevistadora 1: Sim, sim.

Entrevistada 1: Mesmo não querendo, mesmo batalhando, mesmo estudando, porque a gente só consegue ser alguma coisa na vida estudando, e é preto ou branco, mas mesmo aquele negro que estuda, que é inteligente, que faz e acontece, ele é sempre discriminado.

Entrevistadora 1: Sim.

Entrevistada 1: De uma vaga, o preto e o branco, mesmo que os dois estejam no mesmo limite de cultura...

Entrevistadora 1: De cultura ou de renda...

Entrevistada 1: ...de desenvolvimento, quem passar para aquela vaga é justamente o branco. O preto fica do lado de fora.

Entrevistadora 1: Exato. E Ainda mais em Salvador, que tem mais preto, né?

Entrevistada 1: Aqui é, cidade de preto.

Entrevistadora 1: A gente fica mais...

Entrevistada 2: Que acentua, né?

Entrevistadora 1: Exato. Mais gritante ainda.

Entrevistada 2: Eu dei uma olhadinha antes. Ontem eu separei umas fotos, tá? Eu dei uma olhadinha. E aí, assim, tem uma parcela das fotos que tão... pensando nessa coisa da cidade... tem algumas fotos são dos desfiles do sete de setembro então dá pra ver a Avenida

7, tudo. Tem algumas fotos na orla que dá pra ver também a praia e tal. Tem fotos dentro de casa. Tem, assim, tem uma variedade aí. Tem fotos na Cidade Nova, que é onde meu irmão... Por que eu tenho um irmão por parte de pai e aí meu irmão mora lá e tal. E tem foto na Cidade Nova foto que dá pra ver assim, como era antes e como era. [Som de alguém mexendo em fotos] Tem também no Cosme de Farias, que é a família da minha mãe que mora lá e tal, também tem na escadaria, assim, do bairro e tal. Então assim, tem algumas fotos na cidade, assim, que pode ser assim, interessante.

Entrevistada 3: Outro dia que vocês estavam assim desse tamanho.

Entrevistadora 1: [Risos]

[Pausa]

Entrevistada 3: Reconheceu algum aí?

Entrevistadora 1: Deixa eu ver... Essa é (entrevistada 2)??

Entrevistada 3: Não.

Entrevistadora 1: Não. [Risos]

Entrevistada 2: Essa é a minha irmã mais velha ..

Entrevistadora 1: A mais velha que...

Entrevistada 2: Somos três.

Entrevistadora 1: Umhum.

Entrevistada 2: Deixa eu mostrar uma foto atual de todas.

Entrevistada 1: Todas, são as duas mais velhas. Aqui é (entrevistada 2?), aqui é (Berenice?). (Berenice?) é a mais velha. Essa daqui é (Maijane?), né (Ana Élia?)? É a tia, é a sobrinha dela. Essa daqui é a sobrinha da sobrinha dessa.

Entrevistadora 1: Ah, olha!

Entrevistada 1: E é quase a mesma idade. Aqui é em São Gonçalo dos Campos. A (Berenice?), o pai e meu primo.

Entrevistadora 1: Em cima do cavalo... O primeiro...?

Entrevistada 1: Essa foto aqui é na porta da casa de minha mãe, Cosme Farias.

[Pausa]

Entrevistada 2: Pronto. É aqui essa é a formação da três irmãs. Essa é a minha irmã mais velha, a Rubenice, aqui sou eu e (entrevistada 3). Maria e João são filhos de Rubenice. E aí nós três somos as únicas filhas de (entrevistada 3), porém o meu pai tem outros filhos, né?

Entrevistadora 1: Umhum.

Entrevistada 2: E aí então a gente tem o meu irmão Josimar que é por parte de pai, por isso que eu falei da Cidade Nova e tal.

Entrevistadora 1: Entendi. E por parte de pai são quantos irmãos?

Entrevistada 4: São ao...

Entrevistada 2: No total meu filho tem oito filhos na verdade, meu pai. Só que dois a gente nunca conheceu, não sabe e tal, não conhece.

Entrevistadora 1: Umhum.

Entrevistada 2: E, é, cinco são conhecidos de convivência então.

Entrevistadora 1: Entendi.

Entrevistada 2: E essa criação próxima de irmão, de morar junto e tal, somos eu e minhas duas irmãs.

Entrevistadora 1: Entendi, entendi.

Entrevistada 2: Então são núcleos, assim... [Risos]

Entrevistadora 1: Aham.

Entrevistada 1: É igual a minha família. Meu pai tinha vinte filhos.

Entrevistadora 1: Eita, meu Deus!

Entrevistada 1: Aqui em São Gonça... é, em Mangabeira, Governador Mangabeira, na roça. Elas pequenas andando de bicicleta, de cavalo...

Entrevistada 2: Governador Mangabeira...

Entrevistadora 1: Era isso que eu ia perguntar, é...

Entrevistada 2: Assim que a gente... É uma cidade do interior de Cruz das Almas que a gente tem a memória de da nossa infância inteira lá, e aí meus pais tinham sítio lá, então todas as férias a gente passava lá. Então essa coisa de subir em árvore, ser criança, né? Viver aquilo ali intensamente, roubar frutas do vizinho, andar de bike. A gente teve muito isso de uma forma muito, é, saudável...

Entrevistadora 1: Sim

Entrevistada 2: Louvável também. A gente lembra de Governador Mangabeira nesse lugar da memória, do afeto.

Entrevistadora 1: Umhum.

Entrevistada 1: Essa daqui é (entrevistada 2).

Entrevistadora 1: Deixa eu tirar uma fotinha daquela que você me mostrou aqui antes.

[Pausa]

Entrevistadora 2: Isso aqui é na porta da casa de sua mãe, né?

[Barulho de câmera fotográfica]

Entrevistada 1: Essa daqui é em São Gonçalo.

[Barulho de câmera fotográfica]

Entrevistada 1: Aqui é na fazenda da

[Pausa]

Entrevistada 1: Vai tirar foto de Mangabeira?

Entrevistadora 1: Não. Mangabeira é a outra cidade, né? Eu tô tirando só das que realmente são aqui em Salvador

Entrevistada 2: Olha essa aqui. Sou, é, minha irmã mais velha, eu e a do meio. E aqui foi em uma época de natal e sempre a gente ia ao shopping...

Entrevistadora 1: Ah sim

Entrevistada 2: ...comprar presente e tal, de natal...

Entrevistada 1: Aqui, pra ela aqui.

Entrevistadora 1: E tinha decoração, né?

Entrevistada 1: Já essa foto daqui é de Mangabeira.

[Barulho de máquina fotográfica]

Entrevistadora 1: Quais que são de Salvador?

Entrevistada 1: Aqui e essa praia.

[Barulho de máquina fotográfica]

Entrevistadora 1: E aqui?

Entrevistada 1: É eu e minha...

Entrevistada 2: É na praia, é na orla daqui de Salvador. O que acontece...

Entrevistadora 1: Vocês lembram qual praia?

Entrevistada 2: Provavelmente Jaguaribe, né? Jaguaribe, com essa... Esse desnível assim e com as... Ou Itapoã ou Jaguaribe.

Entrevistada 1: Aqui ó, também é praia. Deve ter sido no mesmo dia... Não, não é no mesmo dia, que foi na Barra. Aqui é Adriana, não é?

Entrevistada 2: E aqui tem um registro interessante de falar que é. As barracas de praia de Salvador. Antigamente tinha essa configuração de oca, né? Com palha e tal. Você vê aqui ó, essa cobertura aqui.

Entrevistadora 1: Ah, é verdade.

Entrevistada 2: E aí depois a gente teve, né... Desapropriou, tirou todos os barraqueiros e reformulou tudo. Teve um processo difícil de expulsar mesmo essas pessoas, né, os barraqueiros da praia e tal. E aí hoje em dia são estruturas de vidro, com restaurantes que se apropriaram do espaço e tal, mas a galera local que vivia ali e tal, foi expulsa.

Entrevistada 1: O povão.

Entrevistadora 1: Umhum, sim.

Entrevistada 2: Então, o que acontece: a gente também tem aquela coisa que o povo preto, ele se reconfigura pra sobreviver, né? E aí, agora, a gente tem um monte de quiosquezinhos improvisados, que o pessoal vai construindo mesmo informalmente pra poder dar apoio às praias. Isso eu tô falando parte da Orla, assim, Jaguaribe, Piatã, Itapoã

Entrevistada 1: Muitos. Barra também, né?

Entrevistadora 1: Mas perdeu essa forma original, né? Que eram das barraquinhas.

Entrevistada 1: Sim.

Entrevistada 2: Que é essa aqui. Aqui ó, a cabaninha, tá vendendo?

Entrevistadora 1: E com essa...

Entrevistadora 2: Uma cobertura de palha, assim... Uma configuração de oca, feita de madeira com essa cobertura de palha.

Entrevistadora 1: Vocês costumavam ir muita à praia nessa fase?

Entrevistada 1: Sim... Quando era pequena...

Entrevistada 2: O meu pai... Tem uma outra foto aqui minha na praia. [Som de alguém mexendo em fotos] Meu ele tinha muito essa coisa de... Assim, deixa eu fazer um parênteses. Os meus pais se separaram quando eu tinha três anos de idade, né? E aí a gente ficava quinze dias com a minha... Não, morava com o meu pai sempre e via a minha mãe de quinze em quinze dias. A gente ia passar o final de semana e tal. Então aqui é. Aqui é na Fazenda da Grande do Retiro. Eu moro aqui até hoje.

Entrevistadora 1: A fazenda da Grande...

Entrevistada 2: Eu moro nessa casa até hoje.

Entrevistada 1: Olha o irmão dela aqui pequenininho com o pai.

Entrevistadora 1: Que foto linda. Isso é aonde?

Entrevistada 1: Isso aqui deve ser na Cidade Nova.

Entrevistada 2: Na Cidade Nova. Sim, e aí voltado a falar sobre essa coisa da praia. Meu pai fazia muita questão de passar o final de semana com a gente pra ter essa coisa do lazer com ele. Não ser só o dia-a-dia da escola, coisa e tal. Então aos finais de semana a gente ia muito à praia, circo. Mas acho que muito pra praia, assim, praia era...

Entrevistadora 1: Era muito importante, né?

Entrevistada 1: Praia era... Isso aqui era lá em Mangabeira...

Entrevistada 2: Que era um passeio barato, né? Meu pai, é...

Entrevistadora 1: Sim. Deixa eu tirar aquela que você me mostrou, por favor?

Entrevista 2: Era acessível para a gente ir...

Entrevistadora 1: Essa aqui, só para pegar o... [Barulho de pessoas mexendo nas fotos]

Entrevistada 4: Sim, a praia, né, é...

Entrevistada 1: Uma entrada gratuita, né?

Entrevistada 2: É... e a gente levava o lanche de casa. Aqui sou eu.

Entrevistadora 1: Ah, não. [Risos] Ah, nem. Muito linda.

Entrevistada 3: Aqui sou eu.

Entrevistada 1: Essa foto daqui parece muito com você, já viu? Hein, (entrevistada 1)?
Essa foto...

Entrevistada 2: É minha mãe, (Enice?)

Entrevistada 1: Não parece muito com você?

Entrevistada 2: Sim, parece, mas é (Enice?)

Entrevistada 1: É uma das fotos que mais parece com você.

Entrevistada 2: É uma foto na praia...

Entrevistadora 1: E é essa é aonde? Em qual local mesmo?

Entrevistada 1: É Cidade Nova.

Entrevistadora 1: Ah, é Cidade Nova.

Entrevistada 2: É Cidade Nova, em Salvador mesmo. É um bairro da cidade. E meu pai mora lá atualmente, na Cidade Nova.

Entrevistadora 1: Ah sim.

Entrevistada 1: Seu irmão também mora lá, né?

Entrevistada 2: É.

[Barulho de pessoas mexendo em fotos]

Entrevistadora 1: Isso daqui também é em Salvador?

Entrevistada 2: Isso!

Entrevistadora 1: Numa dessas ruas?

Entrevistada 1: Aqui, aqui...

Entrevistada 2: Olha aqui a barraca que eu te falei.

Entrevistadora 1: Deixa eu ver, deixa eu ver. Tira essa... [Barulho de pessoas mexendo nas fotos]

Entrevistada 2: Aqui essa foto...

Entrevistada 1: Ô meu Deus do céu, olha aqui duas meninas bonitinhos, olha.

Entrevistadora 1: [Risos]

Entrevistada 2: Aqui, essa foto da praia...

Entrevistadora 1: Essa daqui é você?

Entrevistada 1: É.

Entrevistada 2: Aqui sou eu na praia. Aqui é em Itapoã.

Entrevistadora 1: Itapoã, pera aí.

Entrevistada 1: Nessa época só existia essas duas. Gisele ainda tava dormindo. [Risos]

Entrevistadora 1: [Risos]

Entrevistada 1: Acorda, (entrevistada 1)!

Entrevistada 2: Essa é a minha foto favorita da infância. Aqui sou eu.

Entrevistadora 1: Ah, não!

Entrevistada 2: É. Mas lá em Governador Mangabeira, eu lembro muito desse dia. O meu cabelo crespo e tal, minha irmã mais velha que penteava o meu cabelo. Só que eu tinha aquela coisa de querer ter o cabelo grande e solto, e tal. E aí eu lembro muito que nesse dia que eu fui pra “bique” e tal, e eu falei “meu pai, eu quero soltar o meu cabelo por que eu quero ter o cabelo grande” e tal. E minha irmã “Não, eu não quero que solte por que vai embarcar tudo e eu vou ter que pentear” e tal. E aí, eu fui lá pedir a meu pai...

Entrevistada 2: Hã?

Entrevistada 1: Eu aqui tô até magrinha.

Entrevistada 2: É. Eu fui pedir ao meu pai, meu pai deixou eu soltar o cabelo e eu voltei “ai, meu pai deixou”!

Entrevistadora 1: Toda poderosa com o cabelo

Entrevistada 2: Isso! [Risos]

Entrevistada 1: Toda Poderosa

Entrevistadora 1: Com o cabelo grande

Entrevistada 2: Esse dia aqui foi histórico [Risos]

Entrevistadora 1: Dá pra ver a confiança que você tá, é visível

Entrevistada 2: [Risos]

Entrevistada 1: Ganhei!

Entrevistadora 1: Rapidão! Essa praia aqui vocês lembram qual que é?

Entrevistada 2: Jaguaribe

Entrevistada 1: É a mesma foto de...

Entrevistadora 1: A que tava lá antes, né?

[Pausa]

Entrevistada 1: Jaguaribe ou Itapoã. Itapoã, né?

Entrevistada 2: Você vê que sempre a praia está entre as nossas fotografias

Entrevistadora 1: Sim.

Entrevistada 2: Tem bem mais assim de praia.

Entrevistada 1: E tem muito mais de que já se perderam, né?

[Barulho de câmera fotográfica]

Entrevistada 2: Essa foto aqui, ela é em Paramana, que é na ilha dos Frades que é na Ilha dos Frades, que ainda é território de Salvador e essa foto, o meu pai fazia passeios turísticos e tal. E a gente ia, tipo, as filhas de Seu Rubens, sabe? A gente é conhecido assim em Salvador em vários lugares como as filhas de Seu Rubens. Você lembra quando eu tava sábado agora, que eu tava lá na praça e veio uma moça e falou “Cadê, Seu Rubens? Como tá?”

Entrevistadora 1: Ele é conhecido.

Entrevistada 4: É uma figura sim!

Entrevistadora 1: [Risos]

Entrevistada 2: E aqui essa ponte, eu vou até hoje quando eu vou pra Paramana. É muito legal perceber, assim, as casas que hoje em dia estão mais ocupadas, eles estão fazendo uma reforma nessa ponte. Eles estão fazendo um calçadão aqui que leva pra outro e é um dos

meus lugares favoritos, assim, da vida, a Ilha dos Frades.

Entrevistada 1: Tá vendo essa foto daqui? Cuide bem dela, ela única.

Entrevistada 2: É, aqui é a minha avó.

Entrevistada 1: É a minha mãe.

Entrevistada 1: Mãe da minha mãe.

Entrevistadora 1: Ah, sim. Vocês sempre tiveram essa coisa de criar memória, né?
Mesmo nessa fase que não tinha como tirar foto?

Entrevistada 1: É bom porque ela já faleceu desde 95, então hoje a gente vê a foto dela
depois de anos.

Entrevistada 2: Mas isso aqui é uma pintura, não é?

Entrevistada 1: É uma pintura.

Entrevistada 2: É uma pintura.

Entrevistada 1: Não é uma foto, era uma foto...

Entrevistadora 1: Mas essa época era isso.

Entrevistada 1: Mas era uma foto melhor que foi se deteriorando e eu pedi pra fazer a
pintura.

[Barulho de câmera fotográfica]

Entrevistadora 1: Tá certo.

[Pausa]

Entrevistadora 1: Pensando nessa fase da vida, né, quando tira foto analógica e tudo...
Quem que era a pessoa sempre preocupada em tirar foto?

Entrevistada 2: Meu pai. Meu pai e minha mãe também.

Entrevistada 1: Eu também. Esse álbum mesmo fui eu que...

Entrevistadora 1: Foi você que montou.

Entrevistada 2: É. A gente revelava

Entrevistada 1: Eu tinha a máquina, eu tinha a máquina. Não era igual a essa, mas era semelhante, tirava foto. Então muitas dessas fotos aqui, eu tirava no interior. Essa daqui que foi pra praia. Tirava em qualquer lugar, tá entendendo? Carregava pra qualquer lugar. Aqui é a irmã dela, a mais velha.

Entrevistadora 1: Tá sabendo dessa foto?

Entrevistada 2: Não tô sabendo.

Entrevistada 1: Aqui ela tava zangada, que ela queria o que, neném?

[Risos]

Entrevistada 1: Ela queria, ela queria alguma coisa. A gente tava indo pra praia.

Entrevistadora 1: E essa aqui é aonde?

Entrevistada 1: Essa daí é em de Farias. É eu e minha sobrinha. Hoje em dia minha sobrinha, é assim, 41 anos.

Entrevistadora 1: Aham. Você tá bem novinha também.

Entrevistada 1: Eu era bem mais nova. Eu não tinha filho aí.

Entrevistada 2: A gente tinha muito o hábito de fotografar. A gente tinha uma câmera analógica e tinha o filme, né, que reboinava e tal. Aí cada evento que a gente ia, a gente fotografava. Aniversário de meu pai, fotografava tudo e depois revelava. Aí esse álbum aqui é o desfile de sete de setembro. Então ele é todo do sete de setembro, que passa ali na Avenida Sete.

Entrevistadora 1: Sei.

Entrevistadora 1: [Risos] Deixa eu tirar isso daqui [Barulho de pessoas mexendo nas fotos] Esse plástico...

Entrevistada 1: Olha aí como tá

Entrevistada 2: Você quer tirar do plástico?

Entrevistadora 1: Não, precisa não. Eu tiro com o outro

Entrevistada 1: Tá pensando em não.

Entrevistada 2: É. Tem muitas que tão também sem. A gente precisa organizar melhor essas fotos.

Entrevistada 2: A praia aqui. [Risos]

Entrevistadora 1: A praia.

Entrevistada 2: A praia. Ela vai aparecendo. [Risos]

Entrevistadora 1: Ela... E vocês sempre iam nessas coisas tipo, sete de setembro... vocês iam muito nesses eventos?

Entrevistada 2: Era dois de julho, que é a independência da Bahia e sete de setembro. Era um evento, assim, que meu pai acordava cedo, arrumava a gente cedo. Eu falo sempre falo de meu pai, porque a gente morava com meu pai naquela...

Entrevistada 1: Quantos anos?

Entrevistada 1: Tá com você aí esse álbum?

Entrevistada 2: Tá com Dalinha. Esses dois tá com Dalinha e todos os outros tão comigo. E aí, a gente tinha esse hábito...

Entrevistada 2: Era um compromisso, assim. A gente ia arrumadinha, com tênis

confortável, com chapéuzinho...

Entrevistadora 1: Pra evitar o sol

Entrevistada 2: ...O sol. E aí meu pai comprava aquela bandeirinha do Brasil e a gente ficava bem patriotas.

[Risos]

Entrevistada 1: Essa aqui foi a primeira formatura de Dalinha. Aqui a minha outra filha.

Entrevistada 2: Esse é meu pai! Aqui meu pai!

Entrevistadora 1: Tá certo. Rubens, né?

Entrevistada 2: Isso... Rubens. Você vai ter o prazer de conhecê-lo. Ele é uma figura, é. Come água comigo.

[Risadas]

Entrevistada 1: Mas é brabo, baiano que tomou

Entrevistada 1: Terminou...e como é?

Entrevistadora 2: A praia... Aqui é em Barra do Jacuípe , que é onde eu vou no fim de semana agora.

Entrevistadora 1: Ah, sim...

Entrevistadora 1: Não é lindo, minha filha? Você vai pra Barra do Jacuípe?

Entrevistadora 1: Bom demais, bom demais.

Entrevistada 2: Vou.

[Barulho de pessoas mexendo em fotos]

Entrevistada 1: Todas as minhas filhas são lindas.

Entrevistadora 1: De vocês.

Entrevistada 2: Olha quando eu passei na UFBA (Risos)

Entrevistadora 1: Ah! Muito bom!

[Barulho de pessoas mexendo em fotos]

Entrevistada 2: É lá em Governador Mangabeira

Entrevistada 1: Vixi, meu Deus do céu. Minhas meninas pequenas aqui.

Entrevistada 1: Vocês faziam isso de... posso tirar foto dessa aí? Dessa.

Entrevistada 1: Você gostou

Entrevistadora 1: Isso de foto arrumada, né? Assim, produzida, né? Tipo... ensaio
(Risos)

Entrevistada 1: Não

Entrevistadora 1: Ensaio... Não, mas porque tem gente que só fotografa assim, no dia a dia. Não se prepara pra uma foto e tem gente que se prepara, né?

Entrevistada 1: Não, ninguém pensa em tirar foto na hora que tava todo mundo arrumadinho.

[Barulho de pessoas mexendo em fotos]

Entrevistada 2: É ela

Entrevistada 1: Olha aqui a minha irmã.

Entrevistada 2: Eu tô aqui viajando. (Risos) Eu tô aqui emocionadíssima, é, vendo.

Entrevistada 1:

Entrevistadora 1: Ah, sim.

Entrevistada 1: Essa é. Essa minhoquinha tá com dezessete, dezoito anos. (Risos)

Entrevistadora 1: Nossa! Então faz tempo.

Entrevistada 1: Foi em 2018.

Entrevistadora 1: 2018?

Entrevistada 1: 2008.

Entrevistadora 1: Ah, sim!

Entrevistada 2: E tem uma coisa também que é bom destacar que é sobre o carnaval. (Risos) Tem algumas fotos assim, que assim, no carnaval... Que o carnaval sempre fez parte da nossa vida, desde a infância. Lá nos álbuns, tem aqui uma foto lindíssima que é minha mãe e meu pai vestidos de filho de Gandhi e minha mãe de filha de Gandhi, e a gente nem era nascido ainda. Então a gente...

Entrevistada 1: Já era nascido.

Entrevistada 2: Já?

Entrevistada 1: Esse é seu pai logo depois de você nascer.

Entrevistada 2: Aqui, ó... [Barulho de pessoas mexendo em fotos]Tem uma foto da família

Entrevistada 1: Com a fantasia que eu fiz.

Entrevistada 2: Aqui...

Entrevistadora 1: Essa aí...

Entrevistada 1: Isso aqui é um tecido, eu que fiz a roupa.

Entrevistadora 1: Você que fez...

Entrevistada 1: E o tecido é aberto, sabia?

Entrevistadora 1: Só amarrou?

Entrevistada 1: Amarrei aqui na frente, joguei pro lado de cá, virei pro lado...

(Risos)

[Barulho de máquina fotográfica]

Entrevistadora 1: Isso você lembra onde?

Entrevistada 1: Aí foi lá na beira da praça, num fotógrafo que tem lá na praça. Não sei se ainda tem.

Entrevista 2: E tem mais essa...

Entrevistada 1: Parece com a fantasia aí no bloco.

Entrevistadora 1: Você que amarrou o tecido, né? Deixa eu botar aqui.

Entrevistada 2: O carnaval é... (Risos) Carnaval é carnaval.

Entrevista 1: o carnaval e mesmo com elas. E tem foto de Ubenice vestida de mortalha e eu de baiana. Ela tava a poucos de nascer.

[Barulho de máquina fotográfica]

Entrevistada 1: Olha a minha mãe aqui com no braço, eu com Ubenice, minha sobrinha.

Entrevistadora: (entrevistada 1) não tinha nascido ainda?

Entrevistada 1: Não, Delinha pequeninha, (entrevistada 1) não tinha nascido não.

Minha mãe essa daqui, né?

Entrevistada 2: Minha mãe, a sua mãe é negra e aquela foto ela tá com a pele mais clara.

Entrevistada 1: Minha mãe não era negra.

Entrevistada 2: Mas por essa foto.

Entrevistada 1: Minha mãe era descendente de índio, entendeu? A pele dela é essa cor, mas o cabelo era liso, liso, liso.

Entrevistada 2: Ah, ela é indígena. Eu nem sabia da história.

Entrevistada 1: Quem é negro é meu pai. Meu pai é descendente de africano da Nigéria.

Entrevistadora 1: Ah, da Nigéria. E essa foto aqui, você lembra onde é?

Entrevistada 2: Parece ser em Cosme de Farias pelas casas que tem aqui. A gente ia na frente da porta vendo (la brotas?)

Entrevistadora 1: Posso fotografar essa?

Entrevistada 1: Vai faltar água. Vai faltar água aqui também?

Entrevistada 2: Tô sabendo. Aqui diz que não, mas na Fazenda Grande vai.

Entrevistadora 1: É comum?

Entrevistada 2: Quando eles fazem manutenção

Entrevistada 1: A barragem da Pedra do Cavalo, e aí tá... Vai faltar água... Eles me explicaram o por quê... pelo menos

Entrevistada 2: Acho que é manutenção mesmo.

Entrevistada 1: Eu sei que é fechado a barragem da Pedra do Cavalo.

[Pausa]

[Barulho de máquina fotográfica]

Entrevistada 2: Aqui é no Farol da Barra

Entrevistada 1: Que minha mãe era do...

Entrevistada 2: Eu e minhas irmãs aqui, ali no farol onde tem a vista do mar lá atrás

Entrevistada 1: ...Era indígena

Entrevistada 2: Aqui acho que foi em 2012, que eu ainda não tinha entrado na faculdade.

Entrevistada 1: Aqui a Ubenice, quando Ubenice nasceu é quem mais puxou a minha mãe. Olha o cabelinho, tá vendo? A pele morena, mas o cabelo era liso. [Pausa] Tem um bocado de foto manchada.

Entrevistadora 1: Vocês sempre moraram lá ou vocês moraram em outro lugar?

Entrevistada 1: Não, em diversos locais.

Entrevistada 2: Em diversos locais. Assim, é... meus pais, a casa deles juntos é na Fazenda Grande do Retiro, que é essa casa que eu moro até hoje.

Entrevistadora 1: Certo.

[Barulho de câmera fotográfica]

Entrevistada 2: Mas com a separação, a gente foi morar com o nosso pai e a gente foi morar no Cabula, morou, é... onde mais? Vários lugares do Cabula. A gente morava de aluguel, então a gente morou em várias casas.

Entrevistada 1: É você essa, minha filha?

Entrevistada 2: É, sou eu. Inclusive, esse lugar aqui, que é o Beco do Cirilo, é um lugar importante da nossa história, que a gente morou lá mais ou menos uns dez anos... mais ou

menos.

Entrevistada 1: E lá tinha o time?

Entrevistada 2: Isso. Aqui são os cinco filhos do meu pai que eu falei, né? São nós três, meu irmão e minha irmã mais velha. E aí o Beco do Cirilo tem esse campo, e esse campo tem o campeonato de futebol amador.

Entrevistadora 1: Umhum.

Entrevistada 2: E aí meu pai tinha um time de futebol lá. E tem bastante foto dos times de futebol de meu pai. Isso foi algo muito...

[Barulho de música ao fundo]

[Música ao fundo aumenta]

Entrevistadora 1: Ah, que legal!

Entrevistada 1: Não vai dar certo como você pensou.

Entrevistada 2: Mas esse é o time de Mangabeira, eu vou tentar ver uma foto do time aqui.

Entrevistadora 1: Você quer falar?

Entrevistada 1: É porque se ela tentou falar com a irmã dela.

Entrevistada 2: Não, não tentei não.

Entrevistada 2: Olha, a minha formatura.

Entrevistada 1: Você vai ficar aqui?

Entrevistada 2: Depois a gente conversa sobre isso e acerta, que eu tô tentando agora achar a foto do time do internacional. Meu pai tem vários álbuns do internacional na casa dele.

Entrevistada 1: E tinha também o... não lembro o nome do time... Pelotas

Entrevistada 2: É, Pelotas.

Entrevistadora 1: Essa aqui?

Entrevistada 1: Essa daí é minha. Ela apareceu com uma dor, uma dor, uma dor, e teve que ser internada. Ficou internada no São Rafael. Aí saí com ela pra ela distrair, saí do quarto. Aí tirei foto. Tá vendo o soro na minha mão?

Entrevistadora 1: Umhum

[Barulho de pessoas mexendo em fotos]

Entrevistada 1: Essa é a irmã dela daqui é mãe de uma menina da idade de... É uma pequenininha que tava aí.

Entrevistadora 1: Umhum. Você e (entrevistada 2) se parecem bastante. Assim, todo mundo de parece. Mas você e (entrevistada 2) se parecem mais.

Entrevistada 1: Eu e (entrevistada 2)?

Entrevistadora 1: É. Parece mais. Por que aqui é você, né?

Entrevistada 1: É.

Entrevistadora 1: Acho muito parecida com ela.

Entrevistada 2: Ó a sua mãe aqui, ó minha mãe, no seu casamento.

Entrevistada 1: Onde você tirou essas fotos?

Entrevistada 1: Eu quero esquecer isto.

Entrevistada 2: Então tá bom.

Entrevistada 1: Quer dizer, não tem problema não.

Entrevistada 2: O Beco do Cirilo, aquela...

Entrevistadora 1: Aquela que eu fotografei.

Entrevistada 2: O futebol também passa muito forte na nossa vida. Meu pai é Bahia, é muito Bahia.

Entrevistada 1: Cadê aquela foto que você pegou?

Entrevistada 2: Aqui.

Entrevistada 1: Aqui todo mundo.

Entrevistada 2: A mãe da minha mãe. Aqui o meu avô, né? Abade. Esse é meu avô que deu o nome da rua e tal.

Entrevistada 1: Aqui o irmão dele do lado. Olha (Clara?) aqui.

Entrevistada 2: Aqui é a Casa Branca.

Entrevistadora 1: Fala mais dos lugares que você morou.

Entrevistada 2: Eu morei no Cabula, na Avenida Dois Irmãos, morei no Conjunto ACM, que é também no Cabula

Entrevistada 1: Na Padaria, que também é no Cabula

Entrevistada 2: Na Rua direta Silveira Martins, que também é no Cabula. Aí depois nós moramos na Cidade Nova, na Rua das Almas. Depois a gente morou na Baixa de Quintas, Caixa D'Água.

Entrevistada 1: Cadê a foto?

Entrevistada 2: Você que é bem nômade. (Risos) Caixa D'Água, aí depois nós moramos...

Entrevistada 1: No Beco do Cirilo.

Entrevistada 2: No Beco do Cirilo.

Entrevistada 1: Depois moramos na Estrada da Rainha.

Entrevistada 2: Na Estrada da Rainha, no Beco do Cirilo, Estrada da Rainha... Que mais?
Moramos no Barbalho.

Entrevistada 1: Essa daí.

Entrevistadora 1: Essa daqui.

Entrevistada 1: No Barbalho onde?

Entrevistada 2: Naquela casa que desce a escada. Tinha uma escadaria perto da casa
de Carol. E... Beco do Cirilo... Cidade Nova, colocou?

Entrevistadora 1: Coloquei. Barbalho...

Entrevistada 1: Fazenda Grande...

Entrevistada 2: Fazenda Grande do Retiro que é...

Entrevistada 2: Poque, o que acontece... eu morava com o meu pai, o meu pai se
aposentou e foi morar no interior. E quando ele se aposentou e foi morar no interior, eu já
tinha cerca de vinte e um... vinte, vinte e um anos, e já fui morar com a minha mãe na vida
adulta.

Entrevistada 1: Antes disso... Foi morar as três.

Entrevistada 2: Não. Foi quando ele se aposentou que ele foi ter uma conversa comigo
perguntando se eu queria ir com ele para o interior e fazer faculdade lá, que ele pagaria
minha faculdade no interior, ou se eu preferia ficar em Salvador. E como a minha vida toda
tava em Salvador, eu falei “Ah meu pai, vou ficar em Salvador, então vou morar com a minha
mãe”. Então quando ele foi...

Entrevistadora 1: Aí você voltou pra Fazenda.

Entrevistada 2: Isso. Ele foi pra Governador Mangabeira e eu voltei pra Fazenda Grande. Mas aí, o que foi que teve, ele ficou lá um tempo e tal e ele voltou pra Salvador. Agora ele mora aqui em Salvador novamente.

Entrevistada 1: Mas levou muitos anos

Entrevistada 2: É. Levou uns dez anos, assim morando lá em Mangabeira. Depois ele morou em Madrid de Deus, que é região metropolitana de Salvador.

Entrevistada 1: Pelo menos Vem pra cá, vem pra cá. Que teve um dia que elas tiveram que sair daqui correndo pra dar socorro a ele.

Entrevistada 2: É. Ele tem setenta... setenta e quatro. Tem setenta e três e vai fazer setenta e quatro esse ano.

Entrevistadora 1: Meu pai tem setenta e três também. A trabalho também.

Entrevistada 1: Quem é essa que soltou o cabelo?

Entrevistada 2: Ô amiga, não fale não, viu? Tipo, nossa... (Risos)

Entrevistada 1: Quem é ela que soltou o cabelo?

Entrevistada 2: É a labuta. (Risos)

Entrevistada 1: É o que, menina?

Entrevistada 2: Nada não. (Risos) Mas o Beco do Cirilo é muito importante pra gente por conta da relação com o futebol, e aí todos os domingos tinha jogo. Meu pai sempre fazia festa para o time [que ele montou] e também para a torcida. Então ele fazia panelonas de feijão, feijoada, dobradinha. Então a gente trabalhava a semana inteira pro time de temperar coisa... ter que comprar isso, e tal, e muita cerveja. Meu pai é muito festivo, parece muito comigo. Muito nesse lado da festividade. A personalidade é mais da minha irmã do meio, igualzinho. Mas essa coisa de querer celebrar, juntar as pessoas, querer beber e confraternizar é muito de meu pai. Dia de domingo que tinha esses eventos, eram panelona de feijão. E era sempre assim, para o time e para um monte de amigos.

Entrevistada 1: Esse daqui levava três amigos, não tinha problema, tava lá. Outro de cá, levava dois, não tinha problema. Se cada de um não levava nenhum, não tinha problema. Comia e bebia do mesmo jeito.

Entrevistada 2: Todos os álbuns do internacional ficam com o meu pai, porque é a memória dele!

Entrevistadora 1: Mas tinha as fotos das comidas e das bebidas, da feijoada e não sei o que?

Entrevistada 2: Tinha!

Entrevistada 1: Desde o tempo que eu morava com ele.

Entrevistada 2: É, ele tinha da Fazenda Grande do Retiro, que era Pelotas, que a minha mãe participava dessa coisa do time do Pelotas. Aí anos depois, ele fez esse time do Beco do Cirilo, e depois no interior. Ele gosta de futebol.

Entrevistadora 1: Ele gosta disso, né?

Entrevistada 2: Aí a balsa, meu pai indo para Itaparica.

Entrevistada 1: Até a (Leti?) tá aqui.

Entrevistada 2: Nós três, eu, Ubenice e Dalinha, nós éramos diretoras do time. Ele fazia a camisa em Mangabeira, lá na Lagoa da Rosa. Ele fazia a camisa porque ele é super organizado. Ele fazia a camisa e botava atrás “diretoras”, “diretora”, “diretora”. Eu e minhas três irmãs. E minhas amigas, elas eram líderes de torcida. Ele fazia camisa pra todas!

Entrevistadora 1: Não!

[Barulho de máquina fotográfica]

Entrevistada 2: Aham! Aí, as minhas amigas... tem foto. Tá com ele. A gente entrando no campo. A gente entrava com as faixas. Cheias de bolas, com as faixas do time, não sei o que. A gente entrava, desfilava. Ele falava “É todo mundo de short branco, a camisa do time e tênis. É só pra vir com essa roupa.” (Risos)

Entrevistadora 1: E o povo fazia?

Entrevistada 2: Fazia! Aí era o Ferro Bolt.

Entrevistadora 1: Esse foi o caminho de (entrevistada 1), mas você sempre morou na Fazenda Grande?

Entrevistada 2: Não. Na época da separação eu morei muito tempo em Cosme de Farias.

Entrevistadora 1: Mas você nasceu aonde?

Entrevistada 1: Eu nasci no Alto das Pombas, e fui pra Quadro de Farias com dias de nascida. Morei muito tempo lá, depois saí e fui pra São Caetano. Cosme de Farias é casa própria. São Caetano foi casa de aluguel, depois voltei de novo pra Cosme de Farias pra casa própria. Depois quando conheci ele, fui morar na Estrada da Rainha. Da Estrada da Rainha, pra Fazenda Grande, em casa de aluguel. Depois comprei uma casa lá na Fazenda Grande, aí morei um tempo e me separei dele. Aí fui pra Cosme de Farias, pra casa de meu irmão para não ficar sozinha, ainda mais porque tava com problema de saúde. Quase que ia embora com uma cirurgia de tireoide.

Entrevistadora 1: Tireoide?

Entrevistada 1: Engasguei com saliva. Tudo apertado aqui e eu engasgo com a própria saliva. Foi logo no pós-operatório. Se eu não estivesse na UTI, eu não dava conta desse fato. Aí perdi os sentidos e só via vultos vindo na minha direção e aí fiquei entubada por uns três dias, não sei ao certo. Depois fui pro apartamento e fiquei com nebulização constante, até que consegui sair, fui pra casa, aí depois quando examina deu nódulo de carcinoma. Sabe o carcinoma?

Entrevistadora 1: Não sei.

Entrevistada 1: É um câncer. Que faz internar de novo na área, mas graças a Deus, quando ele tirou a tireoide, ele tirou tudo, peças inteiras e não ficou nada. E aí fui trabalhar, quer dizer, esse período que eu fiquei afastada do trabalho, fiquei afastada das filhas também. Depois as filhas voltaram pra me ver, até que eu fui me recuperando e voltei de novo pra Fazenda Grande.

Entrevistadora 1: Ah, entendi.

Entrevistada 1: E hoje em dia eu estou na casa da filha em Suçurana porque os netos pediram. (Risos) Mas é porque a filha trabalha de plantão.

Entrevistadora 1: Sim.

Entrevistada 1: E aí as vezes acontece de ela e o marido estarem de plantão e quem olha as crianças...

Entrevistadora 1: É você, né?

Entrevistada 1: Justamente. Além disso ajudar de manhã pra poder colocar no colégio, arrumar a fardinha, arrumar isso e aquilo. E aí eu tô lá e sei lá quando eu vou voltar pra ficar com (entrevistada 1).

Entrevistada 2: O futebol de novo aqui. Aqui era Terreiro de Jesus.

Entrevistadora 1: Ah, legal. Vou tirar essa também.

Entrevistada 2: Aqui atrás, o canteiro.

Entrevistadora 1: Uhum.

Entrevistada 1: E aqui, que dia mesmo?

Entrevistada 2: Aí foi na Copa das Confederações. Dois mil e catorze, eu acho.

Entrevistadora 1: Qual a relação de vocês com esses espaços que são mais turísticos, assim, tipo Terreiro de Jesus, a Barra...

Entrevistada 1: Visito, eu confesso nisso. Mas, principalmente, é a (Idelinha?), né?

Entrevistada 2: É. Eu, depois da... Eu vivia muito nos bairros que eu morava e tal. Assim, eu vivia muito nesse centro. Aí depois da universidade que eu comecei a frequentar muito... Minha faculdade era na federação, né? E as coisas vão... As amizades que eu fiz muito nesse percurso do centro e também comecei a sair e gostar de vivenciar a cidade, ir pra samba e pra

os tipos de eventos que eu gosto. E aí, a coisa vai acontecendo, assim, majoritariamente no centro. Então hoje em dia eu vivo muito o centro da cidade, a minha região, assim, da área da saúde, Santo Antônio Além do Carmo, Pelourinho, Barra... Essa região central, eu vivo muito nessa área.

Entrevistada 1: Quarenta e quatro anos que tem essas fotos? Me casei em setenta e nove.

Entrevistada 2: Aqui é minha tia Clara e minha mãe. Aqui é o clube... Olha minha mãe, o Sesc. Não é o Sesc?

Entrevistada 1: Do Português.

Entrevistada 2: Português? Aqui é um clube que...

Entrevistada 1: Na Barra. Que era na Barra, que foi desativado.

Entrevistada 2: Foi desativado?

Entrevistada 1: Foi.

Entrevistadora 1: E desses lugares que vocês moraram, cada uma com a sua rota, qual que vocês se sentem mais pertencentes? Na Fazenda Grande ou... Assim, só pra falar, da onde você é. Se for dar um bairro, pra dizer qual bairro de onde você é, de Salvador, qual que seria?

Entrevistada 1: Cada um tem um posto seu. Eu gosto mais de um lugar por causa disso ou daquilo. Cosme de Farias eu gosto, mas tinha uma ladeira até chegar em casa.

Entrevistadora 1: Aham.

Entrevistada 1: Minha casa não tem tanto degrau quanto o Cosme de Farias, mas também tem. Então é mais tranquilo, ou aqui, em termos de locais melhores... acessíveis, entendeu? Ou aqui onde eu tô, em Suquarana, porque dependendo do lado que eu venho, salto na porta e entro, entendeu? Não preciso nem descer escada, nem subir.

Entrevistadora 1: E o transporte está perto, nesse caso?

Entrevistada 1: No geral, o transporte está dentro de casa, porque tanto o marido dela tem carro quanto ela. Então normalmente a gente sai mais de carro. Mas quando não é carro, é ônibus, fica tranquilo. Se for Uber também, o Uber vai deixar dentro do condomínio.

Entrevistada 2: Se for pra destacar, a Fazenda Grande do Retiro, porque eu não vivi minha vida toda lá. Porém, desde antes de eu nascer, meus pais já tinham casa lá e eu visitava minha mãe. Então é o lugar que eu mais fiquei em questão de tempo. Mas essa coisa de memória, de afeto, de pertencente, eu destaco o Beco do Cirilo, que é esse lugar aqui.

Entrevistada 1: Porque tinha... E você morou em mais de uma casa.

Entrevistada 2: O lugar que eu destaco com meu pai... que eu morei com meu pai e tal, é Beco do Cirilo. Mas a Fazenda Grande desde antes de eu nascer que meus pais já moravam lá.

Entrevistadora 1: Já tinha histórias, já tinha histórias lá.

Entrevistada 2: Isso. E só pra ver, é Fazenda Grande do Retiro, porque tem outras Fazendas Grandes.

Entrevistada 1: Aqui é onde?

Entrevistada 2: Acho que é Itapuã.

Entrevistada 1: Você já tirou foto dessa foto?

Entrevistada 2: Tem outras da praia?

Entrevistadora 1: Eu tirei uma parecida que é Itapuã também.

[Pausa]

[Barulho de pessoas mexendo em fotos?]

Entrevistada 1: Tirou aqui da Fonte Nova?

Entrevistada 2: A Fonte Nova ocupa um lugar especial na nossa vida, viu? É a antiga

Fonte Nova.

Entrevistada 1: Já tirou uma foto daqui?

Entrevistadora 1: Essa eu tirei, essa eu tirei

Entrevistada 2: A gente teve, não sei se você sabe, mas a gente teve um acidente na Fonte Nova. A Fonte Nova é o estádio, né?

Entrevistadora 1: Ah, sei.

Entrevistada 2: A gente tem a Fonte Nova, que é o principal estádio de Salvador. O que acontece? Era uma construção da década de cinquenta de um arquiteto chamado Jorge Nebouças. Era um estádio com dois anéis.

Entrevistada 1: Você tirou desse? Essa?

Entrevistadora 1: Não. Deixa eu tirar.

Entrevistada 2: Era um estádio com dois anéis.

Entrevistada 1: São tantas fotos. (Risos)

Entrevistadora 1: Essa aqui é na Barra?

Entrevistada 2: É na barra.

Entrevistadora 1: Ah não, essa eu tirei. Na verdade, tirei.

Entrevistada 2: E aí era todo de concreto armado aparente e tal. Então tipo, hoje em dia, depois que eu fiz arquitetura que eu entendi o valor daquele objeto arquitetônico, depois, na vida adulta. Porém, desde criança, eu era de colo e mesmo meus pais já me levavam na Fonte Nova. E aí, a gente teve um acidente que uma parte do estádio cedeu. E aí, né, um acidente, várias pessoas foram vítimas fatais e tal. E neste dia do acidente, eu estava na Fonte Nova com meu pai. Tava eu, meu pai, minha irmã do meio, uma madrasta que eu tinha e tal. E minha irmã mais velha foi dar plantão no hospital. Aí a gente foi pra Fonte Nova e tal. Chegou lá, a gente ficava sempre na Povão. E a Bamor, que é a torcida organizada mais conhecida,

ficava no sentido oposto da gente, do Fonte, né? Do outro lado. E o Bahia, se eu não me engano, ia subir da série C pra série B. Alguma coisa assim... Era um jogo muito importante. E aí, Nonato, que era o atacante, ele perdeu o pênalti. No que perdeu o pênalti, todo mundo ficou muito alvorocado, sei lá, cinquenta mil pessoas, sessenta mil pessoas. E aí...

Entrevistada 1: E a praia? A praia não, piscina. A piscina, naquele clube.

Entrevistadora 1: Lá no clube da Barra, né?

Entrevistada 1: Aqui também é outro clube. Esse daqui é o dois mil e...

Entrevistada 2: 2004.

Entrevistadora 1: E qual clube é esse?

Entrevistada 2: 2004.

Entrevistadora 1: Ah, o nome do clube é 2004? Ah tá. Eu achei que era em 2004. (Risos)

Entrevistada 1: Eu acho que foi desativado.

Entrevistada 2: Não, ele ainda existe.

Entrevistada 1: Existe?

Entrevistada 2: Ele é na Orla ali, perto de...

Entrevistada 1: Armação.

Entrevistada 1: Isso.

Entrevistada 2: A Praia de Armação.

Entrevistadora 1: Certo, mas aí todo mundo ficou alvorocado.

Entrevistada 2: Sim, o estádio inteiro alvorocado por causa da perda do pênalti. E aí, como os torcedores a tirarem a camisa e começou a queimar. Então a visão que a gente tinha

da Bamor era as pessoas revoltadas queimando camisa. Só que a torcida ficava...

Entrevistadora 1: E vocês ficavam longe da torcida organizada?

Entrevistada 2: A gente ficava em frente, é... do outro lado.

Entrevistada 1: Com essa gordinha. (Risos)

Entrevistadora 1: Que coisa mais linda!

Entrevistada 2: Aí foi meu batizado.

Entrevistada 1: Ela foi batizada.

Entrevistadora 1: Ah não, linda.

Entrevistada 2: Mas sim, voltando ao Bahia. O que foi que aconteceu? A gente viu aquele movimento estranho na Bamor e abriu um vão. Só que queimando a camisa e tal, quem estava no estádio não sabia o que tinha acontecido.

Entrevistadora 1: Ah, é porque barulho, fumaça.

Entrevistada 2: E aí terminou... só concluindo o Bahia, aí terminou o jogo. A gente saiu, só que nós fomos pelo Bompreço ali de Nazaré. Saímos do jogo e fomos para a Cidade Nova, porque meu pai sempre depois do jogo ia beber, a gente ficava tomando refrigerante na época, comendo churrasquinho e tal. No caminho a gente estava no carro, e minha irmã mais velha que foi dar plantão ligou assim, desesperada, “pelo amor de Deus, vocês estão aonde? A Fonte Nova desabou”, e a gente falou “não, a Fonte Nova não desabou não, menino. Isso é mentira, a gente estava lá, não teve nada disso, mentira” e tal. Aí foi que a gente foi tomar noção do que tinha acontecido, ver jornal e tal, porque foi em um lugar específico. Então, quem desceu pro Dique é quem viu a confusão, o socorro e tal. Mas pra gente que subiu pra Nazaré, não viu nada. E aí foi muito triste acompanhar tanto o acidente quanto, foi uma lástima, assim.

Entrevistadora 1: E a sua irmã no hospital recebendo esse povo?

Entrevistada 2: Não, até que não, que ela trabalhava...

Entrevistada 1: Ela não trabalhava na emergência não.

Entrevistada 2: Foi uma lástima, a gente ficou muito devastado mesmo. Tanto pelas pessoas, obviamente, pelas vidas humanas, e tanto quando a gente teve a notícia de que aquele estádio ia ser demolido. E eu chorando, eu indo chorar, porque era uma memória muito forte da nossa vida inteira, sabe? E aí teve o dia da implosão, que botou os explosivos. Foi um dia assim de consternação mesmo, tipo “desabou a Fonte”. Porque a gente em todo momento ainda ficava nessa consternação.

Entrevistadora 1: E uma relação com o objeto arquitetônico.

Entrevistada 2: E aí depois quando eu cheguei na faculdade e tal que eu vim estudar lá que era uma referência de arquitetura brasileira em Salvador, o Brutalismo. Aí eu fui ter uma outra noção de uma coisa que eu já conhecia desde sempre. Aí ficamos muito tempo sem estádio de futebol. O Bahia começou a jogar em Pituaçu, que é um estádio na Paralela. A gente se deslocava pra Paralela para assistir jogos do Bahia e tal. E aí depois disso, que veio a Arena Fonte Nova, já em um modelo super europeu, que já não tinha muita característica. A gente torcia em pé, eu lembro da gente na povão, que era a torcida que a gente participava, que o líder da torcida, ele ficava de pé, no elo de cima, em pé de costa, e as músicas e tal, regendo a torcida, e a gente lá desde criança. Então quando a gente perdeu a Fonte Nova foi difícil e foi difícil também retornar naquele estádio vendo que não tinha mais as nossas características, não tinha aquelas cadeiras marcadinhas. A gente nunca torceu sentado, gente! Você não sabia o que era torcer sentado. Era em pé o tempo todo, pulando e gritando.

Entrevistadora 1: Afeta totalmente a experiência, né?

Entrevistada 2: A primeira vez que eu voltei... Tem essa foto aqui, no estádio da Fonte Nova, já nesse modelo de arena. Foi quando eu ganhei uma promoção na Copa das Confederações 2014, e aí eu ganhei dois pares de ingresso. Eu dei para meu pai, óbvio, né? Porque meu pai, essa é a relação com o futebol. Nós voltamos lá já pra assistir a Copa das Confederações. Por aqui, eu vi na estante essa foto. Aqui, olha. Esse é o novo.

Entrevistadora 1: Esse já é o novo?

Entrevistada 2: É, aqui a cadeirinha, tá vendo? Esse é o novo. Foto lá na Ponte Nova original eu não sei se vai ter, não. [Barulho de gente mexendo em fotos] Tá aqui na estante, eu vou encontrar.

Entrevistada 1: Quer ver a formatura da moça?

Entrevistadora 1: Deixa eu ver. Ah, senhor...

Entrevistada 1: A primeira formatura. Essa pra ela aqui eu não sei. Eu não.

Entrevistada 2: Aqui é quando a gente retorna pra Fonte Nova nova, que foi o dia da Copa das Confederações.

Entrevistadora 1: Ah, assim, foi sua primeira volta pra lá, né?

Entrevistada 2: E foi o mesmo dia daquela foto do Terreiro de Jesus que a gente tá vestido de Brasil. Esse dia foi o mesmo dia.

Entrevistadora 1: Mas isso aqui na própria Fonte Nova, né?

Entrevistada 2: Isso, na Fonte Nova.

[Barulho de câmera fotográfica]

Entrevistada 2: Mas aqui já foi a nova, né? Já é um modelo de arena.

Entrevistada 2: Oi.

Entrevistada 1: E pra essa?

Entrevistada 2: Eu acho que é base naval, eu acho.

Entrevistada 1: Você quer tirar? É, parece a base naval mesmo. Quer tirar essa?

Entrevistada 2: É, parece base naval.

Entrevistadora 1: Base novel é...

Entrevistadora 1: É aqui em Salvador.

Entrevistada 2: É na Subúrbio, onde vai pra Praia das Neves, Ilha de Maré...

Entrevistadora 1: Pra cima?

Entrevistada 2: Não, Cidade Baixa.

Entrevistadora 1: Pra baixo?

Entrevistada 1: No subúrbio.

Entrevistadora 1: Essa aqui é onde?

Entrevistada 1: Em Cosme de Farias. Aí é meus dois sobrinhos e esse aqui sentado no muro é Júnior e Eddy, meu sobrinho.

Entrevistadora 1: Foto bonita. [Pausa] Cosme de Faria fica perto do quê?

Entrevistada 2: Perto de Brotas.

Entrevistada 1: Aqui é a irmã dela, a tia. Essa daqui é a sobrinha delas.

Entrevistadora 1: E essas aqui?

Entrevistada 1: Aqui é o (Benice?), e aqui a sobrinha. Esses aqui são... Como é? Foi meu genro que tirou. São pessoas desconhecidas.

Entrevistadora 1: Mas é onde?

Entrevistada 1: Não sei.

Entrevistadora 1: Você sabe?

Entrevistada 2: O que?

Entrevistadora 1: Essas. [Barulho de pessoas mexendo em fotos]

Entrevistada 1: Foi esse menino que tirou, Anderson.

Entrevistadora 1: De onde são essas fotos?

Entrevistada 1: É colega de Anderson.

[Pausa]

Entrevistada 1: Deve ser Bonocô, mas não tem certeza. Todas as duas. [Barulho de gente mexendo em foto]

Entrevistadora 1: E quando vocês vão a esses lugares mais turísticos, que você tava comentando que você começou aí mais depois da faculdade, você começou a ir mais também quando ela começou a ir mais?

Entrevistada 1: Não, eu vou, mas bem menos do que era. Eu não conhecia nem o Museu do Carnaval.

Entrevistada 2: É, quando a gente faz programação de família, de levar as crianças...

Entrevistada 1: Isso aí foi batizado de Dalinha e de Rubenice. Essa pequena é a (entrevistada 1). (entrevistada 1) tava com um ano de nascida, foi no dia que...

Entrevistada 2: Aqui sou eu, né?

Entrevistada 1: É. A poucos dias de um ano.

Entrevistada 2: (Risos)

Entrevistada 1: Fez um festão, meu filho, um festão.

Entrevistadora 1: Ah, essa foto é linda. É suas irmãs?

Entrevistada 1: Eu e minhas primas. Essa daqui é falecida, essa daqui está viva.

Entrevistadora 1: E é onde essa foto?

Entrevistada 1: Aqui é São Caetano, Boa Vista.

Entrevistadora 1: Deixa eu tirar a foto dessa. Mas aí quando vocês vão para esses lugares turísticos, como vocês se sentem nesse sentido que são as cidades super turísticas e os turistas?

Entrevistada 1: Eu, pelo menos, não me sinto assim anormal não, me sinto igual.

Entrevistadora 1: Se sente em casa?

Entrevistada 1: Me sinto em casa. A diferença é que você ouve vários sotaques diferentes.

Entrevistada 2: Quando eu vou nesses espaços, eu fico me sentindo pertencente no sentido de, tipo, eu que sou daqui, viu? Tipo, esse território é meu. Assim, vocês estão aqui para visitar, legal, bacana. E se eu puder ajudar, eu também gosto disso, assim, de contribuir até com a experiência, se quiser uma informação, eu tô aqui para te ajudar. Mas, tipo, contanto que você entenda que esse território é o meu território.

Entrevistadora 1: Mas você acha que geralmente é o teu?

Entrevistada 2: Não, né. (Risos)

Entrevistada 1: Não, porque... Como é que diz? Muitas vezes você não sabe nem trocar... Começar um diálogo com elas porque elas são falando inglês, francês, não é isso? Aí eu tava grávida de (entrevistada 1), Dalinha e Rubénice.

Entrevistadora 1: Só me repete qual lugar é esse que eu esqueci?

Entrevistadora 1: Aí Boa Vista e São Caetano.

Entrevistada 2: O que aconteceu recentemente de lugar turístico, foi que eu tava com a minha ex-sogra, ela é muito minha amiga, então a gente saiu juntas e tal. Estava eu, João, Maria, que são meus sobrinhos, e ela no Pelourinho. Tem umas duas semanas isso. Estábamos lá tranquilos, vivendo a vida no Pelourinho...

Entrevistada 1: Isso aí é em Mangabeira, né?

Entrevistadora 1: Não é uma Salvador?

Entrevistadora 2: Não, é a...

[Alguém canta uma melodia]

(Risos)

Entrevistadora 1: Aí vocês estavam lá...

Entrevistada 2: Aí estávamos lá...

Entrevistadora 1: E essa em Salvador ou em Mangabeira?

Entrevistada 1: Eu não sei nem quem é esse.

Entrevistadora 1: Aí vocês estavam lá com os meninos e....

Entrevistada 2: E minha ex-sogra... E aí chegamos lá, depois eu teuento essa parte. Mas aí chegamos lá, de repente chegou uma mulher branca, assim, com a parede de turista, com a câmera e tal, e aí tipo, “Oi! É que eu tô fazendo um trabalho da escola do meu filho... Posso te fotografar?”, e olhando assim pra gente como se fosse algo exótico, entendeu? E isso, falando pra pra minha ex-sogra, pra Dona Lia. E aí Dona Lia ficou super desconfortável, visivelmente desconfortável. E ela falou “Não, (entrevistada 1)”, meio que tipo, como código. Aí eu falei “Oi, querida, tudo bem? O que tá acontecendo? Não, a gente não tem interesse de foto... Não, não, obrigada, a gente não tem interesse não. A gente não quer nossa imagem sendo exposta”. Aí ela “Ah tá, tudo bem”. Mas assim, aparentemente, ela era uma fotógrafa pelo equipamento, pelas lentes, mesmo se fosse uma fotógrafa amadora. Mas, “Eu estou fazendo trabalho da escola do meu filho”? Por que você não fala “Eu sou fotógrafa e gostaria de fotografar”, sabe? Aí a gente tem que ter muito cuidado com isso. Aconteceu também na Boa Morte, ai minha amiga... Aconteceu uma situação horrível que foi: ela parou lá em Cachoeira, né? Parou na frente de uma casa e falou “Amiga, tira uma foto aqui pra mim?”, e eu fui tirar. Quando eu fui tirar, apareceram três fotógrafos correndo, correndo assim, tipo...

Entrevistada 2: Sabe, porque ela tava pousando e tal, e aí, e aquilo ali...

Entrevistadora 1: E é uma pessoa se sentindo dona do seu corpo, né, da sua imagem...

Entrevistada 2: Eu botei meu copo de cerveja em cima de uma coisa pra poder fotografar minha amiga. Ele chega e eu “Minha Senhora! Meu copo de cerveja!”, Ainda brincando assim, né? “Faça tudo, menos derrubar minha cerveja! Minha cerveja é sagrada!” brindando, mas assim... “Tenha noção, minha querida, da vida”. Enquanto estavam só duas mulheres, duas mulheres brancas, a Raina estava tipo assim, pousando e fazendo várias coisas e tal, porque

ela tem aquele porte mais de fotografia e tal. Aí, beleza. Daqui a pouco chegou um cara, velho, já bem escroto, tipo “Faz tal pose, faz assim”. E eu comecei a ver que ela estava ficando muito desconfortável e eu fiquei naquela entre ela é o corpo dela, ela tem que dizer que não, ou que sim, não sei, mas eu também não quero ver a imagem da minha amiga exposta dessa forma e tal. Aí eu cheguei pra ela e perguntei a minha amiga “Você está confortável?” e ela falou “Não”. Quando ela falou não, aí eu falei, “Não, senhor. Você não vai me tirar foto, a gente tem que ir agora, acabou. Ninguém vai tirar mais foto”. Assim, se posicionar mesmo, porque ficou uma coisa muito, tipo, deles correrem assim, sabe?

Entrevistada 2: Nossa, e isso é muito sem noção. É violência, sabe? O que a gente passa. E eu fico muito chateada de ter que passar esse tipo de coisa em espaço público, porque o nosso corpo o tempo todo é negado nesse espaço, né? E aí a gente tem que ficar... é desgastante. E são espaços que são nossos, assim, aí em Salvador. Eu gosto muito de beber, então eu saio às vezes e vou pra bar e passo diversas situações em bares. Na rua mesmo, essa vida de ser uma mulher preta, em Salvador, na rua, é trancos e barrancos.

[Barulho de porta abrindo]

Entrevistada 2: Olha que chegou!

Entrevistadora 1: E você pensa isso também em relação à segurança?

Entrevistada 2: Sim, total assim...

Entrevistada 1: Ela diz que você parece com a sua mainha.

Entrevistada 3: Mas domingo eu disse que eu pareço com meu pai.

Entrevistada 2: É? (Risos)

Entrevistada 1: Mas se você é, parabéns.

Entrevistada 3: Parece não, viu Flora? Não parece muito.

Entrevistada 1: Muita gente já disse.

Entrevistada 3: É a questão do racismo mesmo. Porque as pessoas acham que preta é

tudo igual. Olho pra ela e olho pra ele. Parece?

Entrevistada 2: É porque ele tá comendo aqui também. O bichinha, eu pego outra foto.

Entrevistada 3: Não, foi a primeira que eu achei que eu...

Entrevistada 2: Não, mas ela já viu várias fotos do meu pai. Aqui meu pai mais novo. Eu e meu pai.

Entrevistadora 1: Então, mas em relação ao direito à cidade mesmo, o horário para sair, forma de se deslocar. Você costuma se deslocar mais comigo?

Entrevistada 2: Eu me desloco sempre de ônibus e de moto Uber. Eu moro no bairro periférico, então é mais afastado do centro. Para me deslocar mais rápido e também de uma forma mais barata, uso o moto Uber. Então, também tem isso assim, né? De voltar dos rolês a noite de Uber pra um barro periférico e chegar correndo pra não ter que ser assaltada e tal, passa muito por isso, assim, sabe?

Entrevistadora 1: E a chance do moto Uber subir também é mais alta do que a do carro, né? Ou não?

Entrevistada 2: Não, a chance é igual, porque eu fico...

Entrevistadora 1: Não, a chance é do motorista se dispor, que eu digo.

Entrevistada 2: Ah! Sim, se indispor comigo?

Entrevistadora 1: Não. Se dispor, pegar viagem. Ou você acha que é igual de moto ou de carro?

Entrevistada 2: Eu acho que é igual. Inclusive no sábado, de madrugada e tal, eu pedi um moto uber e consegui de boas. Tipo, ele veio, me levou, assim, no. Ultimamente, antes, quando chegava a partir das 10h, não tinha mais moto uber rodando, você só pedia carro. Mas agora está tendo moto uber sim. Aí eu vou lá com meu capacetinho, na moto.

Entrevistadora 1: Meu capacetinho. (Risos)

Entrevistada 2: Olha, tem uma foto aqui de sábado. Eu sempre volto do rolê de moto uber e a galera fica me gastando assim, tipo... “Lá vai ela de moto, não sei o quê”. Eu dei assim pra procurar foto.

Entrevistadora 1: Você tem uma moto, né, Délia?

Entrevistada 3: Tenho.

Entrevistadora 1: E como você? Assim, você se deslocar enquanto uma mulher preta de moto. Você acha que você é tratada como qualquer motociclista? Ou que ocorre?

Entrevistada 3: Não. Eu falei isso pra ela no domingo. Que, um fato que, por exemplo, todas as vezes que eu me desloco, principalmente se vem um carro grande, você tem que estar em defensiva, sabe? E, além de que quando você para pra estacionar, a gente paga o domingo, você tem que virar um pivete pra conversar com o guardador. Sabe? Tipo “Como foi, velho? Tá tirando onda com a minha cara? Eu moro aqui”. Tipo, eu moro aqui. A gente tava botando a moto ali e o cara queria me cobrar um valor. “Você vai me cobrar isso?” Assim como aconteceu domingo, aconteceu sexta também. Sexta eu estava no Pelourinho. Eu trabalho com a população em situação de rua. Então, eu entendo que a população em situação de rua, em sua grande maioria, trabalha guardando o carro, né? Então, de certa forma, eu sei que, independente disso, eles merecem respeito também porque eles vivem disso. Mas aí também, por muitas vezes, como você é uma mulher, aí eles querem tipo... Aí eu falei “Eu botei a minha moto aqui, você me viu!”

Entrevistada 2: Isso foi sexta, sábado.

Entrevistada 3: E com a conversa ele falou “Foi, eu te vi mesmo. Então eu falei “Qual foi? Você me cobrando esse valor todo? Eu paguei essa semana”. E ele “Ah, tá bom, vá”.

Entrevistadora 1: Aham. Mas tem essa...

Entrevistada 3: Nossa, minha que mulher seca. Eu. (Risos)

Entrevistadora 1: Deixa eu ver. Aham.

Entrevistada 2: Aqui é já em Caldas do Jorro, que é no interior, que tinha águas termais, e meu pai fazia passeio turístico.

Entrevistadora 1: Ah, tem água termal aqui?

Entrevistada 1: Aqui não.

Entrevistada 2: Lá no Jorro.

Entrevistadora 1: Não, mas por aqui não é? É na Bahia. É na Bahia, certo? Não sabia que tinha água quente na Bahia.

Entrevistada 1: Tem uns amigos nossos que moram lá.

Entrevistada 2: Venha participar, a gente já falou nossas experiências. Beco do Cirilo, já falei da Fonte Nova, do time de meu pai.

Entrevistadora 1: Pode beber uma água também. A bicha chegou e já comecei a puxar assunto.

Entrevistada 3: Pode puxar porque já já eu tenho aula, menina. Eu e minha vida é corre para um lugar, volta, corre um outro, e eu tenho aula daqui a pouco no insta. Eu nem consegui botar minha moto pra lavar.

Entrevistada 1: Já vai dar meio-dia

Entrevistada 3: Olha as fotinhas, olha que bonitinhas.

Entrevistadora 1: Onde você morava antes de estar aqui no Rio Vermelho?

Entrevistada 3: Eu morei um ano e pouco na Federação, mas antes morava na Fazenda Grande. Olha gente, ficou quanto tempo sem ver essas fotos, né?

Entrevistada 2: É, quando vê, são memórias.

Entrevistadora 1: Tá muito bom, né gente, ver foto?

Entrevistada 3: Ver foto é uma delícia, né gente?

Entrevistada 2: Várias fases da vida. Olha aí você, Dalinha. Com as bonecas todas...

Entrevistada 3: Uma coisa que eu acho que é relevante pro seu trabalho. Eu tenho relacionamento com homem branco. E aí, uma vez eu mostrei umas fotos aí, ele falou... “Meu Deus, eu nunca tinha visto uma família preta com foto”. Eu falei “Pois é, minha família tem”. Ele é bem... Ele é antirracista, né? Lógico, para eu estar com ele. Mas a gente conversa muito sobre muitas coisas. E aí ele falou que, tipo, ele de São Paulo. E aí... A gente entende que falta uma coisa que nem todo mundo tem acesso, principalmente nesse tempo aqui.

Entrevistadora 1: Sim, ainda mais. Exato.

Entrevistada 3: E aí ele falou isso, que tipo, ele nunca tinha visto fotos de pessoas negras pequenas por conta dessa questão da falta de acesso.

Entrevistadora 1: Sim, é o que mais ocorre. A minha primeira foto que eu tenho, eu já devia ter quase um ano. Não tenho foto anterior.

Entrevistada 3: A gente tem esse álbum ali que é uma relíquia, que sou eu, minha irmã pequena, a minha irmã mais velha pequena. É quase uma relíquia.

Entrevistadora 1: Isso de fazer um esforço também, né? De existir esse movimento de proposta, né? “Vamos registrar. Vamos ter isso aqui”. E aí, bom, eu não...

Entrevistada 1: Adorei essa foto da...

Entrevistada 2: Da Fonte Nova. (Risos)

Entrevistada 1: Não é por causa do cabelo não... (Risos)

Entrevistadora 1: E aí, (entrevistada 3), nessa transição, assim, de sair lá de Fazenda Grande, passar na Federação e chegar aqui, que são lugares bem diferentes, né? Acho que a composição da população é diferente.

Entrevistada 1: E o seu cabelo? É o seu cabelo só, ou não?

Entrevistadora 1: O que é mais importante pra você nessa mudança? Você está aqui há quanto tempo mesmo?

Entrevistada 3: Dois anos. Eu acho que é uma questão de acesso e qualidade de vida.

Porque na Fazenda Grande, por exemplo, eu trabalhava aqui no HGE, que é o Hospital Geral do Estado, e eu tinha que sair da Fazenda Grande às 5h20 da manhã pra chegar no plantão às 7 horas. E aí eu pegava três transportes públicos pra conseguir acessar o trabalho. Pegava um, soltava num bairro vizinho, no bairro vizinho pegava outro, soltava aqui na Vasco, e na Vasco pegava o transporte por HGE pra subir a ladeira. E isso, eu saía do trabalho, sete horas da noite, ainda ia pra faculdade. e chegava em casa a onze horas da noite. E no outro dia, eu tinha que acordar de novo para poder fazer todo esse processo. E aí eu sempre quis ter a minha casinha. E aí nesse processo de ter a minha casa, coisas que eu pensei antes, né? De que eu precisava ter um acesso mais fácil ao trabalho, ter mais qualidade de vida. Eu queria também ter o acesso a poder ir pra praia com mais facilidade também de ir numa consulta ali rapidinha. Sabe que tudo isso quando você mora na periferia, o transporte público te limita, né? Você tem que sair de casa com uma hora e tanto de intercedência.

Entrevistadora 1: E com a mala, né? Porque você vai pra tal lugar, depois vai comer, depois vai trocar de roupa, depois... Você tem que estar pronta pro frio e pro calor, né?

Entrevistada 3: Pois é, tipo hoje mesmo eu já saí duas vezes, já voltei duas vezes. Eu saí cedo, fui no laboratório, voltei. Fui ali na consulta, voltei. Aí daqui a pouco eu vou pra aula, da aula em Undina, que eu tenho outra aula em Undina, aí eu volto umas sete horas da noite. Tipo, minha aula acaba 18h40h, 7h um pouquinho eu tô em casa.

Entrevistada 2: Aconteceu uma coisa ontem, falando dessa coisa de transporte público. No domingo eu tava aqui no show de (Pitty?) Beleza, dormi aqui na casa dela, aí segunda, ontem de manhã, falei vou pra casa, viu? Aí ela falou, por que você não vem trabalhar aqui? Eu falei, beleza, então eu vou em casa pegar minhas coisas, meu computador e volto pra cá. Eu saí daqui, era, sei lá, umas 10 horas?

Entrevistada 3: Umas 10 horas.

Entrevistada 2: Às 10 horas da manhã tentei pegar um ônibus aqui. Demorou tanto um ônibus para ir para Fazenda Grande que eu peguei um moto. Fui de moto. Chegou na Fazenda Grande, eu só fiz, eu nem sentei. Eu só fiz pegar meu computador, minhas roupas, botei na bolsa e vim de novo. Cheguei no ponto, não tinha ônibus, tiraram a linha, não existe mais linha. Nessa história, cheguei aqui quatro horas. De dez da manhã. Só ir lá, pegar minhas coisas e voltar. Eu cheguei aqui quatro horas da tarde. Tipo, eu perdi o dia de trabalho quando eu cheguei.

Entrevistadora 1: Só com esse deslocamento?

Entrevistada 2: Quando eu cheguei com a bolsa, eu abri aqui, eu falei... Que labuta, meu Deus do céu! Ir na Fazenda Grande e voltar me custou um dia. Ai, gente!

Entrevistadora 1: E o transporte público aqui é bem nota dois, né?

Entrevistada 1: Que merda, hein?

Entrevistada 3: Nota dois ainda tá sendo, ainda tá sendo muito boazinha com o transporte público de Salvador.

[Barulho de gente mexendo em foto]

Entrevistada 1: É João Gabriel. (Risos)

Entrevistadora 1: É o seu neto?

Entrevistadora 1: Gracinha demais, meu Deus.

Entrevistada 1: Olha como ele nasceu grandão.

Entrevistadora 1: Um olhão, rapaz!

Entrevistada 2: Se eles estivessem aqui, eles iam estar contando coisa, "Você viu, tia?" e não o que...

Entrevistada 1: É, era conversa.

Entrevistada 2: É, eles interagem e querem ver tudo e comentam.

Entrevistada 3: Eles são comunicativos. Comunicativíssimos..

Entrevistada 1: Eu ia esperar para vir mais tarde porque ele vinha comigo. Para ver Pipi. Para Sábado ele pegou, menina acordou. Acordou e fez assim. Cadê minha mãe? Foi trabalhar. Cadê meu pai? Tá trabalhando. Eu quero Pipi.

Entrevistada 2: Eu acordo com uma mensagem “Pipi, por favor, meus pais foram trabalhar. Pipi pode por favor vir ficar com a gente e fazer gincana?” Porque eu venho e faço brincadeira. Aí eu falei “É, né? Força tarefa de tia ativada”. Aí saí da Fazenda Grande, e pra chegar na Suçuarana... Nossa! Pega o ônibus, desce de casa, sobe de lá. Quando eu saí de casa, eu mandei mensagem pra ela falando “Tô saindo”. Ah não, foi domingo. Eu saí de casa e mandei pra ela, “Tô saindo de casa”. Ela foi tomar banho, terminar de se... Ela chegou lá na casa de meu pai. E “Cadê você?” Eu falei “Consegui chegar do ônibus aqui agora”.

Entrevistada 1: E você foi pra lá primeiro ou não?

Entrevistada 2: Não, no domingo. Olha essas duas fotos que legal! Aqui sou eu e ela e meus pais.

Entrevistada 2: As molecas loiras. Eu e ela em outro momento, tá vendo? Tipo, já maiorzinhas.

Entrevistadora 1: Aqui era onde? Você lembra? Fazenda Grande?

Entrevistada 2: E aqui já era... e já foi um cabula

[Barulho de pessoas mexendo em fotos]

Entrevistada 1: Foi na época do Fusca. Mostrar aí João e Maria. Que João e Maria toda hora ele fica falando do Fusca.

Entrevistada 2: Olha o meu bolo grandão. Hoje em dia os bolos de aniversário é pequenininho. Olha o tamanho do bolo, qual era?

Entrevistadora 1: Aham, sim. O bolo era só do tamanho da mesma.

Entrevistada 1: Hoje em dia tem esse micro bolo. Inúmeras pessoas se fizessem um bolo pequeno.

Entrevistadora 1: Nossa, os bolos realmente, antigamente, não era brincadeira não.

Entrevistada 2: E botava tudo, fruta, ameixa...

Entrevistadora 1: Tudo, fruta, granulado...

Entrevistada 2: Eu vi um stand-up de um cara do humor negro, ele falando “Onde já se viu, gente? Você pegava aquele bolo delicioso, vinha um recheio no meio marrom, você, opa, chocolate e quando você via, era ameixa!”

Entrevistada 3: Ameixa ou goiabada.

Entrevistadora 1: É, ainda tinha esse negócio da ameixa.

Entrevistadora 1: Por que eles usavam tanta mecha nos bolos, né?

Entrevistada 2: Aqui é outro bolo, aqui é a minha irmã mais velha.

Entrevistada 3: E goiabada derretida também era clássico.

Entrevistada 2: É, goiabada.

Entrevistada 1: Você contou a ela seu primeiro aniversário, como foi? A panela de pressão estourou e tudo.

Entrevistada 3: Gente, é o meu álbum de formatura do ensino médio. Olha isso. Olha a mesa de doce. Muito diferente de hoje em dia, né? O bolo dentro da assadeira. Meu Deus!

Entrevistada 2: Se o meu aniversário de um ano, como eu falei, né? Meu pai tinha essa coisa festiva igual a mim. E aí foi que ele fez? No mesmo dia, era meu aniversário de um ano e batizado das minhas duas irmãs.

Entrevistada 1: E aniversário meu, né?

Entrevistada 2: E é aniversário de minha mãe.

Entrevistadora 1: Ele já resolveu várias coisas em um só dia.

Entrevistada 2: Exatamente. E ele...

Entrevistada 1: Ia batizar as três. Não batizou as três porque a madrinha dela teve um

AVC.

Entrevistada 3: Gente, olha só essas fotos minhas muito legais, muito modelete. Olha aqui várias fotos. Eu nem lembrava dessas fotos. E várias fotos...

Entrevistada 2: Nesse dia eu tenho um álbum, eu era roqueira. Eu era roqueira, eu estou assim nesse dia.

Entrevistada 1: Ele resolveu fazer um passeio dentro da lá. Cada ônibus com 50 pessoas.

Entrevistada 2: Essa era a roqueira, a minha versão roqueira. Toda de preto, cheia de negócio.

Entrevistada 3: Ai gente, eu vou ficar esse álbum, ele já é meu.

Entrevistadora 1: Não acredito! Cinquenta pessoas em cada!

Entrevistada 1: O padrinho dela, aí ele...

Entrevistadora 1: Gente, vocês são festeiros em outro nível.

Entrevistada 1: O padrinho dela ia com duas pessoas pelo menos. A madrinha da mais velha ia de carro com o marido e dois filhos. De lá de São Gonçalo dos Campos, que é a minha família, a papai e a mãe, iam dois carros cheios, fora pessoal de lá.

Entrevistadora 1: Meu Deus!

Entrevistada 1: Aí matou uma cabra, uma ovelha, uma porca.

Entrevistadora 1: Justo!

Entrevistada 2: Tava com uma vegetariana, meu Deus!

Entrevistada 1: Ela é vegetariana?

Entrevistadora 1: Não, não importa não, gente.

Entrevistada 1: Aí minha filha, fiz uma dobradinha com dez quilos de feijão. E fato, e carne seca, com tudo. Matou um galo grande. E não foi o galo que estorou a panela de pressão, minha filha? Ah, não. Mas o galo foi só pro padrinho de (entrevistada 1), era só pra ele. Mas estourou a panela de pressão mesmo, porque eu não ia conseguir fazer tudo isso sozinha. Então, teve pessoas para me ajudar. Muita gente numa cozinha, termina acontecendo alguma coisa. Então, alguém destampou a panela, botou em cima da panela de pressão. Aí, pronto. Aí foi cuidar da outra panela. A bichinha foi, subiu, bateu no telhado e ele falando o tempo todo “Cuidado com essa casa, não deixe sujar as paredes”.

Entrevistadora 1: Apenas abriu um buraco no teto. (Risos)

Entrevistada 1: Quando abriu o buraco no telhado e quebrou quatro telhas, quando ela voltou quebrou o fogão.

Entrevistadora 1: Meu Deus, mas não machucou ninguém?

Entrevistada 1: Ainda tinha a menina que estava de junto que provavelmente foi quem que trocou a panela, que eu não sei, não posso dizer que foi ela, mas porque a casa estava cheia de gente.

Entrevistadora 1: Sim.

Entrevistada 1: Aí minha filha, quando voltou, quebrou o fogão, “E agora? Onde é que vai conseguir um fogão de noite?” Ele não estava mais em casa para sair para providenciar. Ele já tinha vindo para Salvador, ele ficou lá, limpou a área toda pra poder pegar e deixar tudo. Enfeitou de palmeira... de palmeira que chama? Feito de palmeira, ajeitou tudo. Aí, e agora, eu consegui esse fogão ainda, disseram que é só o dito de Nolly, da mãe de Nolly. Da mãe, da mãe não, da sogra tinha outro fogão em casa, aí fui lá buscar.

Entrevistadora 1: Nossa, foi buscar o fogão?

Entrevistada 1: Para trazer no carro de mão porque faltava cozinhar as outras coisas. Porque a panela de dobradinha foi feita no quintal, no fogo de lenha. Mas as outras coisas, como é que faz? E as outras coisas aqui? E assar? Precisava de um forno também para poder assar os salgados e os petiscos. Aí trouxe no carro de mão e a menina manda o menino ali correndo pegar alguém pra pegar a menina de uma cidade pra outra. Porque também são assim, Mangabeira, tinha que vir pra São Félix pra poder a menina ser socorrida. Aí a menina

foi pra São Félix, chegou lá no Mossouro. Na Mossouro fizeram lá a medicação dela, não sei. Quando o rapaz foi levar ela pra lá, graças a Deus voltou logo, só fez foi tomar um sorinho e fazer alguma coisa lá, Veio e ficou uma marquinha assim. E o mais engraçado é essa daí com um ano, eu tinha ido receber a cerveja do lado de fora da casa. Saí e com um ano ficava atrás de mim, né? Principalmente porque o pai não estava em casa. Quando eu ouvi o estouro, eu vim de lá correndo.

Entrevistada 1: Eu sei que dez caixas de cerveja, dez caixas de refrigerante, quando foi acabar a festa, não tinha nem água na geladeira.

Entrevistada 2: E essa festa, tinha o VHS dessa festa. Eu não lembro de tudo mas eu via, só que se perdeu isso.

Entrevistada 3: E no VHS eu pequenininha, eu tinha uns 5 anos. Seis, que o Gisa tinha um. Painho passava com a tábua, no meio da festa e eu falava “Painho, porque essa taba?”

Entrevistada 2: Todo mundo ria. Botavam o meu cabelo assim, eu ia lá e arrancava, e lá arrancava, botaram de novo, arrancava. Na hora do parabéns eu virei e meti a mão no bolo e quebrei o bolo todo.

Entrevistadora 1: Foi? (Risos)

Entrevistada 3: O bolo de dois metros, né?

Entrevistada 1: Com a tábua da mesa foi uma...

Entrevistadora 1: A tábua do bolo?

Entrevistada 1: Não, a tábua da mesa foi a tábua do bolo. Uma mesa em cima de outra. Vamos botar a mesa assim quadrada. E aí a mesa redonda no meio que era pra segurar o bolo.

Entrevistada 2: Será que meu pai gosta de festejar? Será? Será? Lembra que eu falei do time de futebol, das panelonas?

Entrevistada 1: Forrei, forrei tudo de papel.

Entrevistada 3: Nossa, acho que é a única foto do meu pai na Fazenda Grande.

Entrevistada 2: É, eu e ele aqui ó. Eu mostrei pra ela, falei que a gente mora, é...

Entrevistada 3: Essas paredes são crônicas. A infiltração da parede.

Entrevistada 1: Ainda foi um rapaz...

Entrevistada 2: Essa aqui é na escola, naquela escola.

Entrevistada 1: ...Teclado, teclado que chamou.

Entrevistadora 1: Ah, ainda tinha música. Ia ainda o povo que tava na festa tinha várias cantores. Só era um rapaz acompanhando o teclado.

Entrevistadora 1: Um tecladinho e o todo mundo cantando.

Entrevistada 2: Meu aniversário de cinco anos, olha os cinco aqui, olha. Cinco anos do tamanho de Maria aqui, Dalinha. Cinco anos.

Entrevistada 1: Com a cara assim...

Entrevistadora 1: Não, que nem você, eu vou fazer um pequeno aniversário ali e vou chamar pequenos poucos amigos, 20 pessoas.

Entrevistada 2: É, mas eu também sou assim, menina, herdei de meu pai. Aí é uma cara boa, todo ano meu aniversário vai alguma... Não é nada de boas, entendeu?

Entrevistadora 1: Como é que vocês chamam?

Entrevistada 2: Gisericórdia. (Risos) Aqui no mesmo dia eu fiz um álbum também muito modelo, eu tava me achando.

Entrevistada 3: Muito modelete.

Entrevistadora 1: Todo mundo tem book. Deixa eu ver isso daqui.

Entrevistada 1: Joãozinho! Eu não tenho foto de Maria! Maria é bebê pandêmico.

Entrevistada 3: Não, nem é bebê pandêmico.

Entrevistada 2: Mas Maria quando foi lá pra casa, ela tinha um ano.

Entrevistada 3: É, mas... Bebê pandêmico aqui foi feito na pandemia.

Entrevistada 2: Ah não, não foi feito na pandemia.

Entrevistadora 1: Os bolos com as frutas em cima. (Risos)

Entrevistada 1: Aqui, tá? Aqui foi nosso aniversário, lembra aí?

Entrevistada 2: Essa é a minha irmã mais velha mesmo.

Entrevistada 1: E aí, Delinha! Nosso aniversário!

Entrevistada 2: Foi na casa de Carol. Surpresa. Foi nosso aniversário surpresa aí. Aqui é o álbum da minha irmã mais velha, aniversário dela. Olha a minha irmã do meio.

Entrevistada 1: Você sabe quem eu senti falta agora? De Michael.

Entrevistada 2: Michael é o nosso cachorro.

Entrevistada 1: Não tem nenhuma foto do Michael. Eu pensei que ia dizer.

Entrevistada 2: Eu vou te contar a história de Michael Soares, aí você vai entender que é bem engraçado. Mas Michael Soares é o nosso cachorro, que ele foi embora e a gente chorou muito.

Entrevistada 1: Aqui é praia.

Entrevistada 1: Quer tirar foto?

Entrevistada 2: É onde a gente vai no final de semana.

Entrevistadora 1: Ah, sim. Mas aí já é...

Entrevistada 2: É, já é fora de Salvador. Aqui é nosso primo, Adriano.

[Barulho de pessoas mexendo em fotos]

Entrevistada 1: Onde foi aqui?

Entrevistada 2: No casamento de Carol. Aqui em Santo Estevão, olha ali.

Entrevistada 1: Alex também foi?

Entrevistada 2: Santo Estevão é interior da Bahia. Essa é minha madrasta, a Lúcia. Eu tenho uma história muito linda desse bolo!

Entrevistadora 1: Gente, olha o tamanho do bolo! Meu Deus! Parece um tapete.

Entrevistada 2: Nossa! O que aconteceu? O meu pai... Era meu aniversário e eu queria o da Mônica. Olha aqui a Mônica, né?

Entrevistada 3: A demônia tá deformada. (Risos)

Entrevistadora 1: Ainda bem que você me mostrou!

Entrevistada 2: Aí o que acontece? Minha prima estava trabalhando com bolo, aí meu pai chegou e falou... Ele chamou ela pra fazer esse bolo e tal, só que o bolo queimou. Na hora de botar o bolo, o bolo queimou no fogo e aí ela pegou um monte de biscoito cream cracker e botou embaixo pra apoiar. Ela cortou a parte queimada. Imagine, botou um monte de biscoito cream cracker, só que aí na hora que cortava o bolo tava lá um biscoito cream cracker

Entrevistadora 1: E a Mônica sorrindo aqui.

Entrevistada 2: A Mônica, bem Mônica, né?

Entrevistada 1: Vesga.

Entrevistadora 1: A sua cara cortando o cream cracker. (Risos)

Entrevistada 2: É, cortando o cream cracker. (Risos) E aí esse vestido minha mãe mandou fazer em Cosme de Farias. Eu usei seguido, assim... Uns três anos de aniversário eu usei esse vestido que era todo de crochê, feito, bonitão.

Entrevistadora 1: Chicão.

Entrevistada 2: Olha eu na praia que eu te falei.

Entrevistada 3: Ah, essa foto é linda. Olha só isso.

Entrevistadora 1: Onde é?

Entrevistada 3: Esse é o Cosme de Farias.

Entrevistada 2: É linda! Aqui é a Nice e a Dalinha. Elas se vestiam iguais. Minha mãe botava elas...

Entrevistada 1: Muita gente perguntava se eram gêmeas.

Entrevistadora 1: E aí é você?

Entrevistada 2: É, aí só eu.

Entrevistadora 1: Ah nem, gente, a marra das duas, a roupinha... (Risos)

Entrevistada 3: A marra e a roupa né? Aham. Fechativas. (Risos)

Entrevistada 1: Toda transagem.

Entrevistada 2: E o óculos.

Entrevistada 3: Todas as duas com óculos na testa e o laço igual ainda.

Entrevistada 2: E é sem risadinha, você já viu?

Entrevistada 3: E o laço igual.

Entrevistada 2: Não parceiro, sem risadinha.

Entrevistada 1: E o laço era de crochê também.

Entrevistada 3: Então, e o óculos na testa, todas as duas.

[Barulho de câmera fotográfica]

Entrevistada 2: Essas irmãs parecendo o Tasha e Tracy.

(Risos)

Entrevistadora 1: É em Cosme de Farias, né?

Entrevistada 2: Sem risadinha.

Entrevistada 3: Olha só que carinha!

Entrevistada 2: Se meu pai tivesse aqui, você ia saber a histórias. Meu pai é um poço de memórias. (Risos) Ele é um baú de memórias. De lembranças e de história.

Entrevistada 1: Ali é baú.

Entrevistada 3: Dá uma pena ver essas fotos assim, velho.

Entrevistada 2: É isso que a gente estava falando. Como é que conserva pra poder não...

Entrevistada 3: Não perder as memórias.

Entrevistadora 1: Você vai fotografar, né?

Entrevistada 3: Não, pode ir. Pode pegar.

Entrevistada 1: Quem é essa?

Entrevistada 2: Ah, sou eu. Ah, eu sou eu. É, no Cabula. [Uma música começa a tocar no

fundo] A gente morou na ... E aí nessa casa tinha essa...

Entrevistadora 1: Não, gente, muito estilo essa família. O estilo predomina, porque a Suprema...

Entrevistada 1: Olha minha filhinha, esse meu povo, começaram a usar sutiã.

Entrevistada 3: Gente, olha isso, tipo, olha a estrutura disso aqui, gente.

Entrevistada 2: Não, é engraçado que lá na... Essa casa velha, que aqui era uma casa abandonada. Que ficava... Jogavam em entulho, jogava lixo aqui. Então até hoje tá assim.

Entrevistada 1: Não.

Entrevistada 2: A casa velha?

Entrevistada 1: O meu sobrinho comprou e botou um projeto social

Entrevistada 2: Ele comprou a casa velha?

Entrevistada 1: Ele continua morando na casa que ele morava. Ele fez andares na casa do fundo. Tem agora o térreo, o primeiro andar...

Entrevistada 2: A senhora já foi lá na casa velha? Quer dizer, casa velha que chamava de casa velha.

Entrevistada 1: Não, na casa velha ainda não. Que foi justamente acho que pouco antes da pandemia.

Entrevistada 2: Ai, velho, essa foto é linda. É a única foto que a gente tem dessa festa do interior pra isso contar?

Entrevistada 1: Ai, meu Deus! É meu aniversário de um ano!

Entrevistadora 1: Essa foto é linda, eu tava reparando nela.

Entrevistada 2: Eu não sabia dessa foto não!

Entrevistada 1: Deixa eu ver aí.

Entrevistada 2: Oh, meu Deus! Eu, minha mãe... Que linda!

Entrevistada 1: Foi nessa daqui, foi nesse instante que a gente olhou, menina. Que eu mostrei aí com ela.

Entrevistada 2: Eu não sabia da existência dessa foto.

Entrevistada 3: E tinha escala, viu? Primeiro ela. (Risos) No mesmo lugar, exatamente no mesmo lugar.

Entrevistada 2: É mesmo! Dalinha toda estilosa, velho. Opa, e ela...

Entrevistada 3: Sempre fui...

Entrevistada 2: E sempre sem risadinha. Olha a cara dela. Sem risadinha. Olha aqui, no mesmo lugar.

Entrevistadora 1: Ah, é verdade. Deixa eu tirar a foto.

Entrevistada 3: Isso é no...

Entrevistada 2: No Cabula. Na padaria. Na casa da padaria. Que era do lado que é uma padaria.

Entrevistada 3: Sempre fui toda estilosa, olha só.

Entrevistada 2: Sem risadinha. Sempre assim, velho.

Entrevistada 3: Olha o short combinando com o biquíni.

Entrevistadora 1: Não, não. Gosto, gosto.

Entrevistada 3: Estilo é para quem tem, né? O chapéu era rosa também para combinar com a roupa.

Entrevistada 2: Toda bad girl.

Entrevistada 1: Que foto é essa que ela tá mostrando? Que foto é essa?

Entrevistada 3: Essa aqui, olha. No jogo.

Entrevistada 2: Essa foto do aniversário de um ano, eu vou ter que pegar ela e levar pra restaurar.

Entrevistada 3: Olha aí! Estilosa desde sempre.

Entrevistada 2: Olha pra aí, velho.

Entrevistada 3: Tá pensando o que?

Entrevistada 2: Com essa roupinha bonitona.

Entrevistada 3: Tem uma roupa também que eu tô com uma calça e um tênis bem...

Entrevistada 2: Aqui é no Hospital Aliança, né?

Entrevistada 1: Não, São Rafael.

Entrevistada 2: A gente precisa comprar um álbum e organizar melhor, entendeu? A gente vai fazer isso. Foi bom você vir fazer essa pesquisa com a gente pra gente perceber que a gente precisa guardar melhor nossos fotógrafias.

Entrevistada 2: Oi, gente! Olha o pequenininho pra aqui, gente!

Entrevistada 2: Eu e o Amin! Olha eu aqui, Dalinha! No meu balé lá na Ana Amélia. Aqui! Eu e você!

Entrevistada 3: Olha isso, que fotinha bonitinha!

Entrevistadora 1: Ah nem!

Entrevistada 2: Eu aqui de balé!

Entrevistada 3: Toda estudantinha

Entrevistada 2: É que eu fazia balé na escola. A escola existe até hoje, Ana Amélia. Escola na Amélia. Ai essa aqui é a coisa mais linda!

Entrevistadora 1: Vocês tiveram uma infância bem livre?

Entrevistada 3: Não. A gente não saía pra lugar nenhum, nem pra brincar. Nem pra brincar na rua.

Entrevistada 2: A gente saía só com os nossos pais. Mas meu pai deu uma criação pra gente muito rígida. Tipo, de trancada, do portão. Tipo, não pode sair pra rua pra brincar.

Entrevistada 1: Do jeito que era...

Entrevistada 3: Não era falado que era... Não era uma fala explícita, né, de tipo “Não pode sair”, mas você sabia que não podia sair. Ele saía pra trabalhar e deixava a gente trancada e quando a gente ia pra escola, cada um sempre teve uma penca de chave. Então, se você estuda de manhã, tal horário você tem que estar em casa. E você que estuda de tarde, tal horário tem que estar em casa.

Entrevistada 2: Isso também porque tem um contexto aí, familiar.

Entrevistada 3: Periférico, familiar.

Entrevistada 2: Era um homem preto na periferia criando três filhas. Então assim, eu acredito que ele tinha muito essa coisa da proteção.

Entrevistadora 1: Sim. Receio de alguma coisa acontecer.

Entrevistada 1: Hoje em dia está pior, mas todo o tempo tem. Então você sempre ouviu nos jornais as coisas que aconteceram. Por que eu vou deixar a tua brincando?

Entrevistada 2: E também passava por várias questões, né? Assim, de tipo, não pode namorar, você namora seus estudos. Então tinha isso também de gênero, de mulher, vai ficar em rua com quê? Vai ficar de conversinha com gente na rua? Não, não tem que ficar. Vai ficar falada. E a roupa que veste. Tinha muito, passava muito por isso também. Porque

o meu irmão não foi criado com meu pai, assim, mas você via que, né? Era outro tipo de comportamento.

Entrevistada 1: É. Principalmente pelo fato de ser homem. Não tem o ditado “prenda as suas ovelhas, quando o carneiro tá solto” uma coisa assim? Então quando é o fato de ser homem, ele deixa... Toda a vida eu sei que foi mais livre.

Entrevistada 2: E hoje em dia a gente tenta não levar essa criação pra João e Maria, né? A gente tenta. Nós somos as tias, então a gente tenta fazer esse trabalho. Tanto de... Já conversamos sobre questões de raça, eles são frutos de uma relação interracial, João e Maria. Então ali já, entre eles dois, já tem uma coisa de estranheza. “Por que eu sou assim? Por que eu não sou?” Porque João, ele é um pouco mais retinto e Maria tem a pele mais clara. Desde muito pequeno esse assunto já estava ali, né? E também a questão de gênero.

Entrevistada 3: Mas desde muito pequeno porque a gente insere. É uma questão que...

Entrevistadora 1: E vocês acham... E esse medo era do crime, da polícia, dos dois? Tinha a ver com uma falta de proteção do Estado?

Entrevistada 3: Meu pai é uma pessoa que não teve educação formal, mas eu preciso dizer que ele é uma pessoa muito inteligente. Então essa questão de que a gente hoje fala sobre racismo, sobre sexism, meu pai nunca falou sobre isso, mas ele tem uma perspectiva muito firmada sobre isso. Então ele sempre disse pra gente não se sai sem documento. Mas hoje a gente entende que era uma questão racial, foi lá batida da polícia. Mas que a gente estava até fazendo esses dias que pra gente, enquanto mulher, a questão de gênero de certa forma nos protege desse processo de ser batido pela polícia, né?

Entrevistadora 1: Isso reduz bastante.

Entrevistada 3: E aí, meu pai nunca deixou a gente sair, tanto por conta dessa questão também, né? De violência, da ausência do Estado e de... mais por essa questão de gênero, para não ser abusado, pra não ser violado, mais por essa questão.

Entrevistada 2: Por serem mulheres, né? E também porque como ele estava ali naquele papel de criar três mulheres, pra ele, assim, nada pode acontecer. Porque qualquer coisa vai dar a margem a dizer que ele não soube criar as filhas dele.

Entrevistadora 1: Ele já estava num papel ali que não era comum, né? Então ele estava ali sendo muito observado, sendo muito julgado.

Entrevistada 3: E ele, inclusive, a gente sempre foi assim, não pode sair do banheiro de toalha. Um exemplo disso, sabe? Não pode sair do banheiro de toalha. Você leve a sua roupa para o banheiro e se por um acaso você esquecer, chame sua irmã que ela vai levar roupa no banheiro.

Entrevistada 2: Eu lembro que eu era bem, eu era menor e eu era muito apegada a meu pai, o grude do meu pai era eu e aí você era mais nova e tal, aí eu lembro que eu pedia pra ele “Meu pai, posso dormir com o senhor, por favor?” “Não, você não vai dormir comigo”. Ele não dizia o porquê, mas “Não vai, não vai”. Eu lembro que eu pedia de presente de aniversário pro meu pai, “Hoje que é meu aniversário, eu posso dormir?” aí ele falava “Hoje que é seu aniversário, você pode dormir”. Aí eu dormia, e quando eu pegava no sono ele me botava...

Entrevistadora 1: Na sua cama. É engraçado isso, né, da proteção. Assim, quando eu cresci lá no entorno do DF, na região do Goiás, mas que a gente vivia para Brasília. Então, todo dia minha família fazia viagens de horas para poder trabalhar em Brasília. E lá no Vaparaíso, que é o último lugar que eu morei, eu tinha muito... Tinha alguma liberdade, assim, eu ia sozinha para a escola, às vezes, ia comprar um pão ali na padaria, ou me conhecer, todo mundo sabia onde eu morava. Então, eu tinha uma liberdade que aí, quando a gente mudou pro plano piloto, foi para Brasília, que era, né, E aí meus irmãos foram crescer em Brasília e eles tiveram muito mais liberdade do que eu. E a minha liberdade diminuiu também na minha adolescência. E aí eu não entendi isso na época, né, porque eu ficava assim “Gente, de qual sentido?” E aí hoje eu entendo que é porque a nossa vida valia menos lá no plano piloto do que na periferia. Não era bom, não era a “Nossa, perfeita a periferia”, mas lá a nossa vida, eles tinham essa noção “Aqui a vida dos meus filhos vale pouquíssimo, então eu não vou deixar eles por aí”.

Entrevistada 2: Sim, sim.

Entrevistadora 1: E aí mesmo no lugar mais seguro, eu fui mais protegida do que lá na quebrada. E a gente só entende depois as coisas dos pais, né? Na época, nas épocas a gente só não fica, né? Na época a gente.

Entrevistada 1: E você volta pra Brasília em dezembro, né?

Entrevistadora 1: Não, vou voltar semana que vem, infelizmente.

Entrevistada 2: Ah, aqui era um coral de Natal. Esse aqui eu acho que não é Pelourinho, né?

Entrevistada 1: Ah... Misericórdia, né? Tem a Praça da Sé, aquela rua do lado.

Entrevistada 2: Ah, no Museu da Misericórdia. Perto da Cruz Caída, é no Pelourinho.

Entrevistadora 1: Ah, deixa eu fotografar essa.

Entrevistada 2: Quando tinha coral de natal, aí levava a gente pra assistir as apresentações culturais que tinha.

Entrevistada 3: Esse é o coral que nós fomos pelourinho.

Entrevistada 1: Não é pelourinho.

Entrevistadora 1: Eu acho que eu vou...

Entrevistada 1: Mas o Pelourinho é pra cá pra baixo.

Entrevistada 3: E eu estou com uma boneca na mão, uma sobrinha e uma boneca. E eu lembro que eu tinha tido. Era do Piu Piu. A bolsa do Piu Piu. Uma boneca na mão. A sobrinha.

Entrevistadora 1: O sapatinho.

Entrevistada 2: Que engraçado. Quem comprava nossos looks, minha mãe e meu pai. Aí a gente ganhava sempre roupa em datas festivas, né? Natal, Reveillon, São João. Era a época de comprar roupa. Fora isso, estava... Esquece. Aí eu lembro de chegar a época de Natal, assim... Chegar a época de Natal, meu pai comprava roupa com uma colega dele que vendia no trabalho. Ele que escolhia as nossas roupas e chegava com os conjuntinhos. “Esse é o seu, esse é o seu, esse é o seu”. Mas hoje em dia a gente vê que...

Entrevistadora 1: O povo mandava bem. Gente, a gente já tá a mil horas, vou encerrar, vou tirar só mais...

Entrevistada 3: Ah, você tava gravando? Foi? Eu nem falei da parte... você fez uma pergunta e a gente não concluiu.

Entrevistadora 1: Aham, diga.

Entrevistada 3: Que, nessa perspectiva, né, de mudança de bairros... É uma perspectiva de acessar com mais facilidade e qualidade de vida. Hoje eu trabalho em Nazaré, estudo no Canela e trabalho na Trobogy. Da Fazenda Grande para esses três lugares seria um transtorno muito grande. E ainda tem isso de bater e voltar e ir para outro lugar. E é bem complexo se você mora na Fazenda Grande do Retiro. Depois que o metrô passou a existir, muitas linhas foram extintas. Muitas linhas de transporte foram extintas. Então, o que acontece? Fica mais difícil porque você tem que fazer a baldeação. Só que esse transporte até fazer a baldeação...

Entrevistada 2: A Fazenda Grande não é perto, é que são deslocamentos longos.

Entrevistada 3: A Fazenda Grande é perto em consideração. A Fazenda Grande é... Você sabe da Liberdade? É muito perto da Liberdade. Então, tipo, não é um bairro tão longe do centro. Mas a questão, eu acho, que está nesse processo de transporte público.

Entrevistadora 1: É isso, né? O nosso poder, o ir e o vir, né?

Entrevistada 3: Pois é, porque a Fazenda Grande é perto da Liberdade, é perto do Largo, que você chega na cidade baixa. Você por cá, você chega por cá pelo Retiro, que você sai da cidade, entra pro Iguatemi, sabe? Não é um bairro tão distante. Quando você tem o seu próprio transporte é muito mais fácil, mas quando você depende do transporte público, você sai de lá de cima da Fazenda Grande pra pegar uma baldeação cá embaixo.

Entrevistada 2: Eu mesma, eu sou ousada no sentido de estar sempre nesse centro, porque também eu tenho um rede de apoio, que às vezes eu durmo aqui na casa da minha irmã, as vezes eu durmo muito na casa de Tamíris também, que mora na Vitória. Então, tipo, eu vou pra rolê por aqui perto.

Entrevistadora 1: Você ficar à vontade, porque você na rua, você sabe que não vai ficar se ficar difícil de você voltar pra lá.

Entrevistada 2: A maioria das vezes eu não passo o final de semana em casa. Difícil é eu passar um final de semana em casa.

Entrevistadora 1: Aí você já vai emendando na rua mesmo.

Entrevistada 2: Aí durmo aqui, aí quero ir praia, e depois durmo em Íris. E que, às vezes eu quero tipo, ou quero ir pra casa.

Entrevistadora 1: Você quer a sua cama, né?

Entrevistada 2: Aí às vezes eu pego meu moto, você viu ali né? Eu de moto.

Entrevistadora 1: Sim, muito bom.

Entrevistada 2: E vou pra minha casa depois do rolê e tal.

Entrevistadora 1: Eu vou fotografar mais uma foto que tá aqui. Eu gostei tanto dessas.

Entrevistada 2: Eu também! É tipo um paredão da antiga.

Entrevistada 3: Paredão da antiga. (Risos). Você conhece o que é paredão?

Entrevistadora 1: Aham, sim. Ali está parecendo o paredão.

Entrevistada 3: Ressaca!

Entrevistada 1: E você faz curso aqui ou lá?

Entrevistadora 1: Faço lá em Brasília mesmo, na UnB.

Entrevistada 1: Eu pensei que você só veio aqui para a pesquisa.

Entrevistadora 1: É, eu já vim aqui algumas vezes.

Entrevistada 3: Ressaca do São João.

Entrevistada 1: Eu vou te mostrar uma foto que você vai desconhecer quem é a pessoa que você conhece.

Entrevistadora 1: É muito bom, eu vi uma foto.

Entrevistada 3: Ah gente, vi um vocal, tem um nome escrito aí atrás. Bim vocal.

Entrevistada 2: Bruno é do Repic. É uma banda. Bruno vocal. É uma banda.

Entrevistada 3: E essa letra é de Anderson mesmo. Então é Cosme de Farias.

Entrevistada 2: É verdade. Anderson é o ex-namorado da minha irmã mais velha que se relacionou com ela uns dez anos. Uns dez anos. É, isso foi o primeiro namorado.

Entrevistada 3: Sete para dez anos.

Entrevistada 2: É, uns sete anos, por aí.

Entrevistadora 1: Meu Deus.

Entrevistada 1: E ele foi o primeiro namorado dela. Ele era de Cosme de Farias. Ele é até hoje. Então, essas fotos aí ele que tirou.

Entrevistada 1: Hoje em dia ele...

Entrevistadora 1: Ele continua na família?

Entrevistada 1: Não.

Entrevistadora 1: Assim mesmo que...

Entrevistada 1: Ele continua me chamando de mãe.

Entrevistadora 1; É, não nesse sentido, não a gente tá junto com a irmã, mas vocês ainda convivem?

Entrevistada 2: Não. É, só minha mãe que conversa com ele pelo WhatsApp, mas não tenho uma relação.

Entrevistadora 1: Entendi.

[Barulho de câmera fotográfica]

Entrevistadora 1: Pronto, gente! Muito obrigada!

Entrevistada 2: Foi uma delícia reviver aqui as memórias todas. Todas não, né, mas uma parcela.

Entrevista Família C

Entrevistada 1: Quem cuidava dos álbuns lá de casa era painho, como ele faleceu tem dois anos, aí nunca mais a gente viu essas fotos.

Entrevistadora: Esse aqui é quem?

Entrevistada 1: Esse aí é meu primo. É minha irmã e minha irmã. Você quer mais que tipo de pessoas?

Entrevistadora: Pode até ter outras pessoas, desde que estejam mais conectadas com a convivência com vocês.

Entrevistada 1: Ah, certo, então vamos começar com o casamento do meu pai e da minha mãe. Aqui tem alguns tios que não vale a pena ver. Minha mãe quando ela nova, lá em Gameleira. Logo aquela primeira Ilha, em Itaparica. Aqui foto do casamento dele.

Entrevistadora: Casaram aqui no Salvador? Qual era a Igreja?

Entrevistada 2: É. Igreja Nossa Senhora de Fátima, no Alto das Contas.

Entrevistada 1: Acho que tem outras. Ah, e a filha mais velha. A minha irmã mais velha. Aqui é ela também. Aqui é a família pequena. Minha mãe, meu pai, eu, a minha irmã, minha irmã, a irmã mais velha. Minha avó. O aniversário de minha irmã mais velha, de um ano. A família é só essa daí. E aí são primas. Tinha o costume de passar dias em casa, entendeu? Aí é prima, tia, prima, prima. Meu avô. A câmera vai ficar um pouco... E é meu tio, esposo da minha tia. Eu, minha irmã, minha outra irmã, meu primo. E a primeira asa da ilha da gente. Em Barreiras. Mainha, também é em Barreiras?

Entrevistada 2: Aí é Barreiras, depois da ponte do funil. Sabe onde é?

Entrevistada 1: Aí sou eu. Aí é minha irmã.

Entrevistada 2: Também lá. É o mesmo local.

E quando vocês se casaram, vocês moravam juntos?

Entrevistada 2: Não, só depois do casamento.

E vocês foram morar onde?

Entrevistada 2: Moramos na Chapada do Rio Vermelho. Essa aqui é lá.

E aí depois vocês foram pra onde?

Entrevistada 2: Foi, depois da chapada a gente mudou pra aqui

Então, quando vocês vieram para cá, todos os filhos já estavam nascidos ou já?

Entrevistada 2: Já, minha caçula tinha sete meses.

Ah, essas aqui já são onde?

Entrevistada 1: Na verdade é uma casa no vale. No vale das pedrinhas. Meu pai construiu uma casa igual. O vale das pedrinhas.

Entrevistada 2: Na chapada. É porque o vale fica embaixo. Ele estava construindo uma casa igualzinha. Não tinha nada de diferente. Só que naquele tempo a violência já estava começando. Aí ele sempre quis morar aqui. Ele lutou duro até que conseguisse comprar esse terreno. Ele veio e falou comigo. Como conseguiu comprar esse terreno, ele disse “vou vender essa casa e construir outra lá”. Você espera?

Entrevistada 1: Aqui é em Barreiras.

Entrevistadora: Quando vocês vieram pra cá em 93 você tinha, então...

Entrevistada 1: Cinco anos. 5, né? Sou de 88.

E aqui, quem é aqui?

Entrevistada 1: É meu pai e os amigos dele de trabalho. Ele pegava os melhores momentos.

Entrevistada 2: Ele adorava tirar foto, só que não sabia tirar, tirava qualquer foto.

Entrevistadora: Que fase que foi essa? Ele tinha time, que camisa é essa?

Entrevistada 2: É time de bairro. O nome eu não sei não. Foi lá na chapada. Esse campo aqui eu acho que é no vale das pedrinhas. Antigamente, a Chapada era um bairro só. Aí foi dividindo Chapada, Rio Vermelho, Santa Cruz, e isso, aquilo outro.

Entrevistadora: Antes de você se mudar pra lá com ele, você cresceu aonde?

Entrevistada 2: No alto das pombas.

E aqui, tudo na chapada?

Entrevistada 1: Isso foi eu acho, né mainha?

Entrevistada 2: Aí é o mesmo local, Barreiras.

Entrevistada 1: Não, mas aí, isso foi eu. Aí a minha avó, mainha e as minhas irmãs. Aí é um tio meu. E aí é tanta gente que eu não sei.

Entrevistadora: E quando vocês vieram pra cá, vocês estavam construindo a casa lá?

Entrevistada 2: A casa já estava pronta lá, só faltava uma ou outra coisa. Aí ele conseguiu esse terreno aqui, ele preferiu vender lá. A violência já estava começando lá, né? Tinha coisa de maconha, já sentava na porta da gente para ficar fumando, e ele dizia olha, não vou criar as minhas filhas aqui nesse bairro não. Aí, lutou até que conseguiu comprar aqui e se mudou por aqui.

Entrevistadora: E quando vocês se mudaram para cá, como era nesse sentido? Acho que foi, já indo embora, né?

Entrevistada 2: Aqui é bem mais tranquilo, até hoje. Tem umas coisa, mas a gente...

Entrevistada 1: Na verdade, painho, quando era criança, ele morava em Brotas. Aí, quando ele conseguiu essa oportunidade de voltar a morar, ele sempre teve esse sonho de voltar a morar em Brotas. Aí, quando ele pegou essa oportunidade, ele aproveitou, juntou.

Isso aqui ainda na fase... Lá de Barreiras. Esse é o álbum mais antigo, mais foto só. Esse daí eu acho... que era do trabalho. É esse de uniforme vermelho.

Entrevistadora: Onde ele trabalhava?

Entrevistada 1: Aí é Ergon, né?

Entrevistada 2: Ergon, em Gerardia, era ali no Garibaldi...

Entrevistada 1: Ergon não existe mais, mas era uma empresa de construção e ele era ordenador do almoxarifado.

Entrevistadora: E aí vocês já moravam aqui?

Entrevistada 1: Na verdade foi a fase da saída de lá e a vinda pra cá. Ele ficou um tempo, entendeu? Quando a gente morava lá ele já trabalhava na Ergon.

Entrevistadora: E vocês quando vocês se mudaram pra Brotas, vocês tinham carro, com as meninas?

Entrevistada 2: Não, nunca tivemos carro.

Entrevistadora: E aí como é o deslocamento daqui? Tanto na época que vocês se mudaram quanto hoje.

Entrevistada 1: Transporte público.

Entrevistada 2: Domingo assim, quando saía com a família em Brotas, a gente pegava táxi. Mas se andasse no dia a dia era mais transporte público.

Entrevistada 1: Quando era pra lazer, era mais táxi, entendeu? Pra ir para o cinema, ir para o parque, painho sempre optava por ir de táxi. Naquela época não tinha quantidade de gente, né? Botava todo mundo dentro do táxi. Pra ir pra escola, até os 10, 12 anos, sempre estudamos em escolas próximas daqui. Era só ele mesmo que pegava o transporte público, pra ir trabalhar.

Entrevistadora: Mas vocês avaliam como bom, terrível?

Entrevistada 1: É, na época. Era bom, era divertido. Quando eu comecei a estudar em Nazaré, eu achei diferente. Eu achava legal, sair e tal. Eu saía sozinha. Me sentia até adulta. Eu tinha uns 12 anos não é mainha, até na quarta série estudámenos em escolas próximas. Aí na quinta série as escolas ficaram mais longe. Hoje eu utilizo o Uber, mas, às vezes vindo da faculdade eu pego um metrô, um ônibus.

Entrevistadora: Qual nota você considera, para a qualidade do transporte?

Entrevistada 1: O público? Um 2. Agora que tem o metrô, a demora, a superlotação, a tarifa é cara demais. O transporte sempre está sujo também. A entrada às vezes, morador, pessoa... em situação de rua, não posso falar. Assim, às vezes a pessoa tá ferida e acaba tocando em você. Eu não tenho preconceito, mas é uma situação delicada, imagina. Essa semana mesmo entrou um homem com uma ferida na barriga, tirando o saco, o mau cheiro, tudo. Então é terrível.

Entrevistadora: E tem lugar para pegar o ônibus aqui perto? Ou tem que andar um tanto?

Entrevistada 1: Tem que andar um tanto, porque ou eu pego no Bonobo ou eu pego saindo da Lisboa. Mas pelo costume eu não acho cainsativo, não. Entendeu? Só fico com medo à noite porque a rua fica um pouco deserta.

Entrevistadora: Aqui é mais deserto à noite? O comércio aqui funciona ativamente até que horas?

Entrevistada 1: Até seis horas, no máximo. Farmácia vai até dez, o mercado fecha oito. Mas as lojas até cinco, seis horas. Aí fechou muito cedo, fica o risco de assalto. É uma rua bem calma, entendeu? Não tem muito movimento. As pessoas mais antigas tem carro, não tem muito pedestre.

Entrevistadora: E vocês são uma família muita mulher, né?

Entrevistada 1: É, na verdade, éramos seis, com Cecília, sete, e eram dois homens, mas, painho faleceu de Covid. Ah, que tristeza. Aí só tem Davi agora.

Entrevistadora: E como era essa relação dos seus pais, ou então, principalmente do seu pai em relação a vocês serem muitas mulheres? Nesse sentido de usar a cidade, assim. E pra

ir rua, e estar na rua.

Entrevistada 1: Painho nunca foi muito de se importar, não, de reclamar que a gente estava na rua até tarde, porque tipo assim, ele deu uma boa criação à gente, então ele estava ciente que eu não estava fazendo nada de errado. Ele só ficava preocupado porque eu chegava de madrugada, porque eu gostava muito de rap, de reggae. Então eu só chegava aqui de madrugada, mas a minha irmã. Mas ele reclamava só da situação, mas como ele viu realmente que a gente não se envolveu com nada. Sempre procurando as boas pessoas, aí ele ficou mais tranquilo. Mas não era muito... devido à educação que ele deu à gente, ele ficou bem tranquilo na nossa adolescência.

Entrevistadora: E você, como você sentia nesse sentido? Que tinha uma família com muita mulher...

Entrevistada 2: Foi o que eu sempre falei com ela, que não gosto de mentira. Se vai namorar, me conte. Mas as meninas sempre foram tranquilas, graças a Deus.

Entrevistadora: É, a questão não era nem elas, né?

Entrevistada 2: É, é a violência, é a violência

Entrevistadora: E essa violência, vocês associam mais ao crime ou à polícia também?

Entrevistada 2: Eu tenho medo dos dois, para lhe falar a verdade. Eu falava assim, não namorem nem com bandido, nem com policial [risos].

Entrevistada 1: Eu não gostava de tirar foto nessas coisas. Meu pai ficava tirando essas fotos. Minha avó, minha mãe, eu, minha irmã mais velha. Alzira, (entrevistada 1) e Débora. Barreiras. 1988, eu nasci nessa data. Mainha, Davi, era o aniversário de Davi.

Entrevistada 2: Aí é na Barra

Entrevistada 1: Julho de 2011, deixa eu ver quando... e a casa da gente da ilha. Oh, painho tirando foto dessas coisas [risos]. Quando botou o portão. Mãe, pelo amor de Deus, bota ela no celular. Eu não boto ela no celular, mas tem horas que não tem jeito. Bota aí, mãe. Essa de Salvador, no Shopping, no Edifício Empresarial. Esqueci o nome do prédio. Enfim, em frente é o Salvador Shopping.

Entrevistadora: Eu queria te tirar essas fotos também, do navio. E também eu gostei de uma que tem aquele navio branco de turista.

Entrevistada 1: Aqui é no mercado modelo. Pegue as fotos lá na parede, mainha. Tem umas fotos engraçadas na fila do Ferry. Época de festa, ele ficava tirando foto da gente. Rapaz, você tem filho? Graças a Deus, não queira não. Ele com o neto, Davi. Quando ele faleceu, Maria tava na barriga.

Entrevistadora: Essa foto aqui é onde?

Entrevistada 2: Essa daí é na faculdade católica, em Pituaçu.

Entrevistadora: E essa daqui? São vocês mesmo?

Entrevistada 1: Aí é na casa da minha avó, de parte de mãe, sabe? Na hora que estava chegando, na casa da minha avó. Aí eles tiravam toda hora, tiravam foto. Foi no Alto das Pombas.

Entrevistadora: Posso fotografar isso aqui hoje?

Entrevistada 1: Até da árvore de Natal eles tiravam foto.

Entrevistadora: Nossa, quanta foto! Aqui é seu ensaio de grávida?

Entrevistada 1: É, eu que revelei. Não deu muito certo não, Foi ali no Rio Vermelho, Ondina ali do outro lado.

Entrevistadora: Vocês costumam ir pra praia? Tem esse hábito?

Entrevistada 1: Não muito. Eu tento puxar mainha, mas ela não vai muito, ela é teimosa demais.

Entrevistadora: Porque vocês não animam muito de ir pra praia?

Entrevistada 2: A gente ia muito, na Ilha, mas depois que ele faleceu, parei de ir. Eu ia muito aqui, na praia da Barra.

Entrevistada 1: Até minha avó, olhe, ele ficava tirando foto. E ele doente, ele quando quebrou o pé, ele tinha foto de tudo. Aqui, acho que é na Ilha. Aí é no shopping, a mainha distraída. Essa é lá em cima. Mainha, que shopping é esse?

Entrevistada 2: São Caetano aqui, Boa Vista.

Entrevistada 1: A casa do ex-marido dela, da minha irmã.

Entrevistadora: Vou tirar dessas duas.

Entrevistada 1: A minha irmã quando passou na UFBA. Ela fez Medicina Veterinária. Eu estudo na UFBA também, nas Belas Artes.

Entrevistadora: Você conheceu a [nome incompreensível, criança fala simultaneamente] na UFBA também?

Entrevistada 1: Eu conheci num estágio de jovem aprendiz na época, na Secretaria da Saúde. Essa é no zoológico. Aqui é Davi. Aqui é na praia, em Salvador. Mainha, ela envelheceu muito desde que painho faleceu. Aí tem um ano aí, eu acho, ele botava data em tudo. Deve ser 2008. É, é 2008. Peguei todos os álbuns.

Entrevistada 2: Era na [praia da] Barra, essa.

Entrevistadora: Essa aqui é quem?

Entrevistada 2: Filha da minha madrinha. Era um casamento. Aqui é um sobrinho meu. Não bastava as minhas, ainda mandavam os sobrinhos para ficarem tudo comigo, ficarem aqui pulando carnaval. Eu ficava com um monte de criança. As crianças tudo ainda ia, e os parentes tudo iam curtir, eu ia pra cozinha fazer comida pra todo mundo. Esse era Davi.

Entrevistada 1: Deve ter mais fotos no celular.

Entrevistadora: A ilha fica perto do que?

Entrevistada 2: Fica perto da ponte do funil, sabe onde é? Salinas, depois que você salta do Ferry. E isso aí é no Abaeté.

Entrevistada 1: Posso depois te mandar algumas fotos mais recentes pelo Whatsapp, Flora.

Entrevistadora: Posso tirar uma foto sua?

Entrevistada 2: Eu assim, desarrumada? Estou toda feiosa.

Entrevistada 1: Vai dar um jeito no cabelo, mainha.

Entrevistadora: E por que será que seu pai era tão assim como foto? Tão apegado.

Entrevistada 1: Ele falava que a gente tinha que guardar todos os momentos o futuro. Era de tirar foto da gente dormindo, com o cabelo para cima... até quando a gente estava discutindo, por isso tem várias fotos nada a ver.

Entrevistadora: Aqui é lá na ilha, né? Fica a quanto tempo daqui?

Entrevistada 1: Umas três horas daqui, eu acho. [Criança falando, chamando a atenção da mãe, difícil entender a conversa]. Não, aqui foi lá na Barra. Você pode ter educação? [pra filha].

Entrevistadora: E o que vocês costumam fazer? Assim, no final de semana, ou com as crianças?

Entrevistada 1: Na verdade, depois da pandemia e depois da morte de painho agora estou começando a chamar a mainha pra ir pra uma praia, ir no shopping, mas antigamente, quando éramos menores, painho que levava a gente no parque, no shopping, no Abaeté, Parque Pituaçu, e sempre pra Ilha. Eu trabalho à noite, estudo o dia todo, fico com Maria, tô começando a organizar a minha vida e de Maria. Ando muito de Uber com Maria, é difícil sair com Maria. Imagina mainha saindo com cinco, Deus é mais. Antes era todo mundo comportado, né? Hoje em dia só Maria...

Entrevistadora: Aqui é onde?

Entrevistada 1: Uma Igreja... foi minha primeira comunhão [criança grita, interrompe a conversa].

Entrevistadora: E esse menino aqui, é Davi?

Entrevistada 2: É Davi.

Entrevistada 1: Pega o seu celular, cadê aquela foto do Natal, do Ano Novo? Essa é essa casa aqui. Olha mulher, ele fez o antes e depois, isso foi quando ele pintou aqui, olha. E ele amava cerâmica, a vida dele era comprar e mudar.

Entrevistada 2: E achava a mulher mais linda do mundo ele toda hora achava foto, tinha uma foto aí ele é maluco fotografar

Entrevistadora: Isso aqui é onde?

Entrevistada 1: Lá em Salinas. Aí lá na ilha, os sobrinhos. Ele amava tirar foto das crianças. Foi lá na ilha isso, tinha a família toda.

Entrevistadora: E esses tios, esses primos, essa família toda? Mora em Salvador?

Entrevistada 1: Sim, no Alto das Pombas. De parte de pai na área chapada. Aqui é um afilhado dele. Essa Igreja é a Igreja do Rio Vermelho. Aqui, uma bonita do casamento. Há uns doze anos atrás... Quantos anos de casado, mainha?

Entrevistada 2: Trinta e sete quando ele faleceu.

Entrevistadora: E qual a relação de você com o pessoal aqui do bairro? Você tem muito vínculo? Você já precisou deles? Já precisaram de você?

Entrevistada 2: Hoje mesmo eu fiz almoço pras duas aqui da frente. É boa a relação. Tá com esposo no hospital, então tá só ela e a filha, né? Aí ela não tava com vontade de comer nada, aí hoje eu fiz o almoço e levei pra ela. E ela faz a mesma coisa, se eu precisar ela faz também. É, quando meu marido mesmo tava doente, a vizinha tava aqui, todo dia mandava suco natural pra ele. Todo dia ela fazia sopa. Porque aqui todo mundo pegou esse vírus, aí ela fazia sopa, tudo e trazia pra gente. Não tem nenhum problema, não tem nenhum problema, não tem nenhum problema.

Entrevistadora: E a sua relação com o pessoal quando você morava lá na Chapada?

Entrevistada 2: Ótimos vizinhos, também.

Entrevistada 1: Essa foto é engraçada, é daquelas fotos de quebrar pote em aniversário, aí ficou todo mundo correndo pra pegar. Mas Maria machucou.

Entrevistadora: Isso aqui é alguma festinha lá na ilha?

Entrevistada 1: Não, é aqui. Isso aí foi meu aniversário. Lá em cima.

Entrevistadora: E vocês frequentam alguma religião? Já frequentaram?

Entrevistada 1: Na verdade, eu... fiz primeira comunhão, né? Aí eu fui primeiro pra igreja católica. Porém, agora eu tanto frequento a igreja católica, quanto eu frequento também o candomblé. E as minhas outras irmãs também. Só Deise que não gosta, não tem nenhuma religião definida. Se for pra falar, fala que é católica. Mas não frequenta. E mainha também foi criada no Espiritismo, porém também não frequenta.

Entrevistada 2: Não, eu ia muito à missa com ele aos domingos. Depois que ele faleceu, eu nunca mais fui à missa. Eu fui agora, no Bonfim, no dia do meu aniversário.

Entrevistadora: Essa aqui é onde?

Entrevistada 2: Aqui é no mercado modelo.

Entrevistada 1: É, foi um ano antes da pandemia.

Entrevistadora: E aí vocês e suas irmãs frequentam... [criança grita, resto da frase incompreensível]. É longe, perto daqui?

Entrevistada 1: Longe, sabe onde é o Bairro de Exposição? É um bairro quase incidente ao bairro de exposição. A foto de natal mesmo, eu... Depois do dia das mães, tá? Mostra aí as fotos da gente no dia das mães lá no centro.

Entrevistadora: Ah que legal, vocês foram comemorar onde?

Entrevistada 1: Lá no Pelourinho, no Zanzibar. Cadê a do aniversário de Maria recente?

Entrevistadora: Isso aqui é ela no zoológico daqui?.

Entrevistada 1: É.

Entrevistadora: Mas voltando ao assunto da religião, aqui em Brotas, você acha que predomina mais o que?

Entrevistada 1: Eu acho que é o catolicismo. E automaticamente tem mais espaços católicos. Só por cima tem umas quatro igrejas no bairro de Brotas, na verdade, cinco. E tem até uma na praia. Acho que tem uma foto de Maria comigo na praia. Tem esse aniversário que eu fiz na Praia do Rio Vermelho. Mainha, tem foto lá no Pelô, não tem? Eu tenho essa daqui no Museu de Arte Sacra. Olha, eu e (entrevistada 2) lá no passeio da Caixa Cultural. Glauber Rocha. Eu no Ilê [Maria grita, falas incompreensíveis]. Meu tio.

Entrevistadora: Vocês vão sair no carnaval?

Entrevistada 1: Esse ano que vai entrar, sim, mainha vai fazer 60 anos e vai sair no Ilê.

Entrevistadora: Mas vocês costumam ir em outras festas? Tipo, dois, a lavagem?

Entrevistada 1: Eu? Só eu. Eu vou para todas.

Entrevistadora: E seu pai ia também? Não, eu ia só para todas.

Entrevistada 2: Eu não ia porque ele não gostava de ir. Só no reggae que a gente ia.

Entrevistadora: E esses números, são o que?

Entrevistada 1: Só Deus sabe. Ele jogava muito no bicho, então ele anotava tudo que ele achava de número pra poder jogar no bicho. Aqui, eu, Davi e minha irmã, lá na Ribeira. Eu e meu pai. É no Pelô. Mainha antigamente fazia muito chocolate para vender na Páscoa. A formatura da minha irmã.

Entrevistadora: Aliás, você está trabalhando aonde?

Entrevistada 1: Eu trabalho na maternidade Zé Maria, na recepção. Aí... Eu trabalho a noite, o dia sim, o dia não, 12 por 24. E no dia seguinte eu tenho aula na UFBA. Aí eu fico lá até umas 5, 4, dependo da semana. Aqui no Estádio da Fonte Nova, Maria e Davi.

Entrevistadora: E qual a relação de vocês com o futebol? Seu pai gostava?

Entrevistada 1: Painho é Bahia, mainha Vitória. E todo mundo foi pro time de painho. Só uma irmã minha ficou com pena de mainha e ficou com o Vitória. E na época todo mundo foi esperto né, porque vou ser Bahia pro painho levar pra Fonte Nova, né? Mainha não ia levar nunca pra Vitória.

Entrevistadora: Vocês frequentavam a fonte nova na versão antiga?

Entrevistada 1: Na versão antiga. Eu só fui pouquíssimas vezes no novo, mas eu não sou muito de jogo, umas duas. Eu sempre fui puxa saco do meu pai, ia mais com ele. Eu não sentava próxima às torcidas organizadas não. Mas minha irmã, quando vai com Davi, senta sempre uma cadeira acima das torcidas, ela gosta mais dessa posição. É, minha irmã mais velha, ela gosta de futebol. Eu já não gosto muito. Então, quem vai com mais frequência é ela. Mas também lá eu me sinto como se fosse em Brotas, em um lugar assim que eu passava um frequência tipo assim, quando eu era adolescente, eu subia e descia a altura de lá, para juntar dinheiro para sair no final de semana. Então sempre passava pela Fonte Nova, então acaba criando uma relação.

Entrevistadora: Eu entrevistei outra família que ia muito na Fonte nova e aí elas dizem que quando demoliram foi tipo perder um parente...

Entrevistada 1: foi, mas foi triste, a cena da mesma televisão foi uma coisa bem triste mesmo quando eu vi o acidente em si já falou muito, quando eu vi aquela cena, uma mulher e dois homens se eu não me engano. Então, eles mexeram muito em uma cidade toda. Realmente mexeu num pedaço da gente. Porque é como se fosse a casa de uma tia, vamos supor. Eu lá no SESC, no Centro Esportivo de Salvador. A minha mãe também toma aula lá. Davi joga bola lá. No aniversário de Maria agora tem até outra foto tipo essa, se você quiser.

Entrevistadora: E qual que é essa história do pote? Porque lá de onde eu vim, às vezes é um balão com bala dentro.

Entrevistada 1: É um balão na verdade, é um balão cheio de doces. Mas a minha família tem o costume de achar que o balão tem que ser para adultos e não é. Aí as tias, as primas, todo mundo fica competindo com as crianças. Aí tem tias já idosas aí no chão, as outras crianças aí por cima dela. Tem um vídeo aí, eu vou te mostrar. É uma confusão. Ó, me atira no chão, tá vendo? Então acho que o momento mais esperado na nossa festa é esse momento

aí. Olha lá na praia, eu na ribeira, com Maria. Tem uma foto de mainha, não tô achando. Tem uma aí também na aula de dança, no SESC. Acho que tem foto dela aqui. Davi no futebol. Davi no futebol é, né? Davi no futebol. No shopping. Maria e Davi no shopping. Maria na ousadia, passou batom na cara. É. Maria é terrível. Muita terrível. Vida internada. Aí é o aniversário de Maria. Minha tia, passa vergonha aí ó. Ela no touro, ai meu Deus, que loucura. Todo mundo no touro, minha irmã no touro.

Entrevistada 2: esse aí foi meu aniversário, que Deise me levou. (1h35min)

Entrevistadora: As suas irmãs mudaram para onde?

Entrevistada 1: Dani está em Feira de Santana. Deise e Débora moram aqui, Deise mora próximo, na rua abaixo. Ela é professora de educação física. Débora, a mais velha, é a mãe de Davi.

Entrevistadora: E quando você passeia, onde você vai?

Entrevistada 1: Vou pra barra, acho que tem dois meses. Eu, Marido, minha irmã. Aí eu fico na praia da barra, na lindas conchinhas, depois subo e fico ali próximo ao farol. Esperando um pouco de sol.

Entrevistadora: E quando você vai nesses lugares, principalmente quando você vai rolar a temporada, né? Tem muito turista, né? Muito branco?

Entrevistada 1: Muito gringo.

Entrevistadora: Deve ter mais polícia também, né? Quer dizer, tô sugerindo isso...

Entrevistada 1 : Mas tem, sim. Você tá certa, aumenta.

Entrevistadora: E como você se sente nesse lugar? Você se sente assim isso aqui é meu, vou curtir, ou é meu, mas eu não fico tão confortável?

Entrevistada 1: Assim, sinto que é meu, porém, não me sinto tão confortável. Parece que tem coisas mais proporcionadas aos turistas, por exemplo, quando eu entro num bar. É um espaço, até valor, tudo só mais pra chamar mesmo turista. É o espaço do turista. É meu, mas é o espaço do turista. Eu me sinto uma turista na barra. Quer dizer, nem utilizei

a palavra certa. Eu me sinto uma estranha no meio da minha casa. Entendeu? Como se eu não pertencesse ali. Na Ribeira, não, eu me sinto mais em casa realmente, mas na Barra realmente é um ambiente mais para turista, entendeu? Uma parte do Rio Vermelho também é assim, uns pontos mais pra turista, tipo assim, a Praça lá no Vidinha, mas os bares não. Tem alguma parte também em Itapoã, a praia e a Barraca de Cira [são mais turísticos].

Entrevistadora: E no centro histórico? Como você se sente?

Entrevistada 1: O centro histórico na verdade... Tem aquela. Tem uma parte para os turistas, mas para mim que moro Salvador eu acho até que o centro histórico é um pouco abandonado. Então, independente de turista ou não, eu acho que eles abraçam... É público e precisa do comércio, entendeu? Então é um local que tanto abraça o turista quanto abraça quem é de casa. E precisa do movimentar. Entendeu? Eu sinto até... Quando eu vou em um museu, geralmente, apesar de o museu ser para as pessoas daqui também, né? Para as pessoas da cidade conhecer a sua cidade, mas também é tudo voltado mais para o turista porque as pessoas de Salvador não têm esse costume de frequentar museu então até quando vai uma equipe, uma pessoa de Salvador, eles até olham, um pouco mais estranho, eu não vejo, não tenho esse costume, esse hábito de frequentar museu então lá também, no Pelô também eu senti isso

Entrevistadora: Em qual lugar você se sente mais segura na cidade?

Entrevistada 1: Em Brotas, apesar de ser um lugar que tem assalto com frequência, mas eu estou dentro do meu bairro. Se aconteceu alguma situação, eu sei que pode correr. E fora não, entendeu? Agora tirando Brotas, eu também gosto muito do Rio Vermelho. Me sentia bem segura lá, há uns 5, 6 anos, quando andava lá de madrugada, saía dos bares, das boates. Depois veio Cecília, e a pandemia. E o pai não é presente na criação. Eu engravidhei, ele é um amigo meu, ele optou por não ser presente, paga pensão e tudo. Não sei se por causa da pandemia, por ter passado tanto tempo presa, ela tem dois anos, às vezes levo ela ao shopping e ela extravasa demais. Eu não aguento não, eu pego meu carro e venho de ré. Eu vou evitar ficar levando Cecília no shopping porque eu não gostei da... Não gosto da... Ela... né mainha? Oi? No shopping, Cecília parece que é outra pessoa, né?

Entrevistada 2: Eu me sinto segura dentro da minha casa. Depois, aqui no Bairro de Brotas.

Entrevista Família D

Entrevistadora: Vocês são de Salvador mesmo, nasceram aqui? E quantas gerações anteriores de vocês estão aqui?

Entrevistada 2: Sim. Só a geração anterior a nossa, que no caso dela pai e mãe, no meu caso são as tias. Meus pais já faleceram.

Entrevistadora: Você... só para entender qual é a conexão é parental entre vocês?

Entrevistada 2: Nós somos primas. Minha mãe era irmã do pai dela.

Entrevistadora: E a família nuclear de vocês tem quantas pessoas? Quantos filhos vocês tiveram?

Entrevistada 1: Eu sou eu, meus dois filhos e meu esposo aqui em casa. E tem meus pais que moram com minha irmã.

Entrevistadora: E quantos irmãos?

Entrevistada 1: Só uma irmã.

Entrevistada 2: Eu sou filha única e a minha família aqui era meu pai, minha mãe. Agora eu sou casada e não tenho filhos, então eu moro só com meu esposo.

Entrevistadora: E vocês sempre viveram aqui?

Entrevistada 1: Eu sempre vivi aqui, 49 anos, desde que eu nasci.

Entrevistada 2: Eu vivi aqui 33 anos. Aí eu me mudei, fui morar sozinha. Um ano depois, me casei. E depois que eu casei, morei em Itapuã, na vila militar, morei no Costa Azul, morei na Espanha com meu marido, que foi transferido pelo trabalho. Aí depois que voltamos, fomos pro Costa Azul, e a gente tá lá até hoje.

Entrevistadora: Vamo começar a ver as fotos?

Entrevistada 1: Eu trouxe álbuns que são mais recentes, dos meninos.

Entrevistadora: Vamos começar pelo mais antigo que a gente vai lembrando.

Entrevistada 2: O que você está chamando aí de mais antigo, Andrea? Porque eu trouxe o álbum do casamento de meu pai e minha mãe. Não tinha muita ideia do que era, aí ela me disse que era de viagem, e de viagem eu não tenho aqui da Bahia. Aqui olha, é de 1969, que foi o casamento do meu pai e da minha mãe. Aqui foi um reveillon. Tem até foto desses reveillons aqui.

Entrevistadora: Deixa eu tirar foto desse...

Entrevistada 1: A minha tia era professora, as mães dos alunos diziam que ela era bem dedicada, tipo mãe mesmo, porque os meninos vinham com a bênça. As mães eram assim até hoje, graças a Deus. Tem vários relatos de pessoas que ficam assim “eu só comecei a estudar quando ela estava na escola”. Teve um que falou assim, “eu estou numa fábrica de gelo hoje, e só estou graças à sua tia, porque ela me ensinou matemática e eu não gostava de estudar, eu só ia para a escola por causa dela, porque ela era rígida”. E tem gente que realmente gosta de professores rígidos, que não maltratam, lógico, mas a forma de convencer que é necessário estudar.

Entrevistadora: Essa escola era aqui?

Entrevistadas 1 e 2: É.

Entrevistada 2: Deixa eu achar uma foto de voinha, essa é a foto mais velha que eu tenho. Essa falta é mais velha que esse álbum aí. Ela sempre gostava muito de se arrumar, ela sempre foi bem elegante. Tanto é que quando as meninas fazem procedimento e tudo, ela fica muito envergonhada. Ela ainda tem um grande dia de aceitação nessa situação, porque ela nunca dependeria de ninguém. Ela sempre foi uma pessoa velha que foi bem independente. Por exemplo, morava sozinha nessa casa. A gente teve que contratar umas pessoas técnicas, justamente porque tem uma hora...

Entrevistadora: Como era o nome da sua tia mesmo?

Entrevistada 1: Alba. Tinha um propaganda na televisão que a gente era pequena e dizia que era ela. Por que que sou eu?, ela perguntava. Ela era a que mais tirava foto. Mas

assim, a Márcia gosta muito de foto com o esposo. Mas ela era a que mais gostava. Ela era a que mais tirava foto.

Entrevistadora: Essa aqui você sabe qual é a igreja?

Entrevistada 1: São Judas Tadeu?

Entrevistada 2: Essa igreja não, essa igreja não é São Judas não.

Entrevistada 1: Ah, espera aí. Todo mundo tem uma parecida.

Entrevistadora: Vocês tem ideia do ano dessas fotos?

Entrevistada 2: Essa daí não tenho a mínima ideia, a não ser meu tio saiba dizer.

Mas essa daí é mais velha que esse álbum aí do casamento de minha mãe. Ah não, aqui é São Judas.

Entrevistadora: E esse aqui é o casamento da sua avó? Dos seus pais?

Entrevistada 2: Aí é minha avó e o pai dela.

Entrevistada 1: É meu pai com a mãe dele.

Entrevistada 2: E ali é minha avó sozinha. Eu odiava o meu aniversário e um fotógrafo andando atrás de mim mandando eu fazer isso e aquilo, aquilo outro. Nossa senhora. Eu ficava impaciente. Silvio sofria comigo, porque é toda festa, formatura, tudo era ele que fotografava.

Entrevistada 1: Ela era uma pessoa secretária da igreja. Ela trabalhava com o padre. Essa igreja, você falou, é São João de Chadeu Mendo, que é aqui na esquina, que é na queda parada lá do baile. E aí, ela estava aqui. Eu nem vou mais chances encontrar ela que acho que ela vai ficar emocionada, vai chorar. Aí eu não, por isso que é que toca. Quando a escola vai vir, ela comece a várias coisas, e quando ela é, ela fica perguntando, e ela comece a se emocionar, comece a chorar.

Entrevistada 2: A professora Zóia, era minha professora de comunhão, está aí nessa

foto. Ela também, tinha uma cara de Guilherme mesmo, velho.

Entrevistada 1: Eu achei que é esse cuidado realmente, que é importante, né? A gente acha que não.

Entrevistadora: Aí com a questão de quem guarda mais as memórias, acaba sendo quem?

Entrevistada 1: Agora é Márcia, mas antes era ela.

Entrevistada 2: Tia Alba que guardava mais. E tinha as foto de bisa e biso, a mãe de voinha e o pai de voinha.

Entrevistada 1: E aqui tem muito dos meninos pequenos, tenho tanta foto dos meninos. Ela era assim, super organizada. Quando a gente começou a assumir a vida dela, a gente acabou se perdendo.

Entrevistada 2: Eu detestava tudo do foto, porque o aniversário é meu, e eu com essas caras horríveis.

Entrevistada 1: As duas, três, eu, minha irmã e ela. Se você quiser sequência dessa foto, dessa foto aí, é essa aqui. E parece que é Jacilene.

Entrevistada 2: Porque é tudo meu aniversário. Eu com esses caras tristes.

Entrevistadora: Agora, esses anos você sabe mais dessas fotos?

Entrevistada 2: Aí, 75. Tem uma que eu acho que está escrito atrás. Não, aí é 76. Foi quando eu fiz 5 anos. que eu resolvi que eu escolher a cor da minha roupa eu disse que eu queria uma roupa azul e vermelha saí uma beleza, e você quer dizer que não sabe o pior porque foi o que você fez mas...

Entrevistada 1: São as três que... são nós três, né?

Entrevistada 2: Eu gostava do meu aniversário, eu não gostava de um fotógrafo andando atrás de mim, mandando eu fazer isso aqui, aquilo outro.

Entrevistadora: Ah, muito bom...

Entrevistada 2: A gente vê essas jovens, essas fotos fora do nosso lugar, como que isso? Isso é a tia da gente, que ela já faleceu.

Entrevistada 1: Ah, tem uma foto que tem todo mundo, aquela foto da Tia Alba. É, tem uma também aqui que tem todo mundo.

Entrevistada 2: Tudo eu botava meu nome, os discos de lá de casa, nossa! As agendas de minha mãe, era tudo riscado, eu não podia ver uma caneta verde!

Entrevistada 1: Gente, Ivete. Ai gente, que tristeza. Minha tia. Eu acho que aqui você era um bebê. Jacilene ainda não estudava, e eu na escola. Isso foi na festa do dia das mães. Fui eu e a irmã dela. Em 1975, atrás tem escrito.

Entrevistadora: Você tentou escrever em baixo igual?

Entrevistada 2: Tem um disco de minha mãe, de Jorge Peirão, tudo riscado. Eu até tenho cabelo, mas eu nasci careca. Eu não sei quem está com a foto.

Entrevistadora: Essa foto aqui foi em qual escola você lembra?

Entrevistadas 1 e 2: Rosa Carvalho.

Entrevistadora: É onde? Aqui?

Entrevistada 1: É. Essa aqui foi a que Popó, o lutador, ele transformou em academia. Aí ela acabou, agora ela foi transformada em academia.

Entrevistadora: E como é, aqui nos anos 70, 80 que vocês... Como era viver aqui nesse período?

Entrevistada 1: Aí ainda é no 70. Esse período aqui era um bairro que não era conhecido, porque quando a gente falava de uma cidade nova, as pessoas não conheciam, não sabiam onde era, o bairro era atrasado, o nome era Cidade Palha, né?

Entrevistada 2: O nome era Cidade Palha, em 70 não, antes de 70. Aqui era assim,

a gente brincava muito, era bem silencioso. A rua não era asfaltada, o asfalto só ia até mais ou menos a porta da minha casa. Depois da porta da minha casa, lá para baixo, era paralelepípedo e a parte reta lá era toda barro, e a outra ladeira que tem lá no final da parte reta da rua era mato. Então era bem difícil descer por ali, mas tinha moradores. Moravam menos pessoas, eram só os moradores mais antigos. A rua não passava carro, só tinha carro dos moradores. Eram poucos moradores aqui que tinham carro, era minha mãe, seu Eurico, lá embaixo e Seu José, aqui na frente.

Entrevistada 1: Era um bairro também familiar, né? Porque todo mundo acolhe uns aos outros, né? E até hoje as pessoas que são mais antigas, que era daquela época, são as pessoas aqui da frente. A gente tem assim um cuidado um com os outros, a gente procura saber, acolher. E a gente brincou muito na rua. Eu não tinha medo de fazer nada, as portas dormiam aberta, não tinha violência. Tanto é que a geração do meu filho já pegou essa outra situação, eles não vivem na rua, devido à violência, a gente sente muita diferença e sente muita falta, desse aconchego dos vizinhos, né?

Entrevistadora: Vocês que são mais antigos mantém essa rede, mas não dão confiança pra quem chegou, quem é novo?

Entrevistada 1: Hoje em dia tem muita mudança. Mas é um bairro bom, eu gosto de morar aqui. Dia de domingo mesmo é tranquilo, a gente quase que não vê nada de lance de violência. Tem o bairro e tem a rua, minha rua é boa. Hoje em dia eu ficaria tranquila, se não fosse as demandas de minha tia, ficaria aqui na minha paz. Eu gosto de morar aqui. Boto uma música, outra. Não tem lance de ficar... nenhum tipo de agonia, de situação de coisa mais pesada da violência.

Entrevistada 2: Os vizinhos, em boa parte, se mudaram. Assim, da época que a gente era criança. Não sei se essas fotos são daqui do bairro, mas aqui é a formatura de minha mãe. Aqui acho que é na igreja de Santana, aquela aqui, subindo ali abaixo do sapateiro. Acho que é aqui lá. Aqui também da formatura da minha mãe. Em técnica de enfermagem. Aqui o meu pai com os colegas de trabalho. Aqui também, a formatura de minha mãe ainda é nessa igreja. Aí é afilhada dela. Na São Judas Tadeu. É. Eu tô tentando separar aqui o que é da Rosa Carvalho, porque aí já dá pra ela com tema assim. Olha aqui, as igrejas. Ah tá. Como é que é a igreja? Acho que é a igreja de Santana aí. Essa aqui? Ah não, essa daí? São Judas Tadeu, que é aqui na Baixa de Quintas. No início do bairro.

Entrevistadora: E a família de vocês, tem alguma religião?

Entrevistada 2: Aqui é católica e espírita.

Entrevistada 1: E candomblecista. São várias.

Entrevistadora: Então vocês têm várias, passam por várias religiões?

Entrevistada 1: É, porque a principal foi a católica, eu fui criada na católica, depois que eu casei que eu fui para o Espiritismo, que foi a própria minha sogra que me apresentou, aí meu esposo já é candomblecista. E são só essas três, né?

Entrevistada 2: Só se a gente for com o budismo. Ou então evangélico.

Entrevistada 1: O Gabriel disse que evangélico não.

Entrevistada 2: Gabriel então tá igual a Fernanda Torres. Olha, também pensei que você já tivesse assim, uma outra pessoa, um velhado, cabelo verde, rosa, não sei, porque tem tantos anos que eu não te vejo.

[Chega o filho de (entrevistada 1), várias pessoas falando ao mesmo tempo]

Entrevistada 2: Só tenho foto de formatura agora no celular.

[Chamada de vídeo no celular]

Entrevistada 1: Estamos aqui, tá faltando você!

Entrevistada 2: Aqui, você no colo? Ah, era pequeninha. Essa foto é na minha casa. Aqui no Vale. Tem uma que tem a família toda. Acho que tem. Tem uma ali que tem até Daisy também. Vai ser uma das últimas que eu vi. Pensei que você fosse querer fotos, mas aqui já é década de 80.

Entrevistadora: Eu estou tentando fotos, algumas que dentro de casa eu fotografo, porque mostra a composição familiar, as coisas da família, mas eu também estou buscando mais fotos na rua, na frente da casa, que pega uma estrutura urbana.

Entrevistada 2: Ah, entendi. É porque quando a Andrea me falou eu fiquei sem saber direito o que era.

Entrevistadora: Essa aqui, quem é?

Entrevistada 2: É a Bisa! É a mãe da minha avó! A mãe da avó da gente!

Entrevistadora: Isso é incrível gente!

Entrevistada 2: E tem de Biso também! Só que acho que só tem lá na parede

Entrevistadora: Alguém chutaria o ano dessa foto?

Entrevistada 2: Não tenho a menor ideia! Aqui, (entrevistada 1), sua mãe na escola Rosa Carvalho. Aqui é no hospital das clínicas.

Entrevistada 1: Agora a gente tá se vendendo com a idade deles.

Entrevistadora: Aqui, por exemplo, é onde?

Entrevistada 2: Aí é no Tororó.

Entrevistadora: Esse é o seu marido?

Entrevistada 2: Não. Esse é um amigo meu, Leonardo. É o mesmo da foto de cima. Eu tenho foto também tipo de carnaval aqui na rua. Essa porta vermelha que você está vendendo aí é aquela porta ali... É porque ali era uma loja de móveis. Essa parte vermelha aí em cima é a casa ali.

Entrevistadora: Entendi. Posso tirar para eu fotografar?

Entrevistada 2: Isso aqui eu devia mostrar a Tia Alda, as fotos dela no hospital, com minha mãe. Aqui é o batizado de Henrique. Eu não sei onde é essa igreja, mas olha só a sua tia pagando mico. O sapato. Isso aqui deve ter sido em 86, por aí. Sabe quem é Valdenice? A colega de tia Alda. Aqui embaixo é o Campo Grande. Aqui sua formatura.

Entrevistadora: Qual é a relação de vocês com essa parte cultural de Salvador? Carnaval, ou até outras festas, São João, lavagem, etc.

Entrevistada 1: A gente já foi muito... Meu pai saía em bloco e a gente ia ver. No [bloco]

Ilê. Eu, minha mãe e minha irmã. Nós saímos no bloco normal, de trio. Saía também no Gandhi. Eu até conheci meu esposo num bloco. Essas fotos tudo existe, acho que ela deve ter. É numa pousada aqui, agora onde essa pousada?

Entrevistada 2: É em Aracaju, quando fui passar São João lá. Aí é num Píer em Vitória Marina, quando passei o Reveillon.

Entrevistadora: Mas então vocês vão pra carnaval?

Entrevistada 1: Ela vai mais. Eu vou menos, porque agora eu fiquei mais caseira.

Entrevistada 2: Eu vou, porque meu marido gosta. Eu gosto de festa também.

Entrevistada 1: Eu sou mais seletiva. Eu gosto muito de show na concha. Eu gosto de Djavan, essas coisas assim. Show, né? Carnaval também eu gosto, mas não pra ficar na rua. Gosto mais pra ficar no camarote. Eu gosto de festa, de modo geral. Sempre eu ia ver o ensaio do Ilê em fevereiro, deixei de ir. E eu fui lá no ensaio também do bloco Muzenza, que era de Itapuã também.

Entrevistada 2: Não, não é o Muzenza, lá é a Malé de Balê.

Entrevistada 1: Aí eu ia também, sabe? Então assim, é muito eclético. Eu não tenho assim especificamente, eu quero isso, só gosto de MPB, só gosto de tal bloco. Eu acho que a gente aprecia de modo geral, tudo, e acho muito legal, a nossa cidade tem muita festa. Ele gosta muito de festa, aí eu mudei mais por causa da violência. Aí eu fico super tranquila, ele vai com a festa, ele se diverte assim como eu. distraio tudo, mas é coisa... hoje tá muito violento... Acho que aqui não tem nenhum do lado de fora. Mas ele também gosta muito de todo tipo de festa. Assim, seleciona, seleciona. Claro, né? Meu filho gosta de uns shows assim, show do Alok. Eu não curto, o Alok é pesado pra mim.

Entrevistadora: Não, mas esse povo jovem, também...

Entrevistada 1: É, jovem. Mas assim, se fosse da minha época, talvez eu gostasse dele. Que é bem malinho, assim.

Entrevistadora: E você sente essa questão da violência sobre o seu deslocamento? Ou

seja, você se desloca de carro e só vai em lugar que você sabe que você não vai passando em uma situação?

Entrevistada 1: Normalmente eu procuro evitar passar em lugar que eu não conheço. Alguns bairros são mais complicados do que onde eu que moro. Então eu tenho medo de bairros desconhecidos

Entrevistada 2: É, bairro que a gente não conhece ninguém, é que a gente não sabe andar.

Entrevistada 1: É porque o olhar de outras pessoas, às vezes a gente identifica de outra forma. Muitas vezes pessoas tem intenções que não são inocentes. Então a gente procura evitar. Só em extrema necessidade. Mas geralmente eu vou em bairro comercial, a Praça da Sé. Eu trabalho, eu ando muito de metrô, vou de ônibus direto, se não tem um ônibus que é direto, geralmente eu pego um Uber. Mas agora tem a facilidade do metrô, pode ir pra um aeroporto, pode ir pra vários lugares em tempo. Antigamente, não tinha, era tudo muito caro porque só tinha táxi, não existia Uber.

Entrevistadora: E você que anda de ônibus e metrô, você anda a noite também?

Entrevistada 1: Não, muito difícil. Por causa da violência, eu fico desconfiando de todo mundo mesmo. Tá demais a violência, então o próprio Uber eu desconfio. É, porque, de modo geral tá muito delicada essa questão da violência em Salvador. Tão procurando resolver, né, mas enquanto isso a vida tem que seguir.

Entrevistada 2: Isso é aqui em Salvador, é meu pai, eu amava esse macacão eu acho que eu vestia até. Tem outras fotos aqui de... aqui você. Tia Alba que tirou essa daqui. Aqui era o quintal de casa.

Entrevistada 1: Tinha um pé de chuchu aí que... Depois eu vou te levar lá pra você ver como você como era...

Entrevistada 2: Luiz diz que aqui sou eu tentando derrubar esse ... Aqui tem algumas fotos de fora, mas essas fotos ficaram ruins.

Entrevistadora: Isso aqui foi nos anos 70?

Entrevistada 2: Sim, sim. As duas. Eu não posso dizer que eu não vou pra festa porque depois ela vai conhecer minha cara na festa.

Entrevistada 1: Aqui foi uma festa da minha formatura. E assim, de homem na família tinha meu pai, porque de resto você vai conhecer mais nada, é uma família composta só de mulheres. E eu tive dois filhos. Aí esse aqui é um primo meu. Essa daqui também tá acamada.

Entrevistada 2: Ela tem dificuldade de locomoção.

Entrevistada 1: De locomoção. Esse aqui é a (entrevistada 2), e essa aqui é a minha irmã. E aqui também tem esse outro fonte. Esse aqui é o Tia também. Sempre nós três, tá vendo? Nós dois, sempre nós três. Porque só tem quando acho que eu e o meu. Só pra esse aqui, mas agora com os meus irmãos. Aqui em casa é maquinha novida. E as formaturas foi mandada na escola aqui na cidade nova. Na Rosa Calvaro, aí na cidade nova. É.

Entrevistada 2: Tem meu álbum de formatura também. Ah, tem foto dos anos 70. E aí, Gabriel? Eu lembro essa parte do final do ano. A gente quer dizer que eles... Esse aqui na igreja é como?

Entrevistada 1: Esse aí é na igreja da igreja...é qual?

Entrevistada 2: Eu acho que aí também é a igreja de Santana. Eu acho. Foi batida de Henrique, né? Eu acho que foi lá na igreja de Santana.

Entrevistada 1: Os novos são mais rápido, né? Pela prima.

Entrevistada 2: Sua mãe lá na casa de Juliana e Gabriel.

Entrevistada 1: A mãe é parecida comigo. A minha mãe era minha cara. Deixa eu ver aí, minha mãe é essa daqui de azul. Ela é que é pouca mãe. Ela é muito parecida comigo agora que ela estava aqui. A minha mãe é de Gabi. Gabriel com o peixe de Pelegrin.

Entrevistada 2: Esse grande que passou aqui um dia não foi desse tamanho. Aqui, do lado de fora. Quer dizer, aqui no quintal. Essa de azul aqui, deixa eu ver se é essa... Essa de azul aqui, foi essa amiga que chegou agora. Ah, quando foi? Aí foi quando eu tinha 15 anos. Eu acho que essa daqui foi sua formatura na Rosa Carvalho. Mas olha a roupa que a minha mãe pôs em mim e eu odiava essa saia, gente. Meu Deus. Olha quando meu pai recebeu a

medalha de. Tinha uma foto na ilha Daqui em Salvador Aí eu acho que é em Bassai Aí eu acho que é Imbassahy.

Entrevistada 1: Essa foto é nesse mesmo quintal Só que aí já foi cinco anos depois. Que era meu pai que fazia o churrasco.

Entrevistada 2: Olha a Laís! Adora essa foto de Laís, que eu tirei. Ah, tá. Ela já gostava de botar um cabelo assim.

Entrevistadora: Eu peguei algumas fotos do álbum, aí vou pegando as histórias, né? Que vão para cima das fotos, aí vê onde foi.

Entrevistada 2: Essa parte de trás do quintal... Essa é a parte de trás desse quintal. Aí a mãe da minha amiga, ela já faleceu e a minha amiga já está de blusa grande. Ela não lembra? Ela não lembra, não lembra. Está jogando. Ah, por isso que ela não velha. Depois ele não afui aqui, por favor. Olha o quintalzinho da minha mãe. Olha, é a minha idade quase.

Entrevistadora: Olha! Mas essa diferença entre as gerações é muito grande, né? Sim. Antigamente a pessoa com 50 anos era uma pessoa idosa.

Entrevistada 2: Eu também estou vendo mais de rua, como ela disse. Eu acho que isso não é aqui.

Entrevistada 1: Eu mesmo levei Guilherme no Pelourinho. Eu sou de todo o mundo, então essas fotos eu não peguei. Eu tenho no Pelourinho.

Entrevistada 2: Foto de rua, eu tenho várias de fechas. Eu levava muitos filhos para passear. Aqui é porque meu marido sai no grande. Minha mãe ia comigo. Oh, Rafa, você lembra dessa foto?

Entrevistada 1: Eu lembro. Por isso que quando manda foto dos filhos dele eu sei que a foto dos filhos dele é a orelha. É a mesma coisa.

Entrevistadora: Qual é o lugar da cidade que vocês mais sentem seguras?

Entrevistada 1: Hoje eu não me sinto em segurança, de 100%, em nenhum lugar. Porque, antigamente, a gente selecionava alguns bairros, né? Mas hoje em dia tá assim, coisas assim

de sequestro, quando não é tipo a violência em si no bairro, mais chega até o bairro também.

Entrevistada 2: Eu que moro num bairro diferente daqui, de vez em quando tem um batalhão lá na rua ao lado, mas, de vez em quando acontece umas coisas sinistras lá. Já vi gente ser assaltada, querer levar o carro. No mês passado, a polícia estava correndo atrás de uma pessoa que estava fugindo da blitz. E deu uns tiros lá, na esquina do meu prédio, eu estava dormindo. E eu acordei assim, levantei, e falei pro meu marido: levanta que tá dando tiro aí. Aqui era dentro do teatro Castro Alves, quando eu fazia balé, na sala 1 eu amava essa sala.

Entrevistadora: Ah legal.

Entrevistada 2: Mas aí depois deve ter tido algum desavença porque a escola de balé, que chamava Bateca, saiu de lá do Castro Alves e começou a abrir franquia pelos bairros. E o Teatro Castro Alves não teve mais escola de ballet. Depois que virou franquia, eu fui para a Unidade da Graça.

Entrevistada 1: Aqui foi o aniversário de 70 anos de Tia Alda.

Entrevistada 2: Essas todas aqui são na rua, olha. Aqui só eu e Jocilene no Carnaval. O pai da gente e...

Entrevistadora: Muito bom vocês e essa garrafa de cerveja.

Entrevistada 2: Ah, tá. É, aí na década de 70. O pai da gente e a mãe saíram pro carnaval e levou a gente.

Entrevistadora: Vocês, no seu caso, né? Você tinha esse hábito de levar os seus filhos?

Entrevistada 1: Muito! O Gabriel foi até mais que o Guilherme. Levamos ele muito para Pelourinho, para o parque da cidade. Ele passeou muito, Gabriel. E Guilherme já não muito.

Entrevistada 2: Guilherme gosta de ficar em casa.

Entrevistada 1: E Guilherme não gosta de sair. Ele gosta muito de ficar em casa. Ele se incomoda muito de sair. Agora eu persisto, não deixo ele somente em casa. A gente pergunta se gostou, porque a gente fala que não gostou, nunca foi. E aí eu perguntei aí, você

gostou? E ele fala, é... [tom desanimado]. Até porque ele pegou uma geração que eu já não tô trabalhando mais na rua. Então eu fico muito com ele em casa. Gabriel não, Gabriel eu saia, eu saia pra trabalhar, não ficava muito em casa. Então, no final de semana eu sentia a obrigação mesmo de sair. Mas são diferentes as gerações, são cinco anos de diferença, é muito diferente a condição de Gabriel, ele ia todo final de semana nós íamos pra um lugar, uma hora pra Ribeira, pra tomar sorvete, parque, muito parque, a gente ia pra praia pra ir. Íamos muito para a casa de Deise, a gente ia muito pra ilha, ela tem casa lá. Hoje em dia quase que a gente não vai. Também a minha tia... assim, são muitas coisas. Eu tenho muito esses hábitos de saída dele. Uma vez ele se perdeu, no parque, e eu fiquei procurando, as crianças estavam procurando, e quanto mais as crianças procuravam, mais eu me perdi. Aí depois que ele apareceu lá brincando na dele. Então assim, mas até...

Entrevistada 2: Repetindo sua sua história, né? Porque você também ficou uma vez no Iguatemi, olhando as bicicletas, todo mundo entrou no táxi e ela ficou. Aqui, eu acho que é... na Praça da Sé. Na época tinha carnaval lá na Praça da Sé. Minha mãe gostava muito de carnaval, foi pro carnaval até o último dia da vida dela. E nessa época tinha arquibancada no Campo Grande e na Praça da Sé. Então minha mãe comprava ingresso para domingo e terça no Campo Grande e segunda-feira na Praça da Sé. Nessa época aqui ainda não tinha arquibancada. Então a gente ia para Carnaval.

Entrevistada 1: Era muito diferente.

Entrevistada 2: E minha mãe dizia que quando eu nasci, eu fui pro carnaval, eu nasci em abril, então no carnaval do ano seguinte, eu fui pro carnaval, meu pai trabalhava na Odebrecht, a Odebrecht tinha algumas construções aqui, então tinha um prédio que já tava ficando pronto, aí minha mãe foi pra lá comigo e meu pai.

Entrevistada 1: Esse é de Guilherme, né? E esse era aniversário de Gabriel. Gabi, pega aquela foto que está nós quatro aí em cima. É aquele da foto lá que você... Que está lá com a minha avó. Essa aqui é a tia Alba e a minha tia outra faleceu e aqui é a mãe dela também que faleceu, que eram 5 e 4 irmãos. 4 mulheres e um homem. Aí tinha a Alba e essa aqui agora que você viu. E aí só tinha ele e o menino, todo mundo ficava em cima dele. As tias todas iam pra porta, esperar Gabriel chegar da escola. E Deise fazia parte do CIRANDARTE. E aí tinha uma coisa que ela trabalhava no Pelourinho. Aí nesse dia ela contratou o professor. Lângue, é muito engraçado. Nossa, eu super lembro dessa roupa de Gabriel. Eu experimentou tanto essa roupa pra Gabriel se acostumar com roupas do tipo. Esse palhaço é bem diferente, né?

Entrevistada 2: Igual ao Guilherme, que queria uma festa de Pablo. Eu digo, meu Deus, que milagre. O Guilherme não arrancou nada da roupa. Até o colorido da foto é diferente, né?

Entrevistada 1: Esses dois meus primos dançam dança de salão. Aí eles dançavam, eles dançavam fofinho. Mas não, que fofura! Eles dançavam, vocês amam igual a gente, a tia tinha, assim, grande e tal. Todos tinham que dançar, vocês amam, mas não cresceram hoje mesmo.

Entrevistada 2: Eu postei essa foto uma vez no Instagram, aí Paulo e o B, essa cerveja aí é de vocês. Gente, Jacilene era tão pequena aqui, tá vendo esse chapéu aqui? Aqui embaixo, é um tio segurando ela pra ela não cair.

Entrevistadora: Nossa, não tinha visto.

Entrevistada 2: Eu me lembro desse dia. Eu não me lembro desse dia porque levaram a gente para o carnaval, depois trouxeram a gente para casa e voltaram para o carnaval. Ah sim! E a gente queria voltar. Isso aí foi a primeira vez que ele saiu no Gandhi, aí tem os colares. Aí ele escolheu dois.

Entrevistada 1: Tem ela, tem ela sozinha. Ela e ele, ela e o Gabriel. Porque o Gabriel era um porre, chorão e...

Entrevistada 2: Aqui tem uma parte da família que não mora aqui. Acho que está aqui. É a galera do Rio. Dini, o marido, as filhas.

Entrevistada 1: Aqui é mais recente, né? Os quatro. Ah, sim.

Entrevistadora: E nessa época que vocês vão carnaval lá atrás, já era cheio de turista?

Entrevistada 2: Muito, muito. Já tinha essa coisa de hoje. Já. Se eu soubesse que você queria foto de rua, lá em casa tem foto de trio elétrico dos anos 70. Acho que é uma foto da Teta Nasa.

Entrevistadora: E quando vocês estão em ambientes turísticos, por exemplo, Carnaval, você chega nos espaços e tem várias pessoas brancas, várias delas turistas, você consegue acessar os lugares? Como vocês se sentem... como em sentido de Salvador, assim, eu sou daqui e isso aqui é meu, eu vou me sentir bem aqui ou por não ser tão preparado pra receber

quem anda aqui, na verdade, ser muito focado em que vem de fora e que não é preto também, né?

Entrevistada 1: Na verdade, eu nunca me sentia assim desconfortável, porque eu simplesmente ia para brincar. Eu não via muito ela, nunca senti nem outra. Na verdade, o racismo nosso é o diário, né? Como olhar com outro e tudo, mas eu nunca... [Chega alguém, pessoas conversam]. Então, assim, eu nunca me senti desconfortável. Eu simplesmente brincava. E eu acho que hoje tá mais que antes. Como hoje eu não saio mais em bloco. E a maturidade também, né? A gente vai muito na questão da inocência. Não vai pra ele, meu filho, 20 anos, vai, brinca, curte, não tem muito esse foco. Acho que quando a gente tem mais maturidade, a gente fica focado mais nessa questão do olhar, de como tá lá. alisamento do cabelo, essas coisas até existem. Mas quando eu saia muito logo, era tipo a inocência, não tinha muita essa questão. Minhas amigas, era o brincar com as amigas.

Entrevistada 2: É, era isso que a gente dizia, que os amigos saiam.

Entrevistada 1: E sempre teve muito turista. E a gente curtia o turismo na cidade.

Entrevistada 2: Aqui, por exemplo. Aí é no Tororó, é onde moram esses meus amigos. Eu ia pra lá, saía daqui, ia pra lá e de lá a gente ia pro carnaval. Porque aí a gente ia pra lá. Você conhece o Tororó aqui? É um bairro do centro de Salvador. Aí é na porta da casa de um deles, essa casa aí é a casa de Simone, eu acho. Aí foi acho que em 98, aqui foi em 97. E aí blocos de cheiro com a coisa dele, o bloco afro, tá vendo? Essa foto de cima foi quando o bloco cheiro de amor fez a homenagem à Copa, porque foi o ano da Copa, de 98. E embaixo foi o primeiro ano que o Cheiro fez homenagens aos blocos diferentes tradicionais de Salvador. Então, assim, no domingo saiu de Gandhi, aí o Abadá era uma roupa inspirada na roupa do filho de Gandhi. Acho que na segunda ele saiu de Apache, então aqui há um bloco que antes era bloco de índio, que tinha aqui hoje, não tem mais. Era na década de 60, 70, acho, que tinha esse bloco até 80 ainda tinha. E esse abadá foi o dia que fizeram a homenagem ao Olodum. Então aí fez o abadá todo inspirado no bloco Olodum.

Entrevistada 1: Aqui também de casamento, no dia do casamento, que Gabriel foi o daminho.

Entrevistada 2: Gabriel foi assim, a gente botava a roupa, né, mas se ele quisesse que ele entrava. Ele tinha dois anos, a gente não ia fazer isso de forçar uma criança.

Entrevistada 1: Ele brincou muito no quintal. Brincava muito no quintal. É, ele brincava muito no quintal. Ah, eu tenho uma foto dele com a Abi, com Caio, com Ingrid e Bárbara.. Eu acho que ele é muito descolado assim, mais porque ele brincou muito.

Entrevistada 2: É, Guilherme era mais fechado, não gostava de conversa. Ele nasceu, um mês depois eu saí pra morar na Espanha. Então quando eu voltei, ele já tava com o ano. Eu olhava pra ele e dizia assim, você não vai me estranhar não.

Entrevistada 1: Eu acho que ele até me puxou mais, porque quando eu era pequena eu também era assim, mais séria. Tanto é que vai ter uma apresentação agora a gente vai fazer lá no shopping barra. Aí a menina que é a dona da peça, da apresentação, a Diany, o pensamento do livro dela tem vários personagens, tem a empreguete, tem a adolescente, tem a boneca Didi e tem Dinho que é bem invocado, quem ela botou para Dinho? Eu!

Entrevistada 2: Captou bem a mensagem! Aqui também é no campo grande, mas aí são as minhas amigas de faculdade.

Entrevistada 2: Aqui ó, de rua tenho essa, e aqui a festa do Rio Vermelho, festa de Iemanjá.

Entrevistadora: Ah, sim, dia dois, né?

Entrevistada 2: Sim, e aqui o marido no Carnaval.

Entrevistada 1: Aqui Gabriel, até ele saia no bloquinho comigo, tá vendo? Aqui na barra. Ele saia comigo. Agora Guilherme já não saiu.

Entrevistada 2: Acho que Guilherme só saiu um ano.

Entrevistada 1: Fui na Carla Pérez, eu acho.

Entrevistada 2: Esse album aqui é praia do forte. Você falou de viagem? E aí de viagem só tem praia do forte. Aqui, Salvador. Da época que eu morava em Itapuã. Com o Vinicius de Moraes em frente a casa dele, que hoje é um hotel. E aí fizeram a casa. Aqui é São Paulo, ó. Nunca mais voltei lá [...] Aqui é minha comunhão. Na igreja do São Judas também. Eu achava estranho na época da minha comunhão porque eu era a mais nova.

Entrevista Família E

Entrevistadora: Eu vou tirar foto de algumas fotos, tudo bem? Mas aí se você não quiser que eu tire foto, é só você falar, viu?

Entrevistada 1: Mainha separada já... Pode tirar foto dela sem o marido.

Entrevistadora: E ela que é guardiã da memória, ela que guarda as fotos?

Entrevistada 1: Mainha normalmente lembra de tudo, das coisas, dos aniversários, assim.

Entrevistadora: E tá bom, né? Com 88 anos, com essa memória aí, tá ótimo. Bom, então vamos lá. Você nasceu onde?

Entrevistada 2: Num interiorzinho da Bahia que chama Horta, povoado de Cachoeira, do Recôncavo.

Entrevistadora: E aí com 14 anos você vem pra cá com sua mãe?

Entrevistada 2: Com 14 anos minha filha me trouxe por aqui.

Entrevistada 1: É uma prima mais velha.

Entrevistada 2: Eu nasci dia 21 de setembro, no interior, vivi esses tempos todos lá.

Entrevistadora: Qual a maior diferença que você sentiu quando você veio pra cá? É a diferença do jeito de viver, se tinha mais gente, se era mais bagunçado, se era mais tranquilo.

Entrevistada 2: Mais tranquilo, né? Porque lá eles não tinha espaço para andar. Mas aqui agora que já estou, já me acostumei. Já vivi aqui. Os filhos tudo criado aqui. Entrevistadora: E Salvador, você acha que mudou muito Salvador de quando você veio pra hoje? Nesses anos que você passou aqui, você acha que mudou muita coisa na cidade?

Entrevistada 2: Eu não lembro de muitas coisas, mas eu acho que mudou. Mas eu não me lembro. Eu tenho lembrança que mudou. Era mais calmo, mas agora está mais agitado.

Entrevistada 1: O Engenho Velho, como era? Tinha muitas ruas, tinha muitas casas, já tinha esse tanto de gente morando?

Entrevistada 2: Era mais calmo, agora é mais agitado. Não tinha, mas agora tem mais. Tem mais gente morando. Tem casa em cima de uma na outra. Eu acho muito diferente. Quando eu vim pra aqui, e como está agora. Quem não tinha essas casas todas assim, era mesmo a minha. Eu via Ondina daqui. Agora está tudo... Está muito... Em casa, provavelmente. Então acho que teve diferença, muita diferença.

Entrevistadora:

Hoje em dia você costuma sair ou fica muito mais em casa?

Entrevistada 2: Ah, eu costumo mais ficar em casa. Antigamente eu saía, mas eu ia para a igreja.

Entrevistada 1: A senhora ainda vai pra Igreja, é o único lugar que a senhora vai, além de ir pro médico.

Entrevistada 2: É, vou mais pra igreja e quando é dia da Santa Ceia, ela me leva.

Entrevistada 1: Santa Ceia é um dia especial da igreja. Ah, sim. Tipo, um domingo, todo mês.

Entrevistadora: E a igreja é aqui?

Entrevistada 2: É, no fim de linha. Igreja da Rosa Benção [?].

Entrevistada 1: É uma igreja evangélica. Vamos ver as fotos?

Entrevistadora: Esse aqui é o seu casamento?

Entrevistada 2: É.

Entrevistada 1: Quem deu o álbum de presente, mainha?

Entrevistada 2: O meu compadre, o padrinho de Edgarzinho.

Entrevistadora: E essa igreja era onde?

Entrevistada 2: Deixa eu me lembrar. Essa igreja não foi no Engenho Velho não. Foi lá no Campo da Pólvora.

Entrevistada 1: Aí é na primeira comunhão.

Entrevistadora: Ainda estavam em Horta?

Entrevistada 1: Não, é de uma afilhada de minha mãe. Que é a filha da prima. É de Valdice. É. É ela, né? Tia Ivara.

Entrevistadora: Essa foto aqui lembra os seus traços, dá pra ver?

Entrevistada 1: Eu?

Entrevistadora: É. Não acha? Eu acho que... assim lembra, né? Não tá igual, mas lembra assim.

Entrevistada 1: Eu não consigo ver.

Entrevistada 2: Esse aqui é meu compadre. O de cá. Ele tá com a esposa.

Entrevistadora: Ah, esse aqui.

Entrevistada 1: Irmão do meu pai e a esposa.

Entrevistadora: E aí você veio, ela veio pra Engenho depois de casar, né?

Entrevistada 1: Não, não. Ela já morava aqui porque a minha tia morava na outra rua. Né? Que a família dela ainda mora. É outra rua. Duas ruas daqui. A rua principal, né? Você entrou numa travessa. Aqui minha tia mora na rua principal. Então ela veio morar com a minha tia.

Entrevistadora: Aí quando você mudou, já mudou pra perto da tia, né?

Entrevistada 1: Aqui a família de meu pai era daquele Engenho Velho mesmo. Essa casa por exemplo, ele cresceu aqui. Isso aqui tudo era mato. A casa da frente era que existia. Ah, Aí foi quando passaram a construir. Isso, isso. E quando eles construíram, ainda não tinha também nada num tom. Aham. Era tipo fazenda, né? Fazenda não, chácaras.

Entrevistadora: Esses lugares que começam com pouca gente, meio do nada assim, quando vê...

Entrevistada 1: Ainda mais um lugar assim, perto do centro. Aí as pessoas vem, né? Que é principalmente quem trabalha no centro. E os parentes que vão chegando, construindo lajes.

Entrevistadora: Vou tirar umas fotos aqui. Essa aqui era carteirinha de estudante?

Entrevistada 2: Eu nem sei.

Entrevistadora: Prefeitura, Secretaria de Transporte. Acho que é tipo um cartão de transporte. De estudante, algo assim.

Entrevistada 1: Elisa... não, aqui é o nome da escola... O nome da criatura... É a Edê. Meu Dona Edê Tavares Lima. Sim, em 1985. A senhora fez um curso aqui. Um curso que a senhora fez aqui. Tá aqui, é da senhora. Tá aqui ainda a foto, só que não dá pra ver direito. Ah, você está me dando... Quando é que a senhora estudou? Me conte aí.

Entrevistada 2: Eu não lembro não, minha filha.

Entrevistada 1: Aqui foi uma carteirinha falsa? É uma carteira de estudantes. Pode ter sido algum curso de de formação, alguma coisa assim. Talvez tenha sido lá naquela igreja lá do final de linha, lembra? A senhora não fez curso lá não? Não sei, eu vou tentar identificar que nome é esse.

Entrevistada 1: É alguém que tinha posses né? Porque um álbum desse... Aqui, eu vou ver se você consegue ver. Essa daí não é a senhora? Aí é o irmão de meu pai. E a esposa dele. Ela era modista, né? Ela costurava muito bem. Dona Dora.

Entrevistada 2: É, e nem um dos dois ainda tá aqui.

Entrevistada 1: Ela faleceu esse ano. E quem foi então que deu algo de presente?

Entrevistada 2: Eu não sei se foi presente de Ica. Eu sei que foi uma menina. Era alguém muito amigo. Era uma coisa muito especial que eu gostava muito dele.

Entrevistadora: E você, (entrevistada 1), quais são suas memórias da infância? E quando você cresceu aqui, como que era o Engenho.

Entrevistada 1: A minha memória da infância era o quintal? A gente brincava muito. Tinha um quintalzão, muitas árvores, uma jaqueira maravilhosa, que tinha a gangorra. E aí tem uma coisa meio declive, né? Então a gente... e dava pra ver uma outra região, né? Que é lá embaixo, que é Vasco da Gama. A gente voava e via assim, ao longe. Porque tinha muito menos casas, né? Então a gente tinha uma vista maravilhosa.

Entrevistadora: E você ficava mais dentro de casa?

Entrevistada 1: Quando criança, não. Porque aqui a gente tinha um vizinho do outro lado que tinha também 7 filhos então a gente brincava muito entre nós e brincava muito na rua também aí era uma rua maior, enfim não tinha tanto carro, essas coisas, então a gente brincava na rua, todas as brincadeiras de rua, três vezes passará, baleado, essas coisas. E a gente só saía do bairro mesmo pra médica, porque também a escola... Era aqui também. Era aqui no final de linha. Aí só começamos a sair no ginásio. No ginásio... Não, não, no ensino médio, porque até o ginásio eu também fiz aqui. Só no ensino médio eu saí do Engenho Velho.

Entrevistadora: E vocês são sete filhos?

Entrevistada 1: Somos sete. Quatro mulheres, três homens.

Entrevistadora: E nessa época você... Não frequentava os outros espaços da cidade?

Entrevistada 1: Ah, sim! A gente ia pra praia. Que é a Ondina, a gente caminhava. Era a nossa praia. Na verdade, de toda essa região aqui, a Ondina era chamada praia do Oi, todo mundo o Engenho Velho ia pra lá. Então a gente ia caminhando, tipo, 20 minutos, meia hora

era nada. Então, íamos pra praia. e basicamente quando a gente sair, porque a igreja era aqui, tudo era aqui

Entrevistadora: Ah, pertinho. E hoje tem ainda os familiares que moram aqui nesse terreno, tem criança?

Entrevistada 1: Tem meu sobrinho que mora com meu irmão lá em cima, o Samuel, que tem 4 anos. Da família mesmo só, eu digo essa família direta. Agora lá embaixo tem o filho do meu primo, que tem uns 10 anos, João. Só, né, de criança mesmo. Mas da nossa família é só isso.

Entrevistadora: E eles também brincam na rua? Ou tem uma convivência parecida com a que você tinha?

Entrevistada 1: Não, não brinca mais na rua. Samuel, porque também tem essa escadaria toda, né? Aí, se bem que ele desce, né? Já fica mais em casa. Tá na creche. Aí é celular.

Entrevistadora: E o filho do seu primo?

Entrevistada 1: O João também não brinca na rua. Agora, por exemplo, ele já tem uma coisa mais de... Ele brinca mais sozinho. Agora mesmo ele estava jogando futebol com alguém. Aí ele tem menos a vivência do celular e da televisão. Também eles são mais simples, né? Tem uma vida mais simples. Mas ele brinca aqui, na porta. Tinha uma criança, uma adolescente aqui, na casa de baixo, aí eles brincavam, mas eles brincam aqui, não brincam mais na rua. Tem o Guga que eu esqueci, mas o Guga já tem 13. Também não brinca. Ele tem uma bicicleta, então vamos dizer assim, o brincar na rua é sair de bicicleta. Primeiro que assim, agora a quantidade de carros é muito maior por aqui. As ruas são mais estreitas, não tem passeio. Aqui é isso, tem muita gente que a gente já não conhece, né. Porque antes todo mundo conhecia todo mundo. A gente conhecia as pessoas desde pequena aí chegou muita gente depois já adulto, essa coisa de alugar e tal, chegou muita gente. Mas aqui, sobretudo, é porque não tem mais espaço para brincar. É rua que tem carro. Então, você não tem como deixar a criança. O Engenho Velho era um bairro tranquilo. Se tornou um bairro perigoso para quem não conhece, vamos dizer. A noite, tal. Mas não esse perigo, né? A criança poderia brincar na rua porque esse perigo não atinge. Não tem nenhum espaço de lazer, na verdade.

Entrevistadora: Acaba que aqui é tudo rua, casa, rua, casa, rua, casa, né? Aumenta a casa, arruma.

Entrevistada 1: O que era quintal, porque tudo isso era quintal, né? Tipo, que agora você desce no bequinho e vê um monte de casa que era quintal. Então esses quintais eles não existem mais, virou casa de parente. Isso é a realidade dos bairros periféricos. Se tem uma arvorezinha é capricho. Ou o espaço também virou garagem. Aqui, por exemplo, como muita gente que tem carro e é um bairro popular, não tem garagem. Então os carros ficam na rua. Eles estão fazendo uma praça. Mudaram um pouco a organização do Engenho Velho, estão fazendo agora. Está cheio de obras. Eu acho que se vocês vieram por cima, devem ter visto alguma. Aí, aqui perto, fizeram uma praça com bancos. Estão fazendo, né? Uma coisa assim. Só que a maior preocupação agora é onde é que os carros vão ficar, porque os carros ficavam nas praças. Aí tem duas praças que eles modificaram, né? Mas hoje não tem criança brincando da rua aqui não. Aliás, as que brincam na porta são até raros.

Entrevistadora: Nossa, acaba que priva, né, uma parte da infância.

Entrevistada 1: Pois é. A gente corria tudo isso aí, né, mainha? Corria tudo, de dia, de noite, ia pra casa dos outros.

Entrevistadora: É isso, né? Todo mundo cuida do outro, né?

Entrevistada 1: Isso, porque todo mundo sabe quem é. Vou dizer pra sua mãe. Que a criança mais ouve é isso. Vou contar pra sua mãe. E contava mesmo. Então todo mundo sabia. Sendo por aqui, todo mundo sabia quem era. E não tinha essa preocupação nas festas também, por exemplo. Eu estava falando outro dia, que a que a gente mais gostava, que a criança gostava muito, é São João. Você vai pra casa de todo mundo. São João passou por aqui, tem o costume.

Entrevistadora: Então, São João lá em Brasília é... Não tem. Você vai pra igreja comer um pastel... Então, me explica.

Entrevistada 1: Essa já é uma festa junina, uma festa de interior, né? Porque é a famosa festa da colheita, né? Que você, justamente quando... Muitos frutos, né? O milho, o milho que planta no dia de São José, que é em março, a laranja, o aipim, são muitos frutos que nascem nessa época. Aí juntou que tem uns santos, né? Santo Antônio, São João e São Pedro, nessa época. Eu não sei quando é que nasce o São João, mas eu sei que se festeja isso. Aí... A festa do São João é regada com comidas, essas comidas da época. Então o milho, você faz canjica, você faz bolo de milho, o aipim, você faz bolo de aipim, né, laranja, então assim é uma fartura, né, a festa de São João. Além disso, tem a coisa da fogueira, né, que se acende para São João.

Ao mesmo tempo, a fogueira é porque tem uma época mais fria. Só que aí a fogueira já vinha também as brincadeiras, que eram as quadrilhas. Aí tem várias festinhas no entorno. E as pessoas, as festas de São João, eram festas coletivas, né? Porque também, quem tem dinheiro? Então você faz... Tanto é que é São João passou por aqui. Você vai, come uma canjica aqui, aí não tem tanto, né? Mas aí a pessoa vai visitando. Visitava de casa em casa. Aí você tinha uma coisinha pequeninha, você oferecia pra pessoa, educadamente, mas as crianças não. As crianças... Ah, tá, ainda tem o amendoim. Aqui fazia muito amendoim cozido. E o licor. Que fica também... Curando durante um ano e tal. Aí tem a festa de Santo Antônio. Casamenteiro, sabe? Sim. A festa de Santo Antônio tem a reza, tem uma trezena de Santo Antônio, que é o mês inteiro você reza todos os dias para Santo Antônio. Mainha não faz mais dessas coisas, não é mesmo? Isso que ela não quer falar, mas ela já frequentou. E aí você reza, só que aí a festa de Santo Antônio, não sei se vocês já viram por aqui, pelo Nordeste, isso porque a gente tá em Salvador, entendeu? No interior tem todo um altar que você organiza, o altar... E em cada casa tem o seu altar, que é com papel crepom, todo bonitinho. Aí tem o santo, tem flores, tem não sei o quê. E depois da reza tinha comida Mungunzá, que é uma outra comida. O Mungunzá também de São João, que é o milho branco. Mungunzá, arroz doce que tinha. Aí a gente passava as criancinhas justamente nesses lugares pra poder comer. Então eu comia muito. E aí a festa de São Pedro, que é dos viúvos e das viúvas. Isso fazia mesmo no interior. Tô mentindo, mainha? No interior não tinha a festa de São Pedro?

Entrevistada 2: Sim, tinha.

Entrevistada 1: Agora só quem acendia a fogueira mesmo era quem era viúva ou viúva. Hoje qualquer um está acendendo. Aí é isso. Então nos bairros populares tinham essas festas e as crianças, tinha essa liberdade, você podia ir. Conhecia e tal. Hoje em dia não tem mais essa circulação. Agora, quando eu era adolescente e jovem, o Engenho Velho foi um bairro muito cultural, ainda é, mas ele já foi muito mais. Tinha aqui as quadrilhas, os largos, tem pouco espaço, mas os largos que tinham, tinha, por exemplo, foi muito famoso pelas quadrilhas na época de São João, tinha festas com quadrilhas, samba, também foi muito famoso pelos sambas, samba junino. O Badauê surgiu aqui, nesse bairro, era aqui e no dique do Tororó, que é aqui embaixo, né? Então era um... também um fuzuê. Então o Engenho Velho sempre ofereceu muita diversão para quem era daqui. Então a gente não precisava sair, né? Meio que não tinha dinheiro para transporte, essas coisas.

Entrevistadora: O deslocamento pela cidade era muito ruim nessa época?

Entrevistada 1: Era igual hoje, que falta ônibus, né. Graças a deus a gente não pega mais

ônibus. Demora muito, então normalmente o deslocamento da cidade quando se precisava, era a pé porque você pega ali e tá na Lapa.

Entrevistadora: E vocês ainda estão num lugar mais central, era mais fácil de andar a pé, né, do que contar com ônibus?

Entrevistada 1: Naquela época nem tinha ônibus né mainha, tinha linha de ônibus?

Entrevistada 2: Não me lembro não. Tinha não. Tinha era bonde lá embaixo.

Entrevistada 1: Porque isso aqui era um morro, né? O painho, enquanto descia pra vender as coisas, ele ia lá pra Graça. Era um mato, né? Tudo mato. Então tinha as ruelazinhas que você descia. Então meu pai dizia que ele descia, atravessava o que a gente chamava de Garibaldi, andando e até a Graça. Ou ia pra feira. Ele disse que lá em São Joaquim. Ele disse que saía daqui andando até lá. Mas também é isso, né? Ou você faz isso ou você não faz. Ou você não faz. Aí você faz o quê, né? Não tinha outra alternativa.

Entrevistadora: E hoje vocês se deslocam de carro?

Entrevistada 1: É, de modo geral. Ainda mais na era do Uber, hoje todo mundo pega Uber. E aqui a gente se desloca diferente. Mainha não quer nem sair nem de carro, né? Mas... A gente tem, né, acho que um ou outro, mas todos nós temos um carro, né, quase todos nós, é só... Só Dirlene que não tem, né? Aí todos nós temos um carrinho velhinho, todo mundo tem. Aí, vai de carro ou de Uber. Meu pai, por exemplo, que pega mais ônibus, né? Porque meu pai anda mais, está acostumado e tal. E ele não tem pressa. Ele pega ônibus. Ele mora comigo, meu pai. Mas ele vinha aqui sempre. Às vezes eu venho de Uber porque não tem lugar pra estacionar. É mais prático.

Entrevistadora: E você falou que... A gente estava falando sobre a questão de ter muita gente diferente hoje em dia, que não cresceu aqui. E para as crianças isso não atinge tanto, porque elas no máximo ficam ali no portão brincando. Mas para vocês, por exemplo, para mulheres que circulam aqui mesmo morando, se torna um ambiente mais hostil ou se você é daqui é tranquilo?

Entrevistada 1: Então, é difícil dizer, né? Eu não moro aqui há muito tempo. Tem muito tempo que eu não moro aqui. Mas assim, eu sempre me senti em casa, vamos dizer assim. Porque de alguma forma, tinha pessoas que me conheciam, que sabiam quem eu era ou

que eu conhecia. Agora, assim, tem sido um ambiente hostil para outras pessoas, que deve ter chegado depois e tal. Por exemplo, durante muito tempo, mesmo quando diziam que o Engenho Velho já era perigoso andar de noite, eu descia, tem uma parte aqui que tem um metrô, que é lá em cima da Boa Vista, um pouquinho distante. Eu vinha andando, aí eu sempre dizia assim, eu conheço os ladrões lá. Porque de alguma forma alguém me conhecia, e eu estava acostumada a andar no bairro. Então eu nunca me senti constrangida de andar no bairro. Não me sentia antes e não me sinto hoje. Mas hoje eu vivo menos o Engenho Velho. Mas lembra, mainha quando eu ia lá para o Pelourinho? Eu tinha 15 anos. Eu fui muito cedo, quando eu saí. Aí eu ia tinha aulas no Pelourinho. Pelourinho naquela época só ia quem tinha negócio. Mas o meu curso de teatro era lá. E eu voltava de noite. Assim, aí é isso, sabe? É perigoso, mas não é perigoso, porque você meio que conhece. Mas eu nunca, graças a Deus, nunca sofri nada aqui no Engenho Velho. Nada, nunca. Eu acho que ninguém da gente, né?

Entrevistada 2: Não.

Entrevistadora: E qual é a sua rota de onde você morou, pra onde você foi até onde você está hoje? Você nasceu aqui?

Entrevistada 1: Eu nasci aqui...

Entrevistadora: No Engenho, né?

Entrevistada 1: Isso. Aí eu saí, acho que a primeira vez que eu fui morar foi em Brotas. Depois de Brotas eu acho que fui para o centro, ali na Nazaré. Eu morei fora também, né? Eu morei em São Paulo durante muito tempo. Já foi depois da graduação, já estava andando na vida. Até a graduação, eu morava aqui no Engenho Velho. Aí eu fui pro Rio, aí eu morei ali na Federação também.

Entrevistadora: Mas você morou na Federação depois?

Entrevistada 1: Tudo isso depois da graduação. Eu morei na Federação depois que eu voltei. Eu voltei duas vezes de São Paulo. Eu morei, ao todo, 11 anos em São Paulo.

Entrevistadora: Então na primeira vez que você voltou, você foi para a Federação?

Entrevistada 1: Eu acho que foi. Quando eu morei naquela casa da minha amiga, ali no apartamento.

Entrevistada 2: Eu me lembro.

Entrevistada 1: Aí eu morei lá. Aí quando eu voltei, a última vez que eu voltei, eu morei na casa da frente, aqui. Foi vizinha de Dezinha. Eu aluguei a minha casa própria e aí eu fiquei morando, eu fiquei morando acho que um ano, um ano e pouco. Eu não tinha carro, então eu continuava andando, mas aí é isso, já era uma outra realidade. Mas eu fazia isso, assim, às vezes. Tipo assim, eu tava com vontade de andar. Essa coisa dessa liberdade de você estar, né? Então, às vezes eu vinha caminhando assim, à noite e tal. Claro, você fica mais preocupada, mas nunca, graças a Deus, não aconteceu nada aqui no Engenho Velho. Porque eu acho que tem isso também, né? A pessoa sabe, se conhece. Imagina, desde pequeninha aqui. Então eu também nunca vi nada. Agora a gente sabe que acontece mesmo. Tem quadrilha, tem não sei o que.

Entrevistadora: E essas últimas duas semanas, três semanas, né? Aqui? Que estourou... Em Salvador, e essas coisas... Chegou a afetar aqui?

Entrevistada 1: Mas não foi aqui não. Não, não foi. Mais do que normal, não. Porque até lá perto, em Ondina. O alto das pombas e o Calabar. Aqui de vez em quando aparece e tem um movimento maior. Teve uma época que tinha aqui no Largo, tinha um bar que fazia muito sucesso. E aí dava muito problema, porque parece que tinha gente que vendia drogas, aí coisas violentas mesmo, da polícia ficar passando, de ouvir falar, de toque de recolher. Mas a gente sempre ouvia falar, né? "Ah assaltaram o bar da esquina", então tem coisas que a gente ouve falar ah, "encontrou morto num sei onde", então isso a gente ouve muito. Essa nossa rua ainda é uma rua tranquila, e o Engenho Velho também tem muita festa. Tem gente que mora aqui também desde muito cedo, mas nas descidas, né? Em todos os lugares ainda mais descida, mas que a gente chama de bocada, ainda é perigoso. Tenho dois irmãos que são policiais. Volta e meia eles ficam falando. Ah, e tem Edilene, né, mãe, que ouve os tiroteios... Lá embaixo tem uma região perto da Vasco da Gama que é mais aglomerada. Aí a minha irmã que mora aqui embaixo, ela disse que voltmeia ouve, que são tiroteios. Então isso é comum aqui agora. Mas a gente não passa por isso, mas tipo, evita sair, assaltaram não sei onde.

Entrevistadora: É, acabou condicionando sua relação com a rua, né? Você já repensa se você vai ou não? E atualmente você está morando aonde?

Entrevistada 1: Isso, isso. Em Ondina.

Entrevistadora: E antes de Ondina você morou em Nazaré?

Entrevistada 1: Não, antes de Ondina eu morei em Itabuna. Eu já tinha passado por Nazaré e por todos esses lugares aí. E aí antes eu estava morando no sul da Bahia. Em Itabuna. Quando eu voltei a Salvador, que tem dois anos, eu voltei e estou morando lá. Na verdade, quando eu voltei a Salvador, do sul da Bahia. Aliás, essa é a minha primeira casa. vamos dizer assim, no sentido de quando eu botei tudo, porque desde que eu saí daqui, ainda tinha coisa aqui, né? Quando eu voltei de São Paulo, ainda tinha coisa minha em São Paulo. E aí foi, na verdade, Itabuna. Eu fui para Itabuna, mas ainda tinha coisas aqui, né, mainha? Aí aqui em Ondina foi que eu consegui juntar tudo, agora todas as minhas coisas estão aqui. Porque eu estou de fato morando. Todos os outros lugares eram meio provisórios. Sobretudo se você não conseguir transformar a casa do jeito que você quer.

Entrevistadora: E aí fica uma casa meio genérica e impessoal, né?

Entrevistada 1: Eu ainda não faço tanto porque ainda é uma casa alugada, mas eu não dizia assim. Eu sei que eu posso mudar depois, né? O que eu mexi. Mas é minha casa agora.

Entrevistadora: E desses lugares que você morou, aqui em Salvador especificamente? Qual que você sente mais segura e qual que você acha mais... Uma relação mais tensa com a cidade?

Entrevistada 1: Me sinto mais segura aqui. Quando eu morava aqui e mesmo quando eu voltei eu morava aqui na frente. Ainda era um lugar seguro pra mim. Agora quando eu morei no centro, naquela região do Nazaré, Lapa... E ali sim, ali era difícil. Porque de dia tem muito movimento. E eu morava numa rua que era justamente assim. De dia era comércio. Mas de noite já era meio tenso chegar ali. Então ali eu me sentia insegura. E eu morava numa ruazinha, que não é tão fácil de entrar, tipo o ônibus não passava na porta. Então eu tinha que fazer um esquema para poder chegar ali. Às vezes era perto e eu pegava o táxi só para soltar uma compra. Então ali era meio ruim. Sobretudo para o acesso. Lá dentro eu não me sentia insegura. Mas todos os outros não, acho que quando eu morei na Federação, eu morava ali... Tem um acesso que vai dar no campo da UFBA, o campo de humanidades da UFBA. É um lugar que tem muita movimentação de dia, mas de noite já não tem tanta, e ali de fato tem assalto porque tem casa com o maior poder aquisitivo. Então aí ali também eu me sentia um pouco menos né, mas assim uma preocupação que eu nunca tive foi ficar olhando.

Entrevistadora: E enquanto mulher negra, você sente que é mais ou menos alvo de crime, ou de ser vigiada?

Entrevistada 1: Eu costumo dizer que tem uma coisa muito engraçada, enquanto mulher negra, nem mendigo, nem assaltante. A gente escapa, né? De mendigos e assaltantes, vamos dizer assim. Mas assim, a alvo mesmo, eu me senti quando eu saí, né, mais enquanto mulher, vamos dizer assim. Agora, enquanto mulher negra, assim, eu me senti alvo, mas não da violência urbana, mas sim do racismo. Na Federação, na Ondina, entendeu? O modo de tratamento é outro, aí sim.

Entrevistadora: Você sentiu essa diferença forte?

Entrevistada 1: Sim, sim. O modo de tratar, né? Às vezes, tinha umas coisas ríspidas mesmo. Até um dizer bom dia e um não dizer bom dia, sabe? O que você está fazendo aqui? Comércio do entorno. Isso você percebe na hora. E eu percebo, ainda hoje, né? Tipo, olhar... minha rua, lá em Ondina, tem um lado que é popular e tem um outro que é mais ou menos, que são aqueles prédios de três andares, que é o mais ou menos, né? A pessoa mora ali e acha que tem alguma coisa. Só que o outro lado é popular mesmo, né? Tipo assim, a galera lá da Embaixada. Aí normalmente o uber vai, entra na rua, eu ponho, né? Aí ele se surpreendeu e falou assim, não é aqui na guarida. Entendeu? São aqui. Porque não espera se você dá uma olhada no deck, na guarita. Tem uns pequenos detalhes, assim, que você supercebe. Às vezes eu rio, às vezes eu fico chateada, às vezes eu deixo, digo assim, não, é ali. Mas normalmente acontece isso. Eu pego o Uber, aí eles param assim, numa parte que tem um bequinho que sobe. Aí eles são assim, não, é na guarita. É o 254 aqui. Então é muito comum, entendeu? Isso, no comércio, na padaria, de...

Entrevistadora: E como você sente que isso... Você consegue te impactar ou limitar seu ir e vir na cidade? Assim, de pensar, se a gente está às vezes não, se eu estou muito disposta a fazer essa coisa, porque eu vou passar por uma situação assim, ou você só vai?

Entrevistada 1: Não, não hoje em dia. Não hoje em dia. E não por essas coisas, entendeu? Isso não me impacta. Agora é claro, se tem um lugar que eu acho mais simpático, fico mais... Fico mais. Mas às vezes não, às vezes eu vou até mesmo para bancar, pra me colocar lá. Quanto que é, sabe? Os lugares mais assim pra poder mesmo, pra me afirmar. Sim. Mas não me... O que eu deixo mesmo de ir é tipo assim, ah, porque eu morei aqui e eu sei que o supermercado aqui é bem mais barato. Aí eu ali um dia não vou pra quê. Caríssimo. Mas fora isso não tem não. Tem uns lugares assim que tipo, acho que não tem nada a ver. Então que eu não frequento. Também não seria, não acho que essas pessoas seriam simpáticas. Mas é porque eu não frequento, porque não tem a minha vibe. Mas eu não deixo de ir a nenhum lugar. Por conta disso. Né? Não tenho. Não aqui em Salvador.

Entrevistadora: E aí, voltando pra questão da fotografia, durante a sua infância, a sua adolescência, ou então depois que a senhora se mudou pra cá, como era essa chance de tirar foto? Foi pouca foto? Porque fotografia, ainda mais antes do celular, é uma coisa muito mais inacessível. Então, vocês tiveram momentos que conseguiram fazer esses registros? Ou isso só foi passando?

Entrevistada 1: Individual ou de família?

Entrevistadora: Individual e família.

Entrevistada 1: Tirava, mãe? A gente tirava fotos? Não?

Entrevistada 2: Tinha aquela foto da escola. E quando eu fazia aquelas brincadeiras de São João, como ela está falando aí. Era alguém que trabalhava na festa, porque eu mesma nunca fui chegada a foto.

Entrevistada 1: A gente não tinha assim, foto. Por exemplo a primeira comunhão, eu me lembro que a gente tinha uma foto, eu nem sei onde foi para aquela foto minha.

Entrevistada 2: Não sei mais, eu não sei também, como teve a mudança da casa, tiramos muita coisa.

Entrevistada 1: Eu até tenho, que eu juntei uma vez, mas nem me lembro mais, porque eu juntei uma vez várias fotos minhas ao longo das carteiras de estudantes, sabe? E tal, e tal. Mas eu nem sei onde é que estão agora. Me mudei muito, né? Agora depois que os filhos foram crescendo, aí sim a gente tirava as fotos, né? Tem lá aniversário, tira foto, não sei quem. Isso, eram fotos mais assim. Aí alguém viajou, aí fotos, não sei o quê. Elas estão muito dispersas. Acho que teve uma época que eu não sei que eu escaneei algumas, porque já estavam se perdendo, a gente não tinha essa coisa de guardar fotos, esse daí ficou guardado porque tá assim você vê né, todo cuidado, mas as outras a gente não tinha, ficava aí. Não tinha a importância de fotos que nem hoje. Então algumas se corroía, não tinha a qualidade da polaroid. Então tinha algumas fotos mesmo desaparecidas. Então não tem muito não.

Entrevistadora: Essa foto, por exemplo, foto do bebê é uma coisa rara, né?

Entrevistada 1: É rara, né? Aqui a gente era muito pobre. A gente morava... era essa sala e a cozinha, né, mãe? Isso aí era um luxo que não estava nem próximo. Nem quando a gente

era jovem, vamos dizer assim, que os meninos foram crescendo. Aí eu acho que tinha isso, tipo, a primeira comunhão.

Entrevistadora: Sim, mas era isso, eram datas muito marcantes, muito específicas, né? Que fazia esse investimento.

Entrevistada 1: Isso, que tinha tipo assim, um fotógrafo que fazia fotos, sabe aquelas profissionais? Aí vende, né? Isso aí, isso aí. Eu acho que eu cheguei a fazer aquelas fotos de... Acho que sempre tinha aquelas fotos da escola. Sim, sim, com a bandeira do Brasil. E acho que a gente não fez não, né mainha. Aquelas fotos que pedia... A escola pedia às vezes fazer aquelas fotos especiais que você ficava sentado assim na escola. Aí tinha um cenário atrás. Então essas eram fotos da escola, encomendadas, aí você dava uma contribuição. Mas eu acho que nem essas a gente fez. Eu não me lembro de ter uma foto assim. Era mais a de carteirinha mesmo. Só carteira de identidade do 3x4 ainda com aquela cabanazinha, sabe? Mas a gente fazia isso.

Entrevistadora: E hoje em dia, enfim, tem celular, tem máquina digital, essas coisas. Você acha que a sua relação com memória e da sua mãe também, com memória, é... qual? Apesar de ter passado todos esses anos sem conseguir ter isso impresso, ter esse acesso.

Entrevistada 1: Agora é melhor, principalmente... Por exemplo, eu tenho uma irmã que faz isso, que é Edilene, né, mãe? Ela sempre gosta de... É ela quem fotografa, ela quem lembra... Ela lembra, pega o celular e ela guarda também muito. Então, por exemplo, com os meus sobrinhos, como ela tirou fotos, aí, sei lá, tá tendo aniversário, né, vai ser aniversário essa semana. Aí tem um grupo da família, aí ela posta aquela foto. Eu agora que estou tentando jogar tudo num lugar só, sabe? Pegar se eu tenho uma pasta, né? Pensando nisso. Mas eu também sempre fui muito desligada de fotos. Mesmo as minhas coisas, assim. Negócio é você viver o presente. Não era da nossa cultura, então...

Entrevistadora: É isso, isso é um desafio da pesquisa que eu tô fazendo, né? Porque nossas famílias... não tem essa tradição, essa facilidade de ter esses registros, essas memórias. Eu entrevistei família aqui e falava, não, meu pai, não sei lá, estava, mesmo a gente no aperto, ele dava um jeito de comprar um filme, e aí você vê no álbum que a pessoa realmente assim, se sacrificou para ter aquilo organizado daquele jeito, está tudo anotado, catalogado, florista nessa foto, sabe? Nunca é natural pra gente.

Entrevistada 1: Não, porque eu penso que assim, você tem outras preocupações, né?

Isso aí já, vamos dizer, são preocupações do segundo, do terceiro grau, do quarto, né?

Entrevistadora: Exato, não é prioridade.

Entrevistada 1: Isso vai... Hoje em dia, com o celular, mesmo assim, né? Você vê, né? Aí ela não tem que tirar foto. Ela vai no aniversário, minha irmã. Ai, agora tira com o grupo dos irmãos, o grupo das amigas, não sei o quê.

Entrevistadora: Essa pessoa que pensa... Mesmo eu que já trabalhei com alguns anos com fotografia assim... Me perco muito isso, esqueço de fotografar. Quando é memória mesmo, uma coisa é me contratar e eu vou lá e tiro umas fotos. Mas quando é memória mesmo, acho que me manda pra ver se está funcionando na minha família. Senão passaria viagens inteiras. E nem viagem sem visitar o pessoal lá em Goiânia, mas passaria viagens inteiras sem foto. Essa viagem eu estou fazendo, mas eu tirei pouca foto eu nas situações, eu nos lugares... Você recebe isso socialmente, né? Isso é uma memória importante ou não. Então você já tem uma referência. Ah, isso aqui é importante, né? Eu acho que falta. Tá nesse trabalho, tá mal mexendo nesse sentido. Fico ávida. Ai, tal coisa. Vou imprimir, vou fazer um álbum. Já vou montar um álbum pra ter mais. É, e também a gente guarda e fica tudo junto no lugar e...

Entrevistada 1: Você não usa, né?

Entrevistadora: É, aí você rouba o seu celular e você fica sem as fotos, aí pronto. Deixa eu tirar uma foto de vocês com essa...

Entrevistada 1: Ah, então, essa aqui por exemplo foi um presente, né?

Entrevistadora: Eu adorei.

Entrevistada 1: Que foi essa ideia, mãe? Foi Edilene? Ela não gosta de tirar foto não. Ela sempre tira com a cara feia.

Entrevistadora: Mais um. Vamos. Pode tirar uma de vocês segurando o álbum? Pode ser até de fechado mesmo. Pode tirar essa capinha. J

Entrevistada 1: Segure seu álbum, vai. Foi quando a senhora casou.

Entrevistadora: É tipo uma conta de parente, mas já resolveu tudo.

Entrevistada 1: É, já resolveu, é isso, é a modernidade. E aí ela botou cada um de um jeito, ela conseguiu achar uma unidade aí e foi.

Entrevistadora: Aí por último, você tem algum... Esse é seu celular ou da sua mãe?

Entrevistada 1: É de minha mãe, meu celular ontem caiu na máquina de lavar. Verdade. Aí eu tirei ele e... E deixei ele secando no arroz. Então vou ver esse aí. Aí eu tive que pegar o de mainha aqui.

Entrevistadora: Tem foto digital de vocês, no celular? Na cidade, não só dentro de casa, mas...

Entrevistada 1: Ah, teve um dia que a gente foi lá na casa de Peu, lembra? No Bonfim? Não tá aí não? Edilene não compartilhou não? Ela compartilhou aqui. Teve um dia que nós fomos na casa do nosso sobrinho. Do meu sobrinho e do... E é pertinho lá no Bonfim. Quer dizer, é no Bonfim. Perto da igreja. E aí... Ela tirou fotos. A gente tirou fotos. Tira lá. Mas... Só que tem muito tempo. No meu celular eu até conseguia, mas aqui... Aqui eu acho que não vou achar. Porque tem muitas informações do grupo da família. Deixa eu ver aqui. Então é aqui.

Entrevistadora: Ai que lindo!

Entrevistada 1: Ele mora aí pertinho, aí a gente aproveitou pra andar e ir aqui.

Entrevistadora: Ai que legal!

Entrevistada 1: Aí são meus irmãos. Então, as poucas que a gente saiu assim, todo mundo junto, né? Caiu um toró depois. Aí tem umas fotos de saídas nossas assim, mas eu acho que essa foi a última que eu me lembro. Todo ano mais ou menos a gente tem alugado uma casa. Perto da praia, pra passar a janeiro, fevereiro. Normalmente a gente tem fotos desses lugares. E aí o resto é tudo foto interna que é de um aniversário. Mas essa daqui é bem bacana, é mais recente.

Entrevistadora: E vocês costumavam ir nesses lugares turísticos?

Entrevistada 1: Às vezes a gente ia pra Itaparica, que meu tio levava. Ia pra o 7 de setembro, porque é pertinho, né? Ia pra essas coisas. Eu não me lembro de ter ido ao Bonfim, essas coisas. Não me lembro. A gente ia pra... Enfim.

Entrevistadora: E por que você acha que vocês não...

Entrevistada 1: Não tinha condições mesmo.

Entrevistadora: Mas hoje mesmo hoje em dia não é um hábito, né?

Entrevistada 1: Ah não, hoje em dia sim, mas não para os lugares turísticos, porque a gente já conhece alguns, mas por exemplo, praia do Forte que mainha não conhece, então vamos pra praia do Forte, a gente passeia, vai lá pra Imbassahy, pra Sauípe, vai pra Cabaceiras que é uma tia... o irmão de minha mãe mora lá...

Entrevistada 2: Morava.

Entrevistada 1: Ou então vai lá para Santo Amaro, Cachoeira, ainda tem os familiares de minha mãe. Então são mais assim, são lugares que tem alguma ligação afetiva ou porque a gente está de férias, mas não tem, sei lá, o Pelourinho... Não tem um sentido assim. Agora meus irmãos separadamente, sim. Agora a família é muita gente. Muito problema.

Entrevista Família F

Entrevistadora: Bom, eu queria primeiro perguntar um pouquinho da história de vocês dois. De onde vocês vieram, se é daqui mesmo em Salvador ou na Bahia, e de onde até formaram essa família aqui, se vocês nasceram aqui, etc.

Entrevistada 1: Eu nasci em Salvador. Nascida e criada nessa região, na Cidade Baixa.

Entrevistadora: E seus pais?

Entrevistada 1: Meus pais, minha mãe nasceu em Salvador e meu pai nasceu em Camamu. No Baixo Sul, Bahia, na Costa do Dendê.

Entrevistadora: E você tem a memória da sua família, de quem estava antes? Onde morava? As gerações anteriores.

Entrevistada 1: Ah, das gerações? Minha avó materna era indígena. Ela fugiu da tribo. E meu avô materno era de terreiro de candomblé em Cachoeira. Só que ele não gostava. E ele fugiu. Nessa fugida ele encontrou a indígena e casou, vinha na pra Salvador. Ele casou com ela, mas ela não tinha nome. Então ele botou o nome dele. E aí ele inventou um nome pra ela: Maria Demetra da Silva. E vieram pra cá, e aí constituiu a família. Aí os filhos nasceram no bairro do Rio Vermelho. Ele morava no Rio Vermelho, depois foi morar no Tororó. Ele era eletricista. E ele comprou uma casa no Jardim Cruzeiro, aqui na Cidade Baixa. E ficaram morando aqui na Cidade Baixa, na segunda infância dos filhos. Tiveram quatro filhos, duas mulheres e dois homens, ninguém tá vivo, morreram muito jovens. Minha família toda tinha cardiopatia grave, e aí minha mãe morreu com 45 anos. Meu pai, os pais dele se conheceram lá no Baixo Sul, o pai dele era marinheiro e tinha fazendas, o pai era um homem negro, negro retinto, casou com a mãe dele, a mãe dele era uma mulher branca baiana, teve cinco filhos.

Entrevistado 1: Também, sou nascido em Salvador, nascido no Bairro da Liberdade. Meus pais, minha mãe é da Saubara, do Recôncavo baiano. E meu pai é da Chapada Diamantina, de Jacobina, é a cidade principal lá. É município de Bolchapel, né. Os pais de minha mãe também são da Saubara, também vieram todos para Salvador, e vinham todos para Salvador pela dificuldade de sobreviver no interior, né? E meu pai, por ter uma vida muito difícil lá na

terra dele também de roça, entrou no exército, e no exército ele fez uma rebeldia e veio de carona. E aí aqui, quase foi preso, mas liberaram ele e ele se virou, depois ele e minha mãe se encontraram, e aí geraram cinco filhos, eu, e mais quatro. Todos homens. Os pais de meus pais, eu só conheci minha avó, parte de pai, meu avô morreu cedo, que era garimpeiro, e minha avó morreu já muito velha, com 106 anos, foi a mais longeava da família. Minha mãe, a família da minha mãe, também foram 14 filhos. Minha avó, eu não conheci nem minha avó, nem meu avô por parte de mãe. Quando eu nasci, a minha avó morreu, quando eu estava sendo gestado. Morreu em maio, eu nasci em julho. E meu avô morreu um ano depois. Não lembro nada dele. Sei que minha avó também tinha ascendência indígena, tinha cabelos longos, e meu avô era negro. Aí vieram morar na Liberdade, quando eu nasci, me criei aqui em cima, uma rua aqui em cima. Depois meu pai construiu essa casa. Eu tinha 13 anos aí daí, eu vou até hoje aqui. Era década de 70, acho que 72 que ele construiu isso aqui.

Entrevistadora: E vocês moram juntos aqui desde...?

Entrevistada 1: Tem em torno de 30 anos. De 30 anos, por aí. Foi em 90 e... Em 95. Em fevereiro de 95. Eu vim morar aqui. Em pleno carnaval. Dia dezoito de fevereiro. Eu não falei dos meus pais, posso falar? Minha mãe conheceu meu pai, quando era estudante de ginásio na época, era o quê? Era, como se chama, tem... pra ser professor, como se chama? Normalista. E aí ela tinha uma escola ali em casa, ela tinha uns alunos e tal, e ela conheceu meu pai e o pai era da aeronáutica. E aí ela conheceu ele, ela tinha 17 anos, ela ficou grávida nessa época tinha que casar, né. Ele tinha 19. E aí ela casou grávida, com a barriga grande na Igreja. Depois ele ficou na aeronáutica um tempo, e ela conseguiu um emprego no governo federal, ofereceram apadrinhamento para eles, que era um homem que tinha influência no governo e tal, conseguiu para ela um emprego de escriturária no Ministério das Minas e Energias. E aí ela ficou nesse período trabalhando e tal. E depois ela transferiu Receita Federal e morreu como funcionária da Receita.

Entrevistadora: E você morou em quais lugares antes daqui?

Entrevistada 1: Eu morei... eu nasci e me criei no bairro do Uruguai, depois eu fui morar no bairro de Roma. Tudo na cidade baixa. Bom, eu fui pra outros lugares também, eu fui morar assim, rápido. E depois eu vim pra cá. E a gente se conheceu na universidade, ele fazia um curso de museologia e eu fazia ciências sociais na federal. A gente se conheceu lá no pátio, fazendo a eleição, eu tava me candidatando a diretora acadêmica e ele passou lá na hora...

Entrevistadora: Você fez uma campanha que quando a gente comprou... Legal!

Entrevistada 1: Isso aí, ele estava separado da primeira mulher dele. Ele tem duas filhas desse primeiro casamento. E aí morava com ela aqui, depois morava em Brasília, depois morava em Itapuã. E aí depois separaram, ele ficou morando aqui e foi nesse período que eu conheci ele.

Entrevistadora: E você tem quantos irmãos?

Entrevistada 1: Eu tenho 5 irmãos.

Entrevistadora: Quantas pessoas são mulheres?

Entrevistada 1: São 3 mulheres e 3 homens. Na realidade seriam 4 mulheres, uma morreu. Um morreu assim, bebendo, de morte súbita.

Entrevistadora: Vamos começar a ver as fotos? Não tem sequência se tiver algum muito mais recente, pode deixar por último... eu vou fazer perguntas então pode me explicar eventualmente.

Entrevistada 1: Essa aí é a filha dele, mais velha, Cristal. Que morava na época com a gente.

Entrevistado 2: Sou eu aí? Não, não dá pra ver. É (entrevistado 5).

Entrevistada 1: Essa aqui é (entrevistada 4), quando tava recém nascida.

Entrevistadora: Isso tudo já é aqui nessa casa?

Entrevistada 1: É, aqui nessa casa. Eu amamentando (entrevistada 4) aqui.

Entrevistado 1: Só teve essa casa até hoje.

Entrevistadora: Antes da sua primeira gravidez você estava aqui?

Entrevistada 1: Não, quando eu cheguei aqui já tinha 7 meses. Fiquei com ele depois de 7 meses de gravidez.

Entrevistadora: E vocês têm um hábito de pôr a data atrás?

Entrevistada 1: Nem sempre eu ponho a data, mas isso é uma coisa grave, né? Porque eu termino esquecendo. Mas algumas coisas eu coloquei bem. Aqui eu estava grávida de (entrevistado 5). Olha a barriga aqui. Foi aqui no Largo, estava tendo uma festa de São João. Aí eu desci. A sacolinha de amendoim.

Entrevistado 1: Você não conhecia não, né? Amendoim cozido. O amendoim lá é torrado.

Entrevistadora: É verdade, torrado com sal. Vocês passaram na infância, vocês iam muito nessas festas populares?

Entrevistada 1: Sim, todas as festas populares. Minha mãe, sempre levou pra todas as festas de Largo. Em Salvador, tinha a festa da Conceição, que começava em dezembro a e até a última festa que era a festa da margem de Itapuã. E essas festas os pais levavam a gente porque nesse período as famílias todas iam. Chegavam nas barracas], a família inteira assim. A [Lavagem das Escadarias] do Bonfim, a mãe levou a gente e tal. Então a gente participou de todas.

Entrevistadora: E aí quando você teve os meninos, vocês também foram?

Entrevistada 1: Não, aí fui poucas vezes. Porque os meninos não gostava não.

Entrevistado 1: Porque os meninos também estavam em outro momento...

Entrevistadora: E a festa mudou muito?

Entrevistado 1: Mudou sim.

Entrevistada 1: E os meninos não gostavam de aglomeração. Quando chegavam a um lugar eles queriam logo ir embora. Então a gente terminou não indo mais.

Entrevistadora: Mais mudou em que sentido?

Entrevistado 1: Era muito cheio. A Conceição, fechava a rua toda, o comércio todo, não passava mais carros. Hoje em dia, se tem três barracas, já é muito. Era bem mais familiar.

Entrevistada 1: Iam as famílias todas. Antigamente era muito cheio também, mas não tinha essa violência toda. Ficou mais violento. Se alguém desse um palavrão, assim, meu pai tava na mesa com a família toda. Se alguém desse um palavrão, ele ia lá pegar a peixeira... e botava no pescoço. Meu pai era assim. Ele saiu uma vez com a gente no carnaval, as filhas foram pro clube, né? Isso ele lá atrás com minha mãe. Aí um cara mexeu com Sandra. Ele lá... Quando a gente olha pra trás, olha ele grudado no homem. Meu pai era piradão. Eu passava vergonha com ele. Esse aqui foi o primeiro ano de (entrevistado 3), na creche do Ministério da Fazenda. Esse é o aniversário de (entrevistado 3), de um ano, eu tava grávida de você, ó.

Entrevistadora: A diferença de vocês?

Entrevistado 2: Um ano e seis meses.

Entrevistada 1: São seis filhos que eu tenho. É, onde pingar, né. Que nem uma árvore que tem na África, só tem em Madagascar. Que é do Príncipe. Baobá. Nasce o Baobá.

Entrevistadora: (entrevistado 3). Isso aqui é um arte que fizeram com Chantilly?

Entrevistada 1: Foi, foi a gente que encomendou um bolo pra acho que foi a irmã de Silas que fez esse bolo.

Entrevistado 2: Mas que sempre gostaram muito de fazer coisas com meu nome, né? Ah, sempre tem coisa, desde pequeno.

Entrevistadora: E aqui, quem é?

Entrevistada 1: É (entrevistado 1). A gente comprou um carro, a gente foi. Ele foi aprender a dirigir. A primeira vez que ele saiu com o carro, a gente foi no zoológico, chegou lá quando estava fechado. A gente depois foi para Itapuã. E aí (entrevistado 5) estava... Aí a gente foi no carro aqui. Ela trabalhava aqui em casa e era louca por (entrevistado 5). Ela morreu, Zéfinha.

Entrevistado 2: Mas o (entrevistado 5) era muito chato, cara.

Entrevistada 2: E não é assim, dengoso e mimado até hoje?

Entrevistado 2: É, é mimado até hoje. (entrevistado 5) é assim mesmo, ele é assim mesmo.

Entrevistada 2: Todos os irmãos fazem a vontade dele... Você é um verdadeiro caçula, (entrevistado 5).

Entrevistadora: E quem mais tirava essas fotos? Quem lembrava de levar a máquina? Todo mundo?

Várias vozes: Nádia.

Entrevistada 1: É que Nádia comprou a máquina.

Entrevistado 1: Nadia é mais.

Entrevistada 1: Eu era assessora parlamentar, e aí ela adotou um bebê, e nesse dia ela apresentou as pessoas, as amigas dela e tal no condomínio que ela morava aí eu levei meus filhos. Lá no Santo Agostinho, depois que ela foi morar na Vitória.

Entrevistado 2: Quem é?

Entrevistada 1: Aí é (entrevistado 5), aí é a Saubara, a casa da avó. E aí, também naquele dia em Itapuã. Foto horrorosa. Olha o peito, cheio de leite.

Entrevistadora: Aqui é qual?

Entrevistada 1: Aí, deixa eu ver. É (entrevistado 3), lá em casa, não tava morando com (entrevistado 1) ainda não. Eu morava com meu pai. Aí é em Saubara, é em Cabo Sul.

Entrevistadora: É quanto tempo daqui?

Entrevistado 1: Uns 80 km, mais ou menos.

Entrevistada 1: Aí é num bar, se não me engano, ali no Largo dos Aflitos, no Centro da cidade, perto do Campo Grande. No bar com Roberto, no dia que a gente foi pro teatro, lembra? Eu acho.

Entrevistadora: Aqui é (entrevistado 3) e (entrevistado 5)?

Entrevistado 2: Nós dois, é. A gente parecia.

Entrevistada 1: Todo mundo achava que eram gêmeos.

Entrevistadora: Isso aqui é onde?

Entrevistado 1: Aqui é (entrevistado 5), em Ipojuca.

Entrevistada 1: Aqui é uma prima minha.

Entrevistada 2: Aqui é em Cabo Sul, a gente foi visitar uma amiga de sua mãe.

Entrevistadora: Aqui, onde é?

Entrevistada 1: É nesse dia, em Itapoã.

Entrevistado 1: A gente ia de carro. Já tínhamos carro.

Entrevistada 1: Tivemos que comprar um carro, porque eu trabalhava e tinha que botar os meninos na creche e seguir a trabalhar, ganhar a vida.

Entrevistado 1: Só quem dirigia era eu, ela não dirigia não.

Entrevistada 2: Eu tentei, mas...

Entrevistadora: E nessa época, quais eram os deslocamentos que vocês faziam?

Entrevistada 1: Ele fazia pesquisa, e eu trabalhava na Assembleia Legislativa, na Paralela, lá perto do aeroporto. Fiquei oito anos trabalhando lá como assessora parlamentar, com essa deputada do PT. Hoje ela mora em Brasília, Maria José Rocha. O marido dela é delegado lá, de Polícia Civil. Miguel Lucena. Eu trabalhei com ela no sindicato, ela era presidente do sindicato de professores, de licenciados. E eu era a secretária dela nesse sindicato. E aí ela se elegeu e aí eu fui com ela. Eu fiquei com ela, ela fez dois mandatos.

Entrevistadora: E você lembra mais ou menos quanto tempo demorava esses deslocamentos, na época?

Entrevistada 1: Na realidade, às vezes eu ia com ele de carro, e às vezes eu ia no transporte próprio da Assembleia Legislativa. Era mais ou menos uns 40 minutos, daqui pra

lá. De carro, dava o que? 20 minutos, se não tivesse engarrafamento. De 40 a 50 minutos. Os meninos ficaram na creche até dois anos. Depois, quando eu saí da Assembleia, aí a gente colocou eles na escola, que era no Bonfim. Aí pronto, eu ficava levando. E às vezes também havia o transporte escolar. Mas eu ia pra lá de qualquer jeito. Mas eu ia ficar esperando ele sair. E pra vigiar o motorista. Depois, eu tinha discussão com ele, e com a mulher dele. Mãe maluca, né?

Entrevistadora: Tem motivo, né?

Entrevistada 1: Quando saíram do ensino fundamental eles foram pegar ônibus comercial, é isso.

Entrevistadora: Isso aqui era aniversário de quem?

Entrevistada 1: De (entrevistado 5). Eu acho que ele tinha um ano. Não lembro direito, não.

Entrevistadora: E vocês faziam aqui as festinhas?

Entrevistada 1: É, a criançada da rua toda vinha. Eu fazia bolo, viu? Esse aqui caiu na criminalidade e foi assassinado.

Entrevistadora: Posso tirar uma dessa aqui?

Entrevistada 1: Pode, claro.

Entrevistadora: A maioria das pessoas vizinhas hoje são esse pessoal que daqui há muito tempo ou tem muita gente nova?

Entrevistada 1: Muitos foram embora já. Mas se não tá aí, a família tá.

Entrevistado 2: Dona Liza é da época de minha avó também? Mesma época?

Entrevistada 1: Não, a dona Liza é mais nova do que sua avó. Mesma época, na época do pai. Mas eu acho que sua mãe chegou, dona Liza tava aí. Ela é apaixonada por aqui. Aqui é em Brasília, né. Essa gandaia aqui é ele aqui. Olha como ele era lindo.

Entrevistadora: Gente, super jovem, quantos anos?

Entrevistada 1: Devia ter aí vinte e poucos anos, quando eu conheci você cê tinha trinta e três anos.

Entrevistada 2: Aqui não pode ser (entrevistado 1).

Entrevistada 1: (entrevistado 1) era hippo, menina. Cadê Amanda?

Entrevistada 2: Foi buscar cerveja e nunca mais voltou...

Entrevistada 1: Essa menina aqui mora em Brasília hoje, Cati. Aqui é a filha mais velha dele, Cristal. Aqui é outra filha dele, Agatha. Você conhece a Agatha? Ela tava no churrasco, no domingo. É ela aqui, pequeninha. Aqui em Brasília. Ai o bicho grilo.

Entrevistada 2: Família de Gilberto Gil. Meu Deus isso parece (entrevistado 3)... o jeito de andar, o astral, a forma de botar a perna, a bunda assim pra frente, a coluna sempre velha, é pessoal, eu realmente, presto atenção em foto, esse tipo de coisa...

Entrevistada 1: Essa foto ficou horrível, mas ficou ótima. Nossa, muito interessante. Não é?

Entrevistada 2: E não parece seu pai.

Entrevistada 1: Lá na casa do seu pai, quando ele foi morar no subúrbio.

Entrevistado 1: Em Itacaranha? Ah, ficou legal.

Entrevistado 2: Ah, essa foto de Itacaranha. Que estava queimado do sol, né?

Entrevistada 2: Tipo, seu pai não usa barba. Nem cavanhaque, nem bigode. Ou seja, isso muda muito o formato do rosto. E cabelo igual o meu.

Entrevistado 2: Até Ravan tá aqui ó.

Entrevistada 1: Essa mulher aqui que era a deputada. Ela foi para o aniversário de

(entrevistado 3), lá na creche chegou.

Entrevistado 1: Chegou Amanda, aí.

Entrevistada 1: Amanda fabricou cerveja, tava lá fabricando cerveja.

Entrevistado 2: Meu avô tava magro aqui hein.

Entrevistada 3: Meu avô era forte, naturalmente forte.

Entrevistado 2: Olha o peitoralzão

Entrevistada 1: Tadinho do veinho. O veinho não aguenta mais nada hoje. Isso aqui é lá em casa, quando eu morava com meu pai.

Entrevistada 3: Aqui é meu avô.

Entrevistada 1: É. Aqui é meu pai.

Entrevistadora: Último lugar que você morou com seu pai foi no bairro de Roma

Entrevistada 1: Foi não, foi no Uruguai. Aí ele morreu quando eu tava lá. Hoje a casa tá vazia, lá fechada. Em ruínas esperando que alguém compre. Mas a casa é grande, olha a casa antiga, daquelas compridonas. Aí é quando eu trabalhava na Assembleia Legislativa, e essa menina é Moranguinhas, é filha de uma amiga minha, uma professora do sindicato, eu chamava ela assim porque ela tinha essas sardinhas. Aqui é meu irmão caçula, Ricardo. Levei ele para o evento também. Minhas Morangas, hoje estão casadas, nunca mais vi.

Entrevistadora: E quando sua família mudou pra cá, quando construíram, já tinha gente morando, ou era mais mato?

Entrevistado 1: Não, aqui já era comunidade, só tinha esse terreno vazio aqui. Aqui tinha sido um bar, e aí tinha caído, só tinha o terreno. Aqui de lado era uma capelinha que hoje é essa igreja aí, São Domingos. E tinha esse terreno vazio que meu pai comprou e fez essa casa aqui de baixo. Depois que eu construí a de cima.

Entrevistada 1: Olha como era o quarto do meio assim, olha. E o banheiro era assim. É

Guigui aí, é? Aqui? É Guigui? Guigui é vizinha da gente. Aqui é o filho de Geba, você conhece o Flávio? O irmão dos meninos que mora em São Paulo?

Entrevistadora: Não.

Entrevistada 1: É o filho de Geba, entre (entrevistado 3) e (entrevistado 5), tem Flávio. Aí é aniversário. Sempre estava cheio de criança aí.

Entrevistadora: E os meninos cresceram na rua?

Entrevistada 1: Não, cresceram aqui. Esse pessoal todo vinha aqui pra casa, porque eu não deixava eles saírem, então eu trazia a rua inteira pra casa. Fazia uma creche. Era a rua inteira que lanchava aqui. Era sopa, almoço, lanche. Só para os meninos ficarem em casa. Esse menino casou. Você sabia que esse menino casou? Matheus, filho de Raul. Ele está casado hoje.

Entrevistado 1: Ah tá, tá morando em... Tá na Argentina. Foi em Lua de Mel, a (entrevistada 2) me falou.

Entrevistado 2: Rapaz, quanto menino. Não é meninada. Eu não sei se é diferente, não. E tinha vários, né? Tem gente que não aparece muito aí.

Entrevistada 1: Todo mundo tá adulto aí. Hoje, é claro. Lorena tá enorme, Lorena. Olha, Carlinhos, olha o meu irmão aqui nesse. Olha como ele tá aqui, ó. Magrinho. Se você ouvir na rua, acho que não... Não, eu vi baixo quando eu fui na festa.

Entrevistado 3: Não, foi Djavan, acho que não foi Djavan.

Entrevistado 2: Djavan é polícia, né?

Entrevistado 3: É. Acho que ele é polícia. Eu sei que ele é militar, não sei se ele é polícia ou do exército. Eu acho que ele é oficial. Ele é um cargo grande. Mas é oficial, né? Não é praça.

Entrevistada 1: Djavan era falso, né? Era criança, mas já era falso.

Entrevistada 3: Ele era. A gente fez aquele piquenique, né? E tava todo mundo aqui, eu, o Igor, o Vitor, (entrevistada 3)... Tinha um tanto de criança. Todo mundo trouxe um

negocinho, um biscoito, um Ki-suki... Aí ele chegou, não trouxe nada, né? Mas de boa, ficou assim. Aí ele queria pegar o suco lá. Só que ele queria pegar só pra ele, um suco todo. Aí a gente pera aí rapaz, cê chegou agora... E ele é, num sei o que lá... E ele Piú, piú, piú, piú, piú Passou a trombeta aí. Pô, cara, que desce aí. Oxe, ele saiu correndo aqui pra caralho, a gente não vai ver...

Entrevistada 1: Ele é mais velho do que os meninos, né?

Entrevistado 3: E ele era grandão, era alto. Aí ele saiu correndo pra chamar a avó dele.

Entrevistada 1: Teve uma vez que (entrevistada 3) foi jogar futebol com ele e voltou com um feridão, tive que passar Merthiolate. Eu falei, (entrevistada 3), não vai mais brincar com esse menino não, ele é perverso...

Entrevistadora: Vocês têm mais parentes aqui na Liberdade hoje?

Entrevistada 1: Tenho vários primos.

Entrevistadora: Vocês frequentam lá?

Entrevistada 1: Às vezes eu vou lá. Às vezes eles também vêm.

Entrevistado 2: Quem é que mora na Liberdade?

Entrevistada 1: Glória. Uiara. Uirã. Uirã tá sempre no churrasco.

Entrevistado 1: Aquela família que joga baralho, a de André.

Entrevistada 1: É André, meu primo. Olha só, aí é na escolinha deles. Foi o desfile, não foi? No Bonfim. Aqui é Lia, né? Quem tá aqui é a menina Flavinha. Eu acho que é o (entrevistado 5) aqui, né? A cabeça de (entrevistado 5), né? Aqui é uma vizinha nossa com a filha, que estudava na mesma escola. A Flávia hoje é dançarina, bailarina e mora em São Paulo. Pode deixar depois eu arrumo.

Entrevistadora: E vocês se deslocam hoje em dia como, além do carro?

Entrevistada 1: Carro, ônibus, Uber. A pé.

Entrevistado 1: É pouco ônibus, mais carro. Carro ou Uber. Um carro só pra todo mundo. Leva um perto do outro, leva um e traz outro.

Entrevistadora: E quando pega um ônibus, você pega a noite também?

Entrevistada 1: Não, dificilmente.

Entrevistado 1: Só eu e [F2].

Entrevistada 1: Eu tenho medo assim.

Entrevistadora: E aqui é quão longe da UFBA para vocês?

Entrevistado 2: Assim, se eu for pra Ondina de ônibus é quase uma hora, porque ele dá uma volta. Ele sobe centro e não vai direto. Ele vai pela Graça, dá a volta na Barra...

Entrevistada 3: Mas tem outras opções pra ir pra Ondina. Você pode pegar Lapa, aí na Lapa você pega a Garibaldi. Aí vai um processo que é tipo muito mais rápido.

Entrevistada 1: Mas tem um dia que vai direto. Depende também, depende da vida.

Entrevistada 3: Mas, assim, por exemplo, eu... eu tô estudando no Canela agora e às vezes no Vale do Canela. Pra ir pro Canela é de boa, posso pegar qualquer ônibus que vá para o Campo Grande e aí desço ali dá para ir andando para a faculdade. Mas o problema é quando eu tenho aula no vale do Canela, entendeu? Tem uma parte de baixo porque aí é horrível para achar ônibus. Horrible, horrible, horrible. E aí... pode ser que demore, pode ser que não.

Entrevistada 1: Se você pegar a Federação e descer aquelas escadinhas. Eu fazia isso quando eu ia pra aula.

Entrevistada 3: Para descer aquelas escadinhas, também posso pegar Campo Grande.

Entrevistada 1: Só que é perigoso.

Entrevistado 1: Salvador ficou muito perigoso, não era.

Entrevistada 1: Mas já era, olha.

Entrevistada 2: Na UFBA teve vários casos de estupro.

Entrevistada 1: Mas já tinha na época que eu estudava. Imagina hoje como tá. Em todos os campus. Eu fui pra Unicamp. E aí tinha... um bando de segurança, né? Na UFBA não tem muito, não. Mas lá tem um bocado, tem um de moto, tem de cavalo, de tudo. E aí eles diziam, eles não podem ficar aqui não, viu? Aqui é muito perigoso.

Entrevistadora: E o transporte sempre foi ruim?

Entrevistada 1: Não é ruim, mas não é bom. Melhorou um pouquinho por causa do metrô.

Entrevistado 1: Aqui é uma rota que tem um cruzamento, você pega todo Salvador aqui, então aqui você pode ir pra periferia de Varicá, que é São Caetano, com a Liberdade, com Cidade Baixa. Então tem todos os ônibus pra gente, a gente tem uma variedade de ônibus aqui. Suburbana tinha mais de 20 ônibus, de linhas, só da Suburbana. Essa rua aqui da frente, nós somos os primeiros suburbanos, porque o subúrbio tem vários bairros. Mas fizeram um sistema de integração, com o metrô, e tiraram várias linhas de ônibus. O metrô, pra gente aqui, não ajuda em nada. A gente não usa o metrô pra nada, pra escola, pro trabalho. E tiraram as linhas de ônibus. Eu trabalho no centro. E aqui tem muitos carros, muitos carros. Só do Campo Grande pra cá, hoje são...

Entrevistada 1: Aqui, ele morava sozinho aqui, a cozinha como era.

Entrevistada 3: A cozinha daqui?

Entrevistada 1: É, lá de cima como era. Uma geladeira pintada de vermelho. Era uma porta de bombeiros, que era uma porta de madeira que ele começou a pintar de vermelho de um lado e esquecer do outro. Ninguém entendia. Ele dormia no chão, aqui ó, o colchão, só tinha esse colchão. Aqui a cozinha de lá de cima, como era. Todo mundo aqui sentado no chão. E aqui é um amigo nosso, uma colega nossa da UFBA. Lea. Ela foi lá da minha sala. Mas ela conhecia Geba e eu não sabia. Aqui é o cunhado e a cunhada pode... É. Aqui tinha, aqui embaixo na garagem, era um pé de araçá. Uma goiabeira, eu acho. A casa de Geba era

cheia de amigos, todo dia tinha festa, gente jogando. Quando eu vim pra cá era assim. O dia inteiro ele cozinhando nesse fogãozinho dele. Olha como ele era magrinho. Olha os irmãos, o irmão com a namorada, ficavam namorando em cima, no colchão de cima. Porque a mãe não gostava dela, aí ficava namorando lá em cima.

Entrevistadora: E aqui?

Entrevistada 1: Aqui é no teatro Gamboa. Eu estava grávida de (entrevistada 3) aí. A gente foi assistir uma peça no teatro Gamboa. Aqui é em Saubara. Agatha aí. Você viu viu essa aqui? Aqui ainda é naquela casa da minha da minha chefe, no condomínio dela. Ainda Itapoã, Abaeté. Aí é em Ipojuca, na casa da minha irmã, quando eu morava lá. Aqui é o nosso carro. (entrevistada 3) fazia tudo que eu fazia, ficava me imitando, olha ele lavando o carro. Eu não sei se eu vou ter data. Olha o cabeção de (entrevistada 3) aí. Que bonitinho o cabeção dele.

Entrevistadora: Isso aqui era onde?

Entrevistada 1: Aí era no condomínio da minha chefe.

Entrevistadora: Ah, sim.

Entrevistada 1: Aqui é em Santo Agostinho, próximo a Brotas. Aqui também estão as filhas dele. É Samuel aqui?

Entrevistado 2: É amigo de Anya.

Entrevistado 1: Trabalhei com ele na Assembleia Legislativa, ele era muito bacana.

Entrevistado 2: Ele era militudo.

Entrevistadora: E isso aqui, é onde?

Entrevistada 1: Ah, não sei não. Aqui é o irmão de Geba, Jarbas, não sei, deve ser em Cabo Sul. Aí é Flávio, filho dele. Eu não sei onde.

Entrevistadora: Isso aqui é na festa da chefe né?

Entrevistada 1: Sim. Aí é em Itapoã. Aí é minha irmã segurando.

Entrevistada 2: [Chega alguém] Aí é a matriarca. O Moisés está aqui. O Moisés não tem entrada?

Entrevistado 2: Essa foto é massa, meu pai careca, feio pra porra.

Entrevistada 1: Geba dá umas loucas e corta o cabelo todo.

Entrevistado 2: Pô, essa menina, como é o nome dela? É... Maiara, não? É... Como é o nome dela? É irmã de Maiara. É irmã de Maiara, como é o nome dela?

Entrevistado 3: Julia?

Entrevistada 1: Agora puxa. É minha irmã, ela. Minha irmã e meu cunhado. Ela é Flora. Eu falei que tá lá em casa, ela como viu, ela tá internada. Ela é de Brasília, está fazendo o trabalho dela de mestrado. E aí está fazendo entrevista com famílias de bairros populares.

Entrevistadora: Eu já tô chegando ao fim, só vou pegar mais umas fotos de vocês na cidade. Posso tirar uma foto geral? Pra vocês mesmo. Esse é o Shopping Bahia, né? Vocês iam muito passear?

Entrevistada 1: É sim, eu ia muito passear, agora já não vou mais tanto. Eu adoro shopping.

Entrevistadora: Essa foto é onde?

Entrevistada 1: É aqui na frente.

Entrevistado 3: Quem é aí?

Entrevistada 1: É Cristal e Agatha.

Entrevistado 2: Cristal, Agatha e Eu. E essa pedra até hoje, no mesmo lugar. Não sai daí. Essa pedra é maior que tudo, mais velha que tudo.

Entrevistada 3: Um desavisado chega aí...

Entrevistada 2: Uma pedra pré-histórica. É um recorte histórico, é historiografia mesmo.

Entrevistada 1: Aí é no shopping do Bahia.

Entrevistada 2: Não, aí é no Iguatemi. E aí foi Lula Livre?

Entrevistada 1: Eu soltei Lula e ele não me deu um ministério. Eu saí pela Saubara de biquíni gritando Lula Live, embriagada, doidona, correndo, fazendo uma louca. O povo reuniu... Fizeram uma caminhada até Brasília...

Entrevista Família G

Entrevistadora: Você tá morando aonde?

Entrevistada: Atualmente eu estou nômade...(risadas) mas onde eu moro em salvador e na região de Velho de Brotas... Melhor bairro do mundo.

Entrevistadora: Você nasceu lá?

Entrevistada: Nasci em Irará, Bahia que fica 200 km de Salvador perto de Feira de Santana mas eu moro em Salvador desde os 3 anos de idade então me considero soteropolitano.

Entrevistadora: Seus pais são de quais estados?

Entrevistada: Meus pais são todos baianos também. Os dois são de Irará também vieram para Salvador quando eu tinha 3 anos de idade isso foi anos 2000, 2001, mais ou menos.

Entrevistadora: O que motivou a mudança para Salvador?

Entrevistada: Oportunidade de trabalho.

Entrevistadora: Assim que vocês foram para Salvador, vocês já se mudaram pro Engenho Velho?

Entrevistada: Não, a gente foi morar em Jardim Nova Esperança que é um bairro que fica às Margens da Antiga Estrada Velha do Aeroporto. A gente ficou lá por 4 anos depois a gente foi para São Cristovão que fica perto do aeroporto. E aí quando eu fiz 17 eu saí de casa e fui morar no Engenho Velho de Brotas então morei nesses três bairros em Salvador

Entrevistadora: Você tem memória visual ou sensorial de como era no Jardim Nova Esperança?

Entrevistada: Visual, eu me lembro que era um bairro bastante novo, que ainda tava nascendo porque era um bairro de invasão. Em Salvador a gente, pelo menos antigamente, não usava nem a palavra “favela” e nem a palavra comunidade. Geralmente era invasão. Jardim Nova Esperança era uma invasão recente, era num lugar, se eu não me engano, uma

reserva de Mata Atlântica. E aí as famílias foram invadindo, construindo casas então era um bairro com ruas de Barro, casas de Alvenaria clássicas que a gente conhece pelas imagens de favela: sem reboco, telhado de atabique eram envoltas por muita mata e Floresta

Entrevistadora: Você se lembra de andar pela Floresta e ter contato ativo com esse espaço ?

Entrevistada: Não, porque era morro...era bem em pé assim (gesticulando com as mãos sinalizando uma parede bem íngreme) então para entrar lá era meio difícil que as casas eram o fundo da Floresta então não dava...não dava meio que para descer porque as casas formavam meio que uma Muralha.

Entrevistadora: O que mais você lembra dessa época?

Entrevistada: Aos domingos tinha o Paredão que fechava a rua inteira e vários carros paravam e abriam os fundos. Geralmente começava no fim da tarde. E para sair de lá se, eu não me engano, só tinham duas linhas de ônibus: Estação Mussurunga e a outra Estação Pirajá que são duas grandes estações de ônibus de Salvador. É um bairro Preto. Então só tinha gente preta lá...Isso era visível...e eu lembro que a umas duas casas da casa que a gente morava uma senhora que ela era de Candomblé. Eu nunca tive informações mais aprofundadas além de lembrar que ela era de Candomblé. Sempre que tinha de São Cosmo Damião, ela dava caruru e aí todas crianças da rua iam para lá, ela botava comida na bacia e enfim fazia toda a tradição, dava os doces e a gente comia então é uma memória bem forte que eu tenho de lá também.

Entrevistadora: Nessa época era tranquilo para as crianças irem ao terreiro? Os pais iam? Achavam tranquilo a ida das crianças nesse espaço?

Entrevistada: Sim, era tranquilo. A rua toda se envolvia e não existia o que a gente conhece como “intolerância religiosa”, um certo preconceito...não lembro de ter igrejas próximo, nem católica, nem protestante. Então de figura religiosa só tinha essa senhora que era macumbeira que era de Candomblé. E aí quando ela fazia coisas a rua, as crianças e as famílias, todo mundo sempre a respeitava e também participava do que ela realizava na casa dela.

Entrevistadora: Você acredita que essa diferença entre o cenário de hoje com o cenário mais antigo sobre essa receptividade do Candomblé com essa senhora ela tem a ver mais com uma distância histórica?

Entrevistada: Ah sim, com certeza, o protestantismo não tinha tomado de conta a cidade de Salvador. Como era um bairro recente, essas igrejas e esses grupos religiosos eles ainda não tinham chegado lá então as pessoas, pelo menos da minha memória de Infância né, pareciam que se agarrawam ao que elas tinham mais próximo da realidade delas e muito provavelmente já que elas tinham muita tranquilidade com essa senhora elas frequentavam outros lugares também né, ou na família delas já tinham essa tradição familiar de frequentar espaços de Candomblé né.

Entrevistadora: A sua família tem alguma tradição nesse sentido?

Entrevistada: Tem, é por parte da minha mãe, só que minha mãe nunca cultuou por que...Por que a história da minha mãe é bem complicada. Minha mãe tem a mãe dela biológica que é a relação que a gente tem com o candomblé. E aí, a mãe biológica dela deu ela para uma mulher que ela não conhecia que era... que é a minha vó, que é a minha vó Maria que já faleceu que ela morava em Irará. Minha Avó Maria também era do Candomblé e é a minha vó de consideração junto com meu avô Milton Preto. Então tanto na família biológica da minha avó quanto na família da minha avó de consideração ambas eram de Candomblé. E aí a minha mãe tinha essa relação só que na adolescência dela ela acabou indo pro catolicismo, né, fez comunhão, todas essas coisas e acabou se afastando um pouco...mas não era algo que ela tinha problemas. Ela frequentava, participava, comentava sobre, mas não era algo que estava no cotidiano da vida dela assim. Então, de uma certa forma, a gente tinha uma relação sim.

Entrevistadora: Depois dessa experiência na Infância com essa senhora da sua rua, já que sua família já tinha uma ligação, você sente que sua relação com candomblé mudou e ficou mais forte? Como isso te acompanhou durante a vida? Você já frequentou, frequenta...?

Entrevistada: O que aconteceu é que quando a gente saiu de Jardim Nova Esperança e a gente foi para São Cristovão, a gente perdeu totalmente esse contato. Então por que a gente conhecia. Só que por muita coincidência a casa que a gente se mudou em São Cristovão que era na Rua Lauro de Freitas, do lado da nossa casa, o muro colado na nossa casa era de um terreiro de candomblé, um terreiro enorme. Mas e aí, como a gente não conhecia as pessoas a gente acabou não criando uma relação. E aí o grande problema que acontece é que a gente foi morar numa vila onde todas as pessoas que moravam nessa vila elas eram evangélicas da Assembleia de Deus. Acabamos fazendo amizade com essas famílias, com essas pessoas e a gente ficou lá por quase 10, 12 anos e foram com elas que a gente criou um vínculo então meio que a minha relação e a da minha família que a gente tinha com o candomblé ficou de lado e a gente começou a estar mais próximo dessas pessoas evangélicas. Não iamos pra

igreja deles nem nada mas enfim por conta da convivência a gente acaba sabendo sobre cantores, a gente via eles saindo de domingo para ir pra igreja... Então essas coisas acabam influenciando a nossa visão, o modo como a gente olha as pessoas. Eu me recordo que tocava candomblé do lado da minha casa e eu me tremia horrores assim, de ficar bastante eufórica , de não saber o que estava sentindo... isso (enquanto eu era uma) criança né, e aí que eu meio que sentia medo e admiração ao mesmo tempo, não sabia identificar o que era que eu estava sentindo, mas sei que mexia comigo. E aí quando eu pro Velho de Brotas, aí foi que eu voltei a frequentar candomblé então hoje eu frequento e eu sou Abian.

Entrevistadora: É bonito ver esse ciclo

Entrevistada: Sim, foi uma montanha russa

Entrevistadora: Voltando um pouco para sua primeira casa em Jardim Nova Esperança, sua família se deslocava via ônibus ou algum outro meio?

Entrevistada: Somente ônibus

Entrevistadora: Qual é a sua memória dessa relação com o descolamento, com esse transporte?

Entrevistada: Criança eu lembro que os ônibus eram péssimos como sempre foram os ônibus de Salvador. Eu lembro que minha mãe sempre pedia para eu passar por debaixo da catraca. Então eu passava me arrastando por debaixo da catraca e eu saia de Jardim Nova Esperança geralmente era para quando a gente ia na praia. Ou sábado, ou domingo, um dia ou outro. Juntava a minha família e a família do meu tio que é irmão do meu pai que morava numa casa em frente a nossa aí a gente saía de Jardim Nova Esperança e ia geralmente para Itapuã. E aí era uma viagem longa de, mais ou menos, na época já deveria ser 1 hora e meia de viagem para chegar na praia porque é o movimento né, de esperar o ônibus e aí final de semana todo mundo querendo ir pra praia. Aí pegar ônibus, ir pra estação de transbordo que era a estação Mussurunga e da estação Mussurunga pegar outro ônibus para ir para o Itapuã. Então tinha esse movimento e aí geralmente a gente saía 8-9 horas da manhã de casa e voltar e aí quando a gente voltava já era 6-7 horas da noite que enfim a gente aproveitava o dia, passava o dia na praia. E essa era a programação que a gente mais fazia com frequência assim de lazer.

Entrevistadora: Como você descreve São Cristovão quando vocês se mudaram para lá ?

Entrevistada: São Cristovão já era um bairro mais envolvido e tinha muito comércio, São Cristovão é um bairro muito comercial. Lembra muito os bairros de Pau da Lima, São Marcos, esses bairros que são, que é basicamente uma avenida principal, que Salvador é assim né, tem a avenida principal e aí todas as residências elas são construídas ao redor dessas Avenidas e aí São Cristovão é a mesma coisa. E aí a avenida principal é cheia de escolas, banco, comércio, comércio de rua e o restante é casa, casa, casa, casa. Então era um lugar era mais desenvolvido que Jardim Nova Esperança. Passava muito ônibus porque todos os ônibus dos bairros pequenos tinham que passar por lá então já era um bairro isso mais desenvolvido e é só.

Entrevistadora: Como vocês se deslocavam em São Cristovão?

Entrevistada: Ônibus, de ônibus também... Só que lá em São Cristóvão já era mais tranquilo para se locomover a pé porque a gente tinha tudo próximo: Mercado, posto de saúde, escola então tanto eu quanto minha mãe quanto meu pai a gente fazia tudo a pé. O trabalho do meu pai inclusive é lá em São Cristóvão então ele trabalha no mesmo lugar há 25 anos. É nesse espaço que ele tem lá em São Cristóvão que ele é técnico de som automotivo né, conserta som de carro. São Cristovão é um bairro que tem muita oficina de carro né, muita loja que vende pneu enfim serviços automotivos porque como é perto do aeroporto e aí tem a Avenida grande né, a Dorival Cayme, então passa muito carro tem um fluxo muito grande então é um bairro que tem essa característica né, de ser comercial e de ter muitos Serviços Automotivos também.

Entrevistadora: Quando você se mudou para São Cristóvão você iniciou sua vida escolar nesse bairro? Qual sua relação com os locais que você morou e a sua vida escolar?

Entrevistada: Sim, toda minha alfabetização eu fiz em Jardim e toda a minha educação do ensino básico, Fundamental e Médio eu fiz em São Cristovão em duas escolas específicas: da primeira até a quarta série foi no Pedro Veloso Gordilho e o Fundamental e o médio eu fiz no Colégio Estadual José Augusto Tourinho Dantas que na época era dirigido por uma professora negra né, retinta, olha ela ficou famosa porque ela conseguiu tornar esse colégio que era da quinta série até terceiro ano em uma referência no bairro. Inclusive Regina Casé, eu acho que foi em 2006 ou 2005, ela foi para lá fazer uma entrevista nesse colégio que era um programa que ela tinha no sábado porque era um colégio muito famoso, era um colégio público e por conta da direção dela foi colocado o colégio no mapa das melhores escolas públicas de Salvador. E aí o Tourinho Dantas ele ficava no meio de uma favela enorme que era a favela do Parque São Cristovão. E aí todo início de ano para poder fazer matrícula, as

mães elas ficavam na fila por dias dormindo para tentar vaga porque era muito difícil de conseguir vaga lá. E aí eu lembro que a minha mãe só conseguiu vaga lá porque ela conhecia o segurança da escola. Aí esse segurança conseguiu duas vagas uma para mim e uma pra amiga da minha da minha mãe né. E aí a gente acabou conseguindo, e aí eu entrei nesse Colégio em 2007 e só saí de lá em 2014 que aí completei todo o meu Ensino Fundamental e Médio lá. Então nunca sai e parei para estudar em outro lugar.

Entrevistadora: Você é filha única?

Entrevistada: Não, tenho mais dois irmãos. Um de 21 e o outro de 16.

Entrevistadora: Você citou que as mães que dormiam na fila como você enxerga esse cenário sócio afetivo dessas mulheres que moravam no seu bairro nesse período? Eram mães que não tinham outra pessoa acompanhando?

Entrevistada: muito próximas, muito próximas, porque geralmente a gente chamava elas de tia né, por conta da relação que elas construíam umas com as outras e como geralmente a maioria delas eram do Lar né, ficavam em casa com a gente então elas meio que tinha mais tempo de poder confraternizar, celebrar, dialogar entre si do que os homens né. Geralmente os homens chegavam já à noite enfim naquele desenho clássico de família assim né. E aí chegava noite e as nossas mães tinham mais relação...mas essas mães que dormiam no geralmente na fila da escola a minha mãe não tinha muita relação porque na verdade eram Mães de várias ruas e de vários lugares diferentes, mas pelo que eu me recordo elas se comunicavam entre si para fazer essas coisas de burlar o sistema, conseguir vaga, conseguir farda e tentando resolver a vida da maneira que elas conseguiam. Então para mim eu nunca vi relações de competição entre elas Assim entre as mulheres pelo menos das quais eu tinha relação. Nunca havia relação de competição era muito de de solidariedade mesmo de uma ajudando a outra de uma dando suporte quando faltava comida. Eu sempre vi que minha mãe dava, o que a minha mãe ia buscar quando o gás acabava minha mãe ia cozinar na casa de uma delas, enfim esses múltiplos cuidados eu sempre vi que eram muito presentes na vida delas e nas nossas vidas. Ela na frente da porta final da tarde pelo menos até os meus 15, 16 anos era uma coisa muito comum porque são crist ainda não era perigoso então a gente geralmente, sentavam as nossas mães né. E aí as minhas amigas ou ia brincar no quintal ou a gente ia brincar na rua então esse momento ele era tradição assim de aí dava umas 3 horas da tarde aí todas elas pegavam um banquinho uhu trazia algum lanche, trazia alguma comida, sentava na porta de casa e ficava até o sol se pôr assim aí quando começava a novela das 6, todo mundo ia para dentro de casa de novo.

Entrevistadora: Você estudava perto de casa ponto de ir a pé nesse período de São Cristóvão?

Entrevistada: Menina, Salvador tem uma cultura de que a gente gosta de bater perna né então é relativo dizer se era perto ou não. Eu ia andando mas levava 30 minutos para chegar na escola. Então hoje eu não consigo dizer quantos quilômetros era... eu acho que deveria, porque eu era criança né, então minhas pernas eram mais curtas então uns 2-3 km de distância, mas eu lembro que eu tinha que sair 30 minutos antes para poder chegar na escola e aí andando mas era na parte mais distante de São Cristóvão que o colégio o segundo né, que eu estudei, ele ficava numa comunidade e era bem mais difícil de chegar lá. Agora o que ia da primeira até a quarta série em São Cristóvão também ele era na avenida principal então eu levava 3-4 minutos para chegar lá. Não pegava ônibus porque meus pais não tinham dinheiro para pagar o meu transporte nem de ida e nem de volta e por isso que eu ia andando

Entrevistadora: Como era esse caminho que você fazia andando?

Entrevistada: era seguro, era iluminado, era asfaltado uma parte outra parte era de barro. Para chegar nos metros finais da escola a gente tinha que descer um morro e atravessar um caminhãozinho de barro porque era do lado de um rio que é o rio Ipitanga que já tava poluído na época né, que já era esgoto. E aí a gente tinha nos metros finais a gente tinha que passar por esse por esse morro passar por esse matagal e aí a gente entrava na escola. Mas era geralmente quente porque o sol de Salvador e aí eu saía de casa 12:30 e aí fazia esse trajeto caminhando, mas era super era tranquilo assim não tinha tanto problema não.

Entrevistadora: Quais eram os lazeres de São Cristóvão?

Entrevistada: Continuava sendo o mesmo lazer - Praia nos finais de semana, Itapuã E uma vez ou outra, de vez em quando a gente ia no zoológico. Só que aí lógico em Salvador ele já fica na parte nobre da cidade, então era um movimento de se organizar, todo um planejamento para a gente chegar no zoológico. Era quase 2 horas porque como ainda não tinha metrô aí a gente tinha que pegar dois ônibus também, um pra Estação Mussurunga e depois outro para Ondina que é onde zoológico fica. Então eu lembro que era praia, zoológico de vez em quando a gente também ia no aeroporto. É uma memória que eu tenho muito frequente na minha mente também e da gente chegar ia no aeroporto que era perto aí a gente ia ver os aviões decolar e a gente nem entrava no saguão né, a gente só ficava do lado de fora e a gente ficava vendo decolando e aterrizando né. Eu acho até incrível isso hoje porque foi

uma, enfim, essas as coisas que a gente vê na infância e que acabam na nossa vida adulta assim. Por conta né, esse estímulo que os nossos pais nos dão uma festa de aniversário que tinha muita porque na minha época tinha muita criança então a gente ia para todos os aniversários então todo mês de aniversário então era um lazer frequente.

Entrevistadora: Aquele bolo dos anos 90...se bem que foi anos 2000 que tinha os bolos mais decorados.

Entrevistada: eu peguei a transição desses bolos pros bolos com mais glacê, bolos decorado... mas era um lazer presente mesmo, a gente tinha muito aniversário todo mês, tinha um aniversário diferente era uma coisa comum abrir a geladeira e ter resto de de brigadeiro, de beijinho, né. É uma coisa bem frequente.

Entrevistadora: Com 17 anos, você se mudou para Engenho Velho de Brotas?

Entrevistada: Sim, eu me mudei para Engenho Velho

Entrevistadora: Até então você morava com sua família ou sua família também foi para lá ?

Entrevistada: Eu fui sozinha pro Engenho Velho porque aí eu passei na UFBA artes cênicas né, fui fazer teatro e aí como a escola de teatro ela fica no centro de Salvador né, ali no Canela perto de Campo Grande, eu fui pro Engenho Velho porque era o bairro mais próximo. E além disso dos meus 14 aos 15 eu comecei a minha vida política né, a me entender indivíduo assim na sociedade e aí no final do meu ensino médio entre o meu segundo e terceiro ano do ensino médio eu comecei a entrar no movimento secundarista e aí peguei aquela época que a nossa geração ainda tinha energia para ir pra rua aí a gente né 2013 quando teve ação dos 20 centavos, fez várias manifestações para poder conseguir dinheiro pra nossa escola. Então foi um momento que eu já tava assim me entendendo no mundo né, E aí quando eu fui para pro Engenho Velho de Brotas uma das coisas que me prendeu ao bairro também é que no bairro tinha que era uma das sedes da “Reaja ou será Morta, Reaja ou será morto” que é uma das organizações negras mais importantes do país. E aí eu fui para lá por conta da organização também, então foram esses dois motivos: A universidade e essa organização tava lá e aí que acabaram fortalecendo essa minha relação com o bairro do Engenho Velho de Brotas

Entrevistadora: Antes de você se mudar para lá, você já tinha uma relação com a organização como você participava?

Entrevistada: Eu estava começando a construir, eu comecei a conhecer eles em 2015 quando aconteceu a Chacina do Cabula e aí começou uma grande mobilização tanto da organização quanto do movimento negro em Salvador e aí eu comecei a participar dos espaços né comecei a conhecer as formações enfim todas as mobilizações que o MNU fazia na época. E aí por conta disso eu comecei a me tornar íntima e bastante participativa desses espaços e aí conheci as pessoas e quando eu passei na universidade eu já tinha uma relação com todo mundo eu uni essas duas questões né. No centro da cidade para tá mais próximo da faculdade e de também estar no bairro para poder construir essa relação com com a organização lá.

Entrevistadora: Entendi e a qual sua relação com a universidade a partir do momento que você ingressou, desde as suas relações interpessoais até as suas relações com o espaço?

Entrevistada: Como foi minha relação.... Foi péssima) mas foi de.... conflito, indignação, ódio, despertamento. Eu não me sentia pertencendo à aquele espaço porque a escola de teatro era na época né muito branca então só tinham alunos brancos e as cotas...

Entrevistadora: Isso foi em que ano?

Entrevistada: Desculpa, isso foi em 2015, Julho de 2015. E aí as cotas na elas ainda estavam Engatinhando né, que a Ufba se eu não me engano ela implementou entre 2012 e 2013 as cotas raciais e aí ainda tinham muitos poucos estudantes negros ingressando na universidade ainda não era como a gente tem hoje e aí a escola de teatro era muito branca e aí foi nos primeiros meses assim.... foi uma relação bem difícil porque como eu já tinha uma relação com o movimento negro né de conscientização quando eu entrei na faculdade eu falei assim “ Isso aqui tá tudo errado” e lá dentro eu me juntei com outros estudantes negros e a gente acabou criando mobilizações lá dentro também dentro da escola de teatro para poder, discutir e debater pautas raciais lá dentro né, enfim as questões clássicas de não ter autores negros de escola de teatro, não pautar artistas negros, não construir peças de teatro, não ter diretores, artistas, técnicos elencos que representassem a população de Salvador. Então fatos que eu coletivamente com outros colegas outros estudantes da época a gente construiu lá dentro então não foi um.... eu nunca tive o prazer de estar dentro de uma universidade que geralmente os brancos ou os jovens de hoje...o jovem de hoje também não que eu acho que eles nem tem esse prazer. Acho que a gente nunca teve esse prazer de estar dentro da Universidade mas isso que os brancos contam né, a universidade é muito linda o semestre e tal, nunca senti isso. Sempre foi um lugar de muito confrontamento e de dar aquele respiro assim antes de sair de casa para chegar lá na escola de teatro. E com o espaço

físico...não sei como é... deixa eu, deixa eu, deixa eu ver aqui eu vou...eu não sei, não consigo formular nada a respeito dos espaços físicos não.

Entrevistadora: Quando eu pergunto do espaço é, por exemplo, uma universidade que tem muito muita área ampla muitas distâncias entre os prédios e é muito vazio nessas distâncias ou então tem Universidade que é toda cercada tem outras que são todas abertas Ou então o caminho que tem que fazer para chegar na parte que eles querem que você entre, se você sente bem ou sente mal...

Entrevistada: Entendi, eu não tinha dificuldade porque as escolas de artes da UFBA no centro elas estão num espaço extremamente desenvolvido assim né, em relação ao restante da cidade então elas meio que se confundem com os outros prédios que estão por ali então que não tem relação com a UFBA ela passa desapercebido sem saber que aquilo ali é um prédio acadêmico assim de universidade pública.

Entrevistadora: Sim Isso é verdade

Entrevistada: Então é eu nunca vi, nunca tive dificuldades para me locomover e sempre enxerguei pelo menos as escolas de artes da UFBA muito Integradas ao urbanismo da Cidade ao centro da cidade então é acho que é Isso.

Entrevistadora: Você já se formou?

Entrevistada: Sim, já me formei

Entrevistadora: Formou em que ano?

Entrevistada: Me formei em 2020.

Entrevistadora: Durante a pandemia?

Entrevistada: Isso, no primeiro semestre da pandemia.

Entrevistadora: Durante a sua Vida Universitária qual era o seu lazer em Salvador?
Durante a Minha Vida Universitária: Praia, praia.... E aí como eu já tava no centro, eu já comecei a frequentar teatros, cinemas, museus que mais... ? E eventos que aconteciam no

Engenho Velho ou no Centro de Salvador relacionado a alguma uma questão Cultural de datas que a gente tinha na cidade, né. São Cosmo da Damião, lavagem do Seu Senhor de Bomfim... enfim, 2 de Fevereiro São João, engenho velho tem um samba junino muito forte então São João no Engenho Velho enfim as datas tradicionais e comemorativas que Salvador já tem assim né então basicamente era isso praia, cinema, Museu, teatro e os eventos tradicionais de Salvador.

Entrevistadora: Quais praias você ia nessa época?

Entrevistada: São as praias que eu frequento até hoje né, que é Ondina, as praias do Rio Vermelho, Gamboa, as praias da Cidade Baixa, Ribeira, a ponta do Maitá,Cantagalo, as praias do subúrbio também, Tubarão, Paripe, Periperi, São Tomé, São Tomé de Paripe. Enfim a universidade ela acabou, não a universidade, mas circular no centro da cidade me possibilitou poder conhecer a cidade de uma maneira que eu não que não conhecia ao longo da minha infância e adolescência. Então eu tinha mais energia, tinha mais disposição, curiosidade de ir me embrenhando em tudo quanto era em tudo quanto era lugar então eu ia descobria, descobrindo, descobrindo.

Entrevistadora: A faculdade que abriu essa Porteira.

Entrevistada: Abriu. Essa porteira exatamente é o movimento de sair debaixo das asas dos pais, ganhar autonomia, ganhar independência e começar a construir as nossas identidades. então eu considero muito que esse movimento junto com essa minha relação com Salvador né, com os movimentos políticos e negros de Salvador moldaram a minha percepção e a minha relação com tanto com Engenho Velho de Brotas que eu considero que é a minha casa que é a minha comunidade tanto quanto a cidade, com cidade em si, né. Então eu sempre olhei Salvador por um lugar muito por um viés muito crítico então poder circular nesses espaços diversos economicamente racialmente falando era muito, foi muito importante para mim né, e Salvador tem essa característica, pelo menos o Engenho Velho de Brotas, a maioria...todas as comunidades negras de Salvador são esses bairros, essas comunidades racialmente apartadas né, então você percebe quando você desce morro que aí você atravessa uma rua e aí você vai por exemplo para Nazaré percebe o abismo social e econômico que essas duas comunidades têm assim aí você começa a ver mais pessoas branca, você deixa de ver....as pessoas pretas elas estão em todos os lugares em Salvador, mas você começa a ver outras pessoas que não-negras circulando pela cidade, então isso também é um fator bem interessante assim.

Entrevistadora: Excluindo a praia, você costuma a ir em algum lugar turístico?

Entrevistada: Não. Não vou no porto da Barra, não vou no Pelourinho. Não vou, que mais... Turístico em Salvador é só isso. Só isso, Pelourinho e Barra que não são lugares que fazem parte do meu cotidiano. Eu posso passar por eles para ir para algum outro lugar que eu vá por exemplo para ter lazer, para curtir. Não é um território assim que eu frequento.

Entrevistadora: E por que não faz parte do seu cotidiano?

Entrevistada: porque eu considero que a forma como eu me articulo, me comunico e vivencio a cidade....eu acho é muito mais pertinente nos bairros em que eu me sinto

mais afetivamente abraçada né, que é o Engenho Velho de Brotas. E os outros bairros que eu circulo geralmente são a trabalho então que aí são os teatros que estão no centro de Salvador né ali na região da Avenida da 7, 2 de Julho, Campo Grande, mas que eu vou muito com o intuito e com um foco de trabalho. Então eu vou para um determinado prédio, eu vou para uma determinada função e aí eu acabo me relacionando com esses espaços mais com trabalho e onde eu me relaciono afetivamente é no bairro onde no bairro onde eu fico que é no Engenho Velho de Brotas que é ali próximo do Dique do Tororó. então é onde eu tenho amigos, é onde eu

tenho famílias estendidas então é onde eu me sinto bem né andando na rua para comprar um pão onde a gente sai fala com todo mundo “bom dia, não sei quem!” “Bom dia, Dona Maria” E aí é o lugar que eu me sinto mais confortável de estar assim.

Entrevistadora: Qual você conseguiria citar um lugar seria que você se sente mais desconfortável ?

Entrevistada: Corredor da Vitória, Graça, Pituba e Itaigara que são todos os bairros de classe média alta. Todos eles, não consigo pisar em um desses bairros e dizer assim: estou bem aqui. Não é uma sensação que me chega em momento nenhum.

Entrevistadora: E na sua compreensão, por que você sente isso?

Entrevistada: porque tem muita gente branca (risadas) Branca mesmo assim gente que você nunca viu circulando em nenhum outro lugar de Salvador aí você se sente deslocada porque eles não falam como você, eles não pensam como você, não vivem as mesmas coisas

que você, então é a gente se sente estranhas do ninho.

Entrevistadora: Você sente que os espaços desses bairros também te dizem algo como quando a gente entra em um shopping e você entra e a luz do shopping, a calçada, a planta te fala assim: Sai daqui agora!

Entrevistada: Sim, Salvador é desenhada desse jeito né. Salvador tem uma geografia que lembra muito as dos bantustões da África do Sul no período do apartheid. Porque você nitidamente vê onde as pessoas de determinada raça vivem e onde outras precisam se locomover e onde outras precisam trabalhar é isso é muito nítido em Salvador. Esse cenário né, que se pinta de Salvador ser essa cidade negra racialmente perfeita né, esse paraíso negro racial é uma falácia que não existe. Porque basicamente 90% das pessoas pretas de Salvador são pobres, são de baixa renda e vivem uma realidade muito miserável então quando a gente se locomove para esses bairros e esses espaços específicos que são muito vibrantes assim no sentido de dizer assim olha você não é bem-vinda nesse território aqui então nem bote os pés aqui dentro, que aí por exemplo são os bairros né, são os bairros.... não, são os Shoppings da Barra, Shopping de Salvador, o Shopping Bela Vista que são shoppings feitos para... você nitidamente vê que é para pessoas brancas e para uma classe mais alta de Salvador. Além dos bairros que são residencialmente você vê que são bairros de luxo e aí você sente isso pelo que você acabou de dizer né, as ruas são muito limpas, as calçadas são muito perfeitas e aí em algum momento você se pergunta e eu acho que isso não é só uma reflexão crítica minha mas eu acho que as próprias pessoas comuns que geralmente não fazem esse movimento crítico né, de pensar sobre isso, elas sentem porque se você vai para um bairro que você visualiza que ele tá muito perfeito, que ele tá muito Limpo, ele tá organizado ,você sente que aquele modelo de lugar ele não é para você você se sente mais pertencente a um bairro que tem sujeira, que tem bagunça, que tem violência, que tem problema porque aquilo que você tá acostumada e acostumado a se relacionar. Então quando você faz esse movimento você se sente repelida porque você tá num lugar muito perfeito que não dialoga com o bairro com as pessoas, com o lugar que você vive. E aí você só quer que aquilo ali passe ou que aquilo acabe. Então eu acho que é uma sensação bem louca assim de ver isso assim né, E aí eu tô falando isso porque são conversas que naturalmente, se você sentar com uma baiana de Acarajé que vende em um desses bairros ela vai te dar depoimentos muito próximos ou similares a esse. Você perguntar o Gari que tá varrendo o Corredor da Vitória ele também vai dizer. Ah não, eu prefiro a liberdade, eu moro no subúrbio, eu prefiro lá por causa de tal e tal disso então você sente que elas não se sentem confortáveis nesses lugares né, e Salvador, ela é muito violenta nesse sentido, porque ela usa essas pessoas e ela não consegue, falando de geografia de território, ela não consegue abraçar as pessoas da mesma maneira então

eu acho que é um dos movimentos assim que eu sinto quando eu me desloco entre esses territórios mesmo hoje tendo ascendido...não ascendi economicamente a ponto de dizer: posso ter uma apartamento nesses bairros mas não me localizo mais na mesma classe social e econômica que eu vivia durante com os meus pais na minha infância e adolescência.

Entrevistadora: Pensando a complexa cidade de Salvador como um ser vivo que se relaciona de forma única com as pessoas,, com todos os afetos que você nutre por uma parte e conflitos que você tem com outras parte, como você percebe a sua relação com essa cidade?

Entrevistada: Para mim, Salvador, eu amo Salvador mas... quando eu digo que eu amo Salvador é porque eu amo as pessoas que fazem Salvador ser o que ela. Não amo o que a cidade significa né, mas para mim Salvador é uma cidade viva, sensual. Salvador é uma cidade extremamente sensual e quente, quente também nesse sentido erótico da palavra. Salvador é uma cidade erótica. Também é uma cidade extremamente religiosa. E aí em todos os sentidos da palavra as pessoas de Salvador elas se relacionam muito profundamente com as religiões que elas que cultuam seja o catolicismo, seja as igrejas evangélicas ou o Candomblé. Sinto que Salvador é uma cidade criativa, de muita criatividade. Só de estar lá você já sente a necessidade de criar, a necessidade de cantar, de dançar. Acho que é um lugar que impulsiona a gente a se sentir assim. Sinto que Salvador também é uma cidade revoltosa e consciente do seu lugar mas que infelizmente não conhece sua força. Então é meio que um paradoxo porque a história pregressa é uma história muito poderosa né, e até a história presente também, o curso só que por conta da dinâmica da vida das pessoas as pessoas acabam que se ausentando ou não enxergando o quão poderosa o quanto fortes elas são se elas se relacionassem mais coletivamente né, ao mesmo tempo que eu considero Salvador também uma cidade muito coletiva e comunitária. Então as pessoas elas cuidam uma das outras. As pessoas são muito afetivas. As pessoas são muito carinhosas e elas são presentes nas vidas umas das outras e eu acho que isso também é uma consequência da geografia da cidade né que quando você tem milhares de famílias Vivendo muito perto uma das outras elas tendem a criar uma relação de intimidade muito mais forte do que quem por exemplo vive num Edifício de não sei quantos andares. Então eu acho que acaba sendo muito fortalecido assim para mim Salvador também é uma cidade muito mágica, mágica no sentido literal da palavra você ver coisas em Salvador que não se vê em nenhuma outra cidade do país que não sejam cidades influenciadas pelas tradições africanas né Cachoeira, São Félix, Santo Amaro que são cidades que eu também considero tão mágicas quanto Salvador. E aí quando eu falo magia nesse sentido é realmente nesse sentido de você ver coisas, ver coisas sobrenaturais de você presenciar, de você vivenciar coisas que

talvez você se estando em São Paulo não sentaria ou não veria nunca acontecer assim. Então muito isso. Que mais... é uma cidade infelizmente socialmente muito injusta, desigual e violenta. E aí violenta em diversos sentidos, violenta porque a maioria das pessoas não recebem o quanto elas deveriam receber, violenta porque as pessoas não conseguem bancar o básico, violenta porque os brancos dominam a cidade, controlam os recursos financeiros e as pessoas pretas estão estagnadas no mesmo lugar a vida inteira. Violenta porque a gente tem uma das polícias mais violentas do país que é a polícia militar da Bahia então é violenta em vários sentidos né. Por mais que seja uma cidade culturalmente efervescente na outra ponta a gente tem as questões, os problemas né, que fazem olhar para Salvador e dizer assim: Poxa Salvador, se você resolvesse isso aqui você seria o lugar mais perfeito do mundo Então assim falando assim do que eu acho que Salvador é uma cidade infantil e anciã ao mesmo tempo no sentido metafórico mesmo da palavra. É uma cidade muito jovial, você sente essa energia de né, disposição, de alegria, gente isso e ao mesmo tempo você sente essa energia de ancestralidade de gente velha de gente idosa que você olha e você sabe que você pode pegar/ter um conselho que você sabe que vai te conduzir para um caminho melhor que vai te orientar. Então você sente que Salvador ela brinca com essas duas energias muito fortemente assim e é bonito de ver esses dois "moods", essas duas sensações, essas duas emoções se relacionando através das pessoas né, é muito bacana também. Geralmente as lideranças religiosas por elas terem, acho que é muita influência do candomblé também que tem isso né, Geralmente elas são mais velhas né, são todas muito anciãs e o corpo regido por essas lideranças são de pessoas jovens Então você meio que vê nesses microcosmos essa relação do que é a cidade no macro que são pessoas mais velhas orientando e tentando dar uma controle nessa energia muito eufórica da Juventude né.

Entrevistadora: Gostei bastante de te ouvir falando sobre a cidade.

Entrevistada: Ah que massa. Já foi tudo?

Entrevistadora: Se quiser falar mais alguma coisa também que tenha vindo nesse processo.

Entrevistada: Eu acho que as mulheres de Salvador são mulheres muito babadeiras, muito danadas. E aí falando em palavras né, mais formais são mulheres autônomas, independentes, conscientes da sua feminilidade e óbvio que eu não tô que eu não vou entrar aqui nas exceções Porque toda a relação tem essa ação mas eu sinto que as mulheres de Salvador e aí eu englobo todo mundo assim essa todas as identidades femininas né travestis,

bichas afeminadas, as mulheres cisgêneras, tem uma consciência de corpo e dos seus lugares que eu acho muito marcante que eu não vejo e que eu não que eu ainda não vi da mesma maneira que eu vi em Salvador. Tipo assim de você ver mulheres na praia batendo de frente com os caras e não comendo reggae de ninguém assim. É isso! Acho que a frase é essa: As mulheres salvadoras não comem reggae. Então acho que é uma característica muito forte também, não sei explicar o por que. Acho que aí tem que ser um trabalho de Antropologia, alguma coisa relacionada a isso para tentar entender o porque que essas mulheres têm esse perfil, mas é isso. Acho que as identidades femininas de Salvador são muito marcantes, são muito poderosas.

Entrevistadora: como você se sente depois de passarmos uma hora falando sobre a sua cidade e a sua relação com ela?

Entrevistada: Eu me sinto muito bem. Você me fez viajar no tempo. Você me fez refletir sobre coisas, lugares que eu não tinha parado para refletir como eu fiz agora com você né... que geralmente a gente, ou naturaliza, ou banaliza né, essas memórias e aí acaba caindo nesse lugar de esquecimento mesmo e aí essa conversa e essas perguntas que você foi levantando foi me fazendo sentir Como se eu tivesse num Divan com Salvador parecia que você era Salvador, a psicóloga Salvador, a cidade Salvador, e aí "por que Disso" "não sei o que" "não sei o que" e aí você vai lá cavando, cavando para tentar responder essas questões, mas acho que foi isso assim. Para mim você era Salvador e eu era uma habitante de Salvador e aí Salvador tava me perguntando "E aí como foi viver em mim" Acho que foi muito essa relação assim, gostei bastante.

Entrevista Família H

Entrevistada: Só temos 5 agora, nós éramos 12, dos 2 casais do meu pai. Só temos 5 vivos agora. Eu, Angélica, a Aurelina, Jorge e Laura Alves, do primeiro casal, que está com 92.

Entrevistadora: E seu pai teve 12 no total?

Entrevistada: Meu pai teve 12, mas só nós somos vivos agora, 5.

Entrevistadora: E desses 12, quantos eram mulheres?

Entrevistada: Mulheres? Laura, a única viva do primeiro casal, Deusa falecida, eu, Aureluzia falecida, a Nida falecida.

Entrevistadora: Então só 5?

Entrevistada: Uhum, e ela só tem viva agora uma. Duas... não, do primeiro casal uma, do segundo, eu, Angelica e Aurelina Monte.

Entrevistadora: E depois que você veio pro Engenho Velho?

Entrevistada: Nós ficamos lá, eu trabalhei de 70 a 90, Centro Integrado Anísio Teixeira. Fui professora, depois. Depois eu fiz mestrado na UFBA. Na época eram quatro anos. Aí em 94 entrei na UMEB. Fiquei 15 anos lá, saí como professora titular em 2010. Meu irmão faleceu em 2009, eu tive um câncer emocional imediatamente.

Entrevistadora: Nossa...

Entrevistada: Foi, e eu ainda fiquei em 2009 todo, terminando disciplina educação e diversidade. Na graduação eu ensinava currículos de educação. Me aposentei, como professor titular, e continuo trabalhando, fazendo palestra, elaborando livros. Nasceu na pandemia o e-book de Jonatas Conceição, que está no YouTube. Obra reunida Jonatas Conceição. 300 poemas reunidos dele. Lancei o livro de uma ex-orientanda minha que era o Terreiro do Cobre. É bom o Terreiro do Cobre, Silvinha. Lancei o livro dela. Lancei o e-book de Jonatas, na pandemia. E fiz a minha autobiografia, que foi lançada no dia 31 de agosto. Pela Catuca, editora.

Entrevistadora: Ah, pela Catuca.

Entrevistada: Vou lhe mostrar, o livro está lindíssimo.

Entrevistadora: Eu quero ver.

Entrevistada: E se quiser saber mais algo de mim, está tudo lá na minha autobiografia.

Entrevistadora: Está tudo lá.

Entrevistada: É. Eu me sentindo nua, andando pela rua de Salvador, quando eu tinha que fazer, antes de eu ir embora.

Entrevistadora: Essas fotos aí foram...?

Entrevistada: Essas fotos foram de 1963, quando eu terminei com o curso pedagógico.

Entrevistadora: E foram aonde?

Entrevistada: Aqui é Liceia.

Entrevistadora: Isso aí é aonde?

Entrevistada: É no Barbalha. Instituto Central de Educação e aí as aulas, dona Odete, minha professora de didática. Ela queria que fizesse canelógrafo, cartazes, lá no estágio. Eu fiz textos. Educação e levei pro estágio. Ela não gostou, aí me deu a menor nota do estágio, que foi 8. Aí eu disse, não, 8 é uma nota boa. Aí ela, mas é a menor nota do estágio porque você não fez nenhum canelógrafo, não fez um cartaz.

Entrevistadora: Só texto.

Entrevistada: Só fiz aqueles textos que as meninas gostavam ou não. Meu estágio foi na escola 7 de setembro. Onde eu estudei, primário, Vasco da Gama. Não existe mais, uma escola boa, uma biblioteca imensa, que eu li todos os livros da biblioteca, nunca me esqueço, que eu cheguei com cartão. Uma pessoa disse, não tem mais livro.

Entrevistadora: Não tem mais livro aqui pra você.

Entrevistada: Não tinha outra coisa para fazer, uma pobreza muito grande, não tinha televisão, não tinha rádio, não tinha nada. Única diversão era ler. Eu sempre gostei muito de ler.

Entrevistadora: Acho que se colocar nesse, nesse e deixa ficar aqui.

Entrevistada: Aqui as fotos, aqui as colegas. Eu estou nessa foto.

Entrevistadora: Eu posso tirar a foto?

Entrevistada: Eu estava muito diferente, eu usava aquelas alisada de franjinha. Era uma foto muito antiga, só tinha foto em preto e branco. Esse álbum.

Entrevistadora: E depois do Engenho Velho?

Entrevistada: Nós viemos morar em Brotas, no fim de linha de Brotas. Minha irmã levou uma casa lá no fim de linha. Depois nós viemos cá pra frente. Na rua principal, Almirante Luiz Câmara.

Entrevistadora: Isso você ainda com...

Entrevistada: Estava fazendo mestrado, já estava trabalhando como funcionária federal, no concurso que eu fiz. E quando a ditadura se instalou, eles me nomearam e eu fui ser datilógrafa do IAPB, Instituto dos Bancários. Depois houve unificação e eu passei para o INSS.

Entrevistadora: Uhum.

Entrevistada: Passei pro INSS. E trabalhei lá até quando eu fiz o concurso em 70.

Entrevistadora: Pra universidade?

Entrevistada: Não, foi ensino médio, Anísio Teixeira.

Entrevistadora: Essa aqui é aonde?

Entrevistada: Ah, tem uma melhor dessa. É lá no DIG quando nós éramos jovens.

Entrevistadora: Ah, lá no DIG.

Entrevistada: E tinha essa passarelazinha que a gente ficava lá passando.

Entrevistadora: Mas tem outra dessa?

Entrevistada: Eu tenho uma melhor dela. Em 70 eu fiz concurso pra ensino médio. Aqui são alguns amigos da minha (barulho de papel) juventude. Esses três aqui.

Entrevistadora: Ah, certo.

Entrevistada: Eu tinha 15 anos. Esse era o meu primeiro namorado, Afrantis, ele faleceu. Mas a gente não fazia nada, a não ser pegar a mão do outro pela janela. Esse é Valter, não sei se ele ainda é vivo. Damarinha e Gilson. Dois amigos de juventude.

Entrevistadora: Este de meio era de quem?

Entrevistada: É. Essa aqui não vale a pena. Essa aqui tem uma canalha. Um cara do Rio de Janeiro, cheio de preconceito, palmiteiro, ele achava que era uma grande indeferência estar namorando comigo. Que o amigo dele disse “tanta mulher bonita você vai namorar com aquela pretinha (fala rápida) mas ele disse “mas você é um homem negro por que você tem que namorar com uma mulher negra?”, (fala rápida) intuitivamente ele dizia isso a ele. Não sei onde é que ele anda, se ele é vivo, se já morreu, mas é aquela coisa do homem negro. Aqui sou eu, uma foto estranha, com um amigo de um amigo, que ficava assim, me olhando. Na época eu usava cabelo alisado, tinha a mania de botar lenço. De usar lenço.

Entrevistadora: E aqui era?

Entrevistada: Aquela praia dos Maleixos. Jardim de Alá. Isso aqui era no tempo da faculdade da graduação.

Entrevistadora: E Posso tirar dessas? Na praia?

Entrevistada: Pode. Agora aqui tá ruim. E passeios que nós fazíamos com a turma da. Eu estou nesse bolo aí.

Entrevistadora: Você ia muito a praia?

Entrevistada: Nós íamos muito à praia. Jardim de Alá era nossa praia predileta, ou então a Maralina mas eram duas praias perigosíssimas.

Entrevistadora: Como era essa questão de acessar a praia nessa época?

Entrevistada: Fácil a gente pegava o bonde e ia.

Entrevistadora: Só, né?

Entrevistada: A gente começava a descer a ladeira da usina e pegava o bonde. Essa entrevista é muito difícil porque demandaria muito tempo. Você já vai embora no dia 26, né?

Entrevistadora: É, infelizmente.

Entrevistada: Você tem quanto tempo aqui?

Entrevistadora: Dessa vez eu passei duas semanas, dessa última vinda, mas eu vim outras vezes também.

Entrevistada: Essa foto é interessante. Sou eu, minhas duas irmãs e duas vizinhas em 65. É, lá no DIG. Eu, Angélica, esqueci o nome dessa, Marinalva, Aurelina. Você quer essa foto?

Entrevistadora: Quero.

Entrevistada: O que é que tem mais? Eu fui estudar no ICEIA. Fiz um ano só. De dia. (fala rápida) Somos nós também andando no DIG.

Entrevistadora: Ai, que foto linda!

Entrevistada: É. 65. Essa e essa. São vizinhos.

Entrevistadora: E essa relação com a fotografia, desde quando sua família consegue registrar isso?

Entrevistada: Minha irmã, Angélica e Jonatas, falecido meu irmão, que era radialista,

professor, poeta dos cadernos negros. Ele gostava muito de fotografia. Ele pegou as fotos dele todas lindíssimas e ele colocou no Arquivo Zumbi. As fotos dele estão lá. Ele deu a Roberto. Fazem parte do arquivo de Roberto, do Arquivo Zumbi. Eles eram muito amigos e os dois gostavam de fotografar em preto e branco.

Entrevistadora: Uhum.

Entrevistada: Então, as obras deles estão lá. Aqui foi uma declaração que eu guardo porque sabe o que foi que foi que fez essa declaração pra mim? Plínio Marcos!

Entrevistadora: Nossa!

Entrevistada: Queria namorar comigo, eu não quis porque eu fiquei com medo dele, aquele homem bonito. Mas gostei tanto dele.

Entrevistadora: Eu posso fotografar?

Entrevistada: Pode. Mas ele ficou encantado, “namora comigo?”, eu disse não. Eu quero não, você é um homem muito famoso. Essa época de , eu não botei a data. E ele faleceu, primeiro do quê? Eu devia ter namorado com ele, me arrependi de não ter namorado. É que ele estava de passagem, aí ele gostou de mim. Aí ficou um tempo “namora comigo?”.

Entrevistadora: Aí ficou, mandou recado.

Entrevistada: Aí eu disse não, vou namorar com você não. Aqui as fórmulas são parecidas. Essa aqui a gente já tirou, não já?

Entrevistadora: Uhum. Essas aqui também são o mesmo lugar lá na escola, né? Do ICER.

Entrevistada: Aqui tem a formatura de bacharelado, que foi uma loucura. Eu não vou nem falar sobre. Eu não pude fazer colação de grau na porque eu participava do diretório.

Entrevistadora: Uhum.

Entrevistada: E eu fazia coisas normais que a ditadura considerava subversiva. Aí, olha aqui, eu tinha nariz bem grande, eu fiz uma cirurgia horrível em 72 e eu fiquei com nariz

diferente. Aqui sou eu, minhas colegas, sou do Mateu da Branca. Só tinha três negras. Tinha a formatura de bacharelado. Aí no bacharelada eu vestia beca, fiz tudo porque eu não fiz na graduação. Eu recebi a colação de grau, eu e o diretor sozinha numa sala. E um agente da DOPS assistindo, aquele cretinho.

Entrevistadora: Ditadura.

Entrevistada: Mas aí, o curso de bacharelado eu pude, foi assim, maravilha. Essa moça não vai ser fotografada, ela foi uma pessoa... Não sei se eu devo. Ela me ajudou muito. Essa aqui é a Angélica. A minha irmã que está no lugar da segunda. É o dique.

Entrevistadora: O dique também.

Entrevistada: A gente morava aqui em cima. Subia na beira, virava à esquerda.

Entrevistadora: Eu posso tirar dessa também?

Entrevistada: Pode. Aqui atrás nós morávamos aqui em cima. Na rua Vírgina do Vale. Aqui em Angélica, ela agora está com 77.

Entrevistadora: E como foi a sua criação em relação ao uso da cidade? Vocês circulavam bastante? Tem muita foto com a amiga, com a irmã, vocês andavam muito?

Entrevistada: Não. Aqui, a Angélica é formada em Belas Artes, desenho e arte plástica, e é mestre de educação pela UMEB. Está apresentada hoje em dia. Ela escreve. Ela fez o posfácio do meu livro, já mostrei aqui. E nós andávamos sim. Eu adorava pegar eles e levar pra praça da Sé pra ver show. Tudo que era de graça na rua, eu levava eles. Os menores. Não, esse aqui não vai, que já faleceu, foi meu namorado, é uma pessoa não muito legal. Sou eu e minha sobrinha com 47 anos. Tem dois sobrinhos netos lindos. E nós estamos fazendo contra minha vontade, um caminho nos Estados Unidos. Aqui já é a militância. Nós aqui na militância, tá muito escura as fotos. Não são boas. Tem a Polônia, o fundo da... Segundo Encontro Negro do Norte e o Nordeste. Em 83. No Maranhão. Aqui já veio a militância. Aqui o pessoal na casa de Minas, grandes sacerdotes na casa de Minas. Aqui eu, eu tenho uma ligação muito grande com esse terreiro, por causa de uma estela, e eu comecei a frequentar o no tempo do Obabi, que era um projeto do Osso de Gi. E eu participava, assistia, conseguia pessoas para fazer cursos lá. Ontem mesmo estive lá.

Entrevistadora: Eu posso tirar foto só dessa que é...?

Entrevistada: Pode tirar do que você quiser. Ontem a casa de Alaká, completou 21 anos. A casa de Alaká trabalha com tear africano no da Costa, e ontem completou 21 anos, as autoridades da Bahia toda estavam lá, representando vereador, prefeito, o povo todo. E eu fui pra lá porque me com 20 amigas de Mãe Estela. Nós viajamos para Nova Iorque, para o Congresso juntas.

Entrevistadora: Uhum.

Entrevistada: Quando ela faleceu, eu participei daquela luta pela volta do corpo dela, quando ela estava. E ontem eu fui para lá, comprei um da costa da Ninique Banda, ela é uma cota da casa de , aquela senhora linda ali de branco.

Entrevistadora: Uhum.

Entrevistada: Fez dois anos de falecida, 21.

Entrevistadora: Morreu na pandemia?

Entrevistada: Faleceu com 92 anos, maravilhosa minha segunda mãe de santo. E a Ninique Banda é de lá. Ela vai fazer 25 anos de iniciada e vai ter uma grande festa no dia 1º na casa dela. Aí comprei esse pano da costa pra ela e comprei um ojá para irmão dela. Que é um irmão de santo. Aí você dá intervalos quando estiver falando coisa assim.

Entrevistadora: Não, não.

Entrevistada: O segmento aqui já deu? O que é massa, mais de viagens. Estados Unidos, André Machado, você deve conhecer. A de Obaraí. Vou passando e você vê. Aqui mais militância.

Entrevistadora: Uhum.

Entrevistada: Maranhão, não sei aonde, meus sobrinhos netos, meu sobrinho, advogado hoje. Aqui é Maranhão, Maranhão, Raquel, essa moça dos Estados Unidos, que nunca mais.

Entrevistadora: Você chegou a morar nos Estados Unidos ou você só foi lá várias vezes?

Entrevistada: Não, eu só fui, não sei, não gosto dos Estados Unidos. Como um todo. Eu fui no Congresso.

Entrevistadora: Você morou ou morou só aqui em Salvador?

Entrevistada: Só e morei quatro meses em São Carlos. Quando eu fiz o doutorado em. Aqui sou eu. No avião. Aqui, no avião. Num encontro. Eu na apresentação, importantíssima falecida esqueci o nome dela.

Entrevistadora: Uhum.

Entrevistada: Aqui é Cádimoca. Mestre Didi, lá nos Estados Unidos. Nois de Estados Unidos, Meu professor, meu orientador. Marco Aurélio, Juan Leubain, viúva do Mestre Didi. Aqui todo mundo nos Estados Unidos.

Entrevistadora: Uhum.

Entrevistada: Mãe Estela, tu não gosta dela não?

Entrevistadora: Gosto, gosto. Gosto com certeza. Isso aqui eram as viagens que vocês faziam?

Entrevistada: É, aqui é a namorada. Não sei se é ainda vivo, ele era homem muito bonito. Aqui não interessa não, né?

Entrevistadora: Eu preciso de imagens que sejam aqui em Salvador.

Entrevistada: Ah, sim. Minha sobrinha. Meus 50 anos.

Entrevistadora: Ah...

Entrevistada: Quando eu tive acidente de carro.

Entrevistadora: Eita, meu Deus. Ai, posso tirar essa sua?

Entrevistada: Ok, mas não tira isso não que essa mulher é inimiga. Deixa eu guardar. Cleo, Cleo. Na realidade ela é filha de santo de minha mãe, Xagui. Isso aqui não é um terreiro

de fama, ela foi para o Pão Fonjá. Estela gostou dela. Me dê. Essa aqui você tirou essa? Essa aqui tá muito escura. Meus 50 anos.

Entrevistadora: Eu tento clarear um pouquinho.

Entrevistada: Aqui sou eu. Tem uma foto minha com o Cuti. Aqui é quando o Cuti foi me visitar, que eu estava... Eu sempre fico doente. Cuti foi me visitar, mas não está aí, não está aqui. Essa foto é muito importante. Somos nós, eu aqui, os militantes históricos do MNU, que hoje é doutor. Esqueci o nome dele. Aqui é a Raimunda Bujão, Teresa, militante histórica do fundador do MNU. Padre Crole, está aí com ele na foto. Como é o nome dele, ele está ensinando no Tocantins. Ele é de São Paulo.

Entrevistadora: Posso tirar a peça?

Entrevistada: Pode. Aqui é lançamento do meu primeiro livro, minha mãe de santo, Mãe Ilda.

Entrevistadora: Vocês aqui nessa época se reuniam aonde?

Entrevistada: Mas tem outra melhor delas, do outro lado. Aqui é MNU, reunido.

Entrevistadora: Mas onde você se reuniu nessa época? Em qual espaço?

Entrevistada: Aqui é MNU, reunião do MNU em São Paulo. Essa daqui deixa eu tirar uma melhor, essa não está boa. Ah, deixa eu ver, tem uma foto muito bonita, eu com a Ilda. Não está, você vai ter que tirar essa mesmo. Aperte esse primeiro botão da esquerda. Sim, porque ela está muito quente.

Entrevistadora: Vou tirar uma foto sua segurando o álbum, tá bom?

Entrevistada: Então deixa eu ver como é que eu fico. Estou torta?

Entrevistadora: Não, você está boa.

Entrevistada: Eu tenho mania de não dar risada. Bem, essa foto é, nossa, meu primeiro livro. A Discriminação do Negro no livro didático.

Entrevistadora: Ah, é.

Entrevistada: Aqui atrás tá e esse parece que é Luís Alberto, militante histórico do MNU. Aqui, Ilê Aiyê.

Entrevistadora: Ah, eu quero tirar essa, posso?

Entrevistada: Eu tô com a cara estranha. Essa moça alta, Nilza Sacramento, de Santo Amaro, mora na Dinamarca, em Copenhague. Amiga e irmã. Uma pessoa muito significativa. Aqui você está vendo a minha orientadora do doutorado Marilu Siqueira, uma pessoa muito importante. Ninique Banda, que vai fazer 25 anos de iniciada e eu.

Entrevistadora: Ah, que lindo.

Entrevistada: Aqui é minha irmã. Eu, não sei aonde. É no lançamento. Tira essa foto que eu gosto dela, ela é muito bonita.

Entrevistadora: Você lembra, a casa de quem vocês estavam, era lá no terreiro, era onde?

Entrevistada: Aí no Ilê Aiyê.

Entrevistadora: No Ilê Aiyê.

Entrevistada: Ela é diretora do Ilê.

Entrevistadora: E tira dessa também, porque tem escrito ali em cima o Salvador, o senhor...

Entrevistada: Sim. Aqui é Cuba? Interessa Cuba?

Entrevistadora: Não, Cuba não.

Entrevistada: Fiz um trabalho, aqui eu apresentando um trabalho em Cuba. Quero voltar a Cuba.

Entrevistadora: Eu quero conhecer.

Entrevistada: Ah, tem mais. Chorei. Vi Fidel...

Entrevistadora: Você viu?

Entrevistada: Pedagogia. O Congresso Pedagogia 97. E eu apresentei o trabalho e foi aprovado. Aí o diretor, maravilhoso, quando o nome dele sumiu, minha cabeça, ficou assim. Me deu passagem e hospedagem. Tudo aqui é Cuba. E eu apresentei o trabalho lá.

Entrevistada: Eu estou aqui na mesa com uma mulher. Com uma mulher de lá e apresentei meu trabalho sobre discriminação do negro. Dos materiais didáticos. Lá não tem isso, os materiais didáticos não discriminam. Apresenta as famílias em igualdade, status, maravilhoso. Agora, na prática, ainda discrimina. Que ia no restaurante, a escola, tudo vermelha. E então nós chegamos, aqui é Quito. Fidel, veio nos receber naquele auditório, imenso. E ele falou durante 6 horas e ninguém conseguia sair, assim, olhando pra ele, emocionado. Meu filho começou a chorar quando ele falou do embargo. Ele começou a chorar e a gente aplaudia. Levamos 6 horas, sentados lá ouvindo Fidel Castro. E no dia que nós fomos embora, era o último dia do Congresso. Nós vimos uma confusão na rua. Gente correndo, de pronto lá vem uma. Aí é o que é o que? Nada, Fidel que vem conhecer o espaço que vocês estão e o povo vem pra vê-lo. Aí eu vi que ele não é uma pessoa temida e odiada, como dizem.

Entrevistadora: Sim.

Entrevistada: Aqui é minha mãe. Minhas duas sobrinhas.

Entrevistadora: Posso tirar dois?

Entrevistada: Pode. Aqui é uma pessoa significativa também.

Entrevistadora: Sua mãe não é mais viva.

Entrevistada: Não. Ela morreu junto com meus dois irmãos, no mesmo ano, em 2009. Aqui é Alberto Paiva, que fez toda a remodelação da igreja do Rosário dos Pretos. Ele é falecido. Aqui é Zito, a minha irmã falecida. E aqui é minha mãe. Meus sobrinhos, Danilo. Vai ficando tudo assim, claro. Vai sumindo os pretos. Minha mãe. Esse daqui é Bruno Nuti, que é

tecladista do Olodum. E dirige uma escola em turismo. E aqui é a Danilo, outro sobrinho, com aparência clara que é advogado.

Entrevistadora: Posso tirar deles também? Essas fotos são da casa de sua mãe? Qual casa?

Entrevistada: Nós tínhamos uma casa lá no Fim de Linha de Brotas. Ah, no Fim de Linha de Brotas. É, aqui são eles dois, é Bruno e Luciana, minha sobrinha que hoje é da área de saúde, ela é fisioterapeuta estética. Aqui sou eu, minha mãe, minha irmã Angélica. Aqui é meu irmão falecido mais velho, dançando com a minha irmã caçula. E aqui é Jorge, meu único irmão vivo.

Entrevistadora: Ah, sim.

Entrevistada: Jorge, vivo. E aqui é o mais velho falecido. Aqui é a Anelina Muti. É mãe daquele rapaz que é.

Entrevistadora: O mais alto ali.

Entrevistada: É, aqui são eles. Uma festa, lá em casa. É uma casa grande, bonita.

Entrevistadora: Como era a relação com a vizinhança nessa época aí?

Entrevistada: A gente não tinha muita relação com a vizinhança, não. A não ser a vizinhança primeira lá daquela rua atrás do dique onde nós morávamos.

Entrevistadora: Uhum.

Entrevistada: Só tinha uma nossa vizinha do lado que nos alugou a casa. Fica em cima na almirante Alves Câmara. Era a pessoa que nós gostávamos muito. Aqui minha mãe cercada de sobrinho.

Entrevistadora: Posso tirar essa também?

Entrevistada: Sobrinho, sobrinho neto aqui, Alexandre, André. Aqui é o filho de Toti, o único filho de Toti. Augusto. Aqui é Laura, a única viva do primeiro casal. Toti, o mais velho

falecido. Essa moça aí escurinha é filha de Laura. Essa senhora de branco aí é Laura, a minha irmã mais velha do primeiro casal. E a filha dela, Lara Isabel Cristina. Esse rapaz é Antônio Carlos, mais velho falecido. Só tem viva ela, só tem viva ela. E aqui é o filho de Toti. Essa foto eu gosto muito. Sou eu vestida de Ilê Aiyê, com a minha mãe.

Entrevistadora: E essa questão de vocês não terem muita relação com a vizinha, você tinha algum motivo?

Entrevistada: Não, é porque só tinha relação com a vizinha próxima. E a irmã dela, que era Sura, o nome dela é Sura. Ela numa ficou na casa do fundo.

Entrevistadora: Certo.

Entrevistada: E eu me lembro que nós lutamos muito porque o marido dela queria tomar a casa. E nós não deixamos, encaminhamos para o advogado, ele perdeu a casa. Aí nós ficamos muito amigas. Ela tinha uma sobrinha linda, que faleceu de câncer jovem. Aqui sou eu já, depois que eu terminei o curso, eu estava ensinando a. Eu no estudo de Letras da UFBA.

Entrevistadora: Ah, posso tirar?

Entrevistada: Pode. Eu estudei 13 anos na UFBA, aí fiquei muito e publiquei pela UFBA. O meu livro se não publicava, menos esse último, fica na Catuca. Porque a UFBA não publica. Tá bom aí?

Entrevistadora: E nesse período que você estava na UFBA. A quantidade de pessoas negras lá era...?

Entrevistada: Pouquíssimas.

Entrevistadora: Muito pouco, né?

Entrevistada: Quando eu fiz o mestrado tinha outras negras que não se identificavam, o pardo tem dificuldade, você sabe. Essa é uma pessoa histórica. Você sabe que o grupo Reaja, que é um grupo que trabalha na penitenciária de Salvador. E esse é Hamilton Borges. Que criou o Reaja. Ele levou um tempo cercado porque a polícia queria matar ele de qualquer jeito pelas denúncias dele. E aqui está entrando para um congresso, alguma coisa que houve aqui na prefeitura. Pra ele entrar teve que ser cercado pra não ser morto pelos policiais.

Entrevistada: Ele é de Ogum, um de santo. Hamilton. O nome dele é Hamilton Borges, criador do Reaja, uma pessoa muito significativa, ele é advogado. Ai Gil!

Entrevistadora: Gil!

Entrevistada: Tão lindo. Esse aqui é famoso, esqueci o nome dele. Sabe aquele grande historiador, agora. Esse é o grande bailarino americano. Esse é o fundador de São Paulo, você conhece? Miltão, um conhecido histórico.

Entrevistadora: Não conheço ele pessoalmente.

Entrevistada: É tanta gente, a pessoa vive muito. Aqui sou eu, militante de São Paulo. Veja ali as outras, que tem de bom, pra você tirar. É tanta, é pouca. Mas que é isso? Ah, essas fotos são muito interessantes. É voltando ao princípio.

Entrevistadora: Ah, você até falou, né.

Entrevistada: É, eu tinha que ter começado por aqui. Essa aqui? Essa foto, essa sou eu. Essa é Luísa Bairros, já ouviu falar?

Entrevistadora: Aham, claro.

Entrevistada: Esse é meu irmão Jonatas, acho que foi marido dela que eu falei. Falecido. Esse é Passarinho. Edson Tocha Passarinho que criou o primeiro grupo LGBTQIA+, do Negro Unificado. Jussara. Paiva. Alberto Paiva, falecido. Histórico Raimundo Rujão, fundador da MNU também. Gilberto Leal, fundador do primeiro grupo que persegue o MNU. Essa foto é muito significativa, tem aí, falecidos. Três, quatro, falecidos.

Entrevistadora: Posso tirar dessa? Essa foto foi tirada onde, você sabe?

Entrevistada: Essa foto foi tirada lá no. Tavam reunidos lá. Aqui sou eu, meus amigos de infância, 20 anos.

Entrevistadora: Ah, olha só, novinhos demais.

Entrevistada: Eu no dique. Meu irmãozinho com cachorrão, que maravilha, ele adorava cachorro. Junto das crianças. Aqui é a minha formatura do pedagógico. A gente tinha começado por esse. Mas você arruma depois.

Entrevistadora: Sim, com certeza. Essa aqui foi aonde que vocês estavam? Com seus amigos?

Entrevistada: Aqui na porta de um de nós. Acho que é na minha porta, não tenho certeza. Aqui é no dique. Aqui é na frente da nossa casa, porque tinha bastante bananeira. É uma foto da minha formatura de pedagógico. Essa.

Entrevistadora: Qual das qual das casas?

Entrevistada: Lá no Engenho Velho, ainda, embaixo. Na do Vale junto da igreja da Capelinha. Aqui é o meu primeiro irmão falecido já. Uma morte trágica. Ele tirou a vida, mas a ele está bem, a espiritualidade. O irmão que mais gostava os dois foram embora.

Entrevistadora: Essa questão de ter muitos irmãos também nesse momento, né?

Entrevistada: Quando ele faleceu, adquiriu fibromialgia, não fique boa, não vou ficar.

Entrevistadora: Você adquiriu depois do falecimento dele?

Entrevistada: Foi trágica a morte, adorava ele. Aqui é Jonatas também, quando ele morreu com 3 meses, eu tive esse câncer. Ah, essa foto aqui é que meus colegas sempre. Branca. Branca e parda e a preta.

Entrevistadora: Nessa época a escola era perto de casa?

Entrevistada: Hum?

Entrevistadora: A escola era perto de casa?

Entrevistada: Não, é só e barbalho. Aqui é uma formatura. Aqui essa foto é interessante. Eu estou com a minha irmã, a que vem depois de mim. Áurea, faleceu. Esses meninos brancos são vizinhos, eu não esqueci deles. Tinha uma mina que a gente adorava, Yayá. Ela foi assassinada, nunca foi descoberto.

Entrevistadora: Nossa, até hoje não descobriu?

Entrevistada: Uma mulher mais velha, aqui companheira e com o ciúme jogou o carro no poste e acabou com a coluna dela.

Entrevistadora: Que isso?

Entrevistada: Mas não foi provado, essas crianças todas são mais velhas. Essa, esse que é vivo. Aqui é Aurinha com o dele, dos gêmeos. Aqui é Wade, que era filha do Seu Osvaldo vizinho que a gente gostava muito. Aqui sou eu, meu irmão mais velho falecido, minha madrinha querida, a Aidê , e a mulher desse primeiro irmão meu.

Entrevistadora: Nessa época tinha muito menos casa, né?

Entrevistada: É, e aí à frente tinha muita bananeira, é uma rua. É que nós pegamos só a rua. Isso sou eu de maiô.

Entrevistadora: Posso tirar essa? Qual praia era, você lembra?

Entrevistada: Ou Jardim de Alá ou é Maralina. Ou Rio Vermelho, as praias dali. Aqui é um vizinho meu com minha afilhada. Que é falecido. Seu Osvaldo e minha afilhada.

Entrevistadora: Essa é legal que pega bastante a rua. Era aqui também o mesmo lugar?

Entrevistada: É. Aqui eu, cabelo espichado. 20 anos, narigão.

Entrevistadora: Nossa, é lindo esse nariz é muito lindo.

Entrevistada: Todos têm. Eu não sei por quê minha mãe gostava de me chamar de narigão. Ela disse “quando eu tiver dinheiro eu vou ter esse nariz”. Não deu outra, tirei, quase morro.

Entrevistadora: Você chegou a fazer a cirurgia, né?

Entrevistada: Essa foto aqui são minhas colegas da faculdade. Nós na sala.

Entrevistadora: Ah, vocês já eram na faculdade?

Entrevistada: É. Minhas amigas, colegas.

Entrevistadora: A faculdade que você estudou foi qual mesmo?

Entrevistada: Nesse tempo não havia ainda a EducBA, faculdade de educação. Aqui na Olha eu aqui, olha eu de lenço de novo. Eu aqui, tinha três pessoas negras na sala, algumas pardas.

Entrevistadora: Posso tirar essas? E esse aqui é do mesmo pessoal?

Entrevistada: É, somos nós. O carro do ano, o carro da moda, não é meu não. Eu comprei carro em 72. Era o fusca. O carro que todo mundo tinha.

Entrevistadora: E essas aqui vocês estão onde?

Entrevistada: Eu não sei que rua é essa que nós fomos parar. Porque tá todo mundo aqui, olha. Acho que é Márcia Nova, uma fazendeira maravilhosa. Riquíssimas, nunca percebia que ela era rica porque ela é tão simples. Só queria ficar na nossa equipe, a equipe das pretas.

Entrevistadora: (risos)

Entrevistada: Só ficava com a gente. Era Márcia Nova, essa aqui que com arquiteto, Maria do Céu, uma lindeza. Essa que esqueci o nome, uma maravilha, Maria do Céu, Márcia Nova, Iraci.

Entrevistadora: E nessa época aí vocês andavam, ia pra festa, ia pra show, andavam tudo de grupo.

Entrevistada: É, ia muito assim, pra praia, juntos, excursão de praia.

Entrevistadora: E nesse sentido assim de se deslocar, porque você acaba se deslocando, né? Até pra ir pra praia que você gostava, em relação a onde você morava. Era seguro assim? Tinha um horário que não era mais na rua.

Entrevistada: Não tinha violência assim não.

Entrevistadora: Era bem mais tranquilo.

Entrevistada: Aqui essa foto é interessante, Jonatas, eu, Angélica, e eu aqui dando toda risada. Em 71, eu tinha 31 anos. Cheia de guia, de conta, que meu irmão botou em mim e nele.

Entrevistadora: Aham. Posso tirar essas também?

Entrevistada: Pode.

Entrevistadora: Você lembra onde era? Onde você estava?

Entrevistada: Não. Aqui sou eu de maiô. Aquela época, tá? Umas peças. Nessa época a gente usava peruca, eu tô de peruca aqui. Aqui foi em 71 quando eu ensinei um ano só, na escola do município. Essa diretora, falecida.

Entrevistadora: Você ficou um ano na escola foi?

Entrevistada: Só um ano que não aguentei a coordenação pedagógica do município. Aqui você já tirou eu de maiô. Jardim de Alá, a praia. E essa foto é muito significativa, foi o Encontro Nacional de Pessoas do Ensino Médio.

Entrevistadora: Olha...

Entrevistada: Eu estou aqui, sentada de lado, minhas franjinhas. Foi em 74. 24 a. Meu irmão, ele estava, o Zé Álvaro, o pessoal de Geografia Política, ele não está nessa foto, mas ele estava presente.

Entrevistadora: Deixa eu tirar dessa outra.

Entrevistada: Associação de Pessoas Essenciais do Brasil. Antes de surgir a pele branca. Na realidade, a ditadura fechou associação de professores e em 69 eu, Marilda, Suzele, Pimente e Adniu, reabrimos. A associação. Não aconteceu nada conosco. A proteção de Deus e da ancestralidade, porque nós fomos lá, nós estávamos... a gente terminava as aulas e ia beber no cacique que hoje é o Glauber Rocha. Essa daqui já foi. O Glauber Rocha. Aí esse Juscelino, um grande líder que era nosso colega na faculdade ensinava na Anísio Teixeira também. Ele disse “ah, fecharam a associação, aqui na ladeira da... de São Bento”. Nós estávamos no cacique, ali na praça principal, aí vamos lá. Aí nós literalmente abrimos. Tiramos aquelas madeiras que fechavam, abrimos, abrimos, e vimos tanta coisa suja lá dentro, aí voltamos.

Um outro dia antes, já passado o efeito da bebida, saímos da terceira turma, terminamos a noite, ia pro cacique beber, imagine. Aí voltamos, “o que é que nós fizemos, meu Deus, vamos ser presas”. Não vamos limpar, limpamos. Limpamos uma semana. Eu chego lá. Eu fiz uma lista e fui pra o BANEB, que era o banco do estado da Bahia. Que entram pra vender a coisa de banana. Eu fiz uma lista pra que as pessoas se filiarem. Todo mês ele ia cobrar. Fiz a eleição, fizemos a eleição, elegemos também o Barreto presidentes da... Associação de Pessoas Licenciadas, narro isso na minha biografia, que foi apagada pelo grupo que tomou o poder. E ficamos lá. Eu lembro que nós fizemos umas quatro eleições, depois o PC do B entrou e todo mundo saiu. E transformou em APLB, Associação de Pessoas Licenciadas do Brasil. Aqui somos nós na praia. Essa moça me ajudou muito, mas depois ela disse que não queria mais ver nenhuma pessoa do tempo do ginásio aqui quando ela viesse, ela virou racista.

Entrevistada: Paixão da minha vida, ele é senegalês. Aqui sou eu com minha família, minhas irmãs e minha sobrinha, pequeninha que agora tem 47 anos. Minha sobrinha Isabel Cristina. Meu sobrinho Bruno Monte.

Entrevistadora: Essa aqui era na casa de quem?

Entrevistada: Na nossa, lá no fim de. E essas aqui? Nessa fachada?

Entrevistada: Aqui é lá no Maranhão.

Entrevistadora: Ah, certo.

Entrevistada: Essa aqui não tira não que eu não quero que ele apareça.

Entrevistadora: Tá.

Entrevistada: Aqui ó. É no, Itapoã. Falecido, eu, falecido grande jornalista, que veio me ajudar não vou lembrar o nome dele, Luísa Bairros, grande compositor. Luísa Bairros. Nossa primeira ministra negra. Aqui sou eu lá no Porto Seguro. Aqui sou eu, não lembro aonde. Aqui é lá em Minas.

Entrevistadora: Ah, sim.

Entrevistada: Essa foto é numa passeata.

Entrevistadora: Ah, negro é tempo.

Entrevistada: Aqui sou eu em Cuba, falando. Esse é (nome próprio). Um grande pantera negra que veio aqui a Bahia em 2001, trazido por Lina Almeida. Ele faleceu. Um dos maiores panteras negras dos Estados Unidos, (nome próprio). Eu estou esquecendo o nome das pessoas. Esse é um grande poeta baiano, falecido também. Meu Deus. Um grande amigo, o nome dele sumiu.

Entrevistadora: Aqui são vocês na rua com o pessoal do congresso?

Entrevistada: É, aquele dos Estados Unidos. Aqui é o Ilê Aiyê. Esse menino agora tem três filhas e um sobrinho. A foto tá bem ruim, né? Essa foto eu gosto dela, que é a Wanda Machado. Professora e doutora Wanda Machado. Ela é.

Entrevistadora: Qual foi a ocasião?

Entrevistada: Aqui foi um lançamento de livros. Aqui estou eu, ela e a Ailton Almeida que mora em Portugal, um grande amigo.

Entrevistadora: Posso tirar dessa? Eu tento clarear depois.

Entrevistada: As fotos são ruins, não são bem tiradas as fotos. Eu tenho muito aí ainda. Viu quanta coisa apareceu?

Entrevistadora: Vi, nossa. E você, eu não te perguntei, mas você chegou a ter filhos?

Entrevistada: Não, sou solteira, sem filhos. Por legítima vontade. Aqui é eu, minha mãe e os sobrinhos dela, os netos dela. Esse é o neto filho de Deusa. Essa foto aqui é em 88, quando o Ilê Aiyê saiu para a nossa do poder.

Entrevistadora: Posso tirar essa?

Entrevistada: Essa é a (nome próprio), presidente fundador do Ilê Aiyê. Idete Lima. A estilista de blocos. Em 1988. Aqui minha cunhada Luísa Bairros. Eu com minha mãe. Aqui

meu sobrinho querido de outra Luísa, do meu irmão Jonatas. Luísa Bairros foi companheira do meu irmão por mais de 10 anos. Ele ficou com outra companheira, que é Maria Luísa Passos, que tem esses filhos, de Passos, que mora na Alemanha.

Entrevistadora: Ah, sim.

Entrevistada: E ele é professor de... Na educação física. Aqui tem minha mãe. Aqui é em Cuba.

Entrevistadora:

Entrevistada: É. Eu não sei, devia ser. É aqui é

Entrevistadora: Sua mãe viveu até quantos anos?

Entrevistada: 97.

Entrevistadora: Nossa!

Entrevistada: Ela morreu no mesmo ano que meu dois irmãos, em 2009. Ela morreu em janeiro no dia 8. Dia 3 de abril morreu Jonatas. 23 de dezembro morreu o mais velho, aí eu fiquei.

Entrevistadora: Sinto muito.

Entrevistada: Exatamente. Essa foto é na Casa Branca.

Entrevistadora: Ah, eu posso tirar? E a sua família... Você é candomblecista, correto? Pelo que você me contou.

Entrevistada: Sou candomblecista, mas não estou em nenhum terreiro. Minha mãe, Hilda, faleceu. Me passou pra mãe Chaguinha, querida, faleceu em 2001. Tem 2 anos que ela faleceu. Eu continuo (puclando?) meus buduns, mas eu agora estou em nenhum terreiro.

Entrevistadora: E na sua família, outras pessoas antes de você também faziam parte?

Entrevistada: Não, minha família toda por parte de pai, é médium, vidente, mas não

praticam. Meus parentes por parte de pai, quase todos são videntes. 3 debandaram para essas organizações que não consideram religião. Estão fanatizados, horrorosos. Tem um sobrinho, um neto, que é casado com uma moça cujo pai é pastor e agora é batista.

Entrevistadora: Sei.

Entrevistada: Aqui sou eu. Não, aqui é. Quem é? A tia Anita? Tia Anita, meu deus, Tia Anita com Jorge, único irmão vivo. Aqui é minha cunhada, e os filhos saem tudo claro. A mulher de Jorge, essa, que tem Danilo e Luciana, dois sobrinhos lindos. Aqui é lá em casa.

Entrevistadora: Certo.

Entrevistada: A reunião estourava lá em casa e a casa era grande. Eles adoravam ir pra lá. Eu e o Carlinho Brown (risos). Eu não lembro o que é isso, você sabe? Minha prima de São Paulo, tá enorme, gorda.

Entrevistadora: É Santo Amaro. Em 1993.

Entrevistada: Ah, é a lavagem. A lavagem de Santo Amaro.

Entrevistadora: Posso fotografar? Em relação a ser candomblecista, não sei se você em alguma ocasião se deslocou para a cidade como voluntária ou então se só por você ter suas guias você percebe o comportamento específico em relação a isso?

Entrevistada: Minha roupa só dentro do terreiro. Eu tenho um problema de ser e não ser reconhecida por muitos porque eu tive uma inserção diferenciada. Não dou a mínima. As pessoas chave sabem que eu sou, como Mãe Estela, Mãe Hilda, que faleceu, Mãe Chaguinha. E algumas outras preferem não se manifestar pra não criar conflitos. Mas não ligo pra status por qualquer motivo. Só me importa o culto para Orixá. E participo das festas, vários terrenos, me convidam, eu vou, me trata muito bem. E agora dia 30 a festa de Dr. Dilson, que é Pretas. Aqui sou eu e (nome próprio) Beatriz no fundo do mercado modelo.

Entrevistadora: Ah posso tirar essa?

Entrevistada: Ela saiu no Ilê Ayié também. Eu estou vendendo se eu consigo a foto dela... Eu quero lembrar de novo. Eu e Carlinhos Brown de novo, a cara dele (risos). Tá com o cabelo curto ainda. Bote essa.

Entrevistadora: Vou por.

Entrevistada: Eu gosto dessa. Aqui são os meus 50 anos, que os meus sobrinhos neto, tudo homem. Esse daqui agora tem 40 anos, o menor, Alexandre. São meus filhos, né? Criei desde que nasceram. Minha mãe linda. E aqui sou eu na minha festa de 50 anos com Alexandre, o mais velho, Fábio, que tem três filhas, minha neta, e André, que ainda não tem filho, mas casou pela segunda vez já. Tá morando em Barreira, né? É uma figura. Aqui a grande filha de Jonatas. A Lelena Muti, minha irmã, que mora aqui no quarto andar. Essa gordinha aí é Luciana, aqui no Estados Unidos. E agora é tipo uma filha que tá no Estados Unidos fazendo intercâmbio. Filha dela. Esse é um primo que eu tinha em, a única pessoa que era de Candomblé, pai de Santo. Beija-flor, o nome dele.

Entrevistadora: Ah, sim.

Entrevistada: Eu soube que ele faleceu. As pessoas lá são muito católicas, aí ficam assim, caladas, sem se referir a ele. Mas eu fui. Aí eu fui lá, no terreiro dele, e ele jogou pra mim.

Entrevistadora: Ah, sim.

Entrevistada: Esse é Beijafou, um primo que é candomblecista. Aqui é uma foto muito significativa da minha família de São Bara. Minha primeira tia, falecida, minha prima Juju, falecida, minha tia Dedé, falecida os filhos. Eles são a primeira família... Aqui, sou eu no Estados Unidos. Essa foto aqui tem a família toda e amigos pela casa. Aqui a é festa no Bonfim.

Entrevistadora: Isso aqui era onde?

Entrevistada: Não sei. É um terreiro que eu tirei a foto. Nenê falecida. Tucinha. Nosso cachorro foi roubado.

Entrevistadora: Sacanagem roubarem o cachorro.

Entrevistada: Nossa casa foi. Nossa casa foi assaltada.

Entrevistadora: Deixa eu tirar uma do cachorro.

Entrevistada: Aí nós fomos morar. Esse nome desse cãozinho agora. Mãe ficou doente, quando ele morreu, minha irmã também. Morreu não, quando ele... Nós fomos morar num apartamento de 3 quartos. Num conjunto, lá no fim de linha até comprar outro apartamento. Que a gente vendeu a casa. Aqui sou eu em Petrópolis. Aqui é mais próximo. Aí um homem passou e roubou. Levou, uma pessoa viu. Ele levar. Esqueci o nome dele, estou esquecendo muita coisa.

Entrevistadora: Nossa, você lembra de muita coisa também.

Entrevistada: É, mas eu preciso lembrar. Aqui é Todi, com aquela perna torta dele. Com minhas primas de São Paulo. Minha irmã. Mais velha. Aqui é o Gande, o Gande lá embaixo, saindo pra Santa Luzia. todo mundo vai, é o Gande, sem a roupa tradicional de calça.

Entrevistadora: E aqui?

Entrevistada: Aqui é prima de São Paulo e dois primos de São Bara. Susana e Pedro.

Entrevistadora: Ficou bonita a foto né.

Entrevistada: É.

Entrevistadora: E eles estavam na casa de quem?

Entrevistada: Eles estavam na Sao Bara.

Entrevistadora: Ah, sim.

Entrevistada: Elas foram visitar a Sao Bara. Agora aqui é Linda e as lindas bisnetas. Ana Flávia e Noemi. Ana Flávia faz psicologia e Noemi faz enfermagem. Filha de Fábio, meu primeiro sobrinho neto. É gente...

Entrevistadora: É gente...

Entrevistada: A única coisa que me faz pena morrer, é que a gente fica afastado deles, só isso. Você continua vendo, eu acredito que o espírito não morre, mas você...

Entrevistadora: Deixa eu só tirar foto dessas anotações de trás.

Entrevistada: Qual?

Entrevistadora: Essas anotações.

Entrevistada: Deixa eu ver o que tem lá. Espera aí, tá de costas. Ah, é aqui. Você quer tirar primeiro a frente e depois as costas?

Entrevistadora: Pode ser.

Entrevistada: É aqui, é o meu irmão. Foi 70... foi 88.

Acho que nessa foto está o fundador, ele está aqui no Gande, Oliveira Silveira, muito amigo nosso. Foi 88. Não sei quantos anos lá da abolição. É, porque foi 88 e 89 ele saiu.

Entrevistadora: Uhum.

Entrevistada: Aqui é o Malê de Malê, dançando na rua.

Entrevistadora: Massa!

Entrevistada: Não! É o Malê de Malê. Sabe quem é aqui?

Entrevistadora: Quem?

Entrevistada: É o Muzenza, o bloco do rasta. É lindo o desfile dele.

Entrevistadora: Ah, eu estou sabendo. Já me falaram desse bloco.

Entrevistada: É o Muzenza, desfilando. Só sai rasta. É muito lindo. Aqui a gente lá em casa. Essa mesa aqui lá em casa. Essas mesonas assim, lá em casa. Casa de mãe. Aqui mamãe com André, esse que tem duas mulheres. Eu e Leli. Ele de novo. Esse foi namorado de Gorete. Mas não deu certo. Nós em casa de novo. Sempre é assim, comida, comida, eu gorda, mamãe e André. Olha a nossa gata. Ela sumiu, a mãe ficou doente. Morreu, sumiu. Esqueci o nome de todo mundo. Até da gata. Aqui é a Alexandre quando começou a engatinhar. Tá com 40 anos hoje. Lá embaixo é o primeiro andar onde eu morava, aqui em cima é a casa da minha mãe. E ele está subindo aqui. Alexandre. Subindo as escadas, começando a andar.

Entrevistadora: Isso era em qual das casas?

Entrevistada: A casa tinha térreo e primeiro andar.

Entrevistadora: Mas era em qual dos endereços vocês moraram nessa época? Aqui em Brotas?

Entrevistada: Em Brotas no Jardim Caiçara. Tem o Jardim da Saudade, descendo direto aquela rua. Jardim Caçara. Aqui minha irmã mais velha Lurdinha, só vinha lá também. Minha cunhada. A gente almoçando e Fábio, ele é muito bonito. Fábio aqui em pé. Vou lhe oferecer um cafezinho, porque eu vou almoçar não sei aonde hoje.

Entrevistadora: Ah é, você está de saída, né?

Entrevistada: Eu não achei almoço. Mamãe sozinha, essa aqui você gostou? Interessa?

Entrevistadora: Não, eu tirei várias delas com vocês, dentro de casa. As roupas muito bonitas, as roupas.

Entrevistada: Aprender a telefonar.

Entrevistadora: Posso tirar essa?

Entrevistada: Sim, ele agora tá com 26 anos. É, acho que é 26 ou 27. Essa aqui são amigos, assim queridos, eles estão muito doentes. É Furinha e Gordinha lá em casa, amigos, amigos, irmãos dos meus irmãos. Aqui é o dique que eu falo muito com você.

Entrevistadora: Deixa eu tirar essa foto.

Entrevistada: Aqui é o dique, nossa infância e juventude foi toda nesse dique, andar no saveiro, pra ver as festas, presente da olha como é lindo o dique. O dique é lindo.

Entrevistadora: Uhum. Pera aí, eu queria tirar mais essas também.

Entrevistada: Aqui os Orixás. Os evangélicos estão loucos para tirar os Orixás e colocar a bíblia. A falta de sensibilidade. Tirar os Orixás e colocar uma bíblia no dique. Não pode

Orixá, a bíblia... vai entender. Essas fotos todas são do lado do dique. Uma amiga minha que tirou ela é... essas fotos são de Luisa Huber. Uma moça militante, morreu com Deus. Ela é suíça, ela é louca por fotos. Aqui meu cunhado que faleceu 71 anos covid.

Entrevistadora: Ô, novo.

Entrevistada: Tem dois anos. Aqui é a Luísa Passos, muito bonita, a última esposa de meu irmão Jonatas, eu e meu irmão Jonatas, muito bonito. Aqui é uma missa na igreja da Capelinha das Meninas. Isso aqui foi feito por um colega nosso. Ele faleceu.

Entrevistadora: Qual a ocasião da missa?

Entrevistada: É porque meus irmãos foram criados aí nessa igreja. Eu fui catequista, fui na de Maria nessa igreja. Todo mundo fez primeira comunhão lá e nós estamos todos aqui na missa de alguém.

Entrevistadora: Deixa eu tirar foto.

Entrevistada: Não sei se foi de minha mãe... Uma missa que nós fizemos de homenagem a alguém que faleceu. Aqui é Raimundo Nonato, marido de minha irmã, que mora aqui em cima. Pai de Gorete e Bruna. Foi horrível. Não tinha vacina por causa do inominável. Ele não deu vacina, e ele não conseguiu sobreviver porque ele tinha diabetes. Quando ele saiu da UTI, ele faleceu. Foi horrível. Aqui eu não sei o que foi isso É interessante você ver fotos, você vai vendo as coisas que passaram, as coisas que vêm.

Entrevistadora: Deixa eu tirar uma foto desses postais também. Pode virar a página, por favor.

Entrevistada: A gente gostava desse povo. Eu não sei de onde é que eu...

Entrevistadora: Lembrança de viagem?

Entrevistada: Gente que viaja e manda para nós. Aqui é a Nilza.

Entrevistadora: Ah, eu posso tirar a foto?

Entrevistada: Segue a moeda que lhe prometi. Porto Novo. Essa parte sua mãe vai te... Porto Novo nasceu... Instituto dinarmaquês. Aqui é a Nilza! Santo Amaro. Ela mora em Copenhague. Mandou essa foto.

Entrevistadora: Ah, legal.

Entrevistada: Agora deixa eu te oferecer um café. Será que eu já bati? Deixa eu oferecer um café.

Entrevistadora: Posso tirar da sua mão só para mostrar que é um postal? Pode só segurar assim, só para fotografar você mostrando o postal. Mas você está com um tempo muito apertado? Eu também não quero te atrasar não. Agora são 11h34.

Entrevistada: Não, agora eu vou lhe oferecer um café, vou mudar a roupa, pra casa de minha irmã. Eu tenho médico 2 horas. Que ele é um dos 3 guardiões de Oxalá, ele veste branco.

Entrevistadora: Uhum.

1:10:14 (entrevistada distante do microfone, difícil de ouvir, pausa da entrevista)

Entrevistada: Seu nome que eu esqueci.

Entrevistadora: Flora.

Entrevistada: Aí você vai falar sobre... Se quiser ir ao banheiro... Vixi, que longe.

1:36:00 (volta da entrevista)

Entrevistada: Quando a edufba viu que eu não conseguia, a própria edufba começou a escrever pra eles, eles não responderam, então eu estou sem autorização pra. Aí meu último argumento pra edufba é o seguinte. Esse primeiro livro meu, que foi um sucesso de venda, ainda é, só vive esgotando. Cadê? A Discriminação do Negro no Livro Didático. É a língua portuguesa, não botei o nome certo. Esse livro tem todas as ilustrações sem autorização. Ninguém lembrou de pedir. No tempo o diretor era um louco. Aí tem todas as ilustrações.

Entrevistadora: Aí está completo, né?

Entrevistada: É. Ele faz. Em minha mão,

Entrevistadora: Esse que tem as ilustrações você não tem mais aí também? Só tem esse.

Entrevistada: Só tem esse, mas eu posso comprar ele lá, eu sei que vai comprar. É 75, é barato. Ele é a de Língua Portuguesa de Ensino Fundamental. Esse eu vou trabalhar esse ano, até o fim do ano, se Deus me der vida. Eu vou lá em São Paulo. Miro, meu primo é editor em educação em São Paulo. Ele tem muita penetrabilidade. Eu vou com ele lá para ver se eu consigo. A FTD, autorizar. A venda. E aqui foi o primeiro trabalho, organização, eu. Fui eu que não tinha tempo. Aqui é Mãe Hilda na sala de aula, no terreiro. Terreiro. Da criança negra de Salvador. Ela morreu. Quando ela qualificou, ela morreu num câncer no cérebro. Porque ela fumava muito.

Entrevistadora: Ah.

Entrevistada: E aí é um que nós organizamos.

Entrevistadora: Nossa, incrível.

Entrevistada: O meu sumiu, essa aqui é de Angélica.

Entrevistadora: Isso aí não deve em encontrar em lugar nenhum hoje.

Entrevistada: Tá desbotado. Foi uma luta de quase dez anos que eu consegui publicar isso. Publicou quando eu entrei lá, que eu fui atrás e descobri que uma pessoa tinha pegado a verba que era para publicar e tinha lançado um dele e eu não achava o material para... eu aí consegui material, uma esmeralda, que o CD, sei o quê, com todo material que ele guardou, aí ele explicou, "Professor Borba, olha que maravilha eu achei", ele ficou branco. Aí entreguei a pessoa de, consegui dinheiro que era importantíssimo e nós publicamos.

Entrevistadora: Ai, que bom.

Entrevistada: E ele não queria que publicasse como um material do programa. Ele não queria, coisa de negro, né? Programa de porte, doação e educação da UFBA. Essa era a. Tem que sair como uma coletânea do programa de educação. Não queria. Flávia... esse pessoal todo que ajudou. E velho sacramento. Na UNEB, que fez uma maravilha de trabalho lá. Foi um lançamento assim, escândalo. Sim, aí... Minhas horas são.

Entrevistadora: Deixa eu ver aqui as horas. São meio dia e 5.

Entrevistada: Tem esses dois, esses que eu vou comprar.

Entrevistadora: Quais que eu posso comprar?

Entrevistada: Esse daqui você pode, esse você pode se interessar.

Entrevistadora: Esse eu posso também. Só. E esse também?

Entrevistada: Posso. Esse daqui eu posso que eu posso pegar lá.

Entrevistadora: Essa eu queria também.

Entrevistada: Tá na terceira edição. Aí vamos ver, eu vou vender você por 40, 10 a menos, você não vai pagar mototáxi. Esse daqui e esse 35 cada um.

Entrevistadora: Tá, e fica 70 mais 80?

Entrevistada: É, 8,7,15. Não é isso?

Entrevistadora: 8, 7, 15?

Entrevistada: 150, não é isso?

Entrevistadora: Ah sim! 80 mais 70, dá...

Entrevistada: 150, isso. Você tem pix?

Entrevistadora: Tenho, vou fazer um pix.

Entrevistada: Meu pix nenhum que não funciona. Eu vou lá que eu tenho que pegar o livro.

Entrevistadora: Minha irmã tá querendo entrar no mestrado da educação. Ela é professora da Escola pública, que é lá em Brasília. Acho que ela vai gostar muito também.

Entrevistada: Você conhece a Regina Damer?

Entrevistadora: Aham, eu conheço a Regina.

Entrevistada: Você conhece o minha amiga e irmã? Você conhece o marido dela?

Entrevistadora: Qual o marido da... Acho que o marido não.

Entrevistada: Ele tá aqui em Salvador, ficou muito doente, quase morre agora. Quase morre, não me disse nada. Só me disse depois que saiu. Eu não te mato, Edson. Se a morte não te mata, eu te mato. Deixa eu arranjar um negocinho pra você levar. Deixa eu dizer a Angelica, antes que ela se esqueça que tem médico. Onde que está meu celular? É assim que eu vivo.

Entrevistadora: Aí ó.

Entrevistada: Tá vendo? Preto com preto. A... A unidade. Ela conseguiu um extra! Jesus de Deus. Espera aí. Eu posso morrer. Só não faça isso comigo. Confirmar o agendamento, ai meu Deus.

Entrevistadora: Ela conseguiu um horário?.

Entrevistada: Hum?

Entrevistadora: Um horário pra você?

Entrevistada: Como assim?

Entrevistadora: É consulta que você tá vendo?

Entrevistada: É porque ela disse que só 9 de outubro, eu disse que vou morrer.

Entrevistadora: Ah não, você tinha me falado que você tinha vaga pra outubro. Aí conseguiu agora então.

Entrevistada: Ela mandou aqui mas o negócio não quer abrir. Pera aí, tem hora que ele trava, que inferno.

Entrevistadora: É que enche a memória, né? Grupo...

Entrevistada: Ai meu Deus, gente, ai meu Deus!

Entrevistadora: É 27.

Entrevistada: 27 do 9. 12, horas.

Entrevistadora: Nossa, é 27 depois de amanhã. Nossa, que ótimo. Ótimo, que boa notícia.

Entrevistada: Ele está achando estranho essa dor, mas vamos ver no que dá. Conseguir, rapaz. Depois da manhã. Eu tenho um negócio de tarde. Meu... meu zap, meu...

Entrevistadora: Deixa eu só tentar, tá dando problema pra logar aqui. Rapidinho.

Entrevistada: Ah, tem essas fotos todas que a Angélica mandou pra você, olha, minha irmã.

Entrevistadora: Ah, sim. Me passa por favor.

Entrevistada: Eu vou passar pra você.

Entrevistada: Essa é Angelica, falei com ela agora. Aqui é meu irmão, que é da UMEB, falecido. Morreu, tadinho.

Entrevistadora: Esse é o que morreu mais cedo?

Entrevistada: Não, esse é do primeiro casal. Caçula do primeiro casal. Olha, essa foto é tão bonita, olha eu com minha mãe, minha sobrinha e Jorge.

Entrevistadora: Ah, eu vou querer.

Entrevistada: Você é que já tá funcionando?

Entrevistadora: Não, ele tá pedindo pra ver, pra eu provar que eu sou eu aqui.

Entrevistada: Menina Lisa. Quando puder passar as fotos, você me diga. Aqui é meu irmão, Jonatas. Aqui ele tá perto de morrer. É a última foto no ebook dele, né? Limparam as fotos, cada uma mais linda, Jonatas Conceição. Essa é a última. Encerra. Tá perto de morrer. Já pode passar?

Entrevistadora: Meu Deus, me dá muito de uma chance aqui, porque eu já autorizei e ele fica pedindo de novo.

Entrevistada: Autorizar o quê?

Entrevistadora: Sempre funcionou normal, todos esses dias, aí hoje ele tá pedindo pra confirmar a minha identidade.

Entrevistada: Você fala assim, Laroyê, pai da comunicação. É o orixá do movimento, da comunicação.

Entrevistadora: Ó, deu certo.

Entrevistada: Exu.

Entrevistadora: Deu certo, foi só mandar o Laroyê.

Entrevista Família I

Entrevistadora: Mas aí qualquer coisa que você não queira conversar ou qualquer foto que você não queira que eu tire foto também, você me fala.

Entrevistada 1: Aí são fotos bem antigas aqui, viu? Vai fazer dois meses agora que a gente veio para cá, mas nasci e me criei na Federação. Localização para a gente era algo bem cansativo.

Entrevistadora: E vocês trabalham por aqui também?

Entrevistada 1: Eu trabalho no CAB agora, né? Fica na Paralela o acesso principal, entre a Paralela e a Sussuarana. E minha mãe é costureira na Federação, tinha um atelier de costura. E aí agora a gente tá trabalhando em casa, a gente trabalha também com salgado, aí a ideia é fazer tudo agora em casa. Tava muito puxado ficar subindo e descendo escadas, entendeu? Então é isso, acho que talvez tenha até foto aí das escadas, pra você ter uma ideia né?

Entrevistadora: Do tamanho das escadas?

Entrevistada 1: Um pedaço.

Entrevistadora: E você tem outras irmãs, irmãos?

Entrevistada 1: Por parte de pai. Um irmão e duas irmãs, eu sou a do meio.

Entrevistadora: E da sua mãe?

Entrevistada 1: Sou filha única.

Entrevistadora: E aí sua mãe é de Salvador também?

Entrevistada 1: Não, ela nasceu em Itabuna, acho que até a adolescência ou o início da vida adulta sempre foi no meio Rural mesmo. Então, ela já me contou que trabalhou na roça e veio para Salvador quando eu tinha 20 e poucos anos para tentar a vida, conheceu meu pai,

trabalhou em floricultura, aprendeu o ofício da costura e ficou sendo costureira aqui.

Entrevistadora: E você sempre morou com ela, então?

Entrevistada 1: Sim, sempre morei com ela.

Entrevistadora: Daí quando ela veio para Salvador, você sabe para onde ela veio primeiro?

Entrevistada 1: Na Pituba, na Rua Bahia.

Entrevistada 2: Depois fui pra Brotas, depois fui pra Rio Vermelho, depois casei e fui pra Federação.

Entrevistadora: E aí você já nasceu na federação? E ficou lá até 2 meses atrás?

Entrevistada 1: Sim. A gente chegou a se mudar para Pituaçu quando eu tinha 15 anos, não 18 anos. Ficamos um tempo ali também morando de aluguel, Pituaçu, depois Alto de Ondina, depois mudamos. Lá na Federação é casa própria, tá fechado agora e a gente tá buscando vender, ou então alugar. Lá, realmente, tava sendo muito cansativo também, a vizinhança tava dando trabalho, com muito barulho e estava sendo bastante estressante. Também um pouco de insegurança né? Era um lugar que tinha confronto, não exatamente onde a gente morava, mas a gente escutava tiroteio, aí ficava um pouco apreensiva. Tinha que chegar cedo em casa, essas limitações, um somatório de coisas que, por mais que seja uma casa própria, a gente acaba querendo... e aqui foi realmente uma conquista ser algo que a gente queria muito fazer para voltar a costura e botar os salgados tudo numa casa assim.

Entrevistadora: Então aqui vocês estão alugando? E lá vocês vão tentar alugar?

Entrevistada 1: Tentar vender, e se não der, alugar. Estamos, ainda, vivendo a mudança.

Entrevistadora: E porque Lauro, o novo lugar?

Entrevistada 1: Boa pergunta. Minha mãe já teve atelier dela de costura aqui em Itinga. E aí tem algumas amigas aqui, então uma amiga passou e viu essa casa e falou: "olha, achei uma casa que eu acho que vai ser ótimo pro que vocês querem". E aí, meio que a gente olhou

para essa casa e realmente, cabe um atelier de costura aqui, a coisa caiu como uma luva sabe. E eu também passei a trabalhar e ajudar nas contas de casa. Então assim, falei é mãe, acho que agora é o momento eu consigo ajudar nas contas da casa, então bora arriscar no aluguel, que aluguel é um compromisso mensal, né?

Entrevistadora: E você sente que foi uma mudança certa?

Entrevistada 1: Apesar de difícil pela questão das contas, toda hora a gente tá se vendendo muito feliz. E aí a gente tava numa coisa assim meio em êxtase nas primeiras semanas tipo assim, “poxa a felicidade custa pouco”, sabe? Só o fato de não subir e descer, eu não sei, falando assim parece pouco, mas realmente no dia a dia a gente carregava peso com os salgados. Às vezes com medo também de esbarrar com homem armado, já aconteceu coisa assim, então tipo foi realmente uma mudança muito grande.

Entrevistadora: E a segurança aqui é realmente maior?

Entrevistada 1: Até então, aparentemente sim. Nunca ouvi tiro, nunca ouvi boato. Eu vi muitos moradores de situações de rua aqui, muito mais, e isso me chamou muita atenção, porque lá eu não via isso. A partir de um certo horário tem vários vagando por aí. Aqui tem um um “quê” meio de interior também, tem uma pegada diferente de lá, que eu morava próximo ao Vale da Muriçoca, não sei se você conhece...

Entrevistadora: Não, nunca fui não, mas eu sei onde é geograficamente.

Entrevistada 1: Assim, também senti essa diferença de entorno de pessoas.

Entrevistadora: As pessoas que estão lá hoje ainda são as mesmas pessoas que moravam há 30 anos, ou tem muita gente nova?

Entrevistada 1: As pessoas morrem lá. Lá não é tão legal de viver, tipo assim sair de lá parece que é uma conquista. Então as pessoas nascem e morrem e assim não é um lugar tão bacana, entendeu? A maioria são as mesmas pessoas de 30 anos atrás, algumas saíram, algumas morreram.

Entrevistadora: Na sua infância e juventude, era tenso igual a hoje? As coisas boas e as coisas ruins são iguais a hoje?

Entrevistada 1: Sim, já era um bairro com questões por causa do trânsito, mas as coisas foram piorando. A gente até sabia quem era dono de boca, então a gente sabia quem era criminoso, eu sabia até o nome dos caras que eram envolvidos. Eles não mexiam com a gente, parece até que protegiam a região. Isso eu lembro de guria. Talvez na minha adolescência, há 15 anos atrás, isso já tomou outra configuração e todos eles morreram. Quem tomou conta já eram terceiras pessoas, Então já tomou uma outra proporção, e realmente vários desconhecidos passando. E a casa mesmo vira mais um espaço de só dormir, sair e voltar né? A gente fazia churrasco na rua, tinha uma infância de coletividade com os vizinhos, todo mundo fazia churrasco, banho de mangueira com as crianças, piscina na frente de casa, tinha muito isso, hoje em dia não. Então, era outra outra forma de viver e lidar com o bairro. Tinha muito menos casas, tinha mais áreas verdes, terrenos diferentes. Então hoje tá super adensado lá, eu não vejo por onde crescer, eu só vejo que pode crescer verticalmente. As casas já estão no terceiro, quarto pavimento, no limite da ampliação, crescendo junto com as famílias, né? Ah, eu tenho uma maquete da minha casa! (Vai buscar a maquete). Aí essa parte aqui é o fundo, é terra até aqui, né? Que já tivemos. Então vai subindo então aqui no fundo era uma área verde. No fundo era uma área verde, não tinha ninguém, não tinha vizinho. E aí agora, mais recentemente, já tavam construindo aqui, então, super adensado. E ficou parecendo que eles moravam dentro do meu quarto, porque aqui era meu quarto lá, e eles construíram aqui, então eu escutava tudo, de manhã eu acordava com eles cantando louvor.

Entrevistadora: E aqui tem alguma privacidade que não se compara com a situação anterior, né?

Entrevistada 1: Por isso que eu digo, a felicidade em poucos detalhes que a gente tá ganhando aqui, sabe. Embaixo era a sala, cozinha, banheiro, bem pequenininha, depois o quarto da minha mãe e o meu quarto e ele tinha uma escada helicoidal que dá pra laje. Aí aqui era a laje, tem uma área de serviço e tudo, aqui é a frente da casa, e a rua era um espaço em frente, onde rolava os churrascos que eu te falei. A gente gosta muito da casinha, mas é isso.

Entrevistadora: E você construiu a maquete para algum exercício específico da faculdade?

Entrevistada 1: Foi no terceiro ano da faculdade, uma disciplina de ateliê que foi uma das poucas disciplinas que abordavam o território onde eu moro. E aí quando a professora descobriu que eu morava no bairro popular ela ficou louca e tal aí vamos trabalhar na sua

casa, esse espaço. Então foi uma atividade de atelier mesmo faculdade, e aí eu me apeguei. Porque para mim também foi um divisor de águas porque foi o único momento da faculdade que eu entendi que o espaço onde eu morava também era um espaço de arquitetura. Na graduação, eu sentia que não, que esse espaço era inviável, que não, isso aqui a gente nem trabalha, joga bomba ou demole, porque não tem como trabalhar. E aí, começou a me encorajar também, né? Porque também foi um processo também de me orgulhar do espaço em que eu nasci, não ter vergonha, não ficar acanhada, não falar onde eu morava. Tanto que meu trabalho final de graduação de curso foi na minha rua. Eu meio que prestei consultoria e assistência técnica para os meus vizinhos para questões que eles queriam sobre a moradia deles. Uma queria ter uma área de serviço, coisas tão minímas, tão simples, a gente quer só um mínimo para ser feliz. Então, eu fui em três casas de três vizinhas, todas elas mulheres, chefes de família, solteiras. Enfim, aí uma foi a escala, a outra ela queria ampliar um outro pavimento, mas não sabia onde colocar a escada. Aí foi um trabalho que eu fiz para as minhas vizinhas nesse espaço que a faculdade sempre negou para mim, eu nunca tinha aprendido a lidar com espaço auto-construído e popular, para as pessoas que têm pouca grana, e que têm dificuldade de pagar, né? Então foi um atelier muito de crítica, de muita inquietação que eu trouxe, e queria ampliar esse trabalho, não sei, talvez pro mestrado, talvez em trabalho de escritório.

Entrevistadora: Você acabou de formar né?

Entrevistada 1: Faz um ano agora, dia 22. Foi na UFBA. Fiz com Gisele, ela foi minha veterana, entrou antes de mim. Ela entrou em 2013, eu acho, eu entrei em 2015. E aí, ela formou acho que dois anos antes de mim, talvez anos antes de mim.

Entrevistadora: Depois eu quero ver seu trabalho final! Tem algum álbum que você queira mostrar primeiro hoje?

Entrevistada 1: Quem costumava guardar e tirar, tudo isso aqui foi minha mãe. Eu não tenho álbum, porque tudo meu é digital, tá na nuvem. Tem foto soltas assim, mas aqui é no caso a minha tia... Aqui, sou eu. Isso foi uma festa da escola, na Federação.

Entrevistadora: Você sempre estudou perto de casa?

Entrevistada 1: A Federação é um Bairro Central, né? Então as escolas sempre ficaram próximas ou no mesmo canto. Essa daí era Escola Pequeno Mestre, fica no Vale da Muriçoca. Esse local era o centro comunitário do Parque São Braz, na Federação também. Acho que tem muito álbum de escola, minha mãe fez muito registro disso.

Entrevistadora: Então você costumava ir para escola a pé geralmente?

Entrevistada 1: Na infância, sim. Eu comecei a pegar transporte no começo do fundamental, no primeiro ano, meu pai disse que era a época das vacas gordas. Aí ele pagava um transporte para me levar.

Entrevistadora: Mas habitualmente a forma de vocês se deslocarem lá era qual?

Entrevistada 1: Ônibus ou a pé. Essa daqui era Escola Turma da Mônica, na Federação também, na Rua 11 de Agosto. Tinha muita festa, meu pai até reclamava: meu Deus, toda hora uma festa, tem que pagar isso, pagar aquilo, pagar fantasia. Minha mãe adorava. Aí também era tudo lá no espaço da escola Turma da Mônica.

Entrevistadora: E na época da UFBA como você ia e voltava, de manhã, à noite?

Entrevistada 1: O curso era diurno, né? Era muito próximo, dava até para ir andando. Era na Federação, ali na Rua Caetano Moura, sabe, tem a TV Record, tem o campo Santo, conhece? O cemitério Campo Santo. É uma ladeira que é conhecida para quem começa a dirigir, tipo assim, se você conseguir subir ali, você tá aprovado. Era perto, mas super cansativo para ir andando, e também não tão seguro. Então, eu ia de ônibus para a faculdade, já houve caso de eu ir andando, mas muito raro. Eram 15, 10 minutos de ônibus. Era mais tempo esperando no ponto do que dentro do ônibus.

Entrevistadora: Nessa aqui também (mostra foto), era na escola?

Entrevistada 1: Tudo escola. Acho que tá tudo junto assim por causa disso mesmo. Perto da escola, eles faziam foto todos os bonequinhos assustadores porque assustador tem foto que eu tô chorando aí que eu já tô maiorzinha, mas tem fotos. Era horrível. Aí não tô chorando porque já tô maiorzinha, mas eu sempre chorava. Tem foto comigo chorando, porque eu não gostava não. Qualquer coisa assim, né? Dia do Índio, dia do grito, do sorriso. Porque fizeram isso comigo?

Entrevistadora: E isso aqui, foi onde?

Entrevistada 1: Isso foi um passeio da escola, só não lembro onde. Parece um zoológico, mas não faço ideia. Aí esses daqui são bem, bem antigos, eu era recém-nascida aqui. Na Federação, no quarto que eu te falei, só que aqui não era rebocado ainda. Especificamente

nessa parede no caso, ficava o berço, aí minha irmã dormia aqui, que ela era mais velha, meu pai e minha mãe dormiam aqui (momento de silêncio). Aí, aqui é na laje.

Entrevistadora: Ah, tomando um banhozinho de mangueira.

Entrevistada 1: Eu e minha mãe, também. Tudo aí é na Federação. Aqui é meu pai. Aqui também.

Entrevistadora: E seu pai ainda é vivo?

Entrevistada 1: É, mora na Federação ainda. Minha avó paterna e ele. Ele morava lá para não ficar longe de mim, porque eles se separaram logo quando eu era pequena. Era só subir um ou outro vão de escada que chegava lá. Aí aniversário, minha mãe sempre gostou de festa aniversário. Aqui não sei se é meu primeiro ano, acho que sim, né, pelo tamanho.

Entrevistadora: Vocês fizeram em casa também?

Entrevistada 1: É, em casa também. Olha, todos os meus vizinhos, minha irmã, minha avó.

Entrevistada 1: É a moda da época, hoje o bolo tá tudo igual também. É meu pai, minha irmã, meu pai e eu.

Entrevistadora: Jovemzinho, né?

Entrevistada 1: Ele tinha 30 e pouco aí, né? E já tinha o meu irmão. Sempre muito trabalhador. É interessante assim porque nenhum deles tiveram formação acadêmica, nem meu pai, nem minha mãe, mas eles sempre prezaram por isso. Eu posso dizer que eu tive, mesmo assim, não sendo uma família com condições, eu tive acesso a brinquedo, eu tive acesso a escola, então assim, eu me sinto também privilegiada de ter estudado, né? Não trabalhei durante o estudo. Ele sempre trabalhou muito, desde os 14 anos ele trabalhou. Minha irmã muito mais, porque minha irmã é bem cabeçuda, bem nerdinha. Ela também foi uma referência pra mim de determinação, de estudo.

Entrevistadora: Aqui é quem?

Entrevistada 1: Meu pai e minha mãe. Casal. Você sabe onde eles estão? Aqui não sabe. Sua mãe que deve saber. Não, essa cara não sabe. Eu posso puxar? A não, ela tá...

Entrevistadora: Aqui era lá? Na rua?

Entrevistada 1: Eu não sei. Eu sei que aqui é minha mãe, mas eu não sei. Que lugar é esse? Ela poderia dizer. Aqui é ela e ele. Acho que eu nem era nascida aqui também na federação, na laje, aqui é no quarto da minha mãe a vista, tá vendo? A vista do posturante simpônio.

Entrevistadora: Sua mãe tem o hábito de sair ou ela fica mais em casa?

Entrevistada 1: Ela gosta de sair, mas não vejo ela criar o hábito de sair sozinha. Ela é minha parceira, num sambinha ela vai, ela vai comer. Ela gosta de sair comigo. Mas outras pessoas do interior também, ela gosta de sair. Ela gosta de sair, mas ela não deixa tomar a iniciativa pra ir sozinha. Não sei se ela sente medo. Não tem assim a desenvoltura, ela pega o metrô, mas se tiver que ir pro médico, ela vai. sozinha assim já sinto que ela fica mais... Aqui lá na rua, que eu te falei. Essa daqui é minha casa, minha lancheira. Ah, lancheira. Essa sou eu, meu vizinho. Os meninos brincando, tá vendo que eu te falei que a brincadeira na rua era mais forte, assim... Na verdade a rua era um extensão da casa mesmo, né? Essa rua bem estreitinha, assim...

Entrevistadora: Nessa época tinha essa segurança né?

Entrevistada 1: É, nessa época eu falei que eu conhecia o nome dos boy tudo. Aí é na escola, aquela festa ainda da escola. Minha tia, minha prima. Meu primo. E aqui na federação também. Aqui foi a formatura do ABC. Minha professora.

Entrevistadora: Ah, sim. Aqui é você?

Entrevistada 1: É minha vizinha, minha vizinha. É uma festa minha. Ah, minha mãe adora carnaval.

Entrevistadora: Nessas épocas, tipo Natal, não sei o que... Vocês tinham o hábito de ir no shopping? Vê? E atrás do papai noel?

Entrevistada 1: Não lembro. Eu não tenho recordação assim disso. De ir shopping assim. Não, não. Realmente não me recordo.

Entrevistadora: Era coisa que vocês estavam mais na escola, né?

Entrevistada 1: É, isso é da escola. A escola tinha isso muito forte. Mas não tem batido porque não tem foto, né? Não sei.

Entrevistadora: E além de carnaval, vocês iam em outra festa?

Entrevistada 1: Era mais carnaval mesmo. Carnaval era de lei, a mainha fazia 50 panquecas, só ia eu e ela pra arquibancada. Ela fazia 50 panquecas por causa da rapa que o povo que chegava lá junto. Eu fazia sanduíche, e a pessoa perguntava “onde é que você comprou”, eu falei “eu que trouxe”, aí ela dava. E a gente passava o dia de boa na arquibancada, comendo. Isso desde infância. Aí depois ela pergunta, por que você gosta tanto de carnaval? Ai eu falo, uai, me criou na festa, na farra! Essa árvore foi ela que fez.

Entrevistadora: Você seguiu indo, ainda vai?

Entrevistada 1: Ela também vai ainda. Ela também vai. Não vai mais para arquibancada, né? Fica no cantinho, lá na rua, assim. Não vai. Só que agora também como eu tô, já tô namorando, aí eu faço a procura só com namorada, às vezes, né? Aí... Sim. A parceira tá meia... Meia solta agora, tá sem mim. Uhum.

Entrevistadora: Mas além do carnaval?

Entrevistada 1: É mais carnaval mesmo, assim lá.

Entrevistadora: Lá vai a gente São João, a dobra...

Entrevistada 1: São João era interior, Esplanada. Festa no interior. Agora mais não, mas assim, nessa época aí era mais... É minha prima. Geralmente quem ia fazer visita em casa tem foto. Ahah, a tia lá fazia visita. Algum grupo, não sei o que foi isso. Acho que deve ter sido nesse evento aqui porque aqui a mãe fazia ginástica no centro cultural lá, centro social urbano, ela fazia atividade lá, então eu acho que foi em relação a esse evento aqui, eu tô achando que é isso.

Entrevistadora: Qual o nome do centro?

Entrevistada 1: Centro social urbano da federação. Não vai descer? É sem de sócia urbana não? Se eu ver... É sensacional quando... Ah, logo ali o bolo... Gostou?

Entrevistada 2: Você já viu ela dançando o É o Tchan aí?

Entrevistada 1: Ela na rua também. Nas vizinhas. Sim. Não foi nesse aniversário provavelmente. No meu aniversário não era bem, todos os vizinhos tudo iam. A gente vai de jeito. Os vizinhos tudo iam. Casa pequenininha, cabia um bocado de gente.

Entrevistadora: Bolo de respeito, e as lembrancinhas, hoje em dia cê não vê nada disso. Áí a Branca de Neve.

Entrevistada 1: Eles faziam tipo uma caminhada, um percurso E aí, não sei porque eles faziam isso com a gente. Mas era tipo 7 de setembro? Não, era muito aleatório sabe gente, como te falei, era um colégio que fazia festa de tudo, que que tem a ver a Branca de Neve, saindo na rua, o que que é isso?

tem um carro aqui no fundo, com a cola o que que é isso?

Entrevistada 1: Então, não sei bem, qual era o motivo nessa caminhada todo mundo fantasiado, não faço ideia, mas a gente andava o bairro todo fantasiado. Não me pergunte por que eu fiz parte. Vestida de Branca de Neve. Nem branca eu era.

Entrevistadora: É ninguém aqui da foto, inclusive.

Entrevistada 1: Olha o meu cabelo bem cheio.

Entrevistadora: Aqui era aniversário seu, também?

Entrevistada 2: É a prática que você ia coelinha.

Entrevistada 1: É, lá no centro social que eu falei que eu ia fazer atividade. Aqui foi em Pituaçu, não foi, mãe? É na orla. Aqui é meu vizinho, meu amigão. A gente não vê mais isso, né? Não vê. Muito pouco. A gente se acabando assim, arrancando o dedo, arrancando a unha.

Entrevistada 2: Ficam os meninos no celular.

Entrevistadora: Eu sinto que a nossa geração foi uma das últimas a curtir isso aqui. Eu curti a rua, andar solto.

Entrevistada 1: É, não tem mais, nesse nível aí, realmente. É, as fotos ficaram um pouco ruins... Botaram o dedo assim na câmera, né? E pior que só revelava depois, então... Essa aqui é na escola. Agora por que tu é uma mulher com um bebê no braço? Ninguém sabe. A escola era bem louca. Esse aqui era o crushzinho das meninas nessa época. Era bonitinho.

E aqui?

Entrevistada 1: Também não sei, tem a mesma galera aqui. Acho que o momento é diferente, talvez.

Será que o desfile da Branca de Neve era no 2 de julho?

Entrevistada 1: Não, ali era da escola. Nada a ver 2 de julho, inclusive. Aqui já é uma coisa mais minha. Eu até escrevi aqui “as fotos da minha escola, em 2004, na sexta série, com os meus amigos, festa das bruxas”. Eu já era adolescente, ou pré-adolescente, eu acho. Aqui no Salete, então era um colégio particular, um colégio em que eu era bolsista. Então eu tive um contato com uma realidade um pouco mais diferente. Uma galerinha que já tinha um dinheirinho, morava nos lugares diferentes. Foi quando eu comecei a pegar ônibus pra ir pra escola.

Entrevistadora: Isso era que série?

Entrevistada 1: Quinta série.

Entrevistadora: Onde era essa escola?

Entrevistada 1: Nossa Senhora do Salette. Sim, católico. Nos Barris, próximo à Praça da Piedade, Biblioteca Central. Demorava, talvez, uns 40 minutos para chegar lá. Eu estudava pela manhã. Tinha natação também, mas eu voltava para casa por volta das duas horas. Ah, minha adolescência, eu era fã desse cara do Gun's Roses, então eu tinha muitas fotos dele. Inclusive, agora na mudança que eu falei, meu Deus, o que é isso? Como que eu tenho de tudo isso? Aqui é no final de linha da Federação. Essa era outra passeata, também da

mesma escola que teve a passeata da Branca de Neve. Porque, também, não me pergunte. Provavelmente dia do índio aí eu acho, né?

Entrevistada 1: A festa das bruxas, na laje. Aquele que tava no sofá, era o meu melhor amigo lá da rua, meu vizinho. Aqui, tô tentando recordar se era lá no Bonfim, não tenho certeza.

Entrevistadora: E hoje qual lugar você acha que é o lugar mais... Que você se sente mais segura ou menos insegura? Aqui em Salvador.

Entrevistada 1: Acho difícil dizer isso, assim.

Entrevistadora: Não existe esse lugar?

Entrevistada 1: Não vejo esse lugar aqui não. E lá onde eu morava, assim, tem aquelas coisas, mas eu sabia mais ou menos onde é que é a coisa engrossava, entendeu? Não rolava nada. Era a minha rua, porque é o lugar que eu conheço.

Entrevistadora: E o pior lugar de Salvador, o que você acha?

Entrevistada 1: (Não responde, comenta uma foto). Isso aqui também era no final de linha da Federação, você embarcando no diacho do ônibus para o passeio. Algum passeio que a escola resolveu fazer. Eu sempre era a última porque a mais alta, era sempre por tamanho e eu era muito alta para as meninas da época lá. Então eu era sempre a última na fila.

Entrevistadora: E o lugar que você se sente menos, e é que você se sente, não assim, ah, o lugar que te disseram que é o que é mais perigoso. Onde você acha que é mais perigoso ser você, ser mulher, ser negra?

Entrevistada 1: Rapaz, eu não suporto aqueles lugares que tem... Muro de um lado, muro do outro, não tem comércio, não tem nada, não tem gente na rua. Pra mim, isso é o seu pior lugar. Não específico bairro. Mas lugares em que você tem assim, muro, muro, muro, muro, altíssimo. É claustrofóbico. Eu gosto de lugar assim, com a dinâmica de gente, de vida rolando, acontecendo... Comércio, feira, gente passando pra mim isso dá uma sensação de segurança. Eu me sinto mais a vontade de sair ali, vou ali comprar um negócio, vou voltar. Eu já morei em Pituaçu. E Pituaçu era isso, eu não podia ir ali pra rua porque tava tudo fechado, tudo escuro, cheia de muro. Não tinha gente na rua, então lugar que não tem gente

circulando na rua já é perigoso entendeu? Lugar que só se anda de carro, né? Lugares que não dá pra você andar a pé, pra mim, não é um lugar seguro.

Entrevistadora: E lá na Federação o comércio costumava fechar que horas?

Entrevistada 1: Umas 9 horas né. O mercado principal dava uma movimentada boa. Boa parte é 18h, mas ainda assim se arrastavam aí coisas até as 9. Farmácia, não, mas era mais esse mercado mesmo. Aqui as coisas fecham bem mais cedo. Esse horário que você chegou, as coisas começam a fechar. Aqui eu acho bem mais devagar do que lá. Força de pessoas... Comércio... Então, é mais devagar aqui. Mas tem, tem o movimento.

Entrevistadora: Em Salvador tem isso, né? Muitos lugares que fecham muito cedo, né? Cinco da tarde.

Entrevistada 1: É, cinco e meia, seis da hora. Já acabou o movimento. E alguns lugares, nem farmácia, nem nada.

Entrevistada 1: E isso assim, bem... acho que bem resumido, porque cada bairro vai ter uma qualidade, né? Meu pai.

Entrevistadora: Ele estava onde que você estava?

Entrevistada 1: Mainha. Esse lugar que a gente foi com painho aqui, foi em Camaçari? A gente foi com o tio Gil? No Conde? No Conde. A gente foi pra cachoeira. Esplanada, é? É, a família inteira. Dia dos pais. Olha, lá na rua, tinha bem mais... tinha árvore. Hoje em dia você não vê mais. Você vê casa aqui. Tem uma casa bem aqui assim, olha.

Entrevistadora: Ah, essa arborização não existe mais, imagino.

Entrevistada 1: Foi. Foi passar por lá. É. Tinha muita luz, muito sol também. Hoje em dia até é isso, a luz é... Ta menor né? Mas é, porque é muito muro, muita coisa, mas já vai ficando fechada mesmo. Quando eu falava, a sensação de adesamento foi real, porque era isso aqui, você tinha árvores, você tinha... Então... Eu tinha menos de dez anos talvez, ou quase dez aqui. Aqui eu tava na quarta série ainda, nessa escola aqui. É, aquele lugar também, do Conde. O mesmo lugar. Essa é minha irmã.

Entrevistadora: E a relação de vocês com a praia?

Entrevistada 1: Existia, minha mãe ia quase todo domingo pra praia de Ondina, que é a praia do Oi. Na época era praia do Oi, porque todo mundo ia pra Ondina, hoje em dia não é mais tão point assim. Era também a mais próxima. Dava pra ir a pé. Isso foi uma festa de Carla Peres. E o É o Tchan, e umas dançarinas. Olha, era a Branca de Neve e os anões também. Os anões vieram. Muito bom. Aqui é meu avô. Foi quando ele foi ver meu pai.

Entrevistadora: Ele é de onde?

Entrevistada 1: Meu avô, ele mora hoje em Feira de Santana, mas eu não sei se ele era de Feira de Santana, se ele nasceu em Feira. Meu pai e ele não tiveram uma relação. Acho que meu pai guarda muito a mágoa dele porque ele não criou meu pai. Essa foto aí talvez seja... (resto da fala incompreensível). E isso aí era a vista da arquibancada, né? Porque aquelas câmeras da época você não conseguia ver o ângulo direito. E provavelmente quem bateu a foto foi mainha. Aí a praia, aqui é na Ondina.

Entrevistadora: E alguém da sua família tem religião?

Entrevistada 1: Eu tenho essa foto aqui. Eu fui batizada. Por que eu fui batizada? Porque mainha não é religiosa. É, diz que é católica, mas nunca vai pra igreja, nunca foi na igreja, nunca me levou na igreja. E batizou, só batizou mesmo, só pra bater foto pra dizer que a filha é batizada.

Entrevistadora: E essa igreja do batismo foi alguma lá da região de vocês? Onde que foi essa igreja? Do batizado?

Entrevistada 1: Na Federação. Essa na rua, na frente da casa de minha avó, onde meu pai mora. É bem pertinho da minha, né? Bem pertinho. Deixa eu ver se eu consigo mostrar geograficamente falando... Então essa parte de religião assim é muito...

Entrevistadora: Na federação, algumas religiões predominavam em algum espaço?

Entrevistada 1: Olha, até infância era católica e batista. E testemunha de Jeová, porque ia lá na porta e fiz até estudo. Ela fazia, fez estudo com minha irmã, fez estudo comigo. Eu lembro que eu ia muito também na igreja católica fazer catequese. Depois a evangélica tomou conta, né? Puf, foi isso. Você está ouvindo até agora, até batuque evangélico. Então, evangélica tomou conta, sei lá, uns 10 anos atrás, talvez, 15 anos atrás lá, pelo menos. Aqui é só para você entender um pouco aqui é a Perina, a Vasco da Gama, pronto, aí entra aqui a

Muriçoca, o Centro Social que eu te falei é aqui, esse espaço mais aberto que tinha atividades de ginástica. Aqui tá até ainda escrito casa, mas minha casa era aqui assim, realmente a rua que eu tô te falando é essa aqui. Então é super adensado, como você pode ver. Aí aqui é a escada, desce aqui, e vem pra cá. A casa de meu pai é subindo, aí aqui é a casa do meu pai, tá vendo? A casa da minha avó, meu pai. E aqui é só mais um pouquinho, só mais um pouquinho, aí chega na principal que é onde tem a TV, onde tem as TVs, Derby... TV Ratul e aqui é o final de linha onde tem aquelas fotos lá de índio e não sei o que, aqui em cima a faculdade de arquitetura aqui, aqui é o Parque Sombra, a Record, que eu te falei que era uma referência que é uma ladeira aqui, tudo é uma ladeira, subiu a ladeira é UFBA, tá vendo? Eu chegava aqui, então bem pertinho, como você pode ver, bem perto mesmo.

Entrevistadora: Aqui já é você, mais... ?

Entrevistada 1: É, esse daí é aquele vizinho meu amigo. É, meu amigo de infância. Agora a gente não tem mais contato porque o vizinho mudou, voltou para outro lugar, acho que ele está morando. Ele foi fazer... Intercâmbio? É, ele foi fazendo medicina na... Foi pra fora, enfim, Isso foi aqui em Lauro também, foi tipo uma área de um zoológico, era tipo um clube, que tinha pra descansar.

Entrevistadora: Isso aqui é onde?

Entrevistada 1: Aí é no interior foi quando a gente foi em Esplanada. E aqui é em Salvador, só que é um outro lugar. Aí é a escola, do ABC também, e do Pequeno Mestre, uma caminhada. É meu primo. Aqui é Esplanada. É, Carnaval também. Rapaz, nossa, foi um bloco de Carla Peres que eu fui sorteada e ganhei dois dias abadá e de algodão doce. No bloco infantil de Carla Peres.

Entrevistadora: Esse aqui também era carnaval né?

Entrevistada 1: É, exato. E no caminho, no ônibus.

Entrevistadora: Você e sua mãe eram “a duplinha” de fazer esse tipo de passeio, né? Só vocês duas?

Entrevistada 1: Até hoje, é. Olha lá na rua, tá vendo o que eu falo de churrasco? Era muito forte. Aqui tudo é o povo que comia minha panqueca, aqui na arquibancada. Tudo

aqui é desconhecido, que a mainha agregava pra comer a panqueca. Fazer amizade na arquibancada, tudo aí agregado lá. Tudo panquequeiro aí.

Entrevistadora: Mais carnaval, né? Isso aqui era o que, Ivete?

Entrevistada 1: É. Isso tudo é gente que a gente conhecia lá na hora, eu aqui. Aqui é a minha vizinha.

Entrevistadora: E você lembra que rota era essa que vocês pegavam para o parque?

Entrevistada 1: O campo grande. E nessa época o Campo Grande era o circuito mais forte de carnaval. Hoje em dia é Barra-Ondina. Mas nessa época aí o Campo Grande era tipo o filé do carnaval. E tem aquela festa de Carla Peres, isso daí também no Campo Grande. É uma vista quase que pra região ali da Contorno. Os álbuns deram uma misturada nas fotos. Aí minha avó, no carnaval também. A mãe de meu pai. Em períodos diferentes, mas tudo no Campo Grande.

Entrevistadora: E aí quando vocês costumavam viajar era mais pro interior?

Entrevistada 1: É. Aqui também é uma vista lá da rua, tá vendo? Como tinha muito verde, hoje já não dá pra ver mais nada disso aqui. Isso tá super, super, super, super, super...

Entrevistadora: E as casas subiram também aumentaram aqui, né?

Entrevistada 1: Uhum, esse muro também, também mais alto. E na frente da casa minha avó também, naquela rua mais de cima que eu mostrei. Eu, meu pai e minha avó. Isso aí foi uma festa, ela gostava muito de cozinhar também.

Entrevistadora: Posso tirar dessa? Eu acho que eu tirei bastante foto.

Entrevistada 1: Tem muita, muita foto mesmo. Por isso que eu nem consegui filtrar assim.

Entrevistadora: Não, mas eu acho que é bom assim mesmo. Porque assim, se deixar, dá pra passar o dia inteiro contando história.

Entrevistada 1: Bom, a gente numa praia também. Até parece mais. Vendo ela jovem assim, até parece mais.

Entrevistadora: Ah, vou tirar foto do cachorrinho também, eu gosto disso

Entrevistada 1: Primeira e única cachorrinha, a Mel. Acho que ela viveu uns 8 anos talvez. Olha aqui minha casa, dá pra ver bem, tá vendo? Olha, eu vejo como era. E praia, tá vendo? A relação com praia era forte. Porque sempre... Era um lazer, né? E agora que eu lembrei, eu lembro que todo o meu primeiro dia de aula, a mainha tirava foto minha na escola. Então por isso que eu sempre tenho uma foto minha. Nesse muro indo pra escola.

Entrevistadora: Deixa eu tirar uma foto sua, segurando essa? Pronto, vou te liberar. Obrigada!

ENTREVISTA FAMÍLIA J

Entrevistadora: Você tem irmão?

Entrevistada 1: Sim, uma irmã e um irmão.

Entrevistadora: E você cresceu com pai e mãe?

Entrevistada 1: Uhum.

Entrevistadora: Eles são da onde?

Entrevistada 1: Daqui, Salvador.

Entrevistadora: A gente pode começar a ver as fotos

Entrevistada 1: Começar com as da formatura, tá?

Entrevistadora: Onde que você estudou lá?

Entrevistada 1: Na Cairú, Fundação Visconde de Cairu. Era em Barris.

Entrevistadora: Como você ia?

Entrevistada 1: Ia de ônibus. Eu trabalhava lá perto, trabalhava no campo da pólvora, aí eu ia do trabalho para a faculdade. Eu ia caminhando também. Essa menina minha avó criou por um tempo. Aqui é o pai dela, Cristiano.

Entrevistadora: Você tem alguma religião?

Entrevistada 1: Católica.

Entrevistadora: E sua família toda é católica?

Entrevistada 1: A maioria.

Entrevistadora: Aqui é você e sua mãe? Posso tirar uma foto dessa?

Entrevistada 1: Você está fazendo trabalho de graduação?

Entrevistadora: Mestrado.

Entrevistada 1: Fotografia?

Entrevistadora: Não, é em design na verdade. É, a coisa do álbum de família é um método que o pessoal do design usa.

Entrevistada 1: Ah, sim.

Entrevistadora: Mas eu também já trabalhei com fotografia há muitos anos. E agora que você está com o recém-nascido e está de licença?

Entrevistada 1: Estou de licença até janeiro.

Entrevistadora: Da onde?

Entrevistada 1: Lauro de Freitas. Trabalho em outro município.

Entrevistadora: E você costuma ir como?

Entrevistada 1: Eu vou de carro.

Entrevistadora: Aí quanto tempo que gasta?

Entrevistada 1: Mais ou menos, pra chegar uns 45 minutos. Se tiver trânsito, aí demora um pouquinho mais.

Entrevistadora: Pode tirar uma sua assim?

Entrevistada 1: Ai meu Deus, assim toda feia. Toda bagunçada, meu Deus. Tá, pode fazer o quê?

Entrevistadora: Eu acho que você tá bem, mas se você quiser fazer alguma coisa.

Entrevistada 1: Então vamos tirar depois, que aí eu me ajeito rapidinho.

Entrevistadora: Aqui é sua vó, sua mãe?

Entrevistada 1: Não, aqui é minha vó, minha tia. Tudo mundo igual, parece muito. Aqui é meu pai, ele tem 68 anos.

Entrevistadora: Tipo um anel de formatura?

Entrevistada 1: Uhum. Aqui Amelinha [?]

Entrevistadora: Ah é mesmo! Vocês se conhecem faz tempo?

Entrevistada 1: Você vê né, o tempo que a gente conhece e tem amizade, bem antes disso aí. Ela, minha irmã e meu marido estudaram juntos na mesma sala, aos três anos. A gente se conheceu assim. Aqui é o resto da formatura. Não sei se vai ser interessante. São retratos no geral, né? Aqui também é a veste da formatura. Não tem essa de muito tempo. Era pequena ainda. Não tem ninguém, só tem eu e meu irmão. Nem minha mãe está aparecendo aqui, deixa eu ver.

Entrevistadora: Ah, mas tem umas boas da cidade.

Entrevistada 1: Aqui é Maragogipe. Aí aqui eu já não sei que igreja é essa. Pode. Quer?

Entrevistadora: E você sabe em qual lugar é isso?

Entrevistada 1: Em Maragogipe também, na casa da minha avó. Aí foi na escola, Math Alfred. Aí é uma das praças de Maragogipe. Não sei qual é.

Entrevistadora: Então você mora aqui há quantos anos?

Entrevistada 1: Desde que eu nasci, 39 anos. É, a gente se mudou antes de eu completar um ano.

Entrevistadora: E quando vocês se mudaram para cá, era os mesmos lugares? Vocês ficaram mesmo em lugar? Ou chegaram a se mudar?

Entrevistada 1: Não, é essa casa aqui mesmo. Essa mesmo.

Entrevistadora: Aqui também é Maragogipe? Posso tirar dessa? Esse aqui era o de Natal?

Entrevistada 1: Sim, sim, Natal. Não sei onde, aqui é minha prima.

Entrevistadora: Quando você cresceu, a sua infância que você tem memória, vocês iam ao shopping nessas coisas?

Entrevistada 1: Na infância?

Entrevistadora: É, tipo Natal, tirar foto com Papai Noel, e tal.

Entrevistada 1: Ia assim, tirava foto e tudo agora, agora não sei onde tá. Porque tá com a minha mãe aqui embaixo.

Entrevistadora: Quem são?

Entrevistada 1: Meus irmãos.

Entrevistadora: E quando vocês faziam esses passeios, geralmente era shopping ou alguma praça ou largo? É perto daqui?

Entrevistada 1: A gente ia muito ao shopping Piedade, minha mãe gostava muito de ir lá nesses shoppings. Meu pai estava sempre trabalhando, né? Ia sempre eu, minha mãe e meus irmãos. Era sempre lá, de vez em quando no antigo Iguatemi, mas a maioria era no Piedade. Tem agora o do casamento. Agora ele é assim, serve? Aqui tem o resto do casamento e o resto da formatura.

Entrevistadora: E nessa época que vocês iam com a sua mãe, vocês iam como?

Entrevistada 1: De ônibus, minha não dirige.

Entrevistadora: Como que era andar de ônibus uma mãe com um monte de criança?

Entrevistada 1: Olha! Era uma loucura, a gente passava por baixo borboleta. Na época, era uma humilhação aquilo ali pra mim. Eu já tinha 8 anos. Quando eles deixavam entrar pela frente, o medo era que a mãe não entrasse no ônibus, né? Aí entrava, eu ficava só esperando ver, ela é pequena, eu ficava daqui só. Ficava eu e minha irmã esperando ela passar. Mas ela dava conta, ela jogava duro, até hoje joga. Só é macia com a neta, porque o meu está pequenininho ainda...

Entrevistadora: Ele ainda não manipula as pessoas... Qual a igreja foi essa?

Entrevistada 1: São Judas Tadeu. [Começa a falar com outra pessoa que chegou sobre a mãe e um banco que quebrou]. Outro dia ela [mainha] tava me dando dica de maternidade. E eu tava de boa. Ela tava me dando dica de deixar ele tomar chá, tomar água, tomar não sei o quê. E ela falou, deixa esse menino tomar refrigerante, gente. Falou pra ele largar um pouquinho o peito. É bom. Daqui a pouco ele acorda. Pera aí, viu minha filha? Oi! Acordou, não foi?

Entrevistadora: Posso tirar uma foto sua? [Para o homem que chegou].

Entrevistada 1: Eu vou ter que dar uma parada aqui, viu?

Entrevistadora: Quando vocês se mudaram para cá, já tinha essa quantidade de casa? As ruas? Ou era mais vazio?

Entrevistada 1: Mainha, quando a gente se mudou para aqui, já tinha essa quantidade de casa aqui? Desse lado da rua? Ou tinha uma sem construir?

Entrevistada 2: Lá em cima também, não tinha não.

Entrevistada 1: É. As casas tem mais em cima, mais e aí não tem um prédio aqui, é por aqui Tchau, tchau, tchau

Entrevistada 2: As casas só foi pra cima.

Entrevistada 1: As outras né?

Entrevistadora: E o povo que mora aqui perto dos seus vizinhos, mais diretos, vem da época que vocês se mudaram ou tem muita gente nova que mudou?

Entrevistada 1: Não tem muita gente nova, não. Tem só na funerária. Aqui é o filho da moça que morava, então ele já morava aí também. Não tem muita mudança.

Entrevistadora: E o que mudou no bairro?

Entrevistada 1: Está muito parecido... Mudou algumas vias, né? Que abriu aquela pista nova pra vir. Bora atender o telefone, bora. Já volto. Olha, Bentinho. Eu queria que ele mamasse até um ano e pouco... [piadas sobre amamentação]. Essa aqui é a prima do meu esposo e a vó dele.

Entrevistada 2: Graças a Deus, Jaqueline mamou até uns seis.

Entrevistadora: Isso aqui, você lembra onde é?

Entrevistada 1: Ô mãe, tu lembra onde foi? Foi no meu noivado. Tem tantos anos. Eu casei em 2011, isso ai foi em 2009? Gauchão como é o nome? Deixa eu perguntar pro meu esposo, pra ver se ele lembra e eu te mando, viu? Eu posso fotografar? Pode.

Entrevistadora: Mas como você ia dizendo, o que mudou aqui? Desde que vocês se mudaram.

Entrevistada 1: E não mudou muito não, né mainha.

Entrevistada 2: Caiu um monte de árvore

Entrevistadora: Mas caiu?

Entrevistada 1: Ah sim, e o outro lado não tinha nada dessas barracas. Não tinha barracas nem nada. Todas essas barracas aí são novas. E não ia caíram não, foram arrancadas as árvores.

Entrevistada 2: E era bem mais tranquilo. Aqui tinha muito mosquito. E foi uma felicidade hoje. Que a gente não podia falar aqui que o mosquito estava pela boca. Era um inferno.

Entrevistadora: E essa coisa da arborização diminuiu no resto do bairro também?

Entrevistada 1: Diminuiu. Diminuiu bastante.

Entrevistadora: E isso aqui?

Entrevistada 1: Pera aí, foi na Orla.

Entrevistadora: Você lembra qual?

Entrevistada 1: Rapaz, eu tenho a memória péssima, eu não lembro. É, quando o meu esposo me... quando ele chegar eu vou perguntar a ele, eu te mando pelo WhatsApp o lugar. Viu?

Entrevistadora: Isso aqui era pra... um passeio de casal?

Entrevistada 1: Era. Aí foi em 2015, eu já tava casada.

Entrevistadora: E me diz qual a sua relação com os seus vizinhos?

Entrevistada 1: É bem tranquila. Não tem assim, muita proximidade com todos. Mas assim a gente fica bem. Não tem nenhuma inimizade não, graças a Deus. Glória.

Entrevistadora: Isso aqui é no Bonfim?

Entrevistada 1: É. Esse é o meu compadre, esse é o meu primeiro afilhado. Não, mentira, o segundo, o primeiro é Ravi. Olha a mãe de Belinha aí, a mãe de Belinha adolescente.

Entrevistadora: Tem mais familiares de vocês que moram por aqui?

Entrevistada 1: Aqui não. Nesse bairro? Minha avó, mora lá embaixo. Olhe, não conheço ninguém aí, aqui foi um passeio que meu pai fez. Só tem aí meu pai e ela. Aqui é meu trabalho antigo, no campo da pólvora.

Entrevistadora: Essa aqui é aonde?

Entrevistada 1: Aqui dentro de casa. Essa é a mãe de Belinha.

Entrevistadora: Posso tirar foto dessa?

Entrevistada 1: Sim.

Entrevistadora: E aqui, era no mesmo trabalho?

Entrevistada 1: É no trabalho dela, da minha irmã. Esse álbum que tem mais foto dela, de Clara.

Entrevistadora: E qual lugar hoje aqui na cidade que você se sente mais segura pra circular?

Entrevistada 1: Salvador? Lugar nenhum, né? Só dentro de casa. Dentro de casa, dentro de shopping. Não me sinto segura em lugar nenhum aqui, sinceramente, do jeito que estão as coisas. Provavelmente nos bairros mais ricos, né, acontece menos coisas, tipo Pituba. Talvez um pouquinho menos.

Entrevistadora: E é medo de todos os sentidos, assim, do crime formado, da polícia, pode sair de um dos lados, ou de um dos dois lados?

Entrevistada 1: É tudo. A questão da polícia é mais quando vem, né, resolver alguma coisa que vai para os inocentes também. Nos outros locais, não.

Entrevistadora: Aqui você sabe onde é?

Entrevistada 1: É o mesmo passeio que eles fizeram? Ah, tudo bom. É aquele passeio que tinha meu pai e a minha irmã. Como é o nome daquela praia que é antes de Piatã? Onde fica o SESC? Acho que é Placaford.

Entrevistadora: Pode tirar foto dessa?

Entrevistada 1: Essa sou eu.

Entrevistadora: Mas quando você era mais nova, você achava que tinha algum lugar que era mais tranquilo?

Entrevistada 1: Ah, sim. Aqui era super tranquilo. Aqui... Não é que aqui aconteça muita

coisa, não. Mas hoje em dia ninguém mais fica até tarde. Antigamente a gente ficava aqui brincando, jogando dominó, os meninos jogavam, brincavam no skate. Oxi, eu ficava aqui até uma, duas da manhã. Sem problema. Mas hoje em dia eu não tenho essa coragem toda. Ou de deixar as crianças também, né? De jeito nenhum. Antigamente a gente ficava aqui brincando, era cheio de adolescente aqui, aí a gente conversava, brincava, jogava, assistia televisão, tinha novela e voltava. Era muito legal.

Entrevistadora: E você lembra dessa virada assim?

Entrevistada 1: Acho que quando a gente foi crescendo, quando deixou de ser adolescente. É, há uns 20 anos atrás, né?

Entrevistadora: Mas não teve uma marca assim, um governo que entrou, ou... Um evento?

Entrevistada 1: Não. Nada assim específico. É mais assim... Algumas pessoas foram né... Desviando caminho. Digamos assim.

Entrevistado 1: Todas foram morrendo. É. Que era do bairro. Pessoal respeitava. Se alguém morresse, eles corriam atrás.

Entrevistada 1: Tinha alguém, você lembra o nome dele? Tinha alguém que era até do tráfico, acho que quando morreu foi que desequilibrou...

Entrevistado 1: Renato [Sítio ou Piste ou Pixo?]. Ele não era daqui desse bairro, mas a região era dele. E eu conhecia ele, e por sinal, o nome da mãe dele era dona Flora também. Também já foi, entendeu? E quando ia acontecer alguma coisa no bairro ele anunciava assim, pra quem tinha contato, quando ia ter uma operação. Para que a gente, pra fechar o comércio. Conheço os irmãos dele, o pai e tudo mais.

Entrevistada 1: Não é que ele fizesse segurança não, porque eu não sei nem quem é, mas depois disso sei lá, ficou tudo estranho, mais estranho do que já era. [Fala com a sobrinha].

Entrevistadora: E tem um lugar mais perigoso assim, dos que você tem que frequentar? Ou também do trabalho, ou de faculdade, tem um pior? Que você não fica à vontade?

Entrevistada 1: Eu acho que é o melhor. Gente... Deixa eu pensar aqui. Como eu vou de carro, não sei. Se fosse de ônibus, talvez. Ah, pronto, o centro da cidade. Tem muitos assaltos. Eu não vejo nada de tiroteio, não, essas coisas. Onde eu frequento eu nunca peguei tiroteio, graças a Deus. Mas no centro da cidade tem muito assalto. Eu não me sinto muito segura lá também. Eu não vou nem com celular. Eu guardo em casa. Eu venho de carro, aí eu dou carona a alguns colegas e uma colega me ensinou uma vez um caminho pra eu poder não pegar engarrafamento. Eu prefiro pegar engarrafamento. Porque é um entrambe que sai bem, você vai passando por lugares que... você entra num beco, sai num beco?

Entrevistadora: E o comércio aqui fecha que horas, mais ou menos?

Entrevistada 1: Daqui a pouco, cinco horas. Fica tudo vazio assim, aqui.

Entrevistadora: E fecha tudo, tudo? Ou a farmácia e mercado fica até algum horário?

Entrevistada 1: Eu tô me concentrando nessa rua, na verdade. Aqui, a funerária é 24 horas. As farmácias e supermercado fecham 8 horas. A padaria tem uma padaria que fecha 10. Mas geralmente, 8 horas morreu tudo aqui, o comércio.

Entrevistadora: E os bares?

Entrevistada 1: E lá embaixo também, 10 horas no máximo, não é, Dedeu? Fim de semana ou...

Entrevistado 1: Lá embaixo, vara, vara à noite. No posto, vara. Enquanto tiver movimento fica aberto.

Entrevistadora: E sempre fechou cedo assim, no começo? Ou também teve algum momento que isso tinha me levado?

Entrevistada 1: De um tempo já tá. [Vai lidar com a sobrinha].

Entrevistadora: Em algum momento isso começa a ficar mais comum? Porque várias regiões aqui fecham muito cedo, né? E algumas fecham até na farmácia, essas coisas não tem mais que fecham tudo, né? Ali no centro tem vários trechos que nem farmácia resta aberto.

Entrevistada 1: É. Se bem que não tem hora mais pra acontecer as coisas, né? Esse aqui é meu aniversário. Acho que de dois ou três anos, não sei. A dona da memória não tá aqui. Vou perguntar a ela.

Entrevistadora: Sua mãe sai muito daqui do bairro ou ela fica mais em casa?

Entrevistada 1: Não, não sai não. Minha mãe sai só de vez em quando, assim, vai no shopping, coisa assim. No médico. Ainda mais agora com esses médico clínico tudo é que ela tá mais presa ainda. Ainda mais agora com Belinha aqui, o sonho dela, pronto, finalizou que ter essa neta aqui, ousada.

Entrevistadora: Que tema era esse?

Entrevistada 1: Branca de neve e sete anões. Olhe Dedé, o Roberto... Esse é um que foi pra criminalidade, infelizmente. Já se foi, né? Já não está mais entre nós... Aí... Deixa eu ver se é Maragojipe, viu? Na porta da casa de minha bisavó. Meu pai, esse. Meu pai e eu.

Entrevistadora: Nessa época aí, sua bisavó era viva? Tem foto dela aí?

Entrevistada 1: Era sim. Tenho, deixa eu ir pegar. Essa tá fácil, tem cada foto, cada baú, que ninguém vai tirar aquilo dali. Mas essa tava no porta-retrato do relógio. Aqui, vovó e eu.

Entrevistadora: Esse aqui é o que?

Entrevistada 1: Esse aqui? É o resto da formatura.

Entrevistadora: Então acho que as fotos já foi.

Entrevistada 1: Então fico de perguntar pro meu esposo sobre as fotos do noivado. Eu lembro da situação, você me perguntava assim, ah, o que aconteceu? Eu sei te dizer. Mas o lugar, geralmente, o lugar... Que coisa. Aí de foto que eu tenho são essas.

Entrevistadora: E você ocupa qual a posição dentre as irmãs?

Entrevistada 1: Eu sou a do meio. Meu irmão é só por parte de pai. E minha irmã e eu somos do casamento, mas eu sou a mais velha.

Entrevistadora: Nesse caso, você é mais velha.

Entrevistada 1: Mas dos irmãos, eu sou a do meio.

Entrevistadora: E aí seu pai é a pessoa comum entre vocês três?

Entrevistada 1: É. Minha mãe que só tem nós duas.

Entrevistadora: Qual a diferença de idade entre você e sua irmã?

Entrevistada 1: Entre os três, quatro anos. Eu sou quatro anos mais nova que minha irmã, quatro anos mais velha que minha irmã.

Entrevistadora: E de criação, você sentiu diferença?

Entrevistada 1: Meu pai? É. Mais ou menos. Ele era mais brabo. Ele está melhor agora. Mas ele era mais brabinho com meu irmão. Minha irmã foi a que foi criada com mais... pegou menos a brabeza dele. Ela via e pensava, isso aqui eles vão me bater, não vou fazer não. Ela realmente era mais tranquila, a paciência, toda a paciência que eu não peguei no útero. Ela vai aguentando tudo ali, ó, a palavra, igual a cuscuz, abafada, abafada. Quando ela disser chega, é porque chega. Ela não. Chega, chega. Até com minha mãe, ela é mais paciente, mais calma. Eu sou a que briga mais. Minha mãe quer um leite ninho e tal, bora, bora comprar! Minha mãe quer eu não sei o que, ela faz de tudo pra poder não entrar em atrito. Olha, a minha mãe é maravilhosa, mas ela não pode saber, senão ela apronta. Não pode contar, né? A gente conta, mas assim, não toda hora. Porque se não, ela apronta. É porque assim, eu fico muito preocupada com a questão da saúde. Agora eu estou aqui porque estou de licença, mas quando ela está só e essa ela, ela está dando conta. Agora eu vou sair para trabalhar... Mãe, aquele aniversário que eu fiz de Branca de Neve...?

Entrevistada 2: 2 anos.

Entrevistada 1: Pra ver. Eu te mando as informações que faltam, viu? Viu?

Dona Vera

Entrevistadora: Antes de mudar pra cá, aonde que você morava?

Entrevistada 2: Eu nasci e cresci em Maragojipe. Agora eu vim pra cá em 1977. E morei lá de 1977 até 1980. Até dezembro de 85. E depois vim pra cá. Jaqueline tem 39 anos, ela veio com um ano, mais uns 6 meses, mais ou menos. Porque ela nasceu em julho, eu vim dezembro de 85, ela ainda ia fazer 2 anos.

E era muito diferente quando vocês vieram?

Entrevistada 2: Quando eu vim? É. Ah, isso aqui era bem diferente. Tinha muita árvore, muito mosquito. Muita gente subindo a ladeira e descendo chorando. Olha, acabou tudo isso. O pessoal sobe e desce a ladeira correndo e quando desce, desse às gargalhadas.

Mas chorando por causa de...

Entrevistada 2: De quem morreu. Hoje não tem mais isso não. Quando eu vim pra aqui, passava enterro. Hoje não passa mais.

Passou o enterro. Tinha cortejo?

Entrevistada 2: Tinha, tinha. Hoje em dia não passa mais não, minha filha, acabou. O defunto desce no ônibus, no carro, e o pessoal andando, acabou. Eu não posso dizer se era melhor ou pior, porque já moro aqui há tanto tempo. Melhorou, em muita coisa, na verdade. Não tinha essas barracas todas que tem hoje, tinha muito pé de árvore. Melhorou em parte, os mosquitos melhorou. E você não podia abrir a mão porque o mosquito entrava, tinha muito sapo, cobra, era aquele bicho que se chama caracol, não é? Caramujo, aquele bicho horrível. A violência só faz piorar, né? Todo dia. De lá pra cá só piorou. Porque toda a vida tem vagabundo. Vagabundo e viado sempre teve. Mas depois que assim liberou, eu acho que piorou. Porque agora você não está segurando em casa. O ladrão vem de lá com uma tesoura, corta seu cadeado, corta sua grade e ele em sua casa. Então você não está segura não.

E quando suas filhas eram pequenas elas conseguiam brincar aqui na rua?

Entrevistada 2: Ah, brincavam muito.

Hoje você não deixaria suas netas?

Entrevistada 2: Não deixo. Mas eu já deixei minhas meninas brincarem muito aqui. Pegava o velotrol, botava as perninhas pra cima e êeeee. Não, não. De uns dez anos pra cá,

nunca mais eu vi um menino jogar bola aqui. É, a arraia, tinha muita arraia. O menino ficava no meio da rua, empinando a arraia. Os carros vieram, os carros pegaram, né.

E qual é o lugar da cidade que você acha que é mais perigoso? Que você se sente mais insegura assim?

Entrevistada 2: Olha, eu vou te dizer uma coisa, eu não sei não, mas aqui no meu bairro eu me sinto segura.

Aqui é o lugar que você se sente mais segura?

Entrevistada 2: Eu me sinto seguro, porque apesar de tudo aqui é um bairro tranquilo. Não, mas eu vou te dizer, apesar de tudo bairro que a gente fala, quer dizer, até você pode chegar na porta 1, 2 horas da manhã, você não vai ficar na porta, mas você pode chegar na porta, olhar assim, até umas 10h. 10, 11 horas e fica aqui aberto, se aqui não tá aberto, eu tô aqui conversando. Tem bairro que a gente abre a porta e o ladrão tá dentro, né? Esse ladrão não, amiga, vagabundo, né? Que ladrão que rouba vizinho é vagabundo, né?

Entrevistadora: Tá bom, era só isso, as perguntas. Se quiser falar mais alguma coisa do bairro.

Entrevistada 2: O meu bairro é louco. O bairro que eu tinha vontade de morar mesmo, era [incompreensível]. Mas hoje a vida é violenta. Eu não tenho mais vontade de morar mais. Três, quatro, dois, quatro. Mas aí eu comprei a minha aqui. Se eu for, só pra vender... As pessoas não dão valor pela rua, que é distante do cemitério. E me tranquilizando aqui no mercado, porque eu preciso de aqui. Aqui você não pode ficar de porta aberta, né? Não tem o acento de... Tem um lugar que você vai ficar... Não, nem abri a porta. Aqui é bom. Eu não acho que é ruim. No momento, no momento, hoje, eu não trocaria aqui por bairro nenhum. Na minha opinião. Sim. Gasolina, padaria, lanchonete, tem tudo, apesar de o pessoal pintar e bordar com a cidade nova, aqui é um bairro que tem tudo na minha opinião. Se você morreu, tem o cemitério, se parir tem a maternidade é assim, né.

ENTREVISTA FAMÍLIA K

Entrevistadora: Você tem irmão, irmã?

Entrevistada: Eu tenho seis irmãos, sete irmãos.

Entrevistadora: E dessas pessoas quantas são homens e mulheres?

Entrevistada: Então, são quatro homens e três mulheres.

Entrevistadora: Beleza. E você tem pai e mãe?

Entrevistada: Meu pai é falecido, mas eu tenho pai e tenho mãe.

Entrevistadora: Cada um é de onde, pai?

Entrevistada: São daqui de Salvador, os dois, de bairros diferentes.

Entrevistadora: Você sabe o bairro de cada um?

Entrevistada: Sei, minha mãe é daqui de Itapuã mesmo. Mora há trinta e poucos anos aqui. Meu pai era da Boca do Rio.

Entrevistadora: E quantos lugares você viveu antes de viver nessa casa?

Entrevistada: Sempre morei em Itapuã. Sempre morei aqui.

Entrevistadora: Sempre morou em Itapuã, né?

Entrevistada: Sempre. A gente tem apego a morar aqui em Itapuã. A minha família, a gente mora nesse ladinho aqui.

Entrevistadora: Tem outros familiares por aqui?

Entrevistada: Tem outros familiares. Nessa casa, na outra de baixo.

Entrevistadora: Quais tipos de familiares?

Entrevistada: Irmãos, irmãos, eu, minha mãe e meus irmãos. Duas irmãs moram aqui, perto.

Entrevistadora: E você sempre morou nessa casa?

Entrevistada: Eu moro na casa do lado. Você me viu lá, essa aqui é de minha irmã. A de cima é da outra irmã. Mas sempre morei aqui.

Entrevistadora: Sempre foi nesse mesmo endereço?

Entrevistada: No mesmo endereço.

Entrevistadora: E quando você nasceu, sua mãe estava aqui? Não, sua mãe já estava aqui. Mas ela já estava nesse terreno ou ela morava só em Itapuã?

Entrevistada: Não, minha mãe estava nesse terreno. Meu avô era dono dessa parte aqui da rua. Ele tinha terrenos aqui nessa rua, nesse lado da rua. E aí ele deu esse terreno onde minha mãe construiu a casa dela. E o do lado é de um tio, o mais embaixo é de outro e o resto ele vendeu. Então quando eu nasci ela já estava aqui, construindo famílias.

Entrevistadora: E qual a sua ordem, dentro dessa ordem dos irmãos?

Entrevistada: Então, eu sei te dizer que da ordem dos que minha mãe teve. Dos que minha mãe teve. Porque aí estão os irmãos de parte de pai e de parte de mãe. Que a gente só descobriu os parte de pai agora. Mas já estou calculando. Estou dizendo que a gente é uma família, vamos calcular. Então minha mãe teve cinco filhos. Dos cinco eu sou a quarta. Ela teve três filhos no primeiro casamento. E dois filhos com meu pai, que foi o segundo relacionamento que ela teve. Depois do casamento. E depois disso ela já teve o primeiro casamento. Então eu tenho três irmãos de parte de mãe. Nesse contexto aqui de nasci, cresci e reconheci a vida toda. Três irmãos de parte de mãe. E aí vem eu e meu irmão que são filhos do casal.

Entrevistadora: Entendi. E você é mãe?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: E quantos...

Entrevistada: Jesus me crie. Repreendido.

Entrevistadora: Não, só a informação pontual. Você tem sobrinhas ou sobrinhos?

Entrevistada: Tenho uma porrada. Eu tenho... Meu irmão teve quatro. A outra teve dois, seis. E a outra teve seis. Três fizeram doze.

Entrevistadora: Eita, já resolveram? Foi tudo.

Entrevistada: Doze sobrinhos.

Entrevistadora: Ah, e outra coisa. Quando você se mudou pra cá... Quando você se mudou não, quando você nasceu no caso. Quando você começou a crescer aqui. Era como? Tinha esse tanto de casa? Ou era mais roça assim? Mais rural?

Entrevistada: Não, já era mais urbanizado já. Só não tinha... Eu lembro que na infância esse asfalto era barro. Aqui ainda não tinha algumas casas construídas. Tinha umas duas casas construídas. Um terreno, dois terrenos ali vazios. Mas o resto dessas casas são... Eu sempre... Claro, outras construções estão fazendo em cima aí, né? Estão ampliando. Mas essas casas sempre estiveram aqui.

Entrevistadora: E o povo que mora aqui hoje... A maioria, a grande parte dessa época... O tempo mudou muito?

Entrevistada: Mudou. Os últimos anos, acho que os últimos oito anos, dez anos... A gente teve uma mudança assim. Não são aqueles vizinhos que você... Ah, quando eu cheguei aqui... Acho que as pessoas mais velhas aqui dessa rua aqui... É a minha família mesmo. Acho que é a minha família mesmo. A gente tem essa casa aqui. O avô dela era dono desse lado da rua. Então essa casa é grande, assim. No fundo tem várias outras casinhas, não sei o quê. Então acho que os mais velhos aqui são os nós.

Entrevistadora: Entendi. E a relação de vocês com a vizinhança... Lá aconteceu na sua infância, como era?

Entrevistada: Continua. Minha mãe devia ser presidente síndica da rua. Todo mundo que respeita ela. Ela nasceu, onde houver ela xinga todo mundo, manda todo mundo em lugares. Olha o babá da vizinhança. Mobiliza a bandeirinha na copa. É desse tipo.

Entrevistadora: E mesmo com o passar dos anos e com a mudança dessa vizinhança por pessoas mais que estão chegando agora, ela continua tendo essa influência?

Entrevistada: Ah, continua. Porque o povo já vai chegando, vai entendendo que ela já faz as boas-vindas, já dá ideia. O bom de morar aqui, não é a diferença de morar aqui e não morar em condomínio é isso, né? As regras da rua. Todo mundo aumenta o seu som. A gente pode reclamar do dela. Se ela reclamar, você abaixa o seu. Desse rolê. Então a galera se dá bem assim com ela. Ela sabe que está tudo nessa rua. Não, ali tem uma fonte. Se faltar água, pega ali, a gente vai lá e resolve. Eu falo, é onde, bora pegar uma folha. Aqui embaixo minha mãe tem essa relação com o espaço.

Entrevistadora: Ai, que interessante. E consegue orientar outras pessoas em relação ao espaço.

Entrevistada: Consegue. Até para dar festas, os vizinhos têm que perguntar para ela como é. Para jogar na rua. Ela tem uns rolês assim. Minha mãe.

Entrevistadora: Ah, muito bom.

Entrevistada: Ela dá umas festas assim de criança, de Cosme e Damião. E tem anos que ela resolve botar brinquedo. Ela vai aqui nos vizinhos. Ninguém vai estacionar seu carro aqui. Ninguém vai estacionar seu carro na rua. Porque vai ter brinquedo. Eu vou fechar a rua, ninguém estaciona. Então bota seu carro lá em cima. Aí o povo pergunta dias e dias a ela. Então, é que dia é a mesma festa? Para ninguém se atracar. Ela vai fazer um esquema da sua carro de meia. Mas também ela protege a vaga de todo mundo. Tira seu carro daí, aí é a vaga de Fulano. Daqui a pouco está chegando.

Entrevistadora: As vagas. Ah, muito bom.

Entrevistada: Nesse nível.

Entrevistadora: É a presidente da rua mesmo. Vamos começar a ver as fotos? Que aí eu vou fazendo outras perguntas. Você já conta como que eu vou vendo.

Entrevistada: Pode ser eu render a foto, né? Pode.

Entrevistadora: Se você quiser mostrar algo primeiro. Essa aqui é?

Entrevistada: Essa sou eu, esse aqui é meu padrinho, essa é a formatura da alfabetização que foi aqui. Em cima da minha casa. Era uma loja como essa, só que fechada, as paredes.

Entrevistadora: Aham. E fizeram a festa da formatura da sua escola aqui?

Entrevistada: A minha mãe é presidenta, né? Ela cambaleou o negócio. Ela disse, não, a minha casa tem espaço. Eu não paro. A minha casa na parte de cima. A minha mãe já fez associação de moradores.

Entrevistadora: Olhas.

Entrevistada: Eu tive possibilidade de fazer vários cursos assim. Esses cursos sociais, dentro de comunidade. Porque minha mãe tem essa coisa. Ela dizia assim, eu era pobre, né? Eu digo que a gente já não é tão... Já não vivia o que eu vivia quando eu era criança. E meus irmãos, muito mais distante. A gente não reagia a isso. Como foram né? Com a diferença de idade que a gente tem. Depois de 15 anos que ela teve o primeiro casamento. Quando ela teve a gente. Então ela já teve mais e nem imaginava aqui. Depois de 15 anos. E aí aqui em cima. Essa casa de cima que hoje construiu pra minha irmã. A gente tinha curso de boxe. De jiu-jitsu, de caratê, de capoeira, de cultura. Ela inventou... Em cima da minha casa. Hoje é a casa de minha irmã. Aí ela começou a fazer essas bolsas. E chamar apoiador. E aí subia a gente, descia a gente. Mas aí só subia, descia. E aí se arrumava. A gente fez muita coisa. E aí nessa mesma época. A formatura vai ser em cima. E aí sou eu e meu padrinho. E aí também a foto da formatura. A gente foto queimada. E tudo. Eu saía assim.

Entrevistadora: E como era essa coisa de foto na sua família? Tirava em que ocasiões?

Entrevistada: Em ocasiões de festa.

Entrevistadora: Não se preocupavam com isso?

Entrevistada: Então, pelo que eu comprehendi, pelo que eu entendia. Porque na época dessas fotos eu nem tava me lixando. Como é que chegavam essas fotos. Mas pela minha

compreensão. Mas eu sei que é isso. Tipo, primo, tia. Tinha mais condições. Aí quando vinha com a máquina e com o filme. Tirava a foto da gente. E dava as fotos pra gente. Que tinha gente. Era sempre nessas ocasiões. Então tava na casa de minha tia. Tirou foto. Engraçada. Porque aqui a gente não tem tanto. Aí é meu irmão.

Entrevistadora: Essa foto é ótima, mas tá todo mundo pelado.

Entrevistada: Não que ele ligue viu, ele não tem pudor nenhum. Aí é minha avô. Minha madrinha.

Entrevistadora: Deixa eu anotar aqui. O primeiro aqui é seu padrinho?

Entrevistada: É ele. Padrinho. Eu, minha avó, minha madrinha.

Entrevistadora: E essa escola era aqui?

Entrevistada: Aqui embaixo. Mais no final dessa rua.

Entrevistadora: Você sempre estudou aqui no bairro? Ou em algum momento você mudou?

Entrevistada: Não, na faculdade eu saí do bairro. Eu estudei no começo. Mas a segunda eu estudava. Já na minha primeira infância e até o ensino médio sempre foi aqui.

Entrevistadora: O ensino médio foi aqui. Onde você estudou?

Entrevistada: Eu estudei na Unijorje no começo. No começo. No bairro do começo.

Entrevistadora: E como era esse deslocamento na época da faculdade? Você deslocava como?

Entrevistada: Primeiro quando eu fui fazer faculdade a ideia era a mesma. Desde sempre era fazer muito longe. Para mim eu ia para Santa Catarina. Era a minha ideia que era a Minas Gerais. Que era só um lugar assim. A ideia era sair muito longe. Porque eu sou muito bairrista. Minha família também. Era uma família muito pobre. Então não saía muito de Itapuã. Até Itapuã para se conhecer. Foi um processo na adolescência. E minha mãe na criação de meu irmão. Ela criou a gente meio cativeiro. Aí sou eu. Eu tenho uma deficiência

no pé. Eu estava arrebentando esse pé. Eu, minha sobrinha. Que tem outras coisas dela. Meu irmão. Meu amigo é de minha irmã. Engraçado que a gente achava que esse colchão aí era um cenário. Que ideia. “Vamos tirar no colchão”. Comprou um colchão novo, “vamos tirar no colchão”. E a gente achava que era um cenário. E a gente sempre viveu nesse lugar. Eu conhecia pequena. Eu sabia dizer que eu conhecia três ruas. Essas três travessas.

Entrevistadora: E sua mãe criou vocês no sapatinho então.

Entrevistada: Ela criou a gente cativeiro. Dentro de casa. Tinha medo de roubar.

Entrevistadora: Que coisas eram os medos que ela tinha?

Entrevistada: Então, meu irmão quando tinha um ano. Minha mãe saiu para trabalhar muito cedo. Me entregou com três meses para minha irmã criar. Que era mais velha. Criar no sentido. Vou trabalhar quando voltar. A responsabilidade é sua. E eu tenho diferença de pouco tempo com esse meu irmão. Quando eu estava com seis meses, ela já estava grávida.

Entrevistadora: Ah, certo.

Entrevistada: Então, esse rolê é minha mãe.

Entrevistadora: Essa aqui é a sua mãe?

Entrevistada: Isso.

Entrevistadora: Essa foto é em que ocasião?

Entrevistada: Na formatura da filha da vizinha, da filha da vizinha.

Entrevistadora: Certo. E aí ela deixava seu irmão mais velho.

Entrevistada: Quando ele tinha um ano, ele estava paradinho na frente da casa. E uma pessoa passou e levou ele.

Entrevistadora: Não.

Entrevistada: E aí minha mãe traumatizou com isso.

Entrevistadora: Mas resgatou, né?

Entrevistada: Conseguiu resgatar. A pessoa pegou, levou ele e atravessou essa pista. Chegou no meio do fio e largou ele. E aí ele foi engatinhando meio que na direção dos carros. E alguém viu, pegou e levou para a delegacia. Depois de muito se procurar nessa rua. Parar aí da porra toda. Alguém pensou, gente, vocês já foram para a delegacia? Não, mas não deu 48 horas. Mas vai se alguém achou esse menino estar lá.

Entrevistadora: Sim.

Entrevistada: Aí quando minha mãe chegou, ele estava lá. E isso para ela foi o trauma da vida. Então, eu e ele.

Entrevistadora: Nossa, mas é um ótimo trauma.

Entrevistada: Assim, era grades na casa por dois motivos. Porque além de uma pessoa ter feito isso, ela achava que o meu pai ia roubar a gente.

Entrevistadora: Aí ela fez a segunda camada de medo.

Entrevistada: Como eu tava dizendo, ela botou grade na rua, pessoa dura, não tinha nem o dinheiro certo da alimentação dos filhos, mas tinha que botar a grade. Eu falei, que riqueza de pobre, guardar os filhos. Eu disse a ela, se levasse, besta. Tinha menos despesa. Ela, não. Meus filhos, não. Eu arranjei logo uma grade e botei grade na casa toda. Ela disse que queria a gente estar aqui. A gente já veio conhecer essa caixa demais. Depois, com a escola. Eu estudei os primeiros anos aqui no final da rua. Aí depois de estudar, já por meio do lado da Dorival Caymmi. Aí eu já conheci esse caminho. E os passeios de escola e os projetos sociais que eram mais interessantes. Que levava a gente para outros lugares. Quando eu fui para o ensino fundamental. Que já era aqui, perto de um arealzinho. Aí conheci mais outros lugares. Comecei a participar de outros projetos sociais. Até que deram direcionamento assim para a minha vida. Aí depois fui estudar na outra ponta de Itapuã. Já que já era de frente com a praia. Itapuã tem isso. A gente tem a Baité, que é uma lagoa. A gente tem rio. A gente tem fonte. Todo canto aqui tem água. Eu estudei perto do monte, dos areais. Depois fui para o lado da praia. Depois fui para o lado da Baité. Mas foi nesse processo de escola que eu fui...

Entrevistadora: Explorando mais a cidade.

Entrevistada: Explorando mais. Engraçado, eu acho essas fotos engraçadas. Porque a gente não tem mais. Eu não sei onde tem mais fotos dessas aqui. Quando eu era pequena, a gente tirava fotos sempre em dupla.

Entrevistadora: Que fofo.

Entrevistada: Eu e meu irmão, depois eu e minha sobrinha. Por causa do filme. Acho que tinha essas coisas. Como a gente parecia gêmeos, que tinha a mesma idade. Um ano de diferença. Toda vez que ia tirar a foto, as fotos tinha que ser os dois.

Entrevistadora: Olha só, que coisa.

Entrevistada: Tinha que ser os dois. A gente perdeu essas fotos. Perdeu muito. Não sei se ele levou também. Talvez meu irmão tenha levado.

Entrevistadora: Esse aqui foi aqui na rua?

Entrevistada: É, essa casa é da frente da minha casa aqui. Que hoje é verde. Mudou totalmente.

Entrevistadora: E eu que fui gritar lá?

Entrevistada: Bem onde você estava, mas ninguém tinha...Aqui ninguém... Pessoal aqui é equilibrado. Aí é isso. Então a gente tirava sempre foto em dupla. Isso eu acho viagem. A gente tinha muitas fotos e perdeu. Eu fico lembrando. Mas você lembra que a gente sempre tinha cadeirinha? Passado todo ano a gente ganhava uma cadeirinha. Todo ano uma cadeirinha diferente. Tipo poltrona, caixa.

Entrevistadora: Material variava.

Entrevistada: É, variava. Minha mãe ficava melhor de condição. Todo dia das crianças ganhava cadeirinha. A ideia era de ficar sentado. Ficar na frente olhando a rua e achar tão bonitinho. Eu dava banho e botava calcinha e o menino na cadeirinha. Rapaz. Sempre juntos. Você viu minha cara de que estava adorante na foto?

Entrevistadora: Sim, estava amando. E essa ocasião da formatura é muito maior?

Entrevistada: É a maior. Essa daí é da quarta série. Da quarta para quinta quando a gente sai para ir para o fundamental.

Entrevistadora: E aí essa festinha foi onde?

Entrevistada: Essa foi na escola municipal. Cidade Vitória da Conquista. Que é a quinta porra também, na rua da Conquista. Isso aí minha mãe reclamando que ela comprou esse sapato aí. Como eu tenho uma deficiência eu não adaptei muito tempo com o sapato. O sapato era alugado. Eu já estava dançando mais para lá. O sapato estava uma picada.

Entrevistadora: Nossa senhora.

Entrevistada: Eu lembro muito bem qual foi o B.O. dessa foto aí. E eu explicando tipo eu não vou usar porque se eu usar eu vou acabar a minha festa.

Entrevistadora: Sim. Sua mãe trabalhada na elegância querendo que você...

Entrevistada: Exato. Querendo que eu fui virar ser gente aí em 15 segundos.

Entrevistadora: Então vocês não tinham por exemplo o hábito de ir para a praia?

Entrevistada: O hábito de ir para a praia a gente tinha. Eu ia para a praia. A gente tinha esse hábito de ir para a praia. Eu acho que eu fui para a praia com minha mãe na fase que ela foi morar na ilha. Aí ela levou a gente de morar muito perto da praia. Mas a quinta pão que a gente está tipo da minha casa talvez seja 10 minutos da praia. A gente só ia quando essa minha irmã mais velha levava. Ela teve muita essa coisa assim da adolescência dela da juventude dela. Teve que ser muito bom para a gente. Ofertar algumas coisas. O que eu levava para praia a minha mãe estava sempre trabalhando. Eu não sabia a hora que minha mãe chegava. Eu não sabia no fácil de que hora ela saía. Eu digo a minha mãe eu cheguei um tempo que eu chamava minha irmã de mãe. Achar que minha mãe era minha irmã. Há muito tempo. Eu ia. Eu não tinha acesso a praia que os irmãos levavam. Era só essa irmã mais velha que a outra é pá-virada. Minha mãe não deixava. Se ela pegasse a gente ela ia cair no pau. Ela ia comprar mais essa mais velha que criou a gente e ia. Essa outra foto é a minha irmã mais velha. Mais velha? Não. Eu e minha sobrinha.

Entrevistadora: Essa aqui é sua sobrinha?

Entrevistada: Minha sobrinha, minha irmã teve uma filha com 15 anos. A caçula do primeiro casamento que já não é mais caçula quando eu cheguei. Ela teve uma filha com 15 anos dessa menina.

Entrevistadora: Mas cresceram juntas?

Entrevistada: Crescemos juntas, muito tipo irmãs. Ela veio aqui e deixou. Nossa que subiu. Hoje ela tem 23.

Entrevistadora: E esse lugar é?

Entrevistada: Esse lugar é aqui. Essa laje aqui em cima que teve formatura. Que não era a casa ainda era o espaço aberto. É uma festa de São João. A de São João a gente nada a ver com São João. A feliz que só, ocorreu na laje toda.

Entrevistadora: Sim.

Entrevistada: Esses rolês de casa.

Entrevistadora: Essa que você falou que é a sua irmã mais velha?

Entrevistada: Não é mais velha. Mas é quando a gente vai descobrindo essas famílias extensivas. A gente vai descobrindo outras. Mas ele é o mais velho dessa criação que eu conheci a vida toda.

Entrevistadora: Sim.

Entrevistada: dos filhos de minha mãe a princípio é ele. Tem 37 anos. Esse aniversário dele acho que é de 15 a 18. Não sei dizer. Mas era um aniversário que tinha que ser comemorado. Acho que era de 15. Tinha que ser comemorado. Aí montou esse bolo. Nessa época a gente estava morando na casa da frente. Do outro lado da rua onde você chamou. Porque essa casa estava sendo ampliada. Construída. Que era só um quarto de sala eu acho.

Entrevistadora: Entendi.

Entrevistada: A gente passou por morar nessa casa durante um tempo. E eu, ele e a vizinha. Essa vizinha morava aqui. Que doido. A gente passou por aqui também. Nunca vi.

Entrevistadora: Vai ficando.

Entrevistada: Isso. Esse é meu cunhado, não é mais cunhado. Mas eu achei esse álbum.

Entrevistadora: Isso aqui é no interior?

Entrevistada: Quem sabe. Essa é uma tia minha. Nossa, esse é meu cunhado pequenininho. Olha que foto queimada. E o povo guarda. A idade não vai melhorar nunca. A minha casa está ali do lado. Essa casa do lado. Eu, minha mãe e meu irmão.

Entrevistadora: Posso tirar dessa aqui?

Entrevistada: Pode tirar ela do álbum, esse plástico atrapalha.

Entrevistadora: E aí você cresceu no cativeiro e aí quando você começou a sair, né? Pra ir pra escola que era mais longe. Quando você começou a sair com as suas pernas. Sem tanto sua mãe, você sentiu o que da cidade? E aí como era estar na cidade?

Entrevistada: Exato. Minha mãe sabia que as oportunidades para a gente chegaria através. Minha mãe sempre teve essa coisa muito social. Sabe? Da organização, do coletivo. Eu aprendi com ela de participar de associações de moradores. Então ela sabia que muitas das oportunidades para a gente ter poucas condições. Virem através desse curso. Desses oportunidades que viram para a comunidade. E ela dizia sempre. Você vai fazer um curso. Às vezes eu brinquei com minha mãe que eu não queria fazer um curso de puff. Fazer puff garrafa pet. Que porra que eu quero fazer puff garrafa pet. Não falei que porra. Eu não quero fazer curso de garrafa pet. Não vou fazer nada com isso. Eu não vou viver de fazer sofá. Você não vai fazer o curso que você não vai fazer. Você vai ter a possibilidade de aprender pelo menos fazer uma cadeira para você sentar. Se um dia você precisar. E aí indo para esse curso que sabe alguma coisa que diga. Ampli sua cabeça para outros lugares. Ela dizia sempre. E a gente sempre teve uma relação de confiança. Esse era o namorado de minha irmã também. Que eu chamei de pai uma vida. Porque ela namorou com ele. E aí ele que me levava para a praia para as coisas. Ele me chamava de filha. Eu chamava ela de mãe porque eu entendi que ela era minha mãe. Porque eu não via minha mãe. Eu tinha 5, 6 anos. E durante 5, 6 anos eu vivi uma relação. Porque eu não vivi uma relação de pai e filho com meu pai.

Entrevistadora: Tinha um papel de pai para você.

Entrevistada: Tinha um papel de pai.

Entrevistadora: Isso aqui é onde você sabe?

Entrevistada: Campo. Não sei onde é esse campo. Algum campo de futebol porque ele adorava jogar futebol. Essa é a minha irmã. A casa dele. Esse menino eu não conheço. Isso aí é uma praia aqui em Itapuã.

Entrevistadora: É uma praia daqui?

Entrevistada: Isso.

Entrevistadora: Posso tirar?

Entrevistada: Pode. E aí quando a gente começa a sair, a gente começa a arranjar os cursos dentro da escola. Eu fui fazer teatro na escola dentro de um projeto chamado Escola Aberta. Acho que era Escola Aberta porque tinha dois. Tinha um que a gente passava pelo turno da tarde. Outro que era aos sábados e domingos que a escola abria. Mas eu já acho que esse era Escola Aberta. Eu me encantei quando fui teatro. Porque eu estava muito levadinho. A escola me botou para fazer teatro.

Entrevistadora: [risos]Levadinha.

Entrevistada: Eu tive uma época heavy metal da vida. Aí fui fazer esse teatro. Aí me apaixonei. Eu queria tentar agir com isso. Tinha 12 anos, aí pronto. Nessa eu dizia a minha mãe, tem curso de teatro não sei aonde, é de graça. Meus amigos, vai. Eu sempre andei muito com pessoas mais velhas. Eu entendo teatro nas coisas muito novas. E as pessoas eram sempre tipo, eu tinha 15 e todo mundo tinha 30.E eu queria estar nesse meio. E a gente sempre estabeleceu muito a relação de confiança. Vai. Minha mãe me dava o transporte de ir de vinte a um lanche. Se de lá eu pegasse outro caminho, eu tinha que ir andando.

Entrevistadora: Sim.

Entrevistada: Se eu gastei o transporte, eu ia volta andando de casa. E outra, era uma relação tipo, a gente teve, eu digo ao meu irmão. A gente, mesmo sendo pobre, a gente tinha as coisas. Não é engraçado? Minha mãe, a gente com 12 anos, a gente tinha celular.Ninguém tinha celular nas costas, a gente tinha. Eu me passava de mil vezes se a gente disse assim.

Minha mãe, a gente precisa de um celular. A gente agora precisa de um celular. A gente dá um jeito aqui. Vai diminuir, vai atrasar duas contas. Mas vai ter esse rolê do celular. A gente tinha as coisas. Mas nesse tempo que a gente não tinha telefone. A gente ia, era no centro da cidade. E de lá a gente conheceu vários lugares. A gente chegava em casa contando tudo, era. Sai de manhã, chegava 11, meia-noite. Por que chegou agora a minha mãe? Ninguém ia vir pra casa. A gente foi pra ir pegar busão sozinho, mas tinha um show na praça Castro Alves. A gente pensou o quê? Vou assistir o show com a galera pra vir com a galera. Era mais segura. Ela dizia, eu não concordava muito com a ideia de vocês. Meia-noite tá no show não. Mas como vocês tinham uma história e um contexto. E falavam a verdade, eu preferia que sempre viessem a verdade. Essa relação de confiança, porque a gente era muito novo. A gente conheceu a meia-rua nessas ondas de sair, fazer curso. E um curso emendava no outro. Eu me lembro que a minha mãe disse, eu tenho um curso nos barris, que eu quero fazer. Mas o outro curso que eu já tô já é no Garcia. São bairros diferentes, mas numa reta assim. Ela e aí ela, você que sabe, só tem um transporte. Você tá indo pro lado de lá, você se resolve. Falei, acho que como é que eu vou dos barris? E eu tenho um deficiê dela. Você que sabe, você decide. Você só tem condição de fazer um barris, você quer fazer dois? É de graça? Um isso e vai. Agora você vê como é que você desenrola. Eu ia andando dos barris pro Garcia. E de lá voltava depois pro Pelourinho pra assistir jogo. Ou pra assistir show. E fazer outros cursos e não sei o que. E a minha mãe, viu que ela vai? E fui conhecendo as coisas assim. Mas sempre dessa relação de confiança. A gente tinha sempre essa coisa assim. Tipo, fala a verdade.

Entrevistadora: E a relação com a cidade, nesse sentido? Você realmente fazer questão de andar em grupo? Por ser mais seguro. Então isso é andando de curso por outro, que horas era essa? Quantas horas era seguro andar na rua?

Entrevistada: Exato, eu saía de manhã. Eu fiquei daqui pro centro da cidade de Itapuã. Itapuã é quase o interior de Salvador. Você diz assim, eu moro em Itapuã. Galera pira. Itapuã, porque tem muita essa coisa da história do bairro. As pessoas vinham pra Itapuã. Esperava a maré baixar pra passar com a loba. Que não sei o que. Então tem essa história do transporte. De maré baixar, maré subir. Que a Itapuã vinha pra veranear com os nativos. Ficou muito interior. E essa música vai sendo cantada e ficando imaginada das pessoas. A Itapuã continua sendo longe. Não é pertinho, mas também não é impossível. É longe, tipo que daqui pro centro ela leva uma hora. Em que lugar a gente não tá levando uma hora pra chegar? Isso eu achava um absurdo quando o povo dizia assim. Nossa, você mora em Itapuã? Era sempre assim. Eu fiquei conhecida no centro da cidade. Amanda de Itapuã. O pessoal me conhece assim. Lá de Itapuã porra. Povo dizia assim. Mas é isso. Essa coisa de fazer coisas que me mostrou o centro. Que eu fui conhecendo o centro. Que ali eu estudo com o meu trabalho.

Pra conhecer outros lugares foi através do que eu faço. Da música. Eu larguei o teatro tem muitos anos. Mas foi através da música, do teatro. Fui nesses lugares que eu ia nessa direção. De tocar, de estudar. E foi assim que eu fui conhecendo outros lugares. Agora eu sou muito barrista também. Eu sou da cidade. Eu sou muito dos projetos social de Itapuã. Eu crio coisas prioritárias. Aqui em Itapuã a gente tem uma roda de samba de mulheres em Itapuã. Falam que Itapuã não é um bairro certo. Mas pra mim é o mundo. A gente tem as ganhadeiras de Itapuã conhecidas internacionalmente. A gente conheceu e cresceu vivendo isso. Tenho essa vida na Lagoa do Abaité. Muita gente... Nossa, ninguém nem conhece o Abaité. A gente vai 5, 10, 10. Muita gente tem o Abaité. Quando eu vi essa coisa eu falei. Eu vou continuar levando a bandeira de Itapuã assim. Então em Itapuã eu digo ao povo. Em Itapuã eu tô perdida. Com escada, buraco aqui em Itapuã. Joga de um lado e diz assim. Eu sigo esse lado, mas você tá indo chegar no outro. Eu sigo esse lado e saio no outro. Isso é o legal. Essa coisa de conhecer Itapuã.

Entrevistadora: E qual lugar de Salvador que você sente mais segura?

Entrevistada: Itapuã. [risos]

Entrevistadora: E menos seguro?

Entrevistada: Rapaz, eu não gosto do 2 de Julho.

Entrevistadora: Não gosta?

Entrevistada: Não gosto do bairro 2 de Julho. É um processo pra ir pro bairro 2 de Julho. Eu... Ah, foi só de falar.

Entrevistadora: Mas você acha lá ruim pra você em que sentido?

Entrevistada: Oi?

Entrevistadora: Você acha lá ruim pra você em que sentido? Inseguro ou ruim? O que será que desperta essa sensação?

Entrevistada: Eu acho inseguro. Talvez seja. Porque a gente... Por morar em Itapuã. O que eu via antigamente no 2 de Julho, o que me deixava achar que o bairro 2 de Julho era inseguro, hoje tá na cidade toda. Muito morador de rua. Muita gente... As drogas ficaram

pesadas, assim. Muita gente passando a habitar na rua de um jeito que dá merda pra gente. E que também com a maturidade eu vou crescendo. Eu vou analisando que também nem todo mundo que mora na rua é ladrão, que todo mundo que tá na... Aquelas mesmas condições. Mas o bairro 2 de Julho, a primeira vez que eu fui que eu ia aí, foi isso, gente. Todo mundo adora o 2 de Julho, todo mundo não sei o quê, mas o bicho tá apertando aqui. Tem uma gente muito estranha, assim, na rua. O zô vai pra onde, não sei o quê. Ela dá, dizer assim, um trânsito, uma coisa muito exposta. Que eu não via em Itapuã. Hoje a gente já vê em alguns lugares. E em alguns lugares, às vezes, a gente já tá mais seguro por ter esse processo também. A minha rua não tem. Onde eu moro aqui não tem. Em Itapuã tem uma coisa estranha também, né? Em Itapuã, você atravessa a pista, você tem um lado todo de Itapuã muito mais barato. Se você passar a ponte, que a gente tem um rio aqui embaixo, que hoje já foi poluído e tudo mais, mas se você passa essa ponte, os valores mudam. Mas se você mora aqui, que é pertinho do Dorival Caymi, tô na rua de trás do Dorival, você vai ter que viver os custos de rico sendo pobre. É possível fazer... A localização da localidade do 2 de Julho é doida. Você senta no 2 de Julho e a galera vai lá te cumprimentar na mesa. E aí não sei o quê, não sei quanto pra me dar, não sei o quê, umas ruas estranhas, estreitas, não sei o quê. Claro, que é o histórico também da cidade. Mas com essas pessoas me causa medo.

Entrevistadora: Entendo.

Entrevistada: E aí eu fiquei meio... tomei abuso do 2 de Julho. Às vezes o pessoal fala, não sei o quê, não sei o quê. Falei, não é onde. Olha, eu ando de ônibus de boa, mas se for no 2 de Julho, você me passa o endereço aí que eu vou de Uber. Quero parar na porta, no GPS, então todo mundo começa a rir. Hoje mesmo tinha a possibilidade de ir lá, me convidaram. Vamos ver uma poção na Praia da Preguiça, não sei o quê. Aí eu falei assim, mas a preguiça é onde, né? A 2 de Julho. Eu calmo, mas se eu parar lá embaixo da praia, como é? Direto. Direto, assim, de frente, é de boa. É isso, tem essas coisas com...

Entrevistadora: Entendo.

Entrevistada: Acho que a relação hoje, eu gosto do Rio Vermelho, o Rio Vermelho é bom é meuzinho, né? A gente antigamente diz assim, Rio Vermelho, Itapunzê, não sei o quê. Rio Vermelho é primo pobre de Itapuã. Não tinha porra nenhuma. Você chegava num morador antigo, vou te dizer isso aqui. Você pegava um morador de lado a frente, um pescador, uma ganhadeira, mas era Rio Vermelho? Mas era primo pobre de Itapuã. Todo mundo chegava com facilidade no Rio Vermelho. A festa de Iemanjá, a primeira, foi Itapuã. Aí o Rio Vermelho

tinha não sei o quê, não sei o quê. Aí começaram as histórias de moradores, roubou o Rio Vermelho. Hoje eu gosto bastante da Amaralina, eu gosto da Amaralina. Na Amaralina eu tenho o Nordeste de Amaralina, que na televisão, nas mídias, é vendido como...

Entrevistadora: Como um lugar terrivelmente perigoso.

Entrevistada: Terrivelmente perigoso, sim. É punk, né? E aí, sabe, eu fui no Nordeste. Ultimamente eu tenho habitado mais a Amaralina, e não ia ao Nordeste de Amaralina. Não ia ser uma possibilidade talvez para mim, se eu não fosse uma vez na vida trabalhar. Lá no Nordeste de Amaralina. E no Nordeste, por causa desse medo, mesmo lá em Salvador. Eu fui no Nordeste de Amaralina, fui comprando frutas e verduras, não sei o quê, vi uma comunidade em paz. Eu vi pessoas fazendo sua feira de domingo, aquilo ali é cultural do Nordeste. Um monte de lona no chão, com muitas frutas, de uma rua inteirinha, assim como a minha. As pessoas comprando e vivendo todo mundo bem, com vários projetos dentro da comunidade. Tem os bar, não sei o quê. Todo lugar tem. Mas a Amaralina tem. E engraçado, no Nordeste, um amigo chegou a me dizer assim “Ah, meus pais moravam lá. Meus pais moravam lá. No Nordeste. Mas o Uber não ia buscar”. Dois idosos, de uma idade avançada. E você é obrigado a vender sua casa. Sabe vender sua casa, se mudar, ir para outro lugar. Eu vim para Amaralina, para a parte de baixo. Porque chegar em uma idade que você não vai deixar dois e doze ali, onde o carro não entra. Eu falei, porra, o Uber não entra no Nordeste. A gente entende também o cara do Uber. É a vida dele, você está trabalhando ali. Mas é isso. A Amaralina eu acho um bairro seguro. Vou, não tenho medo. Eu não ando na minha rua de madrugada. Na Amaralina eu ando. Eu morro de amores por Itapuã, não sei o quê. Mas hoje em dia eu não ando mais na minha rua, porque as mudanças, com essa coisa do crime, dessa cena, desses comandos.

Entrevistadora: Aqui o comércio fecha que horas?

Entrevistada: Nove horas. O último mercado fecha nove horas. Mas a gente tem aqui... Lanchonete. Aquele ponto de ônibus, aquela entrada. Ah, você deve ter vindo por baixo do Uber. Mas a entrada ali do ponto de ônibus, fica, dá cinco horas da tarde, tem churrasquinho, pizza. Virou um negócio assim de... De happy hour, coisa da noite. E aí eles ficam até meia-noite. Dia de sábado e domingo. Acho que vai até... O lanche vai até umas duas, três da manhã. E aí quando dá quatro da manhã já tem o rapaz do caldo de cana.

Entrevistadora: Ah, sei. Os lanches do after vão até de madrugada.

Entrevistada: É, então larguem a entrada da rua, porque eles vão estar de madrugada e emenda com o rapaz que já pega a galera que encheu, pra tomar o caldo de cana, suavão de coco.

Entrevistadora: Justo, recuperar, né?

Entrevistada: Exatamente. É isso, mas temos mais fotos.

Entrevistadora: Essa aqui você sabe... É o...

Entrevistada: Esse era meu padrinho também, menina. É muito padrinho. Esse era meu padrinho também. O outro foi de formatura, né? Esse também era meu padrinho. Aquele era jogador de futebol. Deixa eu ver se tem uma coisa que ele escrevia. Só que ele cresceu. Era muito bem alto. Era meu padrinho desde a barriga. Para, Edna, com carinho. Esse é meu padrinho. Ele era novinho. Aqui é minha irmã que namorava com ele, que eu criei uma vida como pai. Me amou para o futebol, vem muito dele. Sou a louca do futebol. Sou apaixonada hoje pelo futebol feminino. Eu nunca entendi, meu Deus, o homem assistiu futebol, saco. Mas eu sou um saco, hoje não tenho. Mas amor para o futebol. Pela música também, eles têm muita influência. Eu sou musicista, né? Na música. Eu ia para a casa dele, ele tinha caixas de fogão cheias de CD. Ele pedia para eu limpar. Eu passava o dia limpando, e ouvindo e ali me dava um mundo. A música tem isso, né? Te levar em lugares. Eu via muito CD. Aqui é minhas tias. Na primeira casa, na entrada, na rua. Você quer as fotos?

Entrevistadora: Não, não, essa não.

Entrevistada: Meu cunhado, pai de novo. Gente, esse povo bonito aqui deve ser meus parentes, mas não sei quem é.

Entrevistadora: Mas era onde?

Entrevistada: Quem sabe.

Entrevistadora: Esse aqui, o pessoal saía no Filhos de Gandhi?

Entrevistada: Amigos de minha irmã, no Filhos de Gandhi, pode. Tem alguma coisa que está no fundo para ver se ele melhora a gente?

Entrevistadora: Não tem.

Entrevistada: Às vezes tem. Às vezes tem uma informação. Ave Maria, o povo achando que tá bonito aqui. Muitas fotos de futebol. Minhas irmãs, minhas irmãs e amigas.

Entrevistadora: E você citou mesmo, enfim, desse crime mais formal.

Entrevistada: Com carinho, do seu padrinho.

Entrevistadora: Deixa eu tirar a foto desse fundo aí. Pode ser segurando. Mais uma. Pronto. A qual é a foto?

Entrevistada: Essa aqui. Ele jogava bola e me mandava fotos assim, porque por eu não ter conhecido meu pai...Conheci, mas não tenho lembrança. Meu pai morreu, era muito pequeno. Essa paternidade foi o caos da minha vida.

Entrevistadora: Os pais mudando cada vez eram uma figura.

Entrevistada: Esse padrinho, que foi da minha formatura, era um morador daqui de cima que eu passava. Ele me adorava pequeno. Quando chegou a formatura, o bonitinho aqui estava jogando bola. Você chamou o outro. Eu chamei o outro, porque eu não tinha pai. Eu não queria chamar o outro pai, porque eu estava entrando em conflito de cor. Eu começava a me questionar, porque eu acreditava tanto que ele era meu pai. Mas eu ficava “ele é branco”. E as pessoas me questionavam, porque ele estava sempre na cena de pai. Eu comecei a entender também que ele não era meu pai. E eu sabia no fundo, sabe como sabe no fundo que ele não é seu pai? E que tem uma história com seu pai que eu ouvia dentro de casa e tudo mais. E aí ele foi meu padrinho. O outro foi meu padrinho por isso. Então esse daqui sempre mandava fotos para mim. Deixa eu ver se vocês tem. Para Edna, que já era para minha mãe. Tirada na praça do Itú. Nem sei onde é isso. Em 1998, eu acho que tinha três anos. Ele mandava muitas fotos para a gente. Porque eu vivia longe e quando ele conseguia me ligar eu falava disso para ele. Ah, você é meu padrinho, meu segundo pai, mas eu não te vejo. E ali era a mãe dele que era minha madrinha daquela foto. Essa pessoa também. Não conheço. Então eu tive isso. É muito conflituosa a minha história porque é uma história doida, né? Eu digo a minha mãe todo dia que ela às vezes diz “Ah, eu já tenho paz de espírito porque eu sei entender a sua história”. Eu digo a ela assim: “Quando a gente entende qual é o nosso lucro e a construção da nossa família. Isso é muito entendido principalmente pelas pessoas que nos criam. Talvez eu não me questionaria tanto”. Se eu tivesse duas mães, eu não questionaria

a pai. E pela sociedade também. Pela estrutura da sociedade de todo mundo. O normal e o natural é ter pai e mãe.

Entrevistadora: Ao mesmo tempo não é, né? Porque a grande parte das famílias não existe o pai.

Entrevistada: Você não vive isso.

Entrevistadora: Mas o povo põe isso na cabeça.

Entrevistada: E naturaliza também o pai e a mãe ver o menino uma vez no mês.

Entrevistadora: Exato. Aí o povo cresce obcecado por essa ideia de pai. Nossa senhora.

Entrevistada: Olha aí, a formatura da alfabetização. Eu, minha sobrinha, meu irmão. A gente foi criado como irmãos.

Entrevistadora: Aham.

Entrevistada: O que estava nu. Isso aí é charme. Aí a questão da foto, sabe tirar todo mundo junto?

Entrevistadora: Sim, é a de... de...

Entrevistada: Sempre. Essa aqui é a minha irmã que criou a gente. Está aqui justamente também com a gente.

Entrevistadora: Deixa tirar foto dessa página?

Entrevistada: Dá para pegar será? Essa foto? Se não já tiro.

Entrevistadora: Não, dá para pegar. Posso tirar a sua?

Entrevistada: Pode. Foi?

Entrevistadora: Mais uma. Tá ótimo. Você está tranquila de horário?

Entrevistada: Não, estou tranquila, é só para dizer que ela vai. Isso aí é minha avó com alguém.

Entrevistadora: Aham.

Entrevistada: Deve ser foto de minha avó, aqui de novo é da formatura. A mãe daquele que era em cadeirinha.

Entrevistadora: Sim.

Entrevistada: Aqui é meu irmão trabalhando na gráfica. Meu ex-padrasto e o cachorro.

Entrevistadora: Deixa eu fazer a foto dessa?

Entrevistada: Mais cadeirinhas, aquelas cadeirinhas da gente.

Entrevistadora: Da coleção de cadeirinhas.

Entrevistada: A coleção de cadeirinhas.

Entrevistadora: Estou tirando.

Entrevistada: Está vivo, mas minha mãe que não quer...

Entrevistadora: Não quer mais saber.

Entrevistada: Ele vazou. Achou que era blefe. Aos dez anos mais. Minha mãe, quem? Ele não volta mais. Minha mãe “foi uma liberdade quando você foi embora”. Ele até hoje quer que a gente desse. Minha mãe não dá. Minha mãe até me desse. Que nada. Eu já tinha largado a tua mais tempo. Ah, essa foto é cheia de poeira. Esse aqui é um quadro que eu ganhei de presente. Era griô aprendiz. Essa aqui foi também para um trabalho, uma tese de doutorado. E aí eu... Era griô aprendiz de um mestre chamado Ulysses. Que é um pescador aqui da bomba, percussionista. Algan. Aí ela tirou essa foto no momento de dar uma aula de percussão aos meninos.

Entrevistadora: Deixa eu... Tirar essa outra também? Para aí.

Entrevistada: Eu saí bafando a foto do mundo. A gente também tem foto de lugar nenhum. Só que eu estou escondido não.

Entrevistadora: Mais uma. Pronto.

Entrevistada: É isso. Então essa sou eu e a minha amada...

Entrevistadora: Como é o nome dela?

Entrevistada: Joana.

Entrevistadora: Posso tirar dessa?

Entrevistada: Pode, deixa eu tirar essa fotinha daqui. Minha Joana vai ao dia. Não, mas eu gosto disso.

Entrevistadora: De ter uma fotinha, entendeu? Uma coisa por conta ali já. Você pode segurar.

Entrevistada: Esse album foi doido, né? A gente é mais inteligente. É bonito você segurar.

Entrevistadora: Você pode segurar com a mão.

Entrevistada: É ela. Barra de jaculho que eu lhe falava.

Entrevistadora: Ótimo.

Entrevistada: Ela é minha... Baby Shark.

Entrevistadora: Sobrinha?

Entrevistada: Sobrinha, é filho não. E aquela pequenininha é essa daí agora. Tem várias fotos. É a foto dela grande.

Entrevistadora: Deixa eu tirar a foto dessa foto. Deixa te, vou fazer uma pergunta. Sua família tem... Já teve alguma religião?

Entrevistada: Então a gente é candomblecista. Aqui é muito... Até a gente se entender que não é todo mundo. Não é generalizado, nem todo mundo é. Tipo, minha irmã que mora aqui embaixo. Ela vai para a igreja dia de terça-feira. Para candomblé dia de segunda. Igreja evangélica protestante.

Entrevistadora: Essa é você?

Entrevistada: Minha sobrinha. Aquela pequeninha que está nas fotos com a gente. Aí a filha dela é candomblecista. Aí minha irmã vai para a igreja...

Entrevistadora: Cada dia ela vai numa religião?

Entrevistada: É, dia de segunda-feira ela vai ali na sessão. Toma passe do caboclo, leva a filha, toma banho. Que você passar para ela. Vai para o terreiro, trata a galinha, não sei o quê. Terça-feira, simplesmente ela está lá no centro da cidade. Uma igreja protestante ouvindo a pastorar fazer revelação. E volta cheia de ideia. E a gente não diz nada. A gente cresceu assim. Minha mãe e minha igreja e a gente. A senhora não vai, não me poupe. Mas vá, se você gostar. Eu fiquei um tempo aí, fui para o Universal, queria me batizar. E não sei o quê, não me diz nada. Ela disse, você não vai dizer nada a esses meninos? Ela disse, gente, você é muito de cada um. Se a minha mãe me tem essa coisa, dá confiança. É, vá, você está dizendo para onde vai. Eu prefiro não barrar, deixar aí. A gente iria. Mas hoje a maioria da minha família é candomblecista. Meu irmão... Porque eu não tenho foto dele, já é um adulto. Se iniciou do candomblé. Na sequência a gente foi entrando para a religião. Já era uma coisa que a gente tinha muito próximo. Porque aqui na entrada da rua tem um candomblé. Do lado de cá tem outro candomblé. A gente ouvia, eu e meu irmão pelo menos, a gente ouvia histórias. Sobre o nosso pai ser ogã. E era ogã. Sobre a mãe dele ser mãe de santo. Não era uma coisa que estava distante da gente do candomblé hora nenhuma. Minha mãe ia nos candomblé. A gente não ia, mas minha mãe ia. E quando ele fez 13 anos, ele começou a se sentir mal. Começou a acontecer coisas que na época para a gente era estranho. Que era meio que um chamado para o candomblé. E aí ele se iniciou. E daí nessa iniciação de 13 anos criado preso dentro de casa. Todo mundo embarcou no processo. Assim de dizer, opa.

Entrevistadora: Quero ficar perto aí.

Entrevistada: Ficar perto aí. Na época foi eu e ele entrando de primeira. E depois foi todo mundo. Minha família é muito... Esses cinco filhos que minha mãe teve. Minha mãe, eu digo que o nosso mundo é minha mãe e a gente. A gente brinca assim. Cinco quadros de mainha.

Todo quadro tem quatro pontos. Não sei o que. E aí meus sobrinhos também. Meu irmão se casou com uma pessoa do candomblé. E aí os filhos dele já nasceram. Eles tem quatro. Três dos quatro já nasceram com total ligação. Uma mãe foi dar obrigação e estava grávida. Quando chegou lá e descobriu que estava grávida. Como ela já estava dentro do processo do roncó. Que chamamos de roncó. Do roncó grávida. Iniciou o menino na barriga. O menino nunca esteve longe do candomblé. Vida nenhuma da vida dele. É muito. É rapaz de todo mundo aqui. O mais macumbeiro da casa é o Lucas. Tem oito anos. Ele enche o seu velho. Não tem desenho, não tem graça. Não tem festa melhor para ele do que de candomblé. E foi sempre assim. Com um ano, com dois, com três, com nada, tem medo de nada. A gente brinca que um tempo da vida dele. Ele ficou aqui comigo. Meu irmão separou da mãe dele e a gente criou ele. Aí eu peguei ele no processo de separação. Eu entendi que a mãe dele meio surtou. E meu irmão queria fazer o papel de homem da vida. Cuidou da vida dele. Eu falei, não, vamos segurar onda com o Lucas. E aí a gente colocou ele em uma creche. Esse meu irmão mais novo. Colocamos ele em uma creche. E aí eu sei que a escola chamou a gente para ir na creche. O psicopedagogo. A creche era top. A creche afrocentrada. A gente começou a botar ideias que a gente queria. Para filho nele. Para criação de filho. Vamos botar o Lucas em uma creche afrocentrada. Que fale sobre a África o ano todo. Não sei o que. Eu estudava história. E o Lucas separando essa creche. A gente levava todo dia e ele buscava. Aí estamos lá e chama. Aí meu irmão fez a manda. Eu não vou sozinho, você vai comigo. Porque muito dentro da cabeça de Lucas deve ter sido você. Ele é porque você fica mais com ele. Falei "eu não, vamos os dois". Vamos lá. Chamaram ele e conversaram com o criança. A psicopedagoga. Depois chamam os pais. Depois junta todo mundo. Aí chamam os criadores no caso. Os cuidadores ali. E a gente foi e ela fez olha. O Lucas chegou aqui com história na escola. Ele devia ter 2 ou 3 anos. Ainda era muito pequenininho. Que ontem. Sexta-feira. Foi sexta ou foi quinta, não sei. Que ele botou calça, camisa. A roupa dele. Ele não falou candomblé. Não sei o que ele usou pra falar sobre essa roupa. E pra matar o cocô. Teve matança na casa dele. E o dindo dele. Matou a cocô e ele viu. E ele cantou e a cocô morreu. Mas a história que o menino criou. Era tipo parecia que realmente foi uma matança de matar uma mulher. Uma pessoa. E a gente cantou. E ficou como se ele estivesse sendo criado em uma casa de maluco, de gente que mata e canta. Ele contou isso na escola pra todo mundo. Chegou na maior animação. E eu fiz minha roupa e a cocô e não sei o que. Todo mundo ficou assim. Aí quando chegou na escola a gente ouvindo. Eu ouvindo e meu irmão ria. E não dizia nada. Que a cocô era galinha pra ele. Aí meu irmão começou a conversar. Ele: "não, é porque a gente é de religião de matriz africana, candomblecistas. E aí teve um ato realmente. De sacrifício. Que é o culto da religião. Não sei o que. Pra matar a galinha." E a gente não esconde, assim como a pessoa leva pra igreja a criança, a gente não tem necessidade de esconder o processo. O Lucas, nesse sentido, ele comprehende muito bem e gosta. A gente deixa ele acompanhar muita coisa. Ele não viu a

cocó morrendo. Ele viu o processo na vila galinha. Não que ele podia entrar. Mas ele já criou a história dele.

Entrevistadora: A imaginação dele.

Entrevistada: E aí pronto. Aí a gente chamou ele. Aí ela foi fazendo perguntas com a gente. Lucas, como era a cocô? Cheia de pena. Aí ele me chamou assim. Não foi mãe, não foi? Falei, foi. Aí ele, não sei o que eu falei. Eu falei, gente, ele é o mais assim. A gente para assim. Que é isso, que o Candomblé chama. E isso também colocou a gente em ligação com a família, com todo mundo. Essa entrada da gente no Candomblé. Aproximou tipo irmãos de minha mãe que a gente não conhecia. Pessoas que eram do Candomblé. É louco isso.

Entrevistadora: É porque.... Eu queria tirar uma foto de todas as fotos.

Entrevistada: Pode ir lá.

Entrevistadora: É outra família. E a sua família não é essa outra família. Então é uma relação dupla de familiaridade.

Entrevistada: Total.

Entrevistadora: Deve ser bem intenso. Eu não tenho familiares na minha casa de Candomblé.

Entrevistada: E aqui todo mundo respeita. Quando a gente vai fazer alguma coisa. Minha mãe, antes da gente ter no Candomblé. Minha mãe sempre gostou de dar carinho de Cosme e Damião. Ela mistura tudo. Minha mãe é ecumênica, né? Ela mistura tudo. Aqui tem a mulher do Johrei. Que é da região messiânica. Antes de distribuir esse panorama, e disse “sou do Johrei”. A gente não disse nada. Eu digo a todo mundo que eu sou a maior fã da minha mãe. Porque ela é foda. Nem um filho é capaz de dizer um piu pra ela. Todo mundo grande criado, todo mundo calado. Tá todo mundo lá. Uma coisa você cria dentro da religião. E ali você segue o dogma. Minha mãe segue porra nenhuma. E ninguém discute com ela sobre isso. Se discutir ela “ei, fora, vaza”. É assim com todo mundo.

Entrevistadora: E qual é a religião que mais tem espaço aqui?

Entrevistadora: Acho que hoje a gente tem a mesma quantidade assim. Eu vejo tudo

muito dividido. Tem candomblé para um lado, tem quem tá com a igreja batista, adventista, universal. São igrejas e candomblé. Os evangélicos e candomblé.

Entrevistadora: Deixa eu ver que horas são.

Entrevistada: Olha, o maceteiro do menino, olha o tamanho. Ele manda o irmão cantar pra ele fingir. É Ogã. Isso é o irmão dele cantando. É que todo mundo.

Entrevistadora: Tá no volume máximo, ah já tá.

Entrevistada: Não sei. Se vira um marmoteiro. Marmoteiro. E ele sabe que ele é Ogã. Isso é o irmão cantando. Eu tô vendo. Isso aqui é depois. Em casa do negócio todo maluco, junto a família. Isso é depois do aniversário de minha irmã. Todo mundo bêbado, acabado. E o menino cheio de energia. E a gente ali cantando. Esse menino é marmoteiro. Você vai ver ele cantando. Ele cantando no Candomblé. A gente recebeu. Isso a gente recebeu aqui em casa. Ninguém da família tava lá não. A mina mandou assim: “esse aqui não é o seu sobrinho?”. Eu mandei pro grupo da família. “Mainha, olha, o Lucas”. Eu digo mãe, esse se humano vais ser um dos melhores do mundo. Porque eles vivem em uma família que tem diversidade. Onde a tia é lésbica, o tio é gay. Onde essa minha última sobrinha nasceu aí. Mas eu não sei. Eu não sei. Onde essa minha última sobrinha nasceu aí. Mas a moebinha, mentira. Aí todo mundo diz, é parda, é branca, é azul, é amarela. Eu falei, rapaz, um salvador com as tintas do tio dela. Ela põe amarela na minha boca. Vai pra lá e vai pra cá. Aí todo mundo, cara. Isso foi revolução aqui em casa, quando essa menina nasceu. A gente imaginava, porque o pai dela é loiro, loiro. Que tinha a possibilidade de ser uma criança, ser branca. Eu me questionava muito mais com meu irmão mais novo. Porque a gente muito percebe essas coisas. E aí ele dizia, mano. Vai ser processo, desde a família que a maioria é pretos, privilégios. Ela vem de uma época muito melhor do que a da gente. E cada vez mais que o tempo passa, a gente vai ficando melhor de condições. As coisas vão melhorando. E ela vai ter muito mais possibilidades do que os outros tiveram, os sobrinhos. E muita coisa vai ser por ela ser branca também. Aí eu falei, você acha? E ele, claro, de agora. Observe o processo, montando o enxoval dessa menina. Até a gestação da gestação adiante já muda. Já muda, ele diz. Ele não observe.

Entrevistadora: E os comentários que ela vai ouvir, que os primos dela não vão ouvir.

Entrevistada: E o que ela fala também. Ela no dia chegou pra gente e falou sobre... Ela gosta de praia, mas ela fica... Olha a ideia dela, o conflito dela com praia. Ela gosta de praia, mas não gosta de sol. Porque o sol deixa a gente preta. E preto é quente. As pessoas

pretas são quentes. E aí você fica o tempo todo nessa conversa de desconstrução. O que não é normal. A menina é louca por mim. Ela perua a minha. Você precisa ver se tiver aquela desmonta qualquer pessoa pra me montar. Ela convive com pessoas pretas. A mãe é negra, é preta. Todo mundo é preta pra minha. Mas claro, branca, parda, o que seja. No outro dia eu brigo até com a minha namorada que é branca. Aí a gente discutia de... Rapaz, eu acho que... Você não diz pra uma criança preta que ela é preta porque ela sabe que ela é preta. A branca sabe que ela é branca. Pode até ser parda, ser parda. Mas ela não se identifica nos pretos. E isso é uma coisa que a gente já está trabalhando de agora. É muito diferente. O Lucas pra ela, a criação... Uma vez eu me arretei, a gente indo pra praia, empurrando o carrinho. Aí estava ele e o Lucas, ela no carrinho, o Lucas. Aí parou tudo no caminho da praia, no litoral, não sei o quê. “Para tudo! A gente não pode chegar no carro antes de passar o protetor solar em Pérola”.

Entrevistada: O Lucas é negro, porque a pele dele também não queima? Ele tinha passado. Passa no Lucas também, porque o Lucas queima também. Rapaz, o Lucas não precisa de tanto, está acabando. Rapaz, virou um caos na praia. Todo mundo ficou meio assim. Falei, então você compra o protetor dela, que é esse aqui só serve pra preto. Você vai pegar, rapaz. É louco. A gente conversando com ela várias coisas. Tipo, o nome dela é Pérola né? Aí o outro meu má-desconta aqui, que é esse meu irmão. Que a idade é bem próxima da minha. E ele que chega aqui, ele fica... Pérola negra. Pérola negra. Minha Pérola. E ela...E ele vê que nada está acontecendo. Mas a gente pensou nisso desde muito cedo. É difícil para minha irmã, que não teve a criação, sabe, de rua, de sociedade que eu tive. Mas que hoje ela se coloca de lugar para entender, para não sei o quê. Comenta com a gente tudo isso. Disso assim, disso assado. Sabe? Mas eles têm hoje a criação junto com a diversidade, com várias coisas. Os meus sobrinhos têm, vivem isso. Isso eu digo a todo mundo. Porque eles vão ser as melhores pessoas do mundo. Pérola está no processo. Porque eles entendem. Eles têm uma tia lésbica, um tio gay, casado, mora fora do país. A gente convive com... Interracialidade. Em relacionamentos interraciais. Ela vê isso. Outro dia a gente estava sentada e tinha outra criança na mesa. Eu, Joana, a mãe da criança. E a menina olhou para a minha cara. Olhou para a gente e fez assim. Eu não entendi vocês. A menina branca. A menina branca, branca. Que a gente não vê aqui. Realmente perto dela, Pérola é preta. Negra no caso. Eu olhei para a menina e não disse nada. Espera ela desenrolar. Aí Pérola “Não entendeu o quê? Elas são namoradas. Uma tia, duas tias. As duas são minhas tias. Elas são namoradas”. Ela meio que entendeu. Óbvio. Elas são namoradas. Uma tia, duas tias. Depois o rapaz falou “você não falou nada?”. Mas Pérola não respondeu tão assim natural. A idade delas....

Entrevistadora: Simples e direta.

Entrevistada: Elas convivem com isso. O Lucas convive com isso. O Victor convive com isso. O Lucas tem irmão que é gay. E convive com isso para ele. A minha escola fica lá brincadeira. Minha tia é idiota. Viadinho. Eu fiquei quieto. Meu tio me falou. Que ele é viadinho. Tem gay, mas meu tio é viadinho. Como é viadinho? Dança e joga raba, e dança Glória Groove. Eu gosto de viadinho. Tipo o menino está perturbando ele e ele está zero B.O. Falei, você acha que é o quê? Você gosta de menino? Se você fosse namorar agora, que não é agora. Eu gosto de menina. E está tudo bem para todo mundo. Ótimo, está tudo bem. Mas tem problema também. Se um dia a gente quiser gostar de menino. Porque meu outro tio...Meu outro tio também casou agora com um menino. Com um bofe lá e está ótimo. E as crianças estão crescendo com isso.

Entrevistadora: Não, é outra geração. Eu vejo a minha sobrinha também. Tem um amigo meu que não mora na Brasília, mas vai visitar a gente. Aí toda vez que ele vai, ela... Meu Deus, meu tio Maurino está vindo. Tem que comprar esmalte. Faz minha irmã comprar muito esmalte. Tem que pintar as unhas dele, isso e aquilo. E é puto, é viado, enfim. Cresce com... E é naturalmente.

Entrevistada: Exato, que devia ser natural para todo mundo.

Entrevistadora: Pouca coisa a gente explica. A maioria das coisas ela só vive. E vai naturalizando.

Entrevistada: Ela mesma, a gente... Quando ela tava na barriga a minha irmã olhou para mim, escolhe os padrinhos de Pérola. Eu quero escolher os padrinhos negros. Retintos para ela. Tem que ver com o máximo de pessoas negras. Aí eu pensei... A madrinha dela negra retinta. Meu irmão negro...

Entrevistadora: Negra como a noite.

Entrevistada: Negra como a noite, preta pretinha. Meu irmão também preto pretinho. Já sei, vai ser mais fulano. Ela pega as fotos dela de infância, de aniversário. Todas estão acompanhadas deles. Tipo, padrinho, só tinha de família. Ela pode dar um número, mas está lá. E a gente vai pensando nessas coisas.

Entrevistadora: Não, isso vai construindo totalmente, que é isso. O lugar de confiança que você constrói na criança.

Entrevistada: Exato.

Entrevistadora: O afeto, né?

Entrevistada: A gente pensava muito nisso, mas é louco essa coisa. Essas construções todas. Mas você vai tirar foto, pode tirar ai.

Entrevistadora: Não, já tirei. Das fotos eu tirei de todas. Assim, todas as que a gente selecionou daqui e os quadros também. Na verdade você me entregou muita coisa, assim.

Entrevistada: Ah, consegui, né?

Entrevistadora: Rendeu. Acho que os pontos que eu queria analisar...

Entrevistada: Agora a gente tem um processo de capô.

Entrevistadora: O quê?

Entrevistada: A gente faz um rolê, né? Folclore na escola, ganhadeira. Você vai de ganhadeira? Como assim, né? Você vai.

Entrevistadora: Vai de ganhadeira, sim.

Entrevistada: É, ganhadeira, para falar da nossa cultura, de não sei o quê. Aí explico o que é ganhadeira, não sei o quê. Às vezes nem que eu concordo muito com essas peças cheias de folclore, né? Eu tenho uma lentinha do que é o folclore, do que é o que a galera fica criando em cima disso. Mas enfim.

Entrevistadora: Mas enfim.

Entrevistada: O que eu estiver fazendo.

Entrevistadora: Ah, obrigada, mandou.

Entrevistada: Mulher, tu não quer a melancia, não?

Entrevistadora: Vou comer a melancia.

Entrevistada: Queira que é tua.

Entrevistadora: Vou guardar o meu equipamento para não... Se caso eu me suje com a melancia. E já faz um ganho.

Entrevistada: Sim, Maíra. Ô, Maíra, eu acho que tinha respondido para você, entende ou não. Mas deixa eu te dizer, mando Pix para eu mandar o dinheiro de manhã da caixa?

Entrevistadora: Não, você me lembrou que eu dei calote na última pessoa, sem querer.

Entrevistada: Ai, não posso não.

Entrevistadora: Tem que pedir o Pix.

Entrevistada: Minha mãe vai entrar na rolé assim, tipo...

Entrevistadora: Não, eu quase não durmo porque eu deixei de fazer esse Pix. Eu vou mandar mensagem, mas você me lembrou.

Entrevistada: Minha mãe, eu não vou ler que ela quer tudo, fazer tudo, lutar em tudo. É aposentada de um salário. Muitas suas contas a ela. Eu tenho filhos. Se meus filhos são ricos, eu sou rica. Eu falei, de onde você tirou seus filhos são ricos? Ela disse, o problema é neles. Ai hoje de manhã ela acordou e eu estou devendo 100 reais, não sei o quem. Vence hoje. Eu falei, e eu? Quem eu quero ver com isso? Ela. Mãe. Mãe, é? Depois eu te pago, a gente calcula, vê como é. Ela vai pedir a Amanda que ela não tem coragem de me pedir de volta.

Entrevistadora: [risos]

Entrevistada: Olha, tá bom. Agora é funcional, é uma coisa, é outra. Ela me arrasou. Ela não me avisa que a menina veio pra cá. Sabe o que eu fiz? Mingau sem açúcar. Como é que eu vou dar isso aos outros? E agora eu estou aqui pra me funcional, malhar, não sei o quê. Ainda mais o café funciona. Da hora que eu cheguei lá, dava pra cortar melancia pelo menos. Pelo menos, né? É doido isso.

Entrevistadora: Sua mãe está com quantos anos?

Entrevistada: 63, ela teve um AVC. Esse AVC foi a mudança do rolê. E aí foi a mudança do rolê, porque ela envelheceu. Ela deu em dois anos, agora fez em agosto de dois anos. E ela deu um envelhecimento. E vinha de um processo que ela perdeu muito da visão por causa do glaucoma e de outras coisas que era do diabetes. Foi a minha diabetes que pertence à colesterol. Minha mãe é da pá-virada, né? E ela foi isso, acho que a vida toda eu me lembro. Ela sempre foi assim. Eu nasci e me lembro dela tomar todos os remédios. Só que ela nunca foi uma pessoa, ela toma os remédios e toma a cerveja. E come a feijoada e não sei o quê. Então ela viveu nessa. Ela ficava dizendo, gente, se eu entrar nessa de regime, eu vou morrer. Ela dizia assim pra todo mundo. Eu vou deixar a diversão. Eu vou comer tudo, vou tomar o remédio. O remédio faz a função dele, e eu a minha.

Entrevistadora: O remédio que lute aí.

Entrevistada: O remédio que lute aí, ela teve um AVC. O que a gente acha que não faz... Claro, tem todo. Uma pessoa pra chegar em AVC, é claro que a saúde já tava ali. Desgastada demais. A minha mãe, assim, ela recebe a notícia. Então ela teve um AVC em agosto de 2021. Foi em 2021 que ela teve AVC. E aí mudou a lei toda. Ela não é envelhecida mais. Ela já tinha emagrecido muito. A gente já tava no processo de... Vamos... Já tava indo se aposentar pra que perder. Ela ficou com 20% de uma visão e 5% da outra. Ninguém diz, né? Não. Eu brinco assim com a Joana. Gente, eu acho que ela enxerga tanto tudo. Quando ela diz, sua mãe vai ver. Minha mãe vai ver o quê? Você tá achando que ela tá enxergando? Aí ela... É mesmo, né? Ela vive com você como se ela enxergasse plenamente tudo. Ela já tava no processo mesmo de ir se aposentando. Eu acho que isso também deu murchada. Porque vai perdendo a autonomia dela. Ela já sentia muito isso. A gente começou muito... A gente não sabe se a gente foi aonde. Então você já tem que marcar a agenda com a gente. Porque, não sei o quê, ela...

Entrevistadora: Nossa, é muito difícil.

Entrevistada: É muito difícil pra ela que foi mulher, que criou cinco filhos. Sem pai, independente a vida toda. Se criou, né? Ela é a régua com o passo dela mesma. Isso foi...

Entrevistadora: Aí perdeu a autonomia...

Entrevistada: A gente... Nesse primeiro passo a gente conseguiu driblar a onda, assim. A gente alugou uma casa pra ela e montou uma casa pra ela em Barra do Jacuí. Porque é litoral aqui. Ela convivia com planta, com rio, com praia. O lugar era médio seguro. Muito mais seguro que tá pronto pra ela andar. Mas a gente tinha uma preocupaçãozinha. Porque pra ela

ir pra praia ela atravessava uma pista. Mas tinha um sinaleiro. Ou tinha uma passarela. Mas ainda assim a gente ficava... Ela sumia e a gente ia pra os vizinhos todos. A gente pegou a casa pra ela. Tipo uma rocha cheia de mata e planta. E coisas pra ela viver.

Entrevistadora: Só tinha dois vizinhos?

Entrevistada: Com dois vizinhos. Aí dava pra ela dizer, rapaz, vocês não prendem... E na outra rua era o rio e mais um pouco pra frente era praia. Ela viveu um bom tempo ali. E foi a melhor coisa que a gente fez. A gente ia pra lá. Todo final de semana é revezando. Ela ainda tinha um parceiro, um médio parceiro. Se é ou se não. Se ela tiver afim de ser. Meio não. Meio? Meio. Depois do outro dia ela disse, não, a gente foi pra lá. Vinte anos.

Entrevistadora: Que namorado.

Entrevistada: Ela vivia lá, ele ia. O que era massa é que ele era muito cuidadoso. É até hoje, assim, com os amigos, muito cuidadoso com ela. E ele sabe que minha mãe queria cinco feras também. A gente deu a ela aqueles cinco filhos. Doente e médio. Bom é isso. Doente e médio, né? Só todos loucos por ela. Aí pronto. Quando ela teve AVC, teve lá sozinha. Dia dos pais foi domingo. Quando chegou na segunda, todo mundo veio embora. Eu esperei porque eu não queira vir embora. Falei “não vou não, eu só vou trabalhar amanhã, quarta-feira. Vou ficar aqui segunda, terça-feira, de noite eu vou”. Pronto. Aí ela “tá, então eu fiquei comigo”. Eu adorava que minha mãe... Fazia a porra de ela lá. E eu morava aqui só. Aí tá, quando eu vim embora no outro dia. Um rolê estranho, assim. Minha mãe ligou, mandou uma mensagem pra mim quatro horas da manhã, só um “E”. Achei estranho. Só que eu tinha pegado o número de uma vizinha novinha. Eu tinha sido a menina, olha. Eu vou te passar... Eu vou deixar o número de mãe arquivado na sua conta. Foi a sorte dela. E isso aqui é o que eu fiz hoje.

ENTREVISTA FAMÍLIA L

Entrevistadora: Você tem irmã, irmão? Quantas pessoas?

Entrevistada: Eu tenho por parte de mãe e de pai. Por parte de pai, nós éramos 5, mas duas faleceram, e agora só tenho 2. Por parte de mainha, somos, no total, 9, 5 de mainha e 4 de fora. Agora eu tenho fora 3, perdi um. Tem duas meninas e um menino, e o outro faleceu. E da minha mãe, eram 3 homens e 2 mulheres, todos são do meu pai.

Entrevistadora: Qual foi a sua ordem de chegada?

Entrevistada: Eu sou a mais velha.

Entrevistadora: E a variação de idade entre vocês?

Entrevistada: Com a minha irmã 11 meses. Eu tenho irmãos que a gente fica os três com a mesma idade, aí vamos aniversariando e mudando a idade. Logo no início do ano, é tudo muito emboladinho.

Entrevistadora: Você sabe da onde seus pais são?

Entrevistada: Sim, meu pai é de Salvador, e minha mãe ali do Uruguai, de Conceição da Feira, cidade do Reconcávo.

Entrevistadora: E quando você nasceu, sua família já morava aqui em Salvador?

Entrevistada: Aqui em Salvador. Até mais ou menos os 6 anos, embora mainha seja a primeira mulher de meu pai, inclusive de ficar grávida, aquele processo de disputas, ele acabou indo morar com a outra, que é a mãe dos meus irmãos. Então, durante um tempo eles mantiveram uma relação à distância e quando eu tinha uns 6 anos ele veio morar em casa, definitivamente, e aí ficou até a gente já adulto, quando eles se separaram.

Entrevistadora: E aí quando você nasceu, vocês moravam onde?

Entrevistada: Ali no São Caetano, mais ou menos ali numa parte de Boa Vista do São Caetano. Minha mãe fala muito que morava numa casinha de aluguel, de uma senhora

que tinha várias casinhas. Aí não é a casa que ela morava né, ela tira foto da casa mais arrumadinha, deve ter sido a casa da frente, mas ela morava em um quartinho.

Entrevistadora: E vocês ficaram lá por quanto tempo?

Entrevistada: Não sei precisar essa parte não, mas não deve ter sido tanto tempo, porque depois minha vó se organizou e ajudou ela a comprar um terreno lá na Fazenda Grande, que foi onde a gente nasceu e se criou, a gente continua tendo casa lá.

Entrevistadora: A Fazenda Grande é essa no Retiro?

Entrevistada: É, essa no Retiro.

Entrevistada: É, aqui já é a Fazenda Grande [mostrando fotos]. Aqui é São Caetano.

Entrevistadora: Essa aqui de trás também é São Caetano?

Entrevistada: Sim. Essa outra aqui já é outra coisa. Meu pai, que sempre morou no Uruguai, e inclusive minha avó, faleceu e eu nunca tive muito contato com ela, por conta dessa disputa, dessas divergências dele com outra mulher, com num sei o quê, às vezes alguns cismas vão se criando, por exemplo, da outra ter morado nos fundos da casa da mãe por muito tempo.

Entrevistadora: Com certeza, né, super se aproximou da outra família?

Entrevistada: É, aí as outras não ficam tão próximas. Então aqui é a casa da minha avó no Uruguai, eles moram ali ao lado da Igreja dos alagados. Ali é também na casa dela. É na cidade baixa, ao lado da Ribeira. Onde tem a favela dos alagados, meu pai é daquela área, ele costuma dizer que é da Maré, por que aquela comunidade toda se forja na Maré, a comunidade não se forja nas palafitas, mas tava próximo. Aqui dá pra ver que é um barraco de madeira, e ali é ao lado da Igreja dos alagados. Moraram a vida inteira ali, continuam tendo casa lá, sobrinhos e irmãos moram no mesmo lugar. Mas eu nunca tive muito contato com a família do meu pai. Minha história tá mais vinculada à família da minha mãe.

Entrevistadora: Essa aqui também é lá no Uruguai?

Entrevistada: Essa é. Mas a gente morou a vida inteira na Fazenda Grande. Eu saí da

Fazenda Grande adulta. Na verdade, a gente decide sair da Fazenda Grande depois que perde dois dos meus irmãos, então acaba ficando traumática a permanência. Tem um tempo nesse período em que minha mãe trabalhava em supermercado, ela teve logo outra filha, então era muito difícil pra ela, cuidar de duas crianças sozinha. Nessa fase eu vou pro interior, morar com a minha avó. Aqui é minha bisavó, por parte de pai, inclusive ela viveu a vida inteira na casa de uma família branca no interior sem receber absolutamente nada e quando ela saiu dessa casa, já idosa, minha avó não era mais casada com o meu avô, mas a acolheu na casa dela. Então os últimos dias da minha bisavó, ela viveu na casa da minha avó, em Conceição da Feira. Aqui é minha tia Lita.

Entrevistadora: E as outras crianças?

Entrevistada: Não sei. É aquela coisa, né, de pegar as vizinhas, e arruma todo mundo, acho que eram as filhas das vizinhas do lado. Aqui ainda sou eu pequeninha, em Conceição da Feira. Tem uma do Jardim, mas não tô conseguindo achar. Morei um pouco com a minha avó. Mas foi pouco tempo. Essa é minha avó, tem as fotos da formatura também, que eu acho que dá pra ver ela melhor. Dá pra ver minha vó e meu tio. [Som de passos].

Entrevistadora: É da sua formatura né? Você se formou em que?

Entrevistada: Em Letras. Aqui, minha vó e minha mãe.

Entrevistadora: Em qual região que era a sua faculdade?

Entrevistada: Aqui, em Salvador. E eu morava na Fazenda Grande. Aqui, minha vó e minha tia. Minha tia é uma pessoa fundamental, ela morou com minha vó o tempo inteiro, e fora o fato de ter morado lá, quando a gente saiu, passamos todas as férias no interior - essa foto aqui é lá na Igreja de Conceição da Feira -, então minha tia é como se fosse uma segunda mãe, porque ela é tão responsável pela nossa educação quanto minha avó e minha mãe, aliás ela ficava inclusive mais com a [interrompida].

Entrevistadora: Eu esqueci de te perguntar uma coisa, aliás, se você é mãe?

Entrevistada: Não, não sou. E aí nós crescemos passando as férias lá. Não iam todos os primos, só iam os filhos da minha mãe, só a gente tinha essa tradição de ir pra casa da minha avó, como se ela fosse mãe também.

Entrevistadora: Essa lembrança escolar é de quem?

Entrevistada: É do meu irmão que faleceu, o Caio, o caçula.

Entrevistadora: Esses falecimentos tinham ligação com o território que vocês viviam?

Entrevistada: Exatamente, ele foi assassinado. Aqui são os três, esse aqui também faleceu, e o que tá vivo agora é esse, o Cid.

Entrevistadora: Essa casa aqui é lá na Fazenda Grande?

Entrevistada: Isso.

Entrevistadora: Posso tirar foto dessas fotos do escolar?

Entrevistada: Pode sim. Essas fotos aí eu lembro que deram trabalho né, por que é uma coisa cara e os meninos encheram mainha pra tirar, e era difícil pra uma família pobre.

Entrevistadora: Então, continuando a rota de vocês, vocês optaram por sair da Fazenda Grande?

Entrevistada: Não, a gente saiu da Fazenda Grande muito depois, quando começa a reunir condições de, eu trabalhar, minha irmã trabalhar, aí a gente muda pro Largo do Tanque, que é onde meus irmãos tem salão tão lá até hoje. O Cid e a Cláudia, essa aqui. Aqui são as irmãs, as duas por parte de pai, Cláudia, por parte de mãe e pai. E esses dois aqui tem um salão.

Entrevistadora: E a sua mãe, tá viva?

Entrevistada: Sim, minha mãe tá no Cabula, Chácara do Cabula, um condomínio . Depois do Largo do Tanque, a gente foi pro Cabula porque eu passei num concurso da prefeitura e assumi uma vaga na Mata Escura, como a gente já tinha uma tia morando no Cabula, num condomínio chamado [?], a gente se mudou para lá, por que, embora seja muito perto, era um trânsito absurdo, então eu perdia muito tempo nos engarrafamentos, antes dessas reformas. Isso nos anos 2000. Aí a gente mudou lá pro Cabula, morou em três condomínios, primeiro no da minha tia, para minha mãe e minha tia ficarem mais próximas. E eu trabalhava na Mata Escura. Depois, a gente mudou para um que o apartamento era um

pouco maior, que era o que a gente queria, em um condomínio próximo da minha tia. E a gente acabou comprando esse na Chácara do Cabula, que é onde minha mãe tá até hoje.

Entrevistadora: Você morou com a sua mãe até essa fase?

Entrevistada: Sim, eu sempre morei com a minha mãe. Deixei de morar com minha mãe quando passei no concurso pro IFBA e fui morar na Chapada Diamantina, em 2011, em Seabra. [Mostra foto] Aqui os cinco pequenos, lá na Fazenda Grande. Aqui são minhas duas primas mais próximas.

Entrevistadora: E aí você ficou quanto tempo na Chapada?

Entrevistada: Um tempo bom, morando uns 4 anos, e trabalhando, uns 7. Primeiro eu morei em Lençóis, depois em Seabra. [Mostra foto] Essa aqui é minha avó paterna.

Entrevistadora: E a Fazenda Grande, você morou quantos anos lá?

Entrevistada: Acho que uns 30 anos, foi muito tempo.

Entrevistadora: E de onde é sua avó paterna?

Entrevistada: Aí é problema, ela é de uma cidade que não é muito longe de Salvador, mas ela foi abusada, o irmão tentou abusar dela e ela veio fugida para Salvador. Depois disso, ela não teve mais contato, e além dele, ela não tinha mais parentes, acho. Meu avô, que casou com ela, e viveu a vida inteira com ela, era policial, e morreu depois dela, bem depois. Ela morreu muito cedo, teve câncer de pulmão e tal.

Entrevistadora: Essa daqui é da onde?

Entrevistada: São meus dois irmãos e meu vizinho. Olha onde eles estão, no Shopping da Piedade, a vizinha trouxe, ela chamava Alvaisa e ela adorava levar os meninos para passear em lugares que eles não [pára de falar].

Entrevistadora: E como era isso na infância, onde vocês passeavam?

Entrevistada: A gente ia à praia, mas era tudo empreendimento, muito complexo né. Levar um monte de filho à praia. Tem uma foto minha e de minha irmã, as duas de maiôzinho

azul. Aqui é no Ensino Médio, na escola em São Caetano, Luís Pinto de Carvalho. Aqui é a formatura do Ensino Médio. Foi na escola, e depois a gente foi nessa farrinha no Shopping, que é a lógica de periferia [cachorro latindo, falas incompreensíveis]. Ô meu bem, chama a Suna aí, por favor.

Entrevistadora: No Shopping também?

Entrevistada: [Risos] é, no shopping. E os meninos, novinhos, na Fazenda Grande, meus dois irmãos.

Entrevistadora: Quais os outros lugares em que você estudou?

Entrevistada: Na Fazenda Grande e em São Caetano. No Ensino Fundamental II, a partir do sétimo ano, a gente foi para a Liberdade, foi uma experiência boa, mas ficamos pouco tempo. Eu retornei para o São Caetano, que era melhor para mainha buscar, mais perto de casa, não precisava pagar transporte. Minha irmã fez o Ensino Médio mais para cá, para o Silvino Vieira, por que não achou vaga, se achasse vaga, tinha ficado por lá, era o que cabia no orçamento. Aqui é a escola que eu fui, quando mudei lá pro Cabula, escola Maria Constança, quando assumi o concurso na prefeitura. O aniversário do Ursão que a gente fez, os meninos tinham a vida muito atribulada, então eu tentava trabalhar o lúdico com eles. Eu fiz um projeto com a biblioteca, a gente tinha esse ursão, a gente chamava ele de Constantino, e eles tinham esse urso como um amigo, fizemos o aniversário de Constantino, e isso ajudava no meu projeto de leitura com eles. Eles liam as obras, tomavam conta da biblioteca, levavam os livros para casa, porque Constantino morava na biblioteca. O perfil dos meninos geralmente era assim, muito fofo.

Entrevistadora: E nesses processos de vocês irem para as escolas, vocês iam a pé ou de condução?

Entrevistada: Na maioria das vezes, a pé. E aí economizava esse transporte para comprar outras coisas, por exemplo comprar coisas que a gente precisava, umas blusas. Tinha uma loja, não lembro o nome, que a gente gostava. A gente economizava para comprar blusa lá. O tempo todo a preocupação era não gastar o dinheiro do transporte.

Entrevistadora: Esses aqui são onde? Na sua casa?

Entrevistada: É Fazenda Grande. É porque a parte de cima, onde tem essa laje, é minha casa. A gente fez assim: mainha começou morando embaixo, era só uma loja, quarto, sala e cozinha. A parte de cima, que era para ser da minha mãe, dava para fazer dois quartos, e aí a de baixo ficou para meu tio, e mainha fez a casa dela em cima, depois fizeram uma outra casa em cima, duas casas separadas para alugar. A gente morava embaixo, na parte térreo, a loja do meu tio, e a parte de cima foi onde construíram a minha casa. Essa criança aqui sou eu, e a outra acho que é Cláudia, minha irmã. Aqui é minha prima, Raílda, que sempre ficava com a gente, filha da irmã da minha mãe.

Entrevistadora: E teve muita mudança estrutural nessa época aqui para vocês saírem de lá?

Entrevistada: Sim, muita mudança estrutural, mas dentro do possível. Era uma rua que não passava carro, tinha um esgoto a céu aberto, com aquelas placas de cimento que são comuns em Salvador. Ainda tem essas placas até hoje, na parte da ladeira, porque demandaria um tipo de obra que o poder público, aqui, não tá afim de fazer, então, né... Passou tipo um asfalto, na rua onde eu morava. Continua tendo as mesmas placas de esgoto a céu aberto. Mudou, mas não mudou muito né? Porque não tem muito o que mudar. Por exemplo, hoje as casas das pessoas não são mais como eram na nossa época. A nossa casa passou anos e anos sem rebocar, aí depois você vai construindo. Começa pelo quarto, depois pela sala, depois um banheiro, até chegar no acabamento você é adulto. Então é isso, a casa foi construída desse jeito. Só rebocava o quarto, a mãe recebia os meninos quando voltava da maternidade, pintava só o quarto com aquela tinta de saco e depois vai estruturando, melhorando um pouquinho a condição das casas, e hoje são casas bonitinhos, dentro da condição de pobre, que é a condição que a gente tinha antes. A rua não mudou muita coisa não. Antes era um lugar até tranquilo de se viver e hoje tá difícil, com toda a violência. Um lugar com a divisão entre Fazenda Grande e Fonte do Capim. Com uma tensão muito grande por conta do tráfico de drogas, uma intensa disputa. É uma rua que tem saída pra várias. Você vai para a Fazenda Grande e para a Fonte do Capim por três formas diferentes, então é um grande acesso, de rota, então é complicado. Na minha infância já era um lugar bem visado, e as famílias tinham uma quantidade de filhos que a gente não tem hoje, tudo seis, sete filhos.

Entrevistadora: Isso aqui foi alguma ocasião específica?

Entrevistada: Isso foi meu aniversário, no Ensino Médio também. Os colegas me deram um buquê e aí a gente... Deixa eu ver essa foto.

Entrevistadora: E quando você era criança, você foi criada como, em relação à rua, à cidade? Podia brincar na rua, ou ficava só em casa?

Entrevistada: Brincava demais na rua. Tinha a lógica de uma criação compartilhada também com as vizinhas. Aqui, achei. Minha irmã e eu na praia. Acho que é alguma praia ali no subúrbio, na Cidade Baixa. Mainha tinha mania de comprar as roupas pra gente assim, igual. Às vezes só mudava a cor.

Entrevistadora: E a partir de qual idade deixou de ser tranquilo brincar na rua?

Entrevistada: Eu não vivi o tempo de não ser tranquilo isso. Porque existia todo um código, inclusive com os meninos envolvidos com a criminalidade na época, que não representava nenhum risco para o morador. Nunca fui assaltada na Fazenda Grande. A primeira vez que eu fui assaltada, na vida, foi no centro da cidade [Salvador], numa época em que meu irmão arrumou umas confusões lá e ficou meio perseguido, aí a gente mudou para a casa de minha tia lá no Castelo Branco, aí pronto, eu fui assaltada, porque não era da área. Mas sendo da área, era muito difícil, você sendo da área, a gente não sabia o que era esse risco de chegar tarde em casa e tal. E também não existia esse trânsito. Eu lembro a primeira vez que eu vim no Pelourinho e achei a coisa mais espetacular do mundo, talvez eu tivesse uns dezesseis anos, dezessete. Na periferia, a periferia é o seu mundo. Aquele bairro é sua rede de sociabilidade, a gente marca na sorveteria do bairro, a gente vai ao bar do bairro. A gente marca as coisas por ali, que é mais seguro, que é mais barato. Na verdade, a cidade se abre para mim com a universidade. Aqui, eu tava na universidade já, mas eu sempre continuei na casa da minha mãe. Aqui, nas férias, a gente levava, também, às vezes os vizinhos. Jogando baralho, era importante, todo mundo na minha rua jogava baralho, faz parte das memórias boas. Aqui a gente jogando baralho lá na casa da minha avó, no interior. A tradição era o buraco mesmo. A rua toda tem bons jogadores, a gente, inclusive, os pais tinham essa preocupação da gente perder o ano jogando baralho. Esquecia da vida jogando buraco e os pais ficavam super preocupados com isso. E na universidade a gente começou a, olha essa daqui, tava ótima, foi aquela foto de todo mundo no Ensino Médio. A universidade que possibilitou a gente viajar, é quando cê vai conhecendo o Brasil inteiro e isso vai abrindo os horizontes, né. Ah, essa foto aqui também é importante pra mim. No Ensino Médio, eu passei numa seleção de estágio, meu primeiro estágio, na governadoria, eu ficava num setor de microfilmagem de documentos. Eu achava tão fantástico que mainha fez essa roupinha pra eu sair toda bonitinha pro estágio. Só tinha esse sapato pra tudo. Era o sapato da escola, do estágio, de sair, de tudo.

Entrevistadora: E nessa fase, você se locomovia de ônibus?

Entrevistada: De ônibus. Ave maria, um ônibus superlotado. Só tinha aquele, porque quando você mora na periferia você tem que ficar ligado no horário. Às vezes, se você tivesse uma graninha a mais, podia pegar outro ônibus, que ia pra outro lugar, e de lá pegar outro valor. Mas neste horário, tinha que ser aquele ônibus, era impraticável, tinha que pegar no horário certo, se não, não conseguia chegar na escola a tempo. Rapaz, nessa época, qualquer deslocamento era uma hora, uma hora e meia. Quando eu fiz concurso pra fora foi pensando em me ver livre dessa tortura, dessa relação com a cidade, dos engarrafamentos e viver num lugar onde eu não precisasse ficar pegando tanto ônibus.

Entrevistadora: E você tinha alguma questão de pegar ônibus à noite, de ser mais perigoso?

Entrevistada: Na verdade, você falando agora, sempre houve uma tentativa de, à noite você estar dentro de casa, né. Então, não ficar transitando muito à noite. Não existia a possibilidade de pegar um táxi. Quando você mora na periferia, transporte é uma coisa que te confina mesmo. Isso e a falta de grana. Aconteceu uma época na universidade, depois comecei a namorar uma figura que morava mais no centro, e ele tinha carro, isso me deu uma mobilidade um pouco maior e comecei a respirar em relação ao transporte. É uma variável que domina sua existência. As raras vezes que tive que pegar o pernoitão, do centro, foi uma experiência, para uma mulher da periferia, você rodar a cidade inteira num pernoitão correndo risco dentro do ônibus não era uma coisa muito tranquila.

Entrevistadora: Hoje em dia você desloca como?

Entrevistada: Eu detesto a ideia de dirigir, então eu tento sempre morar perto do trabalho. Eu fui para o interior porque eu queria viver andando. Não necessariamente consegui isso, porque a Chapada tem outras distâncias. Aqui, é mais fácil pra mim. Se eu quiser ir trabalhando, andando, eu vou trabalhando andando. Quando eu tô afim. Desde que eu passei no primeiro concurso eu vou morar perto de onde eu tô trabalhando, pra não encher muito minha cabeça com essa coisa do trânsito. Então, eu vim morar aqui no centro, também, por causa do IFBA. A opção era essa parte aqui, Barbalho, Santo Antônio, Barris, essa coisa aqui no centro que dá pra você se deslocar com mais facilidade, eu pego um Uber e em 12 minutos tô no trabalho. Então, é rapidinho.

Entrevistadora: Hoje em dia você fica em casa à noite, de madrugada?

Entrevistada: Depois, você começa a ter grana pra se deslocar, né. E aí a cidade ganha uma outra dimensão, e hoje eu posso vivenciar opções culturais e minha relação com a cidade é aproveitar o máximo que ela pode oferecer. E mesmo com todo o grau de violência que a gente tem, como Salvador é uma cidade muito desigual e apartada, é diferente essa lógica de violência, não tá afetando todo mundo do mesmo jeito. Esse toque de recolher, que a periferia sempre vive, seja por razões diferentes, mas a gente também vivia um toque de recolher, por ausência absoluta de oportunidades. Os meninos que tão lá hoje talvez tenham alguma coisinha que a gente não tinha naquela época, mas eles tão vivenciando outros ciclos de toque de recolher, é sempre isso, confinando a gente naqueles espaços.

Entrevistadora: E a sua mãe, hoje em dia, ela tem quantos anos?

Entrevistada: Ela tá com 68 anos oficiais, mas ela tem mais que isso, uns 71, porque meu avô registrou todo mundo muito depois. E há um impacto muito grande pra todo mundo muito grande nesse sentido, em termos de aposentadoria. Ela é como se fosse gêmea de minha tia, que é dois, três anos mais velha. Pra minha tia, o impacto é ainda maior, que ficou com cinco, seis anos de diferença. Minha mãe hoje em dia, ela passou o período da pandemia na casa da minha avó. Pode mostrar foto? Essa casa da minha avó, mudou muito a vida da minha avó nos últimos tempos, porque minha tia faleceu, e aí minha mãe mudou pro interior pra cuidar da minha avó. Aqui a casa da minha avó. A gente gosta muito de praia né, soteropolitanos. Eu acho que é Boa Viagem né, porque o povo da Fazenda Grande adora o que a gente chama de “praia do meio”, né. Aí tem meu irmão, um amigo, e uma amiga, que é de fora e foi minha cunhada durante um tempo. Aqui ó, já na época da universidade você sobre a cidade, aqui o Pelourinho, você vai rodando a cidade.

Entrevistadora: Já começou a sair mais, né?

Entrevistada: É, super. Esse aqui foi um passeio de escuna que meu irmão participou um pouco antes de morrer, com a gente, esse passeio que tem aí pela baía de todos os santos. O caçula, o que você tirou a foto. Aí acho que nessa foto aí, tava chegando na ponta de areia [Cachorro late, frases incompreensíveis]. Gosto muito dessa foto, essa que você acabou de tirar. Eu era feliz. Aí minha mãe, acho que também, por causa do processo dos meninos, aqui é ela na roça. Deixa eu ver se acho foto dela no interior, tem uma que eu amo.

Entrevistadora: Onde é a sua roça?

Entrevistada: Conceição da Feira. Essa área aqui é no Largo do Tanque. Na mesma área em que a gente foi criado, nascido, onde meu irmão tem um salão numa rua assim. Minha irmã tem assim e meu pai tem um depósito assim, continua sendo bem nossa área de vida, continua sendo. Talvez, se eles não tivessem se fixado por lá... Essa aqui é filha do meu irmão que faleceu, por parte de pai. Essa é minha irmã caçula, agora, Carol. Elaine também é minha irmã, por parte de pai. Essa é minha irmã por parte de pai e mãe. Aqui é Cidinho, tá com todos os filhos agora, e todos os sobrinhos, só tá faltando os de São Paulo. Quando eu voltei da Chapada, eu morei um tempinho em Itapóia. Quando eu voltei pra morar em Salvador e fiquei viajando, meu ponto de referência rodoviário era Salvador e resolvi morar lá. Aqui foi o dia das mães quando ela [minha mãe] tava morando lá na casa da minha avó. Aí minha tia faleceu, minha avó faleceu e agora minha mãe ficou um tempo lá, esse período da pandemia, tomando conta do meu tio, e aí ficou impraticável, ele tá numa casa de repouso. Lá na Chapada eu atuei muito com essa galera, as comunidades quilombolas e ainda faço pesquisa com elas.

Entrevistadora: Com qual foco?

Entrevistada: Nas políticas de ações afirmativas,a partir da interiorização do IFBA, a relação dos jovens quilombolas. A gente tem um grupo interdisciplinar, então tem várias outras frentes. Eu queria achar uma foto bonita de mãe na roça com a abóbora gigante. Olhando essas fotos na rede a gente vê como foto era uma coisa de outro mundo, né?

Entrevistadora: É, nessa época aqui tirar uma foto era uma grande decisão, né?

Entrevistada: Até isso tiram da gente, né?

Entrevistadora: A gente não escolhe mais as ordens das fotos. Tem a proposta de construir álbuns digitais, mas na realidade fica tudo lá jogado né.

Entrevistada: Ai, queria achar essa foto de mainha, mas não tô encontrando. Essa com a abóbora gigante, das plantações dela. Agora ela retornou, tá lá no Cabula, vive os ciclos dela, para lidar com as ausências da vida. Achar qualquer coisa aqui tá difícil.

Entrevistadora: Então sua mãe hoje em dia fica no interior?

Entrevistada: Não, ela fica aqui em Salvador. Ela mantém uma relação constante com o interior.

Entrevistadora: Mas ela circula aqui em Salvador?

Entrevistada: Ela circula menos, ela gostava de circular mais antes. Ela é evangélica, Testemunha de Jeová. Então, ela acaba fazendo as coisas dela de Igreja. A gente têm ficado preocupado preocupado com ela porque ela vive em ciclos de depressão, mas galera de Igreja acha que tudo se resume a fé. Todo final de semana ela vem almoçar comigo, porque ela gosta da comida de um restaurante aqui no centro, de comida natural, eu levo ela todo sábado. Ela também adora praia, eu fico forçando ela pra vir, pra ela tomar banho. Parece uma criança na água, ela adora essa Praia da Preguiça. A gente fica tentando fazer ela reconhecer esses ciclos de crise.

Entrevistadora: Mas nessa idade é difícil pra eles reconhecerem, né? Mesmo sem Igreja, é uma geração que foi criada muito sem a opção de poder pedir ajuda. E essa [foto] aqui, é onde?

Entrevistada: É em Lençóis, quando minha irmã morava lá.

Entrevistadora: É tipo um cartão postal?

Entrevista: Na verdade, foi quando o Michael Jackson veio aqui, né. Alguém foi tirar essa foto pra gente aqui né, não lembro quem. A gente ficou enlouquecido com o Michael Jackson, mas não chegamos a ver não. Não lembro bem a história dessa foto.

Entrevistadora: Lá em Fazenda Grande predominavam espaços mais de quais religiões?

Entrevistada: Mais evangélica. Tinha uma casa de candomblé lá perto, inclusive eu lembro que tinha todo um preconceito com as meninas. O povo todo era mais evangélico, inclusive a minha mãe tem toda uma tradição de religião de matriz africana, um catolicismo do candomblé, típico do Recôncavo, com samba de caboco, com tudo. Minha mãe sempre partiu de Igreja a Igreja, procurando. Quem começou com Testemunha de Jeová fui eu, e meu pai fazia uns estudos e num sei o quê. A maior parte da família é evangélica, mas tem muita coisa do catolicismo negro de Conceição, com banhos de folha, o que faz parte das minhas memórias de infância, uma lógica de cuidado de um candomblé doméstico. Não é uma casa específica, mas as famílias sabiam o que precisava ser feito para cuidar, quais banhos cê

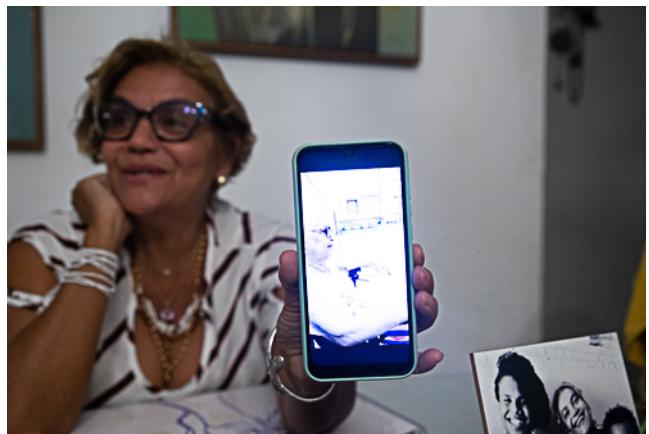
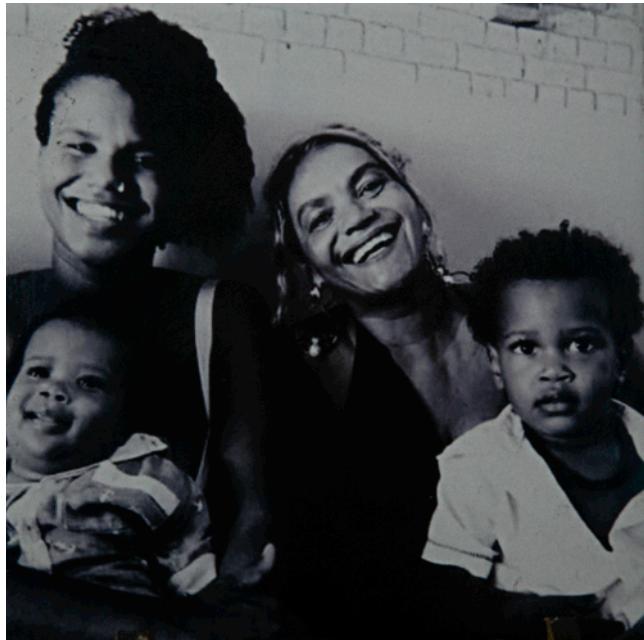
precisava tomar, quais folhas, quais rezas. Minha avó era a rezadeira da rua, então acaba que tivemos essa presença. [Longa pausa] Olha aqui essa foto, com meus vizinhos. Isso aqui foi na minha casa lá em Itapoã. Essa daqui foi um dos meus primeiros traumas lá na rua, porque ela foi assassinada junto com o namorado. Foi o primeiro crime, assim, brutal com essa lógica de crime, que disseram que ele fazia X9 pra polícia, aí exterminaram ele e ela tava junto. A família dela toda, esses meninos todos aqui mudaram pra São Paulo. Só ficou ela aqui, ficou na casa da mãe, naquela casa que eu mostrei em Fazenda Grande. Os irmãos todos foram pra São Paulo e a tia também, a partir do trauma do assassinato da menina.

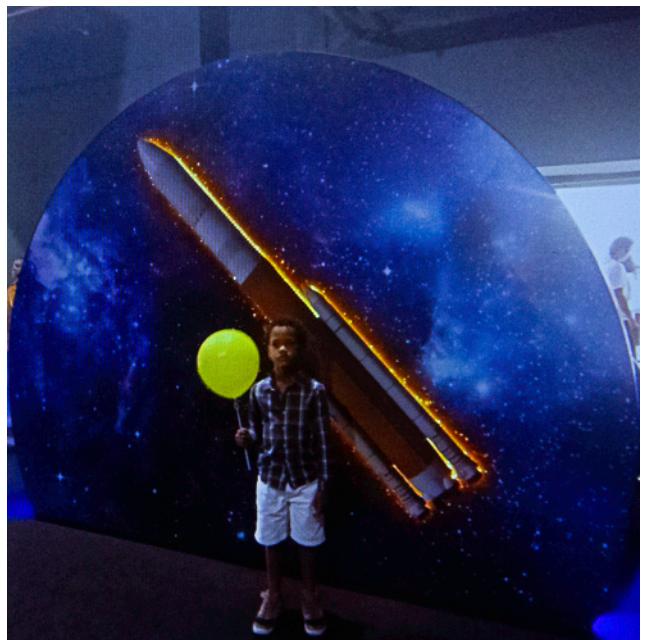
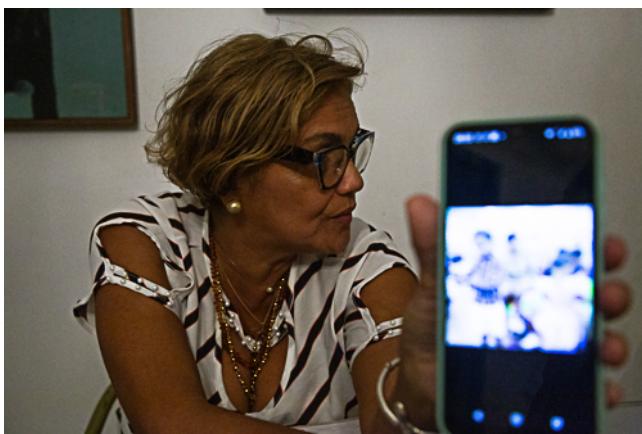
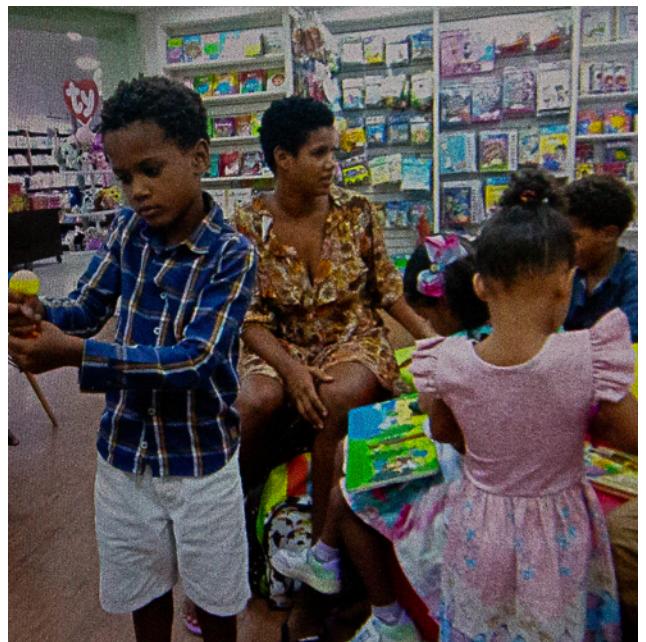
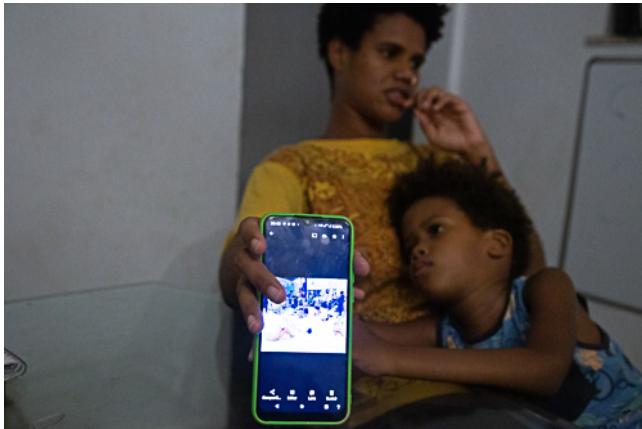
Entrevistadora: Acho que você me entregou várias coisas, várias fotos. Estou costurando essas memórias das famílias, o imaginário da cidade.

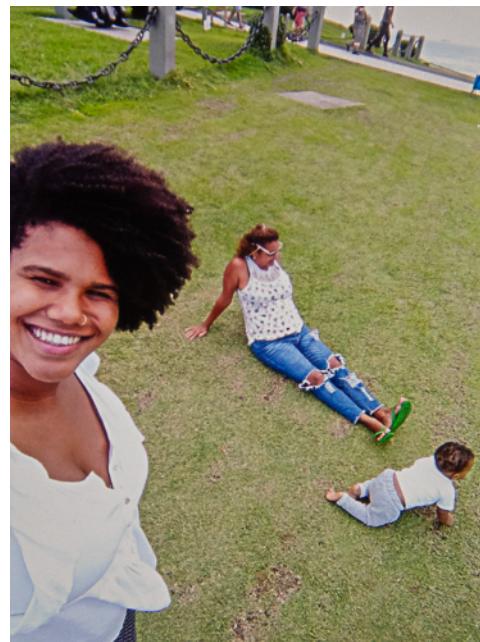
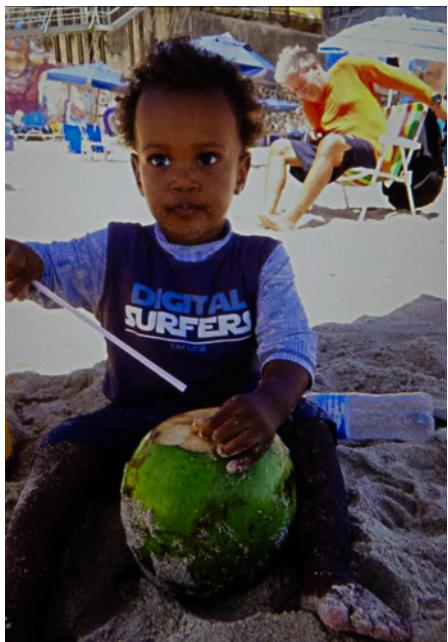
Entrevistada: É, eu tenho essas fotos porque eu fui recolhendo. Tem a questão de que as fotos à época eram muito caras, então tem algumas fotos dispersas aqui, e tem o trauma, né. Pra minha mãe é melhor que a foto dos meninos pequenos estejam comigo e não com ela.

Anexos

Fotografias e objetos registrados na coleta
e retratos das pessoas entrevistadas,
realizados pela autora da pesquisa.



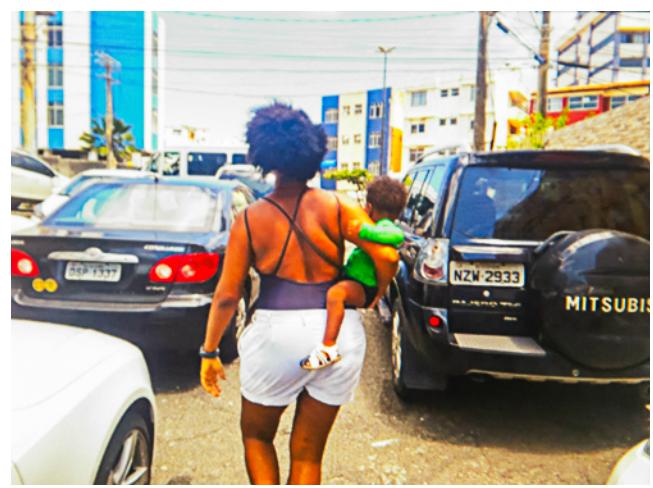






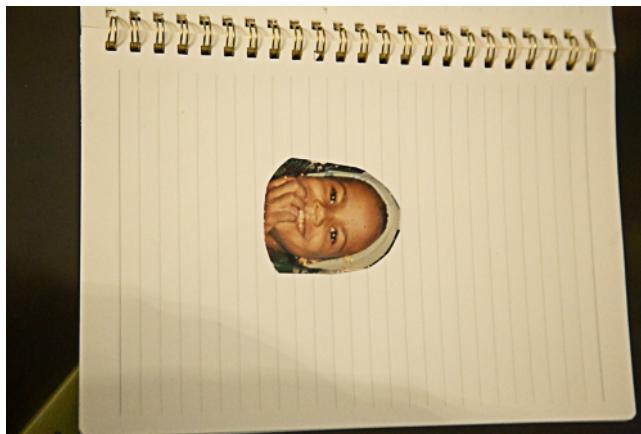


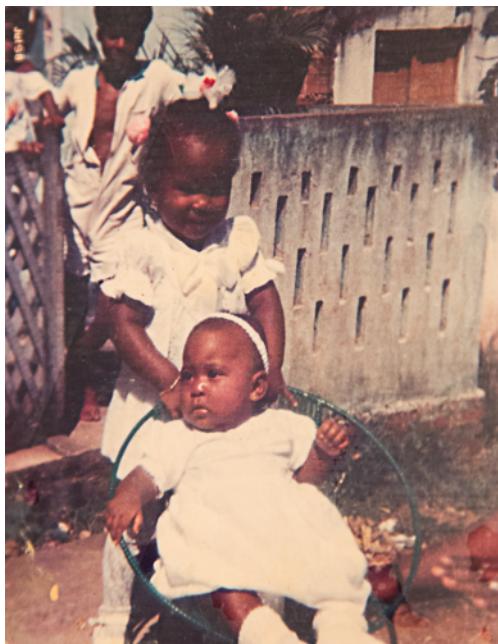
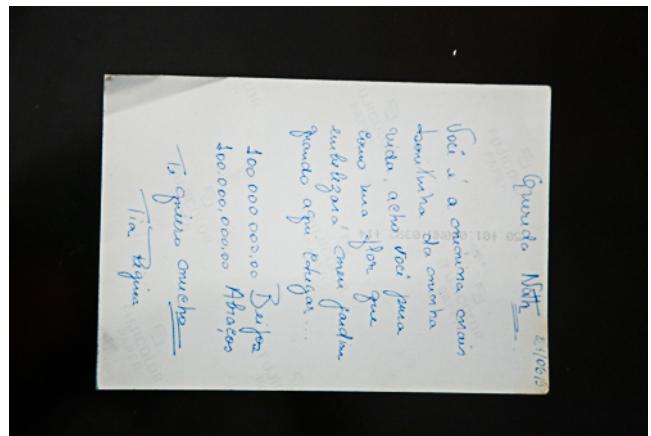


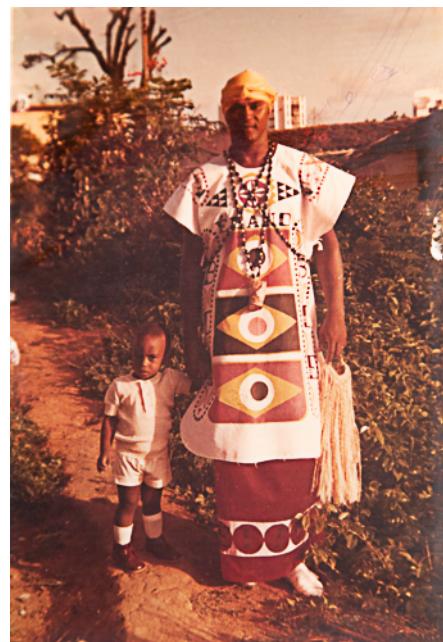
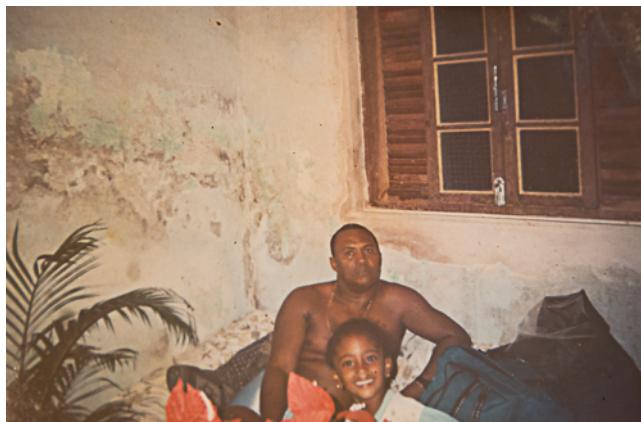


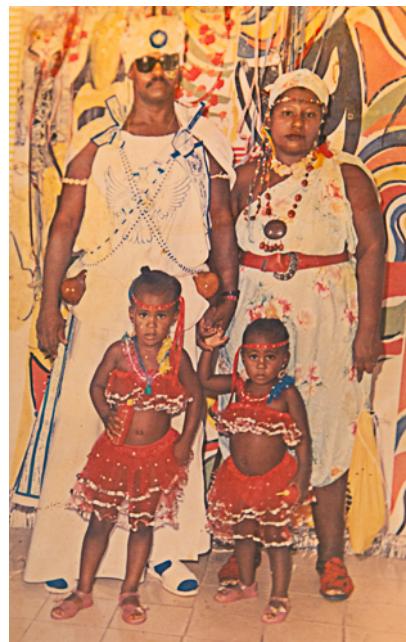
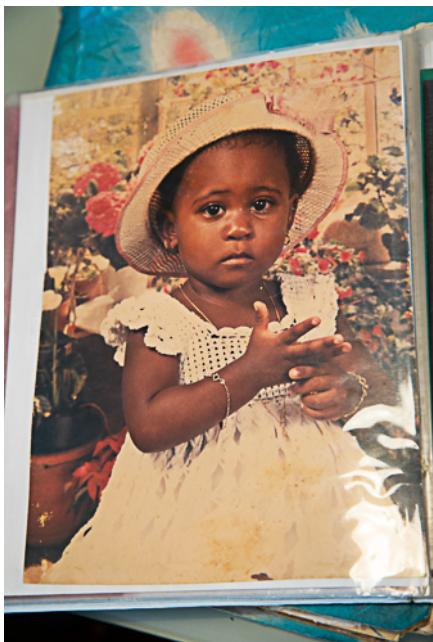




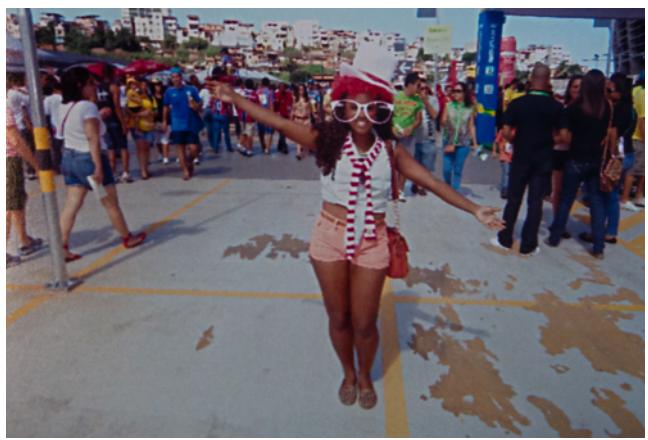


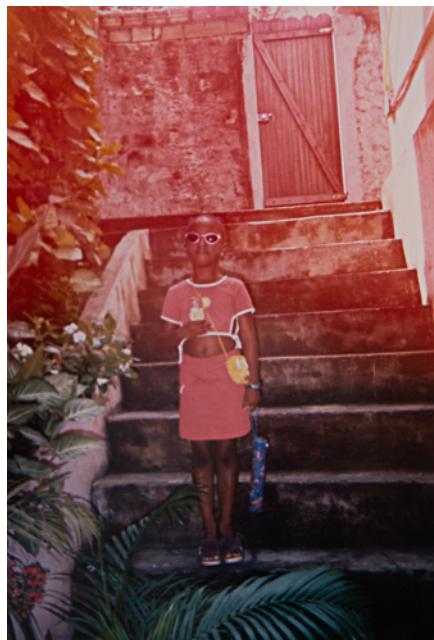


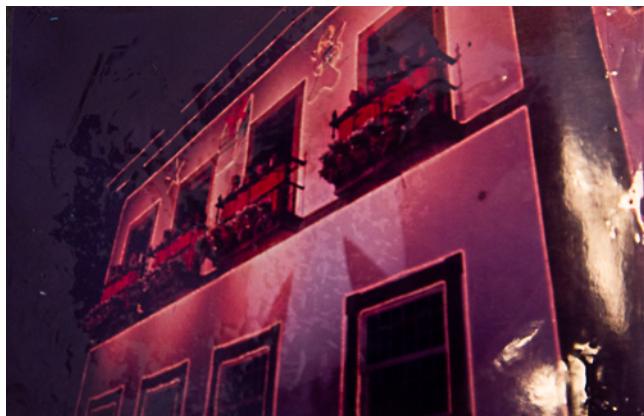


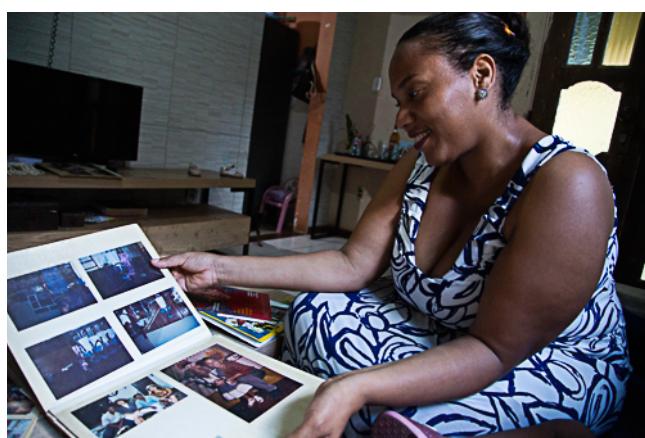
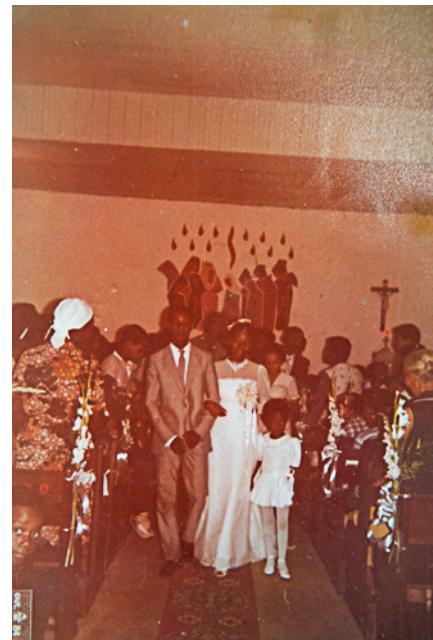




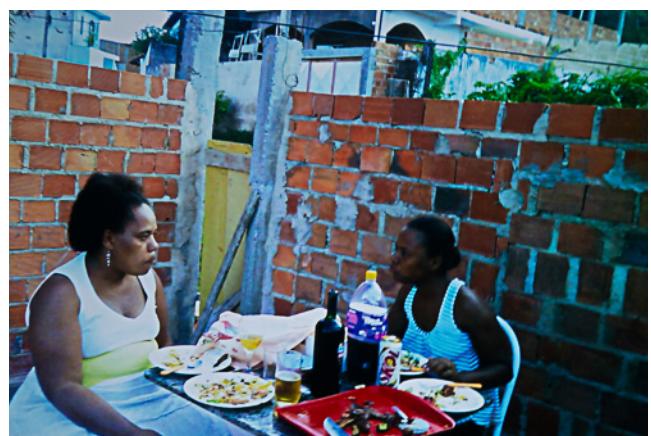


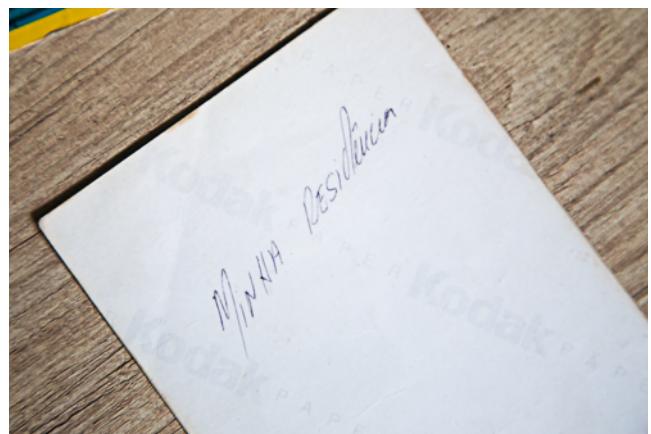
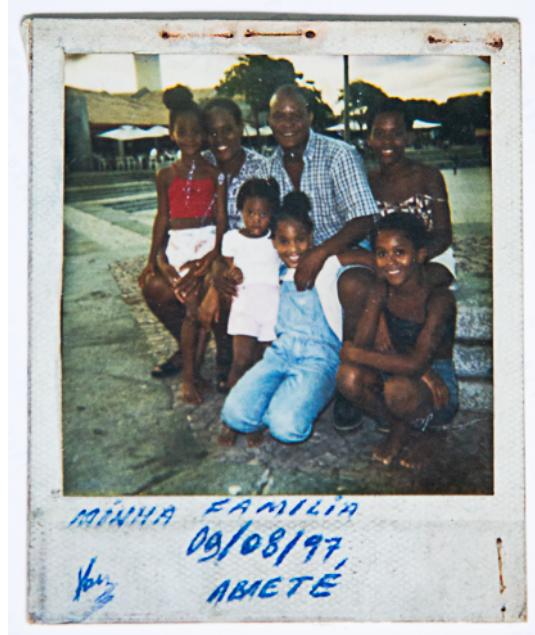


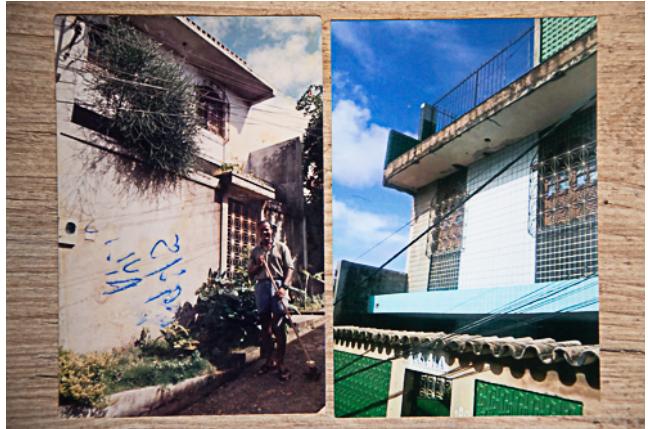


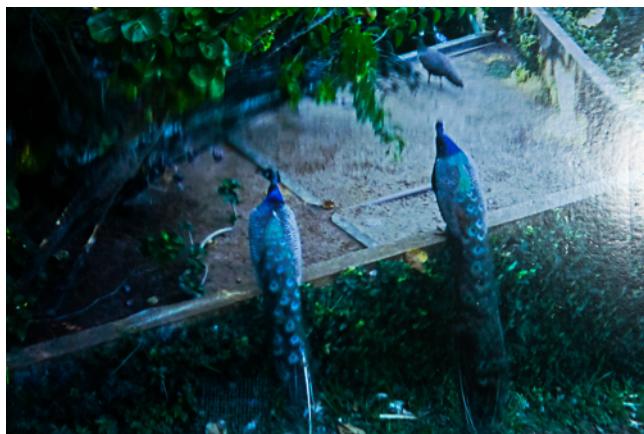
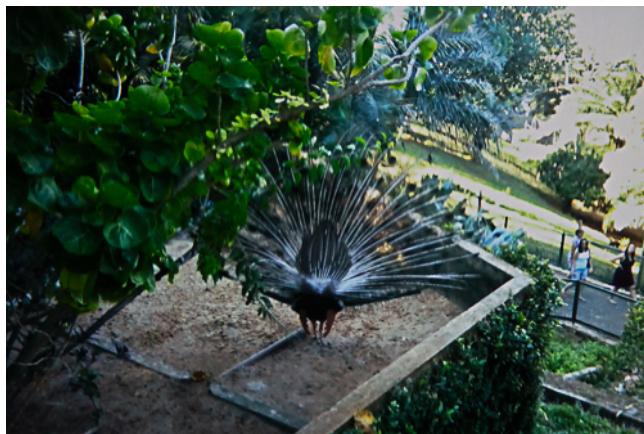




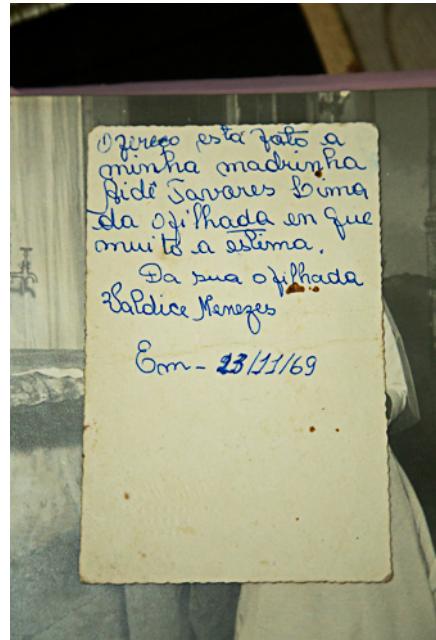


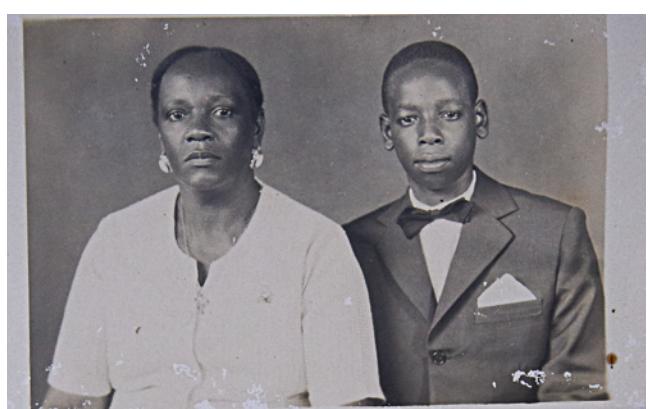


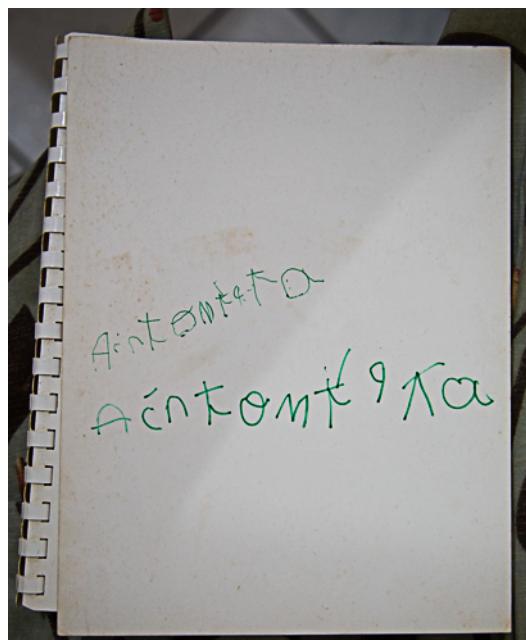
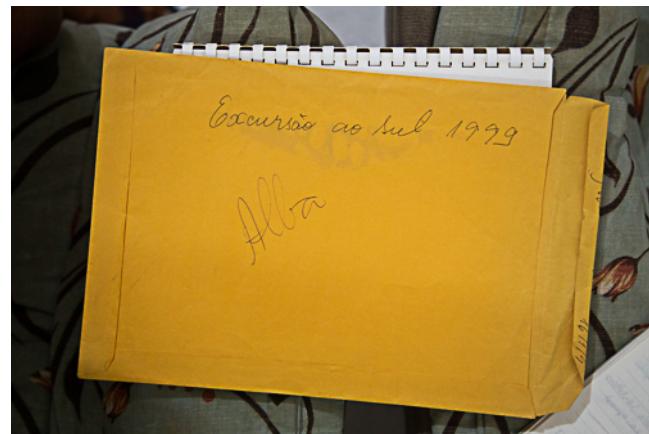


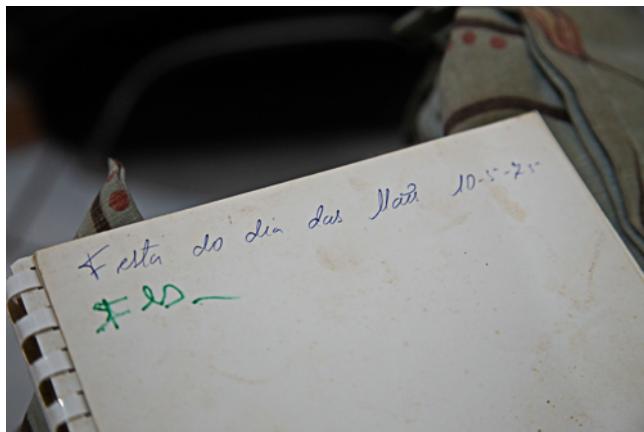
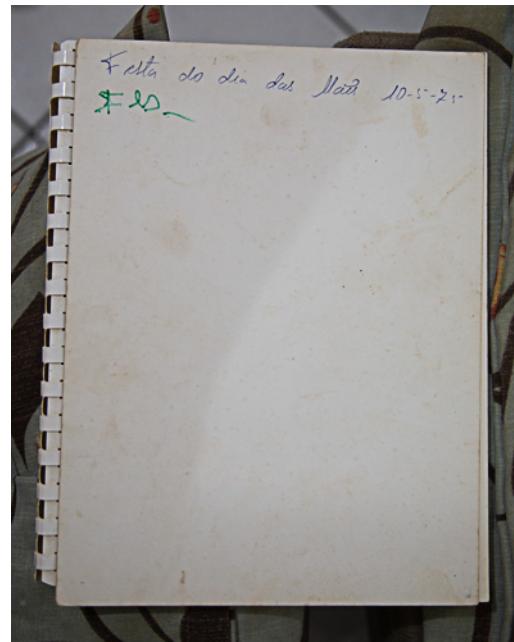




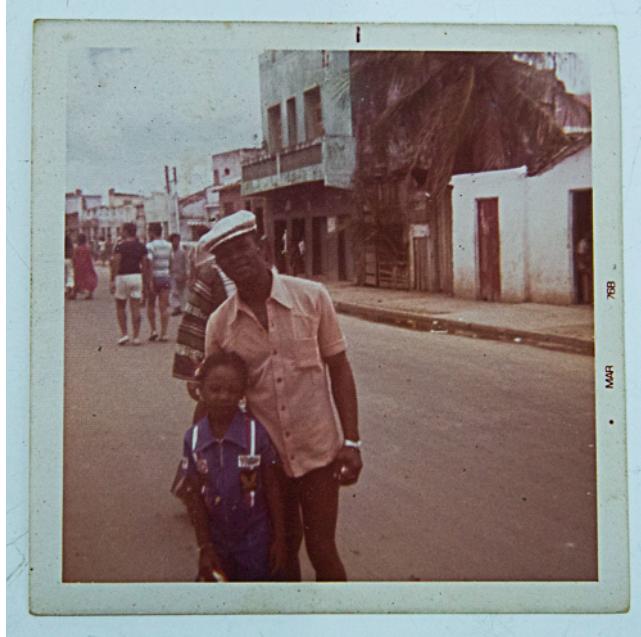






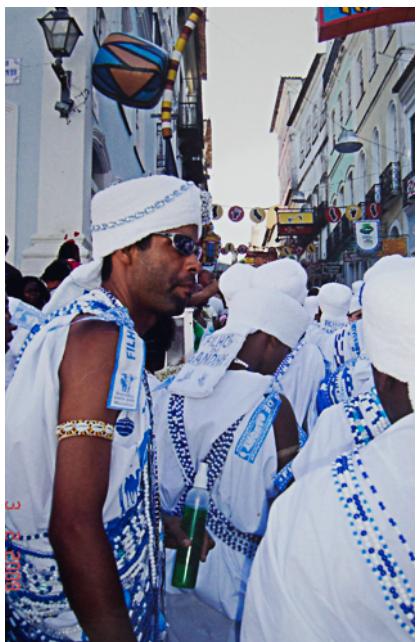


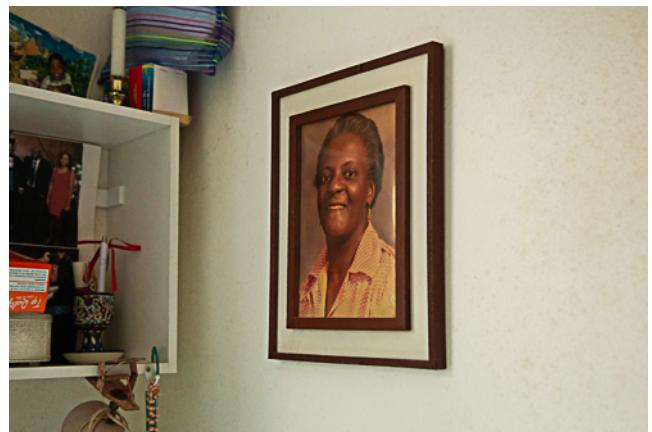




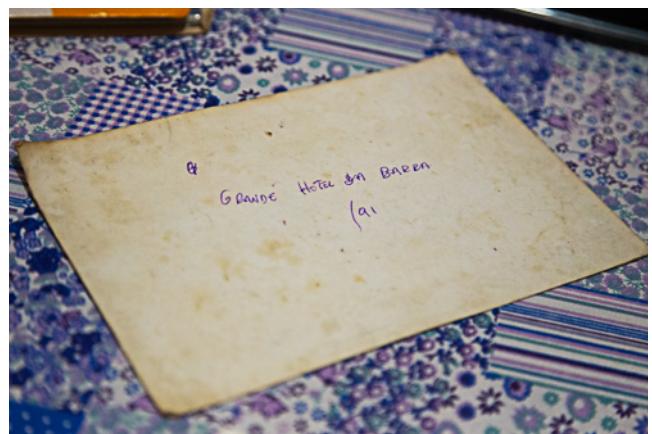
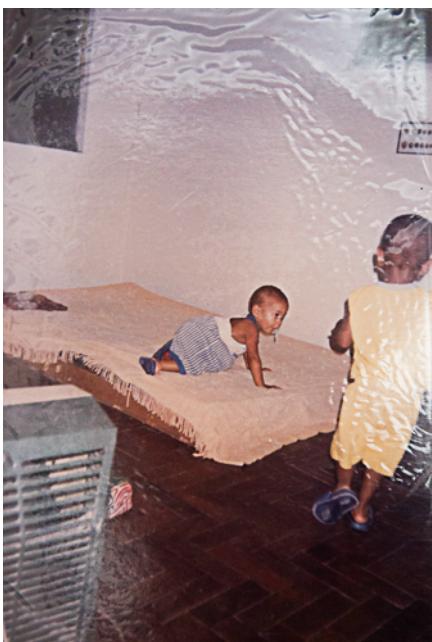




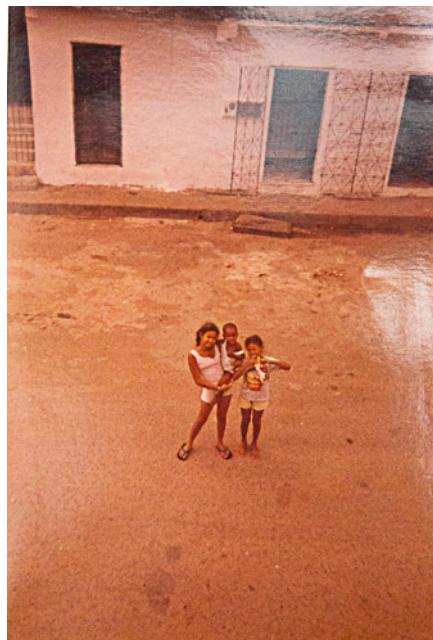
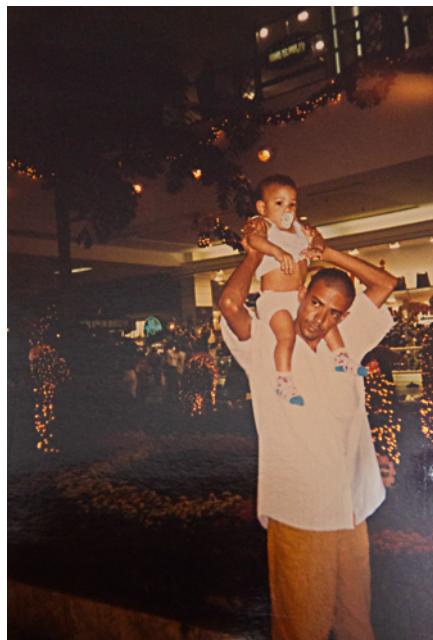
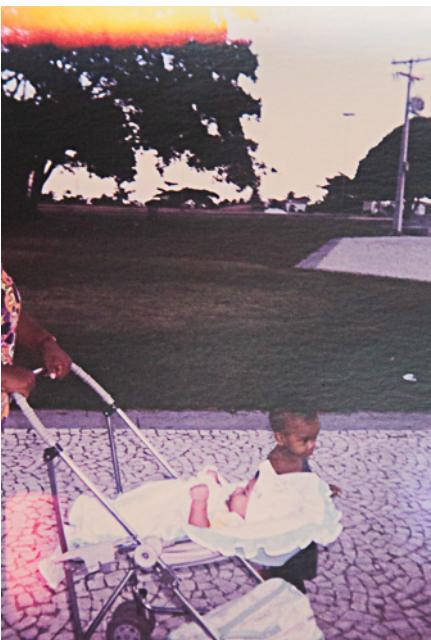
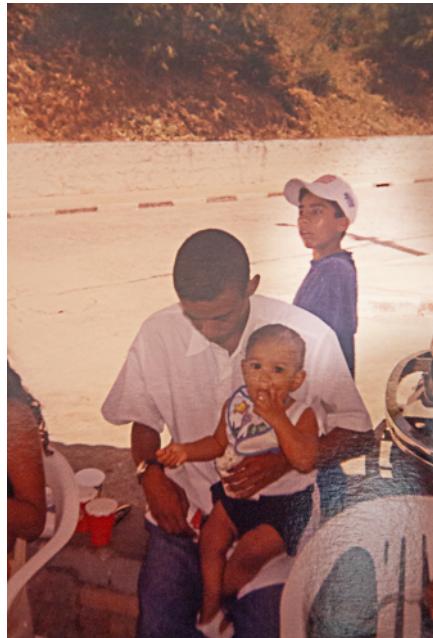
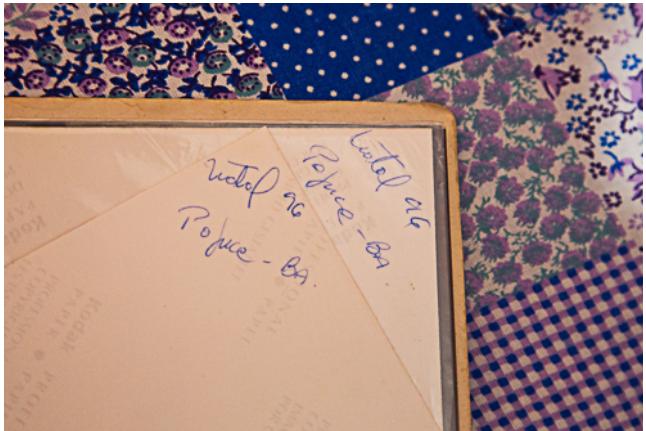


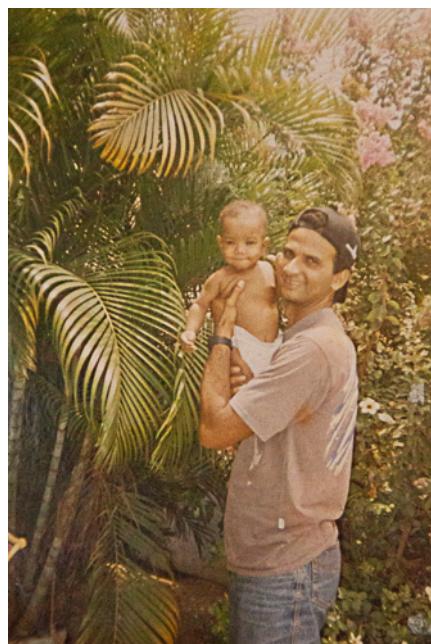
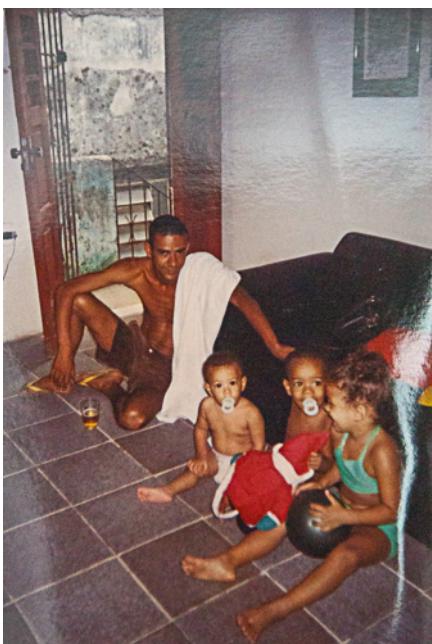
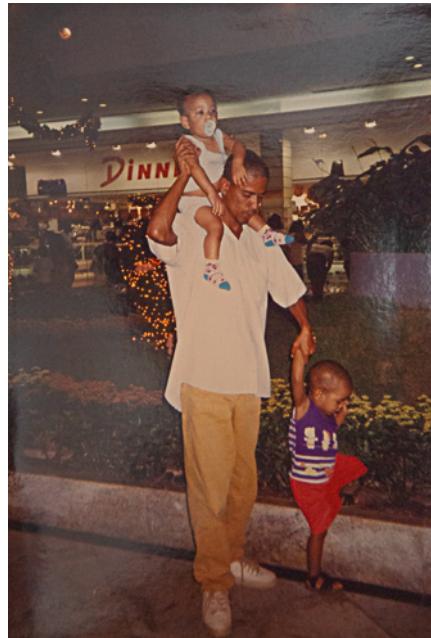
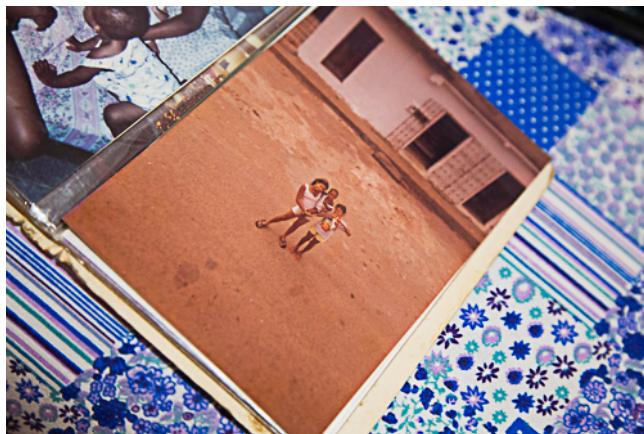


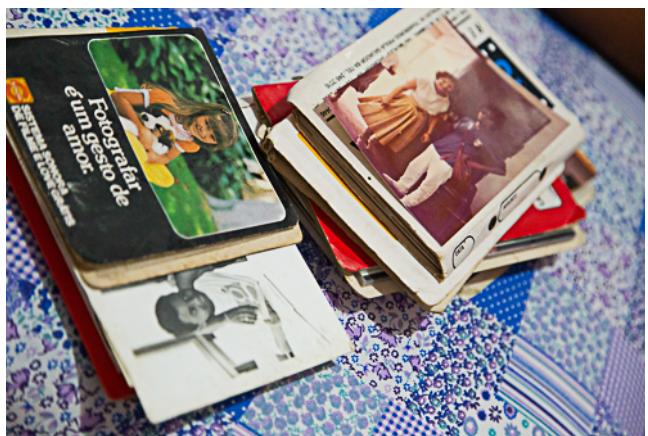
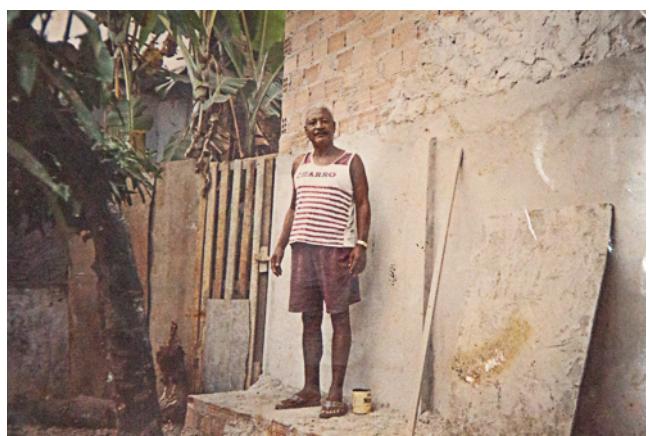
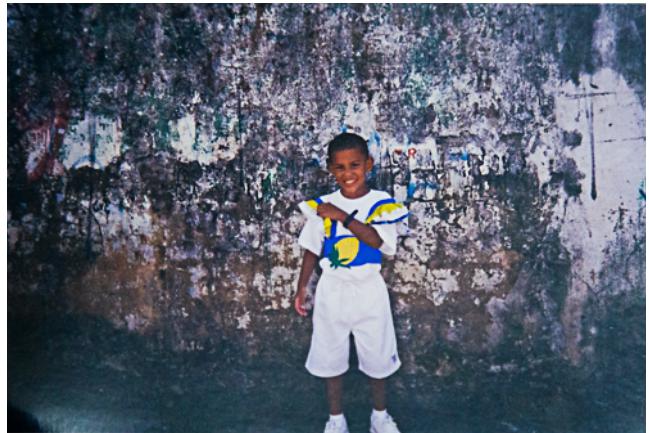
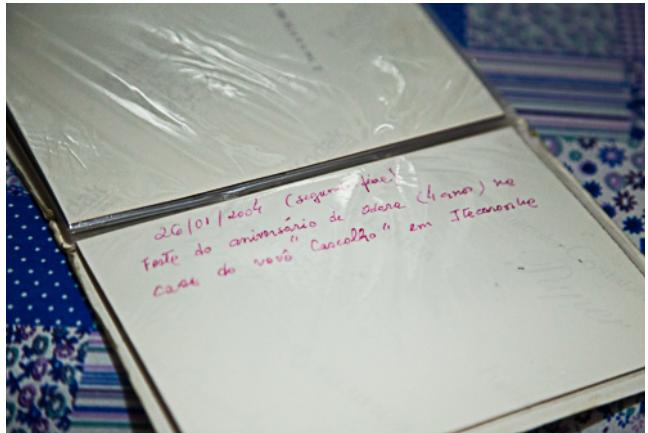


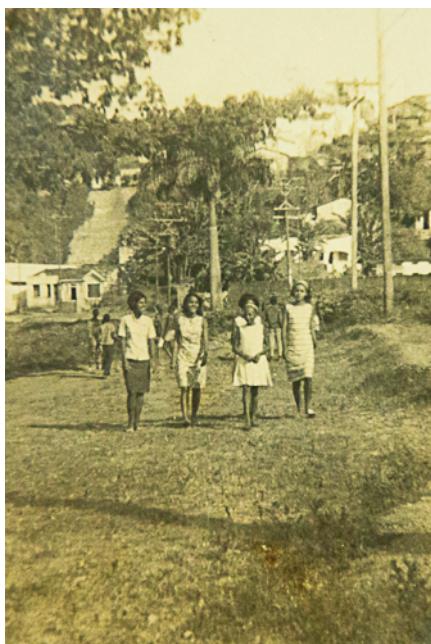


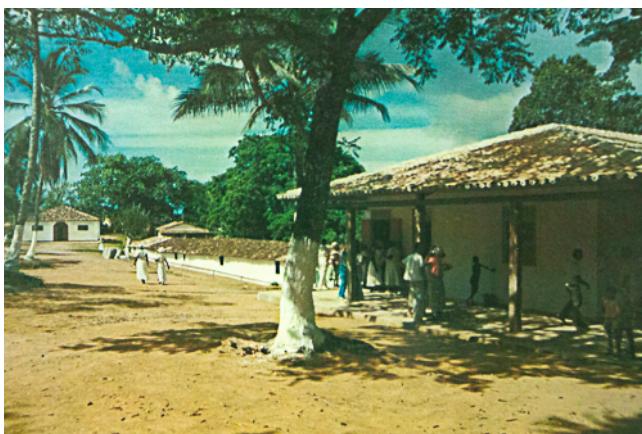
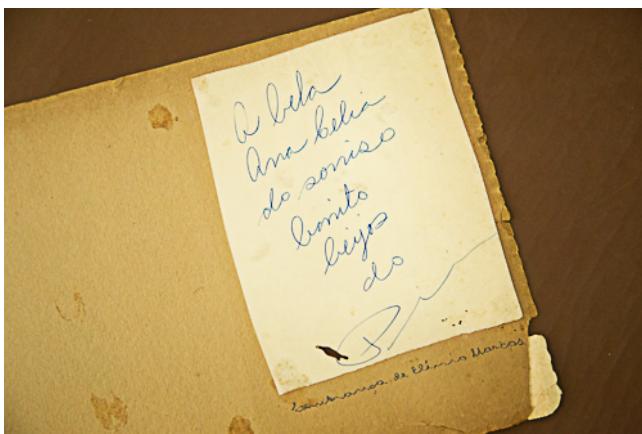






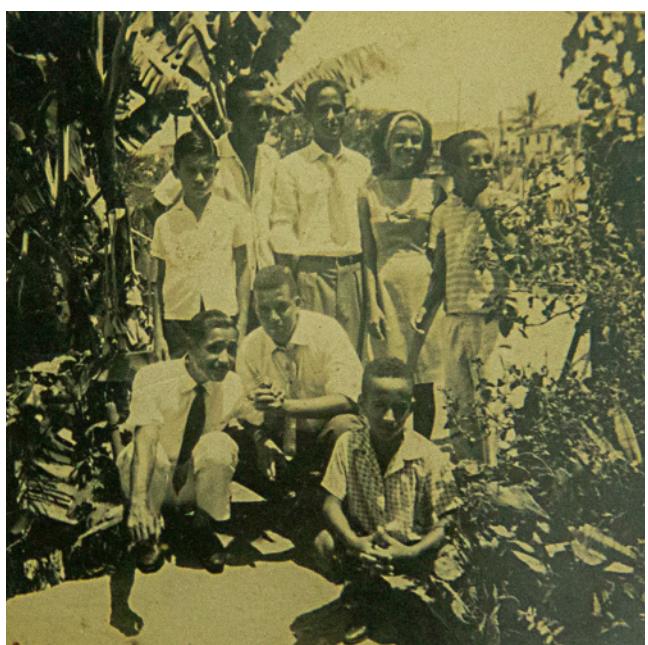


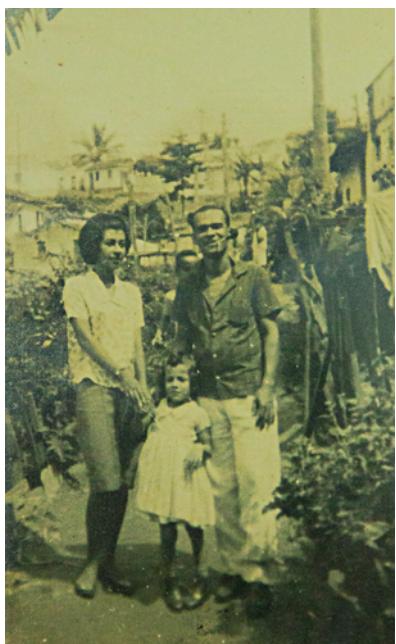
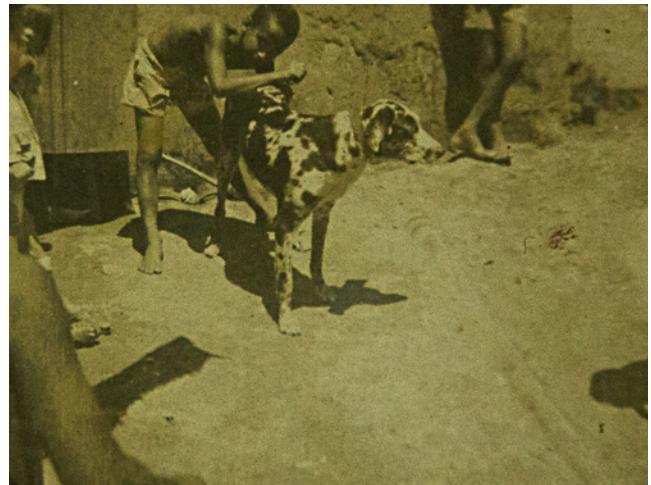




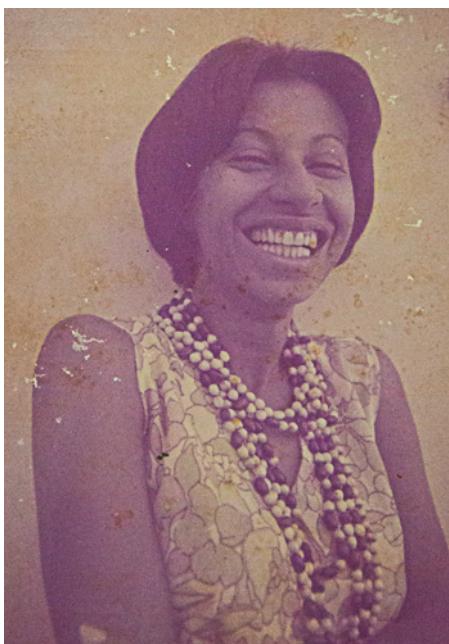












ENCONTRO NACIONAL DOS PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO
SALVADOR — BAHIA • 24 A 30 DE JANEIRO DE 1971

